

Anne Rice



A Fazenda Blackwood

CRÔNICAS VAMPIRESCAS

Roma

Bem-vindos à Fazenda Blackwood. Imensas colunas brancas, salas de estar espaçosas, jardins banhados pelo sol e uma faixa escura do fechado pântano de Sugar Devil. Este é o mundo de Quinn Blackwood, um jovem assombrado desde o nascimento por um misterioso duplo, seu alter ego, um espírito conhecido como Goblin, entidade de um mundo onírico do qual Quinn não consegue escapar, e que o impede de integrar-se ao que quer que seja. Ao tornar-se vampiro, Quinn perde tudo que era seu por direito e ganha uma imortalidade indesejada e seu duplo se torna mais vampiresco e aterrador do que o próprio Quinn.

Enquanto a história avança e recua no tempo, desde a infância de Quinn na Fazenda Blackwood até os dias de hoje em Nova Orleans, da antiga Pompéia a Nápoles do século XIX, Quinn sai em busca do lendário vampiro Lestat, na esperança de livrar-se do espectro que o atrai inexoravelmente de volta ao pântano de Sugar Devil e ao explosivo segredo que oculta.

Tal como *A hora das bruxas*, *A Fazenda Blackwood* é a saga de uma família, seus dramas e segredos, seus sonhos de juventude e promessas. Uma história da perda e da procura do amor, dos mistérios e do destino, em que Anne Rice supera-se em descrições de cenários macabros, casarões sinistros e a lascívia que motiva seus sugadores de sangue e impulsiona suas narrativas fantasmagóricas. E Anne Rice na plenitude de seu estilo.

Anne Rice

A Fazenda Blackwood

CRÔNICAS VAMPIRESCAS

Tradução de ALYDA CHRISTINA SAUER



www.tocadacoruja.net

Título original
BLACKWOOD FARM

Copyright © 2002 by Anne O'Brien Rice

Todos os direitos reservados, incluindo os de
reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 – 4º andar

20011-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2507-2000 – Fax: (21) 2507-2244

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais

MAIRA PARULA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Rice, Anne, 1941-
R881f A fazenda Blackwood / Anne Rice; tradução de Alyda
Christina Sauer. – Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Tradução de: Blackwood farm

ISBN 85-325-1748-X

1. Vampiros – Ficção. 2. Ficção americana.

I. Sauer, Alyda Christina. II. Título.

04-1200

CDD – 813

CDU – 821.111(73)-3

Dedicado ao meu filho,
Christopher Rice

*Meus dias se esgotam, meus
pensamentos se desvanecem,
atormentando meu coração.
Fazendo da noite dia, a luz da manhã
é para mim como trevas.
Deverei esperar? A região dos mortos é a minha
morada, preparo meu leito no
local tenebroso.
Disse ao sepulcro: “És meu pai”; e aos
vermes: “Vós sois minha mãe e minha irmã.”
Onde está, pois, minha esperança,
e quem entrevê minha fidelidade?
Descerão elas comigo à região dos mortos,
e nos afundaremos juntos na terra?*

Jó 17:11-16

1

Lestat,

Se encontrar esta carta na sua casa da Rue Royale, e sinceramente acho que vai encontrá-la, saberá no mesmo instante que desobedeci às suas regras.

Eu sei que Nova Orleans está fora dos limites dos Caçadores de Sangue, e que qualquer um que seja encontrado lá será destruído por você. E ao contrário de muitos desgarrados invasores que você já despachou, eu entendo os seus motivos. Você não quer que os membros da Talamasca nos vejam. Você não deseja uma guerra com a venerável Ordem dos Detetives Paranormais, por eles e por nós também.

Mas, por favor, eu imploro, antes de vir atrás de mim, leia o que eu tenho a dizer.

Meu nome é Quinn. Tenho vinte e dois anos e sou um Caçador de Sangue, como chamou meu Criador, há pouco menos de um ano. Agora sou órfão, e é a você que recorro em busca de ajuda.

Mas antes de contar a minha história, por favor saiba que conheço a Talamasca, que a conhecia antes mesmo de receber o Sangue das Trevas, que conheço a bondade inerente deles e sua lendária neutralidade em relação ao sobrenatural, e que tomei todas as precauções possíveis para enganá-los ao entregar esta carta na sua casa.

Sei muito bem que você mantém uma vigilância telepática sobre Nova Orleans. E não tenho dúvida de que encontrará a carta.

Se vier me impor sua justiça sumária pela minha desobediência, por

favor atenda ao meu pedido e faça o possível para destruir um espírito que tem me acompanhado desde a mais tenra infância. Essa criatura, uma duplicata de mim, que cresceu comigo desde que posso recordar, agora representa não apenas uma ameaça para mim, mas para os humanos também.

Vou explicar.

Quando era pequeno chamei esse espírito de Goblin, e isso foi bem antes de qualquer pessoa ter me contado cantigas ou contos de fadas onde esse nome podia aparecer. Eu não sei se o nome veio do próprio espírito. No entanto, à simples menção desse nome eu sempre conseguia fazer com que ele viesse ao meu encontro. Muitas vezes ele vinha por conta própria e não ia embora quando eu mandava. Outras vezes era o único amigo que eu tinha. Com o passar dos anos ele foi se tornando meu parceiro constante, amadurecendo à medida que eu amadurecia e cada vez mais habilidoso em transmitir para mim os seus desejos. Pode-se dizer que eu dei força e forma a Goblin, e sem querer criei o monstro que ele é agora.

A verdade é que não consigo imaginar a existência sem Goblin. Mas preciso fazê-lo. Preciso dar um fim a Goblin antes que ele se transforme em algo completamente fora do meu controle.

Por que eu chamo de monstro essa criatura que um dia foi meu único companheiro de brincadeiras? A resposta é simples. Depois que fizeram de mim um Caçador de Sangue — e compreenda, não tive escolha nenhuma nesse assunto —, Goblin passou a adquirir o seu próprio gosto por sangue. Cada vez que eu me alimento, ele me abraça e o sangue passa de mim para ele através de milhares de ferimentos infinitesimais, reforçando a sua imagem e dando à sua presença uma suave fragrância que Goblin nunca teve antes. A cada mês que passa, Goblin vai ficando mais forte e seus ataques

contra mim mais prolongados.

Não sou mais capaz de afastá-lo.

Não creio que você vá se surpreender se eu disser que esses ataques são vagamente prazerosos, não tão prazerosos para mim como quando me alimento de uma vítima humana, mas eles provocam um vago tremor orgástico que não posso negar.

Mas o que me preocupa agora não é a minha vulnerabilidade ao Goblin. É em que ele pode se tornar.

Ora, eu li as suas Crônicas Vampirescas diversas vezes. Elas foram um legado do meu Criador, um antigo Caçador de Sangue que me deu, segundo sua própria versão dos fatos, uma quantidade enorme de poderes também.

Nas suas histórias você fala da origem dos vampiros, menciona um antigo Ancião Bebedor de Sangue egípcio que contou a história para o sábio Marius, que séculos atrás passou-a para você.

Não sei se você ou Marius inventaram alguma parte do que está escrito nos seus livros. Você e seus camaradas, a Congregação dos Articulados, como agora são chamados, podem muito bem ter uma queda para a mentira.

Mas acho que não. Sou a prova viva de que os Bebedores de Sangue existem, sejam eles chamados de Bebedores de Sangue, vampiros, Filhos da Noite ou Filhos dos Milênios, e o modo como fui feito corrobora o que vocês descrevem.

De fato, apesar de o meu Criador nos chamar de Caçadores de Sangue em vez de vampiros, ele usava palavras que aparecem nas suas histórias. O Dom da Nuvem que ele me deu para eu poder viajar sem esforço pelo ar.

E também o Dom da Mente para procurar telepaticamente pelos pecados de minhas vítimas. E ainda o Dom do Fogo, para acender o fogo aqui neste aquecedor de ferro que me mantém aquecido.

Por isso acredito nas suas histórias. Acredito em você.

Acredito quando você diz que Akasha, o primeiro de todos os vampiros, foi criada quando um espírito maligno invadiu todas as fibras do seu ser, um espírito que tinha, antes de atacá-la, adquirido gosto pelo sangue humano.

Acredito em você quando diz que esse espírito, chamado Amel pelas duas bruxas que podiam vê-lo e ouvi-lo, Maharet e Mekare, existe agora em todos nós, seu corpo misterioso, se podemos chamá-lo assim, desenvolvido como uma erva trepadeira para florescer em todos os Caçadores de Sangue criados por outro, até o tempo presente.

Também sei pelas suas histórias que quando as bruxas Mekare e Maharet viraram Caçadoras de Sangue, elas perderam a capacidade de ver e de falar com espíritos. E de fato o meu Criador me disse que eu perderia a minha.

Mas posso garantir que não perdi meu poder de ver espíritos. Continuo sendo um ímã para eles. E talvez seja essa minha capacidade, essa receptividade, e minha recusa inicial de rejeitar Goblin, o que deram a ele a força para estar me perseguindo agora, querendo meu sangue vampírico.

Lestat, se essa criatura crescer e ficar ainda mais forte, e parece que não há nada que eu possa fazer para impedi-lo, é possível que ela consiga entrar num ser humano, como Amel fez nos tempos antigos? Será possível que mais uma espécie da raiz vampírica se crie então, e dessa raiz ainda outro ramo?

Não consigo imaginar que você fique indiferente a essa questão, ou à possibilidade de Goblin se transformar em matador de humanos, apesar de, neste momento, ele ainda estar longe disso.

Acho que você vai entender quando eu disser que temo por aqueles a quem amo e quero bem, minha família mortal, assim como por qualquer estranho que o Goblin possa vir a atacar.

É difícil escrever estas palavras. Amei Goblin toda a minha vida e desprezei qualquer um que o diminuísse afirmando que era meu “amigo imaginário”, ou uma “tola obsessão”. Mas ele e eu, há tanto tempo misteriosos companheiros de quarto, agora somos inimigos, e temo seus ataques porque sinto que sua força só faz crescer.

Goblin se afasta completamente de mim quando não estou caçando, e só reaparece quando o sangue fresco corre em minhas veias. Não temos mais relações espirituais agora, Goblin e eu. Ele parece incendiado de inveja por eu ter me tornado um Caçador de Sangue. É como se sua mente infantil tivesse apagado tudo que um dia aprendeu.

Tudo isso é uma agonia para mim.

Mas repito: não é por mim que escrevo para você. É pelo medo do que Goblin possa vir a se tornar.

É claro que quero vê-lo. Quero conversar com você. Quero ser recebido, se tal for possível, na Congregação dos Articulados. Quero que você, o grande transgressor, me perdoe por haver transgredido as suas regras.

Quero que você, seqüestrado e feito vampiro contra a própria vontade, me veja com bons olhos, pois o mesmo aconteceu comigo.

Quero que me perdoe por haver invadido sua antiga morada na Rue Royale, onde espero esconder esta carta. Quero que saiba também que não

cacei em Nova Orleans e que nunca o farei.

Por falar em caça, eu também aprendi a caçar o Malfeitor, o Agente do Mal, e embora meu currículo não seja perfeito, estou aprendendo a cada banquete. Também aperfeiçoei-me na Bebida Breve, como você elegantemente chama, e costumo freqüentar festas barulhentas onde os mortais nunca dão conta de minha presença enquanto me alimento de um após o outro com movimentos rápidos e hábeis.

Mas em geral a minha existência é solitária e amarga. Se não fosse por minha família mortal, seria insuportável. Quanto ao meu Criador, eu o evito e ao seu grupo, e com razão.

Esta é uma história que quero contar para você. Na verdade há muitas histórias que quero lhe contar. Espero que minhas histórias o impeçam de me destruir. Quem sabe fizéssemos um jogo. Nós nos encontramos e eu começo a falar, mas, num repente, você me mata quando o rumo da conversa não for do seu agrado.

Agora, falando sério, a minha preocupação é Goblin.

Deixe-me acrescentar antes de terminar que nesse último ano como Caçador de Sangue novato, tendo lido as suas Crônicas e procurado aprender com elas, muitas vezes me vi tentado a visitar a Casa-Matriz em Oak Haven, na periferia de Nova Orleans. Muitas vezes fiquei tentado a pedir conselho e ajuda à Talamasca.

Quando eu era menino — e sou pouco mais que isso agora — havia um membro da Talamasca que podia ver Goblin com a mesma clareza que eu, um inglês educado e imparcial chamado Stirling Oliver, que me explicou os meus poderes e disse que eles podiam ficar fortes demais, fora do meu controle. E eu passei a amar Stirling em pouquíssimo tempo.

Também me apaixonei profundamente por uma jovem que estava com Stirling quando o conheci, uma menina ruiva e linda com um poder paranormal considerável, que também era capaz de ver Goblin, para quem a Talamasca abria seu generoso coração.

Essa menina agora está fora do meu alcance. O nome dela é Mayfair, um nome que certamente você conhece, embora essa jovem talvez ainda não tenha idéia da existência de sua amiga Merrick Mayfair até hoje.

Contudo, ela é da mesma família de médiuns poderosos — parece que eles têm muito prazer em se chamar de bruxos — e eu jurei jamais vê-la de novo. Com seus poderes consideráveis ela descobriria logo que algo catastrófico aconteceu comigo. E não posso deixar a minha malignidade conspurcá-la de jeito nenhum.

Quando li as suas Crônicas fiquei meio atônito ao descobrir que a Talamasca virou-se contra os Caçadores de Sangue. Meu Criador tinha me alertado, mas não acreditei até ler nos seus livros.

Ainda me é difícil imaginar aquelas pessoas gentis rompendo com mil anos de neutralidade numa admoestação contra todos de nossa espécie. Eles pareciam tão orgulhosos de seu histórico benevolente, tão dependentes psicologicamente de uma definição secular e bondosa acerca de si mesmos.

É óbvio que agora não posso mais procurar a Talamasca. Eles podem se tornar meus inimigos figadais se eu assim fizer. Eles *são* meus inimigos figadais! E graças ao contato que mantive com eles no passado, eles sabem exatamente onde moro. Mas o mais importante é que não posso pedir a ajuda deles porque você não quer.

Você e os outros membros da Congregação dos Articulados não querem que qualquer um de nós caia nas mãos de uma ordem de estudiosos

loucos para nos examinar mais de perto.

Quanto ao meu ruivo amor, Mayfair, permita-me repetir que nem sonharia em me aproximar dela, apesar de às vezes imaginar se os seus extraordinários poderes não poderiam me ajudar de alguma forma a dar um fim definitivo a Goblin. Mas isso não poderia ser feito sem que eu a amedrontasse e a deixasse confusa, e não vou interromper seu destino humano como o meu foi interrompido. Eu me sinto ainda mais afastado dela do que me sentia no passado.

Assim sendo, exceto por minhas ligações mortais, eu estou sozinho.

Não espero sua piedade por isso. Mas talvez a sua compreensão impeça que você me aniquile imediatamente, e a Goblin, sem nem ao menos avisar.

Que você seja capaz de encontrar a nós dois, disto tenho certeza. Se apenas metade das Crônicas for verdade, é óbvio que o seu Dom da Mente não tem limites. Mesmo assim, vou dizer onde estou.

Meu verdadeiro lar é a Ermida de madeira na ilha de Sugar Devil, nas profundezas do pântano de Sugar Devil. a nordeste da Louisiana, próximo da fronteira do Mississipi. O pântano de Sugar Devil é banhado pelo rio West Ruby, afluente do Ruby, de Rubyville.

Vários hectares desse profundo pântano de ciprestes pertencem à minha família há gerações, e nenhum mortal jamais encontrou acidentalmente o caminho para a ilha de Sugar Devil, tenho certeza disso, apesar de o meu tataravô Manfred Blackwood ter construído a cabana na qual estou escrevendo agora.

Nosso lar ancestral é a Mansão Blackwood, uma construção augusta apesar de um pouco exagerada no suntuoso estilo do renascimento grego,

cheia de colunas coríntias enormes e estonteantes, formando uma imensa estrutura na parte alta das terras.

Mesmo com toda essa beleza grandiosa, falta-lhe a graça e a dignidade dos lares de Nova Orleans, é um verdadeiro monumento à pretensão de Manfred Blackwood, sua ganância e seus sonhos. Construída na década de 1880, sem uma plantação para justificar seu nome, não tinha outro objetivo concreto além do de proporcionar prazer aos que nela habitavam. Toda a propriedade — pântano, terras e casa gigantesca — é conhecida como a Fazenda Blackwood.

Que a casa e as terras em torno dela sejam mal-assombradas não apenas é lenda, mas fato. Goblin é, sem dúvida, o espírito mais poderoso de todos, no entanto aqui há fantasmas também.

Se eles querem de mim o Sangue das Trevas? A maioria deles parece fraca demais para tal possibilidade, mas quem disse que fantasmas não observam e aprendem? Deus sabe que tenho alguma capacidade amaldiçoada de atrair a atenção deles e de dar-lhes alguma vitalidade crucial. Sempre foi assim a minha vida inteira.

Estou esgotando a sua paciência? Espero em Deus que não o tenha feito.

Mas esta carta pode ser minha única chance com você, Lestat. E por isso contei as coisas que mais me importam.

E quando eu chegar à sua casa na Rue Royale, usarei de toda a minha engenhosidade para esconder esta carta num lugar em que ninguém a encontre, só você.

Acreditando nesse dom, assino o meu nome,

Tarquin Blackwood,
sempre conhecido como
Quinn

P.S.

Lembre-se de que tenho apenas vinte e dois anos e sou um pouco desajeitado. Mas não posso resistir a esse pequeno pedido. Se você realmente tiver a intenção de vir atrás de mim para me erradicar, será que pode me avisar com antecedência de uma hora para que eu me despeça de alguma forma do parente mortal que eu mais amo no mundo?

Na Crônica Vampiresca chamada *Merrick*, está descrito que você usa uma casaca com botões de camafeu. Isso é verdade ou trata-se de um arremate fantasioso de alguém?

Se você usava botões de camafeu — na verdade se os escolhia com todo o cuidado e apreciava cada um deles —, então, em nome desses camafeus, deixe-me, antes de ser destruído, dizer adeus a uma senhora de incrível charme e bondade, uma senhora que adora espalhar todas as noites suas centenas de camafeus na mesa de mármore e examiná-los um por um sob a luz. Ela é minha tia-avó e minha mestra em todas as coisas, uma mulher que procurou me educar com tudo de que eu preciso para viver uma vida importante.

No momento não mereço o amor dela. Agora eu não estou vivo. Mas ela não sabe disso. As visitas noturnas que lhe faço são cuidadosas mas mesmo assim vitais para ela. E se eu fosse afastado dela sem aviso e sem qualquer explicação, seria uma crueldade que ela não merece.

Sim, há muito mais que eu poderia contar-lhe sobre os camafeus dela.

Sobre o papel que desempenharam no meu destino.

Mas, por ora, deixe-me apenas implorar. Deixe-me viver e ajude-me a destruir Goblin. Ou dê um fim a nós dois.

Sinceramente, Quinn

FIQUEI UM LONGO TEMPO imóvel depois que terminei de escrever a carta.

Ouvindo os sons inevitáveis do pântano de Sugar Devil, com os olhos pregados nas folhas diante de mim, observando contra a vontade a regularidade da minha caligrafia, as luminárias fracas em volta de mim refletidas no piso de mármore, as janelas de vidro abertas para a brisa noturna.

Estava tudo bem no meu pequeno *palazzo* no pantanal.

Nenhum sinal de Goblin. Nenhuma sensação da sede ou da inimizade de Goblin. Nada além do que era natural, e distante, familiar aos meus ouvidos de vampiro, as leves vibrações da Mansão Blackwood, onde a tia Queen acabava de despertar, com a ajuda carinhosa de Jasmine, nossa governanta, para uma noite memorável. Logo a televisão estaria ligada com um velho e encantador filme preto-e-branco. *O solar de Dragonwyck* ou *Laura, Rebecca* ou *Morro dos ventos uivantes*. Dali a uma hora talvez tia Queen dissesse a Jasmine, “Onde está meu menininho?”

Mas por enquanto havia tempo para coragem. Tempo para continuar.

Peguei o camafeu do meu bolso e olhei para ele. Um ano atrás, quando eu ainda era mortal — ainda vivo — eu teria de segurá-lo contra a luz, mas agora não. Podia vê-lo claramente.

Era minha própria cabeça, em meio-perfil, esculpida habilidosamente numa peça muito fina de sardônia de duas camadas. A imagem era inteiramente branca e incrivelmente detalhada sobre o fundo preto e reluzente.

Era um camafeu pesado, uma obra de artífice. Eu o encomendara pa-

ra dar à minha amada tia Queen, mais como uma brincadeira do que qualquer outra coisa, porém o Sangue das Trevas tinha vindo antes do momento perfeito. E agora aquele momento ficara perdido para sempre no passado.

O que ele dizia de mim? Um rosto comprido e oval, com feições delicadas demais — o nariz fino demais, olhos redondos com sobrancelhas arredondadas e uma boca que era o perfeito arco de cupido e me fazia parecer uma menina de doze anos. Não tinha olhos enormes, nem maçãs de rosto pronunciadas, ou queixo bem talhado. Apenas olhos bonitos, bonitinhos demais, por isso eu franzia o cenho para a maioria das fotos tiradas para fazer o retrato. Mas o artista não esculpiu o cenho franzido naquele rosto.

Na verdade ele me deu um esboço de sorriso. Meu cabelo curto encaracolado ele fez em cachos espessos como se fosse o halo de um Apoio. Ele esculpiu a gola da camisa, a lapela do paletó e a gravata com a mesma graciosidade.

É claro que o camafeu não dizia nada da minha altura de um metro e noventa, que meu cabelo era negro, meus olhos azuis, nem que era magro. Tinha o tipo de dedos longos e finos que eram muito bons para o piano, que eu tocava de vez em quando. E era a minha altura que dizia para as pessoas que apesar do meu rosto delicado demais e das mãos femininas, eu era realmente um rapaz.

E então lá estava aquela criatura enigmática de boa aparência. Uma criatura pedindo simpatia. Uma criatura dizendo grosseiramente:

— Bem, pense um pouco, Lestat. Sou jovem, sou burro. E sou bonito. Olhe para o camafeu. Sou belo. Dê-me uma chance.

Eu teria gravado essas palavras na parte de trás do camafeu com letras minúsculas, mas a parte de trás era uma caixinha de foto oval, e havia ali

a minha imagem de novo em cor opaca, verificando a autenticidade do retrato do outro lado.

Havia uma palavra gravada na moldura de ouro, logo embaixo do camafeu: o nome Quinn, numa boa imitação daquela caligrafia treinada que eu sempre detestei tanto, o canhoto tentando ser normal, eu imagino, o vidente de fantasmas dizendo: “Sou disciplinado e não demente.”

Juntei as folhas da carta, reli-as rapidamente, furioso de novo com a minha caligrafia sem imaginação, depois dobrei as folhas e pus o camafeu com elas dentro de um envelope marrom estreito, que depois fechei.

Pus o envelope no bolso interno do meu paletó preto. Fechei o primeiro botão da minha camisa branca e arrumei minha simples gravata de seda vermelha. Quinn, o que se vestia num piscar de olhos. Quinn, que merecia ser um personagem das Crônicas Vampirescas. Quinn, vestido para implorar para ser aceito.

Sentei novamente e fiquei escutando. Nada de Goblin. Onde ele estava? Senti por ele uma saudade solitária. Senti o vazio do ar da noite. Ele estava esperando que eu fosse caçar, esperava pelo sangue fresco. Mas eu não tinha intenção nenhuma de caçar naquela noite, apesar de bastante faminto. Eu estava indo para Nova Orleans. Eu estava indo, talvez, para a minha morte.

Goblin não podia adivinhar o que estava acontecendo. Goblin nunca deixou de ser uma criança. Goblin se parecia comigo, sim, em todas as fases de minha vida, mas era a eterna criança. Sempre que ele segurava a minha mão esquerda com a sua direita, a sua grafia era o rabisco de uma criança.

Eu me inclinei e toquei no controle remoto em cima da mesa de mármore. Os tocheiras ficaram mais fracos e se apagaram. A escuridão to-

mou conta da Ermida. Os sons parece que ficaram mais altos, o grito da garça noturna, o movimento sutil das águas escuras e férteis, a corrida de criaturas minúsculas através das copas dos emaranhados ciprestes e liqui-dâmbares. Eu sentia o cheiro dos jacarés, que temiam a ilha, tanto quanto os homens. Eu podia sentir até o cheiro fétido do calor.

A lua estava generosa e aos poucos fui avistando um pedacinho do céu, que era de um azul metálico brilhante.

O pântano ficava mais fechado ali em volta da ilha. Os ciprestes, de mil anos, suas raízes retorcidas cercando as praias, os galhos desalinhados pesados com barba-de-velho pendurada. Era como se quisessem esconder a Ermida, e talvez quisessem mesmo.

Agora apenas os relâmpagos atacavam de vez em quando essas sentinelas. Só os relâmpagos eram destemidos e não se importavam com as lendas que diziam que algum demônio vivia na ilha de Sugar Devil: vá lá e pode ser que nunca mais volte.

Contaram-me essas lendas quando eu tinha quinze anos. E aos vinte e um ouvi tudo de novo, mas a vaidade e a fascinação me atraíram para o puro mistério da Ermida — a resistente casa de dois andares e o inexplicável mausoléu ao lado — e assim não houve mais um depois concreto. Havia apenas a imortalidade, o poder transbordante que me isolava da atualidade e do tempo.

Um homem numa barcaça levaria uma hora inteira para navegar para fora daqui, desviando de raízes de árvores, de volta para o desembarcadouro ao pé do morro onde ficava a Mansão Blackwood com sua imponência e seu distanciamento.

Na realidade eu não gostava muito da Ermida, só que precisava dela.

Eu não gostava do lúgubre mausoléu de ouro e granito com seus estranhos entalhes romanos, apesar de ter de me esconder do sol dentro dele durante o dia.

Mas eu adorava a Mansão Blackwood, com todo aquele amor irracional e possessivo que só as casas grandiosas sabem provocar em nós, casas que dizem “Eu estava aqui antes de você nascer e estarei aqui depois que você morrer”. Casas que parecem tanto uma responsabilidade quanto um porto de sonhos.

A história da Mansão Blackwood me atraía tanto quanto sua beleza presunçosa. Passei toda a minha vida na Fazenda Blackwood e na Mansão, exceto durante as maravilhosas aventuras no exterior.

Eu não entendia como tantos tios e tias conseguiram deixar a Mansão Blackwood nesses anos todos, mas eles não eram importantes para mim afinal, aqueles estranhos que iam para o norte e que só voltavam para casa de vez em quando, para os enterros. A casa me escravizava.

Eu estava em dúvida. Será que devia voltar lá, só para caminhar pelos quartos de novo? Será que devia voltar para procurar o grande quarto de fundos no primeiro andar onde a minha querida tia Queen se instalava na sua cadeira favorita? Eu tinha outro camafeu no bolso do meu paletó, um comprado especificamente para ela poucas noites antes, em Nova York, que eu devia dar para ela, não devia? Era um espécime maravilhoso, um dos melhores...

Mas não. Eu não podia inventar uma despedida parcial, podia? Não podia insinuar que alguma coisa talvez acontecesse comigo. Não podia afundar alegremente no mistério, no qual já estava afundado até os olhos: Quinn, o visitante da noite, Quinn, que agora gosta de cômodos pouco ilu-

minados e que foge das luzes como se sofresse de alguma doença exótica. Que bem faria à minha amada e gentil tia Queen um adeus parcial?

Se eu falhasse esta noite, seria mais uma lenda: “Aquele incorrigível Quinn. Ele se enfiou no pântano de Sugar Devil, apesar de todo mundo dizer para ele não ir. Foi para aquela amaldiçoada ilha Ermida, e uma noite simplesmente não voltou mais.”

O fato era que eu não acreditava que Lestat fosse me destruir. Não acreditava que ele o faria sem deixar que eu contasse a minha história, toda, ou pelo menos parte dela. Talvez eu fosse jovem demais para acreditar nisso. Talvez por ter lido as Crônicas com tanta avidez, eu sentisse que Lestat fosse tão chegado a mim quanto eu era a ele.

O mais provável é que isso fosse loucura minha. Mas eu estava decidido e determinado a chegar o mais perto de Lestat que pudesse. De onde, e como, ele vigiava Nova Orleans, eu não sabia. Quando, e com que frequência, ele visitava sua casa no French Quarter, eu também não sabia. Mas esta carta e o camafeu de ônix de presente tinham de ir para aquela casa esta noite.

Finalmente me levantei da cadeira dourada de couro.

Eu saí da casa com seu esplêndido piso de mármore e apenas um pensamento ajudou-me a levitar da terra quente bem devagar. Deixei-me levar, sentindo uma deliciosa leveza, até poder avistar lá de cima a massa negra coleante e imensa do pântano, e as luzes da casa grande brilhando como se fossem um lampião na relva macia.

Dirigi-me para Nova Orleans, usando o poder dos mais estranhos, o Dom da Nuvem, para cruzar as águas do lago Pontchartrain e seguir na direção da famosa residência na Rue Royale, que todos os Caçadores de San-

gue sabiam ser a casa do invencível Lestat.

— Um demônio e tanto — tinha dito o meu Criador. — Mantém suas propriedades em seu próprio nome apesar de a Talamasca estar no seu encaixo. Ele pretende sobreviver a eles. Ele é mais misericordioso do que eu.

Misericordioso. Era com isso que eu estava contando agora. Lestat, esteja onde estiver, seja misericordioso. Eu não o estou desrespeitando. Preciso de você, como minha carta irá demonstrar.

Fui descendo lentamente, descendo, descendo, para o ar fragrante novamente, uma sombra fugidia para olhos à espreita se houvesse algum, até pousar no jardim dos fundos da casa, perto da fonte murmurante, olhando para os degraus da escada curva de ferro que levava à porta dos fundos da propriedade de Lestat.

Muito bem. Aqui estou eu. Então as regras foram quebradas. E estou nos jardins do Príncipe Rebelde em pessoa. Descrições das páginas das Crônicas me vieram à mente, complexas como as buganvílias subindo pelas colunas de ferro até a balaustrada de ferro fundido do andar superior. Era como estar num verdadeiro santuário.

À minha volta eu ouvia os ruídos apressados do French Quarter, o barulho típico das cozinhas dos restaurantes, as vozes alegres dos inevitáveis turistas nas calçadas. Ouvi o som mais agudo do jazz que escapava pelas portas da Bourbon Street. Ouvi o ronco arrastado dos carros passando preguiçosamente na frente da casa.

O pequeno jardim era contido e belo. A altura de seus muros de tijolos me pegou desprevenido. As bananeiras verdes lustrosas eram as maiores que eu já tinha visto, e seus talos ceráceos entortavam os ladrilhos roxos

aqui e ali. Mas aquela não era uma casa abandonada.

Alguém estivera lá para tirar as folhas mortas das touceiras de banana. Alguém tinha levado embora as bananas murchas que sempre estragavam em Nova Orleans, antes de amadurecer. Alguém tinha podado as roseiras abundantes de forma que o jardim estava desimpedido.

Até a água, que borbulhava na mão do querubim de pedra, e depois caía na bacia da fonte, era fresca e limpa.

Todos esses doces pequenos detalhes fizeram com que me sentisse ainda mais um invasor, mas eu era passional e tolo demais para sentir medo.

Então vi uma luz brilhando através das janelas dos fundos no andar de cima, uma luz bem fraca, como se viesse de alguma lâmpada no interior da casa.

Isso me assustou, porém mais uma vez a minha loucura que tudo dominava aumentou. Será que eu ia poder falar com Lestat em pessoa? E se assim que me visse ele comandasse seu Dom do Fogo sem hesitar? A carta, o camafeu de ônix, as minhas súplicas amargas não teriam a menor chance.

Eu devia ter dado o camafeu novo para a tia Queen. Devia tê-la abraçado e beijado. Devia ter feito um discurso para ela. Eu ia morrer em breve.

Só um perfeito idiota podia estar tão excitado como eu. Lestat, eu te amo. Eis aqui Quinn, para ser seu discípulo e escravo!

Subi rapidamente os degraus de ferro em curva, tomando cuidado para não fazer barulho. E assim que cheguei ao alpendre dos fundos, senti o cheiro distinto de um ser humano lá dentro. Um ser humano. O que isso significava? Parei e enviei o Dom da Mente na minha frente para vasculhar todos os cômodos.

A mensagem confusa me atingiu no mesmo instante. Havia um hu-

mano ali, disso eu não tinha dúvida, e ele era furtivo, esse humano, movia-se com pressa, aflito, consciente do fato de não ter o direito de estar ali onde estava. E essa pessoa, esse humano, também sabia que eu estava ali.

Por um momento fiquei sem saber o que fazer. Ao invadir a propriedade alheia, eu peguei um intruso no ato. Fui dominado por um estranho instinto protetor. Aquela pessoa tinha invadido a propriedade de Lestat. Como ousava? Que espécie de borra-botas era ele? E como é que ele sabia que eu estava lá, e que a minha mente havia lido a dele?

Na verdade esse estranho ser inoportuno possuía um Dom da Mente que era quase tão forte quanto o meu. Eu sondei o nome dele e ele se revelou para mim: Stirling Oliver, meu velho amigo, da Talamasca. E no mesmo momento, quando detectei a identidade dele, ouvi que a mente dele me reconhecia.

Quinn, ele disse mentalmente, exatamente como se estivesse falando comigo. Mas o que ele sabia de mim? Fazia anos que eu não via Stirling. Será que ele já sentia a mudança que tinham feito em mim? Será que ele podia descobrir uma coisa dessas com sua rápida telepatia? Meu Deus, eu tinha de tirar isso da minha cabeça. Era hora de sair dali, hora de voltar para a Ermi-da e deixar Stirling com sua investigação furtiva, hora de fugir antes que ele descobrisse em quê eu havia me transformado.

É, ir embora — e já — e deixar que ele pense que me tomei um mortal comum leitor das Crônicas, e voltar quando ele não estivesse por perto.

Mas eu não conseguia partir. Eu estava solitário demais. Estava obcecado demais com o confronto. Esta era a verdade. E lá estava Stirling, e lá estava talvez a porta para o coração de Lestat.

Impulsivamente fiz a coisa mais proibida de todas. Abri a porta dos

fundos da casa, que estava destrancada, e entrei. Parei apenas por um segundo, sem respirar, na elegante e escura sala de entrada dos fundos, vendo suas famosas pinturas impressionistas, e então passei pelo corredor, pelos quartos de dormir obviamente vazios e encontrei Stirling na sala da frente, uma sala de estar muito formal, cheia de móveis dourados, com suas janelas com cortinas de renda dando para a rua.

Stirling estava parado diante da alta estante à esquerda, com um livro aberto na mão. Ele apenas olhou para mim quando eu me expus à luz do candelabro no teto.

O que ele viu? Naquele momento eu não procurei descobrir. Estava ocupado demais olhando para ele e compreendendo o quanto eu ainda o amava desde a época dos meus dezoito anos, quando eu não passava de um rapaz que via espíritos. Vi que ele não tinha mudado quase nada desde aqueles dias, cabelo macio grisalho penteado para trás e descobrindo a testa alta e as entradas, olhos grandes, cinzentos e simpáticos. Parecia não ter mais de sessenta e poucos anos, como se a idade não ousasse tocá-lo, o corpo ainda elegante e saudável, vestindo um terno de algodão listrado azul e branco.

Só aos poucos, apesar de provavelmente ter sido em questão de segundos, eu fui percebendo que ele estava com medo. Ele olhava para mim, olhava para cima por causa da minha altura, como quase todo mundo olha para mim, e apesar de toda a sua aparente dignidade, o que ele possuía de sobra, ele percebia as mudanças em mim, mas não tinha certeza do que havia acontecido. Ele só sabia que sentia um medo instintivo e vigilante.

Ora, eu sou um Caçador de Sangue que pode se fazer passar por humano, mas não necessariamente com alguém tão sábio como esse homem. E também tínhamos a história da telepatia, embora eu tivesse feito o possí-

vel para fechar a minha mente do jeito que o meu Criador havia ensinado, o que podia ser feito por um simples ato de vontade.

— Quinn? — disse Stirling. — O que há de errado com você?

O suave sotaque britânico me levou para quatro anos e meio no passado com um estalar de dedos.

— Está tudo errado comigo, Stirling — eu respondi antes de poder me controlar. — Mas por que você está aqui? — E então fui direto ao assunto, atabalhado que sou. — Você tem a permissão de Lestat para estar na casa dele?

— Não — ele disse imediatamente. — Devo confessar que não tenho. E você, Quinn? — A voz dele estava carregada de preocupação. — Por que está aqui?

Ele pôs o livro de volta no lugar na estante e deu um passo na minha direção, mas eu recuei para a escuridão do corredor.

Eu quase me entreguei devido à bondade dele. Mas um outro elemento inevitável tinha entrado com muita clareza no jogo. O cheiro humano dele, doce e delicioso, estava muito acentuado, e de repente eu o vi separado de tudo que conhecia dele. Eu o vi como presa.

Na realidade eu senti o imenso e impossível abismo que agora nos separava, e fome dele, eu estava faminto como se a bondade de Stirling pudesse se derramar dentro de mim pelo seu sangue.

Mas Stirling não era nenhum Agente do Mal. Stirling não era caça. Eu estava perdendo a minha mente de novo enquanto olhava para ele. Minha solidão aguda estava me dominando. Minha fome estava me atormentando. Eu queria banquetear-me dele e ao mesmo tempo contar-lhe minhas tristezas e minhas dores.

— Não chegue perto de mim, Stirling — eu disse, esforçando-me para soar como alguém capaz de se controlar. — Você não devia estar aqui. Você não tem o direito de estar aqui. Se é tão inteligente mesmo, por que não vem aqui de dia, quando Lestat não poderá impedi-lo?

O cheiro do sangue estava me deixando louco e além disso tinha o meu desejo selvagem de cobrir a distância entre nós, por assassinato ou por amor.

— Eu não sei exatamente a resposta para isso, Quinn — ele disse, e seu sotaque britânico era formal e eloqüente, mas não o tom de voz. — Você era a última pessoa que eu esperava encontrar aqui. Quinn, deixe-me olhar para você, por favor.

Mais uma vez eu disse não. Eu estava tremendo.

— Stirling, não tente me seduzir com aquele seu jeito antigo — eu insisti. — Você pode encontrar alguém aqui muito mais perigoso para você do que eu. Ou não acredita nas histórias de Lestat? Não me diga que **você** acredita que vampiros existem apenas nos livros.

— Você é um deles — ele disse baixinho, franziu a testa, mas num segundo desfranziu. — Isso é obra de Lestat? Foi ele que o trouxe para cá?

Fiquei atônito com a sua ousadia, apesar de toda polidez. Mas é que ele era bem mais velho do que eu, já se acostumara com o uso da autoridade refinada, e eu era jovem demais. Senti em ondas mais uma vez o antigo amor por ele, a antiga dependência dele, e dessa vez também isso tudo se fundia perfeitamente, e burramente, com a minha sede.

— Não foi obra de Lestat — eu disse. — Na verdade, ele não teve nada a ver com isso. Eu vim aqui à procura dele, Stirling, e aí aconteceu isso, essa pequena tragédia de eu ter encontrado você aqui.

— Uma tragédia?

— O que mais pode ser, Stirling? Você sabe quem eu sou. Sabe onde eu moro. Sabe tudo sobre a minha família na Mansão Blackwood. Como posso simplesmente sair daqui agora que eu o vi e você me viu?

Senti a sede apertar a minha garganta. Minha visão estava perdendo o foco. Ouvi minha voz dizendo:

— Não tente me dizer que se eu deixá-lo ir, a Talamasca não virá atrás de mim. Não tente me convencer de que você e seu grupo não sairão por aí à minha procura. Eu sei o que aconteceria. Isso é um terror, Stirling.

O medo de Stirling cresceu, ele se esforçava para não se deixar dominar. E a minha fome estava ficando incontrolável. Se eu me soltasse, se deixasse que ela me controlasse, o ato pareceria inevitável, e parecer inevitável era tudo de que a consciência precisava, mas isso não podia acontecer, não com Stirling Oliver. Eu estava desesperadamente confuso.

Antes de perceber o que estava acontecendo, eu me aproximei dele. Dava para ver o seu sangue, sentir-lhe o cheiro. E ele cometeu um erro fatal. Ele recuou, como se não pudesse se controlar para não recuar, e naquele gesto ele ficou mais parecido do que nunca com a vítima. Aquele passo para trás me fez avançar.

— Stirling, você não devia ter vindo aqui — eu disse. — Você é um invasor.

Mas eu podia ouvir a monotonia da minha voz na minha fome, a falta de sentido das palavras. Invasor, invasor, invasor.

— Você não pode me fazer mal, Quinn — ele disse, com a voz muito firme e controlada. — Você não faria isso. Há muita coisa entre nós. Eu sempre compreendi você. Sempre compreendi o Goblin. Você vai trair tudo

isso agora?

— É uma dívida antiga — eu disse, e minha voz virou um sussurro. Eu sabia que estava sob a luz brilhante do candelabro agora, e ele podia ver a sutil intensificação da transformação. A transformação era muito extravagante, muito extravagante mesmo. E no meu estado demente me pareceu que o medo nele havia crescido até virar um pânico silencioso, e que o pânico acentuava mais ainda o cheiro do sangue.

Os cães farejam o medo? Os vampiros farejam. Os vampiros contam com isso. Os vampiros acham apetitoso. Os vampiros não conseguem resistir.

— É errado — ele disse, mas ele também murmurava, como se apenas o meu olhar o tivesse enfraquecido, o que certamente pode acontecer com mortais, e ele sabia que não adiantava lutar. — Não faça isso, meu rapaz — ele disse, as palavras quase inaudíveis.

Sem me dar conta estendi a mão sobre o ombro dele e quando meus dedos encostaram nele senti uma eletricidade passando pelos meus membros. Destruí-lo. Esmagar seus ossos, mas antes de tudo engolir a alma dele no seu sangue.

— Você não percebe que...

Ele começou a dizer e da sua mente eu subtraí o resto, que a Talamasca ficaria furiosa, que seria ruim para todo mundo. Os vampiros, os Caçadores de Sangue, os Filhos dos Milênios, todos tinham saído de Nova Orleans. Espalhados na escuridão estavam os vampiros. Era uma trégua. E agora eu pretendia desfazê-la!

— Mas eles não me conhecem, entende? Não com essa forma. Só você me conhece assim, meu velho amigo, e esse é o horror. Você me co-

nhece e é por isso que tem de ser assim.

Eu me abaixei e beijei o seu pescoço. Meu amigo, minha única amizade profunda do passado. E agora teremos essa união. Luxúria antiga e nova. O menino que eu fui o amava. Senti o sangue pressionando a artéria. Meu braço esquerdo deslizou por baixo do braço direito dele. Não o machuque. Ele não poderia escapar de mim. Ele nem tentou.

— Isso será indolor, Stirling — eu sussurrei.

Cravei meus dentes de uma só vez e o sangue encheu a minha boca bem devagar, e com ele veio o súbito curso da sua vida e de seus sonhos.

Inocente. A palavra queimava em meio ao prazer. Numa passagem luminosa de figuras e vozes ele emergiu, abrindo caminho no meio da multidão. Stirling, o homem, suplicando na minha visão mental, dizendo *Inocente*. Lá estava eu, o menino de um tempo antigo, e Stirling dizendo *Inocente*. Eu não podia parar o que havia começado.

Foi outro que fez isso por mim.

Senti uma mão de ferro no meu ombro e fui lançado para trás, para longe de Stirling, e Stirling cambaleou, quase caiu. depois tropeçou e afundou de lado numa cadeira perto da mesa.

Eu bati na estante. Lambi o sangue em meus lábios e tentei resistir à tontura. O candelabro parecia estar balançando e as cores dos quadros nas paredes pegavam fogo.

Uma mão firme pressionou meu peito para me equilibrar e me manter longe.

Então descobri que estava olhando para Lestat.

RECUPEREI O EQUILÍBRIO bem depressa. Ele olhava para mim e eu não tinha intenção nenhuma de olhar para outro lugar qualquer. Mesmo assim eu o examinei de alto a baixo porque não consegui evitar e porque ele era de tirar o fôlego como sempre disse que era, e eu tinha de vê-lo, vê-lo de verdade, mesmo que fosse a última coisa que eu visse.

Sua pele era de um dourado pálido que acentuava maravilhosamente seus olhos azul-violeta, e o cabelo era uma verdadeira juba amarela, despen-teada e cacheada, cortada logo acima dos ombros. Os óculos coloridos que usava, quase do mesmo tom de violeta dos olhos, ele tinha empurrado para cima, o cabelo estava preso e ele olhava fixamente para mim, as sobrancelhas douradas ligeiramente arqueadas, esperando talvez que eu recuperasse os meus sentidos... sinceramente, eu não sabia.

Num átimo percebi que ele usava a casaca de veludo preto com os botões de camafeu que eram seu traje na Crônica chamada *Merrick*, e cada pequeno camafeu era feito de sardônia, eu tinha quase certeza, a casaca em si bastante extravagante, com a cintura marcada e a fralda rodada. A camisa de linho estava aberta no pescoço. A calça cinza não era importante, e nem as botas pretas.

O que ficou gravado em meu consciente foi o rosto dele. Quadrado e simétrico, os olhos muito grandes e a boca voluptuosa bem desenhada, o maxilar um tanto quanto duro, o todo muito mais proporcional e atraente do que ele poderia ter descrito.

Na verdade as descrições que ele fazia de si mesmo não estavam à

sua altura porque a sua aparência, embora coberta de bênçãos, era incendiada por uma poderosa chama interior.

Ele não me olhava com ódio. Não mais me apoiava com a mão.

Eu me recriminei e amaldiçoei, do fundo do meu coração, o fato de ser mais alto do que ele, o fato de Lestat estar olhando para mim de baixo para cima. Ele poderia querer me destruir de bom grado só por causa disso.

— A carta — eu gaguejei. — A carta! — eu sussurrei, mas apesar de mover a minha mão e de concentrar a minha mente, não consegui pegar a carta no bolso interno do meu paletó.

Eu cambaleava de medo.

Fiquei lá parado, tremendo e transpirando, ele enfiou a mão no meu paletó e pegou o envelope. Um clarão de unhas cintilantes.

— Isso é para mim, 'Tarquin Blackwood? — ele perguntou.

A voz dele tinha apenas um leve toque de sotaque francês. Ele sorriu de repente e parecia que não era capaz de fazer mal a ninguém no mundo. Era atraente demais, simpático demais, jovem demais. Mas o sorriso desapareceu com a mesma rapidez com que tinha surgido.

— É — eu disse, ou melhor, gaguejei. — A carta, por favor, leia. — Minha voz falhou, depois soou insistente. — Antes de você... se decidir.

Ele guardou a carta no bolso interno da casaca e então virou para Stirling, que estava sentado, zozzo e calado, olhos enevoados, as mãos agarradas às costas da cadeira na frente da mesa. O encosto da cadeira era como um escudo a sua frente, embora inútil, como eu bem sabia.

Lestat fixou os olhos em mim de novo.

— Nós não nos alimentamos dos membros da 'Talamasca, Irmãozinho — ele disse. — Mas você... — ele olhou para Stirling — ...você quase

recebeu o que quase merecia.

Stirling olhava atônito, evidentemente sem poder responder, e só balançava a cabeça.

— O que veio fazer aqui, Sr. Oliver? — Lestat perguntou a ele.

Mais uma vez Stirling apenas balançou a cabeça. Eu vi as minúsculas gotas de sangue no seu colarinho alvíssimo. Senti uma vergonha avassaladora, uma vergonha tão profunda e dolorosa que me dominava por completo, banindo até mesmo a mais leve lembrança gustativa do pretenso banquete.

Enlouqueci em silêncio.

Stirling tinha quase morrido, e por causa da minha sede. Stirling estava vivo. Stirling corria perigo agora, a ameaça era Lestat. Vejam só, Lestat, como uma chama diante de mim. Sim, ele podia se fazer passar por humano, mas que humano... magnético e carregado de energia, ele continuava no comando.

— Sr. Oliver, fiz uma pergunta — disse Lestat num tom suave mas ao mesmo tempo imperioso.

Ele segurou Stirling pelas lapelas, conduziu-o sem jeito até o canto mais distante da sala e o largou numa enorme poltrona de cetim.

Stirling ficou ainda pior — e quem não ficaria? —, ainda incapaz de dar foco à sua visão.

Lestat sentou no sofá de veludo bem perto dele. Eu fui totalmente esquecido naquele instante, pelo menos foi o que pensei.

— Sr. Oliver — disse Lestat. — Eu fiz uma pergunta. Por que veio à minha casa?

— Eu não sei — disse Stirling.

Stirling olhou para mim e depois para a figura que o interrogava, e eu

fiquei confuso porque não pude deixar de ver o que ele estava vendo, aquele vampiro cuja pele ainda brilhava como se estivesse bronzeada, e cujos olhos eram prismáticos e inegavelmente ferozes.

A lendária beleza de Lestat parecia potente como uma droga. E a luz do candelabro podia ser impiedosa ou esplêndida, dependendo inteiramente do ponto de vista de quem via.

— Sim, sabe muito bem por que veio aqui — disse Lestat, a voz contida, o sotaque francês traçoeiro. — Não chega a Talamasca ter me expulso da cidade, vocês têm de invadir os lugares que pertencem a mim?

— Foi um erro da minha parte — disse Stirling com um suspiro. Ele fez uma careta e apertou os lábios com força. — Eu não devia ter feito isso.

Pela primeira vez Stirling olhou diretamente nos olhos de Lestat.

Lestat olhou para mim.

Ele chegou para a frente, estendeu a mão e enfiou os dedos por trás do colarinho manchado de sangue de Stirling, assustando Stirling e olhando zangado para mim.

— Nós não derramamos sangue quando nos alimentamos, Irmãozinho — ele disse com um sorriso maligno e fugaz. — Você tem muito que aprender.

As palavras me atingiram como um soco e eu fiquei mudo. Será que aquilo queria dizer que eu ia sair dali vivo?

Não mate Stirling, era nisso que eu estava pensando. E então, subitamente, Lestat, ainda olhando para mim, deu uma risadinha breve.

— Tarquin, pegue uma cadeira — ele disse, apontando para a mesa — e sente-se. Está me deixando nervoso aí de pé. Você é alto demais. E está deixando Stirling Oliver nervoso também.

Senti uma grande onda de alívio, mas quando tentei fazer o que ele tinha pedido, minhas mãos tremiam tanto que mais uma vez fiquei cheio de vergonha. Finalmente consegui sentar de frente para os dois, mas a uma distância respeitosa.

Stirling franziu um pouco a testa quando olhou para mim, mas era uma expressão inteiramente simpática e era óbvio que ele ainda estava atordado. Eu não tinha bebido sangue suficiente para justificar a tontura dele. Era o ato em si, a agressão ao coração dele. Isso e o fato de Lestat estar ali, de Lestat ter interrompido, de Lestat estar presente e perguntando de novo para Stirling por que tinha ido à casa dele.

— Podia ter vindo durante o dia — disse Lestat, dirigindo-se a Stirling com uma voz firme. — Tenho guardas humanos desde o nascer-do-sol até a hora em que se põe, mas a Talamasca sabe bem subornar guardas. Por que não atentou para o fato de que eu tomo conta das minhas propriedades pessoalmente depois que o sol se põe? Desobedeceu à orientação do seu próprio Superior-geral. Desobedeceu ao seu próprio bom senso.

Stirling concordou com a cabeça, desviou os olhos como se não tivesse argumento, e então disse, com a voz fraca mas digna.

— A porta estava destrancada.

— Não me insulte — disse Lestat, com a voz ainda paciente e equilibrada. — É a minha casa.

Outra vez tive a impressão de que Stirling enfrentava o olhar de Lestat. Olhou para ele com segurança e então falou com uma voz mais precisa.

— Eu errei fazendo isso e você me pegou. Sim, eu desobedeci à orientação do Superior-geral, é verdade. Eu vim porque não pude resistir. Eu vim talvez porque não acreditava realmente em você. Não acreditava apesar

de tudo que li e ouvi falar.

Lestat balançou a cabeça com ar de desaprovação e mais uma vez deu aquela risadinha rápida.

— Eu espero esse tipo de credulidade dos leitores mortais das Crônicas — ele disse. — Espero até de novatos como o Irmãozinho aqui. Mas não espero isso da Talamasca, que com tanta formalidade declarou guerra a nós.

— A propósito — disse Stirling, conseguindo de alguma forma recuperar suas forças. — Eu não fui a favor dessa guerra. Votei contra ela assim que soube da declaração. Eu defendi o fechamento da casa-matriz aqui na Louisiana, se fosse necessário. Mas é que... eu achava que devíamos aceitar as nossas perdas e nos retirar para nossas bibliotecas no exterior.

— Vocês me expulsaram da minha própria cidade — disse Lestat. — Vocês interrogam meus vizinhos neste bairro. Vasculham todos os meus títulos e registros de propriedades. E agora você invade a minha casa e diz que foi porque não acreditava? Essa é uma desculpa, mas não um motivo.

— O motivo era que eu queria ver você — disse Stirling, com a voz cada vez mais forte. — Eu queria o que outros na Ordem tiveram. Queria vê-lo com meus próprios olhos.

— E agora que já me viu, o que, exatamente, vai fazer?

Lestat olhou para mim de novo, um clarão de olhos brilhantes e um sorriso que desapareceu num instante quando ele olhou outra vez para o homem na cadeira.

— O que sempre fazemos — disse Stirling. — Escrever sobre isso, pôr num relatório para os Anciãos, fazer uma cópia para o Arquivo sobre o Vampiro Lestat... isto é, se você me deixar sair daqui, se for essa a sua deci-

são.

— Eu não machuquei nenhum de vocês, não foi? — perguntou Lestat. — Pense nisso. Quando foi que fiz mal a algum membro verdadeiro e ativo da Talamasca? Não me culpe pelo que outros fizeram. E desde a sua declaração de guerra, desde que quiseram me expulsar do meu lar, eu tenho demonstrado um controle extraordinário.

— Não, não mesmo — Stirling respondeu calmamente. Fiquei chocado.

— O que quer dizer? — Lestat quis saber. — O que quer dizer com isso? Acho que fui um cavalheiro. — Ele sorriu para Stirling pela primeira vez.

— Sim, você foi um cavalheiro — Stirling retrucou. — Mas não acho que se controlou.

— Você tem idéia de como me afeta ter sido expulso de Nova Orleans? — perguntou Lestat, com a voz ainda contida. — Sabe como me afeta saber que não posso vagar pelo French Quarter com medo dos seus espões no Café du Monde, ou caminhar pela Rue Royale com os consumidores noturnos só porque um dos seus fofoqueiros glorificados pode estar andando por lá também? Você sabe como me magoa deixar para trás a única cidade no mundo que eu realmente amo?

Com essas palavras Stirling levantou-se.

— Mas você sempre foi inteligente demais para nós, não foi? — ele perguntou.

— Ora, claro que sim — Lestat concordou dando de ombros.

— Além do mais — Stirling continuou — você não foi expulso. Você permanece aqui. Tem sido visto pelos membros da Talamasca, sentado

sem disfarce algum no Café du Monde, devo acrescentar, diante de uma xícara inútil de café com leite.

Eu fiquei atônito.

— Stirling! — eu sussurrei. — Pelo amor de Deus, não discuta.

Mais uma vez Lestat olhou para mim, mas sem raiva. Voltou a se concentrar em Stirling.

Stirling não tinha terminado. Ele continuou com firmeza:

— Você ainda se alimenta do populacho — ele disse. — As autoridades nem se importam, mas nós reconhecemos os sinais. Sabemos que é você.

Eu fiquei mortificado. Como é que Stirling podia falar daquele jeito? Lestat deu uma gargalhada irreprimível.

— E mesmo assim você veio à noite? — ele quis saber. — Você ousou vir, sabendo que eu podia encontrá-lo aqui?

— Eu acho... — Stirling hesitou, depois prosseguiu. — Acho que eu queria desafiá-lo. Eu acho, como já disse, que cometi o pecado do orgulho.

Graças a Deus ele fez essa confissão, eu pensei. “Cometi o pecado...”, palavras muito boas. Eu estava boquiaberto, observando os dois, embasbacado com o tom destemido de Stirling.

— Nós respeitamos você — disse Stirling. — Mais do que você merece.

Eu engoli em seco.

— Ah, faça o favor de explicar isso para mim! — disse Lestat, sorrindo. — Sob que forma existe esse respeito, eu gostaria de saber. Se realmente devo isso a vocês, gostaria de agradecer.

— O St. Elizabeth — disse Stirling, sua voz fluindo com elegância

agora —, o prédio em que você se escondeu durante tantos anos, dormindo na porta da capela. Nunca tentamos entrar lá, ou descobrir o que acontecia lá dentro. E conforme você mesmo disse, somos muito bons em subornar guardas. As suas Crônicas tornaram famoso o seu sono. E nós sabíamos que podíamos entrar no prédio. Nós o víamos à luz do dia, desprotegido, deitado no mármore. Era uma isca e tanto, o vampiro adormecido, que não se dava mais ao trabalho de se fechar num caixão. O inverso negro e mortal do rei Artur adormecido, esperando a Inglaterra precisar dele de novo. Mas nós nunca invadimos seus imensos aposentos. Como eu disse, acho que nós o respeitamos mais do que merece.

Fechei os olhos por um instante, certo do desastre.

Mas Lestat só deu outra risadinha e depois uma gargalhada.

— Tudo bobagem — ele disse. — Você e seus membros da Talamasca tinham medo. Jamais se aproximaram do St. Elizabeth à noite, nem de dia, porque simplesmente tinham medo dos vampiros mais velhos que podiam apagar suas luzes como se fossem fósforos. Vocês também tinham medo dos vampiros rebeldes que espreitavam, aqueles que não respeitavam suficientemente a Talamasca para dar-lhes acolhida. Quanto à luz do dia, vocês não tinham idéia do que iam encontrar... capangas muito bem pagos que podiam exterminá-los e enterrá-los sob o concreto do chão do porão. Era puramente uma questão prática.

Stirling Semicerrou os olhos.

— É, nós tínhamos de tomar cuidado — ele concordou. — No entanto, por vezes...

— Bobagem — disse Lestat. — O fato é que meu famoso sono acabou antes de vocês declararem guerra contra nós. E daí se eu me exibia sen-

tado “sem disfarce” no Café du Monde? Como ousa dizer “sem disfarce”? Está insinuando que eu não tenho o direito!

— Você se alimenta de seres humanos iguais a você — Stirling disse calmamente. — Será que já esqueceu disso?

Eu fiquei histérico. Apenas o sorriso de Lestat indicava que Stirling não estava fadado à morte certa.

— Não, eu nunca esqueço do que faço — disse Lestat tranqüilamente. — Mas certamente você não vai querer tratar agora de toda essa questão do que eu faço para sobreviver! E não se esqueça de que não sou um ser humano. Longe disso, e cada vez mais distante à medida que as aventuras e os anos passam. Estive no céu e no inferno, peço que se lembre disso.

Lestat parou de falar como se ele mesmo estivesse lembrando, e Stirling tentou responder, mas evidentemente não conseguiu. Lestat continuou com a voz pausada.

— Eu estive em um corpo humano e recuperei este corpo que está vendo à sua frente. Fui consorte de uma criatura que outros chamavam de deusa. E sim, eu me alimento de seres humanos porque é a minha natureza, e você sabe disso, e sabe do cuidado que eu tenho para que cada petisco mortal seja maculado e perverso e indigno da vida humana. O que eu estava tentando argumentar é que a sua declaração contra nós foi mal fundamentada.

— Concordo com você, foi uma tola Declaração de Inimizade. Jamais devia ter sido elaborada.

— Declaração de Inimizade, foi esse o nome que deram? — Lestat perguntou.

— Acho que o nome oficial é esse — disse Stirling. — Nós sempre

fomos uma ordem autoritária. Na verdade não sabemos quase nada de democracia. Quando falei do meu voto, estava me referindo a uma voz simbólica e não literal. Declaração de Inimizade, sim, eram essas as palavras. Foi uma coisa mal orientada e ingênua.

— Ah, mal orientada e ingênua — Lestat repetiu. — Gostei disso. E talvez seja bom que todos vocês, da Talamasca, lembrem que são um bando de intrometidos pretensiosos, e que seus Anciãos não são melhores do que o resto de vocês.

Stirling parecia estar relaxando, um tanto fascinado, mas eu não conseguia me acalmar. Tinha muito medo do que podia acontecer a qualquer momento.

— Eu tenho uma teoria sobre a Declaração de Inimizade — disse Stirling.

— E qual é? — disse Lestat.

— Acho que os Anciãos pensaram, com suas mentes veneráveis, e Deus sabe que eu não conheço suas mentes veneráveis, que a Declaração traria de volta para nós certos membros que tinham sido alistados para as suas fileiras.

— Ah, que agradável. — Lestat deu risada. — Por que você está economizando palavras desse jeito? É por causa do rapaz?

— É, talvez eu policie as palavras por causa dele — Stirling respondeu. — Mas, sinceramente, nós, membros da Talamasca, pensamos numa linguagem igual a essa.

— Bem, para seus registros e seus arquivos — disse Lestat —, nós não temos fileiras. O fato é que como espécie temos personalidades e diferenças obstinadas muito particulares, temos uma mobilidade peculiar no que

diz respeito a amizades, companhias e comunhão intelectual. Nós nos reunimos em pequenas congregações e depois nos separamos radicalmente. Não existe uma paz duradoura entre nós. Não temos fileiras.

Isso era intrigante e meu medo diminuiu um pouco quando Stirling comentou com sua voz cuidadosamente educada.

— Eu entendo isso — ele disse. — Mas voltando ao assunto em questão, de saber por que os Anciãos fizeram essa declaração que parece de guerra, eu acho que eles sinceramente acreditavam que aqueles vampiros que um dia fizeram parte do nosso grupo podiam voltar a estudar conosco, e nós com isso poderíamos nos beneficiar no encontro com seres como você. Podemos levar o conhecimento que temos de vocês para um plano mais elevado.

— O que você está dizendo é que tudo não passou de pedantismo acadêmico — disse Lestat.

— É. E certamente você deve compreender o que significou para nós perder três membros para o seu poder coletivo, seja qual for a causa dele, e não importando de que forma isso foi feito. Ficamos atordoados com cada deserção e confusos com o diálogo, se é que houve algum, que poderia ter precedido o que aconteceu. Nós queríamos aprender, entende? Nós queríamos... saber.

— Bem, não funcionou, não é mesmo? — disse Lestat, com a mesma calma. — E vocês não se contentaram com as Crônicas apenas, não é? Elas diziam tudo sobre o diálogo. Mas você e os Anciãos queriam essa visão olho no olho.

— É, não funcionou — disse Stirling, e agora ele parecia possuir toda a sua dignidade e sua força. Seus olhos cinzentos estavam límpidos. — Ao

contrário, nós provocamos em você mais audácia. Você ousou publicar uma Crônica usando o nome Merrick Mayfair. Ousou fazer isso apesar da grande família de nome Mayfair viver nesta cidade e nas redondezas até hoje. Você nem se importou quando fez isso.

Eu senti uma pontada aguda no coração. A minha amada Mayfair surgiu feito clarão diante dos meus olhos. Mas lá estava Stirling sendo evidentemente temerário de novo.

— Audácia! — disse Lestat, o sorriso crescendo enquanto ele olhava fixo para Stirling. — Você me acusa de audácia! Você está vivendo e respirando agora só porque eu quero.

— Não tenho dúvida disso, mas você é audacioso — insistiu Stirling. Eu senti que ia desmaiar.

— Audacioso e com muito orgulho — Lestat revidou. — Mas vamos esclarecer uma coisa. Não sou o único autor das Crônicas. Pode responsabilizar seu próprio versátil David Talbot pela Crônica de Merrick Mayfair. A história é de David. Merrick queria o Dom das Trevas. Merrick Mayfair era uma bruxa antes de se tornar vampira. E quem melhor do que você para saber disso? Não houve nenhuma mentira. E foi opção de David usar o nome dela, assim como o nome da Talamasca, devo acrescentar. O que representa isso tudo para mim?

— Ele não teria feito isso sem a sua bênção — disse Stirling com uma segurança impressionante.

— Você acha que não? — desafiou Lestat. — E por que eu me preocuparia com alguma família mortal de bruxos? Os Mayfair, o que eles são para mim? E o que é uma grande família, me diga, por favor, uma família rica? Vampiros odeiam bruxos, sejam eles ricos ou pobres. Qualquer um

que ler a história de Merrick Mayfair entenderá por quê. Não que Merrick seja menos do que uma princesa entre nós agora. Além disso, nossos ávidos leitores pensam que é tudo ficção, e como é que sabe o que é real e o que não é?

Eu chorei por dentro pensando na minha Mayfair de cabelo de fogo. E eles continuaram falando.

— Graças a Deus seus leitores não pensam que é ficção — disse Stirling, um pouco mais agitado. — E a família Mayfair não tem conhecimento das verdades que você revelou. E uma grande família é aquela que sobreviveu aos tempos e que valoriza acima de tudo os laços do amor. O que mais? Você procura uma família, sempre procurou, em toda parte. Vejo isso nas suas Crônicas.

— Pare, não quero ouvir mais nada — disse Lestat com firmeza mas sem elevar o tom de voz. — Não estou aqui para ser julgado por você. Há muita corrupção nos seus quadros. Você sabe disso. E eu mesmo sei muito bem. E agora descubro que você também é corrupto, que desobedeceu aos seus Anciãos e veio aqui. Você acha que eu lhe daria o Sangue das Trevas?

— Eu não quero — disse Stirling, controlando o espanto. — Não procuro isso. Eu queria vê-lo e ouvir sua voz.

— E agora que já me viu e ouviu, o que vai fazer?

— Eu já disse. Escrever sobre isso. Confessar para os Anciãos. Descrever tudo.

— Ah, não vai não — disse Lestat. — Deixará de mencionar uma parte crucial.

— E que parte é essa? — perguntou Stirling.

— Vocês são um bando de admiráveis — disse Lestat, balançando a

cabeça. — Não consegue adivinhar que parte é essa?

— Nós procuramos ser admiráveis — disse Stirling. — Serei condenado pelos Anciãos. Posso até ser expulso da Louisiana, mas acho que não. Tenho outros trabalhos importantes para fazer.

Mais uma vez senti aquela pontada no coração. Pensei na “grande família Mayfair”. Pensei no meu amor ruivo, a minha bruxa Mayfair, que eu nunca mais veria. Seria esse o trabalho importante de Stirling? Desejei de todo o coração poder perguntar isso para ele.

Lestat parecia estar estudando Stirling, que tinha ficado em silêncio, olhando fixo para Lestat, talvez fazendo aquele pequeno truque mental de memorizar todos os detalhes sobre os quais escreveria mais tarde. Os membros da Talamasca eram especialmente treinados para fazer isso.

Eu tentei ler a mente dele, mas não pude entrar e nem ousei fazer tal coisa com Lestat. Lestat saberia.

Lestat quebrou o silêncio.

— Revogue-a, essa Declaração de Inimizade.

Stirling levou um susto. Ele pensou um pouco e depois disse:

— Não posso fazer isso. Não sou um dos Anciãos. Posso dizer para eles que você pediu para revogar a Declaração. É tudo que eu posso fazer.

O olhar de Lestat ficou mais suave. Foi de Stirling para mim. Por um longo tempo Lestat e eu nos olhamos, então eu fraquejei e desviei o olhar polidamente.

Eu tinha visto algo quando nos encaramos.

Era algo que jamais vira mencionado nas Crônicas — uma pequena diferença entre os olhos de Lestat. Um olho era quase imperceptivelmente maior do que o outro, e com uma pequena mancha de sangue. Não sei bem

se como mortal eu poderia ter detectado diferença tão sutil. E agora eu estava confuso pelo fato de ter visto isso. Se Lestat considerasse isso um feito, ia me odiar por ter percebido.

Lestat olhava para Stirling.

— Vamos fazer um trato, você e eu — ele disse.

— É um alívio ouvir isso — disse Stirling, com a mesma arrogância gentil de seus outros apartes.

— É uma simples troca — disse Lestat — mas se você se recusar, ou se ficar contra mim, eu ficarei contra você. Eu poderia ter feito isso antes, tenho certeza que sabe disso.

— David Talbot não deixaria que você nos fizesse mal — disse Stirling com calma e com brio. — E há uma mais velha, uma ancestral, uma das maiores dos seus contos, e ela, a grande autoridade, também não permite que você nos machuque, não é verdade?

— Stirling! — eu sussurrei sem poder me controlar. Mas Lestat parecia estar pesando as palavras dele.

— Mesmo assim eu poderia machucá-lo — ele disse. — Eu não sigo as regras de ninguém, só as minhas. E quanto aos antigos, não tenha tanta certeza de que eles querem governar. Eu acho que eles querem total privacidade e a mais completa paz.

Stirling refletiu, então se apressou em dizer:

— Entendo o que quer dizer.

— Você me despreza, não é? — Lestat perguntou com uma sinceridade cativante.

— De jeito nenhum — foi a resposta rápida de Stirling. — Ao contrário, vejo o seu encanto. Você sabe disso. Fale-me dessa troca. O que você

quer que eu faça?

— Antes de mais nada, volte para os seus Anciãos e diga a eles que essa Declaração de Inimizade deve ser oficialmente retirada. Não importa tanto assim para mim, mas é importante para os outros, e, além disso, eu sei que se vocês jurarem que serão apenas observadores no futuro não vão mais nos incomodar, e para mim isso vale muito. Eu detesto ser incomodado. Faz com que eu sinta raiva e fique cruel.

— Muito bem.

— O segundo pedido deriva do primeiro. Deixe esse menino em paz. Ele é o ponto-chave que você deve deixar de fora do seu relato. É claro que pode dizer que um Bebedor de Sangue anônimo atacou você. Você sabe, faça com que tudo tenha sentido e faça justiça a tudo que pensa que aprendeu aqui. Eu antevejo o seu inevitável fascínio com tudo isso. Mas o anonimato desse rapaz deve ser uma questão de honra... e tem mais.

Stirling ficou em silêncio.

— Você sabe o nome dele — disse Lestat —, sabe onde ele mora, conhece a família dele. Tudo isso ficou bem claro para mim antes de interrompê-lo no seu ataque desajeitado a você. Agora você sabe que ele é um dos nossos, como se costuma dizer. Além de deixá-lo de fora dos seus registros, você deve deixá-lo completa e absolutamente em paz.

Stirling segurou por um tempo o olhar de Lestat e então balançou a cabeça concordando.

— Façam qualquer movimento contra esse menino — disse Lestat —, se tentarem assumir sua postura combativa em relação a ele, e Deus é testemunha de que vou destruí-los. Mato todos vocês. Não deixarei nada além das suas bibliotecas vazias e seus cofres transbordantes. Começarei

pela casa-matriz da Louisiana e passarei para as matrizes de todo o mundo. Isso é café pequeno para mim. Pego vocês um por um. Mesmo se os antigos se levantarem para protegê-los, não acontecerá imediatamente, e o que eu posso fazer imediatamente é uma imensa quantidade de danos.

Eu passei do medo para o espanto.

— Estou entendendo — disse Stirling. — É claro que você quer protegê-lo. Graças aos céus por isso.

— Peço que me compreenda — disse Lestat, olhando para mim de novo. — Ele é jovem, inocente, e eu tomarei a decisão se ele deve sobreviver ou não.

Acho que Stirling deu um grito sufocado.

Quanto a mim senti mais uma vez uma onda de alívio, e depois outra onda de medo consciente.

Lestat apontou para Stirling.

— Será que preciso acrescentar que você vai sair daqui agora e nunca mais deve invadir propriedade minha? — ele perguntou.

Stirling levantou na mesma hora, e eu também. Stirling olhou para mim e novamente compreendi perfeitamente que quase acabei com a vida dele aquela noite, e uma vergonha terrível voltou a me atacar.

— Adeus, meu amigo — eu disse com a voz tão forte quanto podia. Estendi a mão sem jeito e segurei a dele com firmeza. Ele olhou para mim e sua expressão se suavizou.

— Quinn — ele disse —, meu bravo Quinn. Ele deu meia-volta.

— Adeus, Lestat de Lioncourt — ele disse. — Acho que estou atuando minha situação quando digo que lhe devo muito.

— Está sim, mas encontro ingratos à minha volta eternamente —

disse Lestat com um sorriso malicioso. — Vá logo, Sr. Oliver. Ainda bem que tem uma de suas sorradeiras limusines à sua espera a apenas uns dois quarteirões daqui. Acho que não está em condições de andar muito, nem de dirigir um carro sozinho.

— Tem razão — disse Stirling, e sem mais palavras saiu apressado pelo corredor e pela porta dos fundos, e eu ouvi seus passos rápidos e pesados nos degraus de ferro.

Lestat também estava de pé, e ele veio para perto de mim, apontando para eu me sentar de novo. Segurou a minha cabeça com as duas mãos. Não exerceu nenhuma pressão terrível. Não senti dor. Ele me segurava de um modo gentil.

Mas eu estava apavorado demais para fazer qualquer outra coisa senão olhar nos olhos dele em silêncio, e mais uma vez vi a pequena diferença, um olho maior do que o outro por menos de uma fração de centímetro. Tentei reprimir esse simples pensamento. Procurei pensar apenas que *farei o que você quiser que eu faça*, e sem querer fechei meus olhos como se alguém fosse bater no meu rosto.

— Você acha que eu vou matá-lo, não é? — ouvi Lestat dizer.

— Espero que não — eu disse todo trêmulo.

— Vamos, Irmãozinho — ele disse. — É hora de deixar essa bela casa para aqueles que sabem demais sobre ela. E você, meu jovem amigo, precisa se alimentar.

Então senti o seu braço na minha cintura. O ar passava rápido por mim. Eu estava agarrado nele, embora não precisasse, e de repente estávamos lá fora na noite e nos movíamos na direção das nuvens.

ERA COMO VIAJAR com o meu Criador — a velocidade, a altitude e os braços fortes me segurando. Eu confiei inteiramente.

E então veio o súbito mergulho.

Estava atordoado quando ele me soltou e tive de me controlar para não tropeçar até a tontura passar.

Estávamos numa varanda. Uma porta de vidro parcialmente aberta nos separava de uma sala iluminada. Era decorada com muito bom gosto, com móveis modernos relativamente comuns, poltronas e sofás de veludo bege, a inevitável televisão grande, iluminação discreta e suave e mesas espalhadas, de ferro e vidro.

Havia na sala duas mulheres jovens, morenas, muito bonitas, uma ocupada com uma pasta sobre a mesa de centro, e a outra diante de um espelho ali ao lado, escovando o cabelo comprido. Usavam vestidos de seda, ambos acompanhando a moda e revelando grande parte de suas peles cor de oliva.

Lestat passou novamente o braço em torno de mim e deu um aperto suave no meu ombro.

— O que a sua mente lhe diz? — ele sussurrou.

Libertei o Dom da Mente na direção da mulher diante do espelho, e captei na mesma hora o murmúrio de assassinato. A outra estava ainda mais acostumada com isso, e parecia que as duas mulheres participavam de um crime que na verdade estava acontecendo naquele instante, a uma certa distância daquele lugar.

Aquele prédio era um hotel elegante. Por uma porta eu vi o quarto. Captei o aroma de uma bebida com gim em uma das mesas, captei o perfume de flores frescas e é claro que senti o cheiro avassalador de Caça Permitida, jogo limpo.

A minha sede aumentou. A sede deixou minha visão enevoada. Senti o gosto de sangue como se já o estivesse bebendo, e senti o vazio abissal e desesperador que sempre sentia antes de um banquete. *Nada jamais vai satisfazê-lo. Nada jamais acabará com essa fome abominável.*

— Caça Permitida, exatamente — disse Lestat em voz baixa. — Mas não deixemos que elas sofram, por mais violentos que queiramos ser.

— Não, senhor — eu respondi educadamente. — Posso ficar com a que está diante do espelho?

— Por quê? — ele perguntou.

— Porque posso ver o rosto dela no espelho e ela é cruel. Ele fez que sim com a cabeça.

Lestat abriu a porta deslizando para o lado e entramos no ar frio do quarto. A sede era quente demais. Desesperadora.

Em uníssono as mulheres gritaram, protestando. De onde tínhamos saído? Quem éramos? Palavrões, ameaças.

Com um restinho da minha mente racional, eu vi que a pasta estava cheia de dinheiro, mas que importância tinha isso? Muito mais interessante era um imenso vaso de flores perto da janela do outro lado, explodindo em cor. Muito mais interessante era o sangue.

Lestat passou deslizando por mim e pegou com os dois braços a mulher que correu para a direita. A enxurrada de palavras furiosas que ela proferia cessou abruptamente.

A outra mulher correu para o sofá e lá eu vi o revólver que ela queria tão desesperadamente alcançar. Eu a segurei antes que pudesse pôr as mãos nele, e a apertei contra mim, olhei para aqueles olhos negros.

Ela proferiu uma ladainha de imprecações em espanhol e a sede em mim cresceu com mais violência ainda, como se os palavrões a atraíssem. Afastei o cabelo preto e grosso do seu pescoço e passei o polegar sobre a artéria. Ela estava enfurecida, cheia de ódio.

Lentamente mordi a fonte de sangue.

Lembrei dos ensinamentos do meu Criador. *Ame os pecados dela, siga pelo caminho com ela, transforme a maldade dela na sua maldade e não estará fazendo mal algum.* Eu me esforcei para obedecer quando a mente dela se abriu. Procurei os assassinatos e os encontrei, violentos, selvagens e sempre sob efeito do pó branco, e a riqueza que a tirara das profundezas da miséria em que crescera para as coisas finas e a fortuna, para aqueles que brindavam a sua beleza e à sua esperteza. E assassinato após assassinato daqueles cobertos de sangue iguais a ela. Sim, amar você, eu sussurrei, amar a vontade pura e a raiva sempre presente, sim, dê para mim, a fúria no sangue quente e doce que flui, e de repente veio, para mim, o amor dela, ilimitado.

Sem precisar falar ela disse *Entregue-se*. Sem precisar falar ela disse *Eu posso ver!* E o que ela via era toda a sua vida, sem paginação, e sua alma madura se expandiu, e aconteceu o reconhecimento terrível da circunstância e da inevitabilidade, os crimes dela arrancados pelas raízes do seu coração como se pela mão do Firmamento.

Mas a minha fome estava saciada, eu estava repleto dela, eu a possuíra e então recuei, beijando as feridas perfuradas, lambendo os minúsculos fios de sangue que eu havia derramado, anulando as provas, enquanto a so-

nolência ia me dominando e com muita gentileza eu a pus em uma das poltronas indiferentes. Beije seus lábios.

Ajoelhei-me diante dela. Forcei minha língua entre seus lábios, abri sua boca, chupei sua língua e cravei os dentes nela delicadamente, e mais uma vez jorrou um pouco de sangue.

E por fim não havia mais sangue.

Fechei seus olhos grandes e vazios com a mão esquerda. Senti os olhos por trás das pálpebras e o sangue dela se espalhando em mim. Abaixei-me e beijei seus seios. O sangue provocava ondas de choque por todo o meu corpo. Eu a soltei.

Naquele torpor habitual eu me virei e vi Lestat esperando, a figura real, analisando, como se meditasse, o cabelo louro quase branco sob aquela luz, os olhos violeta bem abertos.

— Dessa vez você fez direito, Irmãozinho — ele disse. — Não deixou cair nem uma gota.

Eu queria dizer tanta coisa. Queria falar da vida dela, do seu alcance abrangente que eu pude provar tão profundamente, da luta que ela travou com o destino; e com que empenho eu tentei fazer o que meu Criador me recomendara, não devorar simplesmente o sangue, mas devorar o mal, mergulhar a minha língua bem fundo no mal, mas ela não importava mais.

Ela era uma vítima. Ela, que jamais fora um sujeito, agora era passado.

O sangue me dominava. O calor me dominava. Aquele cômodo era um fantasma. A mulher de Lestat estava morta no chão. E havia a pasta com o dinheiro, e não significava nada, não podia comprar nada, não podia modificar nada, não podia salvar ninguém. As flores eram berrantes e bri-

lhantes, lírios cor-de-rosa cheios de pólen, e rosas vermelho-escuras. O quarto estava completo, acabado e imóvel.

— Ninguém vai lamentar a morte delas — Lestat disse baixinho. A voz dele parecia distante, fora do meu alcance. — Não há necessidade de encontrar uma cova às pressas.

Eu pensei no meu Criador. Lembrei das águas escuras do pântano Sugar Devil, da espessa lentilha-d'água, do pio das corujas. Alguma coisa mudou no quarto, mas Lestat não percebeu.

— Volte para mim — disse Lestat. — É importante, Irmãozinho, não deixar o sangue enfraquecê-lo depois, por mais doce que seja.

Eu fiz que sim com a cabeça. Mas alguma coisa estava acontecendo. Nós não estávamos sozinhos.

Eu vi a figura escura do meu duplo se formando atrás de Lestat. Vi Goblin, com a forma igual à minha. Vi o sorriso louco no rosto dele. Lestat deu um pulo.

— Onde ele está? — ele sussurrou.

— Não, Goblin, eu proíbo — eu disse.

Mas não havia como fazê-lo parar. A figura veio para perto de mim com a velocidade de um raio, mas se manteve na forma humana. Bem diante dos meus olhos ele parecia tão sólido quanto eu. Então eu senti o formigamento nos braços e nas pernas quando ele se misturou comigo, e as minúsculas alfinetadas nas minhas mãos, no pescoço e no rosto. Lutei e me debati como se estivesse preso na rede perfeita.

E das profundezas do meu ser veio aquela palpitação orgástica, aquela sensação de pancada violenta quando nós nos tornávamos um só e nada podia nos separar, e subitamente eu quis, sim, quis que ele e eu ficássemos

juntos para sempre, e no entanto o que eu dizia era diferente.

— Saia de mim, Goblin. Goblin, precisa me ouvir. Fui eu, fui eu que criei você, que o fiz existir. Obedeça-me.

Mas era inútil. Os tremores elétricos não paravam e eu só via imagens de nós dois quando crianças, rapazes, homens, tudo passando rápido demais para eu focalizar direito, para repudiar ou confirmar. A luz do sol entrou pela porta aberta. Vi o linóleo do piso com desenho de flores. Ouvi o riso de crianças pequenas, e senti o gosto do leite.

Sabia que estava caindo ou que ia cair, que as mãos firmes de Lestat me seguravam, porque eu não estava no quarto iluminado pelo sol, mas isso era tudo que eu conseguia ver, e lá estava Goblin, o pequeno Goblin brincando e rindo, e eu estava rindo também. *Te amo, está bem, preciso de você, claro, sou seu, nós dois juntos.* Olhei para baixo e vi minha mão esquerda gorducha de criança, e eu segurava uma colher e batia com a colher. E a mão de Goblin em cima da minha. E sem parar aquele barulho da colher batendo na madeira, e a luz do sol, linda, entrando pela porta, mas as flores do linóleo estavam gastas.

Então, com a mesma violência com que tinha vindo, Goblin se foi. Vi de relance a forma humanóide apenas por um segundo, os olhos enormes, a boca aberta. Depois a imagem dele se expandiu, perdeu suas formas e desapareceu.

As cortinas do quarto esvoaçavam e o vaso de flores virou de repente, ouvi a água pingando e depois o próprio vaso bateu no chão.

No meio de uma névoa eu olhei para o buquê de flores caído. Lírios cor-de-rosa. Eu queria pegá-los. As feridas minúsculas em todo o meu corpo ardiam e doíam. Eu o odiava por ter feito o vaso cair, porque os lírios

estavam espalhados pelo chão.

Olhei para as mulheres, primeiro para uma, depois para outra. Pareciam estar dormindo. Não havia morte.

Meu Goblin, o Goblin que é só meu. A idéia sem verbo permaneceu em mim. Meu espírito tão íntimo, parceiro de toda a minha vida, você me pertence e eu pertenço a você.

Lestat estava me segurando pelos ombros. Eu mal conseguia ficar de pé. Na verdade, se ele me soltasse eu cairia. Não podia tirar os olhos dos lírios cor-de-rosa.

— Ele não precisava derrubar as flores — eu disse. — Eu ensinei a ele que não deve machucar as coisas belas. Ensinei isso a ele quando éramos pequenos.

— Quinn — disse Lestat. — Volte para mim! Estou falando com você. Quinn!

— Você não o viu — eu disse.

O meu corpo inteiro tremia. Fiquei olhando fixo para os pequenos ferimentos nas minhas mãos, mas eles já estavam se fechando. Foi a mesma coisa com as espetadas no meu rosto. Passei a mão pelo rosto. Pequenos traços de sangue nos meus dedos.

— Eu vi o sangue — disse Lestat.

— Como foi que o viu? — eu perguntei.

Eu estava ficando mais forte. Esforcei-me para clarear a mente.

— Com a forma de um homem — disse Lestat. — Um homem meio desenhado com sangue, rabiscado no ar, só por um instante, e depois uma nuvem de minúsculas gotas rodopiando, e eu vi quando ele passou pela porta aberta com muita rapidez, como se estivesse sendo chupado para fora.

— Então agora sabe por que vim procurá-lo — eu disse.

Mas compreendi que ele não podia ver de fato o espírito que Goblin era. Ele tinha visto o sangue, porque o sangue era visível, mas o espírito que sempre aparecia para mim era invisível para ele.

— Ele não pode machucá-lo realmente — ele disse, com a voz suave e bondosa. — Ele não é capaz de tirar de você nenhuma quantidade significativa de sangue. Tirou apenas um gostinho do que você tirou da mulher.

— Mas ele vem de novo sempre que quiser, e não posso lutar contra ele, e cada vez, eu juro, é um pouco mais.

Eu me firmei e ele me soltou, alisando o meu cabelo com a mão direita. Aquele gesto casual de afeto, associado à aparência estonteante dele, os olhos vibrantes, as feições exoticamente proporcionais, fez com que eu mergulhasse num transe no momento em que o transe induzido pelo Goblin lentamente se desfazia.

— Ele me encontrou aqui — eu disse — e eu nem sei onde estou. Ele me encontrou aqui e pode me encontrar em qualquer lugar, e a cada vez, como eu já disse, ele tira um pouco mais de sangue.

— Certamente você pode lutar contra ele — disse Lestat, procurando me encorajar.

A expressão dele era de preocupação, protetora, e eu senti uma necessidade e um amor por ele tão avassaladores que tive vontade de chorar. Mas me controlei.

— Talvez eu possa aprender a lutar contra ele — eu disse. — Mas será que isso basta?

— Venha, vamos sair desse cemitério — ele disse. — Você precisa me contar tudo sobre ele. Precisa me contar como isso começou.

— Eu não sei se tenho todas as respostas. Mas tenho uma história para contar.

Segui Lestat até a varanda, para o ar livre.

— Vamos para a Mansão Blackwood — eu disse. — Não conheço nenhum outro lugar onde possamos conversar em paz. Esta noite só minha tia está lá e suas adoráveis companhias, talvez minha mãe, e todos nos deixarão em paz. Estão muito acostumados comigo.

— E o Goblin? — ele perguntou. — Se ele voltar, vai ser mais forte lá?

— Ele estava muito forte minutos atrás — eu respondi. — Acho que eu ficarei mais forte.

— Então vamos para a Mansão Blackwood — ele disse.

Ele passou o braço firme em volta de mim mais uma vez e subimos no ar. O céu se abriu, cheio de nuvens, e então mergulhamos nas estrelas.

EM POUCOS MINUTOS estávamos diante da casa grande e eu senti uma pontada de constrangimento quando vi seu imenso pórtico colunário de dois andares.

Claro que as luzes no jardim estavam acesas, iluminando com seu brilho as colunas caneladas até o topo. e todos os inúmeros cômodos estavam iluminados também. Na verdade eu tinha determinado, desde quando era menino, que às quatro horas todos os candelabros na casa grande tinham de ser acesos, e apesar de não ser mais aquele menino vítima da depressão do escurecer, os candelabros continuaram a ser acesos obedecendo ao mesmo relógio.

Uma breve risadinha de Lestat me pegou desprevenido.

— E por que você está tão constrangido? — ele perguntou de bom humor, tendo lido minha mente com a maior facilidade. — A América destrói os seus casarões. Alguns não duram nem cem anos. — O sotaque dele diminuiu, ele soava mais íntimo. — Este lugar é magnífico — ele disse sem afetação. — Gosto das grandes colunas. O pórtico, o frontão triangular, é tudo glorioso. Perfeito estilo renascimento grego. Como pode se envergonhar de tal coisa? Você é uma criatura estranha, muito gentil, a meu ver, e meio fora do seu próprio tempo.

— Bem, como posso fazer parte dele agora? — eu perguntei. — Considerando o Sangue das Trevas e todos os seus atributos extraordinários. O que acha?

Fiquei na mesma hora envergonhado de ter respondido assim de

forma tão direta, mas ele levou na esportiva.

— É, mas eu quis dizer que você não pertencia a esse tempo antes do Dom das Trevas, pertencia? A trama da sua vida não foi urdida em nenhum tecido específico. — A atitude dele parecia simples e amigável.

— Suponho que tenha razão — eu respondi. — Na verdade, você está certo, sim.

— Vai me contar isso, não vai? — ele perguntou.

As sobrancelhas douradas dele, muito claras, contrastavam com a pele bronzeada, e ele as franziu levemente, sorrindo ao mesmo tempo. Ficou com um ar muito inteligente e amoroso, só que eu não sabia bem por quê.

— Quer que eu conte?

— É claro que quero — ele respondeu. — Além do mais, isso é o que você quer e precisa fazer. — Ele deu um sorriso maroto e franziu a testa de novo. — E agora, vamos entrar?

— Mas é claro, vamos — eu disse, muito aliviado por causa de sua atitude amigável e do que dissera também.

Não entendia muito bem o fato de ele estar ali comigo. Além de tê-lo encontrado, ele também queria ouvir a minha história, ele estava do meu lado.

Subimos então os seis degraus da entrada até a varanda de mármore e eu abri a porta que, por morarmos no campo, nunca deixávamos trancada.

O amplo hall central se estendeu diante de nós, com suas lajes de mármore preto e branco em forma de losango chegando até a porta dos fundos, que era idêntica à porta pela qual acabávamos de entrar.

Bloqueando nossa visão parcialmente, um dos maiores atributos da Mansão Blackwood, a escada em espiral que provocou em Lestat um olhar

de puro deleite.

O ar-condicionado gelado estava muito agradável.

— Que esplêndido isso aqui — ele disse, olhando para a escadaria com seu corrimão gracioso e delicada balaustrada. Ele parou bem no meio dela. — Ora, ela vai até um terceiro andar, dobrando por cima de si mesma lindamente.

— O terceiro andar é o sótão — eu disse. — É uma caverna do tesouro com baús e móveis velhos. Já revelou alguns dos seus segredinhos para mim.

Os olhos de Lestat deslizaram pelo mural estampado nas paredes do hall, uma ensolarada cena pastoral italiana pintada sobre um céu azul profundo cuja cor brilhante e forte dominava todo o espaço até o teto.

— Ah, isso é magnífico — ele disse, olhando para o teto. — E olhe só aqueles frisos de gesso. Foram feitos à mão, não foram?

Eu balancei a cabeça assentindo.

— Artesãos de Nova Orleans — eu disse. — São da década de 1880 e meu tataravô era muito romântico e meio louco.

— E essa sala de estar — ele disse, espiando através da porta em arco à sua direita. — Está cheia de móveis antigos, móveis bons. Como vocês chamam esse estilo, Quinn? Rococó? Isso me enche de uma sensação onírica do passado.

Mais uma vez concordei balançando a cabeça. Eu havia passado rapidamente do constrangimento para um embaraçoso sentimento de orgulho. Durante toda a minha vida as pessoas nunca resistiam diante da

Mansão Blackwood. Todas ficavam absolutamente loucas por ela, e agora eu pensava por que eu teria me mortificado tanto com isso. Mas aque-

le ser, aquele indivíduo estranhamente atraente e belo, em cujas mãos eu pusera minha própria vida, tinha crescido num castelo, e eu temia que ele risse ao ver aquilo tudo.

Ao contrário, ele parecia encantado com a harpa dourada e o velho piano Pleyel. Deu uma olhada rápida no imenso retrato sombrio de Manfred Blackwood, meu venerável ancestral. E então lentamente ele virou e se entusiasmou com a sala de jantar do outro lado do hall.

Fiz um gesto apontando para ele entrar.

Do candelabro antigo de cristal jorrava muita luz em cima da mesa comprida, uma mesa onde poderiam sentar umas trinta pessoas, feita especialmente para aquela sala. As cadeiras douradas tinham há pouco tempo sido restauradas com cetim verde, e o dourado e o verde se repetiam no tapete que ia de parede a parede, com um arabesco dourado num fundo verde. Aparadores dourados incrustados com malaquita verde se alinhavam na parede ao fundo, entre as longas janelas.

Senti novamente uma necessidade de me desculpar, talvez porque Lestat parecesse perdido em seus pensamentos, avaliando o lugar.

— Isso tudo é desnecessário, a Mansão Blackwood — eu disse a ele. — E como tia Queen e eu somos os únicos moradores, tenho a sensação de que a qualquer momento alguém vai aparecer e tomá-la de nós para utilizá-la de forma mais sensata. É claro que há outros membros da família... e há os empregados, que por sua vez são tão ricos que nem precisam trabalhar para ninguém.

Eu parei de falar de repente, com vergonha de estar tagarelando.

— E qual seria um uso mais sensato? — ele perguntou do mesmo jeito bem à vontade que adotara antes. — Por que a casa não devia ser o seu

lar?

Ele estava olhando para o enorme retrato da tia Queen quando jovem. Uma menina sorridente com um vestido de baile branco e sem mangas que podia ter sido pintada ontem, e não há setenta anos. E um outro retrato, de Virginia Lee Blackwood, mulher de Manfred, a primeira dama que morou na Mansão Blackwood.

O tempo castigara o retrato de Virginia Lee, mas o estilo era robusto e ligeiramente romântico, e a figura da mulher, loura de olhos azuis, tinha uma aparência muito franca e aberta, modesta, sorridente, com feições delicadas e um rosto inegavelmente bonito. Trajava-se no elegante estilo dos anos 1880, com um vestido de gola alta azul-céu, de mangas compridas bufantes nos ombros, o cabelo todo preso no alto da cabeça. Ela era a avó de tia Queen e eu sempre achei aqueles retratos parecidos, os olhos e o formato do rosto de ambas, embora outros afirmassem que não podiam se parecer. Porém...

E aqueles retratos representavam mais do que associações casuais para mim, especialmente o de Virginia Lee. Tia Queen eu ainda tinha comigo. Mas Virginia Lee... Estremeci mas reprimi aquelas lembranças distantes de fantasmas e coisas grotescas. Havia coisas demais tomando de assalto a minha cabeça.

— É, por que não seu lar, e depósito dos tesouros dos seus ancestrais? — Lestat observou inocentemente. — Não estou entendendo.

— Bem, quando eu era pequeno, minha avó e meu avô eram vivos ainda, e isto era uma espécie de hotel. Pousada, era assim que eles chamavam. Mas também serviam jantar aqui embaixo na sala de jantar. Muitos turistas vinham passar algum tempo aqui. Ainda temos a ceia de Natal todos

os anos, com corais que ficam na escada para os últimos cânticos de Natal, enquanto os convidados se reúnem aqui em baixo. Tudo parece muito útil em momentos como esses. Este ano eu dei uma ceia de Páscoa à meia-noite também, para eu poder comparecer.

Uma sensação do passado me abalou e me assustou com sua vitalidade. Eu prossegui, procurando cheio de culpa arrancar alguma coisa das lembranças mais remotas. Que direito tinha eu agora aos bons tempos, às boas lembranças?

— Eu adoro os corais — eu disse. — Costumava chorar com meus avós quando a soprano cantava “Noite feliz”. A Mansão Blackwood parece poderosa nessas horas. Um lugar capaz de mudar a vida das pessoas. Dá para notar que eu ainda estou muito ligado a ela.

— Como é que ela altera a vida das pessoas? — ele perguntou logo, como se tivesse ficado intrigado com a idéia.

— Ah, houve muitos casamentos aqui. — Minha voz ficou embargada. Casamentos. Uma lembrança hedionda, lembrança recente dominando tudo, uma lembrança vergonhosa, horrível... sangue, o vestido dela, o gosto do sangue... Mas expulsei aquela lembrança da minha mente.

— Lembro de casamentos adoráveis — eu continuei — e de banquetes de aniversários. Lembro de um piquenique no gramado para um homem idoso que estava completando noventa anos. Lembro que as pessoas retornavam para visitar o lugar onde haviam se casado.

Mais uma vez aquela lembrança terrível... uma noiva, uma noiva coberta de sangue. Minha cabeça flutuava.

Seu idiota, você a matou. Não devia matá-la, e olha só o vestido branco dela.

Não ia pensar nisso ainda. Não podia deixar que me torturasse ainda.

Ia confessar tudo para Lestat, mas não agora.

Eu tinha de continuar. Eu gaguejei. Mas consegui.

— Em algum lugar há um velho livro de visitas, com uma caneta de pena quebrada dentro dele, cheio de comentários daqueles que vinham e iam e vinham de novo. E ainda vêm. É uma chama que não se apagou.

Ele fez que sim com a cabeça e sorriu um pouco como se aquilo o agradasse. Depois olhou de novo para o retrato de Virginia Lee.

Um vago estremecimento passou por mim. Será que o retrato tinha mudado? Idéias vagas de que os olhos azuis dela tinham olhado para mim aqui embaixo. Mas ela nunca poderia voltar à vida para mim, não é? Claro que não. Era famosa por sua virtude e magnanimidade. O que ia querer comigo agora?

— E hoje em dia — eu continuei, me agarrando à minha pequena narrativa — eu me vejo adorando desesperadamente esta casa, e cultivando também todos os meus veículos mortais. A minha tia Queen eu quero bem acima de tudo. Mas há outros, outros que não devem nunca saber o que eu sou.

Ele me estudou com paciência, como se ponderasse essas coisas.

— A sua consciência está afinada como um violino — ele disse pensativo. — Você gosta mesmo de tê-los aqui, essas pessoas estranhas, os hóspedes do Natal e da Páscoa, sob seu próprio teto?

— É alegre — eu admiti. — Há sempre luz e movimento. Há vozes e a vibração surda da escada com gente subindo e descendo. Às vezes os hóspedes reclamam que a sopa está aguada, que o molho está empelotado, e antigamente a minha avó Sweetheart chorava diante de tais reclamações, e meu avô — Pops, como todos nós o chamávamos — em segredo socava a

mesa da cozinha, mas em geral os hóspedes adoram o lugar...

“... E de vez em quando aqui fica meio solitário, melancólico, triste, por mais brilhantes que sejam os candelabros. Eu acho que quando meus bisavós morreram e isso acabou eu senti uma... depressão profunda que parecia associada à Mansão Blackwood, mas só que eu não conseguia sair daqui, e não saí por vontade minha.”

Ele balançou a cabeça quando eu disse isso, como se compreendesse bem. Ele olhava para mim e eu olhava para ele. Ele me estudava, assim como eu o estudava.

Eu pensava em como Lestat era atraente, não podia evitar, com seu cabelo louro tão cheio e comprido, revirando graciosamente na ponta, na gola do paletó, e seus grandes e penetrantes olhos cor de violeta. Há pouquíssimas criaturas na terra com olhos verdadeiramente cor de violeta. A leve diferença entre os olhos dele não significava nada. A pele bronzeada de sol era perfeita. Do que ele via em mim com seu olhar inquiridor eu não fazia idéia.

— Sabe, você pode ficar vagando por esta casa — eu disse, ainda vagamente atônito de merecer o interesse dele, as palavras saindo ansiosas da minha boca de novo. — Pode-se andar de cômodo em cômodo e encontrar fantasmas. Às vezes até os turistas vêem os fantasmas.

— E isso os assusta? — ele perguntou com curiosidade sincera.

— Ah, não, eles acham o máximo estar numa casa mal-assombrada. Eles adoram. Vêem coisas onde não há nada. Pedem para ficar sozinhos em quartos assombrados.

Ele riu baixinho.

— Afirmam que ouvem sinos tocando, mas não há sino nenhum —

eu continuei, sorrindo para ele. — Sentem cheiro de café quando não há café, e o aroma de perfumes exóticos. De vez em quando acontecia de um ou dois hóspedes ficarem realmente assustados, daí faziam as malas e partiam imediatamente, mas em geral a reputação do lugar era o seu maior atrativo. E havia, é claro, aqueles que viam mesmo fantasmas.

— Mas você vê mesmo fantasmas — ele disse.

— Vejo — eu disse. — A maioria dos fantasmas são fraquinhos, pouco mais do que vapor, mas há exceções... — Eu hesitei e por um momento me perdi. Senti que minhas palavras poderiam provocar alguma aparição horrenda, mas queria muito confiar nele. Gaguejando eu continuei:

— Sim, exceções extraordinárias... — parei de falar.

— Quero que me conte — ele disse. — Você tem um quarto lá em cima, não tem? Um lugar tranquilo onde podemos conversar. Mas sinto mais alguém nesta casa.

Ele olhou para o hall de entrada.

— Sim, a tia Queen no quarto dos fundos — eu disse. — Levarei apenas um minuto falando com ela.

— É um nome curioso, tia Queen — ele observou, o sorriso alargando de novo. — É divinamente sulista, eu acho. Vai me levar para falar com ela também?

— Evidente que sim — eu respondi, sem a hesitação proveniente do bom senso. — O nome dela é Lorraine McQueen, e todo mundo por aqui a chama de Miss Queen ou tia Queen.

Fomos juntos para o hall e mais uma vez ele olhou para a escada em caracol.

Levei-o para o outro lado, suas botas batendo sonoras no mármore, e

chegamos à porta aberta do quarto da tia Queen.

Lá estava ela, minha querida, resplandecente, e muito atarefada, nem um pouco incomodada com a nossa chegada.

Estava sentada à mesa de mármore logo à direita da penteadeira, o conjunto formando o L em que ela se sentia mais feliz. A luminária de pé ali perto e os abajures cheios de babados sobre a penteadeira iluminavam maravilhosamente tia Queen, e ela estava com suas dezenas de camafeus espalhados à frente sobre o mármore e segurava sua lente de aumento com cabo de osso na mão direita.

Ela parecia terrivelmente frágil com seu robe branco de cetim, com o cinto e fivela na cintura minúscula, o pescoço bem protegido com um lenço de seda branco com as pontas enfiadas nas lapelas, e sobre o qual se aninhava seu colar preferido de diamantes e pérolas. O cabelo grisalho macio se encaracolava naturalmente em torno do rosto, e seus olhos pequenos transbordavam com um espírito exuberante enquanto ela estudava os camafeus. Embaixo da mesa, e onde o robe se abria, eu vi que ela estava usando seus perigosos sapatos de lantejoulas cor-de-rosa e salto alto. Eu quis chamar a atenção dela. Um perigo enorme, aqueles sapatos de salto alto.

Tia Queen parecia o nome perfeito para ela, e senti um orgulho instintivo dela, por ter sido o anjo da guarda da minha vida. Não tinha medo de que ela reconhecesse qualquer coisa anormal em Lestat, aquela pele bronzeada dele, a não ser, talvez, sua beleza excessiva. E estava felicíssimo com aquele momento, não tinha palavras para descrever.

O quarto todo formava um quadro adorável quando tentei vê-lo como Lestat estaria vendo, com a cama com dossel no fundo, à esquerda. Recentemente fora reformada, possuía barras recortadas de cetim cor-de-rosa,

enfeitadas com franjas mais escuras, e já estava arrumada, o que não acontecia sempre, com a pesada coberta de cetim, os falsos travesseiros e outras almofadas empilhadas. O sofá rosa e as poltronas espalhadas pelo quarto combinavam com os babados do dossel da cama.

Jasmine estava lá num canto, nossa governanta de toda a vida, cuja pele escura e sedosa e as feições finas davam-lhe uma beleza especial, como a de tia Queen. Ela parecia excepcionalmente elegante em seu vestido vermelho e sapatos de salto alto, com uma fileira de pérolas no pescoço. Fui eu que dei aquele colar de pérolas para ela, não foi?

Jasmine acenou para mim e voltou para a sua arrumação na mesa de cabeceira, e tia Queen levantou a cabeça e me cumprimentou.

— Quinn!

Com um leve sinal de prazer, Jasmine então parou o que estava fazendo e saiu do quarto, passando ao nosso lado.

Eu queria abraçar Jasmine. Fazia noites que não a via. Mas eu tinha medo. E então pensei, não, vou fazer isso pelo tempo que puder, e já me alimentei e estou satisfeito. Uma sensação gananciosa de bondade tomou conta de mim, a sensação de não estar amaldiçoado. Eu sentia amor demais. Recuei uns passos e abracei Jasmine.

Ela tinha um corpo maravilhoso, sua pele era da linda cor de leite com chocolate e seus olhos eram castanhos. O cabelo extremamente crespo, sempre bonito, louro oxigenado, era cortado bem rente à cabeça redonda.

— Ah, esse é o meu Patrãozinho — ela disse, me abraçando. Nós estávamos no lado escuro do hall. — Meu misterioso Patrãozinho — ela continuou, me apertando contra si, de forma que a cabeça dela encostava no meu peito. — Meu menininho errante, que eu raramente vejo.

— Você é a minha eterna namorada — eu sussurrei, beijando o topo de sua cabeça.

Com aquela proximidade toda, o sangue das mortas me foi muito útil. E além do mais, eu estava esperançoso e ligeiramente enlouquecido.

— Venha aqui, Quinn — chamou tia Queen, e Jasmine me largou gentilmente e foi para a porta dos fundos.

— Ah, você trouxe um amigo — disse tia Queen quando eu obedeci ao seu chamado, com Lestat ao meu lado.

O quarto dela estava mais quente do que o resto da casa. A voz da tia Queen não envelhecia, era bastante jovial, e ela falava com uma dicção impecável.

— É um prazer ver que você está acompanhado — ela disse. — E que belo jovem, alto e forte, você é — ela disse para Lestat, fazendo uma pose provocante adorável. — Venha aqui para que eu possa vê-lo. Ah, mas como é belo. Venha até a luz.

— E a senhora, minha cara dama, é uma visão — disse Lestat, com o sotaque francês mais acentuado, talvez para ficar mais enfático, inclinando o corpo por cima da mesa de mármore com seus camafeus espalhados, para beijar a mão dela.

Ela era mesmo uma visão, ninguém duvidava disso, o rosto corado e bonito apesar da idade. Não era emaciado e sim naturalmente anguloso, com lábios que ficavam mais finos com o passar do tempo, iluminados por um batom cor-de-rosa, e olhos, apesar das finas rugas em volta, que conservavam um azul muito vivo. Os diamantes e pérolas sobre o peito eram excepcionalmente belos, e ela usava diversos anéis com diamantes em suas mãos compridas.

As jóias sempre pareceram fazer parte do seu poder e dignidade, como se a idade tivesse lhe dado uma forte vantagem, e uma doce feminilidade também parecia ser um dos seus atributos.

— Venha aqui, meu rapaz — ela disse para mim.

Aproximei-me dela e me abaixei para receber seu beijo no rosto. Eu tinha esse hábito mesmo depois de chegar à espantosa altura de um metro e noventa, e ela muitas vezes de brincadeira segurava a minha cabeça e não a soltava mais. Dessa vez ela não fez isso. Estava distraída demais com a criatura sedutora de pé à frente de sua mesa, ainda estampando um sorriso cordial.

— E olhe só esse seu paletó — ela disse para Lestat. — Que maravilhoso. Ora, é uma sobrecasaca rodada. Onde conseguiu isso? E os botões de camafeus, que perfeição. Quer vir até aqui para eu poder vê-los? Já deve ter percebido que eu sou maníaca por camafeus. E agora, depois de todos esses anos, quase não penso em mais nada.

Lestat deu a volta na mesa enquanto eu me afastava. Tive medo de repente, muito medo, de que minha tia percebesse alguma coisa em Lestat, mas assim que essa idéia se formou em minha mente eu compreendi que ele tinha todo o controle da situação.

Então outro Bebedor de Sangue, o meu Criador, não tinha seduzido tia Queen daquele mesmo jeito? Por que eu teria tanto medo?

Ela examinou os botões, observando que cada um era uma musa diferente das Nove Musas Gregas, e enquanto isso Lestat olhava sorridente para ela, como se estivesse sinceramente encantado com ela, e eu o amei por isso. Porque tia Queen era a pessoa que eu mais amava neste mundo. Ter os dois ali juntos era mais do que eu podia suportar.

— Sim, uma verdadeira sobrecasaca — ela disse.

— Bom, eu sou músico, madame — Lestat disse a ela. — A senhora sabe que hoje em dia um músico de rock pode usar uma sobrecasaca se quiser, por isso me concedo esse gosto. Sou teatral e incorrigível. Verdadeiramente abominável quando o assunto é o exagero e a excentricidade. Gosto de eliminar todos os obstáculos quando entro em algum lugar, e tenho mania de coisas antigas.

— Sim, e tem toda razão de tê-la — ela disse, obviamente adorando Lestat, e ele recuou e juntou-se a mim diante da mesa. — Meus dois meninos lindos — ela observou. — Você sabe que a mãe de Quinn é cantora, só que não ousou dizer que tipo de cantora ela é.

Lestat não sabia, olhou curioso para mim e deu um sorriso levemente provocante.

— Música *country* — eu me apressei em dizer. — O nome dela é Patsy Blackwood. Tem uma voz poderosa.

— Um *country* meio diluído demais — disse tia Queen com certo tom de desaprovação. — Acho que ela chama de *country pop*, e isso pode significar muita coisa. Mas tem uma boa voz e de vez em quando escreve umas letras que não são de todo ruins. É boa nesse tipo de balada, lamento, quase celta, só que ela não sabe disso... mas, sabe, ela gosta mesmo é do *bluegrass*, com banjo e violino, e se ela cantasse o que gosta de cantar, em vez do que pensa que devia cantar, poderia conquistar a fama que tanto deseja.

Tia Queen suspirou.

Fiquei maravilhado, não só com a sabedoria de suas palavras, mas também com a curiosa deslealdade, porque a tia Queen jamais criticava pessoas da família. Mas alguma coisa parecia ter despertado dentro dela por

causa do olhar de Lestat. Talvez ele tenha jogado um certo encantamento nela, por isso ela estava revelando seus pensamentos mais íntimos.

— Mas e você, meu jovem? — ela disse. — Sou sua tia Queen a partir de agora e para sempre, claro. Como se chama?

— Lestat, madame — ele disse, pronunciando “*Les-dof*”, acentuando a segunda sílaba. — Também não sou muito famoso. E hoje em dia eu nem canto mais, só para mim mesmo quando dirijo meu Porsche preto que nem louco, ou quando corro por aí na minha motocicleta pelas estradas. Aí sou o próprio Pavarotti...

— Oh, mas você não deve correr! — tia Queen declarou com um súbito ataque de seriedade. — Foi assim que perdi o meu marido, John McQueen. Era um Bugatti novo, você deve conhecer um Bugatti... (Lestat fez que sim com a cabeça)... e ele tinha tanto orgulho do seu belo carro esporte europeu. Vivíamos correndo pelas estradas da Costa do Pacífico e, num dia ensolarado, sem uma nuvem no céu, cantando pneu nas curvas, descíamos para a região de Big Sur, e ele perdeu o controle da direção e voou direto pelo pára-brisa. Morreu assim. E eu recuperei os sentidos com uma multidão em volta de mim, a poucos centímetros de um precipício que mergulhava no mar lá embaixo.

— Aterrador — disse Lestat atencioso. — Foi há muito tempo?

— Claro que foi há décadas, quando eu era suficientemente tola para fazer coisas assim. E nunca mais me casei. Nós, os Blackwood, não nos casamos duas vezes. E John McQueen me deixou uma fortuna, o que não serviu de consolo, nunca mais conheci ninguém igual a ele, com tanta paixão e tantas ilusões felizes, mas acontece que eu também nunca procurei. — Ela balançou a cabeça lastimando. — Mas esse assunto é triste, essa história

toda, ele está enterrado no mausoléu dos Blackwood no cemitério Metairie. É um grande mausoléu, com uma pequena capela inspiradora, e logo eu estarei lá também.

— Oh, meu Deus, não — eu murmurei, com excesso de medo.

— Fique quieto — ela disse, olhando para mim. — E Lestat, meu querido Lestat, conte-me sobre suas roupas, seu gosto exótico e ousado. Eu adoro. Devo confessar que imaginá-lo com essa sobrecasaca, voando por aí numa motocicleta, é bem divertido mesmo.

— Ora, madame — ele disse, rindo um pouco —, a atração que eu sentia pelo palco e pelo microfone acabou, mas não desisti das roupas incrementadas. Não consigo me desfazer delas. Sou prisioneiro da moda caprichosa e na verdade esta noite estou vestido bem simplesmente. Para mim é fácil exagerar nas rendas e nas abotoaduras de brilhantes, e invejo esse casaco de couro que Quinn está usando. Acho que pode me chamar de gótico. — Ele olhou para mim com muita naturalidade, como se nós dois fôssemos simples humanos. — Eles não chamam as pessoas que se vestem com roupas antigas hoje de góticas, Quinn?

— Acho que sim — eu disse, tentando acompanhar.

Esse pequeno discurso de Lestat fez a tia Queen dar muita risada. Ela esqueceu John McQueen, que de fato havia morrido há muito tempo.

— Que nome incomum, Lestat — ela disse. — Tem algum significado?

— Nenhum, madame — respondeu Lestat. — Se não me falha a memória, e cada dia isso acontece mais, o nome é composto da primeira letra de cada um dos nomes dos meus seis irmãos, e conforme fui crescendo passei a alegremente desprezar todos eles — os irmãos e os nomes deles.

Mais uma vez tia Queen deu risada, surpresa e completamente seduzida.

— O sétimo filho — ela disse. — Ora. isso lhe confere um certo poder, e respeito profundamente essas coisas. E você fala com uma eloquência admirável. Parece ser um amigo ótimo e animador para Quinn.

— Essa é a minha ambição, ser um bom amigo dele — Lestat disse imediatamente, com toda sinceridade. — Espero não estar sendo invasivo.

— Nem pense nisso — disse tia Queen. — Você é bem-vindo em minha casa. Gosto de você. Sei que gosto. E você, Quinn, por onde andou ultimamente?

— Por aí, tia Queen — eu respondi. — Igual à Patsy nas minhas andanças, vagando por aí... eu não sei.

— E você me trouxe um camafeu? — ela perguntou. — É um hábito nosso, Lestat — ela explicou. — Já faz uma semana desde a última vez que você esteve neste quarto, Tarquin Blackwood. Eu quero o meu camafeu. Você tem de ter um. Não vou deixar que escape.

— Ah, é, sabe que eu quase esqueci — eu disse (e por um bom motivo!). Apalpei o bolso direito do meu casaco à procura de um pequeno embrulho de papel que tinha posto lá algumas noites antes. — Esse é de Nova York, um lindo camafeu de madrepérola.

Desembrulhei o papel e pus diante dela um dos maiores camafeus de madrepérola que ela já viu. A imagem era da parte branca da concha, naturalmente, e o fundo, rosa-escuro. O camafeu era perfeitamente oval, com uma moldura especialmente exótica de ouro 24 quilates recortado.

— Medusa — ela disse, obviamente satisfeita, identificando o perfil da mulher na mesma hora por causa da cabeça alada e das serpentes no lu-

gar dos cabelos. — E tão grande... e tão bem acabada...

— Assustador — eu disse. — A melhor Medusa que eu já vi. Observe a altura da asa, e o ponto cor de laranja na pontinha da asa. Eu queria trazê-lo antes. Devia ter trazido.

— Ah, nada disso, meu querido — ela disse. — Não se arrependa de não vir me ver. Acho que sou eterna. Você está aqui agora, e lembrou de mim. É isso que conta. — Ela olhou animada para Lestat. — Você conhece a história da Medusa, não conhece? — perguntou.

Lestat hesitou um pouco, apenas sorriu, obviamente queria que ela falasse mais do que ele. Estava radiante no enlevo que demonstrava por ela, e ela retribuía alegremente.

— A princípio de uma beleza rara e depois transformada em monstro — disse tia Queen, usufruindo imensamente daquele momento. — Com os olhos capazes de transformar homens em pedra. Perseu a procurou pelo reflexo no seu escudo polido, e depois que a matou o cavalo alado Pégaso nasceu das gotas de sangue que caíram do corpo decapitado no solo.

— E foi aquela cabeça — disse Lestat confidente — que Atena gravou depois em seu escudo.

— Isso mesmo — disse tia Queen.

— Um amuleto contra o mal — disse Lestat baixinho. — Foi nisso que se transformou depois de decapitada. Outra metamorfose fabulosa, creio eu, a beleza em monstro, o monstro em amuleto.

— Sim, você tem razão — disse tia Queen. — Um amuleto contra o mal — ela repetiu. — Venha aqui, Quinn, ajude-me a tirar esses diamantes pesados e pegue uma corrente de ouro para mim. Quero usar a Medusa no meu pescoço.

Era simples fazer o que ela pedia. Fui até a penteadeira, tirei o colar de diamantes, dei-lhe um beijo rápido no rosto e guardei o colar de diamantes na sua caixa de couro. Ela sempre ficava em cima da penteadeira, do lado direito. As correntes de ouro ficavam numa caixa na primeira gaveta, cada uma em uma bolsinha de plástico.

Delas escolhi uma corrente forte de ouro brilhante 24 quilates, com comprimento médio. Passei-a pela argola do camafeu e pus a corrente no pescoço dela, apertando bem o fecho.

Depois de mais uns dois beijinhos, muito empoados e parecidos com o beijo em uma pessoa feita do puro açúcar de confeiteiro, dei a volta e fiquei de novo na frente dela. O camafeu estava perfeitamente aninhado no lenço de seda e parecia ao mesmo tempo imponente e rico.

— Tenho de admitir — eu disse olhando para minha recente aquisição — que é realmente um senhor troféu. Esta Medusa parece o seu próprio eu maligno, não só uma menina bonita com asas e serpentes, e isso é raro.

— É — disse Lestat concordando —, e o amuleto é ainda mais poderoso por isso.

— Você acha? — tia Queen perguntou para ele. A dignidade de minha tia combinava mais com o camafeu do que com os diamantes escandalosos. — Você é um jovem interessante — ela continuou, falando com Lestat. — Você fala devagar, refletindo, e o timbre da sua voz é profundo. Eu gosto. Quinn era um rato de biblioteca e devorou livros de mitologia assim que aprendeu a ler, o que, devo observar, aconteceu bem tarde. Mas você, como conhece mitologia, pois certamente conhece, não é? E obviamente alguma coisa sobre camafeus também, a julgar pelo casaco.

— O conhecimento entra e sai da minha cabeça — disse Lestat com o olhar de tristeza sincera e balançando a cabeça. — Eu o devoro e então o perco, e às vezes não consigo recorrer a nenhum conhecimento que devia possuir. Fico desolado, mas então o conhecimento retorna, ou eu o procuro em uma nova fonte.

Eles estavam se entendendo tão bem aqueles dois, eu achei incrível. E então senti uma pontada de uma lembrança amarga novamente, do meu Criador, sua presença assustadora, aquela presença amaldiçoada, um dia se entendendo com a tia Queen naquele mesmo quarto e com a mesma facilidade. O assunto também tinha sido camafeus. Camafeus. Mas este era Lestat, não meu Criador, não aquele ser abominável. Este era o meu herói embaixo do meu teto.

— Mas então você gosta de livros — dizia tia Queen. Eu tinha de prestar atenção.

— Ah, sim — disse Lestat. — Às vezes eles são a única coisa que me mantém vivo.

— Que coisa para dizer na sua idade — ela disse dando risada.

— Não, podemos ficar desesperados com qualquer idade, não acha? Os jovens são uns eternos desesperados — ele disse francamente. — E os livros oferecem uma esperança, a de que todo o universo possa se abrir entre suas páginas e, mergulhando nesse universo, estaremos salvos.

— Ah é, eu acho que sim, certamente — respondeu tia Queen, quase animada demais. — As pessoas deviam ser assim, e às vezes são. Imagine só, cada pessoa nova, um universo inteiro. Acho que podemos permitir isso? Você é inteligente e perspicaz.

— Acho que não queremos permitir — disse Lestat. — Somos inve-

josos demais, e medrosos também. Mas devíamos permitir e então a nossa existência seria deslumbrante, passando de uma alma para outra.

Tia Queen riu com muita alegria.

— Ah, mas você não existe — ela disse. — De onde saiu? Ah, eu queria que o professor de Quinn, Nash, estivesse aqui. Ele ia gostar demais de você. Ou que o pequeno Tommy não estivesse fora, na escola. Tommy é o tio de Quinn, o que pode levar a uma conclusão errada, já que Tommy tem apenas quatorze anos, e há também o Jerome. Onde está o pequeno Jerome? Provavelmente dormindo profundamente. Ah, terá de ser só eu mesma...

— Mas por favor, diga-me, Miss Queen — pediu Lestat —, por que gosta tanto assim de camafeus? Esses botões aqui, não posso dizer que os escolhi com muito cuidado, e nem fico obcecado com eles. Não sabia que eram as Nove Musas até a senhora dizer, e por isso sou seu devedor. Mas a senhora tem aqui um belo caso de amor. Como foi que começou?

— Não está vendo com seus próprios olhos? — ela perguntou, oferecendo para ele um camafeu com as Três Graças que ele inspecionou mais de perto e depois o pôs respeitosamente diante dela de novo.

— São obras de arte — disse tia Queen — de um tipo especial. São quadros, pequenos quadros completos, isso é o que importa. Pequenos, intrincados e intensos. Vamos usar a sua metáfora do universo inteiro mais uma vez. É isso que encontramos em muitos desses.

Ela estava empolgada.

— Podemos usá-los, mas eles não perdem o valor por isso. Você mesmo mencionou o encantamento deles — ela tocou a Medusa no peito. — E é claro que descubro algo exclusivo em cada um que adquiro. Na ver-

dade a variedade de camafeus é infinita. Olhe só — ela disse, estendendo a Lestat um outro camafeu. — Está vendo? É uma cena mítica de Hércules lutando com um touro, e há uma deusa atrás dele e uma graciosa figura feminina na frente. Nunca vi outro igual a esse, apesar de ter centenas de cenas mitológicas.

— Eles são intensos, sim — disse Lestat. — Concordo plenamente, e são realmente divinos.

Ela procurou um pouco e depois pegou outro grande camafeu de madrepérola para mostrar a ele.

— Este é de Rebeca à beira do poço — ela disse. — Uma cena comum representada nos camafeus, que vem da Bíblia, do livro do Gênesis, quando Abraão enviou um mensageiro para encontrar uma esposa para seu filho Isaac, e Rebeca foi ao encontro desse mensageiro no poço do vilarejo.

— Sim, eu conheço a história — Lestat disse calmamente. — E também é um excelente camafeu.

Ela olhou ansiosa para ele, para os olhos e para as mãos, com suas unhas brilhantes.

— Esse foi um dos primeiros camafeus que eu vi — ela disse, tirando o camafeu da mão dele — e foi com Rebeca à beira do poço que a minha coleção começou. Eu ganhei ao todo dez camafeus com exatamente esse mesmo tema, Rebeca à beira do poço, só que todos diferentes no modo de esculpir, e tenho todos eles aqui. E há uma história também, é claro.

Ele estava obviamente curioso, e parecia ter todo o tempo do mundo.

— Conte-me — ele disse simplesmente.

— Ah, mas que comportamento, o meu! — ela exclamou subitamen-

te. — Deixar vocês dois aí de pé como se fossem meninos desobedientes diante do diretor. Perdoem-me, e sentem-se, por favor. Que burrice a minha, ser tão relapsa no meu próprio *boudoir*! Que vergonha!

Eu já ia protestar, dizer que não era necessário, mas vi que Lestat queria conhecê-la, e ela estava se divertindo tanto...

— Quinn — ela disse —, traga essas cadeiras para cá. Faremos uma roda, Lestat, para eu poder contar a história.

Eu sabia que não havia o que discutir. Além do mais eu estava animado demais de ver que aqueles dois gostavam um do outro. Eu estava enlouquecido de novo.

Quanto às cadeiras, fiz o que ela mandou, atravessei o quarto, peguei duas cadeiras de espaldar reto da mesa redonda onde tia Queen escrevia, que ficava entre as duas janelas dos fundos, e pus as cadeiras bem onde Lestat e eu estávamos, para ficar de frente para ela.

E ela mergulhou no relato.

— Aconteceu aqui mesmo neste quarto, onde fiquei conhecendo a paixão pelos camafeus — ela disse, com os olhos dançando entre nós dois e depois se fixando com firmeza em Lestat. — Eu tinha nove anos e meu avô estava morrendo aqui, um velho terrível, Manfred Blackwood, o grande monstro da nossa história, o homem que construiu esta casa, um homem de quem todos tinham medo. Meu pai, seu único filho homem vivo, William, tentou me manter longe dele, mas um dia, quando o velho animal estava sozinho, ele me viu espiando por aquela porta.

“Ele ordenou que eu entrasse e eu fiquei com muito medo de não obedecer, e também curiosa. Ele estava sentado onde eu estou agora, só que não havia nenhuma penteadeira aqui. Apenas essa poltrona, e ele estava sen-

tado nela, com um cobertor no colo, as duas mãos sobre sua bengala de cabo de prata. O rosto dele estava coberto pela barba áspera por fazer, ele usava uma espécie de babador, e babava pelo canto da boca.

“Ah, que maldição viver até aquela idade para ficar gagá como ele era, babando feito um buldogue. Penso num buldogue toda vez que lembro dele. E a propósito, o quarto de um enfermo naqueles dias, por mais bem cuidado que fosse, não era um quarto de doente de hoje! Fedia, acreditem em mim. Se eu chegar a ficar tão velha assim e começar a babar, Quinn tem a minha permissão expressa de estourar meus miolos com o meu revólver com cabo de madrepérola, ou de me afogar em morfina! Lembre disso, meu rapaz.”

— É claro — eu respondi, piscando para ela.

— Ah, seu diabinho, estou falando sério... vocês não imaginam como é repugnante, e tudo que eu peço é permissão para rezar o meu rosário antes de você executar a minha sentença, e depois eu vou.

Ela olhou para os camafeus, olhou em volta e depois para Lestat.

— O velho, ah, sim, o velho... ele tinha os olhos vidrados antes de me ver, resmungava sozinho, até que começou a resmungar para mim. Havia ao lado dele uma pequena cômoda onde diziam que guardava o seu dinheiro, mas não me lembro como fiquei sabendo disso.

“Como eu estava dizendo, o velho perverso disse que eu entrasse, depois destrancou a primeira gaveta daquela cômoda, tirou uma pequena caixa de veludo, deixou cair sua bengala no chão e pôs a caixa na minha mão. ‘Abra isso e depressa’, ele disse, ‘porque você é a minha única neta e quero dar isso para você, e sua mãe é tola demais para querê-lo. Eu disse depressa.’

“Bem, eu fiz exatamente o que ele pediu e lá dentro estavam todos esses camafeus, e achei-os fascinantes, com todas aquelas pessoas minúsculas neles e suas molduras douradas.

“‘Rebeca à beira do poço’, ele disse. ‘Todos sobre a mesma história, Rebeca à beira do poço.’ E depois ele disse: ‘Se disserem que eu a matei, estarão dizendo a verdade. Ela não se satisfazia com camafeus e diamantes e pérolas, ela não. Eu a matei, ou, mais precisamente, e é hora de dizer a verdade, eu a arrastei para a morte.’

“Claro que fiquei chocada com essas palavras, mas em vez de reagir com desconfiança ou ficar horrorizada, apenas me impressionei com o fato de ele estar dizendo aquelas coisas para mim. E ele continuou falando, a baba escorrendo do canto da boca até o queixo. Eu devia tê-lo ajudado a secar o rosto, mas eu era jovem demais para fazer algo assim tão caridoso.

“‘Naquele tempo’, ele disse para mim, ‘ela usava essas blusas de renda de gola alta, e os camafeus pareciam preciosos no pescoço dela. Ela estava tão linda na primeira vez que a trouxe aqui. Todas são tão preciosas no início, e depois ficam tão podres... Exceto a minha pobre e morta Virginia Lee. Minha adorável, inesquecível, Virginia Lee. Queria que ela vivesse para sempre, a minha Virginia Lee. Mas as outras, podres, pode acreditar em mim, gananciosas e sempre podres.’

“‘Mas ela foi a pior das minhas decepções’, ele contou, fixando em mim seus olhos maus. Ele disse ‘Rebeca, e Rebeca à beira do poço, foi *ele* que me deu o primeiro camafeu para ela, quando ouviu o nome dela, contou-me a história, e foi *ele* que comprou os outros, todos de Rebeca, todos presentes para ela, ele disse, e *ele* sendo o malvado espião que era, sempre nos observando, todos vieram dele, todos esses camafeus, para dizer a ver-

dade, *dele*, apesar de não haver marca nenhuma, e você é apenas uma criança.”

Tia Queen fez uma pausa, olhando em silêncio para Lestat para se certificar, eu acho, de que tinha platéia, e quando viu que nós dois estávamos atentos, ela continuou.

— Lembro de todas aquelas palavras e no meu coração de menina é claro que eu queria aqueles camafeus encantadores. Eu os queria, a caixa toda! Por isso segurei com força enquanto ele continuava a falar, rosnando suas palavras, talvez até mordendo-as. é difícil dizer. “Ela aprendeu a amar os camafeus”, disse o velho animal, “desde que pudesse continuar a sonhar e ficar contente ao mesmo tempo. Mas as mulheres não possuem o dom do contentamento. E foi *ele* que a matou para mim, um sacrifício sangrento, era isso que ela era, uma oferenda para ele, pode-se dizer, e eu digo, mas fui eu que a arrastei para isso. E não foi a primeira vez que eu levei alguma pobre alma infeliz para aqueles grilhões sangrentos.”

Eu estremeci. Aquelas palavras tocaram uma corda profunda e obscura em mim. Eu tinha muitos segredos que pesavam sobre mim como muitas pedras. Não podia fazer nada senão escutar, num vago transe, enquanto ela contava a história.

— Lembro daquelas palavras “para aqueles grilhões sangrentos” — disse tia Queen — e todas as outras palavras que ele disse. Ela não me deu escolha, ele continuou, para dizer a verdade. Ele estava quase berrando. “Agora você pegue esses camafeus”, ele disse para mim, “e use-os, não importa o que pensa de mim. Eu tenho aí algo doce e caro para lhe dar, e você é apenas uma menininha e minha neta, e é assim que eu desejo que seja.”

“Claro que eu não sabia o que dizer a ele”, tia Queen continuou. “A-

cho que nem por um segundo eu acreditei que ele fosse um assassino de verdade, e certamente não conhecia aquele estranho cúmplice ao qual ele se referia, o *ele* de quem falava com tanto mistério. Nunca descobri quem era esse homem, até hoje. Mas ele sabia. E continuou a falar como se eu tivesse lancetado uma ferida. ‘Sabe, eu confessei um milhão de vezes’, ele disse, ‘para o padre e para o xerife, e nenhum dos dois acreditou em mim, e o xerife disse simplesmente que ela estava morta há trinta e cinco anos, e que eu estava imaginando tudo, e quanto a *ele*, e daí se o ouro dele construiu essa casa, ele é um mentiroso, uma fraude e me deixou essa casa como uma prisão, como um mausoléu, e não posso mais ir ter com ele, apesar de saber que ele está lá, está lá na ilha de Sugar Devil, eu posso senti-lo, sinto seus olhos em mim à noite, quando ele se aproxima. Não posso pegá-lo. Nunca consegui. E não posso mais sair para amaldiçoá-lo cara a cara, estou velho demais agora, e fraca demais.’

“Ah, era um poderoso mistério”, disse tia Queen. ‘E daí se o ouro dele construiu essa casa?’ Guardei segredo de tudo que ele disse. Não queria que a minha mãe levasse os camafeus embora. Ela não era uma Blackwood, claro, e era isso que sempre diziam dela, que ela não era uma Blackwood, como se isso explicasse sua inteligência e bom senso. Mas a questão era que meu quarto lá em cima estava cheio de coisas. Era fácil esconder os camafeus. Eu os tirava à noite, olhava para eles e eles me enfeitiçavam. E assim começou a minha obsessão.

“Ora, o meu avô, alguns meses depois disso, simplesmente se levantou, saiu do seu quarto, foi cambaleando até o embarcadouro, pôs-se numa barça e remou pelo pântano de Sugar Devil. Claro que os peões da fazenda berravam para ele parar, mas ele continuou e desapareceu. E ninguém

mais o viu, nunca mais. Ele desapareceu para sempre.”

Um tremor sorrateiro se apossou de mim, talvez mais um tremor do coração do que do corpo. Eu olhava para ela, e suas palavras corriam como se escritas em fitas sendo puxadas de dentro da minha cabeça.

Ela balançou a cabeça. Mexeu com a mão esquerda no camafeu de Rebeca à beira do poço. Eu jamais ousaria ler a mente dela, seria tão absurdo quanto bater nela ou dizer-lhe alguma grosseria. Esperei ansioso e cheio de um antigo pavor.

Lestat parecia calmamente enlevado, esperando que ela recomeçasse a falar, e de fato ela recomeçou.

— É claro que com o tempo eles acabaram declarando meu avô oficialmente morto, e muito antes disso, quando ainda procuravam por ele, apesar de ninguém saber como chegar à ilha, e ninguém jamais encontrou a ilha, eu contei para a minha mãe tudo que ele tinha dito. Ela contou para o meu pai. Mas eles não quiseram saber da confissão de assassinato do velho, nem do seu estranho cúmplice, o misterioso *ele*, só se interessaram em saber que meu avô deixara muito dinheiro em numerosas caixas de depósitos, em diversos bancos.

“Bom, talvez, se meu pai não fosse um homem tão simples e prático, ele teria investigado, mas não quis saber, e nem a minha tia, a única outra filha de Manfred. Aqueles dois não viam fantasmas.”

Tia Queen fez essa observação como se Lestat naturalmente considerasse aquilo peculiar.

— E eles estavam convencidos, os dois, de que a Fazenda Blackwood devia ser explorada e devia dar dinheiro. Passaram essa noção para o meu irmão Gravier, bisavô de Quinn, e ele passou para Thomas, avô de

Quinn, e foi isso que esses homens fizeram, os três, trabalhar, trabalhar, trabalhar na Fazenda Blackwood o tempo todo, e as mulheres deles faziam a mesma coisa, sempre na cozinha, sempre demonstrando amor com comida, eles eram assim. Meu pai, meu irmão e meu sobrinho eram todos verdadeiros homens do campo.

“Mas havia sempre o dinheiro, o dinheiro do velho, e todo mundo sabia que ele havia deixado uma fortuna, que não tinham sido as vacas leiteiras, nem as árvores que dão óleo de tungue que fizeram essa casa tão esplêndida. Foi o dinheiro que meu avô deixou. O governo não se importava como faz hoje em dia. Quando essa casa finalmente passou a ser minha, eu pesquisei todos os registros, mas não encontrei nenhuma menção do misterioso *ele*, nem de qualquer tipo de sócio nos negócios do meu avô.”

Ela deu um suspiro, olhou para o rosto curioso de Lestat e continuou, a voz acelerando um pouco à medida que o passado se revelava.

— Agora, quanto à bela Rebeca, meu pai realmente tinha lembranças terríveis dela, e minha tia também. Rebeca tinha sido uma amante escandalosa do meu avô, trazida para esta casa depois da morte da santa mulher dele, Virginia Lee. A própria madrasta má, essa Rebeca, jovem demais para ser maternal e violentamente cruel com meu pai e minha tia, que eram apenas crianças pequenas, e má também com todos os outros.

“Diziam que à mesa de jantar, à qual deixavam que ela sentasse, com sua péssima educação, ela recitava os versos secretos da minha pobre tia Camille só para mostrar para ela que tinha entrado no quarto dela e lido seus escritos, e uma noite, apesar de ser muito gentil, tia Camille Blackwood levantou-se da mesa e derramou uma tigela inteira de sopa no rosto de Rebeca.”

Tia Queen parou para suspirar por causa dessa antiga violência e depois continuou.

— Todos detestavam Rebeca, pelo menos era isso que dizia a história. Minha pobre tia Camille. Ela poderia ter sido outra Emily Dickinson ou Emily Brontë, se aquela peste da Rebeca não tivesse revelado sua poesia. Minha pobre tia Camille, ela rasgou tudo depois que aqueles olhos leram e aqueles lábios recitaram, e nunca mais escreveu um verso sequer. Cortou seu cabelo comprido por despeito e queimou-o na lareira.

“Mas um dia, depois de muitas discussões terríveis à mesa de jantar, aquela cruel Rebeca de fato desapareceu. E como ninguém gostava dela, ninguém quis saber por quê, nem como. As roupas dela foram encontradas no sótão, diz Jasmine, e Quinn também. Imagine só. Um baú ou dois com as roupas de Rebeca. Quinn examinou-os. Quinn trouxe mais camafeus desses baús. Quinn insiste que devemos ficar com eles. Eu nunca teria trazido os camafeus aqui para baixo. Sou supersticiosa demais para isso. E as correntes!...”

Ela deu uma olhada íntima e significativa para mim. As roupas de Rebeca. Eu estava todo arrepiado.

Tia Queen suspirou, olhou para o chão, depois para mim de novo, e sussurrou:

— Perdoe-me, Quinn, por falar tanto assim. E especialmente sobre Rebeca. Não quero aborrecê-lo com essas velhas histórias de Rebeca. Talvez seja melhor esquecer Rebeca. Por que não faz uma fogueira com as roupas dela, Quinn? Acha que está frio neste quarto, o suficiente para acender um fogo de verdade na lareira? — Ela riu descartando a sugestão assim que terminou de dá-la.

— Essa conversa incomoda você, Quinn? — Lestat perguntou em voz baixa.

— Tia Queen — eu disse —, nada que diga pode me incomodar, não precisa se preocupar com isso. Eu falo o tempo todo sobre fantasmas e espíritos. Por que me aborreceria quando alguém fala de coisas verdadeiras, sobre Rebeca, se ela viveu mesmo e era tão cruel com todo mundo? Ou sobre a tia Camille e suas poesias. Acho que o meu amigo aqui não sabe o quanto passei a conhecer Rebeca. Mas contarei para ele, se ele quiser, uma história ou duas mais tarde.

Lestat fez que sim com a cabeça e disse alguma coisa concordando.

— Eu quero sim — ele disse.

— Parece que quando alguém vê fantasmas, por qualquer motivo, essa pessoa precisa falar disso — disse tia Queen. — E certamente eu entendo isso.

Alguma coisa subitamente se abriu em mim.

— Tia Queen, você conhece minhas conversas sobre fantasmas e espíritos melhor do que qualquer um, exceto talvez Stirling Oliver — eu disse calmamente. — Estou falando do meu velho amigo da Talamasca porque ele também sabia. E seja qual for o juízo que faz de mim, você sempre foi gentil, sempre me respeitou, o que eu agradeço de todo o meu coração...

— É claro — ela disse rapidamente e de forma decisiva.

— Mas você realmente acreditou no que eu contei sobre o fantasma de Rebeca? — eu perguntei. — Nem agora eu sei. As pessoas encontram milhões de maneiras de não acreditar nas nossas histórias de fantasmas. E a fascinação das pessoas com os fantasmas varia, e nunca soube muito bem qual era a sua opinião. Agora é um bom momento para perguntar, não é

mesmo? Já que você está com o espírito de contadora de histórias.

Eu estava ruborizando, sabia que estava, e a minha voz desafinava de um jeito que eu não estava gostando. Oh, as trovoadas dos fantasmas e suas conseqüências. Queria que elas me distraíssem de Stirling Oliver nos meus braços letais e da noiva ensangüentada deitada na cama. Trapalhadas, trapalhadas!

— Eu acho — ela disse suspirando, olhando de Lestat para mim e para Lestat outra vez. — Ora, o seu amigo aqui vai pensar que entrou numa casa de lunáticos se não pararmos logo com isso. Mas Quinn, diga que você não voltou à Talamasca. Nada me aborrece mais do que isso. Vou lamentar esta noite em que contei tais histórias para você e para o seu amigo se isso fizer com que você volte para eles.

— Não, tia Queen — eu respondi.

Mas sabia que havia chegado ao meu limite quanto ao que eu conseguiria esconder se aquela dolorosa conversa continuasse. Procurei com calma alegrar-me novamente com o fato de estarmos juntos ali, mas a minha mente estava repleta de imagens aterradoras. Eu estava sentado completamente imóvel, procurando manter meu coração calmo.

— Não vá para aquele pântano, Quinn — disse tia Queen, repentinamente, pedindo como se fizesse isso do mais profundo da sua alma. — Não vá para aquela maldita ilha de Sugar Devil. Conheço seu espírito aventureiro, Quinn. Não se orgulhe da sua descoberta. Não vá. Você deve ficar longe daquele lugar.

Eu estava magoado, mas não era culpa dela. Rezei para logo poder confessar a Lestat ou a qualquer pessoa deste mundo que os avisos dela chegavam tarde demais. Um dia tinham sido ditos a tempo, mas um véu

cobrira todo o passado, com sua impetuosidade e sensação de invencibilidade. O misterioso *ele* não era mistério nenhum para mim.

— Não pense nisso, tia Queen — eu disse com o maior carinho. — O que seu pai disse para você? Que não havia nenhum demônio do pântano de Sugar Devil.

— Ah é, Quinn — ela respondeu —, mas acontece que meu pai nunca partiu numa barcaça naquelas águas escuras para vagar por aquela ilha como você faz. Ninguém jamais encontrou aquela ilha antes de você, Quinn. Não era a natureza do meu pai, e não era a natureza do seu avô fazer qualquer coisa assim tão pouco prática. Ah, ele caçava perto das margens e pegava pitu, e fazemos isso agora. Mas ele nunca foi procurar aquela ilha, e eu quero que você pare com isso agora.

Senti intensamente que tia Queen precisava de mim, vivido como nunca sentira antes.

— Eu a amo demais para deixá-la — eu fui logo dizendo e as palavras saíram de mim antes de pensar exatamente o que significavam. E ainda disse do mesmo jeito apressado: — Nunca vou deixá-la, eu juro.

— Meu querido, meu amor querido — ela disse pensativa, brincando com os camafeus, alinhando as Rebecas à beira do poço, uma, duas, três, quatro e cinco.

— Eles não têm mancha nenhuma, tia Queen — eu disse, olhando para aqueles camafeus especiais, lembrando que um fantasma definitivamente pode usar um camafeu.

E pensei, será que os fantasmas tinham escolha? Será que um fantasma pilhava seus baús no sótão?

Tia Queen balançou a cabeça e sorriu.

— Meu menino, meu lindo menininho — ela disse.

Então ela olhou para Lestat novamente. O comportamento e a amabilidade dele para com ela não tinham mudado nem um pouco.

— Sabe, Lestat, eu não posso mais viajar — ela disse bem séria e suas palavras me entristeceram. — E às vezes tenho o pensamento horrendo de que minha vida acabou. Tenho de compreender que estou com oitenta e cinco anos. Não posso mais calçar meus adorados sapatos de salto alto, pelo menos não fora deste quarto.

Ela olhou para os próprios pés, que nós ainda podíamos ver claramente, nos sapatos perigosos de lantejoulas dos quais ela tanto se orgulhava.

— Até para ir a Nova Orleans é complicado, visitar os joalheiros que sabem que sou colecionadora. Apesar de ter lá atrás a maior limusine que se pode imaginar, certamente a maior limusine da paróquia, e cavalheiros como motoristas para mim, para acompanhar a mim e à Jasmine, a querida Jasmine, claro. Mas por onde você andou esses dias, Quinn? Parece que se eu acordo em uma hora civilizada e marco um encontro, ninguém sabe onde você está.

Eu estava confuso. Era uma noite de constrangimentos. Senti que estava tão distante dela quanto perto, e pensei no Stirling outra vez, no gosto do sangue dele e em como eu tinha chegado perto de devorar sua alma, e imaginei de novo se Lestat tinha lançado algum tipo de encantamento em nós dois, na tia Queen e em mim, para nos privar completamente de malícia.

Mas eu estava gostando. Confiava em Lestat e tive uma súbita idéia maluca: se ele ia me machucar, jamais teria chegado tão longe ouvindo as histórias da tia Queen.

Tia Queen prosseguiu com adorável animação, a voz mais agradável, apesar das palavras ainda serem tristes.

— Então fico aqui sentada com meus pequenos talismãs — ela disse — e assisto a meus filmes antigos, esperando que Quinn apareça, mas compreendendo se ele não vem. — Ela apontou para a grande televisão à nossa esquerda. — Procuro não ficar amarga por causa das minhas fraquezas. Minha vida foi muito rica, muito completa. Meus camafeus me fazem feliz. Foi sempre assim. Coleciono camafeus desde aquele dia há tanto tempo. Estão entendendo o que eu quero dizer?

— Estou — disse Lestat. — Entendo perfeitamente. Estou contente de tê-la conhecido. E contente de ser recebido na sua casa.

— É um modo pitoresco de se expressar — ela disse, obviamente enfeitiçada por ele, e seu sorriso se iluminou e seus olhos profundos também. — Mas você é muito bem-vindo aqui.

— Obrigado, madame — respondeu Lestat.

— Tia Queen, meu querido — ela insistiu.

— Tia Queen, gosto muito de você — ele respondeu com simpatia.

— Vão agora, vocês dois — ela disse. — Quinn, ponha as cadeiras de volta no lugar porque você é grande e forte, e Jasmine terá de arrastá-las pelo tapete, e vocês estão livres, vocês dois, meus jovens, e estou arrasada porque terminei essa conversa tão animada com um tom de tristeza.

— Com um tom grandioso — disse Lestat enquanto se levantava e eu levava as duas cadeiras com facilidade de volta para perto da mesa. — Não pense que não foi uma honra privar das suas confidências — ele continuou. — Acho que é uma grande dama, se me permite, na verdade uma dama encantadora.

Ela deu uma risada de prazer, e quando dei a volta e fiquei na frente da mesa de novo e vi seus sapatos brilhando como se os pés dela fossem imortais e pudessem levá-la para qualquer lugar, subitamente me senti imune a todo decoro, ajoelhei e me abaixei para beijar os sapatos dela.

Na verdade eu fazia sempre isso com ela, acariciava seus sapatos e os beijava para provocá-la, e gostava da sensação do pé dela, e os beijava também, a pele coberta pelo náilon fino, muitas vezes e agora, mas fazer aquilo na frente de Lestat era uma ousadia muito divertida para ela. E ela não parava de rir, uma risada adorável, suave e aguda ao mesmo tempo, que me lembrava um campanário cheio de sinos de prata contra o céu azul, tocando sem controle.

Eu me levantei e ela disse:

— Vão agora. Dispensio oficialmente os dois de comparecerem aqui. Vão embora.

Fui beijá-la de novo e ela pôs a mão delicadamente no meu pescoço. Uma sensação cortante de mortalidade me enfraqueceu. As palavras que ela tinha dito sobre sua idade ecoavam nos meus ouvidos. E tive consciência de uma acalorada mistura de emoções — que ela sempre me fez sentir seguro, mas que agora eu não sentia que ela estava em segurança, por isso a minha tristeza ganhou força.

Lestat fez uma pequena mesura para ela e saímos do quarto.

Jasmine estava esperando no corredor, uma sombra carinhosa e paciente, e ela perguntou em que lugar da casa eu estaria. A irmã dela, Lolly, e a avó delas, Grande Ramona, estavam na cozinha, prontas para preparar qualquer coisa que nós quiséssemos.

Eu disse que no momento não precisávamos de nada. Que não se

preocupasse. E que eu ia subir para os meus aposentos.

Ela confirmou que a enfermeira de tia Queen viria mais tarde, um raio de sol com um aparelho de tirar pressão chamada Cindy, com quem tia Queen provavelmente assistiria ao filme daquela noite, que já tinha sido anunciado e era *Gladiator*, dirigido por Ridley Scott. Jasmine, Lolly e Grande Ramona obviamente assistiriam ao filme também.

Pela vontade da tia Queen, e nada a impedia de satisfazê-la, talvez convidasse mais umas duas enfermeiras para o filme. Tinha o hábito de ficar logo amiga das suas enfermeiras, de inspecionar fotografias dos filhos delas, e de receber cartões de aniversário delas, e de reunir à sua volta o maior número possível de tais auxiliares jovens.

Naturalmente tia Queen tinha seus próprios amigos, espalhados pelos bosques e ao longo das estradas no campo, na cidade e fora dela, mas eram idosos como ela e raramente podiam vir passar a noite com ela. Essas damas e cavalheiros ela encontrava no clube e eles almoçavam juntos. A noite pertencia a ela e à sua corte.

Eu tinha sido um cortesão constante antes de o Sangue das Trevas se tornar um fato. Mas desde essa época eu passei a ir e vir sem regularidade, um monstro entre inocentes, assediado e enfurecido pelo cheiro de sangue.

E assim Lestat e eu a deixamos, e a noite — apesar de eu ter quase assassinado Stirling, de ter me alimentado sem consciência de uma mulher anônima, e de ter ouvido tia Queen contar suas histórias — era ainda uma criança.

Lestat e eu nos aproximamos da escada e ele fez sinal para eu subir na frente.

Por um momento pensei ter ouvido o roçar de Goblin. Achei que

sentia sua indefinível presença. Fiquei perfeitamente imóvel, desejando de todo o meu coração que ele se afastasse de mim, fosse para bem longe, como se fosse Satã.

As cortinas da sala de estar estavam se mexendo? Pensei ouvir a música suave das pedras dos candelabros. Que concerto fariam se todas vibrassem juntas. E ele tinha executado tais truques, talvez sem querer, porque ele que um dia fora tão silente agora ia e vinha com certa falta de jeito, talvez mais do que ele jamais saberia.

Qualquer que fosse o caso, ele não estava perto de mim agora.

Nada de espíritos, nada de fantasmas. Apenas o ar frio e limpo da casa saía dos dutos de ar com o som suave de uma brisa leve.

— Ele não está conosco — Lestat disse em voz baixa.

— Você tem certeza disso? — eu perguntei.

— Não, mas você tem — ele respondeu. E ele tinha razão.

Segui na frente pela escada em caracol. E tive certeza de que, pelo bem ou pelo mal, agora eu teria Lestat só para mim.

O CORREDOR DO ANDAR SUPERIOR TINHA três portas na parede à direita, e, como a escada ficava na parede da esquerda, só duas daquele lado. A primeira porta à esquerda era a da minha suíte, que tinha o comprimento de dois quartos, e a última porta à esquerda dava para o quarto dos fundos da casa.

Lestat perguntou se podia ver alguns quartos, e eu disse que podia ver quase todos. Dois dos três quartos à direita estavam vagos naquele momento — um pertencia ao meu tio Tommy, que estava num internato na Inglaterra, e o outro ficava sempre reservado para a irmã dele, Brittany. Os aposentos eram típicos cada um com sua cama de dossel do século XIX e o baldaquim habitual, enfeites de veludo ou tafetá e poltronas e sofás confortáveis apesar de extravagantes, bem parecidos com os do quarto de tia Queen no andar de baixo.

O terceiro quarto, que era proibido, pertencia à minha mãe, Patsy, que eu esperava não encontrar.

Cada console de mármore das lareiras, um branco como a neve e o outro preto e dourado, tinha detalhes distintos, e havia espelhos com molduras douradas para qualquer lado que nos virássemos. Havia também imensos retratos pomposos dos ancestrais, William e sua mulher, a graciosa Grace, Gravier e sua mulher, a abençoada Alice, e Thomas, que chamávamos de Pops, e Sweetheart, minha avó, cujo verdadeiro nome era Rose.

A iluminação de teto vinha de candelabros a gás, com braços de bronze e cúpulas de cristal cortado para as lâmpadas, mais comuns, porém

mais aconchegantes do que os suntuosos candelabros de cristal do primeiro andar.

Quanto ao último quarto da esquerda, este também estava aberto, arrumado e limpo, mas pertencia ao meu professor Nash Penfield, que naquele momento estava completando alguma pesquisa para seu doutorado em inglês numa universidade na Costa Oeste. Sua cama de dossel tinha babados de seda azul, a mesa dele estava limpa e vazia, a sua espera, e as paredes do seu quarto, como do meu, eram cheias de livros. A lareira, também como a minha, tinha um par de poltronas, uma de frente para a outra, elegantes e bem usadas.

— Os hóspedes sempre ficavam do lado direito do corredor — eu expliquei. — Nos tempos do hotel, e aqui no quarto de Nash, dormiam meus avós, Sweetheart e Pops. Nash e eu passamos o ano passado quase todo lendo Dickens um para o outro. Não fico muito à vontade com ele, mas até agora as coisas têm funcionado bem.

— Mas você gosta desse homem, não gosta? — perguntou Lestat.

Ele me seguiu até o quarto. Educadamente inspecionou as estantes de livros.

— É claro que gosto dele. Porém mais cedo ou mais tarde ele pode descobrir que há algo de errado em mim. Até agora eu tive muita sorte.

— Essas coisas dependem muito de sangue-frio — disse Lestat. — Você se surpreenderia de ver o que os mortais são capazes de aceitar se simplesmente nos comportássemos como humanos. Mas você já sabe disso, não sabe?

Ele voltou a examinar os livros respeitosamente, sem tirar nada do lugar, apenas apontando.

— Dickens, Dickens e mais Dickens — ele disse, sorrindo. — E aparentemente todas as biografias que já foram escritas sobre o homem.

— É, e eu lia em voz alta para Nash, romance após romance, algumas vezes bem ali diante da lareira. Líamos livros inteiros e depois eu simplesmente passava a ler qualquer outro livro, *A velha loja de curiosidades*, ou *A pequena Dorrit*, ou *Grandes esperanças*, e a linguagem era deliciosa, eu ficava fascinado, era como você disse para tia Queen. Você explicou muito bem. Era como mergulhar num universo, sim, era isso mesmo.

Parei de falar, percebi que ainda estava meio zozinho por ter estado com tia Queen, por ele ter sido tão solícito com ela. E quanto a Nash, eu sentia falta dele e queria que voltasse logo.

— Ele era um excelente professor — Lestat sugeriu gentilmente.

— Ele era meu professor em todas as matérias — eu confessei. — Se posso ser chamado de um homem culto, e não sei se posso, isso se deve aos três mestres que tive, uma mulher chamada Lynelle, Nash e tia Queen. Nash me ensinou como ler de verdade, e como assistir aos filmes, e como admirar até as maravilhas da ciência, que eu temo e detesto. Nós o seduzimos com um alto salário e uma grande viagem pela Europa para que ele deixasse sua vida acadêmica, e foi muito bom para nós. Ele costumava ler para tia Queen, o que ela simplesmente adorava.

Fui até a janela que dava para o jardim de pedra atrás da casa e para a distante construção de dois andares com cerca de sessenta metros de comprimento. Havia uma varanda em toda a extensão do segundo andar, com colunatas bem espaçadas sustentando-a desde o térreo.

— Aquela construção lá fora é o barracão, como chamamos — eu expliquei. — Chamamos nossos queridos empregados de homens do barra-

cão. São os faz-tudo, são mensageiros, motoristas e seguranças, e eles se reúnem lá atrás no salão deles.

“Lá está o carrão de tia Queen, e o meu carro... que não uso mais. Ouço os homens do barracão agora. Tenho certeza de que você pode ouvi-los também. Há sempre dois na propriedade. Eles fariam qualquer coisa no mundo pela tia Queen. Fariam qualquer coisa neste mundo por mim.

“No andar de cima, você pode ver as portas, os quartos são pequenos, se comparados a estes, quero dizer, mas também bem mobiliados com as camas com dossel e cômodas antigas e as poltronas de cetim que tia Queen adora. Os hóspedes também ficavam lá antigamente e pagavam menos, é claro, do que pagavam para ficar na casa grande.

“E era lá que a minha mãe, Patsy, costumava ficar quando eu era pequeno. Patsy morou lá desde que me lembro. Lá embaixo foi onde ela praticou sua música pela primeira vez, lá à esquerda, aquela era a garagem dela — o estúdio de Patsy — mas ela não pratica mais e agora fica no quarto da frente, logo ali mais adiante no corredor. Ela está muito doente ultimamente.”

— Você não a ama, não é? — perguntou Lestat.

— Tenho muito medo de matá-la — eu disse.

— O que disse? — ele perguntou.

— Tenho muito medo de matá-la — eu repeti. — Eu a desprezo e quero matá-la. Eu sonho com isso. Queria não sonhar. É apenas um mau pensamento que aparece na minha cabeça.

— Então venha, Irmãozinho, leve-me para o lugar onde quer conversar — ele disse, e senti a suave pressão dos seus dedos no meu braço.

— Por que você é tão bom comigo? — eu perguntei a ele.

— Você está acostumado a pagar para as pessoas serem boas com você, não é? — ele perguntou. — Você nunca teve muita certeza sobre Nash, quer dizer, se ele gostaria tanto de você se não fosse pago para isso. — Os olhos dele varreram o quarto como se o quarto falasse de Nash para ele.

— Um bom salário e benefícios podem deixar uma pessoa confusa — eu disse. — Acho que nem sempre desperta o melhor nas pessoas. Mas no caso de Nash? Acho que sim. Ele levou quatro anos para escrever sua tese, mas é uma ótima tese, e depois que ele passar nas provas ele ficará satisfeito. — Minha voz tremia e eu estava detestando isso. — Ele sentirá que não depende de nós, e isso será bom. Ele voltará e fará companhia para a tia Queen. Voltará a ler para ela. Você sabe que agora ela não consegue mais ler direito. Ela vai adorar. Mas posso esperar que isso aconteça, pelo bem dela. Ele a levará a todos os lugares aonde ela quiser ir. É tudo pelo bem dela. Ele é um homem bonito.

— Você está enfrentando tentações enormes — disse Lestat, semi-cerrando os olhos e me examinando.

— Tentações enormes? — perguntei, chocado e até um pouco enojado. — Não está pensando que eu me alimentaria daqueles a quem amo, está? Quero dizer, sei que cometi esse erro colossal com o Stirling, foi terrível o que fiz. Stirling ficou por um fio, mas fui pego de surpresa e fiquei apavorado, com medo de Stirling saber o que eu sou, pelo fato de me conhecer, entende, e que Stirling compreendesse...

Pego de surpresa. Vestido ensangüentado, noiva ensangüentada. Seu idiota, você não deve matá-los quando são inocentes, e bem na noite do casamento dela. Ela é a única noiva que você terá.

— Não foi isso que eu quis dizer — respondeu Lestat, levando-me

de volta a mim mesmo, para longe da minha angústia. — Venha. Para o seu quarto agora, certo, Irmãozinho? Onde podemos conversar. E você tem um apartamento com dois cômodos junto à escada.

Fui dominado pela calma e também por uma expectativa tranqüila e feliz, como se ele tivesse ordenado isso.

Ele foi na frente e eu o segui em silêncio.

Ele entrou na minha sala de estar, que ficava na frente da casa, e tivemos uma boa vista do meu quarto pela porta dupla de correr que estava aberta, e lá estava a minha cama enorme e luxuosa, o baldaquim coberto de cetim vermelho, e as poltronas vermelhas combinando, fofas e convidativas, espalhadas entre quarto de dormir e de estar, e entre as janelas da frente da sala de estar, minha mesa e meu computador. A televisão gigante, na qual eu era viciado como qualquer pessoa, ficava em diagonal num canto da parede.

Embaixo do candelabro do teto ficava a mesa de centro com suas duas poltronas de frente uma para a outra, e era ali que eu costumava sentar, bem ereto e muito confortavelmente, para ler. Escrevia ali no meu diário enquanto assistia à televisão com um olho só. Era ali que eu queria estar com Lestat. Não nas duas poltronas perto da lareira, que ficava apagada nessa época do ano.

Vi logo que tinham ligado meu computador.

Lestat sentiu que eu estava assustado e então ele também viu a mensagem flutuando com letras tridimensionais verdes sobre o fundo preto do monitor:

LESTAT NÃO.

A simples visão daquilo foi como um soco no estômago e, no mesmo instante, desliguei a máquina.

— Goblin — disse Lestat, e eu concordei com um movimento da cabeça enquanto vigiava para ver se a máquina ia ligar de novo, mas não ligou.

Uma série violenta de arrepios percorreu meu corpo. Dei meia-volta. Tive uma vaga noção de que Lestat estava do lado oposto da mesa de centro e me observava, mas mal podia prestar atenção nele. As cortinas pesadas das janelas da frente estavam balançando, e o candelabro no teto tinha começado a mexer. Ouvi aquela música fraquinha tinindo das cápsulas de vidro e de suas contas. Minha visão ficou enevoada.

— Afaste-se de mim — sussurrei. — Não vou ver você. Vou fechar meus olhos, eu juro.

E foi o que fiz, apertei bem os olhos como uma criança fingindo que dorme, mas perdi o equilíbrio e tive de abrir os olhos para não cair.

Vi Goblin de pé à minha direita, opaco, em detalhes, minha duplicata... e o computador estava ligado e o teclado sendo usado, uma série de sílabas sem sentido apareciam na tela do monitor, e um vago ronco saía dos pequenos alto-falantes do computador.

Tentei fechar os olhos de novo, mas estava seduzido demais por ele, o duplo completo de mim, até do meu casaco de couro e calça preta, e a expressão de louco dele que certamente não refletia a minha. Os olhos dele cintilavam com maldade e triunfo, e o sorriso parecia o de um palhaço.

— Eu estou dizendo para você ir embora, Goblin — eu disse, mas isso só fez aumentar o poder dele, e então a imagem começou a encolher e a aumentar.

— Deixe-me pegá-lo! — disse Lestat com urgência. — Dê-me permissão para dar-lhe uma lição.

Meio confuso eu não consegui responder, apesar de ouvir Lestat implorar outra vez. Senti o aperto em volta de mim, como se uma serpente se enrolasse no meu corpo, foi isso que imaginei, e minha visão falhou, desfez-se nos violentos arrepios que eu não conseguia controlar. Senti as minúsculas picadas em todo o meu rosto e nas costas das mãos, tentei levantar as mãos para impedir, mas minhas mãos doíam. Cada pedacinho da minha pele descoberta doía, até a minha nuca.

Fui dominado pelo pânico, como se atacado por um enxame de abelhas. Atacaram até minhas pálpebras, e eu sabia que tinha caído no chão, mas não podia me orientar. Sentia o tapete embaixo da minha mão e não conseguia me levantar.

— Irmãozinho, deixe-me pegá-lo — Lestat pediu outra vez. E ouvi minha própria voz como se fosse a de outra pessoa.

— Maldito — eu disse. — Pegue-o.

Mas então eu tive aquela sensação magnética de união, Goblin e eu, indivisíveis, e eu vi o quarto ensolarado mais uma vez, a criança num cercado de madeira cheio de brinquedos espalhados, um menininho de cabelo encaracolado, de macacão, que eu sabia ser eu mesmo, e ao lado dele seu duplo, os dois rindo juntos, sem problema nenhum... veja as flores vermelhas no chão, olhe para o raio de sol, veja a colher voando, rodopiando no ar formando um arco... e logo depois disso se embaralharam outras imagens e momentos ao acaso: risadas na sala de aula e todos os meninos olhando para mim e apontando e murmurando, e eu dizendo *Ele está bem aqui, acreditem em mim*, a mão dele na minha mão esquerda e eu escrevendo com lápis de cera com aqueles rabiscos dele, te amo, Goblin e Tarquin... e os choques puramente elétricos de prazer me deixaram sem corpo, sem alma. Eu estava

rolando no chão, não estava?

— Goblin — acho que sussurrei. — Aquele a quem pertenco e a quem sempre pertenci. Ninguém pode compreender, ninguém pode imaginar.

Goblin, Goblin, Goblin.

O prazer chegou ao clímax com indizível doçura e foi diminuindo em ondas de êxtase concreto.

Ele estava indo embora, me deixando frio, machucado e sozinho, furiosa e tragicamente sozinho... ele estava me abandonando.

— Pegue-o!

Eu disse aquelas palavras com toda a força, com medo de não serem audíveis, e então meus olhos se abriram, e em cima de mim vi a imagem de mim mesmo, o rosto tremulando e grotesco, e de repente ela se transformou em pequenos pontos de fogo!

Lestat tinha enviado o Dom do Fogo para queimar o sangue que ele havia tirado de mim, e ouvi o gemido silencioso de Goblin, seu urro furioso, sem som.

Ah não, isso não estava certo, meu Goblin não, como eu podia ter feito aquilo, como eu podia tê-lo traído! O grito dele era como uma sirene. Uma chuva de cinzas minúsculas caiu em cima de mim, na verdade pareciam jogadas sobre mim, e o urro dele cresceu novamente, perfurando meus tímpanos.

O ar cheirando a queimado, como o cheiro de cabelo humano pegando fogo, e a imensa imagem disforme pairava no ar, se unindo novamente no meu duplo sólido por um momento decisivo e assustadoramente opaco, me desafiando, xingando... *Demônio malvado, Quinn, malvado!*

Man. Man!... E depois se foi, escapou pela porta, fazendo as correntes do candelabro ranger e as lâmpadas piscar, provocando um vento rodopiante nos painéis de renda das janelas enquanto o silêncio e a quietude ocupavam o quarto.

Eu estava no chão. As luzes piscando eram insuportáveis. Lestat ajudou-me a levantar e arrumou o meu cabelo num gesto carinhoso.

— Não pude fazer — ele disse — até ele sair de você, porque ele estando com você o Fogo poderia queimá-lo também.

— Eu sei — eu disse. Eu estava febril. — E eu nunca pensei em fazer isso, em puni-lo, mas agora pense só como ele aprende. Ele é rápido. Ele já sabe o que é óbvio para mim e para você, sem dúvida, que se eu tentar queimá-lo, se um de nós tentar isso de novo, ele se une comigo e faz o fogo me queimar também.

— Talvez ele faça isso — disse Lestat, levando-me para a cadeira de espaldar reto ao lado da mesa. — Mas acha que ele quer que você morra?

— Não, ele não pode querer isso — respondi. Eu estava sem ar, como se tivesse corrido. — Ele tira sua vida de mim. O que ele era antes de eu nascer nem posso imaginar. Mas é o meu pensamento, o meu amor, que o fazem forte agora. E, maldição, não consigo deixar de amá-lo, parar de sentir que o estou traindo, e ele se alimenta disso!

As luzes pararam de piscar. As cortinas de renda estavam imóveis. Arrepios subiam e desciam pela minha espinha. Com um ruído de estática nos alto-falantes, o computador subitamente desligou.

Gaguejando eu contei para Lestat sobre a imagem que tinha visto, eu mesmo no cercado, o velho linóleo do chão que devia ser o da cozinha, Goblin comigo, e que não era algo que eu lembrava, mas que sabia ser ver-

dade.

— Ele já me mostrou essas imagens antes quando me atacou, imagens de mim quando era pequeno.

— E isso nesses anos todos?

— Não, só depois do Dom das Trevas... com esses ataques, quando eu me uno com ele, como faria com uma vítima mortal. É o Sangue das Trevas. Transformou-se na moeda da memória, o sangue vampírico. Ele quer que eu saiba que ele tem essas lembranças de uma época em que eu o via e dava força para ele com essa visão, antes mesmo de eu aprender a falar.

Lestat havia se instalado na poltrona do outro lado da mesa e, por uma fração de segundo, dominou-me uma superstição em relação ao fato de ele estar de costas para a porta do corredor.

Fui até lá e fechei a porta, voltei e desliguei o computador da tomada e perguntei se podíamos virar as poltronas. Lestat me segurou quando eu ia fazer isso.

— Seja paciente, Irmãozinho — ele disse. — A criatura tirou seu equilíbrio mental.

Sentamos de novo, de frente um para o outro, Lestat de costas para a frente da casa e eu de costas para o meu quarto.

— Ele quer ser um Caçador de Sangue, não está vendo? — eu disse. — Estou apavorado com ele e com o que possa vir a fazer.

Olhei para o candelabro para ver se as lâmpadas estavam piscando. Não estavam. Olhei para o computador para saber se a tela do monitor estava apagada. Estava.

— Ele não tem como se transformar num Caçador de Sangue — dis-

se Lestat calmamente. — Pare de tremer, Quinn. Olhe nos meus olhos. Estou aqui com você agora. *Estou aqui para ajudá-lo, Irmãozinho!* Ele foi embora, e depois de queimar daquele jeito não acredito que volte, pelo menos por um bom tempo.

— Mas será que ele sente dor física? — eu perguntei.

— Claro que sente. Ele sente o sangue e o prazer, não sente?

— Eu não sei. Ah, espero que esteja certo — eu disse, quase chorando. “Irmãozinho”, eu adorava aquelas palavras, eu as cultivava, e como eram doces, doces como tia Queen me chamando para sempre de menininho.

— Controle-se, Quinn — disse Lestat. — Você está caindo.

Ele segurou as minhas mãos. Senti a rigidez da sua carne. Eu fazia idéia da força que ele tinha. Mas ele era gentil e a sua pele parecia sedosa, seus olhos, totalmente bondosos.

— Mas a história antiga das Crônicas — eu disse — dos primeiros vampiros, de como eram humanos até um espírito entrar neles. O que impede que isso aconteça de novo?

— Nunca mais aconteceu, até onde eu sei — disse Lestat. — E agora estamos falando de milhares de anos atrás, de uma época anterior ao antigo Egito. Muitos Caçadores de Sangue, como você os chama, vêem espíritos, e muitos humanos também. E como vamos saber o que realmente aconteceu no início? Só sabemos o que nos contaram, pela tradição, que foi um poderoso espírito que entrou em um humano através de muitos ferimentos fatais. Você acha que o seu Goblin tem o poder ou a astúcia para executar uma fusão tão perfeita?

Tive de admitir que ele não tinha.

— Mas quem ia imaginar que ele poderia beber de mim? — eu perguntei. — Quem ia imaginar que ele faria isso? Na noite em que fui feito, meu

Criador disse que Goblin ia me deixar, que os espíritos tinham uma aversão aos Caçadores de Sangue e que logo eu ficaria sozinho. Nada de companheiros fantasmas para você, ele disse. E ele disse com maldade. Porque não conseguia vê-los, sabe? Ah, que demônio ele era!

Lestat fez que sim com a cabeça. Os olhos dele estavam cheios de compaixão.

— Em geral é assim — ele disse. — Os fantasmas se afastam de Bebedores de Sangue, como se alguma coisa em nós, e é compreensível, os apavorasse. Não sei qual é a explicação para isso, mas você sabe que nem sempre é assim. Há muitos vampiros que vêem espíritos, mas eu não sou um deles, apenas em poucas ocasiões excepcionais, devo confessar.

— Você quer dizer que não consegue ver Goblin realmente — eu disse.

— Eu disse logo na primeira vez que não podia vê-lo — disse Lestat pacientemente. — Não antes que ele bebesse o sangue. Então vi sua imagem definida pelo sangue. Foi a mesma coisa dessa vez e mandei o Fogo para queimar aquele sangue. Agora, e se ele o atacasse de novo? Acho que aquelas chamas minúsculas não iam queimar você. Não havia força suficiente. Mas só para garantir vou usar o outro poder se ele voltar, um poder que você também tem, que é o Dom da Mente, como alguns chamam, não para ler a mente dele, mas para empurrá-lo, para mandá-lo embora com a força telecinética até ele ficar tão cansado de se defender que não vai mais conseguir se manter e terá de fugir.

— Mas como posso empurrar uma coisa que não é matéria? — eu perguntei.

— Ele é matéria — Lestat me corrigiu. — Só que é feito de uma matéria que não entendemos. Pense melhor.

Eu assenti com um movimento de cabeça.

— Eu tentei empurrá-lo para longe — confessei. — Mas acontece alguma coisa, acontece alguma coisa com o meu raciocínio, e ele me ataca, e o prazer começa a funcionar, o prazer cheio de culpa de que ele e eu somos um só, e os arrepios não param, como se minha alma ficasse arrepiada, e há um ritmo zombeteiro nisso, um ritmo latejante, e eu me torno escravo dele.

Senti uma deliciosa dormência me dominando enquanto eu falava sobre isso, algum vestígio do tremor da união. Olhei para as minhas mãos. Todos os minúsculos furos tinham cicatrizado. Passei a mão no rosto e vi aquelas lembranças de novo. Senti como era enorme o meu conhecimento íntimo de Goblin, senti uma dependência inabalável.

— Ele se tornou meu vampiro — eu disse. — Ele se alimenta em mim, ele se tranca em mim. Eu sou... sim, sou escravo dele.

— E um escravo que deseja livrar-se do seu senhor — disse Lestat pensativo. — Esse prazer cheio de culpa fica mais forte a cada ataque? — ele perguntou.

— Sim, fica mais forte — confessei. — Sabe, durante anos, anos importantes da minha vida, ele foi meu único amigo. Foi antes de Nash Penfield chegar. Antes da vinda da minha professora Lynelle. E mesmo quando Lynelle estava aqui, éramos sempre Goblin e eu juntos o tempo todo. Nunca aceitei qualquer um que não tolerasse minhas conversas com Goblin. Patsy detestava. Patsy é minha mãe, lembra? Algumas vezes era uma comé-

dia perfeita, mas era assim mesmo. Patsy batia o pé e gritava “Se você não parar de falar com esse maldito fantasma, eu vou embora!” Já a tia Queen é muito paciente, tão paciente que eu poderia jurar que houve momentos, apesar de a tia Queen não admitir, em que ela deve ter visto Goblin também.

— Mas por que ela não admitiria? — ele perguntou.

— Todos achavam que Goblin me prejudicava. Todos pensavam que não deviam estimular aquilo, compreende? Por isso não queriam que eu conversasse com a Talamasca, porque achavam que Stirling e a Talamasca iriam incentivar essa minha maldita capacidade de ver fantasmas e espíritos. Por isso se qualquer um deles visse Goblin, se meus avós Sweetheart e Pops o viram alguma vez, nunca disseram nada.

Lestat pareceu pensar nisso algum tempo. E mais uma vez notei aquela pequena diferença entre os olhos dele. Tentei tirar essa idéia da cabeça, mas um olho estava muito mais brilhante do que o outro, e definitivamente manchado de sangue.

— Acho que é hora de ler a carta que você escreveu para mim, não acha? — ele disse.

— Talvez seja — foi tudo que consegui dizer.

Ele tirou o envelope do bolso interno da casaca, rasgou com cuidado a ponta, deixou o camafeu de ônix deslizar para a palma da sua mão direita, e então sorriu.

Olhou rapidamente várias vezes da imagem branca em baixo-relevo para mim, de mim para a imagem, depois alisou-a suavemente com o polegar.

— Posso ficar com isso? — ele perguntou.

— É um presente meu para você, se quiser — eu disse. — Sim, é pa-

ra você. É de quando eu pensava que não íamos nos conhecer pessoalmente. Mas sim, fique com ele. Foi feito para a tia Queen, devo confessar, mas depois do Sangue das Trevas eu não queria dar para ela. Mas não sei por que estou falando sem parar sobre tal coisa. É uma honra para mim você ter pedido para ficar com ele. É seu.

Ele guardou o camafeu no bolso da casaca, abriu a carta e leu com atenção, pelo menos foi essa a impressão que tive.

Lá estava o meu pedido de que ele me ajudasse a destruir Goblin, e eu implorando para ele ter paciência por eu ter ousado entrar em Nova Orleans à procura dele, e o relato de como eu tinha conhecido e amado a Talamasca, uma confissão que fazia o sangue subir à minha face quando eu pensava em Stirling e no que eu quase tinha feito esta noite mesmo. Lá estava a minha admissão do quanto amava tia Queen e de como eu queria me despedir dela, se Lestat resolvesse me punir com a morte por desobedecer às suas regras.

Descobri naquele momento que grande parte do conteúdo da carta tinha sido revelado para Lestat de outras maneiras, e que o que ele estava segurando não passava de um documento formal do que já sabia.

Respeitosamente ele dobrou as folhas da carta e as guardou no bolso como se quisesse ficar com ela, mas eu não sabia para quê. O envelope ele deixou de lado.

Ficou olhando para mim por um longo tempo, o rosto com um ar sincero e generoso, que parecia uma expressão natural para ele, e então falou.

— Sabe, eu estava farejando Stirling Oliver quando me deparei com você. Eu sabia que ele estava invadindo a minha casa, ele já fez isso mais de

uma vez, e achei que já era hora de assustá-lo um pouco. Não tinha certeza de como faria, mas não tinha intenção nenhuma de revelar-me para ele, só que então encontrei você, que já ia transformar o pequeno susto em fatalidade para o Sr. Oliver, e foi da sua mente confusa que fiquei sabendo do seu motivo para estar ali.

Eu balancei a cabeça e apressei-me em explicar.

— Ele não tinha a intenção de fazer mal algum, você viu. Nem sei dizer o quanto agradeço por ter me impedido de continuar. Acho que eu não poderia sobreviver ao fato de tê-lo matado. Tenho certeza disso. Poderia ter sido o fim para mim, e estou apavorado com a minha falta de jeito, com o fato de uma morte como aquela... Mas você deve compreender que ele não vai nos fazer mal, a nenhum de nós...

— Ah, sim, agora você está querendo salvá-lo da destruição. Pare de se preocupar. A Talamasca passou dos limites, eu já disse. Além do mais, dei-lhes o que eles queriam há muito tempo, você não entende?

— Sim, a possibilidade de vê-lo, de falar com você.

— Correto, e eles vão ficar ruminando isso, enviarão cartas para os Anciãos, mas eu sei perfeitamente que não podem nos fazer mal. E ele e seu grupo não virão até aqui à sua procura. Eles são honrados demais. Mas você deve me dizer agora, caso os tenha subestimado, se você dorme de dia em um lugar seguro.

— Muito seguro — fui logo dizendo. — Na ilha de Sugar Devil, que ninguém jamais conseguiu encontrar. Mas você tem razão, Stirling cumprirá a promessa dele de não vir me procurar. Acredito totalmente nele. Por isso foi tão terrível eu tê-lo quase machucado, quase ter tirado a vida dele.

— E seria para acabar com ele? — ele perguntou. — Você não con-

segue se controlar depois que começa?

Eu estava arrasado.

— Eu não sei até onde vai o meu controle. Na noite em que fui criado eu cometi um erro, tirei uma vida inocente...

— Então esse foi um erro do seu Criador — ele retrucou. — Ele devia estar ao seu lado, ensinando.

Eu fiz que sim com a cabeça.

— Vamos supor que eu realmente fosse acabar com Stirling, mas eu não estava só com medo dele, com medo de que ele soubesse quem eu era, eu estava faminto pela morte dele. Não tenho certeza do que eu ia fazer. Ele me enfrentava com uma elegância intelectual. Ele tem isso, elegância intelectual. Sim, acho que eu ia tirar a vida dele. Esta vontade se misturava com o amor que sinto por ele. Eu seria amaldiçoado eternamente por isso. e teria encontrado algum jeito de me matar de uma vez. Sou maldito por quase ter feito isso. Sou amaldiçoado por tudo. Eu vivo, eu vivo com idéias de fatalidade.

— Como assim? O que quer dizer? — ele perguntou, mas não ficou surpreso com o que eu disse.

— É como se eu estivesse para sempre nas garras dos Últimos Sacramentos, ou ditando o Último Testamento. Eu morri na noite em que o meu Criador me trouxe para o lado de cá. Sou como um dos fantasmas patéticos da Mansão Blackwood, que não sabe que está morto. Não posso voltar à vida.

Ele concordou, ergueu uma sobancelha e depois abaixou.

— Ah, bom, você sabe que isso é muito melhor para uma longa existência do que ter um comportamento imprudente e irresponsável.

— Não, eu não sabia — eu disse. — O que eu sei é que tenho você aqui, que você me ajudou com Goblin e que você viu o que Goblin é capaz de fazer. Você entende que Goblin tem de ser... tem de ser destruído. E talvez eu também.

— Você não tem a menor idéia do que está dizendo — ele disse calmamente. — Você não quer ser destruído. Você quer viver para sempre. Simplesmente não quer matar por isso, é só.

Agora eu sabia que ia chorar.

Tirei meu lenço do bolso e sequei os olhos e o nariz. Não virei de costas para fazer isso. Seria covardia demais. Mas abaixei os olhos sem abaixar a cabeça, e quando voltei a olhar para ele pensei: que criatura extraordinariamente bela ele era.

Apenas seus olhos já chamariam a atenção pela beleza, mas ele era dotado de muito mais, a espessa cabeleira loura, a boca grande e bem feita e uma eloqüente expressão de compreensão e também de inteligência, e sob a luz do candelabro ele era um ídolo do cinema pairando na minha frente, arrancando-me de mim mesmo para um momento incomensurável no qual eu admirava a sua aparência sem que ele soubesse ou pudesse dar-se conta disso.

— E você, meu atemporal — ele disse com a voz suave e nenhum tom de acusação. — Vejo você aqui no seu ambiente exótico de espelhos e ouro, de calor humano e riqueza visíveis, mas privado de tudo em essência por causa de algum demônio descuidado que o deixou órfão e apreensivo, não, torturado, escondido entre os mortais dos quais ainda precisa desesperadamente.

— Não — eu disse. — Eu fugi do meu Criador. Mas agora estava à

sua procura, por isso o tenho aqui, mesmo que seja apenas por esta noite, mas eu te amo, do mesmo jeito que amo tia Queen, e Nash, e Goblin, sim, tanto quanto amei Goblin, eu te amo. Perdoe-me. Não consigo me conter.

— Não há o que perdoar — disse Lestat. — A sua cabeça está cheia de imagens e eu as vejo piscando e se amontoando no seu cérebro à procura de uma narrativa, por isso você tem de me contar, precisa me contar toda a sua vida, mesmo o que pensa que não é importante, conte-me tudo. Deixe jorrar sua história e então vamos julgar juntos o que será feito com Goblin.

— E eu? — eu perguntei. Eu estava efusivo. Estava enlouquecido. — Nós vamos julgar o que vai acontecer comigo?

— Não permita que eu o assuste tanto, Irmãozinho — ele disse com a voz mais bondosa. — A pior coisa que vou fazer com você é deixá-lo, desaparecer da sua vida como se nunca tivéssemos nos encontrado. E não estou pensando nisso agora. Ao contrário, estou pensando em conhecê-lo, pensando que gosto de você e que comecei a querer protegê-lo, e que a sua consciência brilha muito para mim. Mas diga, eu já não o decepcionei? Certamente você não me vê agora como o herói que um dia imaginou que eu fosse.

— Como assim? — perguntei, espantado. — Você está aqui, está aqui comigo. Você salvou Stirling. Você evitou um desastre.

— Não consegui destruir seu violento fantasma — ele disse com um dar de ombros amigável. — Nem sou capaz de vê-lo, e você contava comigo. E joguei o Fogo nele com todo poder que eu tenho.

— Ah, mas você apenas começou — eu respondi. — Você vai me ajudar com ele, não vai? Vamos dar um jeito nisso juntos.

— É, é exatamente isso que vamos fazer. Esse fantasma é suficien-

temente forte para ameaçar os outros, não tenho dúvida disso. Se ele pode enfrentar você como fez, pode atacar os outros, até aí eu sei, e sei também que ele obedece à gravidade, o que, para os nossos objetivos, é um bom sinal.

— Como assim, gravidade? — eu perguntei.

— Ele sugou o ar quando saiu de você. Ele é matéria. Eu disse a você. Ele tem alguma química do mundo físico. Todos os fantasmas podem ser matéria. Mas há outros que conhecem isso melhor do que eu. Só uma vez eu vi um fantasma humano, conversei com um fantasma humano, passei uma hora com um fantasma, e fiquei quase louco de tanto pavor.

— Sim — eu disse. — Foi Roger, não foi? Ele apareceu para você na Crônica chamada *Memnoch o Demônio*. Eu li que você conversou com ele e ele o persuadiu a cuidar da filha mortal dele, Dora. Eu li cada palavra. Acreditei em tudo. Acreditei que você viu Roger e que estive no Céu e no Inferno.

— E era para acreditar mesmo — ele disse. — Eu nunca menti naquelas páginas, apesar de ser outro que escreve o que eu dito. Eu estive com Memnoch, o Demônio, só que o que ele realmente era, um demônio ou um espírito brincalhão, eu ainda não sei. — Ele fez uma pausa. — Está claro para mim que você notou a diferença entre os meus olhos.

— Sinto muito — eu fui logo dizendo —, não pude evitar. Não é um defeito.

Ele fez um gesto indicando que aquilo não tinha a menor importância, e deu um sorriso bondoso.

— Esse olho direito foi arrancado exatamente conforme eu descrevi, por aqueles espíritos que queriam impedir que eu fugisse do Inferno de

Memnoch. E depois me devolveram o olho, aqui na Terra, e às vezes acho que esse olho vê coisas estranhas.

— Que coisas estranhas?

— Anjos — ele disse, pensativo. — Ou aqueles que se chamam anjos, ou que querem que eu conclua que são anjos. E eles têm aparecido para mim nesses longos anos desde que fugi de Memnoch. Vieram a mim quando eu estava deitado como em estado de coma no chão da capela de St. Elizabeth, o prédio em Nova Orleans que me foi legado pela filha de Roger. Parece que meu olho roubado, meu olho recuperado, meu olho vermelho estabeleceu alguma ligação com esses seres, e eu poderia contar uma história deles, mas agora não é hora.

— Eles o machucaram, não foi? — eu perguntei, sentindo isso no comportamento dele.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Eles deixaram meu corpo lá, para meus amigos cuidarem dele — ele explicou, e pela primeira vez desde o primeiro minuto em que o vi, ele pareceu perturbado, indeciso, até um pouco confuso.

— Mas levaram meu espírito com eles — ele continuou. — E num reino tão palpável quanto este quarto aqui eles me deixaram para dizer o que queriam, sempre ameaçando tirar de novo esse olho direito, tirá-lo para sempre de mim se eu não fizesse o que ordenavam.

Ele hesitou e balançou a cabeça.

— Acho que foi o olho — ele disse. — O olho é que dava o poder que eles tinham sobre mim, naquele reino, para levar-me para lá... foi o olho. roubado em outro domínio e depois devolvido na Terra, à sua órbita. Pode-se dizer que quando eles olhavam para baixo do seu altíssimo Firma-

mento, se é que é Firmamento, eles podiam ver, através das nuvens da Terra, esse olho bem vivo e brilhante.

Ele suspirou como se vitimado por algum sofrimento súbito. Olhou para mim intensamente.

— Esse olho ferido, esse olho marcado, deu-lhes a bússola para me encontrar, foi uma espécie de abertura para eles, entre os domínios, e agora eles vieram alistar o meu espírito contra a minha vontade.

— Para onde eles o levaram? O que eles fizeram?

— Ah, se ao menos eu tivesse certeza de que eles são seres celestes... — ele declarou com paixão na voz. — Se ao menos eu soubesse que Memnoch, o Demônio, e aqueles que vieram atrás dele me mostram verdades! Tudo seria bem diferente e eu poderia de alguma forma salvar a minha alma!

— Mas você não tem certeza. Eles nunca chegaram a convencê-lo — eu aticei.

— Como posso aceitar um mundo cheio de injustiça, e ao mesmo tempo os augustos desígnios deles?

Ele balançou novamente a cabeça, olhou para longe e depois para baixo, como se procurasse um ponto focal, e então para mim, quando continuou a falar.

— Não posso aceitar inteiramente o que aprendi com Memnoch e aqueles que vieram depois. Nunca contei para ninguém essa minha última aventura espiritual, mas os outros, os Bebedores de Sangue que me amam, você sabe, minha vigorosa tropa de amados, é como os chamo agora, a Tropa de Amados — eles sabem que alguma coisa aconteceu, sentem isso muito bem. Eu nem sei qual dos meus corpos era o verdadeiro, o corpo que ficou deitado no chão da capela de St. Elizabeth, ou o corpo que vagou com

os supostos anjos. Eu fui um traficante involuntário de conhecimento e ilusões. A história da minha última aventura, minha aventura secreta desconhecida, a aventura que não confiei a ninguém, pesa na minha alma como se quisesse matar meu ser espiritual.

— Pode me contar agora essa sua aventura? — eu perguntei.

Era necessário uma sensação de poder muito grande, eu achei, para ele se mostrar tão abjeto, para demonstrar tanta aflição.

— Não — ele disse. — Ainda não tenho a força necessária para contar essa história, essa é a mais pura verdade.

Ele sacudiu os ombros e a cabeça e continuou:

— Não preciso só de força. Preciso de coragem para fazer essa confissão, e neste momento o meu coração está contente de estar com você. É você que tem uma história para contar, ou então nós temos uma história para viver juntos. Neste momento meu coração ganancioso está preso a você.

Eu sucumbi. Chorei como um bebê. Assoei o nariz e procurei permanecer calmo. Sangue no lenço. Corpo de Sangue. Mente de Sangue. Clarão dos olhos dele em mim. Violeta.

— Eu devia aceitar a minha sorte — eu disse — e não questioná-la, mas não resisto. O que impediu que você me destruísse, que me punisse por entrar na sua casa, por ter feito o que fiz com Stirling? Eu preciso saber.

— E por que você precisa saber? — ele perguntou, rindo baixinho. — Por que é tão importante saber?

Eu balancei a cabeça e dei de ombros. Sequei meus olhos de novo.

— Será a vaidade em mim que insiste na pergunta? — eu quis saber.

— Provavelmente — ele disse, com um sorriso largo. — Mas então

eu não devia compreender? Eu, a mais vaidosa de todas as criaturas? — Ele deu uma risadinha. — Você não me viu todo vaidoso me mostrando para a sua tia lá embaixo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Está bem — ele disse. — Aí vai a litania de motivos para não ter matado você. Gosto de você. Gosto de suas feições femininas e do seu corpo de homem, dos olhos curiosos de menino e dos gestos largos e espontâneos de homem, das palavras sinceras de uma criança numa voz de homem, dos seus modos desajeitados e da sua elegância honesta.

Ele sorriu para mim deliberadamente, piscou o olho direito, e continuou.

— Gostei de saber que você amava Stirling. Gosto de saber que você homenageia sua gloriosa tia Queen com tanta espontaneidade. — Ele deu um sorriso malicioso. — Talvez até tenha gostado quando você se ajoelhou e beijou os pés dela, apesar desse gesto não ter influenciado a minha decisão. Gosto de ver que você ama tanta gente ao seu redor. Gosto de ver que é mais generoso do que eu. Gosto de ver que odeia o Sangue das Trevas, e que seu Criador o enganou. E agora, isso não é bonito? Não basta?

Eu estava delirante e mudo de gratidão.

— Não pense que é muito altruísmo meu estar aqui — ele continuou, arregalando os olhos, com a voz mais íntima. — Não é. Preciso de você, senão não estaria aqui. Preciso da necessidade que você tem de mim. Preciso ajudá-lo, definitivamente preciso fazer isso. Venha, Irmãozinho, leve-me para as profundezas do seu mundo.

— Meu mundo — eu sussurrei.

— Sim, Irmãozinho. Vamos seguir juntos. Conte-me a história que

você herdou e a vida que viveu. Conte-me sobre esse Goblin violento e enganador, como conseguiu essa força toda. Quero saber de tudo.

— Eu estou apaixonado por você — eu disse. Ele deu uma risada muito alegre e gentil.

— É claro que está — ele respondeu. — Compreendo isso perfeitamente porque estou apaixonado por mim mesmo. O fato de não estar hipnotizado diante do espelho mais próximo exige de mim uma grande dose de autocontrole.

Foi a minha vez de rir.

— Mas o seu amor por mim — ele continuou — é a razão para você me contar tudo sobre sua vida e a Fazenda Blackwood. Comece pela história da família e depois conte a sua.

Eu dei um suspiro. Concentrei-me. E mergulhei.

“ – **V**IVI A MINHA INFÂNCIA EM FUNÇÃO de duas polaridades, estar com Goblin e ouvir as conversas dos adultos.

Goblin e eu éramos as únicas crianças aqui na Mansão Blackwood porque os turistas que vinham para cá não costumavam trazer consigo os filhos, por isso aprendi desde cedo o vocabulário dos adultos. Era divertido brincar na cozinha e ficar ouvindo suas histórias e discussões intermináveis, ou seguir as excursões guiadas por meu bisavô Gravier e depois pelo meu avô Pops, enquanto eles andavam pela casa explicando suas preciosidades e lendas, inclusive a história tenebrosa de Manfred, o Grande Velho.

Meu bisavô Gravier era realmente o melhor nisso, com sua voz profunda e sonora, um homem muito digno em seu terno preto e gravata de seda branca para combinar com a camisa branca, mas ele já era muito velho quando eu era pequeno e depois ficou internado em um hospital e morreu lá, acho que antes de eu completar cinco anos, e não me lembro bem do seu enterro. Acho que eu não compareci. Mas ele deixou uma impressão indelével em mim.

E parece que logo se tornou um famoso fantasma da família só pelo fato de eu ter afirmado que certa manhã, ao descer a escada, eu o vi parado à porta da frente, sorrindo para mim placidamente e acenando com a mão direita. Ele desapareceu num instante.

Todo mundo dizia para eu parar de contar essas histórias, que o bisavô Gravier estava no céu, que eu certamente devia saber disso, e que devíamos acender uma vela para ele diante da Virgem Santíssima no pequeno

altar na cozinha, e fizemos isso, totalizando dez velas ardendo no pequeno altar para vários ancestrais, como os altares que às vezes vemos nas lavanderias chinesas. E, além disso, diziam também que eu não devia tentar assustar as pessoas.

Mesmo assim, em toda visita conduzida pela Mansão Blackwood, todos os nossos hóspedes pagantes ficavam sabendo da visão que eu tive do bisavô Gravier.

Pops, único filho de Gravier e meu pai, assumiu o trabalho de guia com prazer depois da morte de Gravier, e apesar de seu estilo direto e pouco rebuscado, era um grande contador de histórias.

Gravier era um homem de consideráveis realizações, trabalhara como advogado muitos anos e chegou até a servir como juiz local. Mas Pops era um homem do campo que não tinha outra ambição além da Mansão Blackwood, e se para isso tinha de conversar com os hóspedes, então ele assim o fazia.

Minha avó Sweetheart às vezes era recrutada, contra a sua vontade. pois estava sempre com as mãos enfiadas na farinha e no fermento, mas ela conhecia todas as lendas da família e, apesar de pesadona, ficava muito bonita em seu vestido fino de gabardine preta com uma orquídea roxa do lado esquerdo do peito e um colar de um fio de pérolas no pescoço. Ela era uma daquelas mulheres que, com tendência à obesidade, mantinham o rosto redondo, liso e sem rugas até morrer.

E havia também Jasmine, nossa querida governanta negra, que você conheceu que conseguia, num piscar de olhos, trocar o uniforme de cozinha por uma saia preta luxuosa, blusa de leopardo e sapatos de salto agulha, dos quais tia Queen teria muito orgulho, para levar a todos de cômodo em cô-

modo, acrescentando interesse à mistura de histórias pelo fato de ela mesma ter visto o fantasma do tataravô William no quarto dele, assim como o fantasma da tia-tataravó Camille subindo a escada do sótão na pontinha dos pés.

Não sei se você notou Jasmine com seu lindo xale vermelho esta noite, mas Jasmine tem o porte de uma modelo, muito magra, ombros largos e possui armários cheios de roupas usadas que tia Queen deu para ela com muito carinho. Ela faz uma bela imagem de guia turístico, os olhos verdes claros brilhando enquanto conta suas animadas histórias de fantasmas e visões diante dos retratos, ou quando leva os hóspedes excitados para subir a escada do sótão.

Foi de Jasmine a idéia brilhante de incluir o sótão no passeio regular, isto é, levar os turistas lá para cima, entrar no sótão, dizendo para eles sentirem o delicioso aroma dos caibros de madeira, chamando a atenção para os magníficos baús de navios e arcas antigas, algumas abertas e cheias de peles e pérolas como um cenário de *Um bonde chamado desejo*, e a cadeira de balanço de vime na qual o tataravô William passou seus últimos dias no gramado da casa. O sótão era — antes da minha inevitável invasão por lá — um mundo desconhecido de móveis raros e antigos de vime, e de histórias girando em torno de tudo isso.

Mas voltemos à história.

Os hóspedes da pousada serviam sempre de companhia e inspiração para mim, porque muitas vezes eram simpáticos e interessantes — considero a maioria das pessoas interessante até chegar alguém e dizer que não são — e essas pessoas freqüentemente me convidavam para ir aos seus quartos, ou queriam que eu sentasse com elas à mesa grande para o café da manhã e

conversar sobre a casa grande, como pretensiosamente a chamávamos, e eu gostava de toda aquela camaradagem, e Goblin achava interessante porque sempre que eu falava com ele ou sobre ele, que era o tempo todo, os hóspedes achavam que Goblin era a coisa mais misteriosa do mundo.

‘Então você tem um pequeno amigo espírito!’, disse uma hóspede certa vez, como se tivesse descoberto ouro confederado enterrado no jardim. ‘Conte-nos sobre seu fantasminha’, disse outro, e quando eu dava tapinhas ou acariciava Goblin enquanto falava dele, ele ficava muito contente. Brilhava sólido um longo tempo, e só ficava transparente e depois se dissolvia com tristeza quando tinha de ir.

Eu não me sairia melhor se fosse um artista pago para aumentar o mistério da Fazenda Blackwood. Eu adorava isso. E além disso os hóspedes também davam seu apoio gratuito à mitologia do lugar, conforme já expliquei, com todas as suas visões de Manfred, o Velho, fazendo careta num espelho, ou da doce Virginia Lee, vagando de quarto em quarto à procura dos seus filhos órfãos.

Eu aprendi com tudo isso, com a infinita variedade de tramas tecidas pelas histórias da nossa casa, aprendi com os adultos a pensar e sentir como adulto, e Goblin se alimentou da facilidade com que se encaixava em tudo. E muito cedo passei a me considerar um desgarrado como o Velho.

Manfred, o Velho, veio dar nessas plagas em 1881, com uma noiva chamada Virginia Lee. Ele começou com um bar na Irlanda mas um dia veio fazer fortuna no comércio de Nova Orleans, só que não encontrou um lugar que correspondesse a suas visões de esplendor e por isso foi atraído para o norte, atravessou o lago Pontchartrain e chegou a estas terras.

Aqui ele encontrou um pedaço de terra nas montanhas, onde podia

construir uma mansão fabulosa, com aposentos para os empregados, estábulos, pátios e pastagens, e mais duzentos acres de pântano onde podia caçar, e um charmoso cemitério abandonado com sua igreja de pedra, um tributo às famílias daqueles que morreram há muito tempo ou levantaram acampamento.

Manfred enviou seus arquitetos às requintadas residências da cidade de Natchez para escolher o que havia de melhor para a mansão que queria construir, e ele supervisionou pessoalmente o estilo renascimento grego, a escada circular e os murais do saguão.

Tudo isso pelo amor de Virginia Lee, que nutria uma afeição especial pelo cemitério e que às vezes ia até a igreja de pedra para rezar.

Os quatro carvalhos que guardam o cemitério agora já eram bem crescidos naquela época, e a proximidade do velho cemitério com o pântano e seus horrendos ciprestes e infinitos emaranhados de barba-de-velho querendo invadir e se apoderar de tudo certamente contribuía e ainda contribui para a sensação generalizada de melancolia.

Mas Virginia não era nenhuma menina vitoriana tola. Enfermeira profissional, ela conheceu Manfred num hospital de Nova Orleans quando ele sofreu uma crise muito grave de febre amarela e, como muitos irlandeses, quase morreu com a doença. Foi com muita relutância que ela desistiu de sua vocação de cuidar de doentes, mas Manfred, bem mais velho e muito persuasivo, conseguiu cativá-la.

Foi por Virginia Lee que Manfred mandou pintar o próprio retrato que agora está pendurado na sala de estar, e sempre esteve, até onde eu sei. Ele tinha quarenta e poucos anos quando pintaram o retrato, mas já se parecia com um buldogue, com as bochechas caídas, a boca em arco obstinada

e grandes olhos azuis tristes. Na época, por volta de 1885. ele já era grisalho e ainda conservava toda a cabeleira intacta quando tia Queen teve seu estranho encontro com ele uns quarenta anos depois e ele lhe deu os camafeus antes de desaparecer no pântano.

Ele não parece um homem mau no retrato. Na verdade, eu sempre achei o quadro muito revelador, e provavelmente o modelo fosse desprovido de vaidade para ter permitido que um retrato tão fiel de si mesmo fosse pendurado em sua casa.

Virginia Lee era indiscutivelmente bonita, como você já viu no retrato da sala de jantar, uma mulher com jeito de menina, cabelo louro-claro e intensos olhos azuis. Diziam que tinha um senso de humor refinado, carregado de suave ironia, e que amava profundamente William e Camille, os dois filhos sobreviventes que teve antes de morrer. Quanto aos que ela perdeu para o trismo e a gripe espanhola, Isabel e Philip, nada fazia Virginia Lee parar de pensar neles.

Tuberculose galopante foi a doença que por fim levou Virginia Lee, que também já padecia com a malária que havia contraído. Ela resistiu bravamente, vestia-se sem a ajuda de ninguém todos os dias, inclusive no sábado em que morreu, quando, conversando alegremente com sua famosa vivacidade e humor autodepreciativo na sala de estar da frente da casa, deitada no sofá, deu o seu último suspiro por volta do meio-dia.

Foi enterrada com o vestido azul-céu que está usando no retrato. E se a nossa casa tem um santo da família, é Virginia Lee. Eu não escapei de rezar para Virginia Lee.

Dizem que Manfred perdeu a cabeça quando Virginia Lee morreu. Ele urrava e resmungava. Sem poder suportar a visão de uma cova para Vir-

ginia Lee no pequeno cemitério — e provavelmente a lei não o permitiria enterrá-la em sua propriedade —, ele comprou uma imensa cripta para a família inteira no novo Cemitério Metairie em Nova Orleans, onde a nossa família é sepultada desde então.

Vi o mausoléu duas vezes. Quando Sweetheart morreu e quando Pops morreu. Imagino que os pequenos Isabel e Philip foram removidos para a cripta de onde quer que tivessem sido enterrados, mas francamente nunca perguntei isso.

É uma capela pequena e retangular de mármore e granito, esse túmulo no cemitério Metairie, com dois anjos de guarda de um metro e meio esculpidos em granito, um de cada lado dos portões de bronze, e um vitral nos fundos. Há espaço para três caixões de cada lado da pequena ala central.

Você sabe como esses túmulos funcionam. Eles põem os caixões nos lugares até completarem todo o espaço e aí, quando alguém mais morre, abrem o caixão mais antigo, põem os ossos no espaço lacrado subterrâneo, o caixão é descartado. O novo caixão fica no lugar de honra acima do solo.

É onde sempre pensei que seria enterrado quando morresse, mas agora parece que o destino não vai me permitir esse luxo, nem a longa aventura que um dia contemplei, que me levaria a esse fim. Mas quem sabe? Talvez meus restos mortais possam de alguma forma ser levados para aquela cripta em alguma ocasião no futuro, depois de eu ter a coragem de dar um fim à minha vida.

Mas voltemos a Manfred Maluco, como o pessoal da cidade começou a chamar meu infeliz ancestral, que passou a freqüentar o pântano de Sugar Devil sozinho, resmungando e praguejando, de onde às vezes só voltava dias depois.

Era uma comoção generalizada porque todos sabiam que o pântano de Sugar Devil nunca fora mapeado e era praticamente impenetrável para uma barça, e já existiam lendas sobre ursos que costumavam caçar por lá, pumas e gatos-do-mato, e até criaturas piores, que uivavam à noite.

O fato de Manfred ter sido picado diversas vezes por cobras e ter sobrevivido aumentava a sua fama ainda mais, e diziam que ele atirou num desconhecido que avistou por lá a alguma distância da casa, que levou o invaso ferido de volta e largou seu corpo na margem xingando e vociferando para seus empregados, avisando que aquilo servia de lição para qualquer um que entrasse no seu pântano ou nas terras dele.

Logo se soube que havia uma ilha lá, e que era para essa ilha que Manfred ia, onde armava uma barraca e caçava para comer.

Dá para imaginar aquele cara rasgando as aves com os dentes.

Ele não fazia segredo do seu santuário na ilha, apenas avisava sempre que ninguém devia jamais tentar segui-lo até o seu “covil”, como ele mesmo chamava, e ameaçava atirar em quem invadissem seus domínios, gabando-se de ter atirado e matado vários ursos.

Corriam boatos de que a ilha era amaldiçoada e que Manfred fora amaldiçoado, e que o ouro dele era produto de jogo, senão de vícios piores, e que o nome dele, Manfred, ele tirara de uma peça de Lorde Byron para alertar outros Adoradores do Demônio da classe dele, e que ele havia vendido sua alma ao diabo muito tempo antes de pôr os olhos na humilde e doce Virginia Lee, e que ela foi a última chance que ele teve de se salvar.

Quanto aos filhos deles, William e Camille, foram os ancestrais de Jasmine que os criaram, Ora Lee e Jerome são seus nomes, ambos negros, com sotaque francês, e uma história distinta, pois os pais deles tinham sido

artesãos livres antes da Guerra Civil.

Para Ora Lee e Jerome, Manfred construiu o bangalô lá nos fundos, à direita, uma construção que parece mesmo *creole*, com uma grande varanda e cadeiras de balanço, e dois andares de cômodos bem espaçosos.

Os membros do clã se separaram há muito tempo para ir para a universidade e trabalhar em suas profissões, mas há sempre alguns que ficam no bangalô, e eles têm sua própria horta e jardim florido, e convidam seus amigos sempre que querem.

Quando eu era menino eles ainda tinham uma vaca e algumas galinhas, mas agora é muito fácil ir ao mercado para comprar o que as pessoas precisam.

É uma casa simpática, uma espécie de mansão tropical, cheia de antiguidades bem cuidadas e diversas peças de bordados feitos pelas mulheres e móveis construídos pelos homens. Também vive cheia de coisas descartadas pela casa grande, e tia Queen é famosa por ter redecorado o salão da frente e dado todos os itens para Jasmine, como se Jasmine possuísse um armazém, e não uma casa de família. A casa de Jasmine foi feita em escala humana. A Mansão Blackwood foi construída para “gigantes na terra”.

Genes africanos, espanhóis, franceses e anglo-saxões estavam todos misturados na linhagem do povo de Jasmine antes de eles virem para cá, e eles tiveram muitos anos de casamentos com outros povos de outras cores, por isso a família de Jasmine tinha todos os tons de amarelo, vermelho, mulato e negro.

Jasmine é negra, como você viu, com aqueles fabulosos olhos verdes. Ela oxigena o seu cabelo afro curto e há uma magia naquele cabelo louro e olhos verdes.

A irmã mais velha de Jasmine, Lolly, pode passar por espanhola ou italiana, e há o irmão dela, Clem, que tem a pele muito escura e feições de africano. Ele dirige o carro da tia Queen e cuida da frota toda, inclusive do Porsche preto que eu comprei, imitando você e suas aventuras nas Crônicas Vampirescas.

Pequena Ida, mãe de Jasmine, era bem negra, com feições finas e exóticas e olhos negros, bem pequenos. Casou-se com um homem branco quando já era madura, e depois que ele morreu de câncer ela voltou para cá com Jasmine, Lolly e Clem. Ela foi minha enfermeira ou babá até morrer. A Pequena Ida, dormiu comigo até eu fazer treze anos e depois morreu na minha cama.

O que estou contando para você agora, essa história da família Blackwood, é o que me foi contado por Jasmine, Lolly, Pequena Ida e pela Grande Ramona, mãe da Pequena Ida, e por tia Queen também, ou Pops, ou Sweetheart. Jasmine tem olho bom para fantasmas, como eu já disse, e estou sempre com medo, achando que ela vai perceber que não sou realmente vivo, mas até agora não aconteceu. Eu me agarro à minha família como um *pit bull*.

Mas retornando à minha história, se não fosse pelos fabulosos Ora Lee e Jerome, os pequenos William e Camille poderiam ter se afogado no pântano ou morrido de inanição por não ter quem cuidasse deles.

Quanto aos salários da mão-de-obra. Manfred não se incomodava com tal coisa, ele apenas jogava punhados de dinheiro num grande pote na cozinha. Jerome cuidava para que o homem não fosse roubado, cuidava de William e Camille e de todos os peões da fazenda.

A fazenda tinha suas galinhas e vacas naqueles dias, e cavalos, é claro,

e uma ou duas belas carruagens estacionadas bem ao lado dos automóveis no barracão dos fundos.

Mas Manfred jamais se preocupava com nada, a não ser com um capão preto que ele às vezes vinha montar e ficava para cima e para baixo nos vastos gramados e pastos da Fazenda Blackwood, gritando e praguejando sozinho, e declarando para o seu cavaleiro (provavelmente o versátil Jerome) que ele jamais morreria ou se juntaria a Virginia Lee, não sem antes vagar pela terra séculos e séculos, tremendo por causa da morte dela e homenageando a sua memória.

Tudo isso eu aprendi de cor, como já deu para perceber.

Num dia de primavera, alguns anos depois de Manfred ter enviuvado, carpinteiros e madeira foram levados para a propriedade, e teve início o lento processo da construção da misteriosa Ermida na ilha de Sugar Devil.

Só se via do melhor cipreste partindo de barcaça pântano adentro, pequenas cargas de cada vez, junto com grande quantidade de outros materiais, inclusive um fogão de ferro e montes de carvão, e só trabalhadores de ‘fora’ iam lá para a construção, operários que iriam para bem longe quando terminassem a obra, temerosos de pronunciar uma única palavra sobre a localização da ilha, ou de quais tinham sido suas tarefas específicas.

Existia mesmo tal ilha? Havia realmente uma ermida lá? A medida que eu ia crescendo, quem poderia afirmar que era algo mais do que uma simples lenda? E por que não havia uma excursão pelo pântano para levar nossos turistas em busca dessa misteriosa ilha de Sugar Devil, que certamente todos queriam ver? Era comum ver os turistas lá embaixo no embarcadouro, desejando se aventurar pelo pântano. Mas o pântano, como foi dito, e nunca é demais repetir, é quase impenetrável.

A grande mata de ciprestes silenciosa e fechada está por toda parte, junto com palmitos silvestres e a água fétida. E ainda se pode ouvir o rugido de pumas e ursos. Não é brincadeira.

Claro que Pops e eu pescávamos e caçávamos no pântano de Sugar Devil. E na minha ignorância infantil uma vez eu matei um cervo no pântano, e ali mesmo perdi todo o gosto pela caça, enquanto o via morrer.

Mas em todas as nossas incursões, inclusive para pegar pitus aos quilos, nunca avançamos mais do que cerca de sessenta metros das margens. E mesmo a essa distância já é difícil encontrar o caminho de volta.

Quanto à lenda da Ermida na ilha de Sugar Devil, Pops não acreditava nela, e lembrava aos turistas curiosos que mesmo que tal construção tivesse existido, já devia ter afundado na lama havia muito tempo.

E há também as histórias dos caçadores e pescadores ilegais que desapareceram sem deixar rastro, das mulheres deles pedindo aos prantos que o xerife local os procurasse por favor, mas o que o xerife podia esperar encontrar num pântano infestado de ursos e crocodilos?

No entanto, o pior presságio que pairou sobre essa estranha selva particular foi o desaparecimento no pântano do próprio Manfred no ano de 1924, como tia Queen já descreveu para nós, ao que nossos guias turísticos invariavelmente acrescentavam que o Velho vestiu sua casaca, gravata branca, camisa e sapatos de couro antes daquela última excursão, e declamou e resmungou loucamente diante do espelho por uma hora antes de sair pela porta.

Sim, as pessoas partiram à procura dele, já que o Velho estava convalescendo nos dois anos que antecederam essa fuga bizarra e desesperada, mas jamais encontraram ilha nenhuma, e tiveram de atirar em muitos cro-

codilos para sobreviver, trazendo-os para vender suas peles. No entanto chegaram sem o Manfred.

E foi assim que a idéia de que não havia ilha nenhuma pegou. E de que o Velho simplesmente tinha se afogado para pôr um fim no seu sofrimento de estar sempre fungando e engasgando, pois ele estava certamente à beira da morte quando pulou na barcaça e se lançou como se fosse atravessar o rio Estige.

Então, uns sete anos depois, quando o seu testamento finalmente foi aberto, encontraram lá a recomendação imperativa de que nenhum Blackwood ou qualquer empregado da família Blackwood caçasse ou pescasse além das margens de lama do pântano de Sugar Devil, e o aviso, escrito à mão pelo próprio Manfred, de que a ilha de Sugar Devil era um perigo, não só para o corpo, de carne e sangue, mas para a alma imortal dos seres.

Uma cópia dessas páginas do Testamento e Última Vontade de Manfred, tudo registrado no ano de 1900, foi emoldurada e pendurada na parede da sala de estar. Os hóspedes adoravam. Lembro de meus professores, especialmente Nash, simplesmente chorando de tanto rir quando o leu. E certamente cheguei a achar que o advogado, o tabelião e Manfred eram todos poetas, no estilo Byron, quando escreveram aquilo.

Mas agora não penso mais desse modo.

Deixe-me continuar. De William, único filho vivo de Manfred, e de Camille, sua única filha sobrevivente, há imensos retratos no hall de entrada, que são no mínimo pinturas muito bonitas, e a história atual de que William apareceu diversas vezes para a família e para hóspedes, remexendo numa mesa da sala de estar, é verdade.

A mesa é uma peça linda, estilo Luís XV, com marchetaria, pés cur-

vos e ouropel. Eu mesmo o vi uma vez perto dela.

Não tenho dúvida do que vi com meus próprios olhos, mas vou chegar lá quando retornar ao relato da história de Goblin e eu. Por enquanto basta dizer que nunca encontrei nada na mesa. Ela não tem compartimentos secretos, nem documentos.

O fantasma de Camille quase sempre aparece na escada do sótão, uma mulher de cabelo grisalho penteado com bom gosto, usando um vestido preto e sapatos de salto grosso de senhora, com dois fios de pérolas no pescoço, ignorando as pessoas para quem aparece e desaparecendo pela porta do sótão.

E há também os passinhos apressados das crianças no corredor do andar de cima, que atribuem à filhinha de Manfred, Isabel, que morreu quando tinha três anos, e ao filho dele, Philip, que nem chegou aos três.

Quanto ao resto da família, era simplesmente uma questão de retratos elegantemente pintados. O de Gravier é especialmente bom, mas eu já vi Gravier, não vi? Mas a mulher dele, a Abençoada Alice, adorável tema para o retrato, e Pops e Sweetheart, que relutaram em posar para seus retratos, como se não fosse do feitio deles, jamais apareceram para ninguém. Até agora...

E há também a lenda viva que é a tia Queen — Miss Queen para todos desta paróquia — e suas heróicas viagens pelo mundo inteiro. Os hóspedes adoravam saber que ela estava ‘em Bombaim no momento’, ou ‘passando o reveillon do ano no Rio’, ou ‘descansando na sua *villa* em Santorini’, ou ‘fazendo compras em Roma’. Era tão excitante para eles quanto qualquer história de fantasma.

O fato de tia Queen ser grande colecionadora de camafeus também

ficou bem conhecido, e naquela época, nos dias em que abríamos para o público, havia uma bela cristaleira no saguão, de pés bem finos e compridos, no canto, com uma seleção das melhores peças da coleção.

Os hóspedes da Mansão Blackwood jamais roubavam coisas, fico feliz de poder dizer. Acho que tinham muito mais interesse nos biscoitos e geléias caseiros e na arquitetura da casa. Eu periodicamente trocava a seleção de camafeus de tia Queen, assim passei a gostar deles. Eu via as variações. Sweetheart não se interessava por eles. E Pops era homem de ficar ao ar livre.

Pode-se dizer que tia Queen sempre foi uma aparição viva, ou um espírito protetor, uma coisa notável para mim quando eu era criança, porque me sentia seguro só de pensar nela, e suas visitas eram como as aparições de uma santa.

Outros morreram nesta casa. Um recém-nascido, filho de Gravier e Abençoada Alice. Às vezes eu juro que consigo ouvir um bebê chorando. Os hóspedes costumavam ouvir também, e por vezes comentavam isso inocentemente.

Gravier tinha um irmão, Patrick, que caiu de um cavalo e morreu de concussão no quarto do meio no segundo andar. O retrato dele está lá pendurado em cima da lareira. A mulher dele, Regina, viveu aqui, muito querida pela Gangue da Cozinha, da qual era membro fiel de forno e fogão, com suas frituras, fatiados e picadinhos. A única filha deles, Nanette, mudou-se muitos anos atrás para Nova Orleans.

Lá, numa casa de cômodos barata no French Quarter, Nanette tomou uma garrafa inteira de uísque com um vidro de aspirinas e acabou morrendo. Não sei mais nada sobre ela. Se o fantasma dela anda por aí, não é na

Mansão Blackwood. Patrick também parece estar descansando calmamente na cripta da família. E a mulher dele, Regina, também.

Caçadores de fantasmas profissionais vieram uma vez aqui e descobriram provas de assombrações múltiplas. Fizeram uma demonstração espantosa para os hóspedes que se reuniram aqui para o feriado do Dia das Bruxas, e daí começou a tradição dos fins de semana do Halloween.

As comemorações do Halloween eram sempre maravilhosamente divertidas, com imensas tendas brancas espalhadas pelo jardim e nos gramados distantes, muito champanhe gelado e *bloody marys*. Leitores de tarô e quiromantes, videntes e médiuns eram contratados para o evento e o clímax era um baile à fantasia ao qual comparecia gente de todos os cantos da paróquia.

Se tia Queen estivesse em casa, o que era raro, um grande número de antigos amigos dela se juntavam às festividades e as fantasias eram lindas e suntuosas, o lugar ficava cheio de príncipes e princesas de todo tipo, vampiros elegantes, bruxas de chapéu preto, feiticeiras, rainhas egípcias, deusas da Lua e ocasionalmente uma múmia ambiciosa, arrastando faixas de gaze branca.

Eu adorava essas festas, dá para perceber pelo jeito que falo. E você não vai se surpreender de saber que os especialistas caçadores de fantasmas jamais tomaram conhecimento de Goblin, nem quando Goblin dançou em círculo em volta deles e fez o abominável truque de esticar a boca.

É claro que Goblin não é o fantasma de uma pessoa viva, mas aqueles especialistas gostavam muito de declarar que *poltergeists* exerciam suas atividades sutis na cozinha e na despensa, fazendo um pingue-pongue de ruídos que mal se podia ouvir, ou o som de um rádio passando da música para

a estática... e *poltergeists* são puros espíritos, até onde eu sei.

Essa era a minha vida quando criança. Isso e o banquete de Natal sobre o qual já falei, com os cânticos e a cantoria na escada e, é claro, o farto jantar de peru assado, ganso e presunto, junto com todos os acompanhamentos habituais. O tempo lá fora era às vezes suficientemente frio para as mulheres usarem seus velhos casacos de peles que cheiravam a naftalina, e os cavalheiros cantavam juntos, muito animados.

Às vezes os homens cantando as músicas de Natal me faziam chorar. Eu esperava que as mulheres cantassem, era natural, mas os homens cantando, homens de todas as idades, e cantando com tanta dedicação, aquilo parecia dar uma segurança toda especial e era maravilhoso. Eu chorava todos os anos. Era isso e a pureza da soprano que cantava “Noite feliz”. É claro que eu também cantava.

E antes que eu me esqueça, havia o Festival da Primavera, quando as azaléias plantadas em toda a volta da Mansão Blackwood estavam florescendo, em rosa, branco e vermelho, e tínhamos um imenso bufê, quase como o de casamentos, lá fora no gramado. E havia sempre um bufê de Páscoa também.

E então eu imagino que deva mencionar todos os casamentos de novo, e a comoção que provocavam, e os fascinantes garçons que eu encontrava na cozinha, todos sentindo a “vibração” dos espíritos, e as noivas ficando histéricas porque seus cabelos não estavam direito e os cabeleireiros já tinham ido embora, e Sweetheart, minha querida Sweetheart, corpulenta e sempre solícita, bufando e arfando escada acima para salvar a situação, pegando seu ferro de enrolar cabelo e lançando mão de alguns truques que só ela sabia fazer para tudo dar certo.

E havia o Mardi Gras também, quando, apesar de estarmos a hora e meia de Nova Orleans, ficávamos completamente lotados, e decorávamos a casa com as cores tradicionais, roxo, verde e dourado.

Às vezes, bem poucas vezes, eu ia para a cidade assistir a alguns desfiles do Mardi Gras. A irmã de Sweetheart, tia Ruthie, morava na avenida St. Charles, que, você sabe, é a principal rota de desfiles. Mas ela não era uma Blackwood e os filhos dela, apesar de provavelmente serem normais, para mim pareciam monstros, com pêlos demais no corpo e vozes profundas e graves demais. Eu não me sentia à vontade lá.

Por isso o Mardi Gras não me marcou muito, a não ser por toda aquela alegria lá na casa, e o inevitável baile à fantasia que dávamos na noite da Terça-feira Gorda. Era incrível, mas muitos foliões voltavam de Nova Orleans ao cair do sol, depois de ficar horas assistindo Zulu, Rex e os intermináveis desfiles de caminhões, para beber até cair no nosso bar festivo.

Claro que ocasionalmente eu encontrava outras crianças aqui — especialmente na festa do Halloween e na festa de Natal, e às vezes nos casamentos — mas não gostava delas. Elas me pareciam duendes grotescos. Tenho de rir de mim mesmo por pensar tal coisa. Mas como já disse, meu mundo era feito de espíritos e de adultos, e eu simplesmente não sabia o que fazer com crianças.

Acho que tinha medo das crianças por considerá-las traiçoeiras e até um pouco perigosas. Não sei exatamente por quê, só que Goblin não gostava delas, mas Goblin na verdade não gostava que eu estivesse com ninguém por muito tempo.

Eu convivia com os adultos por inclinação natural e opção bem definida.

Não posso pensar nos casamentos agora, nessa nossa conversa, sem pensar em algo monstruoso que tenho de confessar a você — algo que aconteceu longe da Mansão Blackwood e na noite em que fui feito Caçador de Sangue. Mas eu sei que o momento para isso vai chegar.

Essa é a história da família, como ouvi contar quando eu era inocente e protegido por Pops e Sweetheart e tia Queen, que sempre foi como uma fada madrinha, descendo à Terra de vez em quando com seus saltos grossos e asas invisíveis.

Há outros membros da família, parentes das mulheres de William, ele teve duas, a primeira mãe de Gravier, e a segunda mãe de tia Queen, e da mulher de Gravier e, é claro, da parte de Sweetheart. Mas apesar de eu ter visto esses primos de tempos em tempos, eles não fazem parte dessa história, e não tiveram impacto nenhum na minha vida, exceto talvez por uma sensação da minha parte de ser incomum e irremediavelmente estranho.

Agora é hora de passar para a minha história com Goblin, e de como fui educado.

Mas antes disso, deixe-me traçar a linhagem dos Blackwood, da melhor forma possível. Manfred era o patriarca, e William, filho dele. William gerou Gravier. Gravier gerou Pops. E Pops, tarde na vida, quando Sweetheart e ele já tinham perdido a esperança de ter filhos, geraram Patsy. Aos dezesseis anos, Patsy teve a mim e me deu o nome de Tarquin Anthony Blackwood. Quanto ao meu pai, tenho de afirmar agora, clara e inequivocamente, que não tenho um.

Patsy não tinha uma lembrança muito nítida do que estava acontecendo com ela nas semanas em que eu poderia ter sido concebido, exceto que cantava com uma banda em Nova Orleans, com identidade falsa para

poder entrar na boate onde a banda se apresentava, e ela e um bando de músicos e cantores moravam juntos num apartamento na avenida Esplanade, ‘com muita maconha, muito vinho e muita gente’.

Eu ficava sempre pensando por que Patsy não tinha feito um aborto. Ela certamente poderia ter arranjado isso. E vivo atormentado pela suspeita de que Patsy achava que se tivesse um filho ficaria adulta, e Pops e Sweetheart lhe dariam liberdade e dinheiro. Não conseguiu nenhuma das duas coisas. E por isso lá estava ela com dezesseis anos de idade, com um filho que era mais seu irmãozinho caçula, e obviamente sem a menor noção do que fazer comigo, continuando a sonhar em se tornar cantora de música country e em ter sua própria banda.

Tenho de lembrar de tudo isso quando penso nela. Preciso tentar não odiá-la. Gostaria de parar de sentir dor toda vez que penso nela. Tenho vergonha de dizer isso de novo, mas eu gostaria de matá-la.

Agora vamos à minha história com Goblin, de como fui educado e de que maneira eduquei Goblin.”

“ – VOCÊ JÁ ME OUVIU dizer que Goblin é meu duplo, e tenho de enfatizar isso, porque a reprodução é sempre perfeita, por isso toda a minha vida eu tive um espelho em Goblin, no qual podia ver, mas não conhecer, a mim mesmo.

Quanto à personalidade de Goblin? Suas vontades? Seu gênio? Tudo isso era completamente diferente, pois ele sabia ser um perfeito demônio quando me humilhava e me constrangia, e eu raramente o controlava, só que cedo aprendi que se o ignorasse totalmente, o que me exigiria uma imensa força de vontade, ele podia se apagar e desaparecer.

Houve momentos em que a única coisa que eu fazia era inspecionar Goblin, para saber como eu estava, e quando acontecia alguma alteração na minha aparência, como um corte de cabelo, Goblin cerrava os punhos, fazia caretas e batia seus pés silenciosos. Por esse motivo eu costumava deixar meu cabelo crescido. E conforme os anos foram passando Goblin tomou gosto pelas nossas roupas e às vezes jogava no chão o macacão que queria que eu usasse, e a camisa também.

Mas estou mergulhando rápido demais na história, e não contando as lembranças em ordem cronológica.

Minha primeira lembrança distinta é de uma festa de aniversário de três anos na cozinha, com a minha avó Sweetheart, Jasmine e a irmã, Lolly, e sua mãe, Pequena Ida, e a mãe dela, Grande Ramona, e todas elas sentadas em bancos altos ou cadeiras à mesa branca esmaltada, olhando para mim, sentado na cadeirinha de criança, com Goblin bem ao meu lado, conversan-

do com ele e lhe explicando como devia segurar seu garfo, como tinham me ensinado, e comer seu bolo.

Ele tinha sua própria cadeirinha do meu lado esquerdo e um lugar posto para ele à mesa, com leite e bolo, igual ao meu. E num certo momento ele agarrou minha mão esquerda — eu sou canhoto e ele é destro — e me fez espalhar meu bolo no prato todo.

Eu comecei a chorar porque não sabia que ele podia ter tanta força — ele realmente tinha feito minha mão se mexer, embora talvez não exatamente como pretendesse — e eu não queria meu bolo espalhado, eu queria comê-lo, e logo a cozinha virou uma comoção completa, todo mundo pulando dos bancos e Sweetheart tentando secar minhas lágrimas e ao mesmo tempo dizendo que eu estava fazendo uma ‘bagunça’ danada.

Goblin era tão concreto quanto eu, nós dois de roupa de marinheiro condizente com a ocasião, e eu já tinha uma vaga noção naquela época de que ele estava assim tão forte porque lá fora caía uma chuva muito pesada.

Eu adorava a cozinha naqueles dias chuvosos, adorava ficar espiando pela tela da porta dos fundos, vendo a chuva cair como véus, com a cozinha quente e cheia de luz atrás de mim, o rádio tocando músicas antigas, ou Pops tocando gaita, e todos aqueles adultos amados, e o cheiro de comida do fogão.

Mas vou voltar para a minha festa de aniversário de três anos.

Goblin tinha estragado a festa e eu estava soluçando. E ele, o pequeno idiota, depois de ficar vesgo e balançar a cabeça de um lado para outro, esticou os dois lados da boca com os dedos até onde podia, e me fez dar um grito.

Eu sei que jamais poderia esticar minha boca daquele jeito, mas ele

sempre fazia aquilo com a boca, só para me irritar.

Então ele desapareceu, desapareceu completamente, e eu comecei a berrar o nome dele.

A última imagem distinta que tenho daquele acontecimento é de todas as mulheres procurando me consolar, as quatro negras tão gentis quanto minha avó Sweetheart, e até a chegada de Pops, secando a chuva com uma toalha e perguntando o que tinha acontecido.

Eu não parava de berrar Goblin, Goblin, e Goblin não voltava.

Explodiu dentro de mim um terror que sempre me dominava quando ele desaparecia, e eu não sei como naquele dia tudo acabou.

Essa lembrança está meio apagada, mas fixa, porque lembro do número três gigante no bolo de aniversário e de todo mundo dizendo com muito orgulho que eu já tinha três anos, e depois Goblin usando de toda a sua força e maldade.

Lembro também que Pops me deu uma gaita de aniversário e me ensinou a soprar nela. Ele sentou ao meu lado e tocamos juntos um pouco, e desde então passamos a fazer isso toda noite, logo depois do jantar, antes de Pop ir para a cama cedo como sempre fazia.

Tenho uma série de lembranças de Goblin e eu brincando juntos, sozinhos, no meu quarto. Lembranças alegres, muito alegres. Brincávamos com jogos de armar cheios de colunas e arcos, fazendo construções com um certo ar clássico que eram derrubadas com estrondo, e para a demolição ruidosa tínhamos pequenos e belos caminhões de bombeiros e automóveis, mas às vezes simplesmente derrubávamos tudo com as mãos ou os pés.

A princípio Goblin não tinha força para fazer isso sozinho, então ele pegava a minha mão esquerda para que eu derrubasse tudo ou rolasse o ca-

minhão de bombeiros para cima das nossas maravilhosas estruturas, e aí ele sorria e se soltava de mim para ficar dançando pelo quarto.

A lembrança que tenho dos quartos é bem clara. Pequena Ida, mãe de Jasmine, dormia na cama grande comigo, uma vez que eu era grande demais para o berço, e Goblin dormia conosco, e esse quarto aqui era o quarto de brincar, cheio de brinquedos de todos os tipos.

Eu era gentil com Goblin e ele não tinha motivo para ser malvado.

E assim aos poucos, apesar da minha pouca idade, comecei a entender que Goblin não queria me dividir com o mundo, e ficava muito mais feliz, mas muito mesmo, quando tinha minha completa atenção, o que lhe conferia força.

Goblin nem queria que eu tocasse a gaita, porque me perdia quando eu fazia isso, apesar de gostar muito de dançar com as músicas que tocavam no rádio ou as canções que as mulheres cantavam na cozinha. Nessas horas ele me fazia rir ou dançar junto com ele. Mas quando eu tocava gaita, especialmente com Pops, eu ia para outro mundo.

Claro que aprendi a tocar gaita, especialmente para Goblin, olhando e piscando para ele (eu aprendi a piscar muito cedo na vida, com qualquer olho) enquanto ele dançava, e assim ele começou a aceitar a gaita à medida que os anos iam passando.

A maior parte do tempo Goblin tinha o que queria. Tínhamos a nossa mesa aqui em cima para desenhar e colorir com lápis de cera. E eu deixava que ele me guiasse, com sua mão direita sobre a minha esquerda, mas ele só criava rabiscos e riscos, e eu queria desenhar figuras com traços, ou figuras feitas de círculos, e rostos com pequenos círculos no lugar dos olhos. Eu ensinei a ele como fazer figuras com traços, ou bonequinhos, como Peque-

na Ida as chamava, e como fazer jardins com grandes flores redondas que eu gostava de desenhar.

Foi nessa pequena mesa de criança que ele demonstrou sua voz, eternamente fraca. Ninguém ouvia a não ser eu, e eu a captei como tantas explosões de pensamentos fragmentados que espocavam na minha cabeça. Falava em voz alta com ele naturalmente e às vezes sussurrando, e os sussurros se transformavam em murmúrios, e lembro que a Pequena Ida e a Grande Ramona me perguntavam o tempo todo o que eu estava falando e por que não estava falando direito.

Às vezes, quando estávamos lá embaixo na cozinha e eu conversava com Goblin, Pops ou Sweetheart perguntavam a mesma coisa para mim, que diabos eu estava dizendo, se eu não sabia falar melhor, que eu por favor dissesse palavras inteiras como sabia muito bem que devia fazer.

Eu disse isso para Goblin, que tínhamos de falar palavras inteiras, mas a voz dele era pouco mais do que sugestões telepáticas interrompidas, e por pura frustração ele desistiu desse meio de comunicação para falar comigo, e a voz dele só retornou anos depois.

Mas para continuar contando o desenvolvimento infantil dele, Goblin podia balançar a cabeça para cima e para baixo ou de um lado para outro para responder às minhas perguntas, e sorrir que nem louco quando eu dizia ou fazia coisas de que ele gostava. Ele era muito denso na primeira aparição do dia e ia ficando mais transparente à medida que as aparições, ou estadas, aumentavam. Eu sabia quando ele estava por perto mesmo se estivesse invisível, e durante a noite eu sentia o seu abraço — uma impressão muito leve e distinta que nunca tentei, até este exato momento, explicar para mais ninguém.

É mais do que justo dizer que quando ele não estava fazendo caretas e dando cambalhotas, ele me impressionava com um amor avassalador. Talvez fosse mais forte quando ele não estava visível, mas se ele não aparecesse para mim em curtos intervalos de tempo durante o dia e a noite, eu começava a chorar por ele e a ficar angustiado.

Às vezes, quando estava correndo pela grama ou subindo no carvalho perto do cemitério, eu sentia que ele se agarrava a mim, pendurado nas minhas costas, na minha garupa, e o tempo todo eu falava com ele, estando visível ou não.

Num dia muito claro, quando eu estava na cozinha, Sweetheart me ensinou a escrever algumas palavras — bom e mau, alegre e triste — e eu as ensinei para Goblin, nossas mãos juntas. É claro que ninguém entendia que era Goblin que escrevia uma parte do tempo, e quando eu tentava dizer-lhes isso, eles apenas riam, menos Pops, que nunca gostou de Goblin e ficava sempre preocupado dizendo ‘onde é que toda essa conversa de Goblin ia parar’.

Sem dúvida Patsy estava sempre por perto, mas não lembro muito bem dela até meus quatro ou cinco anos. E mesmo então acho que não sabia que ela era minha mãe. Com certeza ela nunca subiu aqui para o meu quarto e quando eu a via na cozinha já começava a temer que ela e Pops acabariam brigando.

Eu amava Pops e com razão, porque ele me amava. Ele era um homem alto e magro, de cabelo grisalho desde que me lembro, e sempre trabalhando, a maior parte do tempo com as mãos. Era educado e falava muito bem, assim como Sweetheart, mas queria ser um homem do campo. E assim como a cozinha engoliu Sweetheart, que um dia debutara na sociedade

de Nova Orleans, a fazenda também engoliu Pops.

Pops armazenava os livros-caixa da pousada da Mansão Blackwood em um computador no quarto dele. E apesar de vestir um terno formal para guiar as visitas pelo lugar, ele não gostava dessa parte dos negócios. Preferia ficar percorrendo os gramados no seu amado trator, ou fazer qualquer outro tipo de trabalho ao ar livre.

Ficava mais feliz quando tinha um ‘projeto’ e podia trabalhar lado a lado com os homens do barracão — tios-avós de Jasmine, irmãos, e assim por diante — até o sol se pôr, e eu nunca o vi em qualquer outro carro a não ser numa picape até Sweetheart morrer, quando ele passou a ir para a cidade de limusine como todos nós fazíamos.

Mas eu acho, e é triste dizer isso, que Pops não amava sua filha, Patsy. Acho que a amava pouco, como Patsy me ama.

Patsy foi temporã, agora eu sei. mas não sabia na época. Hoje quando reflito ao contar esta história para você, compreendo que não havia um lugar natural para ela. Se ela tivesse se enquadrado como Sweetheart, bem, talvez a história tivesse sido diferente. Mas Patsy virou uma caipira rebelde, e essa mistura Pops não conseguia aceitar.

Pops desaprovava tudo em Patsy, desde o jeito como ela eriçava o cabelo comprido, até o short minúsculo que usava. Ele detestava as botas brancas de vaqueiro que ela usava e dizia isso a ela, dizia que suas músicas eram um monte de bobagem e que jamais faria sucesso com a banda. Ele exigia que ela fechasse a porta da garagem se quisesse ensaiar, para que a barulheira não incomodasse os hóspedes. Não suportava a maquiagem escandalosa e os casacos cheios de franjas que ela usava e dizia que ela parecia uma qualquer.

Ela revidava na mesma moeda, dizendo que ia ganhar dinheiro para dar o fora daqui, e uma vez, numa briga com ele, ela quebrou um pote de biscoitos, de chocolate — feitos por Sweetheart devo acrescentar —, e sempre que saía da cozinha batia violentamente a porta.

Patsy era boa cantora, eu sabia disso desde o início porque os homens do barracão disseram, Jasmine e a mãe dela, Pequena Ida, e até a Grande Ramona também disseram. E eu mesmo gostava daquela música, para dizer a verdade. Sempre havia uma interminável procissão de rapazes chegando na garagem para tocar guitarra e bateria para Patsy — e eu sabia que Pops os detestava — e quando eu brincava lá fora chegava sorrateiramente perto da garagem, sem querer que Pops me visse, para poder ouvir Patsy tocando com a banda.

Às vezes Goblin inventava de dançar com a música de Patsy e, como ocorre com muitos espíritos, Goblin se empolgava com a dança. Quando dançava balançava de um lado para outro e fazia gestos bobos e engraçados com os braços, truques com os pés que fariam um menino de carne e osso tropeçar e cair. Ele parecia um pino de boliche, balançava sem cair, e eu morria de rir ao vê-lo fazendo isso.

Passei a gostar dessa dança também, e de ser parceiro dele, tentando imitar seus passos. Quando Patsy saía do barracão para fumar um cigarro e me via, ela se abaixava, me beijava e me chamava de querido e dizia que eu era um ‘menininho danado de bonito’. Mas ela dizia isso de um jeito estranho, como se fosse para contrariar alguém, mas ninguém a contrariava, a não ser ela mesma.

Eu achava que ela era minha prima, até as brigas violentas com Pops contarem uma história diferente.

Dinheiro era a causa das discussões de Patsy com Pops, porque Pops nunca queria dar dinheiro a ela, e é claro que agora eu sei que havia muito dinheiro, sempre muito e muito dinheiro. Mas Pops fazia Patsy brigar por cada centavo. Pops não queria investir em Patsy, hoje eu entendo isso, e às vezes as brigas deles me faziam chorar.

Uma vez, quando eu estava na minha mesinha na cozinha com Goblin e uma dessas brigas entre Patsy e Pops estourou, Goblin pegou a minha mão e guiou meu lápis-cera para escrever a palavra ‘mau’. Eu fiquei feliz quando ele fez isso, porque estava certo o que ele escreveu, e então ele sentou bem perto de mim e tentou passar o braço nos meus ombros, mas o corpo dele era muito rígido naquele tempo. Eu sabia que ele não queria que eu chorasse. Ele se esforçou muito para me consolar, tanto que se tornou invisível, mas eu podia senti-lo agarrado do meu lado esquerdo.

Outras vezes, quando Patsy brigava por dinheiro, Goblin me puxava para longe sem precisar fazer muita força. Ele e eu subíamos correndo para o meu quarto, onde não podíamos ouvir os dois.

Sweetheart era submissa demais para se opor a Pops na hora das brigas na cozinha, mas Sweetheart dava dinheiro escondido para a filha. Eu via isso, e Patsy cobria Sweetheart de beijos e dizia ‘Mamãe, não sei o que faria sem você’. Então ela partia para a cidade na garupa da motocicleta de alguém, ou na própria van amassada, que tinha Patsy Blackwood escrito com tinta spray nas laterais, e nós não víamos Patsy nem ouvíamos sua música por cerca de três dias.

A primeira vez que me dei conta de que Patsy estava intimamente ligada a mim foi numa noite terrível quando ela e Pops começaram a berrar um com o outro e ele disse ‘Você não ama Quinn’, pura e simplesmente, e

‘Você não ama seu próprio filho. Não haveria nenhum Goblin nesta casa, ele não precisaria de nenhum Goblin, se você fosse a mãe que deveria ser’.

Naquele momento eu soube que eram verdadeiras aquelas palavras. Ela era minha mãe. Aquelas palavras ecoaram em mim de alguma maneira e eu senti uma poderosa curiosidade em relação à Patsy, quis perguntar a Pops o que ele queria dizer. Também senti uma mágoa, uma dor no meu peito e na barriga só de pensar que Patsy não me amava, o que antes nem me importava.

Naquele momento, quando Pops disse “Você é uma mãe desnaturada, isso é o que você é, uma vagabunda”, Patsy pegou uma faca bem grande. Ela correu para Pops segurando a faca e Pops agarrou os dois pulsos dela com uma mão só. A faca caiu no chão e Patsy disse a Pops que ela o odiava, que se pudesse matá-lo, ela o faria. Acrescentou que era ele que não amava a própria filha.

Depois me lembro de estar lá fora, sob a luz que saía do barracão, Patsy sentada num balanço de madeira na varanda diante da porta aberta do seu estúdio na garagem, e ela estava chorando, e fui até ela e beijei seu rosto, e ela olhou para mim e me abraçou e me pegou no colo. Eu sabia que Goblin estava tentando me puxar, eu podia senti-lo, mas eu queria abraçar Patsy, não queria que ela ficasse tão triste. Eu disse para Goblin beijar Patsy.

— Pare de falar com essa coisa — gritou Patsy. Ela virou outra pessoa, aliás uma pessoa familiar demais, e começou a berrar comigo. — Eu tenho vontade de morrer quando vejo você conversando com essa coisa. Não suporto ficar perto de você quando começa com isso. E depois dizem que sou uma péssima mãe! — ela disse. Por isso parei de falar com Goblin e dei todos os meus beijos para Patsy por uma hora ou mais. Gostei de ficar

no colo dela. Gostei de ser embalado por ela. Ela cheirava bem e o seu cigarro também. E na minha ignorante cabeça de criança, eu sabia que aquilo seria o marco de um certo tipo de mudança.

Mas não era só isso. Tive uma sensação sinistra quando me agarrei a Patsy. Senti algo como um desespero. Tinham dito que eu não podia sentir uma coisa dessas com aquela idade, mas não era verdade. Eu senti. Agarrei-me a Patsy e ignorei Goblin embora ele dançasse em volta de nós, puxando a manga da minha camisa.

Aquela noite Patsy veio ver televisão aqui com Goblin, Pequena Ida e eu, um acontecimento sem precedentes, e tivemos ataques de riso juntos, só que não lembro do programa que estávamos vendo. A impressão que ficou marcada em mim foi que Patsy de repente era minha amiga, e eu a achei muito bonita, mas também amava Pops e jamais consegui escolher um dos dois.

A partir daquele dia Patsy e eu passamos a demonstrar mais carinho um com o outro. Abraçar e beijar sempre foram coisas muito comuns na Fazenda Blackwood, e era a vez de Patsy entrar no circuito, no que dizia respeito a mim.

Por volta dos seis anos de idade eu já conhecia toda a propriedade e sabia muito bem que não devia brincar perto do pântano que nos limita a oeste e sudoeste.

Se não fosse por Goblin, meu lugar favorito seria o velho cemitério que, conforme já contei, um dia foi o lugar preferido da minha tataravó, Virginia Lee.

Como já disse, os hóspedes adoravam o lugar e a história de como o Manfred Maluco restaurou cada lápide só para aliviar a consciência de Vir-

ginia Lee. A pequena cerca de ferro fundido toda elaborada que havia em volta do cemitério foi restaurada e estava sempre bem pintada de preto, e a igreja de pedra com telhado pontudo era varrida todos os dias. A igreja era uma câmara de eco, e eu adorava entrar lá e dizer Goblin! e ouvir o nome voltar para mim, e ver Goblin se contorcendo com suas risadinhas silenciosas.

Bem, as raízes dos quatro carvalhos levantaram algumas lápides retangulares e a pequena cerca também, mas o que se pode fazer com um carvalho? Ninguém da minha família derrubaria qualquer tipo de árvore, disso eu tenho certeza, e aquelas árvores todas tinham nomes.

O carvalho de Virginia Lee ficava no fundo do cemitério, perto do pântano e ao lado do carvalho de Manfred. Deste lado de cá ficavam o carvalho de William e o carvalho de Ora Lee. Todos com troncos fantásticamente largos e galhos que pendiam até o chão.

Eu gostava muito de brincar lá, até Goblin começar a fazer sua campanha.

Eu devia ter cerca de sete anos quando vi os primeiros fantasmas no cemitério, e vejo isso com muita nitidez agora, enquanto falo. Goblin e eu estávamos brincando por lá e bem ao longe eu podia ouvir as batidas surdas da última banda de Patsy. Tínhamos saído do terreno do cemitério e eu estava me esforçando para subir num dos longos galhos que pareciam braços do carvalho de Ora Lee, que fica mais perto da casa, só que na verdade não é tão perto assim.

Virei a cabeça para a direita por nenhum motivo especial e vi um pequeno grupo de pessoas, duas mulheres, um menino e um homem, todos pairando acima de um conjunto populoso e levantado de túmulos. Não sen-

ti medo algum. Na verdade acho que pensei Ah, então são esses os fantasmas sobre os quais todos comentam, e fiquei em silêncio, olhando para eles espantado, notando que todos pareciam feitos da mesma substância translúcida, que flutuavam como se fossem feitos de ar.

Goblin os viu logo depois e por um momento ele ficou imóvel, apenas olhando fixo para eles, como eu estava fazendo, e então ele ficou histérico, gesticulando muito para eu descer da árvore e ir para casa. Eu já conhecia seus sinais com as mãos, por isso não havia dúvida do que ele dizia. Mas eu não tinha intenção de sair dali.

Fiquei olhando para o grupo de pessoas, admirando seus rostos inexpressivos, a matéria incolor de que eram feitos, suas roupas simples e o modo como olhavam para mim.

Deslizei pelo galho do carvalho até o chão e fui para perto da cerca de ferro fundido. Os olhos do grupo fantasmagórico continuaram grudados em mim, e como vejo agora, quando olho para eles na minha lembrança, compreendo que a expressão deles mudou um pouco naquela hora. Ficou mais intensa e até interpelativa, só que é claro que eu não conhecia essas palavras na época.

Gradualmente eles foram desaparecendo e fiquei muito desapontado quando se foram. Ouvi o silêncio que se seguiu e uma sensação maior de mistério tomou conta de mim quando meus olhos correram o cemitério e depois os imponentes carvalhos. Eu tinha um sentimento peculiar e distinto em relação aos carvalhos, de que eles estavam me observando e tinham visto que eu vira os espíritos, de que eles também sentiam, estavam vigilantes e tinham personalidade própria.

E assim nasceu em mim um verdadeiro horror das árvores, e quando

eu olhava lá para baixo, para a escuridão crescente do pântano, sentia que os ciprestes gigantes possuíam a mesma vida secreta, testemunhavam tudo em volta com uma respiração lenta e profunda que só as próprias árvores podiam ver ou ouvir.

Fiquei zozzo. E enjoado. Vi os galhos das árvores se movendo e então muito lentamente os fantasmas apareceram de novo, o mesmo grupo, tão pálido e infeliz quanto antes. Os olhos deles vasculharam meu rosto e eu fiquei firme, recusando os gestos frenéticos de Goblin, até que subitamente recuei e quase tropecei, e disparei para casa.

Fui, como sempre, direto para a porta da cozinha, com Goblin pulando e correndo ao meu lado, e contei tudo para Sweetheart, o que imediatamente a deixou alarmada.

Naquela época Sweetheart já era bem gorda e parecia parte da mobília da cozinha, como já disse a você, e ela me pegou no colo. Ela disse, sem mais nem menos, que não havia fantasmas lá no cemitério e que eu devia ficar longe daquele lugar a partir daquele dia. Achei que aquilo era uma contradição, mesmo sendo tão jovem, mas eu sabia o que tinha visto, e ninguém tiraria isso da minha cabeça.

Pops estava ocupado com os hóspedes na parte da frente da casa e não lembro de nenhuma reação dele.

Mas Grande Ramona, avó de Jasmine, que estava trabalhando na cozinha com Sweetheart, ficou muito curiosa sobre os fantasmas e quis que eu contasse tudo, até o estampado de flores dos vestidos das mulheres e o fato de os homens não estarem usando chapéu. Ela acreditava em fantasmas, eu sabia disso, e começou a contar a famosa história de como tinha visto o fantasma do meu tataravô William na sala de estar, remexendo nas gavetas da

mesa Luís XV.

Mas voltando ao pessoal do cemitério, as Almas Perdidas, como passei a chamá-los, Sweetheart ficou com medo dessa história e disse que era hora de eu ir para o jardim-de-infância, onde conheceria outras crianças e me divertiria muito.

E assim uma manhã Pops me levou na picafe para uma escola particular em Ruby River. Fui expulso dois dias depois. Conversas demais com Goblin, resmungos e murmúrios em meias palavras, sem cooperar com as outras crianças. Além do mais, Goblin detestou. Goblin fazia caretas para a professora. Goblin pegava a minha mão esquerda e quebrava meus lápis de cera.

Voltei para onde queria ficar. Espionando Patsy enquanto fazia suas músicas, ou trabalhando com Pops enquanto ele plantava uma fileira de lindos amores-perfeitos na frente da casa, ou comendo o resto da cobertura do bolo que sobrava no pote na cozinha, enquanto Sweetheart e Grande Ramona e Pequena Ida cantavam ‘Go Tell Aunt Rodie’ ou ‘I’ve Been Working on the Railroad’, ou músicas que esqueci há muito tempo, canções que perdi, e sinto muita pena.

Depois disso vi as Almas Perdidas do cemitério várias vezes, e as vi no ano passado. Elas não mudam. Elas ficam um pouco por ali, olham fixo e mais nada. Parecem presas umas às outras, uma massa flutuante da qual nenhum espírito pode se destacar. Nem tenho certeza se eles têm personalidade, como conhecemos a palavra. Mas o jeito como me seguem com os olhos indica que sim.

Eu devo ter sido convidado a me retirar de pelo menos quatro escolas antes da minha tia Lorraine McQueen voltar para casa.

Foi a primeira vez que me lembro de ter posto os olhos nela, apesar de saber que ela esteve em casa diversas vezes quando eu era bebê, e ela me contou isso com tanto entusiasmo, e doces abraços e beijos com batons perfumados, e me presenteando com os bombons mais deliciosos de cereja e chocolate, que tirava de uma luxuosa caixa branca.

O quarto dela era o mesmo de sempre mas não me lembro de tê-lo notado até ser levado para vê-la naquele dia, muito tempo atrás, em que ela me pegou no colo.

Entre todas, incluindo as hóspedes que tinham passado pela Mansão Blackwood, tia Queen era a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Eu era fascinado por seus sapatos de salto agulha abertos no calcanhar, e gostava demais do seu perfume penetrante e de sentir seu cabelo branco macio.

Calculo que ela devia ter quase setenta anos naquela época, mas parecia mais jovem do que Pops, que era seu sobrinho-neto, e Sweetheart, e ambos tinham cinquenta e poucos anos, eu acho.

Tia Queen usava um vestido de seda branca feito sob medida, seu estilo favorito de roupa, e lembro que eu deixei cair um pedaço do bom-bom de cereja no vestido e ela disse tranqüilamente que não tinha de me preocupar, que ela possuía milhares de conjuntos de seda branca, e ela deu a risada mais deliciosa e me disse que eu era “brilhante”, como um dia ela havia previsto.

O quarto dela era todo branco, com o dossel da cama decorado com renda e seda, e nas janelas havia longas cortinas de gaze com babados brancos no alto. Havia até uma pele de raposa com cabeça e rabo de verdade, que ela jogara sobre uma cadeira.

Ela me contou que adorava tudo branco, e mostrou suas unhas, pin-

tadas de esmalte branco, e o camafeu na gola da blusa, que era branco sobre coral rosa-claro, e disse que tinha feito questão de que todas as suas coisas fossem brancas naqueles últimos trinta anos, ou desde que John McQueen, o seu marido, tinha morrido.

— Acho que estou simplesmente me cansando disso —, ela declarou do modo mais dramático e interessante. — Eu amava muito seu tio John McQueen. Nunca ameí nenhum homem antes dele. E nunca mais vou me casar. Mas estou pronta para me afogar em cores. Certamente seu tio John McQueen aprovaria. O que você acha, Tarquin? Devo comprar conjuntos de várias cores?

Foi um marco positivo na minha curta vida quando ela me disse isso. Ninguém tinha feito uma pergunta como essa, séria, de adulto, para mim antes. Na verdade ela falava o tempo todo comigo como se eu fosse um adulto. Eu a adorei daquele momento em diante, com uma lealdade que nunca teve limites.

Em uma semana ela começou a me mostrar cortes de tecido adamasado e de seda coloridos, perguntando qual eu achava mais alegre, a cor mais doce, e eu tive de confessar que de todas elas o amarelo me parecia o mais alegre, e segurei a sua mão e a levei para a cozinha para ver as cortinas amarelas de lá, e isso fez minha tia rir muito e dizer que o amarelo, para ela, lembrava manteiga.

Mas ela decorou seu quarto de amarelo! Tudo de tecido bem leve de verão, arejado como o branco que usava antes, mas todo o quarto ficou mágico em amarelo, e francamente eu gostei muito mais com aquela primeira mudança.

Com o passar dos anos, ela decorou o quarto de muitas cores dife-

rentes, inclusive o dossel da cama, colchas, estofados e cadeiras, e com as roupas, fez a mesma coisa. Mas naquele primeiro dia ela parecia uma verdadeira personagem real de pura brancura, e eu me lembro de me encantar com sua beleza e com o que parecia a pureza dos seus modos e palavras.

Quanto ao camafeu, ela me contou tudo, que era a mítica Hebe segurando uma taça para Zeus, o rei dos deuses, que assumira a forma de uma águia e punha o bico na taça para beber.

Bom, Goblin tinha ficado emburrado esse tempo todo lá parado na porta, com as mãos nos bolsos do macacão, até eu chamá-lo e dizer que queria mostrá-lo para tia Queen. Creio que fiz o melhor possível para descrevê-lo para ela, já que até onde eu sabia ninguém era capaz de ver Goblin, a não ser eu, e eu podia jurar que ela olhou para o espaço ao meu lado, e eu tive a impressão, apenas uma pequena impressão, de que ela conseguiu vê-lo, pelo menos por um instante, com os olhos semicerrados.

Ela olhou para mim de novo, como se voltasse de algum sonho, e perguntou com muita delicadeza Ele o faz feliz? E isso também me pegou desprevenido, como tinha acontecido com aquela sua pergunta anterior.

Acho que gaguejei alguma coisa no sentido de que Goblin estava sempre por perto, menos quando se escondia, como se não fosse uma questão de me fazer feliz ou não, e então Goblin começou a puxar a minha mão para me levar para fora do quarto. Eu disse Comporte-se, Goblin!, como Sweetheart às vezes dizia para mim, Comporte-se, Quinn!, e Goblin, fazendo bico e caretas, desapareceu.

Eu comecei a chorar. Tia Queen ficou muito preocupada com isso e perguntou por que eu estava chorando, e eu contei que Goblin não ia mais voltar tão cedo. Ele ia esperar até eu não parar mais de chorar e só então

viria.

Tia Queen ponderou um longo tempo a questão e disse que eu não devia chorar.

— Sabe o que eu acho, Quinn? — ela disse. — Acho que se você ficar quieto e fingir que não precisa dele, Goblin vai voltar.

Foi dito e feito. Quando eu estava ajudando tia Queen e Grande Ramona a desfazer as malas, enquanto eu brincava com os seus camafeus que ela espalhou na sua famosa mesa de mármore, lá veio o Goblin, espiando pela porta. Depois entrou fazendo beicinho e com a cara emburrada.

Tia Queen não se importava quando eu sussurrava para ele, explicando quem ela era, dizendo que todo mundo a chamava de Miss Queen, mas que nós devíamos chamá-la de tia Queen, e quando Grande Ramona quis chamar a minha atenção e me mandou ficar quieto, tia Queen disse não, que me deixasse falar.

— Ora, Goblin, não fuja de novo — disse tia Queen, e mais uma vez tive certeza de que ela podia vê-lo, mas ela disse que não, que só estava se fiando na minha palavra quando eu dizia que ele estava lá.

Em todo o tempo da visita da tia Queen ela falava comigo como se eu fosse um adulto, e eu também dormia na cama com ela. Ela mandou comprar na cidade algumas camisetas brancas de tamanho grande, e eu as usava como pequenas camisolas brancas. E me aninhava nela como se fôssemos duas Colheres encaixadas, como eu fazia com a Pequena Ida, e dormia tão profundamente que nem mesmo Goblin podia me fazer acordar antes do chamado de tia Queen para eu levantar.

Pequena Ida ficou um pouquinho enciumada com isso, já que ela e eu éramos companheiros de cama desde quando eu era bebê, mas tia Queen a

tranqüilizou e ela deixou para lá. Eu gostava mais do dossel branco sobre as nossas cabeças do que do baldaquim de cetim no meu quarto aqui em cima.

Deixe-me falar de outra lembrança que deve ser da mesma época. Tia Queen e eu fomos para Nova Orleans na sua enorme limusine. Eu nunca tinha estado num carro como aquele, mas lembro de pouca coisa, só que Goblin estava sentado do meu lado direito e tia Queen, à minha esquerda. Goblin tentou permanecer sólido, mas ficava transparente inúmeras vezes, como se piscasse.

O que mais me marcou naquele dia foi que descemos do carro numa rua sombreada com uma longa calçada de tijolos, e sobre toda a calçada havia pétalas cor-de-rosa, e foi uma das visões mais lindas que já tive. Gostaria de saber agora que rua era aquela. Perguntei para tia Queen mas ela não lembra.

Não sei se aquelas pétalas cor-de-rosa tinham caído de uma longa fileira de murta ou de magnólias japonesas. Eu acho que deviam ser árvores de murta depois de uma chuva. Nunca vou esquecer aquele pedaço de calçada e aquele adorável caminho de pétalas de flor, como se alguém as tivesse espalhado especialmente para as pessoas caminharem por cima e serem transportadas para fora da realidade e entrar nos sonhos.

Mesmo agora, quando a existência parece insuportável, eu penso naquela calçada, lembro da luz sonolenta e da sensação de não ter pressa para nada, e da beleza das pétalas cor-de-rosa. E consigo respirar fundo.

Não tem nada a ver com a minha história, só que talvez sirva para comprovar que eu tinha olhos para enxergar essas coisas, e coração para ser sensível a elas. Mas o que importa é que fomos para a casa de uma senhora muito afetada e artificial, bem mais jovem do que tia Queen, que tinha um

quarto cheio de brinquedos, e a primeira casa de bonecas que eu vi na vida. Sem saber que meninos não deviam gostar de casas de boneca, eu obviamente fiquei curioso e queria muito brincar com ela.

O que me lembro é que aquela senhora queria comandar e me bombardeou com perguntas suaves e afetadas, fingindo voz de criança. Quase todas as perguntas eram sobre Goblin, que olhava furioso para ela o tempo todo com a cara amarrada. Eu não gostei do tom suave da voz dela quando perguntou ‘Goblin faz coisas ruins?’ e ‘Você acha que Goblin está fazendo alguma coisa que você gostaria de fazer, mas não pode?’

Por mais jovem que fosse, eu entendi aonde ela queria chegar e não me surpreendi depois quando tia Queen telefonou para Pops da limusine e disse, sem levar em conta Goblin ao meu lado:

— É apenas um amiguinho imaginário, Thomas. Ele vai superar Goblin. É um menino inteligente e não tem amigos para brincar. Por isso temos Goblin. Não há motivo para se preocupar.

Foi pouco tempo depois do meu encontro com a linda calçada coberta de pétalas — e da psicóloga — que Pops me levou de carro para uma nova escola. Eu odiei de todo o coração, como odiava todas as outras, conversava com Goblin acintosamente e sem parar e fui mandado para casa antes do meio-dia.

Na semana seguinte Pops fez uma longa viagem de carro até Nova Orleans para me levar ao jardim-de-infância mais conhecido da cidade, mas o resultado foi o mesmo. Goblin fez caretas para as crianças e eu as detestei. E a voz da professora me irritava, ela falava comigo como se eu fosse um idiota, e Pops logo apareceu lá na picape para me levar de volta exatamente para onde eu queria estar.

Nesse ponto tenho uma lembrança vivida mas fragmentada, muito distorcida e confusa, de realmente ter sido encarcerado em algum tipo de hospital, de ficar num quarto que era um cubículo e de sentar de novo numa daquelas imensas salas de recreação, completa, como uma casa de boneca, e sabendo que as pessoas estavam me observando através de um espelho porque Goblin fazia sinais para mim indicando isso. Goblin odiou aquele lugar. As pessoas que foram me interrogar falavam comigo como se fossem grandes amigas minhas, que, é claro, não eram.

Onde você aprendeu essas palavras complicadas? era uma das perguntas preferidas, e, Você diz que é feliz sendo independente. Sabe o que quer dizer independente? Claro que eu sabia e expliquei, é ficar sozinho e não na escola, não estar naquele lugar, e logo saí de lá com a sensação de que tinha conquistado a minha liberdade por meio de pura teimosia e recusa de ser bonzinho. Mas eu fiquei tremendamente assustado com essa experiência. E eu sei que chorei histericamente quando corri para os braços de Sweetheart, e ela soluçava sem parar.

Pode ter sido na noite que voltei para casa — eu não sei —, mas pouco tempo depois tia Queen me garantiu que nunca me deixariam num lugar como aquele ‘hospital’ de novo. E nos dias que se seguiram eu soube que era obra da tia Queen, porque Patsy a criticou em voz alta por isso na minha presença e isso me deixou confuso porque eu precisava muito amar a tia Queen.

Quando tia Queen balançou a cabeça e confirmou que tinha cometido um erro no caso do hospital, eu fiquei muito aliviado. Tia Queen percebeu isso, me deu um beijo, perguntou por Goblin e eu disse que ele estava bem do meu lado.

Mais uma vez eu podia jurar que ela o via, e eu até vi Goblin se endireitar e se arrumar para ela. Mas ela apenas disse que se eu amava Goblin, então ela o amaria também. Eu explodi em lágrimas de felicidade, e Goblin também começou a chorar.

A outra lembrança que tenho de tia Queen é dela sentada à minha mesinha comigo neste quarto e me ensinando mais palavras para escrever com o meu lápis-cera, na verdade uma grande lista de substantivos, inclusive o nome de cada objeto do quarto, e ela observava pacientemente enquanto eu ensinava todas essas palavras, cama, mesa, cadeira, janela e assim por diante, para Goblin.

— Goblin o ajuda a lembrar — ela disse muito séria para mim. — Acho que Goblin é muito inteligente. Você acha que Goblin sabe alguma palavra que nós não conhecemos? Quero dizer, uma palavra que você ainda não aprendeu?

Foi um momento espantoso. Eu já ia dizer que não, quando Goblin pôs sua mão sobre a minha e escreveu do seu jeito torto a palavra PARE, e as palavras DÊ PASSAGEM, e a palavra ESCOLA.

Eu dei risada, sentia muito orgulho dele. Mas Goblin não tinha terminado. Então ele escreveu, com movimentos curtos e trêmulos, as palavras RIO RUBY.

Ouvi tia Queen sufocar um grito de espanto.

— Explique cada uma dessas palavras para mim, Quinn — ela disse. Mas apesar de poder explicar PARE E DÊ PASSAGEM porque eram placas que víamos na estrada, eu não consegui ler ESCOLA, e nem RIO RUBY.

— Pergunte ao Goblin o que elas querem dizer — disse tia Queen.

Fiz o que ela pediu, e Goblin explicou tudo silenciosamente, pondo

as idéias na minha cabeça. PARE significava parar o carro, DÊ PASSAGEM significava reduzir a velocidade, ESCOLA significava ir mais devagar por causa das crianças, bá! ui!, e RIO RUBY era o nome da água sobre a qual o carro passava quando íamos para a escola ou fazer compras.

Uma expressão muito séria e inesquecível dominou as feições de tia Queen.

— Pergunte ao Goblin como foi que ele aprendeu essas coisas — ela disse para mim.

Mas quando fiz essa pergunta, Goblin simplesmente ficou vesgo, balançou a cabeça de um lado para outro e começou a dançar.

— Acho que ele não sabe como foi — eu disse a ela —, mas creio que ele as aprendeu observando e ouvindo.

Ela pareceu muito satisfeita com essa resposta e eu fiquei imensamente feliz. A expressão solene de tia Queen tinha me assustado.

— Ah, isso faz sentido — ela disse. — E vou dizer uma coisa. Por que você não pede para o Goblin ensinar algumas palavras novas para você todos os dias? Talvez ele possa começar agora, com mais algumas palavras novas para nós.

Eu tive de explicar a ela que Goblin não ia fazer mais nada aquele dia. Ele não gostava de ficar muito tempo fazendo uma coisa só. Ele perdia o ânimo.

Só agora, contando isso, é que eu percebo que Goblin estava falando coerentemente na minha cabeça. E quando é que isso tinha começado? Eu não sei.

Mas nos meses seguintes eu fiz o que tia Queen tinha pedido e Goblin me ensinou páginas inteiras de palavras comuns. Todos, até Pops e

Sweetheart, acharam aquilo bom. E a turma da cozinha assistia espantada ao desenvolvimento desse processo.

Com letras tremidas, eu soletrava ARROZ, COCA-COLA, FARINHA, GELO, CHUVA, POLÍCIA, XERIFE, PREFEITURA, CORREIO, CINEMA, ARMAZÉM, FARMÁCIA, WAL-MART, definindo essas palavras como Goblin as definia na minha cabeça, e essas definições não vinham apenas da pronúncia das palavras, que Goblin também ensinava, mas de imagens. Eu vi a prefeitura. Eu vi o correio. Eu vi o cinema do centro da cidade. E fiz uma associação imediata e embrionária das sílabas audíveis das palavras com o seu significado, e isso era obra de Goblin.

Enquanto relembro esse curioso processo, eu entendo o que significava. Goblin, a quem eu sempre tratei como alguém bem inferior a mim e como um encenqueira diabólico, tinha aprendido o código fonético das palavras escritas e me superava em relação a isso. E ele ficou na minha frente bastante tempo. A explicação para isso? Exatamente o que ele disse. Ele observava e escutava, e dada a pequena quantidade de matéria-prima incontestável, ele era capaz de ir bem longe.

Foi isso que eu quis dizer quando afirmei que ele aprendia rápido, e deveria acrescentar que é um aprendiz imprevisível e incontrollável, porque isso é verdade.

Mas tenho de deixar claro que apesar da turma da cozinha ter me dito que Goblin era maravilhoso por haver me ensinado todas aquelas palavras, eles continuavam sem acreditar nele.

E uma noite, quando ouvia os adultos conversando no quarto da tia Queen, ouvi a palavra “subconsciente”, depois ouvi de novo, e finalmente uma terceira vez, quando interrompi e perguntei o que queria dizer.

Tia Queen explicou que Goblin vivia no meu subconsciente, e que quando eu crescesse ele provavelmente iria embora. Eu não devia me preocupar com aquilo naquele momento. Mas mais tarde eu não ia querer mais o Goblin e a “situação” se resolveria sozinha.

Eu sabia que isso estava errado, mas amava demais tia Queen para contradizê-la. E, além disso, logo ela iria embora. Suas viagens estavam chamando. Amigos dela estavam reunidos em Madri, num palácio, para uma festa especial, e eu só conseguia pensar nisso com lágrimas nos olhos.

Logo tia Queen foi embora, mas não sem antes contratar uma jovem para me dar aulas em casa, e foi o que ela fez, vindo para a Mansão Blackwood todos os dias.

Essa professora não era realmente uma pessoa muito eficiente, e minhas conversas com Goblin a assustaram, e em pouco tempo ela foi embora.

A que veio depois e a outra também não eram boas.

Goblin detestava essas professoras tanto quanto eu. Elas queriam que eu colorisse desenhos aborrecidos, que colasse pedaços de papel de revistas em cartolina. E a maior parte do tempo se dirigiam a mim de um jeito que parecia, agora eu vejo em retrospecto, supor que a mente de uma criança é diferente da mente dos adultos. Eu não suportava isso. Rapidamente aprendi a aterrorizá-las e amedrontá-las. Fazia isso com muito prazer, para quebrar o poder delas. Queria que fossem embora e jogava nisso toda a minha fúria de filho único com um espírito só dele.

Não importava quantas apareciam, em pouco tempo eu ficava sozinho com Goblin outra vez. Nós dominávamos a fazenda como sempre, e às vezes ficávamos com os homens do barracão assistindo às lutas de boxe na

televisão, um esporte que eu sempre adorei — na verdade o único esporte a que adoro assistir e ainda assisto — e vimos os fantasmas no velho cemitério diversas vezes.

Quanto ao fantasma de William, filho de Manfred, eu o vi pelo menos três vezes perto da mesa na sala de estar, e ele parecia me ignorar completamente, como a tia Camille na escada do sótão.

Nesse meio-tempo Pequena Ida lia livros infantis com luxuosas ilustrações para mim, sem se importar nem um pouco de Goblin também estar ouvindo e espiando, todos nós amontoados juntos na cama, recostados na cabeceira, e eu aprendi a ler um pouco com ela, e Goblin era capaz de ler um livro para mim se eu tivesse paciência para escutar, para sintonizar sua voz silenciosa dentro da minha cabeça. Nos dias chuvosos, como já mencionei, ele ficava muito forte. Ele podia ler um poema inteiro para mim, de um livro de adulto. Se estivéssemos brincando numa chuva de verão ele conseguia ficar perfeitamente sólido por uma hora.

Em algum momento naqueles anos eu compreendi que Goblin era um tesouro, que seu dom de entender e soletrar palavras era superior ao meu, e eu gostava disso, e também confiava na opinião das professoras, claro. Goblin estava aprendendo mais rápido do que eu. E então o inevitável aconteceu.

Eu devia ter nove anos. Goblin segurou minha mão esquerda e começou a escrever mensagens mais sofisticadas do que eu jamais seria capaz. Na cozinha, onde eu já me sentava à grande mesa branca com os adultos, Goblin rabiscou com lápis-cera no papel alguma coisa mais ou menos assim: Quinn e eu queremos passear na picape do Pops. Gostaríamos de ir de novo à rinha de galos. Gostaríamos de ver os galos brigando. Queremos fazer

apostas.

Pequena Ida viu isso e Jasmine também, e nenhuma disse nada, e Sweetheart apenas balançou a cabeça, e Pops também ficou calado. E então Pops fez uma coisa inteligente.

— Olha, Quinn — ele disse. — Você está nos dizendo que Goblin escreveu isso, mas tudo que eu vejo é a sua mão esquerda se mexendo. Só para esclarecer isso, copie essas palavras para nós. Diga ao Goblin para deixar você copiar. Quero ver como sua escrita é diferente da dele.

É claro que eu tive dificuldade para copiar, e que a minha escrita era muito mais limpa e certa quando finalmente consegui, como Pequena Ida tinha me ensinado a escrever, e Pops chegou para trás e ficou atônito.

Então Goblin agarrou a minha mão esquerda de novo e me fez escrever com seus rabiscos característicos Não tenham medo de mim. Eu amo Quinn.

Fiquei encantado com isso e lembro que disse para todos ali reunidos que Goblin era o melhor professor que eu tinha. Mas ninguém ficou feliz com isso como eu fiquei, e então Goblin segurou minha mão de novo, com força, e rabiscou, quase quebrando o lápis de cera, Vocês não acreditam em mim. Quinn acredita em mim.

Para mim ficou muito claro que Goblin era uma criatura diferente de mim e que todo mundo devia saber disso, mas ninguém estava preparado para confirmar isso com palavras.

No entanto Pops e eu fomos à rinha de galos no fim de semana seguinte e no caminho para Ruby River Pops perguntou se Goblin estava conosco no carro. Eu disse que sim, que Goblin estava agarrado a mim, invisível, economizando suas forças para dançar rodopiando no local das brigas

de galo, mas que não precisava se preocupar, ele estava bem ali.

Então, quando chegamos, Pops perguntou o que Goblin estava fazendo. E eu disse a ele que Goblin estava lá ‘em cores vivas’, e eu queria dizer sólido, e que ele estava correndo bem ao meu lado por toda a arena, recolhendo as apostas que Pops ganhava. Claro que tínhamos de pagar algumas também, que Pops perdia.

Caso você nunca tenha estado numa rinha de galos, deixe-me descrever resumidamente o que acontece. É uma construção no campo, com um salão precário e uma barraca que vende hambúrguer, cachorro-quente e refrigerante. Do salão você dá em uma arena redonda com duas entradas, aquela pela qual você entrou e uma outra do lado oposto, pela qual entram os galos e seus treinadores. No centro da arena há uma grande gaiola redonda com chão de terra completamente protegida por arame de galinheiro até o teto, que é onde os galos brigam.

Dois homens entram no ringue com seus galos, deixam-nos no chão e os galos começam a brigar, pela própria natureza deles. Assim que um deles começa a perder os homens os tiram para continuarem a rinha até a morte lá nos fundos. Os treinadores fazem tudo que podem para ajudar suas aves. Seguram-nos pelo pescoço e chupam os bicos deles até tirar sangue para dar-lhes mais energia, e acho que também sopram na outra extremidade deles.

Pops nunca foi lá para trás. Lá nos fundos era sujo e poeirento, por isso a maioria das pessoas nas brigas de galo, por mais bem-vestidas que estivessem, sempre pareciam cobertas de pó. Pops só gostava da parte interna da batalha, e muitas vezes se levantava e berrava suas apostas, e eu corria com o dinheiro, conforme já descrevi. Há algumas mulheres nas ri-

nhas de galo, e muitas crianças, muitas delas coletando e pagando apostas, e é uma espécie de tradição americana que provavelmente está acabando.

Eu adorava aquilo, e Goblin também. Achávamos os galos fabulosos com sua longa plumagem colorida, e quando eles saltavam no ar desafiando seus oponentes, subindo um metro ou mais, depois caindo e subindo de novo, era um espetáculo de se ver.

Pops conhecia todo mundo lá. Ele era um homem do campo, como eu já disse, e enquanto conto esta história percebo que ele morava no campo e convivia com a comunidade rural por vontade própria, por opção. Tinha se formado em direito pela Universidade Loyola, em Nova Orleans, igual ao pai dele, Gravier. Ele podia ter sido um tipo de pessoa diferente. Ele escolheu ser quem era.

Ele criava galos de briga desde antes de eu nascer, e me contou tudo a respeito disso, de como eles eram alimentados por dois anos com o melhor grão para suas longas penas crescerem para os cinco minutos de glória no ringue. Quanto às galinhas domésticas, ele disse que eram criadas miseravelmente e que eram maltratadas, e que nunca viam a grama ou o ar puro. Um galo de briga tinha uma vida.

Bem, esse era Pops. Ele voltava para casa de uma briga de galos, tomava uma chuveirada, vestia seu terno escuro, ia verificar se a louça Royal Doulton tinha sido posta direito na mesa do jantar, e chamava Pequena Ida ou Lolly para acertar os talheres de prata esterlina de forma mais uniforme e simétrica. Ele ouvia fitas gravadas de música na picape e contratava quartetos e trios de câmara para tocar nos salões da frente da casa.

Era um homem que vivia entre dois mundos, e me dava o melhor dos dois, mas eu não entendo por que ele odiava Patsy por ela ter se dedica-

do completamente ao seu lado rural. É verdade que minha mãe engravidou aos dezesseis anos e recusou-se a revelar o nome do pai, se é que sabia, e talvez tenha sido isso que a deixou em situação desfavorável.

Avancemos agora minha história para meus dez anos, quando tive a melhor das professoras em casa, uma mulher incomparável e adorável chamada Lynelle Springer, que tocava piano de modo exótico, era poliglota, ‘adorava’ Goblin e muitas vezes conversava com ele sem depender de mim, o que até me deixava meio enciumado.

Claro que eu sabia que era um jogo, mas Goblin não, e ele dava cambalhotas e fazia gracinhas para Lynelle, e eu descrevia para ela sussurrando. Tudo que Lynelle me ensinava eu ensinava para Goblin, ou pelo menos copiava os gestos. E Goblin aprendeu a amar Lynelle tão profundamente que ele dava pulos de alegria toda noite quando ela chegava em casa.

Lynelle era alta e magra, com cabelo comprido, castanho, encaracolado, que ela costumava prender casualmente para afastar do rosto. Ela usava um perfume chamado Shalimar e o que ela dizia serem vestidos ‘românticos’ de cintura alta e saia rodada, sugerindo a época do rei Artur, ela explicou para mim, e ela adorava a cor azul-celeste. Era fã da minha ancestral Virginia Lee, em cujo retrato na sala de jantar vestia um vestido maravilhoso azul-celeste.

Lynelle usava saltos muito altos — tia Queen sem dúvida aprovava plenamente —, tinha seios fartos e cintura bem fina.

Lynelle se encantara com a Mansão Blackwood. Dançava rodopiando nos grandes salões. Explorava tudo com interesse borbulhante e era muito simpática quando casualmente encontrava os hóspedes.

Logo no início ela declarou que eu possuía um ‘raro intelecto’. Eu a-

bri meus braços para ela, e o meu mundo, conforme você pode ver, sempre foi muito marcado e pontuado por abraços e beijos, e Lynelle se adaptou a esse estilo sem nenhuma inibição.

Lynelle me enfeitiçou. Eu temia perdê-la como deliberadamente havia perdido todas as outras professoras, e vivi talvez a maior modificação em um aspecto do meu mundo de que tenho consciência.

Lynelle falava tão rápido que Pops e Sweetheart resmungavam entre eles que não conseguiam entender o que ela dizia. E lembro de intromissões maldosas no sentido de que tia Queen estava pagando para Lynelle três vezes mais do que as outras professoras receberam, tudo porque as duas tinham se conhecido num castelo inglês.

E daí? Lynelle era única. Lynelle usava os talentos de Goblin, pedindo que ele me ensinasse palavras novas e dirigindo suas longas cascatas de adoráveis discursos para nós dois, seus dois ‘elfos’.

O fato de Lynelle ter seis filhos pequenos, de ter sido professora de francês, de ter retornado para a universidade para se formar num curso pré-médico, de ser uma espécie de gênio científico, e também às vezes pianista que dava concertos, tudo isso deixava Pops e Sweetheart ainda mais desconfiados. Mas eu sabia que Lynelle era uma pessoa realmente única. Eu não podia ser ludibriado.

Lynelle vinha cinco noites por semana e ficava aqui quatro horas, e depois de um mês conquistou todo mundo na Fazenda Blackwood com sua energia, seu charme, seu otimismo e efervescência, e mudou positivamente o rumo da minha vida.

Foi Lynelle que de fato me ensinou o básico — leitura fonética de palavras compridas e representação de sentenças por meio de desenhos para

eu poder entender as etapas da gramática, e a única aritmética que agora confesso que sei.

Ela me ensinou francês suficiente para compreender muitos dos filmes legendados a que assistíamos juntos, e me cobriu de história e geografia, projetando em mim suas aulas fluentes e deslumbrantes sobre personagens históricos, mas às vezes percorrendo séculos inteiros de conquistas nas artes e na guerra.

— Tudo é arte e guerra, Quinn — ela disse para mim uma vez quando estávamos sentados de pernas cruzadas no chão aqui em cima, e continuou: — É chocante, mas quase todos os grandes homens eram loucos.

Ela dirigia-se a Goblin chamando-o pelo nome quando explicava que Alexandre o Grande era egomaniaco e Napoleão, obsessivo-compulsivo, enquanto Henrique VIII era poeta, escritor e um demônio despótico.

Com uma iniciativa irrepreensível, Lynelle aparecia com caixas repletas de fitas com filmes educativos e documentários para nós três assistirmos no vídeo e também apresentou-me à idéia de que nestes tempos de televisão a cabo ninguém podia ficar sem instrução. Até um menino eremita na Fazenda Blackwood podia aprender tudo apenas assistindo à televisão.

— As pessoas que vivem em acampamentos, nos seus trailers, estão vendo esses canais, Quinn, pense só nisso, as garçonetes assistindo à biografia de Beethoven e funcionários da telefônica voltando para suas casas para assistir aos documentários sobre a Segunda Guerra Mundial.

Eu não ficava tão convencido quanto ela sobre essas questões, mas via o potencial, e quando ela persuadiu Pops a me dar uma televisão gigante eu fiquei feliz.

Ela insistia nos documentários científicos que eu, no curso das coisas,

teria deixado de lado, e levou-me através do magnífico filme *Amor imortal*, no qual Gary Oldman toca Beethoven com tanta perfeição que toda vez que eu assistia, eu chorava. E havia também *Amadeus* com Tom Hulce fazendo o papel de Mozart e F. Murray Abraham como Salieri. Uma obra-prima aquele filme, que me deixava sem ar, e ela mergulhava na história com o filme *À noite sonhamos* com Cornei Wilde no papel de Chopin e Merle Oberon como George Sand, e *Tonight We Sing*, sobre S. Hurok, o grande empresário, e havia dezenas de outros filmes com os quais ela ampliou meu mundo.

Claro que ela me mostrou *Sapatinhos vermelhos*, que acendeu em mim a chama do desejo de estar com pessoas charmosas e cultas, e depois *Os contos de Hoffmann*, que transformou meus sonhos. Esses dois filmes provocaram uma verdadeira dor física em mim, de tão vibrante, elevado e exaltado que era o mundo deles. Ah, agora me dói pensar neles, ver as suas imagens mentalmente. Dói. Esses dois filmes são como feitiços, aqueles dois filmes.

Imagine Lynelle e eu no chão, neste quarto, sem luz nenhuma, só a da televisão e aqueles filmes, aqueles encantamentos afogando os nossos sentidos. E Goblin, Goblin olhando fixo para a tela, abobalhado com as imagens que devia estar observando, Goblin quieto fazendo o maior esforço para entender por que nós estávamos tão mesmerizados e calados.

Quando eu chorei de dor, Lynelle disse a coisa mais bondosa para mim.

— Você não entende, Quinn? — ela disse. — Você mora numa casa deslumbrante, você é excêntrico e dotado como as pessoas nesses filmes. Tia Queen está sempre convidando você para ir encontrá-la na Europa e você não vai. E isso está errado, Quinn. Não faça seu mundo pequeno.

Na verdade tia Queen jamais me convidara para encontrá-la na Eu-

ropa, ou, para ser mais preciso, eu nem sabia que tia Queen tinha me convidado! Sem dúvida Pops e Sweetheart sabiam. Mas não confessei isso.

— Você precisa continuar a me dar aulas, Lynelle — eu respondi. — Tem de me transformar em alguém que possa viajar com a tia Queen.

— Vou fazer isso, Quinn — ela disse. — Vai ser fácil.

Ela quase conseguiu me fazer acreditar nisso. E assim ela continuou, avançando pela arqueologia e teorias da evolução e aulas estonteantes sobre buracos negros no espaço.

Ela me ensinou a tocar algumas peças simples de Chopin e alguns exercícios de Bach. Levou-me a percorrer toda a história da música, fazendo com que eu respondesse a questionários até eu conseguir identificar um período e um estilo, e até, no caso de Mozart, um compositor.

Eu estava no céu com Lynelle.

Ela ensinou muitas palavras em latim para demonstrar que elas eram raízes de palavras inglesas. Ensinou-me a dançar valsa, two-step e tango, mas o tango me fazia rir tanto que eu caía toda vez que tentávamos.

Lynelle também trouxe o primeiro computador para o meu quarto, junto com a primeira impressora, e apesar de isso ter acontecido muito tempo antes do advento da Internet, eu aprendi a escrever nesse computador e consegui digitar bem depressa, usando três dedos de cada mão.

Goblin ficou fascinado com o computador.

Ele logo segurou minha mão esquerda e martelou no teclado as palavras Eu adoro Lynelle. Ela ficou muito satisfeita com isso, e então, sem conseguir livrar minha mão da dele, eu me vi digitando todo tipo de palavras juntas, sem espaços, e dei uma cotovelada no peito de Goblin e disse para ele ir embora. É claro que Lynelle amenizou a mágoa dele com palavras

bondosas.

Goblin levou muito tempo para descobrir que podia fazer palavras aparecerem no computador sem a minha ajuda.

Mas vou voltar a falar de Lynelle. Assim que aprendi a escrever uma carta no computador escrevi para tia Queen, que estava numa espécie de peregrinação religiosa na Índia, e disse a ela que Lynelle era uma emissária especial, dos céus e dela. Tia Queen ficou tão satisfeita de saber de mim que começamos a trocar cartas duas vezes por mês.

Tive muitas aventuras com Lynelle.

Num sábado nós fomos para o pântano juntos numa barçaça, jurando encontrar a ilha de Sugar Devil, mas ante a primeira visão de uma cobra venenosa Lynelle decididamente teve um ataque e gritou que queria voltar para terra firme. Eu tinha uma arma e poderia atirar na cobra se ela se aproximasse de nós, o que ela não fez, mas Lynelle ficou apavorada e então fez o que ela pediu.

Nenhum de nós estava de mangas compridas como Pops havia aconselhado, e ficamos cobertos de picadas de mosquito. Por isso nunca mais fizemos outra excursão como aquela. Mas nas noites frescas de primavera muitas vezes sentávamos em um dos túmulos retangulares no cemitério e ficávamos observando o pântano, até a escuridão completa e os mosquitos nos expulsarem para dentro de casa.

É claro que iríamos nos aventurar por lá qualquer dia e encontrar aquela maldita ilha, mas havia sempre coisas mais urgentes para fazer.

Quando Lynelle descobriu que eu nunca havia estado num museu em toda a minha vida, partimos no seu ruidoso Mazda esporte, com o rádio tocando techno-rock aos berros, em direção a Nova Orleans para ver as

pinturas maravilhosas do Museu de Arte de Nova Orleans, depois fomos para o novo Aquarium, passeamos pelo Art District e entramos nas galerias, depois fomos ao French Quarter só para nos divertir.

Agora eu entendo que eu sabia alguma coisa de Nova Orleans. Muitas vezes viajávamos hora e meia de carro para ir à missa na deslumbrante igreja da Assunção de Nossa Senhora nas ruas Josephine e Constance, porque aquela tinha sido a paróquia de Sweetheart e um dos padres de lá era primo dela, portanto meu primo também.

E durante o Mardi Gras nós íamos de carro para ver os desfiles à noite da varanda da frente da casa da irmã de Sweetheart, tia Ruthie. E algumas vezes até visitamos tia Ruthie no dia de Mardi Gras.

Mas com Lynelle eu realmente aprendi a conhecer a cidade enquanto nos embrenhávamos pelo French Quarter ou garimpávamos em sebos de livros na Rua Magazine, ou visitávamos a Catedral de St. Louis para acender uma vela e rezar uma oração.

Nessa época Lynelle também me orientou para a minha primeira comunhão e para a crisma, e essas duas cerimônias aconteceram na noite do Sábado de Aleluia (véspera da Páscoa), na igreja da Assunção de Nossa Senhora. Todo o pessoal de Sweetheart de Nova Orleans compareceu, inclusive umas cinquenta pessoas que eu realmente não conhecia. Mas fiquei muito contente de me associar à igreja do modo apropriado e passei por um período de brando fascínio pela igreja, procurando assistir a todos os vídeos que falavam do Vaticano, da história da igreja, ou sobre as vidas dos santos.

O que mais me intrigou foi o fato de os santos terem visões, alguns santos viam seus anjos da guarda e até conversavam com eles. Imaginei se Goblin, que não era um anjo, tinha de ser do Inferno.

Lynelle disse que não. Eu nunca tive coragem, nem senti uma necessidade óbvia de perguntar a um padre sobre Goblin. Eu pressentia que Goblin seria condenado como fruto de uma imaginação mórbida, e às vezes eu pensava que Goblin era exatamente isso.

Lynelle perguntou se Goblin me levava a praticar o mal. Eu disse que não.

— Então você não tem de contar sobre ele a um padre — ela explicou. — Ele não tem ligação nenhuma com o pecado. Use seu cérebro e a sua consciência. Um padre não vai entender Goblin melhor do que ninguém.

Isso pode soar ambíguo agora, mas ficou bem claro na época.

Eu acho que, no fim das contas, os seis anos que passei com Lynelle foram os mais felizes da minha vida.

Naturalmente eu me afastei de Pops e Sweetheart, mas eles ficaram orgulhosos e aliviados de me ver aprendendo coisas e não se importaram nem um pouco. Além do mais, eu ainda passava algum tempo com Pops, tocando gaita depois do almoço e conversando sobre os “velhos tempos”, apesar de Pops não ser bem um velho. Ele gostava de Lynelle.

Até Patsy sentiu-se atraída por Lynelle e participava conosco de algumas aventuras, e nesses momentos eu tinha de me espremer no banco minúsculo de trás do carro esporte enquanto as duas mulheres iam tagarelando na frente. Minha lembrança mais marcante de Patsy conosco tem a ver com Goblin, com quem eu conversava o tempo todo, e o choque de Lynelle quando Patsy vociferou para eu parar de falar com aquele fantasma nojento.

Lynelle abrandou a raiva de Patsy e a intimidou, e aconteceu uma ou-

tra coisa que acho que só entendo agora, quando relembro aqueles anos. Foi simplesmente isso: o respeito que Lynelle tinha por mim, não só como amigo de Goblin, mas como o pequeno Tarquin Blackwood, teve o efeito de fazer com que Patsy me respeitasse e falasse comigo com mais sinceridade do que no passado.

Era como se minha mãe nunca tivesse “enxergado” a pessoa que eu era até Lynelle realmente chamar sua atenção para mim, e então um vago interesse passou a ocupar o lugar da piedade condescendente e arrogante — Meu pobrezinho querido — que Patsy sentia antes.

Lynelle também costumava assistir a filmes populares, especialmente os “góticos” ou “românticos”, como os chamava, e levava fitas de tudo, desde *Robocop* até *Ivanhoé*, para ver comigo à noite, e às vezes isso fazia com que Patsy também viesse para o meu quarto. Patsy gostava de *Dark Man* e *O corvo*, e até do *A bela e a fera* de Jean Cocteau.

Mais de uma vez todos nós assistimos a *O destino mudou sua vida*, sobre Loretta Lynn, a maravilhosa estrela do country que Patsy admirava tanto. E eu observava que Lynelle sabia falar como o pessoal do campo com Patsy com muita facilidade. Fiquei com ciúme. Queria a minha Lynelle romântica e misteriosa só para mim.

No entanto aprendi uma coisa sobre Patsy naqueles anos, que deveria ter previsto. Patsy se sentia ignorante perto de Lynelle, e por isso a ligação foi enfraquecendo e num certo ponto ameaçou terminar. Patsy não ficava perto de ninguém que a fizesse sentir-se burra, e não tinha a mente aberta para querer aprender.

Esse afastamento de Patsy não me surpreendeu e não me preocupou. (Acho que foi o filme de Ingmar Bergman, *O sétimo selo*, que marcou a morte

do nosso pequeno triângulo de cinéfilos amadores.) Mas aconteceu uma outra coisa boa em relação a Patsy: Lynelle gostava da música de Patsy e perguntou se podíamos ir lá para ouvir, e depois elogiou muito o que Patsy estava fazendo com sua banda de um músico só, um ‘amigo’ chamado Seymour, que tocava gaita e bateria.

(Seymour era um imbecil oportunista, pelo menos foi o que pensei na época. O destino reservava um castigo para Seymour.)

Patsy ficou obviamente espantada com isso, e muito feliz, e assistimos a alguns concertos na garagem, dos quais Lynelle gostou mais do que eu. Naturalmente Goblin adorou e dançou e dançou até se dissolver por completo.

Enquanto estou contando isso, começo a compreender que Lynelle não pregava prego sem estopa. Ela percebeu que Patsy tinha medo dela e que ia afastar-se de nós — ‘Vocês são uma dupla de crânios’ — , por isso me levava lá para ver Patsy para formar inteligentemente um novo elo.

Na verdade ela insistiu mais ainda no assunto. Levou-me para ver Patsy se apresentar numa feira no condado. Era em alguma parte do Mississippi, do outro lado da divisa de onde morávamos. Eu nunca tinha visto minha mãe no palco, as pessoas assobiando, berrando e batendo palmas para ela, e isso abriu meus olhos.

Com seu cabelo louro eriçado e maquiagem pesada Patsy parecia uma beleza plastificada, e sua voz era boa e forte. As canções tinham um tom rural sombrio, e ela tocava banjo, e um outro cara, que eu não conhecia muito bem, tocava rabeca. Seymour formava a base com a harmônica e a bateria.

Tudo isso foi muito legal e causou uma profunda impressão em mim,

mas quando Patsy se lançou no número seguinte, uma canção de ritmo rápido e letra agressiva, a multidão enlouqueceu. Todos queriam ver minha mãezinha, e as pessoas acorriam para o palco de todos os pontos da feira. Patsy aumentou a animação com a música seguinte, sua inestimável ‘Você envenenou meu poço, vou envenenar o seu’. Não me lembro de muito mais que isso, além de pensar que ela era um sucesso e que a vida dela não era inútil.

Mas eu não precisava de Patsy. Acho que nunca precisei dela. Claro que Patsy era um sucesso com os caipiras, mas eu tinha a Nona de Beethoven.

E eu tinha Lynelle. Foi quando Lynelle e eu fomos de carro para Nova Orleans, só nós dois e o Goblin, que eu fiquei mais feliz.

Nunca conheci um ser humano que dirigisse mais depressa que Lynelle, mas ela parecia possuir um instinto para evitar a polícia, e a única vez que nos mandaram parar ela inventou uma história incrível de que estava correndo para assistir uma mulher em trabalho de parto, e além de não receber a multa, o policial ainda teve de ser dissuadido de nos escoltar com sirene e tudo até o hospital fictício na cidade.

Lynelle era linda. Não há maneira mais perfeita de descrevê-la. Ela chegou aqui na Mansão Blackwood para encontrar em mim um menino do campo que não conseguia escrever uma frase e foi embora uns seis anos depois, deixando para trás um jovem bem-educado e culto.

Aos dezesseis anos eu completei todas as provas para a formatura no segundo grau e também fiquei entre os melhores nas provas para admissão à faculdade.

Naquele último ano em que estaríamos juntos, Lynelle também me

ensinou a dirigir. Pops aprovou com louvor, e logo eu estava passeando pelas nossas terras de picape e pelas estradas de terra de toda a região. Lynelle levou-me para tirar minha carteira de motorista e Pops me deu uma velha picape só para mim.

Acho que Lynelle também ia fazer de mim um verdadeiro leitor de livros se Goblin não tivesse tanto ciúme das minhas leituras, não se empenhasse tanto para ser incluído, não insistisse tanto para eu dizer cada palavra para ele em voz alta, ou ficar ouvindo enquanto ele lia em voz alta para mim. Mas essa habilidade, a habilidade de mergulhar nos livros, viria a mim com meu segundo grande professor, Nash.

Nesse meio tempo Goblin parecia se alimentar de Lynelle, assim como se alimentava de mim, só que naquela época eu não teria descrito dessa maneira, e Goblin estava ficando cada dia mais forte fisicamente.

Um grande choque. Era domingo. Chovia a cântaros. Eu devia ter uns doze anos. Estava trabalhando no computador e Goblin me xingou e a máquina desligou. Verifiquei todas as conexões, reiniciei o programa e lá veio o Goblin, para desligar de novo.

— Foi você que fez isso, não foi? — eu disse, olhando em volta à procura dele, e lá estava ele, perto da porta, meu perfeito duplo de calça jeans e camisa xadrez vermelha e branca, só que ele estava de braços cruzados e tinha um sorriso fátuo estampado no rosto.

Ele tinha toda a minha atenção. Mas eu liguei o computador de novo sem tirar os olhos dele, e então ele apontou para o lustre, que começou a piscar.

— Tudo bem, isso é excelente — eu disse. (Era o cumprimento favorito dele e tem sido há anos.) — Mas não ouse desligar a força nesta casa.

Diga-me o que você quer.

Ele fez a mímica de ‘vamos’ e de chuva caindo.

— Não, estou velho demais para isso — eu disse. — Você venha aqui trabalhar comigo.

Arrumei uma cadeira para ele na mesma hora e quando ele sentou ao meu lado expliquei que estava escrevendo para tia Queen, e li a carta em voz alta para ele, apesar de não haver necessidade disso. Eu estava agradecendo à tia Queen pela oferta recente de Lynelle usar o quarto dela sempre que precisasse descansar, trocar de roupa ou passar a noite.

Quando cheguei ao fim e ia terminar a carta, Goblin segurou minha mão esquerda como sempre e escreveu sem espaços:

EusouGoblineQuinnéGoblineGoblinéQuinnenósamamostiaQueen.

E parou. E se dissolveu.

Eu soube sem sombra de dúvida que ele tinha se exaurido ao desligar o computador. E isso fez com que me sentisse seguro. O resto do dia e da noite foram meus.

Um outro dia, logo depois, quando Lynelle e eu dançávamos uma valsa de Tchaikovsky — realmente rodopiando por todo o salão depois que todos os hóspedes foram dormir —, Goblin me deu um soco na barriga, eu fiquei sem ar, e ele então se dissolveu, não como se quisesse ir, mas como se tivesse de ir, e sumiu num instante, e eu fiquei chorando e nauseado.

Lynelle ficou atônita com isso, mas nunca duvidou de mim quando eu disse que Goblin tinha feito aquilo, e depois, quando conversávamos do nosso jeito muito íntimo, de adulto para adulto, ela me confessou que diversas vezes tinha sentido Goblin puxar seu cabelo. Tinha tentado ignorar nas primeiras vezes, mas agora tinha certeza de que era ele que fazia isso.

— Esse seu fantasma é muito forte —, ela disse. E assim que ela disse essas palavras o lustre do teto começou a se mexer. Eu nunca tinha visto aquele truque antes, aquele leve movimento dos pesados braços de bronze e copos de vidro, mas era praticamente inegável. Lynelle começou a rir. Depois deu um grito de susto. Disse que tinha levado um beliscão no braço direito. Ela riu de novo e então, apesar de não estar visível para mim, ela falou com Goblin tentando acalmá-lo, dizendo que gostava tanto dele quanto de mim.

Eu vi Goblin, que agora tinha quatorze anos porque eu tinha quatorze anos, parado à porta do quarto e olhando para mim todo orgulhoso. Eu percebi que o rosto dele estava mais definido do que costumava ser no passado, principalmente porque aquela expressão levemente zombeteira era nova. Ele rapidamente se desmaterializou e eu confirmei minha opinião de que quando ele interferia fisicamente na matéria não tinha energia para ‘aparecer’ muito tempo.

Mas ele estava ficando mais forte, sem dúvida nenhuma.

Jurei na mesma hora ‘matar’ Goblin por machucar Lynelle, e depois que Lynelle partiu no seu Mazda brilhante, escrevi para tia Queen que Goblin estava fazendo o ‘impensável’, machucando os outros. Conte também sobre o forte soco na barriga. Mande a carta por via expressa para que ela recebesse em dois ou três dias, apesar de na época ela estar na Índia.

E para manter Goblin entretido aquele fim de semana li alto para ele durante horas *À procura dos mundos perdidos*, um livro maravilhoso de arqueologia que fora presente de tia Queen.

Tia Queen telefonou assim que recebeu minha carta e me disse que eu precisava controlar Goblin, que tinha de descobrir um modo de fazê-lo

parar de se comportar assim, ameaçando não olhar mais para ele, ou falar com ele, e que eu tinha de cumprir isso.

— Está querendo me dizer, tia Queen, que finalmente acredita nele?
— eu perguntei.

— Quinn, neste momento você está de um lado do mundo e eu do outro — ela respondeu. — Não posso discutir com você sobre o que Goblin é. O que estou dizendo é que você precisa contê-lo, seja ele real e separado de você, ou simplesmente uma parte de você.

Eu concordei com ela e disse que sabia como controlá-lo. Mas ia me concentrar em aprender mais.

Enquanto isso eu devia mantê-la informada de tudo.

Depois disso, ela começou a falar com excessivo entusiasmo sobre a coerência e o estilo da minha carta, que apresentava um enorme progresso em relação às cartas anteriores, e ela atribuía corretamente esse progresso a Lynelle.

Segui as orientações de tia Queen quanto a Goblin, e Lynelle também. Quando Goblin fazia algo inapropriado, nós passávamos um sermão nele e então nos recusávamos a falar com ele até que seus ataques fracos e mesquinhos cessassem. Funcionou.

Mas Goblin queria mais do que nunca escrever, e ele passou para um novo nível de concentração, soletrando mensagens no computador usando minha mão esquerda.

Tive uma sensação meio tenebrosa com esse domínio da minha mão esquerda, porque Goblin não movia minha mão direita, e daí nasceu um ritmo estranho ocupando o teclado inteiro com uma mão só. Lynelle observava isso com um misto de temor e fascinação, mas ela fez uma descoberta

espantosa.

E essa descoberta espantosa foi que ela podia se comunicar comigo íntima e secretamente digitando no computador o que queria dizer usando palavras muito complicadas. Naquele dia ela escreveu algo mais ou menos assim:

— Nosso galante e sempre vigilante duplo talvez não perceba todas as perambulações que acontecem no cérebro do seu muito querido e às vezes mal utilizado Tarquin Blackwood.

E ficou perfeitamente óbvio pela aparência silenciosa de Goblin ali perto que Lynelle tinha toda razão. Goblin, apesar de todas as vantagens iniciais que tinha sobre mim, não era capaz de interpretar tais mensagens. Lynelle digitou mais, algo assim:

— Compreenda, querido Tarquin, que o seu duplo apesar de ter um dia absorvido tudo que você absorvia, pode ter atingido o limite do poder dele de dominar distinções mais refinadas, e isso dá a você uma vantagem de liberdade em relação às exigências e às intenções dele quando for conveniente.

Eu assumi o controle do teclado e enquanto Goblin observava desconfiado, bastante sólido e curioso, escrevi que eu compreendia tudo isso, e que agora nós tínhamos o computador para comunicações muito rápidas de dois tipos.

Podia ser usado para Goblin digitar mensagens simples para mim usando a minha mão, e por Lynelle e eu nos comunicando com um vocabulário mais sofisticado que Goblin não compreendia.

Nessa época, nas minhas aventuras com Lynelle ela tentava explicar esses mecanismos para Patsy, mas se deparava com uma resposta direta:

‘Você é mais maluca do que Quinn, Lynelle, vocês dois deviam ser internados.’ E quando Lynelle explicava a Pops e Sweetheart, eles pareciam não entender como Goblin não sabia de tudo que havia na minha mente.

Porque a verdade era essa, Goblin nem sempre lia meus pensamentos! Quando lembro disso agora, parece uma descoberta de fazer a terra tremer, mas que eu devia ter feito muito tempo antes.

Quanto a Pops e Sweetheart, acho que eles entenderam que Lynelle acreditava em Goblin, o que tínhamos escondido deles antes, e eles a alertaram de que ‘esse lado da minha personalidade’ não devia ser estimulado, e que certamente uma professora tão qualificada quanto Lynelle devia concordar com isso. Pops endureceu na hora e Sweetheart começou a chorar.

Eu passei um tempo sozinho na cozinha com Sweetheart, ajudando-a a secar as lágrimas no avental dela e procurando tranquilizá-la afirmando que eu não era louco.

O momento ficou profundamente gravado na minha memória porque Sweetheart, que era sempre a mais pura bondade, disse baixinho para mim que as coisas tinham dado terrivelmente errado com Patsy, e que ela não queria que as coisas dessem errado comigo.

— Minha filha podia ter tido uma festa de debutante em Nova Orleans — disse Sweetheart. — Ela podia ter entrado para a sociedade. Podia ter sido uma das virgens nos desfiles de Mardi Gras. Podia ter tido tudo isso, Ruthie e eu arranjariamos tudo, e em vez disso ela escolheu ser o que é.

— Não há nada de errado comigo, Sweetheart — eu disse. — Não julgue Lynelle mal, nem a mim. — E dei-lhe um monte de beijos. Secava suas lágrimas e beijava.

Eu poderia ter-lhe dito que mesmo ela havia abandonado todos os

refinamentos de Nova Orleans pelos encontros da Mansão Blackwood, que ela passou a vida toda na cozinha, que só saía de lá para atender aos hóspedes. Mas isso teria sido maldade da minha parte. Por isso eu preferi garantir a ela que Lynelle estava me ensinando mais do que qualquer outra pessoa.

Lynelle e eu desistimos de tentar explicar ou de dividir com os outros problemas relacionados a Goblin, a não ser com tia Queen, e Lynelle acreditou em mim quando reclamei que era muito difícil às vezes impedir os ataques de Goblin.

Por exemplo, se eu queria passar algum tempo lendo, tinha de ler em voz alta para Goblin. E é por isso, eu acho, que sou um leitor lento até hoje. Nunca aprendi a ler rápido um texto. Pronuncio cada palavra em voz alta na minha cabeça. E naqueles momentos eu fugia de tudo que não conseguia pronunciar.

Consegui ler Shakespeare só porque a Lynelle trouxe os filmes das peças para eu assistir. Eu gostava especialmente dos filmes com o ator e diretor Kenneth Branagh, e ela me orientou um pouco no inglês antigo de Chaucer, mas achei tudo extremamente difícil e insisti que devíamos desistir.

Há falhas na minha educação que ninguém conseguia fazer com que eu preenchesse. Mas não me importo com elas. Não preciso saber ciências ou álgebra, ou geometria. Literatura e música, pintura e história, essas são as minhas paixões. Essas são as coisas que ainda me mantêm vivo, de alguma maneira, nas horas de silêncio e solidão.

Mas deixe-me terminar minha história de amor com Lynelle.

Um ponto alto maravilhoso aconteceu logo antes do fim.

Tia Queen telefonou de Nova York em uma de suas raras visitas aos Estados Unidos e perguntou se Lynelle podia me levar para lá, e nós dois, e

mais o Goblin, ficamos eufóricos de felicidade. Sweetheart e Pops ficaram contentes por nós e não quiseram se afastar da fazenda. Eles entenderam que tia Queen não desejava voltar para casa naquele momento, mas queriam que ela soubesse que eles estavam reformando o quarto dela todo, conforme pedira, com o azul favorito de Lynelle.

Eu expliquei a Goblin que íamos viajar para bem mais longe que Nova Orleans, e que ele tinha de se agarrar mais a mim do que antes. É claro que eu esperava que ele ficasse na Mansão Blackwood, mas sabia que isso não ia acontecer. Não sei como eu tive essa certeza. Talvez porque ele ficasse o tempo todo conosco em Nova Orleans. Não sei bem.

Fossem quais fossem as minhas esperanças, eu insisti que Goblin tivesse um lugar só para ele do meu lado esquerdo no avião. Viajamos de primeira classe — nós três, e a aeromoça serviu educadamente a Goblin — para encontrar tia Queen no Hotel Plaza no Central Park, e durante dez gloriosos dias vimos tudo que pudemos de vistas deslumbrantes, museus e tudo o mais. Apesar de estarmos hospedados em suítes do mesmo tamanho que a da tia Queen, eternamente repleta de flores frescas e caixas das cerejas cobertas de chocolate que tia Queen adorava, Goblin e eu nos instalamos com a tia Queen como fazíamos no passado.

Eu tinha dezesseis anos nessa época, mas para o meu pessoal não importa muito se um adolescente ou até um homem adulto dormir junto com sua tia-avó ou avó. Nós somos assim mesmo. Na verdade, para ser absolutamente sincero, eu ainda dormia com a mãe de Jasmine, a Pequena Ida, em casa, embora ela já estivesse muito velhinha e fraca, e às vezes urinasse um pouco na cama.

Mas onde é que eu estava? Ah, sim, em Nova York com a minha tia-

avó, no Hotel Plaza, dormindo aninhado nos braços dela.

Goblin ficou conosco a viagem inteira, mas aconteceu uma coisa estranha com ele. Ele foi ficando cada vez mais transparente à medida que a viagem progredia. Parecia incapaz de ser qualquer outra coisa. E também não tinha força para mover a minha mão. Percebi isso quando pedi que ele escrevesse para mim o que estava achando de Nova York. Ele não conseguiu. E isso queria dizer que não haveria beliscão ou puxão de cabelo também, e eu o tinha punido com severidade, através do gelo e do desprezo, por esses atos no passado.

Avaliei bem isso, essa transparência incomum num espírito que sempre me pareceu ser tridimensional e de carne e osso, mas na verdade eu não queria me preocupar muito com Goblin. Eu queria ver Nova York.

Para mim o ponto alto da nossa viagem foi o Metropolitan Museum, e nunca vou esquecer, pelo tempo que eu viver, de Lynelle levando Goblin e eu de quadro em quadro, e explicando a história relevante, a biografia relevante, e comentando sobre as maravilhas que víamos.

Depois de três dias no museu, Lynelle me fez sentar num banco numa sala cheia de pinturas impressionistas e perguntou o que eu achava que havia aprendido com o que tinha visto. Pensei muito e então disse a ela que achava que a cor tinha morrido na pintura moderna por causa das duas guerras mundiais. Disse que talvez agora, e só agora, como não tivemos uma terceira guerra mundial, a cor pudesse voltar para a pintura. Lynelle ficou muito surpresa, pensou no que eu disse e comentou que talvez fosse verdade.

Há muitas outras coisas que lembro daquela viagem. A nossa visita à Catedral de St. Patrick, onde eu chorei, nossa longa caminhada pelo Central

Park, as andanças pelo Greenwich Village e pelo SoHo, quando fomos tirar o meu passaporte, caso eu logo tivesse de partir para a Europa... mas essas coisas não interferem nesta narrativa, exceto quanto a um aspecto. O fato de Goblin ser facilmente administrado o tempo todo, e apesar da sua transparência ele parecia tão animado quanto eu, com os olhos arregalados e feliz, e é claro que Nova York é tão apinhada de gente que quando eu conversava com Goblin nos restaurantes da cidade ou na rua ninguém notava.

Fiquei com um certo receio de Goblin aparecer ao meu lado na fotografia do passaporte, mas ele não apareceu.

Na volta Goblin ficou sólido de novo e capaz de fazer maldades, e dançou até a exaustão completa, ficou invisível de pura alegria.

Senti um alívio avassalador. Na viagem para Nova York eu o feri mortalmente. A minha falta de atenção tinha sido a causa específica do quase desaparecimento dele e talvez sua quase morte. E agora eu o tinha de novo comigo. E havia momentos em que não queria estar com mais ninguém.

Logo depois que meu aniversário de dezessete anos passou, meus dias com Lynelle chegaram ao fim.

Ela havia sido contratada para trabalhar numa pesquisa na clínica Mayfair em Nova Orleans. E a partir daí seria impossível a ela conciliar o trabalho e as minhas aulas.

Eu fiquei aos prantos, mas sabia o que a clínica Mayfair significava para Lynelle. Era um centro médico recém-inaugurado, doado pela poderosa família Mayfair de Nova Orleans, da qual você conhece pelo menos um membro, e seus laboratórios e equipamento já estavam virando lenda.

Lynelle sonhava estudar o hormônio do crescimento sob a supervisão direta do famoso dr. Rowan Mayfair e ser aceita pela revolucionária clínica

Mayfair era uma glória para ela. Mas ela não podia mais ser minha professora e companheira, era simplesmente impossível. Tive sorte de ter podido usufruir da companhia dela aquele tempo todo.

Na última vez que eu vi Lynelle disse que a amava. E disse isso de todo o coração. Espero e rezo para que ela tenha compreendido que eu seria eternamente grato por tudo.

Ela estava a caminho da Flórida naquele dia, com duas colegas cientistas, indo para Key West passar uma semana de descanso sem filhos e sem maridos.

Lynelle morreu na estrada.

Nem era ela, o demônio da velocidade, que estava dirigindo o carro. Quem dirigia era uma das outras quando sob uma terrível tempestade na rodovia 10 o carro hidroplanou e foi de encontro a uma carreta. A motorista foi decapitada. Lynelle foi declarada morta lá mesmo, mas conseguiram ressuscitá-la e mantê-la viva com aparelhos por duas semanas sem que ela jamais recuperasse a consciência. A maior parte do rosto de Lynelle ficou esmagada.

Só soube do acidente quando a família de Lynelle telefonou para informar que tinham encomendado uma missa para ela em Nova Orleans. Lynelle já tinha sido enterrada em Baton Rouge, onde os pais dela moravam.

Fiquei horas andando de um lado para outro e chamando por Lynelle sem parar. Fiquei alucinado. Goblin olhava fixo para mim, obviamente espantado. Eu não sabia o que dizer. Só pronunciava o nome dela, Lynelle.

Pops e Sweetheart me levaram à missa, numa igreja moderna em Metairie, e Goblin ficou muito sólido durante o evento, e fiz lugar para ele no

banco ao meu lado, mas ele me perturbou bastante, querendo saber o que estava acontecendo. Eu ouvia a voz dele na minha cabeça e ele ficava gesticulando o tempo todo. Ele dava de ombros, virava as mãos abertas para cima, balançava a cabeça e ficava formando as palavras ‘Onde está Lynelle?’ com os lábios.

Quem rezou a missa foi um padre muito idoso e com certa elegância, mas para mim foi um pesadelo. Quando as pessoas iam ao microfone falar de Lynelle, eu sabia que devia me apresentar, dizer tudo que ela representava para mim, mas não consegui superar o medo de tropeçar ou chorar. Em toda a minha vida mortal eu me arrependi de não ter dito nada naquela missa!

Eu comunguei e, como sempre fazia depois de receber a comunhão, fui curto e grosso e mandei Goblin calar a boca.

Então veio o momento assustador. Você não deve esperar isso, mas eu acredito piamente na Igreja católica e no milagre da transubstanciação, que o padre na missa transforma as hóstias e o vinho no corpo e no sangue de Cristo.

Bom, quando me ajoelhei diante do banco depois de receber a comunhão e depois de dizer para Goblin calar a boca, virei-me e o vi ajoelhado bem ao meu lado, seu ombro a um centímetro do meu, o rosto vivo e rubro como o meu e olhando intensamente para mim. E pela primeira vez em toda a minha vida, ele me assustou.

Ele parecia acelerado e astuto, e me deu arrepios.

Desviei o olhar dele e tentei não sentir a pressão óbvia do seu ombro encostando no meu e a mão direita sobre a minha esquerda. Eu rezei. Fiquei entregue aos meus pensamentos e quando abri os olhos, eu o vi de novo,

espantosamente sólido, e senti um medo gelado que crescia sem parar.

O medo não passava. Em vez disso, adquiri uma consciência muito acentuada de todas as outras pessoas na igreja, vi as que estavam nos bancos à minha frente com detalhes extraordinários, até examinei as que estavam de um lado e do outro e depois virei para trás sem discrição nenhuma e olhei para as pessoas que estavam atrás de mim. Senti a normalidade delas. E olhei de novo para aquele espectro sólido ao meu lado. Olhei bem nos seus olhos brilhantes e o seu sorriso malicioso, e fui tomado por um pânico desesperado.

Queria eliminá-lo. Queria que ele morresse. Gostaria que a viagem para Nova York o tivesse matado. E para quem eu podia dizer isso? Quem compreenderia? Senti-me um criminoso, um anormal. E Lynelle estava morta.

Sentei no banco. Meu coração se acalmou. Ele continuou a se esforçar para chamar a minha atenção. Ele era apenas Goblin, e quando se agarrou a mim, quando deixou para trás a imagem sólida e me envolveu com seu ser invisível, senti que aquele abraço me tranquilizava.

Tia Queen voltou para casa para a missa, mas como vinha de São Petersburgo, na Rússia, e o voo sofreu um atraso no aeroporto de Newark, Nova Jersey, não conseguiu chegar a tempo. Ao ver seu quarto decorado com o azul predileto de Lynelle, ela chorou. Jogou-se sobre o edredom de cetim azul, virou-se e ficou olhando fixamente para o dossel, parecendo com uma de suas muitas bonecas magras e maleáveis de *boudoir*, de salto alto e chapéu *cloche*, e o olhar vazio, choroso, molhado.

Eu fiquei tão arrasado com a morte de Lynelle que caí num estado de mudez, e apesar de saber que à medida que os dias passavam as pessoas à

minha volta ficavam preocupadas comigo, não conseguia pronunciar uma única sílaba para ninguém. Ficava sentado no meu quarto, na minha poltrona de leitura perto da lareira, e não fazia nada a não ser pensar em Lynelle.

Goblin ficou meio louco com o meu estado. Começou a me beliscar sem parar, tentava levantar a minha mão esquerda, corria para o computador e gesticulava, indicando que queria escrever.

Lembro de ter ficado ali olhando para ele, perto da mesa, me chamando, e de ter compreendido que seus beliscões não eram piores do que costumavam ser, que ele só conseguia fazer as luzes piscar um pouquinho, e que quando ele puxava meu cabelo eu quase não sentia, que eu podia ignorá-lo sem consequências, se quisesse.

Mas eu o amava. Não queria matá-lo. Não, não queria. E tinha chegado a hora de contar a ele o que acontecera. Arrastei-me da poltrona, fui até o computador e digitei: 'Lynelle está morta.'

Ele ficou um longo tempo lendo a mensagem, então eu repeti em voz alta para ele, mas não obtive reação alguma.

— Vamos, Goblin, pense. Ela está morta — eu disse. — Você é um espírito e agora ela é um espírito.

Nenhuma reação.

Subitamente senti a velha pressão na minha mão esquerda, com a sensação de dedos apertando em volta dela, e então ele digitou: 'Lynelle. Lynelle se foi?'

Fiz que sim com a cabeça. Eu estava chorando e naquele momento queria ficar sozinho. Disse para ele em voz alta que ela estava morta. Mas Goblin segurou de novo a minha mão esquerda e eu observei enquanto ele catava milho no teclado: 'O que é morta?'

Num ataque de irritação e dor multiplicada, eu bati nas teclas: ‘Não está mais aqui. Foi embora. Morta. O corpo não tem mais vida. Não há espírito no corpo dela. O corpo não vale mais nada. O corpo foi enterrado no solo. O espírito dela se foi.’

Mas ele simplesmente não entendia. Agarrou novamente a minha mão e escreveu, ‘Onde está Lynelle morta?’ e ‘Para onde Lynelle foi?’ e então finalmente, ‘Tor que você está chorando por Lynelle?’

Uma apreensão gelada me dominou, uma forma fria de concentração.

Eu escrevi: ‘Triste. Lynelle não existe mais. Triste. Chorando. Sim.’ Mas outros pensamentos se formavam no meu cérebro.

Ele pegou minha mão de novo, mas estava mais fraco por causa dos esforços anteriores, e só conseguiu digitar o nome dela.

Naquele momento, enquanto eu olhava para a tela escura do monitor e para as letras verdes, vi o que parecia o reflexo de um pontinho de luz no monitor, fiquei imaginando o que seria aquilo, movi minha cabeça de um lado para o outro para bloquear a luz ou para ter uma visão melhor. Por um segundo achei que era nitidamente a luz de uma vela. Vi o pavio e a chama.

Virei e espiei atrás de mim na mesma hora. Não vi nada no meu quarto que pudesse ter produzido aquele reflexo. Absolutamente nada. Nem é necessário dizer que não havia velas no meu quarto. As únicas velas da casa estavam num altar num corredor no andar de baixo.

Virei de novo para o monitor. Não havia ponto de luz. Não havia chama de vela. Mais uma vez mexi a cabeça de um lado para outro e virei os olhos em todos os ângulos possíveis. Nenhuma luz. Nenhuma chama de vela refletida.

Fiquei atônito. Continuei lá sentado, quieto, muito tempo, sem confi-

ar nos meus sentidos, e então sem poder negar o que tinha visto, digitei a pergunta para Goblin, ‘Você viu a chama da vela?’ E vieram de novo as respostas monótonas e apavoradas dele: ‘Onde está Lynelle? Lynelle morta. O que é morta?’

Voltei para a minha poltrona. Goblin apareceu um instante, num vago clarão, e senti os beliscões e os puxões de cabelo, mas continuei indiferente a ele, só pensando, só rezando de um jeito bizarro de rezar de trás para diante, que Lynelle nunca soube a gravidade dos seus ferimentos, que ela não sofreu no estado de coma, que não sentiu dor nenhuma. E se ela viu o carro derrapando para cima do caminhão? E se ela ouviu alguma pessoa insensível ao lado da cama dela dizendo que seu rosto, seu lindo rosto, estava desfigurado?

Ela não sofreu. Essa era a história.

Ela nunca sofreu. Foi o que disseram.

Eu sabia que tinha visto a luz daquela vela! Tinha visto claramente na tela do monitor.

Murmurei para Goblin:

— É você que tem de me dizer onde ela está, Goblin. Diga se o espírito dela foi para a luz. — Não houve resposta. Ele não conseguia entender. Ele não sabia.

Eu o pressionei.

— Você é um espírito. Devia saber. Nós somos feitos de corpo e alma. Eu sou corpo e alma. Lynelle tinha corpo e alma. Alma é espírito. Para onde foi o espírito de Lynelle?

Ele só retrucava com suas respostas infantis. Era tudo que ele podia fazer.

Finalmente eu fui para o computador. E escrevi: ‘Eu tenho corpo e alma. O corpo é o que você belisca. A alma é o que fala com você, o que pensa, o que olha para você através dos meus olhos.’

Silêncio. Então surgiu a vaga forma da aparição de novo, transparente, rosto sem detalhes. E depois se dissolveu.

Eu continuei escrevendo no teclado do computador: ‘A alma, aquela parte de mim que fala com você, que te ama e que te conhece, essa parte às vezes chamam de espírito. E quando meu corpo morre, meu espírito ou minha alma deixam meu corpo. Você está entendendo?’

Senti a mão dele grudar na minha.

‘Não deixe o seu corpo’, ele escreveu. ‘Não morra. Eu vou chorar.’

Pensei bastante sobre isso. Ele tinha entendido. Sim. Mas eu queria mais dele, e uma urgência aterradora tomou conta de mim, uma sensação que se assemelhava ao pânico.

‘Você é um espírito’, eu escrevi. ‘Você não tem corpo. Você é puro espírito. Você não sabe para onde foi o espírito de Lynelle? Você tem de saber. Devia saber. Deve haver um lugar onde vivem os espíritos. Um lugar onde eles existem. Você *sabe*, sim.’

Fez-se um longo silêncio, mas eu sabia que ele estava bem ao meu lado.

Senti quando ele segurou minha mão. ‘Não deixe o seu corpo’, ele escreveu outra vez. ‘Eu vou chorar muito.’

‘Mas onde é o lar dos espíritos?’, eu escrevi. ‘Onde é esse lugar onde vivem os espíritos, como eu vivo nesta casa?’

Foi inútil. Digitei a pergunta de vinte formas diferentes. Ele não entendia. E em pouco tempo ele começou a perguntar, ‘Por que o espírito de

Lynelle deixou o corpo dela?’

Escrevi a descrição do acidente. Silêncio. E finalmente, com sua cota de energia esgotada e não havendo chuva para ajudá-lo, ele foi embora.

E sozinho, com frio e amedrontado, eu me encolhi na minha poltrona e adormeci.

Um grande abismo se abriu entre nós dois.

Abismo que estava aumentando naqueles anos todos de convivência com Lynelle, e que agora era imensurável. Meu duplo me amava e estava ligado a mim para sempre, mas não conhecia mais a minha alma. E o que era mais aterrador para mim era que ele mesmo não sabia o que ele era. Não se referia a si mesmo como espírito. Faria isso se pudesse. Mas não podia.

Os dias foram passando e tia Queen começou a planejar a volta a São Petersburgo para encontrar-se com duas primas que tinha deixado à sua espera no Grand Hotel. Ela me persuadiu a ir com ela.

Fiquei pasmo. São Petersburgo, na Rússia.

Ela disse de forma muito doce e cativante que era ou ir para a faculdade ou conhecer o mundo.

Eu disse a ela, sem meias palavras, que não estava preparado para nenhuma das duas coisas. Que ainda sofria com a morte de Lynelle.

Eu disse que queria ir e que no futuro iria com ela se ela me convidasse, mas que por enquanto não sairia de casa. Precisava de um ano quieto. Tinha de ler e absorver mais profundamente muitas coisas que Lynelle havia me ensinado, tinha de ficar em casa. Queria ajudar Pops e Sweetheart com os hóspedes. O Mardi Gras estava se aproximando. Eu ia com Sweetheart para Nova Orleans, ver os desfiles da casa da irmã dela. E depois disso a Fazenda Blackwood sempre esteve lotada de gente. Tivemos o Festival das

Azaléias e a turma da Páscoa. E eu tinha de estar em casa para a ceia de Natal. Não podia pensar em correr mundo.

Quando relembro daquele tempo compreendo que eu havia mergulhado num estado de angústia profunda, no qual os consolos mais simples pareciam fora de alcance. A alegria dos hóspedes parecia estranha. Eu tinha medo quando escurecia. Vasos grandes de flores me assustavam. Goblin parecia secundário e sem mistério, um espírito ignorante que não representava nenhum consolo ou companhia para mim. Eu ficava apreensivo naqueles inevitáveis dias cinzentos e sem sol.

Talvez eu estivesse tendo uma premonição dos dias terríveis que estavam por vir.”

“ — **M**ENOS DE SEIS MESES depois Pequena Ida morreu na minha cama uma noite, e foi Jasmine que a encontrou quando foi me chamar para tomar o café da manhã, achando estranho a mãe não ter descido. Fui tirado da cama com gestos e chamados frenéticos, olhares perdidos de Goblin e finalmente Pops me arrastou para fora do quarto. E eu, um pirralho mimado que acabava de despertar, fiquei furioso.

Apenas uma hora mais tarde, quando o médico e o agente da funerária chegaram, fiquei sabendo o que tinha acontecido. Pequena Ida era o anjo da minha juventude, como Sweetheart também era, e tinha morrido assim quietinha, sem mais nem menos.

Ela parecia muito pequena no caixão, como uma criança enrugada.

Pequena Ida foi enterrada em Nova Orleans, no túmulo número 1 em St. Louis, que era propriedade de sua família há mais de cento e cinquenta anos. Uma multidão de parentes negros compareceu e eu dei graças ao fato de ser permitido chorar, e até chorar alto.

É claro que todas as pessoas brancas — e havia muitas do nosso lado — eram um pouco mais discretas do que as negras, mas foi uma boa mistura de lágrimas compartilhadas.

Quanto ao meu colchão em casa. Jasmine e Lolly trataram de virá-lo. E foi só isso.

Eu mandei emoldurar o melhor retrato que havia de Pequena Ida, uma fotografia tirada na casa da tia Ruthie em Nova Orleans durante o Mardi Gras, e pendurei na parede.

Na cozinha a choradeira era geral, Jasmine e Lolly soluçavam de saudade da mãe sempre que lembravam dela, e Grande Ramona, mãe de Pequena Ida, não dizia nada e não foi mais para a casa grande, ficava sentada em sua cadeira de balanço o dia inteiro, semanas a fio.

Fui até lá diversas vezes levar sopa para Grande Ramona. Tentei conversar com ela. Ela só dizia que uma mulher não devia ter de enterrar a própria filha.

Eu chorava intermitentemente.

Dei para pensar com frequência em Lynelle e então Pequena Ida também se misturava nos meus pensamentos, e a cada dia parecia que Pequena Ida estava mais morta e desaparecida do que antes.

Goblin aceitou que Pequena Ida estava morta, ele nunca morreu de amores por ela, certamente amava mais Lynelle, por isso reagiu bem.

Um dia eu estava sentado à mesa da cozinha folheando um catálogo de vendas por reembolso postal e vi que tinha camisolas de flanela para homens e para mulheres.

Encomendei uma quantidade delas e quando a mercadoria chegou, vesti a camisola à noite e fui ao encontro de Grande Ramona levando uma camisola de mulher.

Deixe-me esclarecer que Grande Ramona era chamada assim não porque era grande, mas porque era a avó da propriedade, assim como Sweetheart poderia ser chamada de Grande Mama se permitisse.

Continuando a minha história, eu me aproximei daquela mulher pequenina, com seu cabelo branco comprido trançado para dormir, e disse:

— Venha dormir comigo. Preciso de você. Estou sozinho com Goblin, e Pequena Ida se foi depois de todos esses anos.

Grande Ramona ficou só olhando para mim um longo tempo. Os olhos dela eram como duas moedinhas. Mas então surgiu neles uma pequena labareda, ela pegou a camisola da minha mão, olhou bem para ela, achou adequada e foi para a casa grande comigo.

Desde então nós dormimos como duas Colheres encaixadas naquela cama larga, flanela com flanela, e ela foi minha companheira de cama como Pequena Ida tinha sido.

Grande Ramona tinha a pele mais sedosa de todo o planeta e por ter mantido o cabelo comprido a vida toda, tinha também muito cabelo, que ela sempre trançava sentada na beira da cama.

Eu me habituei a sentar ao lado dela enquanto ela executava esse ritual, e conversávamos sobre tudo que acontecia durante o dia e depois rezávamos juntos.

Pequena Ida e eu não caprichávamos muito nas orações, mas Grande Ramona e eu rezávamos por todos de uma tacada só, recitávamos três ave-marias e três pais-nossos, e nunca esquecíamos de incluir os mortos:

Que a luz eterna brilhe sobre eles, ó Senhor, e que suas almas e as almas de todos os fiéis que se foram descansem em paz.

Então comentávamos que tinha sido uma bênção Pequena Ida não ter chegado realmente à idade avançada, nem sofrido de alguma doença, e que ela devia certamente estar lá em cima com Deus. O mesmo em relação a Lynelle.

Finalmente, depois de tudo isso, Grande Ramona perguntava se Goblin estava conosco e depois dizia ‘Bom, diga para Goblin que agora é hora de dormir’. E Goblin se ajeitava ao meu lado e se fundia comigo, e eu adormecia.

Aos poucos, com os meses se passando, uma calma relativa se aposentou de mim graças a Grande Ramona, e fiquei espantado ao descobrir que Pops e os homens do barracão, e até Jasmine e Lolly, me olhavam com bondade por ter ajudado Grande Ramona no momento de dor. A dor era de todos nós. E Grande Ramona estava me salvando de um tipo de pânico terrível que nascera em mim com Lynelle e que agora chegava mais perto com a perda de Pequena Ida.

Comecei a ir pescar no pântano com Pops, algo que não me atraía muito antes. Passei a gostar de ficar lá, de navegar na barça, e às vezes íamos lá para o meio do pântano, além do nosso território costumeiro. Adquiri uma espécie de curiosidade temerária sobre o pântano, imaginando se podíamos encontrar a ilha de Manfred Blackwood, mas não encontramos.

Uma tarde, quase anoitecendo, nos deparamos com um imenso cipreste que tinha uma corrente enferrujada em volta do tronco e que crescera em duas partes, com uma marca escavada que me pareceu ser uma seta. Era uma árvore muito antiga e a corrente era formada de elos bem grandes. Eu queria seguir adiante, na direção da seta, mas Pops disse que não, que era tarde, que não havia nada lá de qualquer jeito e que podíamos nos perder se avançássemos mais.

Para mim tanto fazia porque eu não acreditava muito em todas as histórias sobre Manfred e a Ermida, e eu já estava todo grudento por causa da umidade no ar, por isso voltamos para casa.

Então veio o Mardi Gras e Sweetheart tinha de ir para a casa da irmã, Ruthie. Só que naquele ano ela realmente não queria ir. Dizia que não se sentia bem, que não tinha apetite, nem mesmo para o bolo-rei, que então chegava diariamente de Nova Orleans. Ela achava que talvez tivesse pegado

uma gripe.

Mas acabou resolvendo ir para a cidade ver os desfiles, porque Ruthie contava com ela e não queria que o monte de tias e tios mais velhos e todos os primos ficassem desapontados com o fato de ela não estar lá.

Eu não fui com ela, embora ela quisesse que eu fosse, e apesar de sua tosse ter piorado (ela telefonava para Pops todos os dias e eu falava com ela também), ela ficou lá o tempo todo.

Na quarta-feira de cinzas, o primeiro dia da quaresma, ela voltou para casa e foi ao médico sem ninguém pedir. A tosse estava fortíssima.

Eu acho que eles descobriram que era câncer assim que viram as chapas de raios X, mas tiveram de fazer a tomografia computadorizada, e depois a broncoscopia, e finalmente uma biópsia com uma agulha nas costas de Sweetheart. Isso significou dias de desconforto no hospital, mas antes do último exame patológico ficar pronto Sweetheart já estava respirando com tanta dificuldade que tiveram de pô-la ‘direto no oxigênio’, deram-lhe morfina ‘para diminuir a sensação de sufocação’. Ela ficava dormitando a metade do tempo.

Finalmente nos deram a notícia no corredor, do lado de fora do quarto dela. Era um linfoma nos dois pulmões e tinha dado metástase, o que significava que o câncer estava espalhado por todo o organismo, e não esperavam que ela sobrevivesse mais do que alguns dias. Ela não podia resolver sozinha se queria tentar a quimioterapia. Estava em coma profundo, a respiração e a pressão sangüínea cada vez mais fracas.

Meu aniversário de dezoito anos chegou e passou sem nada muito marcante, a não ser que ganhei uma picape nova e fui com ela para o hospital o mais rápido possível para ficar ao lado de Sweetheart.

Pops entrou em estado de prostração e choque.

Aquele homem grande e capaz, que sempre parecia tomar todas as decisões, transformou-se numa ruína trêmula. Enquanto a irmã, as tias e tios e primos de Sweetheart iam e vinham, Pops permanecia calado e inconsolável.

Ele se revezava comigo no quarto, com Jasmine e Lolly também.

Finalmente Sweetheart abriu os olhos e não fechou mais, sua respiração ficou mecânica como se ela não tivesse nada a ver com o movimento rítmico do seu peito.

Eu ignorei Goblin. Achei que ele estava sendo insensível, era uma parte da minha infância que devia ser repudiada. Detestava a simples visão de Goblin com seu ar vazio de inocência e seu olhar inquisitivo. Senti que ele pairava. Finalmente, quando não podia mais suportar aquilo, fui para a picape e disse para Goblin que o que estava acontecendo era triste. Era o que tinha acontecido com Lynelle e com Pequena Ida, que Sweetheart estava indo embora.

— Goblin, isso é ruim — eu disse a ele. — Isso é horrível. Sweetheart não vai mais acordar.

Ele pareceu ficar triste e vi lágrimas em seus olhos, mas talvez estivesse apenas me imitando.

— Vá embora, Goblin — eu disse. — Tenha respeito e decência. Fique quieto para eu poder ficar velando Sweetheart, que é o meu dever.

Isso pareceu provocar uma mudança nele e o fato é que parou de me atormentar, mas senti que ficava perto de mim noite e dia.

Quando chegou a hora de desligar o oxigênio, que era a única coisa que mantinha Sweetheart viva, Pops não agüentou ficar no quarto.

Eu fiquei, e se Goblin estava lá, não saberia dizer. Tia Ruthie e a enfermeira tinham ordens do médico. Jasmine estava lá, Lolly e Grande Ramona também.

Grande Ramona me disse para ficar perto da cabeceira da cama e segurar a mão de Sweetheart.

Tiraram a máscara de oxigênio, e Sweetheart não sufocou tentando respirar. Ela simplesmente inspirou com um movimento maior do peito, sua boca se abriu só um pouco e o sangue escorreu pelo queixo.

Foi uma visão horrível. Ninguém esperava. Acho que tia Ruthie desmoronou e alguém tratou de acalmá-la. Eu me concentrava em Sweetheart. Peguei um monte de lenços de papel e fui secar o sangue, dizendo 'Pronto, Sweetheart'.

Mas o sangue não parava de sair, escorria pelo queixo, e a língua de Sweetheart apareceu entre os lábios, fazendo sair mais sangue. Alguém me deu uma toalha molhada. Eu limpei o sangue e disse 'Está tudo bem, Sweetheart, estou cuidando disso'. Em pouco tempo limpei todo o sangue. E então, depois de quatro ou cinco respirações bem espaçadas, Sweetheart parou de respirar. Grande Ramona pediu que eu fechasse os olhos dela e foi o que eu fiz.

Depois que o médico chegou e declarou que ela estava morta, realmente morta, eu fui para o corredor.

Senti uma espécie de júbilo aterrador, um horror que parecia maníaco agora quando lembro, uma segurança medonha das conseqüências da morte de Sweetheart graças ao hospital gigante que nos cercava, a luz fluorescente uniforme e as enfermeiras em seu posto ali perto. Foi uma sensação louca e prazerosa. Era como se não existisse nenhum outro problema na terra. Era

uma grande suspensão, e eu quase não sentia o piso de cerâmica sob os pés.

Patsy estava lá. Encostada na parede, com a mesma aparência de sempre, o enorme cabelo louro, com um dos seus conjuntos de couro franjados, as unhas cintilando com esmalte perolado, as botas brancas de salto alto.

Só naquele momento, quando olhei para ela, para seu rosto pintado como uma máscara, é que me dei conta de que Patsy não tinha ido nem uma vez ao hospital. Fiquei sem palavras por um segundo e depois falei.

— Ela morreu — eu disse, e Patsy retrucou violentamente:

— Eu não acredito! Eu acabei de estar com ela no dia de Mardi Gras. Eu expliquei que tinham desligado o oxigênio e que fora tudo muito tranquilo. Que Sweetheart não tinha sufocado e nem sofrido, que não teve consciência de nenhum perigo, jamais teve medo.

Patsy subitamente teve um ataque de raiva. Abaixou a voz furiosa até virar um sussurro rouco. Ela quis saber por que não tínhamos dito a ela que íamos desligar o oxigênio, e como é que podíamos fazer uma coisa dessas com ela (ela Patsy), que Sweetheart era mãe dela, e quem nos tinha dado esse direito?

Pops apareceu, vindo da sala de espera dos visitantes, e nunca o vi tão furioso antes. Ele fez Patsy dar meia-volta para ficar de frente para ele e disse para ela sair do hospital, senão a mataria, e então virou-se para mim, com o corpo todo tremendo, engasgou, calou-se, sempre trêmulo, e aí entrou no quarto de Sweetheart.

Patsy deu um passo na direção da porta do quarto, mas parou, virou para mim e disse uma torrente de maldades. Afirmações como ‘Você é sempre o centro de tudo. Você estava lá, não estava? Ah, sim, Tarquin, tudo

para Tarquin'. Não me lembro claramente das palavras que ela usou. Muitos parentes de Sweetheart estavam chegando. Patsy foi embora.

Saí do hospital, entrei na picape e notei vagamente que Jasmine estava no banco ao meu lado, fui para o restaurante Cracker Barrel, entrei e pedi montes de panquecas de nozes, enchi de manteiga e comi até quase ficar enjoado.

Jasmine sentou na minha frente, tomou uma xícara de café e fumou um cigarro depois do outro, o rosto escuro muito tranqüilo, bastante calma, e então disse:

— Ela sofreu talvez umas duas semanas. O Mardi Gras foi em 27 de fevereiro. Ela estava no desfile. E hoje é dia 14 de março. Foi esse o tempo em que ela realmente sofreu, e não é tão ruim assim.

Eu não conseguia falar. Mas quando o garçom apareceu pedi mais panquecas de nozes, e pus tanta manteiga que tudo ficou nadando num mar de manteiga. E Jasmine continuou fumando, e assim foi.

O agente funerário de Nova Orleans tratou bem de Sweetheart, pois ela parecia exótica no cetim do caixão, com maquiagem correta. Tinha um risco fino de lápis na sobrancelha como sempre usava, e uma camada discreta de batom Revlon que ela adorava. Usava seu vestido bege de gabardine, o que costumava vestir na primavera para as excursões pela casa, e tinha sua orquídea branca na lapela.

Tia Queen ficou inconsolável. Ficamos abraçados quase o tempo todo do funeral.

Antes de fecharem o caixão, Pops tirou o colar de pérolas de Sweetheart e a aliança de casamento também. Ele disse que queria guardar essas coisas, deu um suspiro profundo, beijou-a — ele foi o último entre os pre-

sentes a fazer isso — e fecharam o caixão.

Assim que desceram a tampa Patsy começou a soluçar. Aquele rosto pintado feito máscara se fez em pedaços. Ela simplesmente perdeu o controle. Foi o coro mais comovente de se ouvir, ela chorava sem parar e gritava mamãe, enquanto os homens que carregavam o caixão o levavam lá para fora. Mamãe, mamãe, ela chorava e aquele idiota do Seymour a segurava, com cara de bobo, num abraço sem ânimo, fazendo shhh, imagine só, como se tivesse algum direito.

Eu segurei Patsy e ela me abraçou com muita força. Ela chorou o tempo todo até o cemitério Metairie, o corpo se sacudindo violentamente, abraçada comigo, e então ela disse que não ia conseguir sair do carro para assistir à cerimônia do enterro. Eu não sabia o que fazer. Eu a abracei. Fiquei lá com ela. Podia ouvir e ver as pessoas à beira do túmulo, mas fiquei com Patsy no carro.

Na longa viagem de volta para casa, Patsy chorou até não poder mais. Adormeceu com a cabeça encostada na minha e quando acordou olhou para mim meio sonolenta — eu já tinha cerca de um metro e oitenta e cinco naquela época — e disse suavemente:

— Quinn, ela era a única pessoa que realmente se interessava por mim. Naquela noite Patsy e Seymour tocaram a música mais ensurdecidora que tinham feito no estúdio do barracão dos fundos, e Jasmine e Lolly ficaram furiosas. Quanto a Pops, ele parecia não ouvir, ou não se importava.

Uns dois dias depois, com as malas abertas para viajar mais uma vez, tia Queen disse que queria que eu fosse para a faculdade. Ela ia procurar outro professor para mim, alguém tão brilhante quanto Lynelle, que pudesse me preparar para as melhores universidades.

Disse a ela que não queria jamais sair da Mansão Blackwood, ela apenas sorriu e disse que em pouco tempo eu mudaria de idéia.

— Você nem tem barba ainda, meu menino — ela disse. — Está crescendo dentro dessa camisola enquanto estamos aqui conversando, e seus sapatos devem ser tamanho quarenta e dois, se é que tenho algum jeito para adivinhar essas coisas. Pode acreditar em mim, coisas muito excitantes estão por vir.

Eu sorri quando ela disse isso. Ainda estava sentindo aquela embriaguez atordoada, a cruel excitação que me envolveu no enterro de Sweetheart, e não me preocupava com o meu crescimento nem com qualquer outra coisa.

— Quando aquela testosterona realmente se espalhar pela sua circulação — continuou tia Queen — você vai querer conhecer o vasto mundo, e Goblin deixará de exercer o fascínio que exerce agora.

Na manhã seguinte ela partiu para Nova York para pegar um voo até Jerusalém, onde não ia havia muitos anos. Não lembro para onde ela foi depois disso, apenas que ficou fora um longo tempo.

Uma semana depois do enterro Pops apresentou um testamento escrito à mão que estava na gaveta da penteadeira de Sweetheart e que deixava todas as suas jóias para Patsy, assim como todas as suas roupas.

Estávamos reunidos na cozinha quando ele leu as palavras dela: 'Para a minha única filha, minha querida e doce menina.' Pops então deu o testamento para Patsy e ela desviou o olhar, e os olhos dele tinham aquele mesmo brilho fosco metálico que eu tinha visto em Grande Ramona depois que Pequena Ida morreu.

Aquele olhar nunca mais se desfez.

Também havia uma aplicação num fundo que tinha sido deixada para Patsy, ele resmungou, mas tinham de tratar de um contrato formal com o banco. Ele mostrou um envelope com pequenas fotos de polaróide que Sweetheart tinha tirado de seus bens móveis, identificando cada um deles por escrito na frente e atrás.

— É, aquele fundo de investimento não vale quase nada — disse Patsy, guardando as fotografias e o testamento na carteira. — Rende cerca de mil dólares por mês e isso podia ser um dinheirão trinta anos atrás, mas agora é apenas um troco. E estou avisando a vocês agora que quero as coisas da minha mãe.

Pops tirou o colar de pérolas do bolso da calça, ofereceu para ela, ela pegou, mas quando ele mostrou a aliança, ele disse ‘Vou ficar com isso’, e Patsy simplesmente deu de ombros e saiu da cozinha.

Dias e noites Pops fazia pouca coisa ou nada além de ficar sentado à mesa da cozinha, empurrando os pratos de comida postos à sua frente, ignorando as perguntas que fazíamos, enquanto Jasmine, Lolly e Clem assumiam a administração da Fazenda Blackwood.

Eu também participava dessa administração e gradualmente, à medida que ia liderando meus primeiros passeios com hóspedes pela Fazenda Blackwood e me esforçava ao máximo para cativá-los, fui descobrindo que aquela embriaguez louca que me dominara no funeral de Sweetheart estava começando a diminuir.

E um pânico horrível emergia novamente. Estava bem atrás de mim, pronto para me dominar. Eu me ocupava de tudo que podia. Supervisionava os cardápios com Jasmine e Lolly, experimentava os molhos holandês e bearnês, escolhia os jogos de louça, batia papo com os hóspedes que esta-

vam retomando para comemorar aniversários, e até arrumava os quartos quando era necessário, dirigia o cortador de grama pelos gramados.

Observando os homens do barracão plantando as tardias flores da primavera, as balsâminas, as zínias e os hibiscos, uma fúria sentimental desesperada se apossou de mim. Agarrei-me com toda a força à visão da Mansão Blackwood e a tudo que ela significava.

Ia caminhando pela longa alameda de nogueiras na frente da casa, admirando a vista e imaginando o que os hóspedes achavam.

Ia de cômodo em cômodo pela casa, verificando artigos de toucador, almofadas, estátuas de porcelana nos mantéis das lareiras, e os retratos, definitivamente os famosos retratos, e quando chegou o inevitável retrato de Sweetheart, que um pintor de Nova Orleans tinha feito a partir de uma fotografia, eu tirei o espelho do quarto dos fundos para pôr o quadro no lugar.

Lembrando agora eu acho que foi uma crueldade mostrar aquele retrato para Pops, mas ele olhou para ele daquele mesmo jeito, sem ver, como fazia com tudo.

Então um dia ele disse baixinho, depois de pigarrear, que queria que Jasmine e Lolly tirassem toda a roupa e as jóias de Sweetheart do quarto deles e pusessem no quarto de Patsy em cima do barracão. Ele disse que não queria que as coisas de Patsy ficassem no quarto dele.

Ora, as roupas de Sweetheart eram dois casacos de mink e alguns lindos vestidos de baile dos dias em que Sweetheart era jovem, solteira e ia para os bailes do Mardi Gras. Tinha o vestido de noiva de Sweetheart e outras roupas antigas que estavam anos fora de moda. Quanto às jóias, havia muitos diamantes e algumas esmeraldas, e a maior parte tinha sido dada pela avó para a mãe de Sweetheart, e depois a mãe deu para ela. Havia peças que

Sweetheart tinha usado quando recebia os convidados nos casamentos na Mansão Blackwood, e peças favoritas, em geral pérolas, que usava todos os dias.

Uma manhã bem cedo, Pops estava dormitando à mesa diante de um prato de mingau de aveia frio, Patsy silenciosamente pôs todas aquelas coisas na sua van e foi embora. Eu não sabia o que pensar, mas eu sabia, como todo mundo, que Seymour, o vagabundo que constituía a banda de Patsy e que era seu amante tinha um apartamento em Nova Orleans, e concluí que ela devia estar levando as roupas para lá.

Duas semanas depois Patsy voltou para casa numa van novinha em folha. Já tinha seu nome pintado nela. Seymour (o vagabundo) e Patsy descarregaram uma nova bateria e uma nova guitarra elétrica. Fecharam a porta do estúdio e começaram a ensaiar a todo volume. Os microfones eram novos também.

Pops tomou conhecimento de tudo isso, porque Jasmine e Lolly estavam à porta comentando o fato, e quando Patsy passou pela cozinha depois do jantar ele a agarrou pelo braço e quis saber onde ela tinha arranjado dinheiro para comprar aquelas coisas novas.

A voz dele estava rouca porque ele não falava nunca e ele parecia sonolento e louco.

O que aconteceu então foi a pior briga que eles tiveram na vida.

Patsy foi logo dizendo que tinha vendido tudo que Sweetheart havia deixado para ela, até o vestido de noiva e as jóias herdadas e outros bens, e mais uma vez ela pegou uma grande faca quando Pops foi para cima dela.

— Você jogou aquelas coisas no meu quarto! — berrava Patsy. — Mandou que eles levassem tudo de carroça para lá e enfiassem no meu ar-

mário como se fosse lixo.

— Você vendeu o vestido de noiva da sua mãe, vendeu os diamantes dela! — rugiu Pops. — Você é um monstro. Jamais devia ter nascido.

Corri e fiquei entre os dois, implorando para eles pararem, dizendo que os hóspedes na casa iam ouvir, que aquilo tinha de acabar. Pops balançou a cabeça. Saiu pela porta dos fundos. Foi andando na direção do barracão e mais tarde eu o vi lá numa cadeira de balanço, só fumando e olhando para a escuridão.

Quanto a Patsy, ela tirou algumas de suas roupas do quarto da frente no segundo andar da casa, onde ela ficava de vez em quando, e exigiu que eu a ajudasse, mas como eu reclamei, pois não queria que me vissem com ela, ela me chamou de moleque mimado, de fresco, maricas e bicha.

— Eu nunca quis ter você — ela disse, e então foi para a escada em espiral. — Devia ter me livrado de você — ela berrou. — Estou arrependida de não ter feito o que eu queria fazer.

Naquele exato momento ela tropeçou. Num lampejo vi Goblin perto, de costas para ela, sorrindo para mim. Ela gritou Ai! bem alto. As roupas rolaram escada abaixo e com grande dificuldade ela se agarrou ao último degrau. Corri para ampará-la. Ela olhou para mim furiosa e fez a terrível descoberta que Goblin a tinha empurrado, ou tinha feito qualquer outra coisa para ela tropeçar.

Fiquei horrorizado. Peguei rapidamente todas as roupas e disse ‘Vou descer com você’. A expressão no rosto dela, a combinação de desconfiança e excitação, de respeito mórbido e ódio, é algo que eu nunca mais vou esquecer. Mas o que estava se passando no coração dela eu não sei.

Fiquei com medo do Goblin. Medo do que ele era capaz de fazer.

Ajudei Patsy a pôr todas as suas coisas na van para Goblin saber que eu não queria prejudicá-la de modo algum. E então Patsy se foi, declarando que nunca mais voltaria, mas é claro que estava de volta em duas semanas, exigindo ficar na casa grande porque estava sem dinheiro e não podia ir para lugar nenhum.

Naquela noite, assim que Patsy partiu, repreendi Goblin.

— O que você fez? Ela quase caiu!

Mas não obtive resposta de Goblin. Era como se ele estivesse se escondendo, e quando subi de novo para o meu quarto e sentei diante do computador ele segurou minha mão na mesma hora e digitou ‘Patsy magoou você. Não gosto da Patsy’.

— Mas isso não lhe dá o direito de machucá-la — eu escrevi, dizendo as palavras em voz alta.

Então ele agarrou minha mão esquerda com força extraordinária. ‘Eu fiz Patsy parar’, ele respondeu.

— Você quase matou Patsy! — eu contra-argumentei. — Nunca mais machuque ninguém. Não é engraçado.

‘Não é engraçado’, ele escreveu. ‘Ela parou de magoar você.’

— Se você machucar as pessoas — eu respondi — não vou amá-lo mais. Ele não disse nada e o quarto ficou gelado, e então Goblin desligou o computador com seu poder. Aí veio o abraço, e com ele um débil calor carinhoso. Senti um vago ódio do prazer que aquele abraço produzia em mim, e um medo súbito de que se tornaria erótico. Não lembro de ter sentido esse medo antes.

Patsy tinha me chamado de bicha. Talvez eu fosse mesmo, pensei. Talvez estivesse indo naquela direção. Talvez Goblin soubesse. Goblin e eu

juntos. O medo se apossou de mim. Parecia um pecado mortal.

— Não fique triste. Goblin — eu sussurrei. — Já há tristeza demais em casa. Vá embora agora, Goblin. Vá e deixe-me pensar um pouco.

Nas semanas seguintes Patsy olhava para mim meio desconfiada, mas eu não queria admitir nada relativo ao que acontecera na escada, por isso não podia perguntar o que ela estava sentindo.

Enquanto isso todos sabiam que em seu banheiro na casa grande ela vomitava e tinha náuseas pela manhã, e ela deu para ficar zanzando pela cozinha, dizendo que todo tipo de comida lhe provocava náuseas, e Pops, que se mantinha afastado da mesa por causa dela, passava muito tempo no bar-racão.

Ele não conversava com os homens. Não falava com ninguém. Ele assistia à televisão e bebia cerveja mas não via nem ouvia nada.

Então uma noite, quando Patsy chegou tarde na sua van e entrou na cozinha dizendo que estava enjoada e Jasmine teve de fazer jantar para ela, Pops sentou à mesa na frente dela e disse para eu sair da cozinha.

— Não, deixe ele ficar se tem alguma coisa para me dizer — disse Patsy. — Vamos lá, desembucha.

Eu não sabia bem o que fazer, por isso fiquei no corredor e encostei na porta dos fundos. Podia ver o rosto de Patsy e a parte de trás da cabeça de Pops, e dava para ouvir cada palavra que diziam.

— Eu lhe dou cinqüenta mil dólares por ele — disse Pops.

Patsy ficou olhando para ele um minuto inteiro e só depois disse:

— Do que é que você está falando?

— Eu sei que você está grávida — ele disse. — Cinqüenta mil dólares. E deixa o bebê aqui conosco.

— Seu velho maluco, você está com sessenta e cinco anos. O que vai fazer com um bebê? Acha que vou passar por tudo aquilo de novo, só por cinquenta mil?

— Cem mil dólares — ele disse calmamente. E então ele continuou: — Duzentos mil dólares, Patsy Blackwood, no dia em que ele nascer e você assinar a doação para mim.

Patsy saiu da mesa. Ficou andando para cima e para baixo, olhando furiosa para ele.

— Por que diabos você não me disse isso ontem? — ela berrou. — Por que diabos não me disse isso esta manhã? — Ela cerrou os punhos e bateu com os pés no chão. — Seu velho maluco! Maldito.

Ela deu meia-volta e saiu correndo da cozinha. A porta de tela bateu atrás dela e Pops abaixou a cabeça.

Eu entrei na cozinha e fiquei ao lado dele.

— Ela já se livrou dele — ele disse. E abaixou a cabeça. Parecia completamente derrotado. Nunca mais disse nada a esse respeito. Voltou aos seus dias silenciosos.

Quanto à Patsy, ela realmente ficou no quarto passando mal uns dois dias, nos quais Jasmine cozinhou para ela e cuidou de tudo. Quando melhorou, partiu na van nova para uma série de festivais de música country.

Eu fiquei muito curioso. Será que Patsy ia logo engravidar de novo só para ganhar duzentos mil dólares? E como seria ter uma irmãzinha ou irmãozinho? Eu queria muito saber.

Pops começou a executar tarefas solitárias pela fazenda. Ele pintava as cercas brancas onde era necessário, podava as azaléias. Plantava mais flores primaveris. Na verdade ele aumentou os canteiros no jardim e os fez

mais brilhantes do que jamais tinham sido. Gerânios vermelhos eram suas flores preferidas, e apesar de não durarem muito no calor, ele plantou muitos nos canteiros e costumava se afastar um pouco para ter uma melhor perspectiva do desenho do plantio.

Por algum tempo, um breve tempo, parecia que de alguma maneira as coisas iam se ajeitar. A alegria não tinha abandonado a Mansão Blackwood por completo. Goblin estava se comportando, mas o rosto dele refletia a minha tensão e o conflito crescente que eu enfrentava. O medo estava se apoderando da minha mente.

De quê eu tinha medo? Da morte, imagino. Eu queria ver o espírito da Pequena Ida, mas isso não aconteceu, e depois tinha Grande Ramona dizendo que as pessoas não apareciam para você quando iam para o céu, a não ser que tivessem um motivo muito forte para isso. Eu queria uma última visão de Pequena Ida. Ficava pensando em quanto tempo tinha ficado depois de morta na minha cama comigo.

Nesse meio-tempo, a Mansão Blackwood seguia vivendo.

Grande Ramona, Jasmine e Lolly administravam a cozinha com perfeição, como sempre fizeram, cuidando das excursões com o mesmo aprumo, e Pops entrou numa febre de reparos e reformas que o mantinham exausto o tempo todo, de forma que mais ou menos às oito horas já estava na cama, no mais profundo dos sonos.

Grande Ramona fazia tudo que podia para animar a todos, usava todas as suas “receitas secretas” e até persuadia Patsy a ficar para jantar comigo algumas vezes (quando Pops não estava), como se achasse que eu precisava de Patsy, o que francamente não era o caso.

Alguns hóspedes interessantes chegavam e partiam, tia Queen escre-

via cartas carinhosas, e o domingo de Páscoa teve um enorme bufê com pessoas vindas de todas as partes e música no gramado.

Pops não ajudou muito nesse banquete de Páscoa e todo mundo entendeu por quê. Ele apareceu, usando um belo terno de linho branco, mas praticamente só ficou sentado em silêncio, observando a dança e parecendo sem vida, como se o seu espírito não estivesse mais lá. Tinha os olhos fundos. A pele adquirira um tom amarelado.

Ele era como um homem que teve uma visão, e para quem a vida normal não tinha mais graça.

Quando eu olhava para ele, minha garganta se apertava. Sentia meu coração martelando. Dava para ouvir dentro da cabeça. O céu tinha um azul perfeito, a temperatura era agradável, e a música da pequena orquestra era adorável, mas meus dentes batiam uns nos outros.

Lá no centro da pista de dança, Goblin dançava. Ele estava bastante sólido, vestido num terno com colete e tudo, como eu. Não parecia se importar se eu o via ou não. Ele ziguezagueava entre os dançarinos. Então fixou os olhos em mim e ficou triste. Parou e estendeu os dois braços para mim. Seu rosto estava marcado pelo sofrimento. E não era a minha imagem refletida, porque eu sabia que o meu rosto estava lívido de medo.

— Ninguém pode vê-lo! — eu sussurrei, e subitamente todos em volta pareceram estranhos para mim, como havia acontecido com as pessoas na missa para Lynelle, ou melhor, eu senti que era um monstro porque podia ver Goblin, um monstro porque ele e eu éramos íntimos, e parecia não haver possibilidade de consolo ou carinho no mundo inteiro.

Pensei em Sweetheart na cripta em Nova Orleans. Se eu chegasse aos portões da cripta, será que sentiria cheiro de formol? Ou sentiria o cheiro de

algo pior?

Eu me afastei. Fui até o velho cemitério. Havia um número considerável de hóspedes por lá, e Lolly andava no meio deles com uma garrafa de champanhe. Não vi nenhum fantasma no cemitério. Só os vivos. Os primos de Sweetheart que falavam comigo. Não ouvi o que diziam. Imaginei que subia ao quarto de Pops, pegava seu revólver na gaveta, encostava na minha cabeça e puxava o gatilho. Pensei, se você fizer isso, esse terror vai acabar.

Então senti os braços invisíveis de Goblin me abraçando. Senti que ele me envolvia. E senti o que parecia o coração batendo e um conforto espiritual vindo dele. Essa sensação não era novidade para mim. Ultimamente fazia com que eu me sentisse culpado. Só que naquele momento parecia desesperadamente importante.

E aquele júbilo embriagador retornou, a ufanía louca que senti quando saí do quarto de Sweetheart no hospital, e lágrimas rolaram pelo meu rosto. Fiquei parado sob o carvalho, pensando se os fantasmas tristes do cemitério podiam ver toda aquela gente. Eu chorei.

— Venha para dentro comigo — disse Jasmine. Ela me segurou pelos ombros. — Venha Taw-quin, vamos logo — ela disse.

Ela só me chamava pelo meu nome, pronunciando Taw-quin, quando ficava muito séria. Eu fui com ela para dentro, e ela disse para eu sentar na cozinha e tomar uma taça de champanhe também.

Ora, sendo um garoto do campo, eu tinha bebido vinho e uísque muitas vezes, apesar de nunca em grande quantidade, mas bem quieto, sentado à mesa da cozinha, depois que Jasmine saiu, eu bebi uma garrafa inteira de champanhe.

Aquela noite fiquei extremamente enjoado, minha cabeça doía como

se fosse explodir, a festa da Páscoa tinha terminado e eu não parava de vomitar, Grande Ramona ao meu lado, dizendo que Jasmine nunca mais me daria vinho para beber.”

“ – **N**AS SEMANAS SEGUINTEs eu me senti melhor. Acho que não se pode sentir pânico puro o tempo todo. O seu cérebro entra em pane. Vem em ondas, e você tem de pensar Bem, isso vai acabar.

Eu me voltei para um sofrimento mudo que era mais fácil de administrar, e minha mente às vezes se povoava de lembranças de Sweetheart, de Sweetheart cantando, de Sweetheart cozinhando, e de pequenas coisas sem importância e fragmentadas, coisas que ela dizia, ou que diria, e depois vinha o terror, como se alguém me pegasse, me pendurasse no parapeito de uma janela no nono andar de um prédio.

E nesse tempo eu não esqueci do que Patsy tinha me chamado, maricas, fresco, bicha. Sabia perfeitamente bem, pela televisão e pelos filmes, assim como os livros, o que aquilo significava e eu tinha uma suspeita adolescente inevitável e cada vez mais profunda de que a caracterização era verdadeira.

Entenda, eu era católico demais para fazer experiências com estímulos sexuais quando ficava sozinho, e não tinha tido boas oportunidades de vivenciar experiências românticas com mais ninguém. Não achava que as pessoas ficavam cegas com a masturbação, mas só de pensar naquilo eu me enchia de vergonha católica.

Mas eu tinha sonhos molhados. E apesar de acordar perturbado e humilhado, e de interrompê-los logo no início, reprimindo a lembrança do que realmente os criava, tinha uma profunda suspeita de que eram com ho-

mens.

Não admira que Pops tivesse oferecido duzentos mil dólares a Patsy por um bebê. Ele achava que eu nunca me casaria, que nunca teria filhos. Sabia só de olhar para mim. Sabia que eu era bicha pela minha falta de jeito para martelar um prego. O que ele devia ter pensado ao me ouvir comentar nos jantares sobre filmes como *Sapatinhos vermelhos*, ou *Os contos de Hoffmann*? Ele sabia que eu era bicha. Que diabo, provavelmente todo mundo sabia, só de me ver.

Goblin sabia. Goblin estava esperando. Goblin era um profundo mistério de tentáculos e poder pulsante invisíveis. Goblin era bicha!

E o que dizer do palpável abraço de Goblin, e do jeito que às vezes esse abraço provocava um arrepio frio e delicioso na minha pele, como se alguém excitasse todos os pêlos do meu corpo e dissesse para o meu corpo despertar?

Havia algo de tão eternamente íntimo nas atenções de Goblin, que elas tinham de ser pecaminosas.

Qualquer que fosse o caso, eu só fazia me angustiar com isso, procurava me ocupar o tempo todo, mas o pânico crescia em mim e começou a chegar na sua pior forma à tardinha, no fim de cada dia.

E como o verão estava chegando e os dias ficando mais longos, eu tinha ondas de pânico mais demoradas, às vezes das quatro horas da tarde até as oito da noite. Vinha à minha cabeça a imagem de mim mesmo apondo o revólver para a minha têmpora e a idéia de que a bala faria a dor acabar. Então eu pensava no que isso representaria para Pops e tia Queen e tirava a idéia da cabeça.

Foi nessa época que comecei a fazer todo mundo acender certas lu-

zes às quatro horas, estivesse ou não escuro, e houvesse ou não hóspedes na Mansão Blackwood.

Eu estava me tornando o Senhor da Mansão Blackwood, como aqueles lordes frescos, eu suponho.

Toda noite, como uma criatura possuída, eu punha música clássica para tocar nos salões e na sala de jantar, e depois verificava os arranjos de flores e a disposição dos móveis, endireitava todos os quadros nas paredes e, quando o pânico diminuía um pouco, sentava na cozinha com Pops.

Mas Pops não falava mais. Ficava sentado numa cadeira de espaldar reto, olhando para a porta de tela, com o olhar vazio. Era horrível estar com Pops. Os olhos dele ficavam cada vez mais vazios. Ele não estava voltando ao passado como Grande Ramona fazia. Não havia consolo que eu pudesse dar ou receber.

Então uma noite, quando o pânico me atingia com toda a força, misturado com depressão e medo de ser bicha, principalmente a depressão, eu disse a Pops:

— Você acha que Patsy vai engravidar de novo só para vender o bebê?

Era uma coisa muito incomum para eu dizer a ele. Pops e eu costumávamos conversar muito formalmente. E uma das coisas que nunca tínhamos feito era falar sobre Patsy.

Ele respondeu com uma voz calma e neutra.

— Não. Foi só uma coisa de momento. Imaginei que pudesse salvar aquele. Achei que devia fazer isso, criar aquele. Mas a verdade é que nem acho que ela conseguiria levar a gravidez a termo, mesmo se quisesse. Ela já se livrou de muitos e isso torna o ventre de uma mulher muito fraco.

Fiquei atônito com a candura dele.

Pensei em por que eu estaria vivo. Talvez ele tivesse dado dinheiro para ela me deixar viver. Mas não disse nada. Preferia ter medo disso do que saber. E a voz de Pops tinha soado morta e metálica demais. Para Pops aquilo não era nada fácil. Senti pena dele. Nenhum de nós disse mais nada sobre o assunto.

E finalmente — finalmente — os relógios marcaram oito horas e eu pude sentar na beira da cama com Grande Ramona enquanto ela escovava seu cabelo branco comprido e lentamente fazia sua trança, e eu me sentia seguro, seguro no escuro, e podíamos conversar e depois deitar para dormir.

Uma tarde, por volta das três horas, eu estava sentado nos degraus da frente da casa, observando a longa avenida de nogueiras sob a luminosidade que ia se transformando. Era uma terça-feira, tenho quase certeza disso, e não tínhamos visitas, pois os últimos hóspedes do fim de semana já tinham partido, e os hóspedes do fim de semana seguinte ainda não tinham chegado.

Eu detestava aquela imobilidade. Via a imagem da arma na minha cabeça. Eu pensei: O que poderia fazer para parar de pensar em apontar o revólver para minha cabeça? Era tarde demais para ir pescar na barça e eu não queria me sujar todo no pântano de qualquer maneira, pois tudo, absolutamente tudo, estava arrumado na casa.

Goblin não estava em lugar nenhum. Goblin tinha aprendido a se afastar de mim quando eu tinha esses humores sombrios, quando sua influência para me convencer a fazer coisas ficava mais fraca. E apesar de achar que ele provavelmente viria se eu o chamasse, eu não queria vê-lo. Quando pensava em pôr o revólver na cabeça, imaginava se uma bala mataria nós

dois.

Não, eu não queria a companhia de Goblin.

Então me ocorreu que eu não tinha me firmado como Senhor da Mansão no sótão. O sótão era na verdade um território ainda por descobrir, e eu era velho demais para acatar a proibição de ir lá, e não precisava pedir para ninguém. Por isso entrei em casa e subi a escada.

Bom, às três horas da tarde havia bastante luz entrando pelas janelas de água-furtada no sótão, e eu conseguia enxergar toda a mobília de vime — conjuntos completos, eu acho, com sofás, cadeiras etc. — e os vários baús.

Inspecionei primeiro um baú-armário que tinha pertencido a Gravier Blackwood e que estava aberto com todos os seus pequenos cabides e gavetas vazios e limpos.

Depois as malas cheias de roupas velhas que não pareciam ser tão fascinantes assim, e mais baús, todos etiquetados com o nome de Lorraine McQueen. Coisas novas. O que aquilo significava para mim? Certamente devia haver algo mais antigo, alguma coisa que talvez pertencesse à santa esposa de Manfred, Virginia Lee.

Então me deparei com uma grande mala-armário de lona com correias de couro, tão grande que a tampa chegava quase à minha cintura, e eu já tinha um metro e oitenta e cinco de altura. A tampa estava meio aberta, as roupas quase transbordando de dentro, tudo com um cheiro forte de mofo, e a etiqueta em cima da mala-armário dizia em tinta desbotada ‘Rebeca Stanford’, com o endereço da Fazenda Blackwood.

— Rebeca Stanford — eu disse em voz alta. Quem poderia ser? Ouvi nitidamente um farfalhar atrás de mim, ou seria na minha frente? Parei e fiquei escutando. Podia ter sido um rato, é claro, mas nós não tínhamos ra-

tos na Mansão Blackwood. Depois pareceu que o farfalhar era uma conversa entre um homem e uma mulher e alguém discutindo... *Isso simplesmente não acontece.* Ouvi essas palavras bem claramente, e então a voz da mulher... *Acredite nele, ele vai fazer isso!*

Ela havia colado a etiqueta, pensei. Tinha arrumado sua mala e colado a etiqueta. Ficou esperando que ele fosse buscá-la. Srta. Rebeca Stanford.

Mas de onde vinham todas aquelas idéias?

Então ouvi o barulho de novo. Soava como um movimento deliberado. Senti o cabelo arrepiar na minha nuca. Gostei daquela excitação. Adorei. Era infinitamente melhor do que a depressão e o sofrimento, melhor do que a idéia de revólveres e morte.

Eu pensei: *Vai aparecer um espírito.* Vozes. Não, farfalhar. Será mais forte que a aparição de William. Será mais forte que os vaporosos fantasmas que vagam sobre o cemitério. E virá por causa do seu baú. Pode ser tia Camille, que tantas vezes viram na escada, subindo para o sótão.

— Quem é você, Rebeca Stanford? — eu sussurrei. Silêncio. Abri o baú. Havia lá dentro uma confusão de roupas e o mofo se espalhara por tudo, e havia também outros artigos misturados com as roupas, uma velha escova de cabelo com cabo de prata, um pente com a borda em prata, vidros de perfume já secos e um espelho também de prata, todo manchado e escurecido, que não servia mais.

Levantei uma parte das roupas e os objetos rolaram para o fundo do baú e lá eu descobri um monte de jóias, pérolas, broches e camafeus, todos jogados no meio dos vestidos como se ninguém ligasse para eles, o que era um mistério para mim, porque soube, quando as segurei, que se tratavam de pérolas verdadeiras. Peguei os camafeus um por um e vi que eram peças

muito boas, do tipo que tia Queen gostaria muito, e todos eles, os três camafeus, tinham molduras de ouro sobre madrepérola preta, para contrastar.

O que estão fazendo aqui, tão negligenciados, tão esquecidos, eu fiquei pensando. Quem será que tinha empilhado tudo isso no meio das roupas para ficar mofando, e quando tinham feito isso?

Aquele ruído farfalhante de novo, e outro som suave como um passo que me fez pular e olhar para a porta do sótão.

Lá estava Goblin, olhando para mim com cara de alarme, balançando a cabeça enfaticamente e formando uma palavra com os lábios: Não.

— Mas eu quero saber quem era ela — eu disse a ele. Ele desapareceu bem devagar, como se estivesse fraco e assustado, e senti o ar ficando gelado como costumava ser quando ele sumia. Fiquei imaginando por que ele estaria tão fraco.

A essa altura você já deve ter adivinhado que eu estava tão acostumado com o Goblin que já não me interessava tanto por ele. Eu me sentia superior a ele. Naquele momento não achava que ele fosse grande coisa.

Comecei a dispor todo o conteúdo do baú sobre a tampa de outro baú ao lado. Era óbvio que as coisas foram simplesmente emboladas lá dentro, a esmo, e tudo, exceto os camafeus e as pérolas, era perda total.

Havia belos vestidos que certamente pertenciam ao tempo das saias longas, e havia antigas blusas de renda, duas ou mais com lindos camafeus de madrepérola presos à gola, e o que deviam ter sido camisolas de seda. Alguns itens se desfaziam nas minhas mãos. Os camafeus eram todos de Rebeca à beira do poço.

— Então você gostava só desse tema — eu disse em voz alta. — Seu nome veio daí?

Ouvi o ruído novamente, e senti alguma coisa roçando em mim, macio, como se um gato encostasse no meu pescoço. E depois mais nada. Nada além do silêncio e da tarde que terminava à nossa volta, e uma espécie de pavor do qual tinha de fugir.

Não havia nada melhor do que explorar aquele baú.

Encontrei chinelos já secos e retorcidos como galhos mortos. Uma caixa aberta de pó-de-arroz tinha sido jogada junto com as roupas e ainda mantinha um pouco da doce fragrância depois de todo aquele tempo. Dois vidros de perfume estavam quebrados e havia um pequeno livro com capa de couro com muitas páginas escritas, mas quase tudo apagado. Pareciam teias de aranha roxas.

A umidade tinha contaminado tudo, e em alguns lugares cobrira as roupas de lã com uma camada de sujeira preta, deixando-as irrecuperáveis.

— Mas isso é desperdício puro — eu disse em voz alta. Recolhi os três colares de pérola e os cinco camafeus, incluindo os dois que tirei das blusas velhas, e descí com esses tesouros para procurar Jasmine, que estava lavando pimentões para o jantar na pia da cozinha.

Contei a ela o que tinha descoberto e pus as jóias na mesa da cozinha.

— Ora, você não devia ter subido lá! — ela declarou. E para surpresa minha, ficou furiosa. — Você anda muito rebelde ultimamente, sabe? Por que não pediu, antes de ir lá para cima, Taw-quin Blackwood? — e continuou reclamando nesses termos.

Eu estava distraído demais vendo os camafeus.

— São todos sobre o mesmo tema —, eu disse de novo, — Rebeca à beira do poço, e todos muito bonitos. Por que os jogaram lá num baú com todas aquelas coisas? Você não acha que a tia Queen vai querer essas coisas?

— Claro que tia Queen tinha pelo menos dez camafeus de Rebeca à beira do poço, eu sabia disso, mas eu não sabia a história do primeiro, e se soubesse ficaria ainda mais fascinado.

No jantar contei para Pops e mostrei o tesouro a ele, mas ele não se interessou, como não se interessava por nada, e enquanto Jasmine me repreendia por meter o nariz em coisas que não me diziam respeito, Pops apenas disse com sua voz triste:

— Você pode ficar com tudo que encontrar lá em cima — e com isso Jasmine calou-se de vez.

Na hora de dormir dei as pérolas para Grande Ramona, mas ela disse que não se sentia à vontade para aceitar, que elas tinham uma história, assim como todas as coisas naquele baú.

— Guarde-as para o dia em que você se casar — ela disse. — E dê essas pérolas para a sua mulher. Primeiro tem de pedir para o padre benzê-las. Lembre-se disso. Não as dê antes de pedir para o padre abençoá-las.

— Nunca ouvi falar de tal coisa — eu disse para ela. — Um colar de pérolas abençoado pelo padre?

Implorei para ela me contar a história. Eu sabia que era bem informada. Mas ela não quis, e disse que de qualquer modo não lembrava muito bem, o que eu sabia que era mentira, e logo ela me fez dizer as orações da noite.

Aquela noite ela teve a brilhante idéia de rezar um rosário inteiro, e foi o que fizemos, meditando sobre os mistérios da via-crúcis, e depois fizemos também um ato de contrição. Tudo isso oferecemos às pobres almas do purgatório, e então rezamos a famosa oração ao arcanjo Miguel para nos defender na luta contra o demônio. Depois fomos dormir.

No dia seguinte escrevi para tia Queen contando a história da minha descoberta e disse que tinha posto os camafeus junto com a coleção dela na vitrine da sala de visitas, e que as pérolas estavam na penteadeira dela, caso as quisesse. Pedi-lhe que me contasse a história que Grande Ramona não quis contar. Quem era Rebeca Stanford? Como foi que as coisas dela foram parar na nossa casa?

Voltei lá para cima e vasculhei o sótão todo. Claro que encontrei coisas maravilhosas. Abajures e mesas em *art déco*, poltronas e sofás que apodreciam, e até duas máquinas de escrever daquele tipo preto antigo que pesavam uma tonelada. Outros montes de roupas velhas pareciam ordinárias e dignas da pilha de trapos, e havia um antigo aspirador de pó que devia ser doado a um museu.

Quanto à mobília de vime, mandei tirar toda de lá para ser restaurada, dependendo da aprovação de Pops, que ele deu balançando a cabeça, sem dizer palavra. Os homens do barracão ficaram felizes de ter uma nova tarefa, por isso tudo deu certo.

Não encontrei nada mais realmente interessante. Rebeca Stanford era o mistério do momento, e quando descí do sótão pela última vez levei o livro com capa de couro que tinha encontrado junto com as coisas dela, e tive de novo aquela sensação estranha e excitante. Vi Goblin na porta e ele balançou a cabeça de novo.

O que eu gostava era que aquela excitação expulsava o desespero de mim.

No dia seguinte, uma quinta-feira, outro dia tranqüilo, um dia entre o início e o fim de semana, comecei a sentir pânico de novo e depois do almoço saí para caminhar pela alameda de nogueiras-pecã e sentir o cascalho

rangendo sob meus pés.

A luz era dourada e eu a detestei porque já estava se apagando e o pânico voltaria a me dominar por completo.

Quando cheguei aos degraus da entrada, sentei-me com o livro de capa de couro que tinha encontrado no baú de Rebeca Stanford e tentei ler o que estava escrito nele.

Não demorei muito para decifrar o nome na primeira página, e para minha surpresa era Camille Blackwood. O resto dos escritos era praticamente ilegível, mas dava para ver que eram em verso.

Um livro de poesia de Camille Blackwood! E era o fantasma de Camille que eu sempre via subindo a escada para o sótão! Corri para contar isso a Jasmine, que estava fumando um cigarro nos degraus dos fundos. Mais uma vez veio aquela ladainha.

— Tarquin, trate de deixar essas coisas em paz! Deixe esse livro de poesias no quarto de Miss Queen até ela voltar para casa!

— Ouça, Jasmine, o que você acha que o espírito de Camille anda procurando? E você viu o fantasma dela, tanto quanto eu. E por que está me dizendo para deixar em paz esse livro de poesias? Não entende que ela o perdeu, ou então foi posto no lugar errado, e você está agindo como se isso não fosse importante, e é.

— E para quem isso é importante? — ela disparou. — Para você? Você viu o fantasma de Camille na escada?

— Vi duas vezes e você sabe disso — eu respondi.

— E como é que você vai dizer para ela que encontrou o livro? É isso que eu gostaria de saber. Você vai contar para o seu anjo da guarda quando fizer suas orações à noite?

— Até que não é má idéia — eu disse. — Você viu aquele fantasma, você sabe que viu.

— Ora, escute aqui, eu nunca vi aquele fantasma, só disse que vi. Eu dizia isso para os turistas. Eu nunca vi nenhum fantasma na minha vida.

— Eu sei que isso não é verdade. Acho que você até já viu o Goblin. Há momentos em que você simplesmente fica olhando fixo para ele, e eu sei. Sabe, Jasmine, você não me engana.

— Menino, olha como fala comigo — ela disse, e eu sabia que não ia conseguir mais nada dela.

Ela apenas me disse outra vez que era para eu largar aquele livro. Mas eu tinha outros planos para ele. Sabia que se segurasse cada página contra uma lâmpada halógena provavelmente conseguiria ler um pouco das poesias escritas nele. Mas isso não bastava. Eu não tinha paciência nem energia para esse tipo de detalhe.

Pus o livro em cima de minha mesa e desci de novo para sentar nos degraus da frente, esperando que algum hóspede chegasse de carro e que alguma coisa mudasse naquele clima mórbido e triste do fim de tarde. O pânico estava chegando com toda força, e eu disse com amargura: ‘Meu Deus, eu faria qualquer coisa para evitar isso! Qualquer coisa.’ E então fechei os olhos.

— Onde está você, Goblin? — perguntei, mas ele não respondeu, assim como Deus também não, e aí tive a impressão de que o calor daquele dia de primavera estava diminuindo um pouco e uma brisa fresca parecia vir do pântano. Ora, brisas frescas nunca vinham daquele lado, pelo menos não era nada comum, e eu me virei para o lado direito da casa, para o velho cemitério e para os gigantescos ciprestes mais além. O pântano parecia tão

escuro e misterioso como sempre, pairando sobre o cemitério e crescendo negro e desinteressante contra o céu.

Uma mulher vinha subindo a encosta daquele lado, uma mulher miúda, que caminhava com passos largos e decididos, segurando as saias escuras com a mão direita.

— Muito bonita — eu disse em voz alta. — Sabia que seria. — Então me dei conta da estranheza das minhas palavras. Com quem eu estava falando? E senti Goblin puxando minha mão esquerda. Quando me virei para olhar para ele, uma espécie de choque percorreu meu corpo e Goblin piscou, balançando violentamente a cabeça indicando que não, e depois sumiu. Foi como uma lâmpada que se apaga.

À minha direita a mulher bonita continuava vindo, e agora eu já podia ver seu sorriso e que ela estava usando uma roupa adorável e antiquada, uma blusa de renda de gola alta com um camafeu e uma saia justa na cintura de tafetá escuro que ia até o chão. Os seios eram empinados e os quadris generosos e voluptuosos, e rebojavam quando ela andava. Que atraente ela era. O cabelo castanho estava puxado para longe do rosto, para trás, revelando a linha serena das raízes contornando as têmporas e a testa, e seus olhos eram grandes, alegres e escuros.

Ela finalmente chegou à parte nivelada do gramado onde ficava a casa e deu um pequeno suspiro como se a caminhada encosta acima, vindo do pântano, tivesse sido penosa.

— Mas eles não enterraram você lá embaixo naquele cemitério, não foi? — eu perguntei a ela. Nós éramos os melhores amigos.

— Não — ela respondeu com uma voz suave e doce, se aproximando e sentando ao meu lado nos degraus. Ela estava usando um par de brin-

cos de camafeu preto e branco que pendiam dos lóbulos furados, e eles tremeram com o súbito movimento de sua cabeça quando sorriu.

— E você é bonito mesmo, como todos dizem — ela disse para mim. — Já está um homem. Por que está tão preocupado? — Ela era tão delicada. — Você precisa de uma moça bonita como eu para mostrar o que você pode fazer?

— Mas quem disse que eu estou preocupado? — perguntei a ela.

Ela era simplesmente linda, ou pelo menos assim me parecia, e não era apenas abençoada pela natureza com um rosto admirável e olhos grandes, tinha um ar atrevido, um frescor, um refinamento inteligente. Certamente devia haver um corpete modelando sua pequena cintura, e os babados da blusa estavam perfeitamente engomados e passados. A saia de tafetá era de um marrom-chocolate bem vivo e cintilava à luz do sol, e seus pés eram muito pequenos nas elegantes botas amarradas com cadarço.

— Eu apenas sei que você anda preocupado — ela respondeu. — Sei muitas coisas. Pode-se dizer que sei tudo que acontece. As coisas não acontecem exatamente em linha reta como os vivos pensam. Tudo está sempre acontecendo o tempo todo.

Ela estendeu as duas mãos e segurou a minha mão direita, e eu senti aquele choque outra vez, elétrico, perigoso, e arrepios deliciosos percorreram todo o meu corpo, eu me inclinei para a frente e quis beijar os lábios dela.

Com ar provocante ela recuou só um pouco e então, pressionando os seios no meu braço, ela disse:

— Vamos lá para dentro. Quero que você acenda as luzes.

Isso era perfeitamente lógico. Eu odiava as longas sombras dos fins

de tarde. Acender as luzes. Acender o mundo.

— Eu também detesto as sombras — ela disse.

Levantamos juntos, mas eu estava um pouco tonto e não queria que ela percebesse. Entramos no calmo silêncio da casa. Eu mal podia ouvir o som de água correndo na cozinha. Quatro horas da tarde. O jantar ainda ia demorar umas duas horas para sair e que interessante era a casa naquela hora! Que curiosa fragrância no ar, de couro e flores amassadas, de naftalina e cera.

A sala de estar era cheia de divãs e cadeiras diferentes com madeira escura, negra e brilhante, verdadeira mobília vitoriana, eu pensei, e havia um outro piano antigo, bem mais antigo do que o que costumava ficar naquele lugar. Era um grande piano de cauda. As cortinas eram de veludo azul-noite, pesadas, e os painéis de renda cheios de graciosos pavões desenhados. As janelas estavam abertas. Que bonito, a brisa batendo nos pavões de renda. Perfeito, eu pensei.

Fui tomado por um êxtase emocionante, a certeza da beleza pura do que eu via e a irrelevância de tudo o mais.

Quando olhei para a sala de jantar compreendi que ela também estava alterada, que as cortinas eram de seda cor de pêssego com franjas douradas, e que a mesa era oval, com um vaso de flores no centro. Rosas frescas, rosas naturais de jardim de cabos curtos, pétalas caídas na mesa encerada. Não eram rosas magníficas e frias de florista. Apenas rosas que fariam sua mão sangrar. Gotas de água no vaso redondo.

— Oh, é lindo, não é? — ela disse. — Escolhi aquele tecido das cortinas eu mesma. Fiz tantas coisas. Pequenas coisas. Coisas grandes. Eu cortei aquelas rosas no quintal nos fundos da casa. Fui eu que plantei o jardim

de rosas. Não havia nenhum jardim de rosas quando cheguei aqui. Você quer ver o jardim de rosas?

Um débil protesto ecoou na minha cabeça, pois não havia roseiral na Fazenda Blackwood, o jardim de rosas tinha acabado há muito tempo, dando lugar à piscina, mas isso parecia incompreensível e sem importância, e mencionar tal coisa pareceria grosseiro.

Virei-me para dizer que não conseguia conter a vontade de beijá-la, inclinei minha cabeça e cobri sua boca com a minha. Ah. Nunca senti aquilo, nem em sonhos. Nunca senti aquele gosto antes. Nunca fiz aquilo. Senti o calor do corpo dela através da roupa. Foi tão intenso que eu quase gozei. Eu a abracei e puxei para cima, pus o joelho no meio das saias e pressionei contra seu sexo, e enfiei a língua em sua boca.

Quando ela chegou um pouco para trás, tive de usar todo o meu autocontrole para deixar que pusesse a mão no meu peito.

— Acenda as luzes para mim, Quinn — ela disse. — Os lampiões a óleo. Acenda-os. E depois vou fazer de você o rapaz mais feliz do mundo.

— Ah, sim — eu disse. Eu sabia onde eles estavam. Sempre guardamos lampiões a óleo na Mansão Blackwood, porque, como morávamos no campo, nunca sabíamos quando a eletricidade ia faltar, por isso encontrei o lampião no aparador, peguei e pus na mesa de jantar. Tirei a manga e acendi o pavio com o isqueiro que sempre tinha comigo para tais coisas.

— Ponha na janela, querido — ela disse. — Sim, aí mesmo, no parapeito, e vamos para a sala de estar para acender o lampião de lá também.

Fiz o que ela pediu e pus o lampião no parapeito da janela. Mas isso parece perigoso, eu disse, o lampião embaixo dos painéis de renda e tão perto das cortinas.

— Não se preocupe, querido — ela disse, e me levou rapidamente pelo hall de entrada para a sala de estar. Peguei o lampião que estava sobre a alta cômoda chinesa entre as duas portas da sala. Acendi e pus no parapeito do mesmo jeito que tinha feito na sala de jantar. Ora, a harpa, aquela harpa era a mesma, a grande harpa dourada, pensei, mas todo o resto havia mudado.

Aquilo tudo me deixava atordoado. Não ousava pensar em possuí-la, porque ela descobriria que eu não sabia como.

— Você é o meu querido — ela disse. — Não fique aí espantado com a bela mobília, isso não importa.

Mas eu não podia evitar porque apenas um segundo antes, quando peguei o lampião de cima da cômoda, tudo era familiar, e agora estava diferente de novo, todas aquelas cadeiras de cetim violeta com madeira escura, e subitamente ouvi um coro de vozes, de pessoas rezando o rosário!

A luz de velas tremulava no teto. Havia alguma coisa errada e terrivelmente triste.

Eu me desequilibrei. Ia cair. Dei meia-volta. O som das vozes era como uma inundação. E a sala estava cheia de gente, pessoas vestidas de preto, sentadas nas cadeiras e nos divãs, e em pequenas cadeiras dobráveis, e havia um homem soluçando.

Outras pessoas também choravam. Quem era aquela menininha olhando para mim?

Havia um caixão na frente das janelas, um caixão aberto, e o ar estava pesado de tantas flores, abarrotado de flores, o cheiro de cera dos lírios, e então de dentro do caixão ergueu-se uma mulher loura de vestido azul. Com um gesto rápido, como se levada por uma onda invisível, ela saiu do caixão

e pisou no chão encerado.

— Lynelle — eu gritei. Mas não era ela. Era Virginia Lee. Como pude não reconhecer o adorável rostinho de Virginia Lee? Nossa abençoada Virginia Lee. A menininha deu um grito triste, ‘Mamãe!’ Como é que uma mulher podia se levantar do caixão?

— Deixe essa casa em paz! — ela gritou e avançou enfurecida para cima da mulher que estava ao meu lado, quase tocou nela com suas mãos brancas, mas a mulher ao meu lado a fez se afastar com um ruído sibilante muito forte, um clarão e uma fala explosiva e confusa, e a figura de Virginia Lee, nossa abençoada e doce Virginia Lee, nossa santa doméstica, a figura de Virginia Lee. e o caixão, e a criança lamurienta, as pessoas de luto... tudo piscou e desapareceu.

O coro de vozes emudeceu como se fosse uma onda na praia sendo sugada de volta para o mar. Ave Maria Cheia de Graça e depois nada. Apenas uma brisa e a luz trêmula do lampião no escuro, e aquele cheiro do óleo queimando.

Eu estava tonto demais para me agüentar de pé. Ela se agarrou a mim.

O silêncio pesou à nossa volta e eu queria dizer alguma coisa, queria perguntar uma coisa. Tentei formar a idéia, Virginia Lee tinha estado aqui, mas eu estava segurando a mulher de novo, e beijando, e meu pênis estava tão rijo que chegava a doer, não ia conseguir me conter mais, era pior do que acordar melado de um sonho erótico, e eu disse:

— Não, não posso deixar que isso continue, não posso fazer isso. Isso é um pecado mortal.

Mas ela disse:

— Quinn, meu querido Quinn, você é o meu destino. — Disse isso com tanta ternura... — Leve-me para o meu quarto.

A fumaça subia por trás da espessa renda. Uma mulher chorava baixinho, muito triste. Os soluços da criança soavam como tosse. Mas a mulher ao meu lado sorria.

— Sou leve, sou pequena — ela disse. — Está vendo a minha cintura fina? Veja como sou pequena. Carregue-me lá para cima.

Voltas e mais voltas, para cima, para cima. Não se pode cair de tontura quando se está subindo sem parar. Nunca na minha vida senti tanta exultação. Nunca me senti tão forte.

Estávamos no quarto, e apesar da configuração das paredes e da porta em arco fazer parecer que era o meu quarto, não era, era o dela, e estávamos deitados sob o dossel de renda e a cama era alta e a brisa entrava pela janela e a renda se mexia com ela.

— Agora, meu rapaz — ela disse abrindo a minha calça, puxando para baixo e levantando a sua saia. A pele dela estava quente. — Agora é o momento perfeito.

Eu deslizei para dentro dela! A primeira vez! O calor, a pressão, a batinha apertada. Eu gozei dentro dela, jorrei dentro dela, gozei, e senti que ela estremecia e apertava os lábios contra os meus, e o sexo dela me segurava, e então ela caiu para trás, exausta, e dos seus lábios brotou uma risada curta e ofegante.

Deitei de costas. Não tinha importância, o cheiro de fumaça, a visão da fumaça. Não tinham importância as pessoas correndo. Ela virou para mim, apoiou-se no cotovelo e disse:

— Descubra o que sobrou para mim por aí, Quinn. Encontre a ilha.

Descubra o que fizeram comigo.

Que intensa e exótica ela era, como fora injustiçada, como era frágil. Os brincos de camafeu tremiam dos lados do seu rosto delicado. Eu toquei em sua orelha. Toquei no lugar em que o ouro penetrava na carne. Toquei no belo camafeu preto e branco em seu pescoço.

— Rebeca — eu disse.

Goblin estava atrás dela, balançando a cabeça, dizendo que não. Goblin estava tão vivido, Goblin usava todo o seu poder.

— Faça isso por mim — ela disse. — Faça isso e eu voltarei para você, Quinn. E será doce, sempre tão doce... Fui uma criatura que nasceu para dar felicidade aos outros. É nisso que eu acredito, Quinn. Eu lhe dei sua primeira vez, Quinn. Nunca me esqueça. Dar prazer. Foi isso que eu sempre tentei fazer.

O camafeu em seu pescoço era tão parecido com os da coleção de tia Queen, mas ao mesmo tempo bem diferente. Mas tudo aquilo fazia sentido. Ela morrera ali mesmo, usando aquele camafeu. *Sim*. Eu estendi a mão para tocar no seu macio cabelo castanho.

— Tawquin, Tawquin, Tawquin — gritou Jasmine.

Ela subia correndo a escada. Eu podia sentir a vibração nas tábuas do assoalho.

Eu estava sozinho.

Sentei na cama. Minha calça estava aberta. Havia sêmen por toda a calça e na colcha. Tratei de me recompor imediatamente, peguei um lenço de papel na mesa-de-cabeceira, limpei a prova e fiquei olhando para Jasmine quando ela entrou no quarto.

— Seu menino maluco — gritou Jasmine. — Por que inventou de

pôr aqueles lampiões no parapeito das janelas? Você é burro? Você pôs fogo nas cortinas! Que idéia maluca foi essa?

Eu pulei da cama. Um incêndio! A mansão Blackwood! Nunca. Mas Jasmine segurou meu braço quando tentei passar por ela.

— Nós já apagamos! — ela disse. — Por que fez isso?

Podia ter sido um desastre completo. Mas Lolly e Grande Ramona, com a ajuda dos homens do barracão, tinham trocado os painéis de renda queimados aquela tarde. As pesadas cortinas estavam inteiras. Não tinham pegado fogo.

Eu estava apavorado. Fiquei sentado no meu quarto, atordoado. Não respondi a uma única pergunta. Goblin apareceu. Goblin sentou na outra poltrona, do outro lado da lareira, e estava com um ar muito preocupado. O computador ligou sozinho. Mas eu não me aproximei dele. Não queria que Goblin segurasse a minha mão. Não tinha respostas para ele.

Finalmente, de puro cansaço porque Goblin continuava lá olhando para mim, eu disse:

— Por que ela veio? De onde ela veio? Ele não sabia responder. Estava confuso.

Fui até o computador e deixei Goblin segurar minha mão esquerda. Ele digitou: ‘Rebeca foi muito má. Queimou a casa. Rebeca má.’

Eu escrevi: ‘Diga alguma coisa que eu não sei, como de onde ela veio.’

Um longo silêncio. Nada. Voltei para a minha poltrona e para a minha ansiedade.

No jantar com Pops, Jasmine, Lolly e Grande Ramona, eu contei para eles o que tinha acontecido. Contei a parte erótica, que o fantasma e eu

tínhamos feito sexo. Procurei descrever que tudo tinha parecido muito real, que acender aqueles lampiões como Rebeca queria parecera muito lógico, e contei as coisas que Rebeca disse.

Mostrei a eles um camafeu que eu tinha encontrado no baú no sótão, o que eu tinha posto na vitrine da sala de estar, aquele que pertencia a Rebeca Stanford, sem dúvida nenhuma.

— Rebeca à beira do poço. Vocês não entendem? O nome dela era Rebeca. Quem era ela? Por que veio?

Senti uma tontura repentina. Olhei para o camafeu na mesa da cozinha. Parecia que eu podia ouvi-la dizendo alguma coisa para mim, ou então eu estava lembrando de alguma coisa. Procurei esvaziar minha mente. Tentei lembrar. Fiz força para lembrar. *Morreu lá com o camafeu, morreu lá.* Estremeci. *Tantas blusas bonitas de renda. Era disso que ela gostava, renda branca.*

Procurei explicar com clareza. Contei para eles o que ela disse, para eu encontrar a ilha, e a promessa que extraiu de mim, de encontrar ‘o que sobrou para mim por aí’.

Pops estava mais sério do que nunca quando falou. A voz dele soava apática.

— Não vá procurar aquela ilha. Pode muito bem avaliar que a essa altura aquela ilha deve ter desaparecido. O pântano a engoliu, e se vir esse maldito fantasma de novo, faça o sinal-da-cruz.

— Era isso mesmo que você devia ter feito — disse Grande Ramona. — E ela não devia ter nenhum poder porque veio do inferno.

— Mas como é que ela poderia sair do inferno e aparecer para mim? — eu perguntei.

— Aqueles camafeus dela — disse Jasmine. — Vá pô-los de volta no

sótão. Ponha tudo de volta naquele baú como estava.

— É tarde demais para isso — Pops disse baixinho. — Só não deixe que ela pegue você de novo.

Ficamos lá sentados em silêncio. Depois Grande Ramona foi ferver leite para o nosso café com leite e o cheiro era bom. Lembro disso, do cheiro do leite quente.

Eu percebi que Lolly estava toda arrumada porque ia sair com o namorado que estava sempre tentando casar com ela e levá-la embora, mas nunca conseguia. Ela parecia uma deusa indiana de tão linda, a Lolly. E Jasmine, Jasmine com seu vestido simples de seda vermelha fumava na cozinha, o que era raro.

O leite quente foi servido nas xícaras. Eu olhei para o vapor.

— Todos acreditam em mim — eu disse. — Vocês todos acreditam em mim.

— Conte para ele — Pops disse para Jasmine.

— Contar o quê? — eu perguntei.

Jasmine deu uma tragada no cigarro e apagou no prato. Então acendeu outro, sem mais nem menos.

— Foi o Goblin — ela disse — que veio aqui e apontou, e contou que as cortinas estavam pegando fogo. Foi Goblin numa súbita aparição. — Ela estalou os dedos. — Em tamanho natural.

— O prato saiu voando da mão dela — disse Lolly. Jasmine fez que sim com a cabeça.

— E também derrubou um prato do corredor.

Fiquei mudo. Estava aturdido. Toda a minha vida aquelas mesmas pessoas insistiram que Goblin não existia, ou que eu não devia conversar

com ele, ou que Goblin era o meu subconsciente, ou que Goblin era apenas meu amiguinho imaginário, e agora diziam aquelas coisas. Eu não tinha resposta. Estava mais espantado que qualquer outra coisa.

— Como é que aquela criatura podia derrubar o prato do corredor? — perguntou Pops.

— Estou dizendo, foi o que aconteceu — disse Jasmine. — Eu estava secando os pratos na pia e aquele prato se espatifou, e então, quando me virei, lá estava ele, e ele apontava para a porta, e arrancou o prato da minha mão.

Todos ficaram calados.

— E é por isso que acreditam em mim? — eu perguntei. — Porque viram Goblin com seus próprios olhos?

— Não estou dizendo que acredito em uma palavra de que você disse — Jasmine retrucou. — Só estou dizendo que vi Goblin. É tudo que eu tenho para dizer.

— Vocês sabem quem era essa Rebeca, não sabem? — eu perguntei, olhando para todos. Ninguém disse nada.

— Vou chamar o padre — disse Pops da mesma forma inexpressiva que dizia tudo. — Vou chamar o padre Mayfair para vir aqui. São fantasmas demais, e não me importo se um deles é Virginia Lee.

— E você, seu menino idiota — disse Grande Ramona. — Pare de se vangloriar do fato de todos acreditarem em você e compreenda de uma vez por todas que você quase incendiou a casa.

— Essa é a verdade — disse Jasmine. — Não estou dizendo que não acredito que você viu essa criatura, essa coisa, essa mulher, mas mamãe está certa, você quase queimou a Mansão Blackwood. Você pôs fogo na droga

da casa.

— Olha, eu sei disso. — Eu procurei me defender. — Mas quem era ela? Por que ela ia querer incendiar esta casa? Ela morreu lá na ilha? Tem de ser isso.

Pops levantou a mão pedindo silêncio.

— Não importa quem ela era — ele disse. — Se ela morreu lá fora, não sobrou nada dela. E você faça o que eu digo. O sinal-da-cruz.

— E nunca mais se deixe levar por ela — disse Lolly.

E aquilo continuou por meia hora, todos me repreendendo e me acusando e tudo o mais.

Quando saí da cozinha, estava meio aturdido. As lembranças de quando estive com ela voltaram e eu não ousava contar para o comitê da cozinha. Só queria sair dali.

Fui até a sala de estar, talvez para me convencer de que era a sala de estar que eu conhecia, e não uma estranha aparição, e me surpreendi olhando para o retrato de Manfred Blackwood. Tão distinto. Tanta autoridade naquela cara de buldogue. É incrível, a diversidade da beleza. Os olhos imensos e tristes, o nariz achatado, o queixo proeminente e a boca com os cantos para baixo, tudo parecia harmonioso e silenciosamente grandioso. Eu comecei a conversar com ele, murmurei que ele sabia quem era Rebeca Stanford, e que eu ia descobrir.

— Por que você não veio tentar impedi-la? — perguntei para ele, observando a luz brincando no quadro. — Por que tinha de ser Virginia Lee?

Fui para a sala de jantar e olhei para o retrato de Virginia Lee. Eu a tinha visto animada, em movimento, tinha ouvido sua voz, visto seus pequenos olhos azuis ardendo com fúria. A tontura veio de novo. Eu a recebi

com prazer, tentando captar as vozes murmurantes que estavam aflitivamente fora do alcance da minha audição: *Maldade com meus filhos*. Um choro desesperado. *Tenho medo de morrer e alguém fazer maldades com meus filhos*. O coro do rosário vinha da sala de estar. Ela estava chorando. *Tão malvados com meus pobres filhos*.

— Virginia Lee — eu disse. — Eu não tive intenção de fazer aquilo. Mas só recebi silêncio de volta, e o retrato dela era apenas um quadro pintado, e não havia mais reza. Eu me esforçava para lembrar de coisas que não tinham acontecido. Eu estava muito sonolento. Tinha de me deitar.

Quando cheguei ao meu quarto estava completamente exausto. Limpei a colcha da cama da melhor forma que pude com um pano molhado, depois deitei e tive um estranho sono pela metade. Senti que estava perdendo a consciência.

Rebeca conversava comigo. O quarto era novamente o quarto dela, e ela explicou outra vez que as coisas não aconteciam em linha reta. Que tudo estava acontecendo ao mesmo tempo. Ela estava sempre ali. *Eu não envelheço. Nunca escapo*. Eu quis perguntar o que ela queria dizer, mas alguma escuridão arbitrária se insinuou, eu me virei e caí num estado profundo e doce em algum lugar entre o sono e a vigília, no qual meu corpo curti sua exaustão e sabia que estava exausto por ter gasto toda sua energia sexual, e ela e sua conversa estranha desapareceram.

Eu estava deliciosamente entorpecido quando de súbito percebi que Pops estava naquele quarto. Pops estava lá parado ao pé da cama. Pops começou a falar comigo com sua voz monótona e sem vida.

— Toda a sua vida você sempre falou de fantasmas e espíritos, de

Goblin e de ver sombras lá no cemitério, e agora essa coisa entrou na nossa casa ou na sua imaginação, sinceramente não sei onde. Mas você tem de lutar pela sua mente. Precisa lutar para dar alguma direção ao seu brilho, você, aos dezoito anos, precisa determinar alguma ambição, e essa ambição não pode jamais ser ofuscada por esses fantasmas.

Eu sentei na cama por respeito a ele, e ele continuou.

— Estou zangado. Estou realmente zangado porque você quase incendiou esta casa. Mas não entendo o que aconteceu com você, e por mais furioso que eu esteja, estou convencido de que alguma coisa prejudicou seu raciocínio porque você amava a Fazenda Blackwood tanto quanto eu.

Eu disse logo que isso era verdade.

— Bem, você trate de pôr sua cabeça em ordem, está ouvindo? — ele continuou. — E nesse meio-tempo, ponha os camafeus desta mulher de volta no baú. Feche aquele baú. E tranque bem. Aquele baú é a caixa de Pandora. Você deixou o espírito dela sair quando abriu o baú, por isso ponha de volta tudo que tirou de lá.

Ele parou de falar algum tempo, depois ficou olhando fixamente para mim com aquela expressão abatida no rosto pálido.

— Eu lhe dei tudo que tinha para dar — ele disse. — Não tenho mais nada para ensinar. Lynelle ensinou coisas que eu nunca poderia ensinar a você. Ela foi melhor do que uma escola, não discuto isso. Mas agora você está desperdiçando seu tempo. Está desperdiçando tudo. E eu sei perfeitamente bem que não irá para nenhuma universidade agora, e talvez aos dezoito anos isso não seja mesmo a coisa certa a fazer. Mas a tia Queen precisa voltar para casa e tem de encontrar um novo professor para você.

Concordei com isso. Tia Queen não estava muito longe dessa vez.

Assistia a um seminário em Barbados, e eu sabia que Pops ia chamá-la e que ela voltaria logo para casa. Detestei a idéia de Pops interromper a viagem dela, mas depois do que havia acontecido, ela definitivamente seria chamada de volta para casa.

Pops ficou me observando um longo tempo e depois saiu do quarto.

Eu tive um choque surdo porque em todos aqueles anos que vivi com Pops ele nunca dissera tanta coisa para mim de uma vez só. E eu também tinha compreendido que ele estava fraco e desgastado, e que não era mais o homem vigoroso e passional que sempre fora.

Fiquei aborrecido demais por tê-lo preocupado tanto.

Desci para a sala de estar e tirei da vitrine os camafeus que tinha encontrado no baú. Levei-os para o meu quarto e resolvi: na manhã seguinte, à luz do dia, subiria ao sótão e os poria de volta. Talvez. Talvez não. Afinal de contas, o fantasma não tinha dito nada sobre eu ter aberto o baú.

Mais uma vez adormeci e tive a deliciosa sensação de que Rebeca estava lá. *Apenas um objeto de prazer, foi isso que eu sempre fui, Quinn. E é isso que serei para você, Quinn. Agora é a hora, Quinn, apenas um objeto de prazer, foi isso que eu sempre quis ser. A jóia de alguém, o enfeite de alguém, o animalzinho de estimação de alguém, quem sabe?*

Já era bem tarde quando Grande Ramona apareceu e me acordou, dizendo para eu trocar de roupa para dormir. Fiz o que ela pediu e quando saí do banheiro já de camisolão de flanela, ela olhou para mim e disse:

— Você já passou da idade de dormir comigo.

— Isso não é verdade — protestei na mesma hora. — Não quero que aquele fantasma volte. Não quero que... que aquilo aconteça. Se eu precisar daquilo, arranjo em outro lugar. Preciso que você durma comigo. Ve-

nha, vamos fazer as nossas orações.

Nós rezamos e dormimos bem abraçados, e eu tive um sono tão profundo que pareceu não ter sonhos, apenas muito descanso até a luz da manhã me acordar entrando pelas janelas e se espalhando pelo quarto.

Era cedo, horas antes do meu usual despertar preguiçoso de adolescente, mas levantei sem fazer barulho, tomando cuidado para não acordar Grande Ramona, vesti minha calça jeans e calcei as botas, peguei minhas grossas luvas de jardinagem, meu rifle e minha faca de caça, parei sem fazer barulho na cozinha para pegar mais uma faca grande, aquela que Patsy tinha apontado para Pops, e saí sorrateiramente da casa, desci até a margem do pântano e a barça estava amarrada lá.

O pequeno cemitério estava desolado à luz do sol e coberto de mato. Em algum lugar no fundo da minha mente distraída eu sabia que Pops, no curso natural das coisas, jamais teria deixado que ficasse assim, e que ele não era mais o mesmo, que o sofrimento lhe fazia muito mal, que eu tinha de fazer alguma coisa com aquelas ervas daninhas. Tinha de limpar os túmulos. Precisava cuidar mais das coisas. E tinha de cuidar de Pops também.

Eu também sabia que Goblin estava perto de mim mas não se manifestava, e eu sabia que Goblin estava com medo.

Não me importei com Goblin e achei que talvez ele soubesse disso também.

Quando lembro disso agora, eu sei que ele sabia. Ele sabia que um dia tinha sido o mistério central da minha vida e que não era mais — Rebecca ocupara seu lugar — e ele estava recuando um pouco, enfraquecido com a minha indiferença e tomado pelo pânico que talvez tivesse aprendido a sentir comigo.

Meu coração estava determinado a encontrar a ilha de Sugar Devil e por isso, com a vara na mão, eu me afastei da margem e me embrenhei no pântano.”

“ – O RA, EU TINHA ESTADO muitas vezes no pântano quando era pequeno. Sabia atirar com o rifle. Sabia pescar. E Pops e eu tínhamos ido para bem longe dos limites da fazenda. Mas havia um território ao qual costumávamos nos limitar, e sempre parecera suficientemente espaçoso para nós, porque pegávamos muitos peixes nele, e o próprio pântano parecia não se modificar ali, naquele brejo de ciprestes, carvalhos silvestres, palmeiras gigantes e infindáveis emaranhados de vinhas.

Mas naquele momento meu único objetivo era ir além daquele território e, ao escolher uma direção, fui guiado apenas pela minha lembrança da árvore com a seta profundamente escavada no tronco, acima do seu colar de corrente enferrujada.

Levei mais tempo do que pretendia para encontrá-la, o ar estava úmido e pesado, mas a água num bom nível para a barcaça e assim peguei a minha bússola e fiz o melhor que pude para fitar uma rota na direção para a qual a seta apontava.

Se Pops e eu já tínhamos chegado tão longe, eu não me lembrava. Embora sabendo que podia me perder e que seria muito perigoso, eu não me importava. Estava seguro da minha missão e quando comecei a ter aquela sensação de tontura, simplesmente continuei em frente.

Mais uma vez ouvi vozes, como se seus sussurros me empurrassem e impelisses, desfazendo meu sentido de equilíbrio, e outra vez havia uma mulher chorando, só que não era Virginia Lee.

Vocês não podem fazer isso comigo, soluçava a mulher. *Não podem!* E veio um troar crescente de vozes mais graves... *Enterrada para sempre!*, disse a mu-

lher, e depois eu perdi o fio da meada.

Eu continuava ouvindo, mas não entendia. Os sons estavam submersos num emaranhado de sonhos e impressões incompletas. Eu estava desesperado para acompanhar, para lembrar, mas tinha de manter o equilíbrio na barça, tinha de tomar cuidado para não deixar cair a vara que usava para remar.

A vara cairia na água lamacenta e eu teria de ir buscá-la. Ora, eu já tinha ficado dentro do pântano até a cintura antes e não tinha gostado nada. A luz verde do sol explodia nos meus olhos.

Achei que tinha ouvido mais palavras, mas então a lembrança se foi e nada mais parecia claro. Ouvi os chamados dos pássaros, aqueles gritos melancólicos e estranhos, aparentemente isolados.

E a barça deslizava em meio às lentilhas-d'água, e eu a conduzia com firmeza pela floresta de galhos de ciprestes, e vi uma moita enorme de glicínias à minha direita. As flores eram de um roxo tão vivo que cheguei a rir alto ao vê-las.

A tontura voltou e senti um prazer nela, uma doçura, como estar levemente embriagado de champanhe. A luz do sol salpicava tudo e as glicínias eram tão puras... Eu podia ouvir as vozes. Sabia que uma delas pertencia a Rebeca, e que Rebeca estava sofrendo.

...eles vão pegá-lo, vão encontrá-lo... Aquele fragmento eu captei como quem tenta pegar uma folha que cai. E então o riso abafou a voz, afogou-a e não ouvi mais nenhuma palavra com clareza.

De repente surgiu à minha direita um cipreste gigantesco, certamente um dos mais velhos que eu já vira, envolto com a corrente de ferro, enferrujada e, no tronco, a seta indicando que eu devia seguir para a esquerda. Ago-

ra eu estava mesmo em território inexplorado, na direção oposta da Fazenda Blackwood. E quando verifiquei a minha bússola, vi que estava correto.

A barcaça corria com muita facilidade e a vara afundava bastante. Tive mais medo ainda de cair na água, e segui bem rápido, quando surgiu outra massa de glicínias florescendo gloriosas.

Você sabe que essa planta é muito espessa, e muito linda. Os raios de sol brilhavam sobre ela, como faziam através da janela de uma catedral, e a folhagem se espalhava em todas as direções, mas havia um canal pelo qual eu encontrei a passagem.

E fui seguindo por ali até aparecer novamente outra corrente e a marca da seta. Desta vez apenas para me dizer que eu tinha de seguir na mesma direção, e eu obedeci, sabendo que já estava muito longe da Fazenda Blackwood, talvez a uma hora de qualquer tipo de socorro, e isso é muita coisa no pântano.

Consultei o relógio e descobri que tinha errado por trinta minutos. Já estava navegando há uma hora e meia. A excitação que sentira ao despertar crescia dentro de mim. E quando surgiu mais um cipreste com a corrente antiga e a seta, eu virei um pouco para a esquerda de novo e encontrei outra árvore acorrentada, cuja seta indicava o caminho da direita.

Eu continuava deslizando por águas ainda mais profundas quando, olhando para cima, avistei uma casa.

Naquele momento a barcaça bateu num banco de areia e quase fui lançado no pântano. Tive de me localizar. Um arbusto de amoras-pretas cobriu a frente da barcaça e quase me arranhou todo, mas com a faca de cozinha eu o pudei e empurrei para trás com as luvas de jardinagem.

Uma casa grande se erguia à minha frente, uma casa de cipreste natu-

ral construída sobre estacas, e me ocorreu que eu já havia saído da nossa propriedade e que podia estar diante do lar de alguém.

Bem, eu resolvi que ia me aproximar com respeito, cortei mais o arbusto de amoras-pretas, puxei a barcaça para a margem e me vi numa floresta de jovens palmeiras e eucaliptos que cresciam como fantasmas de árvores sob os braços desesperados e malignos de ciprestes gigantes do lado direito e do lado esquerdo e mais para a frente.

Parei, senti a tontura de novo e então ouvi o zumbido de abelhas. Sequei meu rosto, mas as luvas estavam sujas e provavelmente me sujei todo, e apesar de ter um lenço de linho no bolso, junto com um monte de lenços de papel, achei que não era hora para isso.

Fui andando, verificando se a terra era firme, e percebi que estava subindo um morro. Finalmente abriu-se uma enorme clareira na minha frente, cercada de ciprestes imensos. Na verdade me parecia que os ciprestes é que formavam a clareira e uma ilha com suas odiosas raízes espalhadas.

E a casa ficava no meio dessa clareira, dois a três metros acima do solo sobre seus alicerces de toras, uma estrutura aparentemente circular de dois andares, ambos com arcos interligados formando uma sucessão de arcos cada vez menores, como duas camadas de um bolo de noiva. Essa impressão era reforçada pela visão de uma cúpula no alto.

Uma escada sólida de madeira ia da terra até a porta da frente, e presa à porta havia uma placa retangular com palavras em baixo-relevo perfeitamente legíveis:

PROPRIEDADE DE

MANFRED BLACKWOOD ENTRADA PROIBIDA

Se eu já havia me sentido tão triunfante antes não me lembrava. A-

queela era a minha casa, aquela era a minha ilha. Tinha descoberto o que era apenas lenda para as outras pessoas, e era tudo meu. Eu havia recuperado a história de Manfred. Tinha visto o que William nunca viu, o que Gravier nunca viu, o que Pops nunca viu. Eu tinha chegado lá.

Num delírio febril eu inspecionei o local, quase incapaz de qualquer raciocínio e nem lembrando do pedido que Rebeca tinha feito, ou do sofrimento profundo e fervoroso que acabara de ouvir na minha cabeça.

O zumbido das abelhas, o bater e adejar das folhas gigantescas das palmeiras, o suave estalido do cascalho aos meus pés... tudo isso me envolveu, me capturou e pareceu me inundar com um fascínio incalculável, como se eu tivesse chegado ao paraíso de outra fé humana.

Eu também tinha uma vaga consciência, uma consciência involuntária, de que apesar de as árvores antigas terem criado aquela clareira, a própria clareira não teria se conservado limpa de modo natural. O pântano a teria engolido há muito tempo. As amoreiras avançavam por ela e as glicínias de cor forte dominavam quase tudo, se espalhando e cobrindo o mato rasteiro à direita da casa e nos fundos, subindo pelo alto telhado sobre o segundo andar.

Mas tinha alguém morando lá. Devia ter. Ou talvez não. Fiquei furioso só de pensar em invasores. Eu me arrependi de não ter levado uma arma. Devia ter levado. E talvez levasse se voltasse lá um dia. Tudo ia depender do que eu descobrisse na casa.

No entanto, eu tinha avistado outra estrutura, algo aparentemente sólido e grande, bem atrás da casa. As glicínias cobriam a metade. O sol iluminava o resto da superfície, cintilando através dos troncos retorcidos das árvores novas.

Foi para essa estrutura que eu me dirigi primeiro, passando pelos degraus da frente da casa com muita relutância, mas determinado a descobrir o que era aquela forma compacta.

Só pude explicar para mim mesmo que se tratava de algum tipo de túmulo. Era da minha altura, retangular e parecia feito de granito, com painéis incrustados na frente, atrás e nas laterais, feitos de um metal que parecia ouro.

Eu arranquei o que pude das trepadeiras.

Havia figuras gravadas no metal, figuras gregas que pareciam participar de uma procissão num funeral, e a procissão continuava de um painel a outro rodeando a estrutura na qual não havia frente, nem fundos, nem porta.

Eu devo ter dado umas dez voltas em torno daquilo, passando a minha mão nas figuras, tocando os perfis bem gravados e as dobras das vestes, compreendendo aos poucos que as figuras eram mais romanas do que gregas. Cheguei a essa conclusão porque os seres humanos ali não eram idealizados como os gregos faziam, eram, na verdade, esguios e com características de vários povos. Num certo ponto me ocorreu que era um desenho pré-rafaelita, mas não tive certeza.

Simplificando, as figuras eram clássicas e a procissão era interminável, e embora algumas estivessem aparentemente chorando, e outras arrancando os cabelos, não havia corpo ou ataúde.

Depois de examinar com todo o cuidado comecei a tentar abrir aquela coisa. Mas não tive sorte. Os painéis de ouro — e àquela altura eu tinha me convencido de que eram de ouro mesmo — pareciam muito bem presos aos pilares de granito que marcavam os quatro cantos da estrutura, e o teto

de granito, semelhante a outros tantos túmulos de Nova Orleans, estava muito firme no lugar.

Para certificar-me de que os painéis eram de ouro, escolhi um ponto em um dos painéis bem perto do granito, arranhei-o com a lâmina de minha faca de caça e descobri que não havia nenhum metal de base à mostra, além de comprovar que o próprio ouro era mole. Sim, era ouro. Montes e montes de ouro.

Fiquei completamente fascinado com aquilo. Era imponente, belíssimo e literalmente monumental. Mas para quem aquele monumento tinha sido feito? Não podia ser o túmulo de Rebeca!

Claro que Manfred Maluco devia ser responsável por aquilo. Combinava com a imagem byroniana do construtor da Mansão Blackwood, seus sonhos extravagantes e liberais. Ninguém mais iria para lá construir um túmulo de ouro. Mas ainda assim, como podia ser o mausoléu de Manfred? Como é que ele podia ter sido enterrado ali?

Meu cérebro ficou confuso com essas perguntas.

Manfred Maluco já tinha passado dos oitenta quando fez seu testamento. Eu tinha visto o documento datado. E na época da sua louca fuga do leito de doente para o embarcadouro ele estava com oitenta e quatro anos de idade.

Quem, ou o quê, o esperava naquela ilha? E aquele túmulo, se é que era um túmulo, não tinha nome, ou qualquer coisa nem nada escrito nele. Que coisa mais bizarra alguém construir um mausoléu de ouro maciço e deixá-lo sem qualquer inscrição.

Eu resolvi esperar um pouco antes de ir para a casa. Caminhei pela ilha. Não era muito grande, porém mais da metade das suas praias estavam

completamente bloqueadas pelos maiores ciprestes que eu havia visto. Espremidas entre eles, onde podiam receber a luz do sol, as nissas de látex silvestre e os ficus formavam uma barreira intransponível, e para a direita de onde eu tinha desembarcado uma massa de carvalhos d'água, pau-ferro e glicínias que já descrevi.

Na verdade, era evidente que havia apenas um pequeno ponto para desembarque, e eu tinha acertado por pura sorte. A menos que algum outro agente tivesse interferido nisso.

Estava tudo muito quieto, a não ser pelas abelhas e pelo zumbido pulsante que parecia nascer no próprio pântano.

— Goblin — eu chamei, mas ele não respondeu. Então senti que ele passou por mim, macio como um gato no meu pescoço, e ouvi sua voz na minha cabeça: *Mau, Quinn. Vá para casa. Estão preocupados com você em casa.*

A verdade de sua informação parecia uma certeza, mas eu não tinha intenção de obedecer.

— O que é esse lugar, Goblin? Por que você disse que é mau? — eu perguntei. Mas ele não respondeu e depois de uma pausa disse de novo para eu ir para casa. Ele disse *Tia Queen voltou para casa.*

Fiquei muito intrigado com essa informação. Goblin nunca me revelara antes o paradeiro de outras pessoas. Mas eu não estava preparado para ir embora!

Sentei nos degraus. Eram bem sólidos, o que não foi surpresa para mim, já que eram feitos de ciprestes. A casa inteira era construída com ciprestes, e ciprestes nunca apodrecem.

— Rebeca — eu chamei em voz alta. — Você está aqui?

Fiquei tonto novamente e, embora o medo que senti não fosse novi-

dade, ali na ilha eu mergulhei mais fundo, fechei os olhos, deitei de costas, abri os olhos e fiquei olhando para a luz entrecortada pela folhagem.

Ouvi uma onda de vozes conversando, sussurros, maldições, uma mulher chorando de novo, Rebeca chorando, *Não pode me torturar desse jeito*, e depois um homem resmungando e dizendo *Amaldiçoada*, e alguém rindo. *O que você esperava de mim?*, perguntou uma voz. Mas a conversa repentina e tensa silenciou sem mais nenhum esclarecimento e saiu de mim, deixando-me um pouco nauseado.

Senti ódio pela voz que tinha falado, a voz que tinha perguntado ‘O que você esperava de mim?’, e parecia um ódio justificado.

Fiquei de pé e respirei bem fundo. Estava nauseado. O maldito calor tinha me deixado enjoado. Estava sendo picado pelos mosquitos também, o que fazia piorar a sensação de enjôo.

Eu não tinha defesas contra o calor, pois sempre me mantivera dentro de casa em dias quentes como aquele.

Esperei até a minha cabeça clarear, depois subi a escada e passei pela porta aberta.

Invasores abusados, pensei, quando constatei, furioso, que a porta tinha um grande retângulo de vitral, e que estava limpo. Mas também tive uma forte sensação de que não havia ninguém dentro da casa.

A sala à minha frente era perfeitamente circular e a série ininterrupta de janelas em arco não tinha cortinas. Uma escada à esquerda, no fundo, levava ao andar de cima, e na extremidade direita havia uma grande lareira de ferro enferrujado, de forma retangular, com um cano de chaminé e portas de ferro. Estava entupida de madeira carbonizada e cinza. As cinzas tinham se espalhado pelo chão.

No centro da sala o mais surpreendente: uma enorme mesa com tampo de mármore sobre a base de ferro e uma cadeira no estilo romano de couro e ouro. Seu design é o que as pessoas hoje em dia chamam de “cadeira de diretor”, mas que é um estilo dos tempos do Império Romano.

Claro que fui imediatamente atraído por essa maravilhosa mobília, e descobri ali canetas modernas num pesado cilindro de ouro, um monte de velas grossas e bem compridas, todas derretidas e grudadas umas nas outras sobre uma bandeja de ouro e uma pilha casual de livros.

Remexi nos livros e examinei as capas. Iam desde o que arrogantemente chamamos de ficção popular até livros de antropologia, sociologia e filosofia moderna. Camus, Sartre, Marquês de Sade, Kafka. Havia um atlas mundial e um dicionário, e diversos dicionários com ilustrações para crianças, e também um livro de bolso com a história da antiga Suméria.

Verifiquei as datas de publicação de alguns volumes. E também os preços. Eram todos recentes, apesar de a maioria dos livros estarem inchados e moles por causa da umidade do pântano.

Os pavios das velas estavam pretos e a poça de cera em volta sobre a bandeja de ouro indicava que tinham queimado bastante.

Fiquei chocado e intrigado. O meu invasor ia lá para ler. O meu invasor se aquecia com o fogo da lareira. E aquela cadeira de ouro, que linda, com seu assento e encosto de couro marrom, suas pernas cruzadas, seus braços esculpidos. Um pequeno teste com a faca comprovou que sua estrutura simples era de ouro verdadeiro. O mesmo acontecia com a bandeja e o cilindro onde estavam as canetas.

— Igual ao mausoléu lá fora — eu murmurei. (Sempre falo em voz alta comigo mesmo quando estou confuso.) — Tenho um invasor aqui que

gosta de ouro.

E havia também o mármore escuro multicolorido da mesa, e a base de ferro que sustentava o peso do mármore.

Um invasor de bom gosto, e com interesses literários! Mas como é que ele, ou ela, chegava lá, e o que isso tinha a ver com as crises de tontura que eu sentia o tempo todo? O que tinha a ver com todo o resto?

Olhei em volta, para as janelas abertas. Vi as marcas de chuva no chão. Vi o verde brilhando. Fiquei zozinho de novo e estapeei um mosquito que estava querendo me enlouquecer.

Só porque esse fulano tem bom gosto isso não quer dizer que ele não esteja lá em cima esperando para matá-lo, eu lembrei.

Então fui até a escada no fundo da sala e gritei:

— Ó de casa!

Nenhum som lá em cima. Fiquei convencido de que o lugar estava deserto. Se o leitor misterioso estivesse lá, os livros não estariam tão inchados.

Mesmo assim, gritei de novo, Alô, eu sou Tarquin Blackwood, e fui subindo lentamente, tentando ouvir qualquer barulho lá de cima.

O segundo andar era bem menor do que o primeiro, mas era feito com as mesmas tábuas fortes, e a luz não entrava só pelas janelas em arco sem cortinas, mas pela cúpula no alto também.

Porém pouco notei esses detalhes, pois o que diferia aquele cômodo do de baixo era uma visão tenebrosa.

Havia um conjunto de correntes enferrujadas presas à parede oposta à chaminé, correntes que obviamente não tinham outro propósito senão o de acorrentar um ser humano. Havia algemas e argolas para os tornozelos e,

por baixo dessas testemunhas inertes de alguma abominação, percebi uma substância escura e aparentemente viscosa, e os restos de um crânio humano.

Aquilo me repugnou além da imaginação. Quase vomitei. Tive de me firmar para não cair. Fiquei olhando fixo para o resíduo negro, que parecia um piche, e para o crânio, e então vi o que parecia um pó branco da desintegração de outros ossos. Havia também provas de tecido apodrecido no meio de tudo, e algo cintilando, preso no piche escuro e grudento.

Senti uma raiva fria e obstinada. Algo indizível acontecera ali. E o perpetrador não estava presente, e não ia lá há meses, mas podia voltar a qualquer momento.

Aproximei-me da substância que parecia piche. Ajoelhei-me e peguei o fragmento que cintilava, descobrindo sem surpresa nenhuma que era um dos brincos que Rebeca usava quando apareceu para mim. Em segundos meus dedos trêmulos acharam o par. E lá, naquela substância nojenta, estava o camafeu que Rebeca usava no pescoço. Peguei o camafeu também.

Fiquei paralisado de emoção, mas isso não me impediu de ver uma quinta corrente, uma corrente bem separada daquelas que deviam ter aprisionado pulsos e tornozelos e que também pendia da parede, e no final dela havia um gancho. O gancho estava cercado por uma sujeira preta que continha fragmentos de tecido e fios de cabelo.

Foi essa quinta corrente que me horrorizou mais que tudo.

Tive arrepios. Minha cabeça parecia flutuar e eu perdi o equilíbrio, e tive a sensação de novo de que Rebeca falava comigo, Rebeca sussurrava para mim, Rebeca chorava, e então a voz dela ficou mais alta, distinta no silêncio que zumbia pela casa: *Não pode fazer isso, não pode!*

— Rebeca, não — eu sussurrei. Mas sabia que era ela que tinha morrido ali, sabia que por um século seus ossos tinham virado pó ali, sabia que mesmo naquele momento, diante dos meus olhos, as minúsculas criaturas do pântano estavam devorando o que restava dela — podia vê-las ativas naquele resíduo horrível — e logo não restaria mais nada.

Ela me levou até lá. Eu tinha o direito de tocar no crânio, e quando fiz isso ele se desintegrou diante dos meus olhos. E virou apenas um monte de pó branco junto com todos os outros ossos. Eu jamais devia ter tocado nele! Mas era tarde demais.

Subitamente passei à ação. Levantei-me. Guardei os brincos e o canteiro no bolso. Tirei minha faca de caça — a faca de cozinha ficara na barcaça — e dei meia-volta para ficar de frente para a escada. Ninguém tinha aparecido, isso era óbvio, mas podia aparecer a qualquer momento.

E quem eram eles, ou quem era ele, melhor dizendo, que podia sentar diante da mesa e ler à luz de velas, com aquele horror no andar de cima?

Aquela tinha sido uma casa de tortura, aquele lugar, e certamente foi o meu tataravô Manfred que levou sua vítima para lá, eu concluí, e Rebeca encontrou seu fim ali.

Quem sabia disso tudo e não fez nada a respeito? Quem havia levado aquela bela mesa de mármore para lá, e uma cadeira de ouro? Quem estava enterrado naquele mausoléu sem porta? A história toda era demais para mim. Eu tremia de pura satisfação. Mas tinha de determinar certas coisas.

Fui até as janelas e me surpreendi com a ótima vista do pântano que se tinha de lá. E lá longe vi claramente a Mansão Blackwood sobre a colina gramada.

Quem quer que morasse naquele lugar, quem costumasse visitá-lo,

podia espionar a casa se quisesse. Ele poderia ver, entre outras coisas, as minhas janelas e as janelas da cozinha também. Se tivesse um telescópio ou binóculos, o que eu não achei por ali, poderia nos observar muito bem.

Dava calafrios aquela visão da casa, mas aproveitei para verificar a minha bússola. Tinha de voltar para casa e rápido.

As vozes me ameaçaram mais uma vez. A tontura me dominou. Eu cambaleei. Os gritos agudos dos pássaros pareciam se misturar com a voz de Rebeca. Eu estava quase desmaiando. Mas precisava resistir.

Desci a escada, atravessei o salão e descí para explorar a ilha, cada centímetro ao meu alcance. Sim, os ciprestes a tinham criado e eram sua âncora, e no oeste e no norte eram tantos que a própria ilha devia ficar invisível. Só a praia a leste, onde eu tinha desembarcado, dava acesso a ela.

Examinei a estranha estrutura de granito e ouro, mas não descobri mais nada, exceto que quando cortei o arbusto de glicínias as figuras gravadas nela eram tão lindas quanto todas as outras. O valor daquele ouro todo devia ser astronômico, eu concluí, mas ninguém tinha roubado nada, e parecia que ninguém tinha tentado.

Mas estava com tanto calor naquela hora, coberto de suor, todo picado pelos mosquitos e irritado com os gritos solitários dos pássaros que se misturavam com as vozes parcialmente ouvidas que tinha de sair dali. Tinha de ir para um lugar seguro.

Pulei na barça, peguei a vara, enfiei na margem para afastar a embarcação e parti para casa.”

“ — JASMINE ESPERAVA por mim no embarcadouro e teve um chilique porque eu não avisara a ninguém para onde ia, e ela já estava ficando louca de preocupação. Até Patsy estava lá, e Patsy estava preocupada porque tinha sonhado que eu corria perigo e viera dirigindo de Nova Orleans só para ver se eu estava bem.

— Tia Queen está em casa, não está? — eu perguntei com impaciência quando passei por ela na cozinha. — E se Patsy veio de Nova Orleans, deve ser porque está precisando de dinheiro e teremos uma enorme discussão esta noite. Mas não tenho tempo para isso. Preciso contar o que descobri lá no pântano. Temos de chamar o xerife agora mesmo.

— O xerife? Para quê? — Jasmine quis saber. — E é verdade, sua tia Queen está aqui. Ela chegou há mais ou menos uma hora e ninguém encontrava você, e a barcaça não estava mais lá... — E ela continuou falando por três minutos completos, sem parar.

Assim que ela parou de arengar, tia Queen apareceu e me deu um abraço, mesmo eu estando todo sujo do pântano. Estava elegante como sempre, até as ondas perfeitas do cabelo branco e o vestido macio de seda verde. Com a tia Queen era seda ou seda, nunca menos do que isso, e não consigo lembrar de tê-la abraçado alguma vez sem pensar em seda.

Patsy também foi para a cozinha e sentou à minha frente quando me instalei à mesa, e tia Queen sentou à minha direita. Jasmine pôs uma cerveja diante de mim, sentando à minha esquerda.

Tirei minhas luvas de jardinagem que estavam sujas e bebi metade da

cerveja de um gole só, Jasmine balançou a cabeça de um lado para outro e levantou para pegar outra.

— Que história é essa de chamar o xerife? — perguntou tia Queen.
— Para que você precisa do xerife?

Eu mostrei os brincos e o broche e contei a elas tudo que tinha visto. Contei sobre o crânio que tinha se desintegrado, mas que eu sabia que o xerife podia conseguir o DNA do pó branco que sobrou para provar que era de Rebeca, e que para uma comparação de DNA havia um fio de cabelo na escova que Rebeca tinha usado, lá em cima no baú com o nome dela. E havia fios de cabelo no pente também.

Tia Queen olhou para Jasmine e Jasmine balançou a cabeça.

— Você pensa que o xerife de Ruby River vai fazer um exame de DNA num monte de pó branco? — disse Jasmine. — Você vai contar essa história sem pé nem cabeça para o xerife de Ruby River? Você, Tarquin Blackwood, amigo do peito de Goblin, seu espírito que é sua duplicata? Você vai chamar o xerife? Eu não quero estar nesta cozinha quando essa conversa acontecer.

— Mas escutem... — eu insisti. — Essa mulher foi assassinada. Não há tempo de prescrição para assassinato, e...

Quando tia Queen resolveu falar foi com a voz bem suave e de forma muito racional.

— Quinn, meu querido, acho que o xerife não vai acreditar nessa história. E acho que ele não vai querer mandar ninguém lá para o meio do pântano.

— Está bem, eu entendo. Ninguém se importa com isso. Ninguém acredita.

— Não é que eu não acredite — disse tia Queen — , é que acho que o mundo lá fora não vai acreditar.

— É isso mesmo — ecoou Patsy. — O mundo lá fora vai achar que você é maluco, Tarquin, se é que já não acham, depois de todos esses anos que você passou conversando com aquele maldito fantasma. Tarquin, quanto mais você insistir nisso, mais louco todo mundo vai pensar que você é.

Em algum ponto, enquanto essa conversa toda se desenrolava, a minha corajosa luta para fazer com que elas acreditassem e investigassem, e seus pedidos para eu não fazer papel de bobo, Pops entrou na cozinha e eu reiterei toda a história para ele.

Ele sentou num canto da mesa e ficou escutando com seu olhar vazio, então disse muito baixinho que iria para aquela ilha comigo se eu quisesse, e quando eu disse que queria, que era exatamente isso que eu queria, ele pareceu surpreso.

Nesse tempo todo Goblin ficou parado perto da pia escutando a conversa e olhando para todos à mesa, cada vez que alguém dizia alguma coisa. Então ele se aproximou e começou a puxar meu ombro direito.

— Goblin, vá embora — eu disse. — Não tenho tempo para você agora. E com muita vontade eu o empurrei com a força da mente, e para meu espanto ele se foi.

Então Patsy imitou a minha voz e o que eu tinha acabado de dizer, debochando de mim, e deu uma risada grave e zombeteira.

— Goblin, vá embora — ela repetiu. — E agora você está nos dizendo que lá tem uma mesa de mármore e uma cadeira de ouro.

Eu contra-ataquei dizendo que esses detalhes não tinham importância nenhuma, e depois afirmei que ia chamar o xerife e contar a ele o que eu

tinha visto.

Pops disse que eu não ia fazer isso até ele voltar lá comigo, e que se aquela mulher estava apodrecendo lá há mais de cem anos, um dia ou dois não fariam diferença agora.

— Mas tem alguém morando lá, Pops — eu disse. — Alguém que deve saber que as correntes estão lá em cima e que deve ter visto o crânio! Essa situação é perigosa.

Patsy deu uma risadinha zombeteira.

— É bom mesmo que você acredite nisso, Quinn, porque ninguém mais acredita. Você é louco desde que nasceu — ela disse.

Tia Queen não olhou para ela. Pela primeira vez na vida percebi que tia Queen não gostava de Patsy, como Pops também não.

— E como foi o sonho que você teve, Patsy? — eu perguntei, procurando não me irritar com os insultos dela. — Jasmine me disse que você veio para cá hoje porque teve um sonho.

— Ah, nem se compara com a sua história — ela disse com frieza e ironia, os olhos azuis duros como vidro. — Eu apenas acordei temendo por você. Alguém ia machucá-lo, e a Mansão Blackwood estava pegando fogo e um grupo de pessoas... elas pegaram você e iam machucá-lo, e Virginia Lee estava no sonho e ela me disse, Patsy, leve-o embora. A figura dela era muito clara, ela estava sentada, bordando, e vocês sabem que ainda temos muitos bordados feitos por ela aqui, e ela estava lá no sonho, bordando, ela deixou o bordado de lado e me disse isso que acabei de contar. Está tudo impreciso agora. Mas a Mansão Blackwood estava pegando fogo. Eu acordei assustada.

Eu olhei para Pops e Jasmine. Eles não haviam contado nada sobre

Rebeca e o lampião a óleo para ela, eu soube disso ao ver a expressão dos dois. Olhei para Goblin, que estava num canto à minha esquerda, e Goblin olhava para Patsy, e ele parecia pensativo, se não até um pouco assustado também.

Nesse momento tia Queen resolveu acabar com aquela reunião do Comitê da Cozinha. Íamos receber visitas, tínhamos de preparar o jantar, Lolly e Grande Ramona estavam esperando que saíssemos da cozinha, e tia Queen queria conversar comigo mais tarde no quarto dela. Íamos jantar lá, só nós dois.

Ninguém ia chamar o xerife até Pops ir para a ilha comigo. E Pops disse que não estava se sentindo muito bem, que tinha de se deitar. Fazia muito calor e ele tinha trabalhado nos canteiros de flores sob o sol a pino. Não estava se sentindo nada bem mesmo.

Eu insisti em pôr os brincos e o broche num saco plástico para que qualquer resíduo de tecido grudado neles pudesse ser analisado, depois subi para o meu quarto para tomar uma chuveirada e percebi que estava morto de fome.

Eram cerca de seis horas da tarde quando sentei para jantar com tia Queen. O quarto dela fora redecorado com tafetá amarelo-ouro, e estávamos à pequena mesa redonda encostada na janela dos fundos da casa, onde ela freqüentemente fazia suas refeições.

Devoramos um dos pratos preferidos dela, ovos mexidos com caviar e creme de leite, com seu champanhe preferido também.

Ela usava sapatos prateados de salto agulha e um vestido rendado de seda. Tinha um camafeu no pescoço, exatamente no centro da gola — Jasmine deve tê-la ajudado a prendê-lo — e os brincos e o camafeu da ilha es-

tavam conosco.

O broche era o Rebeca à beira do poço, os brincos, cabeças bem minúsculas, como costuma acontecer com os camafeus pequenos.

Primeiro contei a ela sobre o baú de Rebeca no sótão, depois sobre o fantasma de Rebeca e o que tinha acontecido, e depois relembramos a história da ilha e de como tudo era estranho por lá, e que havia provas concretas de um assassinato no segundo andar da casa.

— Está bem — ela disse. — Você ouviu muitas histórias sobre Manfred, e agora sabe que depois que Virginia Lee morreu e ele ficou viúvo, passaram a considerá-lo louco por aqui.

Eu fiz que sim com a cabeça, para que ela continuasse. Também observei que Goblin estava bem atrás dela, a uma certa distância, olhando para mim com uma espécie de expressão abstrata. Ele também estava encostado na parede com uma pose casual, e não gostei de alguma coisa na atitude dele, talvez por exhibir uma imagem de tranquilidade, mas a minha mente não prestava atenção em Goblin realmente, e sim em Rebeca e tia Queen.

Tia Queen continuou a contar sua história.

— Mas o que você não sabe é que Manfred trazia mulheres para cá, para a Mansão Blackwood, sempre inventando que elas eram governantas que cuidariam de William e Camille, mas na verdade não passavam de brinquedos para ele — moças irlandesas deslumbradas de Storyville, o bairro da prostituição de Nova Orleans — e ele as mantinha aqui enquanto servissem aos seus propósitos, e depois elas eram subitamente tiradas de cena.

— Meu Deus, você está me dizendo que ele matou mais de uma? — eu perguntei.

— Eu não sei de nada — disse tia Queen. — Foi a sua história sobre

essa ilha que pôs essa idéia na minha cabeça, de que talvez ele as tenha matado. Mas ninguém sabia o que acontecia com elas, e era fácil livrar-se de uma pobre moça irlandesa naquela época. Era só deixá-la no meio de Nova Orleans. O que mais seria preciso fazer?

— Mas e Rebeca? Você ouviu falar dela?

— É, ouvi sim — disse tia Queen. — Você sabe que sim. Ouvi muito falar dela. E vou contar-lhe agora, mas deixe-me continuar do meu jeito. Algumas dessas moças irlandesas eram gentis com os pequenos William e Camille, mas em geral não se incomodavam com eles de uma forma ou de outra, por isso não tinham para nós nomes, nem rostos ou baús misteriosos no sótão, embora isso pudesse significar uma pista importante.

— Não, não havia mais nenhum baú suspeito no sótão — eu interrompi. — Mas há roupas, montes de roupas velhas, roupas pelas quais os museus pagariam para ter, eu acho. Mas apenas o baú de Rebeca.

— Vá mais devagar e deixe-me contar — disse tia Queen, educadamente exasperada. — Quinn, você está excitado demais, e isso é maravilhoso — ela disse sorrindo —, mas deixe-me falar.

E ela falou mesmo.

— Bom, enquanto tudo isso estava acontecendo, Manfred continuava com seus famosos passeios pela propriedade montado no seu corcel negro, e desaparecendo no pântano semanas a fio.

‘E então Rebeca chegou. Ora, Rebeca não era só mais bonita do que as outras mulheres, era também muito refinada e se fazia passar por uma dama muito bem-educada, o que conquistou a todos. Porém, uma noite, quando Manfred estava lá enfiado no pântano, ela começou a xingá-lo por estar ausente, e na cozinha ela se embebedou de conhaque junto com Ora

Lee — a tataravó de Jasmine — e contou a história dela para Ora Lee. Contou que ela, Rebeca, tinha nascido em Irish Channel em Nova Orleans e que era “comum como poeira”, como ela mesma disse, num mundo “estreito como a sarjeta”. Disse que tinha doze irmãos, que fora estuprada numa mansão em Garden District onde trabalhou como copeira, que toda a vizinhança irlandesa sabia disso, e que quando a família dela quis que fosse para um convento por causa da gravidez, ela foi para Storyville em vez disso, e a levaram para uma casa de prostituição, como esperava. Rebeca tinha engravidado com o estupro, mas se perdeu o filho, ou livrou-se dele, essa parte ninguém sabe.

‘Para Ora Lee ela disse sem rodeios que viver numa casa elegante em Storyville, ao som de um piano o tempo todo, com cavalheiros bem educados, era muito melhor do que viver numa casa miserável em St. Thomas e Washington à beira do rio onde seu pai irlandês e sua avó alemã costumavam dar surras de cinto nela, e nos irmãos e irmãs.

‘Mas Rebeca não queria terminar sua ascensão social em Storyville, por isso passou a exhibir ares de dama e a se comportar com modos que sabia que a tornariam mais refinada. Ela também adorava bordar e fazer crochê, que aprendera apanhando em casa, e utilizou essas suas habilidades para costurar roupas finas para si.’

— Espere um minuto — eu interrompi. — Patsy não disse alguma coisa sobre bordados no sonho dela, que Virginia Lee estava bordando? Isso é importante. E você tinha de ver as peças bordadas lá em cima naquele baú. É, ela sabia bordar, a Rebeca. As duas se misturaram no sonho de Patsy, mas você conhece a história dos lampiões a óleo e do que eu quase fiz.

— Eu sei, é claro que eu sei — disse tia Queen. — Por que acha que voltei para casa? Mas você precisa do conhecimento de causa para se defender desse fantasma sensual. Por isso ouça a história.

‘As outras prostitutas na casa de Storyville riam de Rebeca e a chamavam de Condessa, mas ela sabia que mais cedo ou mais tarde apareceria um homem que veria seus atributos e a tiraria daquele lugar. Ela ficava sentada na sala onde as mulheres se juntavam para o homem escolher, e bordava como se fosse uma grande dama, oferecendo para cada cavalheiro seu sorriso adorável.

‘Bem, Manfred Blackwood era o homem dos seus sonhos, e a história que passou de mãe para filha na família de Jasmine dizia que ele amou Rebeca de verdade e sinceramente, quase da mesma forma que tinha amado Virginia Lee. De fato foi Rebeca, a pequena Rebeca com seu sorriso brilhante e modos charmosos, que finalmente tirou o sofrimento da cabeça dele.

‘Ele tinha a obsessão de dar jóias para ela, e ela adorava, e era gentil e doce com ele e até cantava velhas canções para ele, que tinha aprendido quando era menina.

‘É claro que nas primeiras semanas aqui ela era puro mel e simpatia com o pequeno William e Camille, mas eles não se deixaram enganar, pelo menos é isso que a história diz, e só ficaram esperando que ela desaparecesse como as outras.

‘Então Manfred e Rebeca foram passar um ano na Europa, só os dois, e corria o boato de que passaram muito tempo em Nápoles, porque Rebeca gostou demais de lá, e até alugaram por um tempo uma *villa* na famosa costa de Amalfi. Se você visse essa costa, e verá um dia, Quinn, com-

preenderia que é um dos lugares mais lindos do mundo.

‘Imagine só, aquela pobre menina do Irish Channel na terra de sonho que é o sul da Itália, e pense só no que isso significou. Parece que foi lá que Rebeca cultivou o amor pelos camafeus, já que tinha uma coleção considerável quando retornou, e foi então que os exibiu para Ora Lee, Jerome e a sobrinha deles, Pepper, e explicou tudo sobre o “Rebeca à beira do poço”, o tema que recebeu seu nome, ela disse... pobre criatura. E depois disso ela sempre usava um camafeu no pescoço e brincos como aqueles que você encontrou naquele lugar.

‘E por falar naquele lugar, depois que voltou de Nápoles Manfred deu para passar mais tempo no pântano do que antes. E em alguns meses vieram todos aqueles operários de Nova Orleans e chegaram as entregas de madeira e metal e todo tipo de coisas para construir a famosa Ermida na ilha de Sugar Devil — esse lugar que você acabou de ver com os próprios olhos.

‘Mas você sabe que Manfred pagou aos empregados quando o lugar secreto ficou pronto, e começou a passar semanas lá, deixando Rebeca em casa reclamando e chorando, andando de um lado para outro enquanto meu pobre pai, William, via a mulher se transformar de moça bonita em assombração, segundo ele me contou depois.

‘Enquanto isso, começou a virar escândalo o fato de Manfred manter Rebeca no quarto dele, que é o seu quarto agora, Quinn. Pops, como você sabe, ficou com o quarto dos fundos para poder vigiar o barracão, as garagens, os homens e os carros, e tudo isso. Por isso você herdou o quarto da frente.

‘Mas estou saindo do assunto, o que provavelmente vai acontecer

mais de uma vez. Paramos em Rebeca, com o camafeu no pescoço e suas roupas bonitas, andando de um lado para o outro no quarto, chorando e murmurando, chamando Manfred, que às vezes chegava a se ausentar por duas semanas.

‘E feliz com seu novo refúgio, muitas vezes ele levava provisões caras com ele, e outras vezes dizia que ia caçar para comer.

‘Bom, não podia ser em pior hora, mas Rebeca queria que Manfred se casasse com ela — que a tornasse uma mulher honesta como costumavam dizer naquela época, você sabe — e dizia para todo mundo que ele ia fazer isso. Até chamou o padre para cercá-lo numa de suas raras vindas para casa, para conversar sobre isso com ele, dizer que era isso que ele devia fazer, e que Rebeca seria uma boa esposa para Manfred, que não importava o passado dela.

‘Mas você sabe, Quinn, naquele tempo, que homem se casaria com uma prostituta de Storyville com quem já vivia há mais de dois anos? Trazer o padre para cá provou ser um grande erro, pois Manfred ficou constrangido e irritado. E espalhou-se o boato de que Manfred deu uma surra em Rebeca por isso, e Ora Lee teve de interferir para ele parar de bater nela.

‘De uma forma ou de outra eles fizeram as pazes, e Manfred voltou para o pântano. Desde então, quando ele voltava dessas estadas no pântano, muitas vezes trazia presentes, não só para Rebeca, para quem ele dava lindos camafeus, mas pérolas e diamantes para Camille e até belos alfinetes de gravata e abotoaduras com diamantes para William também.’

— Então ele se encontrava com alguém lá no pântano — eu disse. — Só podia ser isso. Senão como é que podia voltar de lá com esses presentes?

— Exatamente, ele estava se encontrando com alguém. E suas ausências da casa foram ficando cada vez mais longas, e sua conduta em casa distante e estranha, e quando ele estava longe, William (meu pai) e Camille sofriam com a maldade e violência de Rebeca, que passou a odiá-los por serem quem eram, parte de uma família à qual ela não pertencia legalmente.

‘Imagine só, as pobres crianças, já adolescentes, à mercê daquela jovem madrastra, sozinhas nesta casa, onde apenas os criados de cor, o dedicado e amável Jerome e Ora Lee, e a sobrinha deles, Pepper, tentavam interferir.

‘Rebeca invadia o quarto deles sempre que queria, e um dia aconteceu o incidente da descoberta dos poemas de Camille no livro de capa de couro, que ela recitou durante o jantar para atazanar a pobre Camille. Camille ficou mortalmente magoada e jogou o prato de sopa quente na cara de Rebeca.’

— O livro de Camille está comigo — eu disse a tia Queen. — Eu o encontrei no baú de Rebeca. Mas por que ninguém mais o encontrou quando arrumaram o baú? Por que havia camafeus no baú? Eu sei que tudo foi jogado lá dentro, mas mesmo assim...?

— Porque a mulher desapareceu em circunstâncias violentas e foi Manfred que pegou todas as coisas dela e jogou no baú. E além do mais, o velho louco não estava aqui quando aconteceu o incidente da poesia, e quem pode imaginar o quanto ele sabia? Ele não viu o livro, nem se importava com ele, isso ficou bem claro, e também não se incomodou de guardar os camafeus que você encontrou no baú, apesar de ter separado cinco, conforme já vou explicar.

— Como foi que Rebeca desapareceu? Quais foram essas circunstâncias violentas? — eu insisti.

— Ela tentou botar fogo nesta casa.

— Ah, é claro.

— Ela fez isso com os lampiões a óleo. Eu engoli em seco.

— Então foi por isso que todos acreditaram em mim! — eu disse. — Jasmine, Lolly e Pops. Eles conheciam a história do que Rebeca tinha feito no passado.

Tia Queen fez que sim com a cabeça.

— Rebeca pôs os lampiões no parapeito das janelas das salas da frente. Iniciou o incêndio em quatro lugares. Ora Lee e Jerome pegaram-na em flagrante, Jerome a agrediu e chamou os peões da fazenda para apagar o fogo. Agora você sabe o risco que Jerome correu, um homem negro, por gritar e dar um tapa numa mulher branca naquela época, mas a louca da Rebeca estava tentando pôr fogo na casa.

‘O boato que corria era que Jerome a deixara inconsciente. E que ela quase conseguiu concretizar suas loucas intenções, o fogo tinha se alastrado bastante e o conserto custou uma fábula.

‘Agora imagine que perigo era um incêndio naquele tempo, Quinn. Nós não tínhamos ainda as bombas na margem do pântano, nem a água que vem da cidade para cá. Esta casa podia realmente ter virado cinzas. Mas não virou. A Mansão Blackwood foi salva.

‘Claro que Jerome ficou vigiando Rebeca de perto no quarto sem velas ou lampiões, até Manfred voltar do pântano.

‘Você pode imaginar a tensão, quando Jerome, um negro, assumiu essa responsabilidade, e Rebeca, trancada aqui no escuro, o chamava de crioulo e ameaçava mandar linchá-lo e tudo o mais que lhe viesse à cabeça, atrás da porta fechada. Naquela época havia linchamentos também. Não

aconteciam por aqui, pelo menos até onde eu sei, mas aconteciam.

‘Os irlandeses pobres nunca gostaram muito dos negros, e as ameaças que Rebeca fazia, de mandar vir seus parentes de Nova Orleans, bastaram para assustar Jerome, Ora Lee, Pepper e todo o pessoal deles.

‘Mas eles não podiam soltá-la e não a soltaram, por isso ela berrava e vociferava no escuro o tempo todo.

‘Quando finalmente Manfred voltou e viu o estrago e a extensão da reforma, quando ele compreendeu que quase tinha perdido a casa, perdeu a cabeça.

‘Agarrou Rebeca, tirou-a da cama onde ela gemia e chorava, surrou-a com as próprias mãos. Dava tapas e socos até Jerome e Ora Lee gritarem para fazê-lo parar.

‘Jerome não era suficientemente forte para segurar Manfred, e não ousava bater nele, mas Ora Lee pôs fim na surra simplesmente berrando sem parar, de forma que todos os empregados, negros e brancos, correram para a casa e subiram ao quarto.

‘Rebeca, certamente um dos seres humanos mais burros que já existiram, urrava que Manfred tinha prometido casar com ela, que ela seria mulher dele ou morreria ali, que ela jamais sairia daqui. Toda a família de Jasmine tentava segurá-la e impedir que Manfred batesse mais.

‘Na sua fúria Manfred mandou trazerem o baú dela, e foi ele, ele mesmo, que juntou tudo que pertencia a ela e jogou lá dentro, de qualquer jeito, e disse para os homens levarem-na de carro até o limite da propriedade e jogá-la lá com tudo que era dela. Ele jogou notas de dinheiro em cima dela quando Rebeca estava deitada no chão, atordoada.

‘Mas a ignorante Rebeca se levantou, correu para ele e não queria lar-

gá-lo, gritando, Manfred, eu te amo. Manfred, não posso viver sem você, Manfred, não vou viver sem você. Manfred, lembre-se de Nápoles. (Todos se lembravam daquele “Lembre-se de Nápoles”.) Manfred, lembre-se, sou sua Rebeca à beira do poço, vim para cá para ser sua mulher. Olhe para o camafeu no meu pescoço, Manfred. Manfred, eu vim ao poço para ser sua mulher.

‘Foi então que ele a arrastou escada abaixo, porta afora, atravessou o gramado, passou pelo cemitério, foi até o embarcadouro, jogou-a na barcaça e se afastou da margem com ela. Quando ela tentou se levantar, ele a chutou e ela caiu para trás.

‘Esta foi a última vez que alguém viu Rebeca Stanford viva ou morta.

‘Duas semanas depois — uma quinzena como chamavam naquele tempo — Manfred voltou para casa. Quando viu o baú de Rebeca no meio do quarto, ele ficou zangado e disse para Jerome levá-lo para o sótão.

‘Dias depois Ora Lee encontrou uma caixa de veludo na primeira gaveta da escrivaninha de Rebeca, e dentro dela alguns camafeus, junto com um papel escrito com a letra de Rebeca. Dizia “Primeiros camafeus que Manfred me deu. Nápoles”. E a data. Ora Lee guardou esses camafeus por pelo menos um ano, pois não queria que os jogassem fora, já que eram muito bonitos, e depois os deu para Manfred, que tentou dá-los para Camille.

‘Ora, Camille não tinha se livrado do ódio que sentia por Rebeca, e francamente nunca deixou de odiá-la mesmo. Ela nem quis tocar nos camafeus, mas Manfred guardou-os e de vez em quando era visto olhando para eles e resmungando sozinho.

‘Quando meu pai se casou com a minha mãe, Manfred ofereceu a ela os camafeus, mas meu pai não deixou que ela aceitasse porque também

lembrava de Rebeca com muito ódio.

‘E aí, quando eu era menina, Manfred deu os camafeus para mim. Eu tinha dez anos. O velho disse coisas estranhas para mim. Coisas loucas, que eu não entendi.’

E nesse ponto tia Queen me contou a história que ela repetiu para nós esta noite, das loucuras de Manfred, só que naquela primeira vez, quando eu era um menino de dezoito anos, ela incluiu menos detalhes...

— Eu não tinha medo de ficar com os camafeus — ela disse. — Jamais tinha ouvido a história de Rebeca, e só tomaria conhecimento dela muitos anos depois.

‘Eu já havia começado a colecionar camafeus naquela época, e tinha muitos quando finalmente contei para meu pai que ganhara os primeiros de Manfred. Mas não foi meu pai que me contou a história de Rebeca. Foi Ora Lee, numa conversa na mesa da cozinha, e, para dizer a verdade, Ora Lee gostava de Rebeca e compreendia a pobre menina irlandesa que queria melhorar de vida, uma menina que tinha medo do próprio pai irlandês que era muito cruel e da mãe alemã-irlandesa, uma menina que tinha chegado à distante costa da Itália com Manfred, onde Manfred, num jantar à luz de velas, tinha pregado o primeiro camafeu de Rebeca à beira do poço na blusa de renda de Rebeca.

‘E Ora Lee insistia que Rebeca não tinha sido má com as crianças no início, nem tinha sido má com ninguém. Isso foi o resultado da insatisfação dela com o passar do tempo. Foi o resultado da pura maldade de Manfred.

‘E como Ora Lee dizia, sendo mais velha ela era capaz de entender melhor Rebeca, e não se engane, Quinn, Ora Lee achava que Rebeca tinha sido assassinada lá no pântano — pode ter certeza disso — , mas o que eu

estava querendo dizer é que na velhice Ora Lee tinha mais capacidade de perdoar Rebeca e isso ela fez, apesar de não conseguir perdoar a maldade de Rebeca com Camille.

‘E quando Ora Lee me contou essas coisas, ela implorou para eu nunca mencionar o nome de Rebeca para meu pai, ou para a minha tia Camille.

‘A sua tia Camille ficara traumatizada, Ora Lee me disse. Aquela pobre criança sempre foi mórbida, mas entrou mais na sua concha e nunca mais saiu.’

‘Para voltar à história do seu ilustre ancestral’, tia Queen continuou, ‘não era preciso Ora Lee me dizer que ele ficava trazendo as moças irlandesas para a casa, hospedando-as no quarto da frente no segundo andar durante muitos anos. Eu era uma menina de vinte anos quando minha mãe me contou tudo. Contou que logo depois que eu nasci meu pai pediu que o velho parasse com aquele comportamento condenável por causa da neta que acabava de vir ao mundo.

‘O velho Manfred xingou, vociferou e socou a mesa de jantar com tanta força que a prataria tilintou, mas concordou. Pela nora ele não tinha se incomodado, mas pela neta, bem, ele faria isso, então se mudou do melhor quarto lá em cima, que agora é seu, meu abençoado sobrinho, e passou a ocupar o quarto nos fundos da casa. E mesmo quando eu era pequena — antes de ser jovem demais para lembrar — ele trazia as mulheres escondido pela porta dos fundos.

‘A troca de quarto teve grande significado para todos. O padre daquela época, frei Flarety, parou de visitar Manfred por causa dos vícios de comportamento dele, e quando fiz dez anos, quando o velho me deu os ca-

mafeus, ele já era aquela criatura que babava de dar pena, que vociferava sozinho e batia com sua bengala em qualquer um que por acaso entrasse por aquela porta.

‘Minha mãe tornou-se a senhora oficial da Mansão Blackwood porque tia Camille era um ser ferido que jamais poderia ocupar esse lugar.

‘E quanto ao baú, bem, acho que devo ter me esquecido dele. Acabou sendo só mais um entre tantos lá em cima, cheio de roupas nada interessantes. Ah, é claro, eu sempre tive a intenção de explorar o sótão um dia, mas achava que seria uma tarefa monumental pôr aquele caos em ordem, e nunca me animei, e ninguém mais se aventurou também.

‘E agora, Quinn, você sabe mais sobre o que aconteceu com Rebeca Stanford do que qualquer outro ser vivo, até eu. O fantasma dela é um perigo para você, Quinn, e para todos à sua volta.’

— Oh, mas eu não sei — eu respondi. — Encontrei aquelas correntes lá na ilha, tia Queen. Correntes enferrujadas. Mas não sei de fato o que aconteceu com ela!

— Quinn, o importante é você não invocar aquele fantasma de novo!

— Mas eu nunca invoquei ninguém.

— Invocou sim, Quinn. Além de encontrar as coisas dela, você queria conhecer sua história.

— Tia Queen, se foi assim que eu a invoquei, então por que ela não apareceu para você anos atrás, quando Ora Lee contou a história toda?

Por que ela não apareceu para você quando você era pequena e Manfred lhe deu os camafeus?

— Eu não possuo o seu dom de ver fantasmas, Quinn — ela respondeu depressa. — Nunca vi um fantasma e você já viu muitos.

Senti que ela hesitava, que subitamente ficava introspectiva. E achei que sabia por quê.

— Você viu Goblin, não viu, tia Queen? — perguntei para ela.

E quando eu disse isso Goblin veio e se abaixou ao lado do braço da poltrona dela e ficou espiando tia Queen. Ele estava extremamente vivo e sólido. Fiquei chocado com a proximidade dele em relação a ela, e odiei aquilo, mas ela estava definitivamente olhando para ele.

— Dê o fora, Goblin! — eu disse zangado, e ele obedeceu na mesma hora, muito triste e confuso de ter me irritado tanto. Ele se retirou, lançando olhares de súplica para mim, depois desapareceu.

— O que você acabou de ver? — tia Queen perguntou para mim.

— O que sempre vejo — respondi. — O meu duplo. Ele está usando a minha calça jeans, limpa e passada também, e uma camisa pólo igual à minha, está igualzinho a mim.

Ela recostou na cadeira e bebeu lentamente o seu champanhe.

— O que foi que viu, tia Queen? — devolvi a pergunta para ela.

— Eu vejo alguma coisa, Quinn, mas não é como o que você vê. Vejo uma agitação no ar, é como o movimento ou turbulência que surge acima de uma estrada quente, na frente do carro, no meio do verão. Vejo isso e às vezes há uma forma meio vaga, uma forma humana, uma forma do seu tamanho, sempre. Toda a aparição não dura mais de um segundo, talvez. E o que resta é uma sensação de que há alguma coisa pairando, de que há algo invisível por perto.

Pela primeira vez na minha vida fiquei zangado com tia Queen.

— Ora, você nunca me disse isso! Como pôde passar todos esses anos sem me contar que via Goblin assim, que você sabia... — Eu fiquei e-

xasperado demais para continuar falando.

— Mas isso é tudo que eu vejo — ela continuou, como se não reparasse que eu estava espumando pela boca. — E não vejo isso com muita frequência, ouviu? O seu espírito só me deixa vê-lo de vez em quando, eu acho.

Eu não estava apenas furioso — quase histérico de raiva —, estava atônito também. Eu vivia num estado de estupefação constante desde que Rebeca aparecera para mim, passando de uma revelação para outra, e agora isso, descobrir que tia Queen tinha visto Goblin todos aqueles anos.

— Mais alguma coisa? — eu perguntei em tom de sarcasmo. — Mais alguma confissão neste momento?

— Quinn — ela disse muito séria —, talvez seja ridículo eu dizer que sempre fiz o que achava melhor para você. Nunca neguei a existência de Goblin. O caminho que eu escolhi foi mais cuidadoso do que isso. Não era para ratificar Goblin, nem dar força a ele, pode-se dizer, porque eu nunca soube se Goblin era uma criatura boa ou má. Mas já que estamos pondo todas as cartas na mesa, deixe-me dizer para você que Grande Ramona consegue ver Goblin como eu vejo, uma turbulência no ar. Nem mais, nem menos. E Jasmine vê isso também.

Eu fiquei arrasado. Senti-me muito sozinho. Os entes mais íntimos e queridos tinham mentido para mim, e desejei de todo coração que Lynelle não tivesse morrido. Rezei para que o espírito de Lynelle pudesse aparecer para mim de alguma forma — e jurei apenas para mim mesmo que sabia que Lynelle podia me explicar tudo que havia acontecido.

— Sobrinho adorado — disse tia Queen, uma expressão que ela usaria muito à medida que eu ia ficando mais velho, e naquele momento ela

disse aquilo com doce formalidade e devoção íntima. — Sobrinho adorado, você precisa entender que eu levo seus poderes muito a sério e sempre fiz isso. Mas nunca soube se eram boa coisa.

E de repente tive uma revelação, uma certeza baseada naquela sua afirmação, se não em tudo o mais, de que meus poderes não eram do bem. Eu contei a ela quase sussurrando, a única voz masculina que consegui entoar, sobre o pânico ao entardecer, sobre a idéia de pegar o revólver de Pops e dar um fim à minha vida, e contei daquela tarde em que Rebeca apareceu quando eu estava sentado nos degraus da frente da casa, observando a luz dourada desaparecendo e pedindo para todos os poderes me livrarem daquela carga, por favor, tudo menos aquilo. Não lembrei da oração que fiz. Agora eu não lembro também. Talvez tenha dito a ela uma versão mais precisa. Eu não sei.

Fez-se um silêncio e, quando olhei para ela, vi lágrimas no seu rosto. Atrás dela, ao lado do postigo da cama, Goblin, mais uma vez bem nítido, também chorava e estendia a mão esquerda para mim, como se quisesse embalar a minha cabeça.

— Vá embora, Goblin! — eu disse irritado. — Não quero você aqui agora! Deixe-me em paz. Vá encontrar Lynelle para mim! Viaje nos ventos do espírito para mim, mas vá embora.

Ele brilhou muito, em todos os detalhes, o seu maior brilho, e o rosto era só mágoa e ultraje, fez bico e depois mais nada, desapareceu.

— Se ele ainda está neste quarto, eu não sei — confessei para tia Queen. — E quanto à Rebeca, preciso fazer justiça por ela. Preciso descobrir, se puder, o que fizeram com ela naquela casa.

Tia Queen secou os olhos azuis com o guardanapo e eu senti uma

culpa enorme por tê-la feito chorar. Eu a amava e não importava o que ela dizia ou fazia, eu precisava dela e sofria muito por ter ficado zangado com ela. Eu me levantei, ajoelhei-me a seus pés e a abracei, segurei seu corpo frágil por alguns segundos, no mais profundo silêncio.

Então olhei para os sapatos cintilantes dela, de salto agulha e abertos no calcanhar, e dei uma risada, e beijei o arco dos pés dela. Beijei os artelhos. Apertei carinhosamente o seu pé direito com a minha mão esquerda.

— Tarquin Blackwood, você é louco de carteirinha — ela disse.— Agora sente-se como um bom menino e me sirva mais uma taça de champagne.

Tínhamos acabado com uma garrafa, por isso abri outra, com a segurança de um rapaz que trabalhara durante anos num hotel, e derramei o espumante na taça de tia Queen.

Claro que então ela manifestou todo o horror diante da minha idéia de pôr um revólver na cabeça, e eu jurei para ela que jamais faria isso, só tinha pensado, pelo menos enquanto ela vivesse, e Pops vivesse, e Jasmine vivesse, e Grande Ramona vivesse, e Lolly vivesse. E depois eu fiquei enumerando os nomes de todos os empregados do barracão, e estava sendo perfeita e convincentemente sincero.

— Mas veja, o que estou tentando dizer a você — eu prossegui depois que ficamos mais calmos e obviamente mais ébrios — é que espíritos e fantasmas devem vir de algum lugar, e a minha oração foi blasfema, ou perigosa, e Rebeca veio da escuridão.

— Agora você está raciocinando direito, meu querido rapaz — ela disse.

— É claro, eu sei disso, tia Queen. Sempre soube. Nunca esquecerei

que ela me pediu para acender os lampiões. Nunca mais deixarei que me use. Não pode acontecer. Fico receoso demais, atento demais quando vejo essas criaturas, eu juro, mas preciso descobrir o que fizeram com ela, e só ela pode me dizer, e nesse momento ela ficará mais forte... na ilha de Sugar Devil, naquela estranha casa.

— Mas você não vai para lá, Tarquin, a não ser que Pops vá com você! Está entendendo?

Eu não respondi, mas manifestei a minha opinião.

— Não é bom que Pops vá ao pântano agora. Pops não está bem. Sua saúde está fraca. Ele não come há dias, e o calor lá no pântano, os mosquitos... não, eu não posso levar Pops...

— Quem então, Tarquin? Deus é testemunha de que você não vai até lá sozinho.

— Tia Queen, nada vai me impedir de ir lá amanhã de manhã. Eu iria agora mesmo, se não fosse essa escuridão total.

Ela inclinou o corpo para frente por cima da mesa.

— Tarquin, eu o proíbo. Será que tenho de lembrar que você descreveu um mausoléu feito de ouro e sinais de vida na Ermida?... uma mesa e uma cadeira de ouro! Alguém está usando a ilha. E por que motivo, quer fazer o favor de me dizer, se o túmulo é feito de ouro...

— Eu não sei todas as respostas, mas preciso voltar lá, e entenda, eu preciso de liberdade para invocar esse espírito, e deixar que ela fale comigo...

— Um fantasma que seduziu você! Um fantasma que usou de charme e sensualidade de forma tão palpável que você realmente perdeu sua virgindade com ela? É isso que eu estou ouvindo... que você pretende invocá-la?

— Eu tenho de ir, tia Queen, e, francamente, acho que sabe que se estivesse no meu lugar, iria também.

— Eu falaria com o padre Kevin primeiro, era isso que eu faria, e é o que quero que faça. Nós vamos chamar o padre amanhã cedo.

— Padre! — eu escarneci. — Ele acabou de rezar sua primeira missa. É apenas uma criança!

Eu estava exagerando, mas tinha razão quando disse que o padre Kevin Mayfair era muito jovem. Tinha por volta de trinta e cinco anos, e apesar de gostar demais dele, não tinha por ele o mesmo respeito que sentia pelos velhos padres grisalhos de antes do Concílio Vaticano II que rezavam a missa com muito mais talento.

Ela levantou-se abruptamente, chegando a derrubar sua cadeira, e depois seguiu com passos largos nos seus espantosos saltos altos até a penteadeira, onde ficou remexendo na primeira gaveta.

Depois virou-se para mim e vi um terço balançando em sua mão.

— Este não é bento, mas terá de servir por enquanto — ela disse. — Quero que ponha isso em volta do pescoço, por baixo da camisa, em cima da camisa, ou sobre o peito nu, não me importo, mas vai usá-lo daqui por diante.

Não me dei ao trabalho de discutir com ela. O rosário era pequeno, com contas de ouro perfeitamente redondas, e eu não me importei de usá-lo, apesar de desaparecer sob a minha camisa.

— Tia Queen — eu continuei. — O padre Kevin não vai acreditar em toda essa história da Rebeca e do fantasma dela, como o xerife também não acreditaria. Então para que chamá-lo? Depois da missa ele sempre dá risada quando me pergunta sobre o Goblin. Acho que ele me vê falando

com Goblin na igreja. Não, eu não quero falar com o padre. Pode esquecer.

Tia Queen não iria desistir tão fácil. Ela me disse que logo cedo ia visitar seu joalheiro favorito no French Quarter para arrumar um crucifixo numa corrente para mim, e que depois iria até a Igreja da Assunção de Santa Maria pedir que o padre Kevin benzesse o crucifixo, e depois conversaria sobre o assunto com ele para saber o que pensava.

— E enquanto isso, o que vamos fazer com esses brincos e esse broche de camafeu? — ela perguntou.

— Temos de guardá-los. Precisamos mesmo. O DNA nesse tecido não pode estar completamente degradado. Precisamos descobrir se foi ela mesmo que morreu lá. É isso que Rebeca quer de mim. Ela quer reconhecimento. Quer ser conhecida.

— E ela queria que você incendiasse esta casa, Quinn.

— Ela nunca mais vai me persuadir a fazer uma coisa dessas — eu insisti. — Já a conheço.

— Mas você se importa com o que ela quer — disse tia Queen, com a fala um pouco arrastada por causa do champanhe.

— É justiça, tia Queen. É a justiça que eu, descendente de Manfred, preciso fazer. Talvez não seja grande coisa, digamos, apenas pôr os camafeus dela na vitrine da sala de estar com um cartão dizendo que pertenceram a uma famosa paixão de Manfred Blackwood. Talvez isso dê descanso ao espírito dela. Mas no momento, não se preocupe mais comigo. Farei o que tiver de fazer, e farei o que é melhor.

Àquela altura eu já tinha esgotado a paciência da tia Queen e resolvi, depois de mais duas taças de champanhe, fazê-la rir, escondendo meus planos secretos.

Eu a amava. Eu a amo demais até hoje. Mas eu soube, pela primeira vez, que tinha de enganá-la, que de alguma forma eu precisava protegê-la para que ela não me protegesse.

É claro que eu ia até a ilha, e é claro que ia invocar Rebeca, mas não tinha certeza de como, nem quando.”

“ — **A** CORDEI BEM CEDO, vesti meus jeans de caça e colete de pesca, e enquanto Grande Ramona continuava dormindo sentei diante do meu computador e escrevi uma carta para aquele estranho invasor da ilha de Sugar Devil, que ficou mais ou menos assim:

Caro invasor,

Esta comunicação é de Tarquin Blackwood e é para notificá-lo de que a minha família é proprietária desta ilha e desta casa, e que o senhor deve pegar seus livros e seus pertences e deixar o local sem mais demora.

A família tem planos para esta ilha e os porá em prática assim que o senhor abandonar a Ermida.

Se tiver necessidade de se comunicar comigo, eu moro na Mansão Blackwood, e terei muito prazer de me comunicar com o senhor por carta, por fax, por telefone ou pessoalmente, conforme desejar,

Atenciosamente,

Tarquin Blackwood

mais conhecido como Quinn

Pus os números do fax e do telefone, apertei a tecla para imprimir, fiz quatro cópias do aviso, assinei as quatro, dobrei cada uma e guardei no bolso de dentro do meu colete de pesca.

Então entrei sorrateiramente no quarto de Pops, não o vi por lá — devia ter despertado às cinco horas da manhã e já estava trabalhando nos

canteiros de flores — , peguei seu revólver trinta e oito, verifiquei se estava carregado, pus no meu bolso, passei rapidamente pela cozinha, peguei uma caixa de tachinhas que sempre ficavam na despensa, para o quadro de avisos da família, e me encaminhei para o cais.

Devo acrescentar que também levava meu rifle, minha faca de caça e a faca de cozinha, e achei que tinha tudo de que precisava, até encontrar Jasmine, descalça, no embarcadouro ao lado da barcaça, fumando um cigarro.

— Muito bem, seu menino maluco, eu sei para onde você está indo, e Pops disse para deixá-lo em paz. Por isso pus aquele isopor com bebida para você no barco. E tem dois sanduíches lá dentro também, embrulhados em papel laminado.

— Ah, eu te amo por isso — eu disse, e a beijei, e de repente tive uma consciência dela como mulher, algo que dominou meu cérebro como uma descarga de eletricidade, e certamente uma surpresa. Nunca mais vou esquecer do jeito que aquele beijo acendeu alguma coisa. E acho que apertei o braço dela, todo orgulhoso.

Mas acho que não acendi nada nela. E quando ia empurrar a barcaça, ela gritou.

— Tarquin Blackwood, você é um imbecil?

— Não, senhora — eu disse em tom de deboche. — Você espera que eu mude de idéia?

— Como é que você vai fazer as pessoas acreditarem no que viu lá no pântano se não tirar fotos, gênio?

Ela enfiou a mão no bolso do avental e tirou uma pequena câmera com flash, daquelas que hoje em dia se compram em qualquer lugar, já com

filme e pronta para o uso.

— Ah, graças a Deus que você lembrou disso! — eu disse.

— Pode dizer essa oração de novo, Patrãozinho. Não esqueça de apertar o botão do flash.

Eu queria beijá-la de novo, mas já estava me afastando do cais.

Quanto ao Goblin, ele foi atrás de mim, nítido mas transparente, implorando para eu não ir, dizendo ‘Mau, Quinn, mau’, inúmeras vezes, e mais uma vez eu lhe disse educadamente para me deixar em paz. Ele então desapareceu, mas suspeitei que estava comigo na viagem.

Na verdade eu concluí que ele devia estar mesmo, porque para onde mais Goblin poderia ir? Ultimamente eu pensava muito onde Goblin estava e onde não estava, e não tinha paciência nenhuma com ele, conforme já disse.

Voltando ao pântano:

Havia uma névoa pairando sobre a água e a princípio o pântano parecia convidativo e belo, harmonioso e acolhedor, como nas poesias e fotos. Mas em pouquíssimo tempo, à medida que eu avançava, ele ia se transformando no brejo maligno dos mosquitos e dos ciprestes acorrentados com setas no tronco. O ruído das criaturas na água escura e a visão de crocodilos me causavam arrepios.

A tonteira voltou, o que me alarmou consideravelmente, e ouvi as vozes de novo, baixas demais para entender o que diziam. O que eu estava ouvindo? Será que aqueles espíritos iam ficar discutindo uns com os outros por toda a eternidade? Era isso que Rebeca quis dizer quando mencionou que as coisas não seguiam em linha reta?

Não pode fazer isso, tem de me deixar ir...

Por que aquele discurso fantasmagórico não era claro o bastante para eu entender as palavras?

— Estou indo, Rebeca — eu disse em voz alta. — Mas você trate de jogar limpo comigo. Eu conheço os seus truques e mesmo assim estou indo. Seja correta.

E eu fui seguindo pelo meio daquele denso inferno verde de árvores cinzentas atormentadas e trepadeiras angustiadas, de folhas farfalhantes e água fétida, sentindo-me cada vez mais fraco, empurrando a vara bem fundo e me projetando para frente o mais depressa que eu podia.

Estou implorando, Deus me ajude...

Eu sabia que era Rebeca chorando, Rebeca implorando, mas para quem? Então ouvi a inevitável risada sinistra e uma voz de homem falando rápido e furioso. Seria Manfred?

Um crocodilo passou por mim, seu dorso enorme e viscoso visível apenas um segundo, e a barcaça adernou perigosamente, depois se endireitou e lá fui eu. Eu tremia só de pensar no crocodilo, e me odiava por isso. Segui em frente.

Cada vez que era acometido pela tontura eu desacelerava, com medo de cair, e o mato alto do pântano me engolia traiçoeiro, enquanto eu tentava entender o que diziam as vozes. ... *Eu te amei, eu sempre te amei, você prometeu, em Nápoles, para sempre, nas ruínas...* E então a voz grave e o riso permeando tudo.

Será que eram três? Será que eram mais de três?

Finalmente o contorno desgastado da Ermida se avolumou à minha frente e a barcaça encalhou na margem, no meio do arbusto de amoras-silvestres, e eu quase caí da embarcação. Rapidamente amarrei-a na árvore

mais próxima, o que não havia feito da outra vez, deixei a vara dentro da barça bem presa e fui explorar a ilha mais uma vez.

Os crocodilos tinham estado lá. Ouvi o barulho quando mergulharam na água do pântano. O que eu ia fazer se encontrasse um deles pela frente? Bem, isso nunca tinha acontecido, e talvez nunca acontecesse. Não tinha medo deles porque em geral não eram perigosos e não queriam confusão, mas mesmo assim, aquela foi a primeira vez que fiquei na augusta companhia deles sem Pops ou outro homem no comando.

Fiquei escutando. Não ouvi nada além dos gritos tristes e intermitentes dos pássaros. E aquele zumbido, o zumbido de abelhas e mosquitos que eu associava ao suor grudento que cobria a minha pele.

A casa parecia vazia, como da outra vez. Mas isso não queria dizer muita coisa.

No entanto o mausoléu, ou o que quer que fosse aquilo, me atraiu, e fui até lá para examiná-lo com mais atenção do que da primeira vez.

Nenhuma porta de espécie alguma, disso eu tive certeza. Então o que, em nome de Deus, havia lá dentro?

Agora eu tinha certeza de que a procissão de figuras gravadas nas placas de ouro eram romanas e que se lamentavam. As mulheres choravam e os homens socavam a testa com os punhos cerrados.

Num painel que continha apenas três crianças chorando havia um desenho gravado num plano diferente das figuras — detalhes que eu não notara antes.

Com a ponta dos dedos tracei em um canto a imagem de uma montanha em forma de cone e no alto a erupção. Acima dela, à direita e à esquerda, uma nuvem grande e pesada. Bem mais à direita e um pouco abaixo

da posição da montanha havia a imagem de uma pequena cidade murada, desenhada nos mínimos detalhes, e parecia mais do que óbvio que a nuvem negra do vulcão em erupção era uma ameaça para a pequena cidade.

Vulcão. Roma antiga. Uma cidade. Pessoas se lamentando. Tinha de ser o Vesúvio aquela montanha, e a cidade só podia ser a fabulosa Pompéia.

Até eu que quase nunca tinha viajado muito na vida conhecia a história da erupção do Vesúvio no ano 79 d.C. e de como ele enterrou Herculano e Pompéia. Só no século dezoito as duas cidades foram oficialmente redescobertas, e se havia algum lugar para onde eu queria viajar — fora da cidade de Ruby River — era para as ruínas de Pompéia.

A tragédia daquelas cidades soterradas sempre me fascinou e às vezes com tristeza. Anos atrás vi fotografias de moldes de gesso feitos daqueles pobres romanos tentando escapar da chuva de lava que caiu sobre Pompéia e elas me fizeram chorar.

É claro que Pompéia e Herculano ficavam na baía de Nápoles, e Manfred tinha levado Rebeca para Nápoles. O Vesúvio se avolumava sobre Nápoles e Rebeca tinha gritado ‘Lembre-se de Nápoles’ quando Manfred batia nela, quando ele a arrastou para fora da casa.

E veio aquela tontura e o vozerio acalorado soou novamente. Abaixei a cabeça para a frente até encostar a testa na gravura de ouro. Senti o perfume de flores. Seriam glicínias? Meus sentidos estavam confusos. Minha boca estava seca e eu transpirava muito. E ouvi Rebeca soluçando. *O que eles fizeram comigo, Quinn, o que eles fizeram.*

Com suprema força de vontade livre-me da tontura. Eu estava de joelhos e, ao olhar para cima, vi que havia uma inscrição na parte de cima das placas de ouro, logo abaixo do teto de granito do túmulo. Uma inscrição

que eu não tinha visto por causa do reflexo ofuscante do sol no ouro.

Dei duas voltas no mausoléu. As palavras eram em latim e eu não sabia traduzir, mas consegui ler o nome Petronia, e as palavras que queriam dizer dormir e morrer.

Lamentei-me por não ter levado papel, só minhas cartas ao invasor, para copiar aquela inscrição. Então lembrei de que tinha quatro cópias da carta, para pregar em quatro lugares, e só precisava sacrificar uma delas. Peguei a minha caneta, escrevi a inscrição toda dando duas voltas no monumento para me certificar de ter escrito tudo corretamente.

A essa altura eu estava morrendo de sede e voltei para a barcaça, peguei a caixa de isopor que Jasmine tinha preparado para mim, subi a escada e entrei na casa.

Tudo estava do mesmo jeito que eu havia encontrado no dia anterior. Subi a escada para o segundo andar e fiquei olhando fixo para as correntes de ferro. Notei com uma leve pontada de horror que a quinta corrente com o gancho era um pouco mais curta do que as outras, mas não sabia o que aquilo significava. Havia ganchos na parede e eu não os tinha notado antes também, e na confusão daquela substância negra que parecia piche pensei ver mais formas de ossos humanos.

Peguei a câmera e tirei duas fotos com as mãos trêmulas, depois cheguei para trás e tirei mais duas. O que apareceria? Eu não tinha certeza. Tudo que eu podia fazer era tirar fotos em close-up e torcer para que alguém acreditasse no que eu estava vendo.

Ajoelhei-me e toquei no que pareciam fios de cabelo humano. Um arrepio medonho percorreu meu corpo e ouvi a risada onírica de novo, depois um grito tão gutural que era quase um gemido. E soou mais uma vez,

um grito de pura agonia, e eu recuei, totalmente incapaz de me aproximar dos restos de novo.

Fotografei o quarto, descí e fotografei a mesa de mármore e a cadeira de ouro em estilo romano. Tirei uma foto da lareira com sua pilha de madeira meio carbonizada e cinzas, e outra dos livros caídos sobre a mesa.

Depois saí da Ermida e fotografei tudo. Tirei fotos do mausoléu e, com o polegar em cima do flash para não refletir no ouro, fotografei as figuras, esperando que tivesse luz natural suficiente.

— Jasmine, vou te amar para sempre — eu disse.

Pus a câmera no bolso de cima do meu colete, fechei o zíper do bolso e resolvi que agora eu provaria para o mundo inteiro que tinha dito a verdade sobre a ilha de Sugar Devil e a sinistra existência de Manfred.

Mas o que significava aquilo tudo? Será que tinha sido algum poeta louco que ia para lá sentar numa cadeira de ouro curtindo a solidão, talvez trazendo e levando seu trabalho com ele, só deixando para trás os livros que não importavam mais? Ou seria apenas um rapaz como eu?

E a hora, que horas eram? Ora, pouco mais de meio-dia, e eu estava faminto e nauseado.

Mas tinha de espalhar minhas cartas para o invasor. Cuidei disso sem demora. Preguei uma delas na porta de madeira, deixei outra sobre a mesa de mármore, com livros prendendo os quatro cantos da folha, e preguei outra na parede perto da escada.

Achei que tinha cumprido meu dever e para acabar com a náusea ameaçadora pus o isopor sobre a mesa e sentei na cadeira romana. O assento de couro era muito confortável, como acontece com esse tipo de cadeira, e fiquei muito contente de ver que Jasmine colocara no isopor seis latas de

cerveja. Claro que tinha posto alguns refrigerantes também, e os sanduíches, e até uma maçã aninhada no gelo, mas seis cervejas!

Acho que nunca mais vou esquecer daquele momento. Bom, não há por que me estender mais sobre isso, tenho muito que contar. Apenas deixei-me dizer que fiquei cantarolando em voz alta ‘Jasmine, uma mulher de trinta e cinco anos pode se apaixonar por um rapaz de dezoito? Encontro você atrás da casa grande, às seis’.

Quando terminei aquela cantiga já tinha tomado metade da primeira lata de cerveja. Abri os sanduíches que eram de presunto, queijo e manteiga — manteiga gelada, visível, deliciosa — e devorei os dois em poucas mordidas. Depois devorei a maçã, terminei a primeira cerveja e bebi mais uma.

Disse para mim mesmo que aquilo bastava, que tinha de ficar alerta, mas eu estava excitado demais e em vez de me deprimir a cerveja criava uma espécie de euforia louca, e com a terceira lata gelada na mão voltei lá para cima e sentei o mais próximo que pude das correntes e do seu legado negro.

Lá fora o sol já baixava e apenas alguns raios fracos conseguiam furar o labirinto verde que cobria a maior parte da casa. Alguma luz entrava pela cúpula e quando olhei lá para cima, observando a luz piscar e mudar, ouvi na minha cabeça um grito agudo muito alto.

Era de um pássaro? Era humano? Minhas pálpebras estavam se fechando. Eu reclinei apoiado em um cotovelo nas tábuas empoeiradas.

Bebi mais cerveja. Terminei aquela lata. E então percebi que tinha de dormir. Meu corpo me forçava a isso. Eu precisava dormir. Deitei e me senti confortável, e falei, olhando para a cúpula:

— Rebeca, venha a mim, conte-me o que fizeram. — Fechei os olhos

e comecei a sonhar, meu corpo não tinha forma e vibrava nesse quase-sono. Ouvi claramente o choro dela e então, diante de mim, num lugar à noite, cheio de velas, vi um rosto zombeteiro e ouvi uma risada grave e malévola. Procurei focalizar o rosto, mas não consegui ver e quando olhei para baixo vi que eu era uma mulher, e que alguém arrancava de mim um lindo vestido vinho. Meus seios estavam à mostra. De repente fiquei completamente nu e comecei a gritar.

Tinha de escapar daqueles que me torturavam, e na minha frente uma mão pegou o gancho enferrujado, o gancho na ponta da corrente. Eu dei um grito de mulher. Eu era uma mulher. Eu era Rebeca e também era Quinn, e nós dois éramos um só.

Nunca sentira um pavor tão genuíno como aquele, vendo a mão com o gancho se aproximar, e então senti uma dor insuportável sob meu seio direito, uma agonia de algo afiado me perfurando e entrando em mim, e depois a risada de novo, uma risada gélida e cruel, e a voz de um homem murmurando... não, discutindo, pedindo, mas o riso abafava a discussão, abafava o pedido. Ninguém podia impedir aquilo! Eu sabia que estava pendurado no gancho, que o gancho me prendia pela costela sob meu seio, e todo o meu peso pendia da corrente e do gancho!

Eu gritei, eu berrei. Eu era uma mulher e um homem berrando, era Rebeca indefesa, atormentada, quase inconsciente mas sem poder desmaiar, e eu era Quinn, querendo proteger mas horrorizado, tentando desesperadamente ver os demônios que faziam aquilo, e eram duas pessoas, sim, definitivamente duas pessoas, e eu tinha de saber se era Manfred. E assim eu era Rebeca gritando e a dor não parava, a insuportável dor que só aumentava, mas de repente a cena começou a mudar, graças a Deus.

— Oh meu Deus, Rebeca — ouvi minha voz sussurrando. — Eu sei o que eles fizeram, penduraram você pelo gancho sob a sua costela e a deixaram aqui para morrer.

Alguém encostou em mim e me fez despertar. Olhei para cima. Era Rebeca, ela estava sorrindo.

— Quinn, você veio. Você não esqueceu de mim. Você veio — ela disse. Eu estava chocado. Ela era tão real quanto tinha sido em casa, só que estava usando o maravilhoso vestido vinho que usava no sonho.

— Oh, graças a Deus, você está bem! — eu exclamei. — Aquilo não podia durar para sempre.

— Não pense nisso agora, meu querido. Agora você sabe, e sabe para que era a quinta corrente. Apenas fique comigo, meu querido.

Eu me sentei e ela sentou ao meu lado. Virei para ela e nossos lábios se encontraram. Eu a beijei sem jeito, ela enfiou a língua na minha boca, eu fiquei excitado como tinha ficado em casa.

Eu era um homem pleno agora, separado dela, mas preso a ela, encantado com o vestido vinho decotado e com os mamilos rosados tão próximos, e ah, que lindo o camafeu preso a uma fita preta no seu pescoço.

Os seios de Rebeca estavam apenas parcialmente cobertos pelo vestido vinho, eu enfiei a mão no vestido e quando senti os mamilos enlouqueci.

— Eu te amo, realmente amo você — eu disse com os dentes cerrados, puxando seu vestido para baixo e beijando os seus mamilos até ela puxar minha cabeça para cima.

Olhei nos olhos dela.

Eu a desejava demais para conversar, e ela permitiu, pegou a minha mão e colocou-a sob a saia do vestido. Real, tudo real, só prazer e loucura, e

finalmente seu pequeno sexo me chamando, se fechando em mim, e então o momento do clímax, tão repentino, tão vibrante, tão total. Tão final.

Deitado sobre ela, eu a olhava e fiquei sem ar ao ver o rubor na face de Rebeca. Cochichei umas obscenidades, umas grosserias, mas eu estava tão plenamente satisfeito, tão embriagado que não seria capaz de questionar qualquer coisa naquele momento. Eu a beijei de boca aberta, com a mesma paixão da primeira vez.

Deitei ao seu lado, num estado de torpor pelo cansaço, e agora era ela que olhava para mim.

— Seja o meu vingador, Quinn — ela disse baixinho. — Conte a minha história para o mundo, sim, mas seja também a minha vingança.

— Mas como, Rebeca? Como posso fazer isso agora que aqueles que a torturaram já se foram? — Eu me sentei e a empurrei gentilmente para trás.

Parecia que ela estava com pressa. Nós dois nos sentamos.

— Explique para mim, Rebeca, o que eu posso fazer para dar paz ao seu espírito?

O horror daquela cena retornou na minha cabeça, a imagem pavorosa de Rebeca pendurada naquele gancho, nua e indefesa, e daqueles dois demônios a torturando.

— Foi Manfred, não foi? — eu perguntei. — O que eu posso fazer, Rebeca, para a sua alma encontrar a paz?

Ela não disse nada, apenas me beijou novamente.

— Você sabe que você também se foi, Rebeca, junto com aqueles dois que fizeram aquilo, por mais terrível que fosse.

Eu tinha de falar, eu tinha de dizer para ela, Rebeca, agora não tem

mais ninguém vivo para sofrer pelo que foi feito.

— Não, Quinn, eu estou aqui — ela disse docemente. — Eu estou sempre aqui, vejo você sempre, eu vejo tudo. Seja a minha vingança, Quinn. Lute por mim.

Eu a beijei outra vez. Cobri seus seios de beijos. Ficamos abraçados e senti o veludo do vestido vinho. O cabelo dela estava solto, tinha se emaranhado no nosso amor, e então eu suspirei, beijei o rosto dela e novamente mergulhei numa escuridão fresca e envolvente, como se eu tivesse entrado sem corpo no próprio ato sexual.

Sono. Quanto tempo dormi? Horas e horas.

Então subitamente despertei. Senti o calor, o suor.

E a escuridão! Deus do céu, a escuridão!

Era noite na ilha de Sugar Devil. Noite no pântano de Sugar Devil. Oh, de todos os erros idiotas que podia cometer, cair num sono embriagado ali, a uma boa hora de casa. com todas as criaturas do pântano vagando e famintas. De que servia um revólver? De que adiantava o rifle se uma cobra caísse em cima de mim de uma árvore? Não me incomodava de ter de cutucar os crocodilos para espantá-los, mas e o resto, inclusive os gatos-domato, que saíam para se alimentar depois que escurecia?

Eu me levantei, furioso comigo mesmo. E eu tivera tanta certeza de que não seria enganado por ela, de que a conhecia na sua maldade.

Então tudo voltou de uma vez. o que tinham feito com ela, e gemi em voz alta.

Vingança? Ah, o que eles tinham feito bastava para transformar um coroinha num espírito vingador. E ela morreu daquele jeito, eu sabia disso. Ela morreu e apodreceu ali, mas será que pretendia que sua vingança recaís-

se sobre mim?

Eu vi o sêmen pegajoso nas tábuas do assoalho, brilhando à luz da lua, espiei pela janela e agradei a Deus por aquela lua. Eu precisava daquela lua. Talvez pudesse escapar dali com aquela lua.

Fiz o sinal-da-cruz. Pus a mão no terço sob a camisa. (Este não é bento, mas terá de servir.) Rezei rapidamente, cheio de vergonha, uma ave-maria, e pedi perdão à Santa Virgem, com minhas próprias palavras, por invocá-la apenas quando tudo parecia perdido.

Então descobri para meu horror que minha calça ainda estava aberta. Tinha rezado para a Virgem Maria exposto daquele jeito. Cobri-me imediatamente e rezei mais três orações antes de encontrar o caminho para a escada e descer para o primeiro andar.

Peguei a bandeja de ouro com sua pequena floresta de velas de cera, tirei meu isqueiro do bolso e rapidamente acendi todos os pavios. Carregando minha pequena bandeja de luz, saí pela porta da Ermida e olhei lá para fora. Sim, a lua estava lá, dava para ver daquele ponto elevado, mas o pântano era completamente negro, e quando eu saísse daquela clareira, quando entrasse naquele negrume, a lua talvez não servisse de nada.

Claro que eu não tinha uma lanterna ou um lampião. Não tinha planejado aquilo! Na verdade, se alguém tivesse me perguntado se eu iria passar a noite na ilha de Sugar Devil, eu teria respondido que não, que era loucura.

— Esperem até eu arrumar este lugar — eu disse em voz alta. — Terei eletricidade por toda parte. E estas janelas terão vidro. Talvez tenham telas também. E este assoalho de tábuas será coberto de mármore que o pântano não poderá consumir com a sua umidade infernal. Não, isso aqui será um palácio romano, com mobília romana ainda mais elaborada, e o fo-

gão... vou comprar um fogão novo. E aí, se eu ficar preso aqui, terei almoçadas macias num sofá para dormir, muitos livros para ler à luz de belos abajures.

Eu parecia estar tendo uma visão do lugar, e o destino de Rebeca não fazia parte do que eu via. Era como se a sua morte pavorosa tivesse sido apagada.

Mas e agora? Agora eu estava naquela maldita floresta, numa casa na árvore!

Tudo bem, e se eu ficasse lá e não tentasse encontrar o caminho de volta naquela situação abominável? E se eu simplesmente lesse alguns daqueles velhos livros à luz de velas, com o revólver à mão para qualquer emergência que seres humanos ou animais pudessem representar?

Bom, a pior consequência disso seria que todos na Mansão Blackwood iriam pensar que algo de terrível aconteceu comigo. Na verdade, eles podiam estar me procurando naquele exato momento. Era mais do que apenas uma possibilidade. Eles podiam estar por aí num barco, com lanternas e lampiões.

E isso não seria motivo para eu ficar onde estava?

Pus a bandeja com as velas em cima da mesa, saí pela porta da frente, atravessei a clareira diante da Ermida e logo cheguei à margem.

Era incrível que umas poucas velas pudessem iluminar as janelas da Ermida. De fato, qualquer um que se aproximasse num barco não poderia deixar de vê-la. Talvez fosse melhor mesmo ficar lá.

Mas se isso era verdade, por que parecia uma decisão covarde? Por que eu sentia que devia voltar para tranquilizar aqueles que me amavam?

Verifiquei a barcaça. Não, eu não tinha lanterna ou lampião. Que

surpresa.

Então examinei o pântano. Procurei ver o que havia à minha frente. Tentei avistar o pequeno canal pelo qual tinha chegado lá. Não consegui ver nada na escuridão.

Andei pela ilha da melhor maneira que pude. Por que motivo exatamente, eu não sabia. Talvez quisesse sentir que estava fazendo alguma coisa, e fiquei escutando, com muito cuidado, caso alguém chamasse meu nome.

É claro que ouvi os inúmeros pássaros noturnos e os ruídos gargarejantes que saíam da água, mas nenhuma voz humana.

Voltei ao local onde tinha amarrado a barça e lá estava Goblin, minha imagem espelhada perfeita, olhando para mim intensamente, e a figura dele parecia iluminada, como se fosse sólida, pela luz das velas que vinha da casa.

Que espetáculo maravilhoso, eu pensei, poder criar tal ilusão, e vasculhei meu cérebro tentando lembrar se ele já tinha feito algo tão espetacular antes.

Eu o tinha visto nas sombras, no escuro e com luz, é claro, mas nunca tinha visto a luz incidindo sobre ele, delineando seus ombros e seu rosto. Ele fez um gesto súbito com a mão direita, pedindo que eu chegasse mais perto.

— O que você quer? — eu perguntei. — Não vai me dizer que pode ser útil.

Cheguei perto dele e ele estendeu o braço esquerdo para me fazer virar. Então apontou para o pântano.

Por um momento tudo que eu vi foi um clarão distante de luar, isto é, uma abertura no mato cerrado a muitos metros de onde estávamos, onde

a água cintilava com intenso brilho. Depois ouvi o som de alguma coisa batendo na água. E a mão esquerda de Goblin apertou meu braço, e ele fez um sinal com o dedo indicador para eu ficar quieto.

Ele apontou de novo para aquele ponto visível distante e nele deslizava uma barcaça aparentemente conduzida por um homem. E visualizei nitidamente a figura de um homem.

Estava de calça e paletó, talvez uma calça jeans, isso eu não vi, e enquanto eu observava junto com Goblin, ele ergueu um corpo humano da barcaça e deixou-o cair na água lentamente, sem fazer ruído.

Fiquei confuso. Goblin apertou tanto o meu ombro que chegou a machucar.

Agora a figura distante parecia estar fazendo a mesma coisa de novo. Com uma habilidade e força inconcebíveis ele ergueu outro corpo e deixou-o cair na água lamacenta.

Fiquei paralisado. Estava horrorizado. A idéia de eu mesmo estar correndo perigo não me passou pela cabeça. O que dominava a minha mente era a sensação amarga de que dois cadáveres tinham acabado de ser jogados na escuridão letal do pântano, e que ninguém, mas ninguém mesmo, iria acreditar em mim quando voltasse para casa com essa história.

Só aos poucos eu fui compreendendo que a figura tinha parado de se mexer e que provavelmente estava de frente para mim, e que o homem olhava para nós e que Goblin e eu estávamos parcialmente iluminados pelas velas na casa.

Lá do meio do pântano veio o som de uma risada. Era grave, borbulhante, como as vozes das minhas visões, mas era real, aquela risada não era espectral. Vinha daquele homem.

Enquanto eu observava, enquanto Goblin e eu observávamos juntos, a figura conduziu a barcaça para a escuridão e desapareceu.

Por alguns longos e angustiantes minutos Goblin e eu ficamos lá parados, e era mais do que um consolo sentir o braço esquerdo de Goblin no meu ombro, poder apoiar meu peso nele, numa intimidade que eu nunca teria com um ser humano.

Mas eu sabia que ele não podia manter a forma sólida por muito tempo. E eu também sabia que ele ouvira aquele indivíduo, aquela figura que acabara de se desfazer de dois corpos. Goblin saberia qual o momento seguro para sair dali.

Ficamos lá o que pareceu uma eternidade, imóveis e cautelosos, então Goblin me disse telepaticamente que devíamos fugir da ilha da melhor maneira possível.

— E se nos perdermos, se ficarmos irremediavelmente perdidos? — eu perguntei sussurrando.

Eu levo você, respondeu Goblin. E depois ele desapareceu. Em um segundo as velas da casa se apagaram e meu amigo me empurrou para a barcaça sem demora.

Ele me conduziu por todo o caminho até a Fazenda Blackwood, às vezes na escuridão total, outras vezes à luz da lua. Em menos de uma hora vi as luzes da casa brilhando abençoadas através das árvores, e fui direto para o cais.

As pessoas gritavam. Ouvi alguém chamar. Então eu corri para a porta da cozinha e Pops saiu para me abraçar.

— Graças a Deus, filho — ele disse. — Nós não sabíamos que diabinos tinha acontecido com você.

Tia Queen desceu a escada secando os olhos.

O xerife Jeanfreau tinha ido para lá com um dos seus inúteis assistentes, Henderson, o Feio. Todos os homens do barracão berravam, ‘Ele voltou para casa, ele está bem!’

Na mesma hora disparei contra Jasmine, ‘Que idéia foi aquela de pôr cerveja no isopor?’, e ela respondeu que não tinha sido ela, que quem tinha preparado o maldito isopor tinha sido a mãe dela, e aí Grande Ramona disse que nem tinha acordado quando eu parti (o que era verdade), e Jasmine lembrou que na verdade tinha sido Clem. E onde diabos estava o Clem?

Não me importei. Eu queria jantar. Queria que todos se reunissem na cozinha e ouvissem para eu só ter de contar essa história uma vez.

Exigi que o xerife Jeanfreau ficasse. Até quis que o inútil e irritante Henderson, o Feio, ficasse. Disse para todo mundo que queria que ouvissem o que eu tinha para contar.

Enquanto isso, uma vez que eram apenas nove horas pelo meu relógio, pedi a um dos homens do barracão que levasse o filme até a loja de conveniências de Ruby River para revelar as fotos em uma hora, conforme alardeava o cartaz na vitrine.

— Onde está Goblin? — eu perguntei de repente.

Eu estava na cozinha. Grande Ramona tinha acabado de me dar uma toalha molhada. ‘Goblin, onde está você?’, e então compreendi que, depois de tudo o que tinha feito, ele não teria mais poder para se fazer sentir, ser visto, ou ouvido.

... E assim, profundamente agradecido, e com respeito renovado por ele, e um novo amor, eu o deixei em paz.”

“ — NÃO ACREDITARAM em uma só palavra do que eu disse. Quando despejei loucamente o horrível sonho da tortura de Rebeca, o xerife Jeanfreau simplesmente riu de mim, riu do meu sonho de que era homem e mulher ao mesmo tempo e só quando de repente tia Queen se impôs exclamando, 'Tor favor!', ele parou de rir.

Quando passei a descrever o misterioso desconhecido se desfazendo dos dois corpos, o xerife Jeanfreau começou a rir de novo e seu inútil assistente Henderson, o Feio, fez até um comentário jocoso.

Patsy, que tinha entrado na cozinha em algum momento do meu testemunho, ecoou a zombaria de Henderson e começou a rir também.

E quando contei que Goblin tinha me conduzido na volta do pântano, o xerife quase rolou no chão de tanto rir.

Eu ignorei tudo isso com paciência exemplar, devorei dois pratos de panquecas feitas por Grande Ramona e olhei para tia Queen.

— Você sabe que Rebeca foi assassinada lá, tia Queen. Tudo que peço é que alguém vá até lá e recolha os restos mortais para fazer um exame de DNA!

— Oh, Quinn, meu querido — suspirou tia Queen.

Quanto ao Pops, já passava muito da hora de ele ir para a cama e ele parecia ter sido atropelado por um caminhão. Eu sabia que ele se preocupava muito comigo.

Então chegaram as fotos da revelação! *As fotos!*

E eu as distribuí para quem estava à mesa como cartas de um bara-

lho. E as fotos estavam boas. Não dava para definir muito bem os restos de Rebeca nas fotos, mas era possível ver com clareza as cinco correntes. E é claro que as fotos do lado de fora da própria Ermida e do mausoléu saíram muito boas.

— Agora vocês sabem sem sombra de dúvida — eu disse — que há uma casa lá, não podem negar isso. E se esse metal aqui — eu pus o dedo em cima da fotografia — não é ouro puro, então meu nome não é Blackwood.

O xerife estava tendo mais um ataque de riso quando tia Queen fez um gesto para ele parar.

— Muito bem — ela declarou. — Todos nós ouvimos o que Quinn tinha para dizer. Agora, essa ilha é real, e ele conhece o caminho para lá, e segundo ele esses corpos misteriosos foram jogados num lugar a alguns metros da praia da ilha. Ou seja, ele pode levá-los ao lugar exato em que ele avistou o homem jogando os corpos, e uma busca naquela área seria perfeitamente factível.

O xerife não conseguia controlar o riso.

— Ora, Miss Queen — ele disse —, sabe quanto a admiro, como a todo mundo por aqui...

— Obrigada, xerife — ela respondeu logo. — Na véspera do Ano-Novo eu espero um tributo de sete rapazes e sete moças, escolhidos a dedo, é claro.

Então foi a minha vez de morrer de rir, porque eu sabia que ela se referia ao mito do minotauro, mas ele não tinha a menor idéia do que ela estava dizendo e só olhou para mim, depois para ela, e eu era suficientemente idiota aos dezoito anos para me sentir superior a ele.

Tia Queen continuou sem pestanejar, ignorando o meu prazer.

— Bom, eu pagarei pessoalmente pela coleta e empacotamento dessas correntes e do resíduo preto que Quinn descreveu. Pagarei para que tudo seja completa e devidamente analisado, e irei mais longe, mandando fazer um exame de DNA para determinar, além de outras coisas, se foi apenas uma pessoa que morreu naquele lugar, ou mais de uma, e se Rebeca Stanford — de quem convenientemente temos fios de cabelo numa escova guardada lá no sótão — de fato morreu lá naquele lugar. — Ela fez uma pausa de efeito e Semicerrou os olhos.

— Tudo que peço do senhor, xerife — ela continuou num tom bem matriarcal —, é que vá até lá e procure esses corpos misteriosos. Suponho que o senhor e Pops podem ir num barco a motor ao amanhecer.

— Os motores de popa não chegarão lá — eu opinei. — Teremos de levar a barça, como eu fiz. Os ciprestes são densos demais.

— Muito bem, Pops sabe como manejar a vara e suponho que o senhor também, xerife Bobby Jeanfreau! Então trate de cuidar disso e considere-se oficialmente encarregado de encontrar aqueles corpos. Do exame laboratorial cuidarei eu mesma através do meu médico particular, pois imagino que Ruby River não tem um patologista na sua folha de pagamento que tenha qualificação nessa área.

Naquele momento o xerife, que tinha sido ridicularizado por mim, sorriu um pouco e perguntou:

— E posso nomear Goblin meu assistente, madame, para ele mostrar para Pops e para mim o caminho até a ilha?

Dessa vez foi Pops que ficou irritado, apesar de usar um tom de voz baixo e bastante apático, dado o estado das coisas.

— Não precisamos fazer de Goblin nosso assistente — ele disse. — Mas eu acho que você precisa mesmo de uma verdadeira equipe lá, não só para encontrar esses corpos, mas para examinar a cena do crime com as correntes e esses resíduos. Precisa de alguém para dar um caráter oficial a essa averiguação.

— Ora, Pops, você sabe que isso não é nada... — o xerife retrucou. Ele teimava mais do que nunca e bancava o ignorante também. Mas Pops insistiu, e o tom de voz dele não mudou, só o que ele disse.

— Agora escute aqui, xerife. Um corpo lá no pântano, mesmo no segundo andar de uma casa, pode se decompor em poucos anos. E é possível que Quinn tenha encontrado a cena de um crime, e pode ter encontrado até o próprio criminoso. Eu insisto que leve uma equipe até lá, e se não fizer isso vou chamar o FBI.

Não sei bem por que isso deixou o xerife apavorado, mas de acordo com alguns boatos do que acontecia na cidade de Ruby River, inclusive a rinha de galos (que não é ilegal na Louisiana, por falar nisso), eu achei que ele não queria o FBI farejando por lá, por isso ele concordou com as exigências de Pops.

Pops tentou me impedir mas eu segui o xerife até o carro dele, e continuei falando daqueles dois corpos.

— O senhor tem de verificar para ver quem está desaparecido! Estou dizendo que eu vi. Dois corpos, jogados no pântano. O senhor precisa procurar.

— Uma coisa de cada vez — disse Pops. — Deixe que eles investiguem a casa. E depois se você achar que pode indicar o lugar onde esse desconhecido jogou os corpos, insistiremos numa busca.

Finalmente o xerife e seu assistente debochado saíram da propriedade, e tia Queen e Pops pediram que eu ficasse e que todos os outros saíssem da cozinha para ficarmos sozinhos.

Patsy se aborreceu de não poder ficar, mas Pops lançou-lhe um dos olhares mais sinistros que eu tinha visto e ela finalmente se retirou, de mau humor, para o seu apartamento em cima do barracão.

Ouvi então um sermão amargo de Pops por eu ter desobedecido tia Queen e ido sozinho para o pântano, por eu ter ‘roubado’ o seu revólver, e fez afirmações graves, dizendo que eu correria sérios riscos agora, e que já era hora de deixar a Fazenda Blackwood e correr o mundo.

— O que quer dizer com ‘correr o mundo’? — eu perguntei. — Não está vendo essas fotografias? Há um túmulo de ouro lá, Pops, precisa descobrir o que tem dentro, e há a casa. Não vou a lugar algum. Pops, você sabe o que eu quero fazer. Quero levar eletricidade para aquela casa, sabe, levar os cabos pelo pântano. Quero limpá-la e torná-la habitável de novo, uma verdadeira Ermida, mas só posso fazer isso depois que eles recolherem e analisarem os restos de Rebeca. Só posso fazer isso depois de fazer justiça para Rebeca, mesmo que, para dizer a verdade, Rebeca não esteja sendo correta comigo.

Ele parecia triste e cansado, chegando lentamente à exasperação.

Mas eu fiquei firme.

— E precisam pegar esse desconhecido — eu disse. — Esse assassino, esse bandido que está jogando corpos no nosso pântano.

E Pops sofreu uma mudança final, uma mudança que eu tinha visto acontecer muitas vezes no passado. Ele ficou furioso, furioso comigo, do jeito que ficava com Patsy.

— Você está ficando de miolo mole, filho — ele disse. — Você precisa dar o fora daqui. Pode se inscrever na Universidade Estadual da Louisiana em Baton Rouge se quiser ficar perto de casa, mas acho que devia ir para o leste, para Harvard. Tia Queen já examinou todo o material que Lynelle entregou a ela sobre seu currículo escolar e as provas que fez, e você poderia facilmente entrar em qualquer faculdade boa agora. Você vai sair daqui.

— Meu querido — disse tia Queen —, Pops tem toda razão. Você tem de pensar agora no seu futuro no mundo e não nos mistérios e histórias daqueles que um dia viveram nesta casa. Esta casa estará aqui à sua espera toda a sua vida. Mas agora você está numa idade em que as impressões significam tudo, e é hora de ir.

Eu fiquei calado. Deparava-me com uma resistência total. Fiquei imaginando se os crocodilos podiam comer aqueles corpos tão depressa a ponto de não sobrar mais nada. Fiquei pensando se poderia indicar o lugar na ilha onde eu estava quando vi aquilo acontecer.

— Vá para a cama, Quinn — disse tia Queen gentilmente. — Eu sei que você viu alguma coisa lá. Não duvido de você. E é lógico que a Ermida existe. Você trouxe provas disso. Mas já é tarde e não se pode fazer nada até amanhã de manhã.

Lá em cima encontrei Grande Ramona na minha poltrona perto da lareira apagada, com seu terço na mão. Seu cabelo branco e farto já estava trançado. Ela vestia sua melhor camisola de flanela com flores cor-de-rosa. Ela me abraçou com força, eu fui tomar uma chuveirada e trocar de roupa.

Depois fizemos as nossas orações da noite, eu disse que estava cansado demais para rezar o rosário inteiro, e logo nos aninhamos como duas

colheres e eu me lembrei daquele misterioso desconhecido à luz fraca da lua.

Então ouvi o computador sendo ligado. Uma luz verde emanava do monitor.

Que chateação, eu pensei.

— Goblin, por que você faz essas coisas? — murmurei, mas depois ouvi um som estranho. Eram as batidas das teclas do computador.

Pulei da cama, fui para a saleta de estar e fiquei olhando para o computador. Ele tinha digitado uma mensagem:

QUINN, PERIGO POR TODA PARTE, ESTOU COM MEDO.

Fiquei atônito. Ele nunca tinha feito aquilo antes. Ligar e desligar, sim, mas escrever sem usar a minha mão? Sentei diante do computador e escrevi o que ia dizendo em voz alta.

— Goblin, eu te amo. Não poderia voltar para casa sem você. Explique o que quer dizer quando fala em perigo.

Afastei as mãos do teclado e observei as teclas sendo apertadas com rapidez, parecendo mágica, e ele escreveu:

VEJO PERIGO PERTO E LONGE. VÁ EMBORA. EU TE AMO. NÃO AME REBECA.

Comecei a responder sussurrando, isto é, falando em voz alta para ele, como sempre fiz — dizendo que ele não tinha de se preocupar — quando as teclas começaram a martelar de novo e vi o que ele escrevia na tela:

PELO COMPUTADOR, QUINN. ESTOU FORTE NA ELETRICIDADE, NÃO TENHO FORÇA AGORA PARA MAIS NADA. CANSADO DE MAIS POR CAUSA DO PÂNTANO. QUINN, VÁ EMBORA.

Isso me deixou confuso, mas combinava com a compreensão maior que eu tinha dele agora, por isso digitei:

‘Goblin, quem era aquele desconhecido? De quem eram os corpos?’ ‘Eu não sei’, foi a resposta dele. ‘Os corpos estavam mortos.’ Esse era um exemplo típico do raciocínio de Goblin. Fiquei lá sentado um longo tempo sem respirar e então escrevi: ‘Goblin, eu te amo. Nunca pense que não amo você. Tenha paciência comigo e com o meu comportamento instável.’

A resposta não veio e antes que eu pudesse apertar a tecla para salvar e armazenar aquele pequeno diálogo o computador desligou sozinho. Ou melhor, Goblin o desligou.

— O que isso significa? — eu disse em voz alta, olhando em volta. Mas nenhuma resposta veio da escuridão. Não havia nada a fazer senão voltar para a cama...

E ficar lá deitado, acordado, avaliando tudo que tinha acontecido, inclusive o fato de Goblin agora poder escrever no computador sem usar a minha mão esquerda para isso... uma descoberta assustadora, mas que estava toda embaralhada na minha cabeça com a consciência de que ele havia me tirado do pântano.

Resumindo, o que eu quero dizer é que eu me senti culpado de ter maltratado Goblin.

Goblin conquistou minha admiração de novo, como quando eu era menino e ele me ensinava a soletrar palavras complicadas. Goblin e eu estávamos próximos novamente. Goblin sabia que eu dizia a verdade. Goblin compreendia tudo.

Eu fiquei animado e ao mesmo tempo rejeitei totalmente a mensagem dele. Estávamos próximos, e era isso que importava.

Mas íamos ficar ainda mais próximos.

No meio da noite, Grande Ramona roncava e eu dormitava, meio dormindo, meio acordado, sonhando com Rebeca, quando um desconhecido entrou no quarto.

Goblin pôs a mão no meu ombro para me acordar e me avisar. Eu dormia do lado esquerdo da cama e estava virado para a esquerda, e quando abri os olhos vi Goblin olhando fixo através de mim, na direção da lareira. E Goblin apertou meu ombro, o que na ilha tinha significado cuidado.

Rolei para o outro lado naturalmente, como se estivesse dormindo.

Vi a figura perto do consolo da lareira e medindo-o por ali calculei que era um homem alto e pela silhueta percebi que não era ninguém que eu conhecia, embora a forma combinasse com a forma do homem que vira no pântano ao luar.

Deu para ver o contorno de uma cabeça calva, ombros largos e o brilho de uma mão no consolo da lareira. Tive certeza de que era o mesmo homem! Ouvi um barulho vindo do consolo. Havia alguma coisa branca lá.

E então ouvi uma risada grave.

Pulei da cama como um raio apesar de Goblin tentar me impedir com toda força. Atravessei o quarto correndo descalço e ouvi o som de papel sendo amassado. Avistei no escuro uma bola de papel amassado jogada na lareira.

Antes de eu dar mais um passo o homem desapareceu.

Vasculhei o quarto com os olhos. Corri até a porta aberta e vi o corredor vazio. Não havia ninguém no sótão, nem no andar térreo.

Todos os hóspedes da Mansão Blackwood dormiam e os moradores também. E da janela da cozinha pude ver Clem, o vigia da noite, no barra-

ção bem iluminado, recostado com os pés para cima, assistindo à televisão.

Meu coração estava disparado.

De que serviria soar o alarme? Quem acreditaria em mim daquela vez? Voltei para o meu quarto e peguei o papel amassado na lareira. E já sabia o que era antes de ler. Era a minha carta para o invasor da ilha de Sugar Devil, avisando para ele sair da propriedade.

Alisei o papel e virei do outro lado. Não havia resposta escrita na parte de trás. Então lembrei das batidas no consolo da lareira e havia mesmo uma carta lá, ou pelo menos uma folha de papel branco dobrada.

Fiquei animadíssimo! Ali estava a prova fumegando. Peguei o papel com as mãos literalmente trêmulas e levei para a minha mesa. Acendi a pequena luminária torcendo para não acordar Grande Ramona.

O papel branco era grosso e novo, e a caligrafia era rebuscada, com letras grandes. Senti o cheiro do nanquim que tinham usado para escrevê-la. A carta dizia mais ou menos o seguinte:

Tarquin, meu adorado rapaz.

Não achei tanta graça no seu aviso como talvez alguém pudesse esperar. Ao contrário, fiquei bastante ressentido com a sua intrusão numa parte do pântano de Sugar Devil à qual tenho direito tácito, graças à generosidade e previsão do seu tataravô Manfred. Se não tivesse visto você esta noite e reconhecido o jovem sensível e sério que você é, poderia ter ficado ainda mais ofendido do que estou.

Assim sendo, deixe-me explicar que quero que você não apareça mais na ilha, e meu desejo expresso é que ninguém da sua família venha para cá. Eu dou muito valor à minha privacidade, Tarquin, talvez mais do que você dá à sua vida. Pense nisso, meu rapaz. O Morador da Ermida

Eu dobrei a carta e sem me incomodar de vestir um robe ou chinelos, como tinha feito na minha perambulação à procura do homem, desci para o quarto da tia Queen. Abri a porta com a naturalidade de uma criança.

A luz estava acesa, é claro, e tia Queen estava recostada na sua *chaise-longue*, coberta de diamantes e lençóis de cetim, comendo meio quilo de sorvete cor-de-rosa.

Jasmine, que estava instalada lá com ela, dormia profundamente na cama.

Da televisão se ouviam as vozes baixas de Bette Davis e Olivia de Havilland.

— Tarquin — tia Queen foi logo dizendo. — O que é? — Ela tirou o som da televisão. — Parece que você viu o fantasma de Banquo. Venha aqui me dar um beijo.

Beije-a com muita disposição.

— Ele foi ao meu quarto, tia Queen — eu disse ofegante, sacudindo a carta na cara dela. — E deixou esse bilhete. Eu o vi, tia Queen. Ele ficou parado perto da lareira. Goblin me avisou que ele estava lá. E esta é a carta que ele deixou para mim. Tia Queen, eu estou dizendo que alguma coisa envolvendo um crime está acontecendo por lá. E por mais louco que pareça, é algum tipo de sociedade byroniana.

— Deixe-me ver essa carta — ela disse e pôs o sorvete de lado. Jasmine levantou a cabeça e já estava saindo de baixo dos cobertores. Eu contei para as duas o que tinha acontecido no meu quarto. Jasmine então leu o bilhete e tia Queen leu uma segunda vez. Eu estava excitado demais para fazer qualquer outra coisa senão andar de um lado para o outro.

— Temos de passar a trancar as portas da frente e dos fundos — dis-

se Jasmine —, se as pessoas vão começar a entrar assim, sem bater.

— Nós não trancamos as portas da frente e dos fundos? — eu perguntei atônito.

— Não, você sabe que não — disse Jasmine. — Os hóspedes voltam às horas mais diversas de Nova Orleans. Você já teve chave da porta da frente ou dos fundos, Tarquin Blackwood?

— Esse cara riu de mim — eu disse, com a maior calma possível, que não era calma nenhuma. — Ele deu risada mesmo. Eu ouvi a risada dele e... — Eu parei de falar. Era a risada que eu ouvia naqueles ataques de tontura. Era a risada que acompanhava os pedidos angustiados de Rebeca. Oh, mas quem ia acreditar numa coisa dessas?

— Tarquin, o que é isso? — exclamou tia Queen. — Não fiquei aí parado. Jasmine, corra e diga para Clem verificar toda a propriedade. Diga para ele que um invasor esteve aqui. Depressa.

Jasmine saiu do quarto.

— Tarquin, pare de olhar para mim desse jeito — disse tia Queen. — Tem de haver um motivo para isso, quero dizer, alguma coisa que faça sentido. Talvez você esteja certo. Deve ser uma sociedade secreta que se reúne lá, você sabe, uma espécie de sociedade romântica clandestina, e um deles entrou nesta casa, que você sabe que fica aberta o tempo todo, e ousou subir a escada...

— Não há nada de romântico em se livrar de cadáveres — eu disse.

— Querido, talvez ele estivesse se desfazendo de outra coisa, apenas parecida.

Dei meia-volta e vi o vago contorno de Goblin ao lado de um dos postes do dossel da cama. Goblin balançou a cabeça para cima e para baixo

vigorosamente.

Eu olhei para ela. Ela olhava para o lugar onde Goblin estava.

— Eram cadáveres, tia Queen — eu disse. — Eu sei porque Goblin sabe e está com medo.

Ela ficou em silêncio, absorta, e depois olhou para mim.

— Meu doce menino. Vou providenciar para que isso seja investigado de todas as formas possíveis, pode deixar. Mas vou tirar você daqui.”

“ – NA MANHÃ SEGUINTE a ilha de Sugar Devil, que sempre foi o maior segredo da Fazenda Blackwood, recebeu uma dúzia de homens da lei, incluindo não só o xerife de Ruby River e seus assistentes, como também dois investigadores particulares contratados por tia Queen, dois técnicos de laboratório e dois agentes do FBI.

Assim sendo, a Ermida passou a ser conhecida publicamente. E eu, parado lá na margem indicando para esse pessoal o lugar onde tinha visto os corpos serem jogados no pântano, tive a visão não muito bem-vinda das pessoas ocupando todo o retiro sagrado de Manfred.

Pops teve uma indigestão grave depois do café da manhã e disse que simplesmente não podia nos acompanhar. Ficou bastante aborrecido com isso, mas não tinha mesmo condição.

Tia Queen, é claro, não devia fazer tal viagem, mas fez, e apareceu toda elegante com uma roupa cáqui esportiva, feito uma arqueóloga do século XIX. (Eu tinha esquecido que ela estivera na Amazônia um ano antes, num abrigo na selva.)

E é claro que Jasmine estava conosco, de calça jeans azul, que nunca usava, os seios apontando através de uma das minhas camisas xadrez herdadas, fumando cigarros Camel e olhando para todos desconfiada, senão com desprezo mesmo.

E eu fiquei lá, procurando ouvir qualquer coisa que atenuasse a sensação de isolamento e de ridículo.

Claro que ninguém encontrou os corpos no pântano.

Mas vasculhar dois a três metros de lodo no fundo não era tarefa fácil, e os jacarés que cercavam a ilha dificultavam bastante e pareciam ‘amigáveis’ demais, o que para mim significava apenas uma coisa: que esperavam receber alimento e provavelmente tinham acabado de se empanturrar com os corpos que vi caírem em cima deles.

Quanto aos restos, ou aos ‘resíduos’ do segundo andar, como passaram a ser oficialmente chamados, uma boa amostra foi tirada da casa pelo FBI e pelos técnicos do laboratório particular da clínica Mayfair, o gigantesco centro médico privado recentemente construído pela famosa família Mayfair de Nova Orleans, a família da qual o padre Kevin Mayfair era um membro ianque — que eu já mencionei para você antes.

O FBI estava lá porque eles tinham os recursos para recolher e testar os resíduos, e porque tinham arquivos completos e caros de pessoas desaparecidas que poderiam oferecer o DNA para comparar e selar a história de sofrimento da família de alguma vítima.

O pessoal da clínica estava lá porque eles também tinham um laboratório de última geração, e tia Queen os contratara para fazer o exame por nossa conta, já que a Ermida era uma benfeitoria na nossa propriedade.

O xerife estava lá para trocar banalidades, fazendo relatos exagerados sobre as ‘pegadinhas’ que aplicava nos amigos, e em geral para servir de cômica fonte de alívio.

Quanto à carta que o misterioso desconhecido tinha deixado para mim, não tinha sido entregue ao FBI como eu queria, e sim para a clínica. Isso destruiria uma ‘cadeia de provas’ se o DNA de pessoas desaparecidas recentemente fosse encontrado na Ermida? Não. Porque nada associava a carta à Ermida, a não ser meu pobre testemunho.

Pelo menos foi isso que eu entendi da situação na manhã daquela confusão geral em que agentes federais e a recalcitrância sulina bateram de frente num pântano denso e fedido, cheio de répteis e insetos.

Os agentes do FBI eram respeitáveis e respeitosos, e provavelmente por isso mesmo o xerife e seus assistentes mal reconheciam sua existência. Eu dava meu testemunho completo para quem pedisse, e isso incluía os técnicos da clínica, ambos tremendamente curiosos sobre a tarefa que tinham pela frente, isto é, a coleta de dados.

Ninguém tirou as impressões digitais da misteriosa mesa de mármore e da cadeira romana, porém mais cedo ou mais tarde todo mundo acabaria pondo a mão nelas.

Todos — até o xerife — ficaram impressionados com o mausoléu de ouro, se é que era isso mesmo, e os esforços repetidos das várias partes não obtiveram sucesso em descobrir alguma forma de abri-lo. As placas de ouro (o xerife insistiu que eram de bronze), eu repito, as placas de ouro estavam tão bem presas na moldura de granito que apenas um pé-de-cabra dos bons seria capaz de soltá-la, o que nós, orgulhosos proprietários do mausoléu, nos recusamos a permitir.

E finalmente no meio da tarde ficou decidido que iam interromper a busca pelos corpos e o xerife e seus homens saíram do pântano, amaldiçoando suas barcaças e as varas e os ciprestes com suas raízes e galhos gigantes, as glicínias e amoras-silvestres, e o calor e os mosquitos. Os agentes do FBI fizeram a mesma rota, mas se comportaram em geral de modo mais reservado, enquanto nosso faz-tudo local, Jackson, conduzia o barco deles, e não pareceu ser do estilo do FBI amaldiçoar as coisas.

Tia Queen, Jasmine e eu, junto com nossos homens do barracão,

Clem e Felix (ambos irmãos de Jasmine, e o que freqüentemente servia de motorista para tia Queen), que não queriam ficar sozinhos na ilha — Jasmine tinha visto a carta — corremos atrás do FBI e voltamos para o embarcadouro.

Uma vez a salvo na órbita da Mansão Blackwood eu disse para Clem e Felix que queria levar a eletricidade para a Ermida no futuro próximo, que eles por favor não esquecessem do que tinham visto. Tia Queen deu seu consentimento e por isso eles prestaram atenção no que eu dizia.

E eles também eram bondosos demais para zombar de mim. E estavam cansados, e eu lhes dei um prêmio em dinheiro, pelo qual Jasmine demonstrou uma certa inveja refinada. Por isso dei para ela também uma bonificação em dinheiro, que tinha certeza que ela não ia aceitar mas aceitou, enfiando o dinheiro conspicuamente no sutiã e piscando para mim.

Por conta disso eu a agarrei, inclinei-a bem para trás e a beijei com força, ao que ela sussurrou: ‘Quem prova um negro nunca mais quer saber de outra coisa.’ E eu quase morri de rir.

— Onde foi que ouviu isso? — eu perguntei.

— Sempre soube — ela disse. — É surpreendente você nunca ter ouvido falar. Cuidado com onde pisa, Patrãozinho.

E lá foi ela, ajudando tia Queen a subir a colina, as duas cochichando de forma suspeita uma com a outra.

Não sei por que eu sentia tanto medo. Todos sabiam que eu havia falado a verdade sobre a existência da ilha. Todos tinham visto a mesa de mármore e a cadeira de ouro. Todos tinham visto a estranha inscrição no mausoléu.

Então eu não tinha vibrado naqueles primeiros minutos daquela ma-

nhã quando a procissão de barcaças avistou a ilha? Sim, vibrei sim! E não fiquei feliz naquele momento de choque quando todos se amontoaram no segundo andar da Ermida para ver as terríveis correntes enferrujadas e a sujeira preta no chão? Fiquei sim.

Mas o que aquilo significava agora?

Eram quatro horas da tarde. O sol já estava baixo. A propriedade, apesar de toda a sua vaidosa magnificência, parecia desamparada.

Eu fiquei deprimido, muito deprimido.

Fiquei lá fora, além dos belos canteiros de flores de Pops, olhando fixo para as grandes colunas da casa, até tia Queen aparecer na varanda da frente e dizer que tinha me procurado por toda parte. Eu sabia que devia responder mas me pareceu difícil quebrar o silêncio que me cercava.

Eu sabia de alguma forma que o rosto jovial e doce de tia Queen era exatamente do que eu precisava na minha pequena alma egoísta, mas não conseguia falar. Pensei no misterioso desconhecido, pensei nos corpos deslizando para o lodo. Vi o luar como se brilhasse em mim naquele momento. Vi a figura imprecisa parada ao lado da lareira do meu quarto. Um pequeno clarão de luz na mão, na testa, no rosto. Terror. Sentia o mistério, sim, mas um pânico gelado.

Tia Queen se aproximou de mim. Ela falou comigo mas eu não ouvi. Então no silêncio ouvi a voz dela... dizia algo sobre haver homens de guarda na propriedade para proteção. Homens pagos de uma agência de Nova Orleans, excelentes seguranças.

No meu cérebro eu sabia que aquelas palavras significavam alguma coisa. Significavam algo de bom, e formei imagens mentais desses homens — postados perto das portas, sentados na sala de estar, na cozinha, na sala

de jantar. Eu formava imagens na minha cabeça. Quando não consigo pensar ou registrar algo, eu formo imagens. Eu escutava.

Mas nada atingia o pânico gelado que eu sentia, e o único recurso que me restava parecia ser a imobilidade.

— Quinn! — ela disse, pondo a mão no meu pescoço. Olhei para ela e pensei *Quanto tempo levará para ela morrer?* E a minha garganta ficou tão apertada que não consegui falar.

Finalmente subi à superfície. Peguei a mão dela e a beijei, e disse:

— Deixe-me ajudá-la a subir os degraus, você sempre calça esses sapatos impossíveis, olhe só para você, e se cair e fraturar o quadril, o que vai acontecer então, minha adorada tia, você não poderá ir para Katmandu ou Timbuktu, ou para a Islândia.

Ela segurou meu braço e entramos na casa, e depois de acompanhá-la até o quarto dela, cumprimentando o segurança sentado no canto da sala de jantar, eu subi a escada.

Essa lembrança está gravada... mas o que não está?

O pânico ainda me dominava. Será que ia se desfazer? Fui para o banheiro, tirei as roupas sujas do pântano e entrei no chuveiro.

Deixei a água quente cair em cima de mim, rezando, se é que eu era capaz de rezar, para que aquela sensação de desespero, aquele terrível desespero, me abandonasse. Procurei sentir de novo a excitação de quando descobri a ilha. Tentei sentir qualquer coisa que pudesse tirar aquele horrível desespero de mim. Mas a excitação tinha se transformado em medo, e eu era especialista em medo. Agora ele tinha outras fontes para se alimentar.

Eu devia estar de olhos fechados, porque subitamente percebi que Goblin estava no chuveiro comigo. Abri os olhos e vi Goblin bem na minha

frente.

Ele estava sólido, tão sólido que a água espirrava em cima dele, no cabelo, no rosto e nos ombros. Ele olhava para mim com olhos arregalados e acesos.

— Vá embora, Goblin — eu disse, o que eu sempre dizia quando ele interferia no meu banho.

Mas ele não deu sinal de que ia embora, e quando olhei bem nos olhos dele vi que teimava em não sair e que a água o tornava tremendamente forte. Também compreendi que jamais tinha visto a água espirrando nele daquele jeito. Nas outras vezes a água passava através dele. Ali ele possuía volume, tinha um novo poder.

Senti um medo repentino dele. Era como aquele dia na igreja, na missa de sétimo dia de Lynelle, quando ele se ajoelhou ao meu lado depois da comunhão.

O pênis dele estava ereto. E o meu também.

Sem tirar os olhos dos meus um só minuto, ele pegou o sabonete na prateleira de porcelana e ensaboou bem as mãos.

Mas como isso é possível? eu pensei. Mas ele estava fazendo aquilo, segurava o sabonete, e depois de pôr o sabonete no lugar ele pôs a mão esquerda por baixo dos meus testículos, segurou-os, e com a direita agarrou meu pênis.

— Não, não faça isso, pare, o que você está fazendo? — eu perguntei. Mas eu já estava embalado demais, o movimento da mão direita dele obedecia a um ritmo e meu pau foi ficando cada vez mais duro e minha força de vontade desapareceu.

Quando eu gozei, ele passou o braço esquerdo em volta de mim e me

segurou, e senti o pau dele ao lado do meu, e me apoiei no pescoço dele, por um momento incapaz de ficar de pé.

Quando acabou eu encostei nos ladrilhos quentes, ainda saboreando o prazer, fraco por causa do prazer, a água escorrendo suavemente, e olhei para ele confuso. A imagem de Goblin — se é que eu considerava uma imagem — estava mais vivida do que nunca.

Fechei os olhos. Sentia amor e ódio ao mesmo tempo. Mas acima de tudo eu sentia vergonha, e pensei que o mundo inteiro ia dizer que eu tinha feito aquilo sozinho, que eu estava inventando a história do Goblin. Mas tinha sido ele e eu sabia que ele podia fazer aquilo de novo sempre que eu quisesse. Ou sempre que ele quisesse. Mais uma vez. Sim, mais uma vez, para sempre. Goblin e eu para sempre.

Abri os olhos e ele continuava grotescamente ao meu lado, os olhos faiscando, os lábios sorrindo. Será que sou tão belo assim?, eu pensei. Não. Alguma outra coisa brilha nos meus olhos.

— Agora vá embora! — eu sussurrei furioso.

Ele encostou os lábios na minha orelha. Ouvi sua voz telepática dentro da minha cabeça, uma linha fina de palavras sob o troar do chuveiro. *Pops faz isso. Clem, Felix, os homens fazem isso. Faça amor comigo. Não com Rebeca. Rebeca não.*

Senti outra vez o braço dele no meu ombro, e quando ele se afastou eu o beijei de boca aberta, com tesão e mais íntimo dele do que de qualquer outra coisa viva, e então estremei.

Eu o empurrei com toda força e é claro que a minha força mental foi junto com aquele empurrão físico, e ele se dissolveu, e para horror meu surgiu vapor d'água no lugar que ele ocupava, como se uma fissura se abrisse

no chão para emitir aquele vapor, e depois não havia mais nada.

Ouvi baterem à porta. Ouvi Grande Ramona dizer “Tarquin Blackwood, saia já daí!”

Ela sabe, eu pensei, o mundo inteiro sabe. Zangado, eu me sequei e abri a porta para ela porque ela não parava de bater.

— Deus do céu — eu disse. — A casa está pegando fogo de novo? Então vi as lágrimas em seu rosto.

— É o Pops — ela disse. — Ele está brigando com a Patsy, lá fora dos portões. Aquela maldita Patsy. Venha, filho! Venha, você é o homem da casa agora, eles precisam de você!”

“ - HÁ DOIS PORTÕES na Fazenda Blackwood. O portão principal, que leva à alameda de nogueiras que vai dar na varanda da frente da casa, e o outro portão maior, a leste, para a entrada de caminhões de entrega e tratores.

Foi lá, ao lado do portão grande, que Pops plantou dois carvalhos enormes em memória de Sweetheart.

Aparentemente ele tinha ido de carro até lá, à tarde, com um tapete de balsamináceas multicoloridas para plantar em volta das árvores, projeto que ele vinha mencionando de vez em quando havia algum tempo. E mais tarde os homens do barracão disseram que ele parecia confuso e estranhamente despreocupado com o que acontecia na ilha de Sugar Devil. Um lado do seu rosto parecia torto e eles tinham pensado em ir atrás dele para verificar isso.

Patsy, por sua vez, fora até lá na sua caminhonete para conversar com Pops, vociferando para os homens do barracão que tinha de pedir dinheiro de novo a Pops e que detestava fazer isso, que não era justo, e tudo o mais. Deixara Seymour para trás porque ele não queria mais presenciar escândalos. Ele tinha ficado lá bebendo cerveja com os homens do barracão.

Foi Patsy que voltou de lá gritando, já tendo chamado por socorro pelo telefone do carro, e os homens do barracão a acompanharam até o portão e encontraram Pops morto ao lado dos canteiros de flores. As mãos dele estavam cheias de terra.

Grande Ramona, Jasmine, tia Queen e eu chegamos lá mais ou me-

nos na mesma hora em que chegou a equipe médica. Eles não conseguiram ressuscitá-lo, todos nós nos amontoamos em nossos veículos, tia Queen na ambulância com Pops, e rumamos para o pequeno hospital de Ruby River.

Mas estava tudo acabado para Pops. Nós já sabíamos disso quando o avistamos perto do carvalho. Soluçando descontroladamente, tia Queen pediu uma autópsia, dizendo que tinha de conhecer a causa da morte, e nós fomos tratar de providenciar o enterro.

Tia Queen provou estar totalmente incapacitada de fazê-lo.

Por isso, trêmulo e incoerente, fui com Jasmine para a funerária Mc-Neil e providenciei o traslado do corpo, o velório e acertei a ida para

Nova Orleans para a missa na Igreja da Assunção de Santa Maria e o enterro no cemitério Metairie.

Os gentis funcionários da funerária disseram que eu podia adiar todo o resto — a autópsia ia levar dois dias — mas achei melhor resolver tudo logo. Por isso escolhi um belo caixão de madeira-de-lei escura que achei que Pops gostaria, já que era tão habilidoso, e escolhi uma citação da Bíblia para a cerimônia do Livro dos Salmos, e contratei uma cantora para cantar os hinos preferidos de Pops, alguns católicos e alguns protestantes.

Quando cheguei em casa encontrei tia Queen arrasada e incapaz de fazer qualquer coisa senão soluçar, e não a culpei por isso. Ela não parava de dizer que uma mulher não devia ter de enterrar seu sobrinho-neto, que estava tudo errado, terrivelmente errado.

Chamamos sua enfermeira favorita, Cindy, para que fosse vê-la. Na verdade tia Queen não estava doente, mas como muitas vezes pedia para Cindy tirar sua pressão e coletar sangue antes das viagens para o exterior, Cindy foi a pessoa carinhosa a quem recorremos naquele momento.

Quanto a mim, fiquei em pânico, o mesmo pânico gelado que me acometia desde a morte de Lynelle, mas ainda não tinha atingido o pior estágio. Eu ainda sentia aquela espécie de euforia que vinha imediatamente depois do milagre da morte e, na ignorância da minha juventude, adotei uma atitude de ‘comando’ da situação.

Fui ao quarto de Pops, peguei seu melhor terno de domingo, uma boa camisa, cinto e gravata e entreguei tudo a Clem, para que ele levasse até Ruby River. Mandeí uma cueca também porque não sabia se iam precisar. Naquela hora tive a estranha sensação de que Pops poderia querer usar cueca.

Depois que Clem saiu e eu fiquei sozinho no quarto de Pops, Goblin apareceu e sem mais nem menos me abraçou com força. Ele parecia real como eu. Eu beijei o seu rosto e vi as lágrimas. Uma onda do amor mais íntimo passou de mim para ele.

Aquele foi um momento extraordinário, um momento de confusão e de contrição. E nos cantos escuros do meu subconsciente eu sabia que era um momento perigoso. Mas era meu coração que liderava.

— Goblin, eu amava Pops — eu disse. — Você entende, você compreende tudo.

‘Patsy. Má’, ele respondeu com sua voz telepática. Eu senti seus beijos no meu rosto e no pescoço. Por uma fração de segundo senti a mão dele no meu pau.

Afastei gentilmente sua mão. Mas o estrago já estava feito. Tive de me controlar. Então disse a ele:

— Não, não é culpa de Patsy — eu falei em voz alta. — Ela estava apenas sendo Patsy, só isso. Agora vá e deixe-me sozinho, Goblin. Preciso

descer. Tenho de providenciar as coisas.

Ele me deu um último abraço e fiquei admirado com a sua força. Não via nada que parecesse espectral ou efêmero nele. Mas ele desapareceu como eu havia pedido e os vidros do candelabro tremeram como se ele tivesse evacuado o quarto quando partiu.

Fiquei olhando para o candelabro. Não tinha me dado conta ainda de que ninguém vivo habitava mais aquele quarto dos fundos. Mas estava tentando entender. As coisas procuravam compreensão. Goblin tinha sido a imagem da minha alma sofredora. Oh, eu tinha julgado Goblin tão mal, mas quem ia entender isso algum dia?

Quando descí para a cozinha, Patsy estava sentada à mesa e ficou olhando para mim; Grande Ramona, em um dos bancos perto do fogão, olhava fixo para ela. Lolly estava lá também, toda vestida para sair, a pele cor de cobre e o cabelo crespo amarelo simplesmente deslumbrantes. Jasmine com seu avental estava no canto perto da porta dos fundos.

Eu podia ouvir tia Queen chorando em seu quarto. A enfermeira, Cindy, havia chegado e ouvi também o tom de simpatia em sua voz enquanto tentava consolá-la.

Os olhos de Patsy estavam vidrados e frios, e ela mastigava um chiclete que fazia seu maxilar parecer rijo. Pôs um cigarro na boca e acendeu o isqueiro. Estava com o cabelo eriçado que costumava usar em suas apresentações e usava nos lábios um batom cor-de-rosa cintilante.

— Então todo mundo vai querer saber sobre o que estávamos falando — ela disse.

A voz dela soou um pouco trêmula, coisa que eu nunca tinha ouvido antes, mas não tinha certeza se alguém mais havia notado.

— Seymour disse que você queria dinheiro — disse Jasmine.

— É, eu queria dinheiro — disse Patsy com a voz dura. — E não é que ele não tivesse para dar. Ele tinha sim. Esperem só até lerem o testamento dele. Ele nadava em dinheiro, e o que fez com ele? Mas não foi isso que o fez me xingar e gritar comigo, depois pôr a mão no peito, vomitar e morrer.

— E o que foi? — perguntou Jasmine.

— Eu disse a ele que estou doente — disse Patsy. — Disse a ele que sou soropositiva.

Silêncio. Então Grande Ramona olhou para mim.

— Do que é que ela está falando? — ela perguntou.

— Aids, Ramona — eu disse. — Significa que ela contraiu o vírus da Aids. Ela pode desenvolver a doença a qualquer momento.

— Eu é que estou doente — continuou Patsy — e é ele que morre porque ficou furioso comigo, furioso porque peguei essa coisa. Se me perguntarem, ele morreu de tristeza. De saudade da Sweetheart.

Ela parou de falar e olhou para todos nós.

— Foi a tristeza que o matou — ela continuou e deu de ombros. — Eu não o matei. Vocês tinham de ver o que ele estava fazendo lá. Tinha atropelado uma fileira de amores-perfeitos com a picape e estava pondo outra camada delas, como se nem soubesse o que tinha feito com a picape. Eu disse: Olha o que você fez, seu velho doido. E ele começou com aquela laidinha, ‘Você vendeu o vestido de noiva dela!’ Como se isso não tivesse acontecido há séculos, velho maluco, e ele disse que não ia me dar um centavo, e então contei a ele. Eu disse que tinha de pagar as contas do médico.

Eu fiquei chocado demais para pensar, mas ouvi minha voz pergun-

tando a ela:

— Como foi que você pegou?

— Como é que eu vou saber? — ela respondeu, olhando para mim com aqueles olhos vidrados que pareciam de pedra. — De algum filho-da-mãe aidético, provavelmente alguém que se picava, eu não sei, às vezes tenho uma vaga idéia e depois não sei mais. Não foi o Seymour, não vá pôr a culpa nele. E não vá contar a ele também. Nenhum de vocês diga nada disso para ninguém. Não vão contar para tia Queen. Seymour e eu temos uma apresentação esta noite. Mas o fato é que não posso pagar o resto do pessoal se não arranjar algum dinheiro.

O resto do pessoal eram os guitarristas que tocavam com ela.

— Você espera que um de nós vá lá pedir dinheiro para a tia Queen? — perguntou Grande Ramona. — Cancele sua maldita apresentação. Você não tem nada que ficar tocando hoje com seu pai morto na funerária em Ruby River.

Patsy balançou a cabeça.

— Estou completamente dura — ela disse. — Quinn, vá lá dentro e pegue algum dinheiro para mim.

Lembro que engoli em seco, mas não lembro quanto tempo levei para responder. Então me dei conta de que estava com o clipe de dinheiro do Pops no bolso da minha calça. No hospital tinham dado para mim, junto com as chaves e o lenço dele.

Tirei o dinheiro do bolso e olhei para ele. Era um maço de notas de vinte dólares, mas havia também notas de cem. Ele sempre guardava aquelas notas de cem para alguma emergência. Conteí tudo — mil dólares — e dei para ela.

— Você está dizendo a verdade sobre o HIV? — perguntou Jasmine.

— Estou, e vejo que todos vocês estão aos prantos — disse Patsy. — Ele bateu as botas quando soube. Vocês não passam de uma grande família solidária.

— Alguém mais sabe, além de nós? — perguntou Jasmine.

— Não — disse Patsy. — Eu acabei de pedir a vocês que não contassem a ninguém, não foi? E por que está me perguntando isso, está preocupada com sua preciosa hospedaria? Não sobrou ninguém para administrá-la, caso não tenha notado. A menos que todos vocês resolvam cuidar disso.

— Ela lançou um olhar malévolo para cada um de nós. — Imagino que o pequeno lorde Tarquin aqui poderia se tornar o mais jovem hoteleiro do sul, não poderia?

— Eu lamento, Patsy — eu disse. — Mas ser soropositiva não é mais uma sentença de morte. Há remédios, tratamentos.

— Ah, me poupe, pequeno lorde Tarquin! — ela exclamou.

— Esse vai ser o meu nome daqui por diante? Não gosto dele — eu disse a ela irritado. — Eu estava tentando dizer a você que houve avanços, há remédios e esperança. Há uma clínica especial que faz pesquisas, a Mayfair, é isso que estou tentando dizer.

— Ah, é, pesquisa, que ótimo, com a sua maravilhosa educação, você conhece tudo sobre essas coisas — ela resmungou. — O pequeno gênio de Lynelle. Não tem visto o fantasma dela ultimamente, tem?

— Patsy, você não vai se apresentar esta noite — Grande Ramona declarou.

— Você está recebendo um tratamento decente? — perguntou Jasmine.

— Conte-nos pelo menos isso.

— Ah estou, estou, sei tudo sobre tratamento decente — disse Patsy.

— Sou música, lembra? Pensa que eu nunca tomei pico? Provavelmente foi assim que me contaminei, agulhas, não na cama. E basta uma vez, e só me pico quando estou bêbada, e é isso aí, a senhorita Patsy Blackwood não vai durar muito neste mundo, porque se embriagou e se picou com a agulha de alguém, mas até agora não apresentou os sintomas.

Ela pôs o dinheiro na mochila e levantou da mesa.

— Aonde pensa que vai, menina? — disse Grande Ramona, levantando também e bloqueando a porta dos fundos. — Não vai cantar com seu pai morto.

— Vocês vão ver se não vou, e a apresentação é no Tennessee, por isso preciso pegar a estrada. Seymour está esperando.

— Você não pode sair daqui — eu disse. — Não pode deixar de ir ao enterro!

— Pode me esperar sentado — ela zombou.

Ela saiu e bateu a porta de tela. Corri atrás dela.

— Patsy, você vai se arrepender disso pelo resto da vida — eu disse. Corri ao lado dela até a van. — Patsy, você não está raciocinando direito. Ainda não caiu a ficha. Você precisa encarar isso. Todo mundo espera que você tenha sensibilidade e esteja lá. Patsy, escute.

— Como se a minha vida fosse durar muito, Quinn! A minha vida? Aquele velho. Eu disse a ele que tinha Aids e ele pirou! Devia ter ouvido quando ele me xingou e amaldiçoou o pessoal com quem eu ando. Quer saber quais foram as últimas palavras que ele me disse? ‘Maldito dia em que você nasceu’, e depois ele caiu, sufocando e vomitando. Eu não iria ao en-

terro dele nem que ele ressuscitasse dos mortos. Se você vir o fantasma dele, diga que o odeio. Agora afaste-se de mim.

Seymour e ela foram embora, cantando pneu e tudo, e eu fiquei lá parado, sentindo o pânico de novo, e em questão de segundos tive aquela idéia fria de que não me importava se Patsy fosse ao enterro ou não. Não ia amenizar em nada a dor que eu sentia. E provavelmente não tinha importância para ninguém mesmo.

Seria apenas uma daquelas coisas que as pessoas ficam comentando na cidade.

Só estar perto da minha Jasmine, ou de Grande Ramona, ou de tia Queen me ajudaria.

Voltei para casa. Senti o cheiro das panquecas que Grande Ramona fazia para mim, e a fome pareceu o motivo de estar vivo, razão para dar um tempo antes de dizer para a tia Queen que Patsy não ia ao enterro. Na verdade talvez eu nem dissesse nada para ela.

A autópsia ficou pronta em um dia.

Pops teve um enfarte fulminante.

O funeral foi grandioso. Começou com o velório à noite em Ruby River, ao qual compareceu todo tipo de gente, inclusive proprietários de lojas, técnicos em consertos, carpinteiros, marceneiros — resumindo, gente de todos os níveis, que Pops conhecia e que gostava muito dele.

Fiquei espantado com o grande número de jovens e rapazes que admiravam Pops e que diziam que ele tinha sido como um pai ou um tio para eles. Parecia que todos respeitavam Pops e que ele era muito mais conhecido do que eu imaginava.

Henderson, o Feio, e todo o seu clã estavam lá assim como os Dirty

Hodges, todos limpos, o que nunca tinha acontecido antes, já que a única banheira que tinham era repleta de peças de automóvel cheias de graxa. O xerife Jeanfreau chorava.

Quanto à ausência de Patsy, foi um escândalo completo. E a desculpa de que tinha um show para apresentar no Tennessee não amenizou em nada o que as pessoas acharam. Além da presença dela no funeral, as pessoas esperavam que ela cantasse.

Assim sendo, nós contratamos uma senhora mais velha que venerava Pops pelos favores que ele havia prestado a ela em muitos anos, e ela cantou bem.

Na manhã seguinte, quando a procissão saiu para a Igreja da Assunção de Santa Maria em Nova Orleans, a igreja na qual Sweetheart e Pops tinham se casado, as pessoas nas calçadas de Ruby River paravam em sinal de respeito.

Havia um velho trabalhador de chapéu de palha em cima de uma escada consertando alguma coisa na lateral de uma casa, e ele parou, tirou o chapéu e ficou segurando junto ao peito enquanto nós passávamos. Aquele gesto simples permanecerá na minha lembrança para sempre.

Então para a missa na Santa Maria ocorreu outra horda, muita gente do campo que tinha estado no velório, e centenas do lado da família de Sweetheart, o pessoal do Mardi Gras de Nova Orleans, e a procissão tinha mais veículos do que eu conseguia contar quando foi para o cemitério Metairie para deixar o caixão de Pops, com todas as orações apropriadas, na capela aberta.

Lá o sol estava a pino sobre nós, apesar dos poucos carvalhos adoráveis que faziam pouca sombra, mas graças a Deus o padre Kevin Mayfair foi

breve, e tudo que ele disse, tanto na igreja como no cemitério, foi espontâneo e do fundo do coração. Acho que quando ouvi o discurso do padre, eu voltei a acreditar na vida eterna, e achei que o meu pânico era um pecado contra Deus, o pecado do ateísmo.

Otimismo era uma virtude, e desespero, o terror que eu muitas vezes sentia, era pecado. Quanto aos espíritos que eu via, talvez isso fosse algum dom de Deus. Talvez tivesse alguma utilidade.

E quanto ao misterioso desconhecido, ele seria preso. Ou então iria embora, para longe da ilha de Sugar Devil, para algum outro lugar deserto.

Eu sei que isso parece melodramático, mas eu não entendia direito o meu pânico, e nem agora eu entendo.

Claro que Goblin estava no funeral — assim como estivera no funeral de Sweetheart. Ele se ajoelhou ao meu lado na igreja e permanecia bem junto de mim quando os outros permitiam, mas eu compreendi uma coisa quando estávamos diante da pequena capela mortuária da família.

O que eu comecei a perceber foi que o rosto de Goblin cada vez mais passava a refletir emoções complexas. Ele sempre fez caretas, mas em geral a sua expressão era vazia e aturdida. Mas naquele momento aquilo estava mudando.

O que lembro do funeral é que Goblin parecia ter o rosto de uma pessoa distinta, com um misto de confusão e deslumbramento. Prestava muita atenção nas outras pessoas presentes, examinando a multidão e se detendo sempre no padre Kevin Mayfair.

Eu fiquei observando o movimento dos seus olhos, quando ele avaliou a cripta, e tudo isso exerceu um fascínio hipnótico sobre mim. E quando ele me olhou, para ver se eu o observava, ele deu um sorriso meio triste,

com certa sofisticação.

Foi isso mesmo, uma certa sofisticação. E quando foi que Goblin pareceu ser mais do que um mero palhaço? Lá no cemitério Metairie ele não parecia palhaço nenhum, estava bastante independente de mim e das minhas emoções.

Mas não pensei mais nisso.

Antes de deixar o funeral, tenho de falar do padre Kevin Mayfair. O padre Kevin Mayfair esteve magnífico. Ele foi uma inspiração. Parecia jovem demais para um padre, como eu já observei, e naquele dia ele não parecia nem um ano mais velho.

E foi a primeira vez que notei como era belo. Percebi o seu cabelo ruivo, os olhos verdes e o corpo bem-feito. Eu diria que ele deve ter um metro e noventa. E sua maneira de falar foi muito convincente. Ninguém duvidou que ele acreditava que Pops tinha ido para o céu.

E um jovem padre forte daquele jeito... bem, era inspirador. Eu me senti atraído por ele, senti que podia me confessar com ele e contar o que havia de errado em mim.

Depois do enterro voltamos para a Mansão Blackwood e para a enorme recepção à qual compareceram dezenas de pessoas do campo. Os bufês transbordavam de caçarolas com comida que os vizinhos tinham levado, e pratos fabulosos que Grande Ramona e Jasmine tinham preparado, e os dois hóspedes pagantes mereceram a honra de serem convidados para participar conosco.

Os dois filhos de Grande Ramona, que tinham saído pelo mundo, como costumávamos dizer — George, dentista em Shreveport, e Yancy, advogado em Nova Orleans —, estavam lá com suas mulheres e nos ajuda-

ram com a comida. E também compareceram uns seis primos negros.

Havia seguranças por toda parte, vigiando discretamente cada uma e todas as pessoas e sempre verificando comigo se o ‘misterioso desconhecido’ tinha aparecido, mas não vi ninguém que pudesse associar com aquele indivíduo.

Repetidamente, durante toda aquela provação, tia Queen começava a soluçar e dizia que ninguém devia ter de enterrar um sobrinho-neto, e que não sabia por que tinha de viver tanto tempo. Eu nunca a vi tão arrasada. Ela me fazia pensar num lírio esmagado por um pé distraído.

Uma certa hora parecia que todos só falavam da ausência de Patsy, mas acho que imaginei isso. Eu tinha simplesmente dito muitas vezes que Patsy não podia ir, e cada vez que o dizia eu gostava menos dela.

Quanto à confissão de ser soropositiva, eu não sabia se devia ou não acreditar nela.

E finalmente o longo funeral terminou.

Os hóspedes pagaram suas contas e saíram cedo, insistindo que estavam ansiosos para ir jogar nos cassinos da Costa do Golfo.

Uma paz cobriu a Mansão Blackwood. Os guardas armados assumiram suas posições, mas a casa e a terra pareciam engoli-los.

Veio o entardecer com a música rascante das cigarras nos carvalhos e o nascer da estrela vespertina.

Tia Queen estava deitada na cama, chorando. Cindy, a enfermeira, sentada ao seu lado, segurava sua mão. Jasmine massageava as costas dela.

Grande Ramona estava guardando comida na geladeira.

Eu subi sozinho para o meu quarto. Sentei na minha poltrona de leitura, perto da lareira, e cochilei. O pânico nunca foi suficientemente forte

para impedir um cochilo. Como o dia tinha sido difícil, eu estava deliciosamente cansado e contente de estar sozinho.

O sono chegou rapidamente e Rebeca estava comigo dizendo no meu ouvido ‘Eu sei que você está sofrendo’. Depois a cena se dissolveu e eu a vi sendo arrastada por uma figura sombria para as correntes, vi seu sapato batendo nas tábuas do assoalho e ouvi seu grito.

Acordei assustado.

As teclas do computador estavam batendo.

Olhei sem entender para a mesa do computador. A luminária pescoço de ganso estava acesa! Eu vi o meu duplo lá sentado, vi suas costas, a parte de trás da cabeça, ombros e braços, enquanto ele digitava, e o ruído das teclas persistia.

Antes que eu pudesse levantar o som silenciou, ele se virou, de um modo que um ser humano não poderia virar, e olhou para mim por cima do ombro direito. Não sorria nem demonstrava tristeza, tinha apenas um olhar vagamente atônito.

Quando levantei da minha poltrona ele desapareceu.

A mensagem na tela do computador era bem comprida:

‘Conheço todas as palavras que você conhece, as palavras que você digita. Pops morto como Lynelle e Sweetheart. Morto, desaparecido, não mais no corpo. Tristeza. O espírito se foi. O corpo ficou. Corpo lavado. Corpo pintado. Corpo vazio. Espírito é vida. Esta vida. A vida se foi. Por que a vida deixa o corpo? As pessoas dizem que não sabem. Eu não sei. Quinn triste. Quinn chora. Tia Queen chora. Estou triste. Mas o perigo está vindo. Perigo na ilha. Eu vejo o perigo. Não esqueça. Rebeca é má. Perigo para Quinn. Quinn vai abandonar Goblin.’

No mesmo instante digitei a resposta.

— Preste atenção — eu lia em voz alta enquanto escrevia. — Eu nunca vou abandonar você. A única coisa que pode nos separar é a minha morte, e então sim, meu espírito vai deixar meu corpo e eu não estarei mais aqui, não sei para onde vou. Agora pense de novo nessa pergunta: Para onde foi o espírito de Lynelle? Para onde foi o espírito de Sweetheart? Para onde foi o espírito de Pops?

Fiquei esperando e não tive resposta.

Então as teclas diante de mim começaram a se mexer. Ele escreveu: ‘De onde esses espíritos vieram?’

Senti um aperto, uma sensação muito forte de que tinha de tomar cuidado. Eu escrevi: ‘Os corpos nascem neste mundo. Lembra de quando eu era um recém-nascido? Um bebê? Os corpos nascem no mundo com um espírito dentro deles, e quando esses corpos morrem os espíritos vão embora.’

Silêncio.

Então as teclas se moveram de novo: ‘De onde eu vim?’

Senti um medo enorme. Era o pânico voltando, mas era mais alguma coisa também. Eu digitei: ‘Você não sabe de onde veio? Não sabe quem você era antes de se tornar o meu Goblin?’

‘Não.’

‘Você deve lembrar de alguma coisa’, eu digitei. ‘Deve ter estado em algum lugar.’

‘Você esteve em algum lugar?’, ele perguntou. ‘Antes de ser Quinn?’

‘Não. Eu comecei a existir quando nasci’, escrevi. ‘Mas você é um espírito. Onde você estava? Estava com outra pessoa? Por que veio para

mim?’

Fez-se uma longa pausa, muito longa, tão longa que eu quase me levantei da mesa e me afastei, mas depois as teclas voltaram a funcionar.

‘Eu amo Quinn’, ele escreveu. ‘Quinn e Goblin são um só.’

‘Sim’, eu disse em voz alta. ‘Nós somos um só.’

O computador desligou. A luminária piscou duas vezes e apagou.

Meu coração batia descompassado. O que estava acontecendo com Goblin? E como eu podia confiar em qualquer pessoa desse mundo, contar sobre ele, com Pops morto e tudo na Fazenda Blackwood pendendo na balança? Para quem eu podia contar que esse espírito estava ficando mais forte?

Fiquei lá sentado algum tempo, depois liguei o computador e perguntei:

— Perigo, esse perigo do qual você fala, é do desconhecido que veio a este quarto?

Nenhuma resposta.

— O que você viu quando vimos o desconhecido? Como ele era para você? Você deve lembrar que aos meus olhos ele era apenas uma silhueta. Goblin, ouça. Conte para mim.

Uma brisa passeou pelo quarto, algo gelado no meu rosto... mas nada de resposta. Ele não tinha força. Tinha feito muito num dia só. Ou então não queria responder. Fosse o que fosse, havia apenas silêncio.

Eu não estava mais com sono, apenas cansado, e uma exaustão doce e profunda devorou a minha dor e o meu pânico. Eu queria me encolher na minha poltrona perto da lareira e dormir de novo, seguro, sabendo que havia guardas armados por toda a propriedade, e que o desconhecido misterioso

oso não podia me fazer mal. Mas não podia fazer isso.

Não, o pequeno lorde Tarquin era o homem da Mansão Blackwood agora.

Desci para ver tia Queen.

O padre Kevin Mayfair estava no quarto dela, sentado ao lado da cama, conversando baixinho com ela. Vestia sua batina preta, severa e imaculada e o colarinho branco romano.

E quando o vi da porta, soube pela primeira vez que achava homens e mulheres igualmente belos, eroticamente. Rebeca na cama com barras de renda, Goblin debaixo da torrente quente e vaporosa do chuveiro. O padre Kevin Mayfair com aquele cabelo ruivo encaracolado e aqueles olhos verdes, sem nenhuma sarda no rosto pálido. Homens e mulheres.

Saí pelos fundos e fui direto para o bangalô no qual Jasmine, Ramona, Clem e Lolly moravam. Jasmine estava sentada na sua cadeira de balanço pintada de verde, apenas balançando e fumando.

Eu estava atordoado. Tentei não notar os seios de Jasmine na blusa justa. Tentei não olhar para a costura da frente de sua calça jeans. Quando ela virou a cabeça para o outro lado para soprar a fumaça do cigarro vi a luz percorrer a linha do pescoço até os seios. Bela mulher. Trinta e cinco anos. Que chance eu tinha? E se eu contasse que duvidava da minha masculinidade???

Ah, essa idéia era adorável. Muito reconfortante. E onde poderíamos fazer isso? Simplesmente ir para o barracão, subir os degraus e fazer na cama de Patsy? Brinquei um pouco com esse sonho na minha cabeça. Não se pega Aids numa cama. E se — e então — e aí — e senti o pânico quando olhei para a casa às escuras — tinham esquecido de acender as luzes às qua-

tro horas.

— O que vai acontecer agora? — perguntei.

— Venha sentar comigo, menininho perdido — ela disse. — Ando fazendo essa mesma pergunta.”

“ – **A** SEMANA SEGUINTE eu passei trancado ou acompanhado de um segurança armado.

Só fiquei sabendo disso na manhã seguinte ao enterro de Pops, quando quis sair do meu quarto e descobri que tinha um segurança comigo, cuja missão era me acompanhar aonde quer que eu fosse.

Não me incomodei muito, uma vez que só eu sabia que o desconhecido misterioso era real mesmo, e não queria me surpreender com ele. Mas aborreci todo mundo avisando sobre os perigos da ilha.

Nossas investigações progrediram rapidamente, e sei que me concentrei nelas para escapar do puro horror da morte de Pops, a perda do único homem que foi como um pai para mim. Tínhamos de ouvir a leitura do testamento dele e eu estava com muito medo de ele ter cortado Patsy completamente. Se tivesse deixado qualquer coisa para mim eu ia dividir com Patsy, ou pelo menos dar um pouco a ela.

Enquanto isso ela continuava vagando pelo sul, tocando em bares e pequenas boates, e tia Queen a caçava desesperadamente pelo telefone, tentando fazê-la voltar para encarar o que Pops tinha feito, fosse o que fosse.

Agora voltemos para a investigação.

Com relação à carta misteriosa, o laboratório da clínica Mayfair não encontrou ali nenhuma impressão digital discernível e informou que o tipo de papel era raro, vendido na Europa e não nos Estados Unidos, a tinta era nanquim e a caligrafia não indicava nenhuma patologia e podia ter sido escrita por homem ou mulher. Eles ainda observaram que quem escreveu u-

sou uma pena e exerceu uma pressão exagerada para aquele tipo de instrumento, podendo significar que era uma pessoa extremamente segura de si.

Em outras palavras, não descobriram quase nada sobre a carta. E foi examinada por verdadeiros grafólogos, com a nossa grata permissão.

Quanto ao resto das nossas preocupações, tivemos mais sorte.

A clínica Mayfair confirmou rapidamente que o DNA recolhido dos resíduos na Ermida combinava com o DNA no fio de cabelo encontrado no baú de Rebeca. O material era muito antigo mas havia abundância de ambos e os testes foram simples.

Agora tia Queen tinha certeza de que Rebeca encontrara a morte nas mãos de Manfred, e que meus sonhos não eram apenas obra de uma mente doente, se é que chegara a ter alguma dúvida disso.

Eu limpei todos os camafeus que encontrei no baú de Rebeca e os que peguei na ilha. Guardei-os na cristaleira no primeiro andar com um cartão que explicava que eram presentes de Manfred Blackwood para uma mulher que ele amou apaixonadamente. Expliquei a ligação do nome de Rebeca com o tema dos camafeus e achei que fazendo isso — organizando essa exposição para os olhos do público — estava fazendo justiça para Rebeca.

Depois de uma longa e intensa discussão envolvendo tia Queen, Jasmine e eu (tia Queen ficara de cama desde a noite do enterro de Pops), concordamos que íamos incluir nas excursões pela casa a informação de que se acreditava que o Velho, Manfred, tinha assassinado uma jovem com quem tivera um envolvimento amoroso, e que só recentemente havíamos descoberto os restos dela, que foram devidamente enterrados.

Quanto a esse enterro, eu ia cuidar disso, se e quando me permitissem. Uma pequena lápide de mármore foi encomendada com o nome de

Rebeca Stanford gravado, e a marmoraria entregou em um dia. Eu pus a pedra no cemitério para esperar até poder levar para lá os restos.

Nesse meio tempo o FBI não encontrou material de DNA no local que combinasse com o material de qualquer pessoa desaparecida. Mesmo assim eles se mostraram profundamente corteses pelo fato de terem sido chamados e confirmaram que o DNA de várias pessoas estava presente naqueles resíduos malignos, concluindo que o lugar parecia uma antiga mas tenebrosa cena de crime.

E finalmente, uma semana depois da morte de Pops, tia Queen ainda de cama e recusando qualquer alimento, o que deixava a mim e a todos quase histéricos, eu parti para a ilha de Sugar Devil ao nascer do sol com os oito homens do barracão me acompanhando em barcaças. Todos carregávamos armas — eu andava sempre com o trinta e oito de Pops — e dois seguranças fechavam a procissão. Clem estava conosco também, e Jasmine ao meu lado, com sua calça jeans muito justa, com seu revólver trinta e oito, decidida a ver tudo na primeira fila.

Levamos muitas ferramentas para abrir o grandioso túmulo de ouro e granito, e eu levei também uma pequena caixa ornamentada, na verdade uma caixa de jóias, que havia comprado numa loja de presentes, onde pretendia guardar o que restava de Rebeca. A horrenda coleta dos restos mortais dela tinha de ser feita com uma pequena pá. Não havia como escapar disso.

Formamos um grupo muito animado, e Allen, líder dos homens do barracão, nos chamava de Batalhão das Barcaças, mas por trás dos meus sorrisos e risadas havia um medo enorme quando partimos para a Ermida.

O que eu podia fazer além de avisar os homens sobre o que íamos

enfrentar? O invasor tivera a ousadia de entrar na casa! Até que ponto eles acreditaram na história seria matéria de conjecturas.

Por fim, depois de uns quarenta minutos remando pelo pântano, chegamos à margem cheia de amoras-silvestres. Lá estava a casa como um navio encalhado, com as glicínias e suas trepadeiras tentando violentamente engoli-la.

Desci na ilha, abri uma lata de cerveja e fiquei só observando enquanto os homens verificavam tudo que tinham ouvido com os próprios olhos, ou quase tudo. Allen e Clem, que tinham visto tudo na primeira vez, também ficaram comigo até aquela excitação toda passar.

Então eu disse que ia lá recolher os restos de Rebeca sozinho. Não queria ninguém se intrometendo lá em cima.

Imediatamente todos ficaram preocupados com a minha segurança.

— Tudo bem, Jasmine, você tem a sua arma, então venha comigo — eu disse, mas subi primeiro, com o meu revólver em riste.

O sol forte entrava pelas janelas abertas do segundo andar. Fiquei ofuscado por um momento e depois aos poucos fui distinguindo um ser vivo na minha frente: era Rebeca, com as mangas do vestido rasgadas, os seios nus, o gancho enfiado nas costelas, pendurada lá, o rosto branco e o sangue escorrendo da boca. Ela piscava os olhos mas não podia falar. Havia sangue demais na sua boca.

— Meu Deus, Rebeca — eu disse, e pulei em cima dela, tentando tirar o gancho sem machucá-la ainda mais. Ela se contorceu e ouvi o esforço que fazia para respirar.

Aquilo estava acontecendo mesmo.

— Rebeca, estou aqui! — eu exclamei, quando tentava erguê-la. En-

tão ouvi a voz de Jasmine, vi a expressão dela, e os rostos de Clem e de Allen. Estávamos todos no segundo andar da casa. Eu estava deitado de costas. E o sol cintilava de novo nos ciprestes.

Não havia mais Rebeca. Apenas as correntes enferrujadas penduradas e aquela mancha escura. Fiquei de pé.

— Clem, venha aqui, por favor, meu irmão — disse Jasmine. — Segure esta caixa enquanto eu pego o que posso dessa pobre menina com a pá. Segure a tampa.

Eu desci para a ilha e vomitei.

Os homens estavam conversando, dizendo que iam destruir as ‘maravilhosas’ placas de ouro para abrir o túmulo.

— Abram — eu disse. — Tenho de saber o que tem dentro.

Sentei nos degraus da casa, bebi outra cerveja e compreendi que aquela mulher poderia me assombrar para sempre. O que eu tinha feito com os camafeus não era o bastante, os sonhos não bastavam, ir à ilha para recolher seus restos não era o bastante. O que seria? Eu não sabia. Não conseguia imaginar. Estava enjoado e bebendo cerveja demais, estava quente demais, os mosquitos me picavam através da camisa e os homens não paravam de dizer ‘Granito, granito sólido’.

Finalmente, na primeira lateral da estrutura retangular que verificaram eles encontraram uma abertura atrás da placa de ouro e conseguiram empurrá-la para trás. Era uma porta pesada.

Todos falavam ao mesmo tempo, grunhindo e se agitando. Lanternas, quem está com as lanternas, aqui. uma lanterna, bem, dê uma olhada nisso. Eu não vou abrir isso.

— Não vai abrir o quê? — eu disse.

— Um caixão.

— Ora, que merda vocês esperavam encontrar num túmulo? — eu perguntei.

Eu estava tremendamente animado. As coisas comuns não significavam nada para mim.

— Olha como fala, Patrãozinho — disse Jasmine.

Ela me deu outra cerveja. O que era aquilo? Será que eu era um paciente mentalmente perturbado, a quem ela queria dopar? Eu pedi desculpas. A cerveja estava gelada e gostosa. Não ia reclamar de uma cerveja supergelada.

— Você guardou a pequena senhorita Stanford na caixinha? — eu perguntei.

— Você está perdendo a noção, Patrãozinho — ela disse. — Agora trate de ter modos. Não fale desse jeito com Allen e Clem. Você sempre foi o cavalheiro da tia Queen, não vá perder a educação agora. Não deixe esse lugar corromper você.

— De que diabos você está falando? — eu perguntei.

Ela olhou pensativa para a Ermida, depois para mim, o rosto definitivamente exótico, com a pele cor de chocolate e os grandes olhos claros, olhos que eram verdes ou dourados.

— Siga o exemplo de tia Queen. É só isso que estou querendo dizer, e sim, os restos da sua amiga fantasma estão na caixa. Só Deus sabe o que mais eu pus nessa caixa.

— Faça amor comigo quando chegarmos em casa — eu disse. — Eu não sirvo para uma vida normal. Vocês não vêem os espíritos que eu vejo. Você não viu aquela moça pendurada no gancho. Tenho transado com fan-

tasmas. Eles transam comigo. Preciso de alguém real. Faça amor comigo quando chegar em casa, você e eu, está bem? Seja meu chocolate. Estou muito inseguro da minha masculinidade.

— Ah, está? — ela retrucou. — Bem, você quase me enganou. Clem se aproximou de mim.

— Quinn, é um caixão vazio. É melhor você vir dar uma olhada nisso. Acho que esse é o seu show, filhinho.

Eu fui. O caixão era feito de ferro pesado, todo trabalhado e levemente enferrujado, com uma janela por onde se podia ver o rosto do morto, eu imaginei, apesar de nunca ter visto um como aquele. Foram necessários cinco homens com dois pés-de-cabra para abrir. Era forrado com alguma coisa. Achei que fosse chumbo. Seco e macio ao toque. Era chumbo.

E o caixão estava numa câmara mortuária de chumbo. Sim, era chumbo. E bem selado. A câmara ficava a cerca de um metro de profundidade, mas não havia sinal de que a umidade penetrara ali.

Desci até a câmara e fiquei lá parado um longo tempo, dentro do mausoléu — dentro da câmara — apenas olhando para o caixão vazio. Havia espaço para andar lá dentro, e eu andei.

Dei meia-volta e saí para o sol.

— Você sabe quantos de nós foram necessários para abrir aquela porta de ouro? — perguntou Allen. — O que conclui de tudo isso? O que quer dizer aquela inscrição lá em cima? Você consegue ler, não consegue, Quinn?

Eu balancei a cabeça.

— Manfred — eu disse. — Manfred tinha algum plano de ser enterado aqui, e aqueles em quem ele confiava jamais realizaram seu sonho. Por

isso temos esse caixão vazio e esse mausoléu vazio. Temos placas de ouro e uma inscrição em latim. Olhe aqui, isso é latim. Eu copiei isso. Manfred fez tudo isso. Então vamos fechar de novo.

— Mas e todo esse ouro maciço? — disse Clem. — Você não pode simplesmente deixar esse ouro aqui para alguém roubar.

— As pessoas ainda se matam por ouro hoje em dia? — eu perguntei. — Algum de vocês vai voltar aqui e roubar esse ouro? Vamos ter um tiroteio por causa desse ouro? Vamos voltar para casa. Não suporto ficar nesse lugar por muito tempo. Não gosto do fato de um invasor ter entrado nessa casa. Vamos sair daqui.

Havia mais uma coisa que eu queria verificar. Voltei para a Ermida.

Eu estava certo!

Na mesa de mármore havia livros novos, livros de filosofia e história, livros sobre fatos atuais, romances. Tudo era novo... um belo tapa na cara. Até as velas eram novas, apesar de os pavios estarem queimados. Ah, sim, o meu ousado invasor tinha estado lá.

— E então, fico imaginando o que você vai fazer agora — eu disse em voz alta. Tive um ataque de raiva. Peguei o máximo de livros que conseguia segurar e atirei-os nos degraus da frente da Ermida. Voltei para pegar o resto e joguei lá fora também. Depois descii a escada correndo e chutei e pisei neles.

Tirei meu isqueiro do bolso. Pus fogo num livro, depois em outro e mais outro. O fogo já crescia sozinho e todos os homens observavam, como se eu estivesse louco, e estava mesmo.

— São os livros dele! — eu disse. — Ele não tem direitos sobre essa propriedade e deixa estes livros para eu ver que esteve aqui outra vez.

— Deus do céu — disse Jasmine, e as chamas cresciam e estalavam. — Temos uma moça morta, uma casa estranha, um monte de livros esquisitos e um túmulo de ouro com um caixão vazio dentro, e um menino louco aqui!

— Bem colocado — eu disse ao ouvido dela. — E não se esqueça da promessa que me fez, meu Chocolate com Leite. Você e eu sozinhos esta noite.

— Eu nunca fiz promessa nenhuma! — ela disse.

— Eu disse que estou inseguro quanto à minha masculinidade — eu sussurrei. — Você precisa se sacrificar.

Chutei o fogo para ele crescer de novo. Detestava queimar livros. Mal podia suportar ver um dicionário virar fumaça. Mas tinha de fazer aquilo.

Mais um ou dois chutes e estaria tudo incinerado. Virei e olhei para Jasmine, esperando alguma observação maldosa, mas o que vi foi apenas um ar pensativo e sonhador.

Então ela disse:

— Sabe, menino, você realmente me faz pensar. Devia ser mais gentil com uma mulher da minha idade. Seu tratante. Acha que não tenho sentimentos como esse só porque embalei seu berço?

— Como posso ser mais gentil? Você acha que me deito com qualquer uma?

A expressão dela não mudou. Ela estava bonita com a calça jeans bem justa. O cabelo afro era cortado bem curto e o formato da cabeça e do rosto era lindo.

Ela vivia como uma freira. Eu sabia que era assim. Não havia homem nenhum na sua vida desde que o marido morreu, anos antes. E a irmã dela,

Lolly, teve três maridos.

— Estou enlouquecendo — eu disse, olhando fixo para ela, para os seios fartos e a cintura fina. — Eu tenho essas visões, o que devo fazer quanto a isso, o que Rebeca quer de mim? Eu vi Rebeca lá em cima. Eu não entendo. Talvez descubram que eu estou louco. Mas de uma coisa eu sei.

— E o que é? — ela perguntou.

— Que não consigo tirar você da minha cabeça, meu Café com Leite. Não quero transar com os mortos.

Ela ficou em silêncio, depois deu um pequeno sorriso, um sorriso que não era típico dela. Passou os olhos lentamente por mim, de cima a baixo.

Senti meu pau ficar duro.

O fogo tinha consumido quase tudo.

Os homens acabaram de fechar o túmulo. Jasmine segurava a caixinha embaixo do braço. Todos estavam com calor, nauseados, vociferando e se estapeando por causa dos mosquitos, e o sol brilhava nas árvores, a água fedia a podridão, a coisas mortas.

O pântano era isso. Claro que coisas nasciam e floresciam e criaturas maravilhosas viviam no lodo traiçoeiro, mas havia um número maior de coisas apodrecendo e sofrendo pela falta de sol, e era a morte que comandava ali, e era da morte o cheiro que sentíamos naquela água negra.

Saímos da ilha.

— É melhor beber essa cerveja em casa — disse Clem —, onde mãe pode preparar uma comida para nós. Estou morrendo de fome.

Estávamos todos bastante embriagados antes de chegar em casa, e graças a isso errei o caminho, o que podia ter nos deixado horas perdidos.

Mas conseguimos chegar antes do escurecer, e depois de dar a mijada mais longa de toda a minha vida, desci com a caixa e a pá e fui para o pequeno cemitério.

Eu estava bem concentrado para notar qualquer brisa mais fria, o menor tremor, mas não senti nada. E não vi o antigo grupo de espíritos que às vezes me assombrava. Mas o estilo deles era de serem vistos de longe. Nunca tinha estado no meio deles.

Encontrei um pedaço de terra livre e cavei com facilidade a terra úmida. Logo fiz um buraco com cerca de sessenta centímetros de profundidade, a caixa coube bem nele, e joguei terra em cima e dos lados.

Pus a pesada lápide de mármore firmemente no lugar.

Fiz o sinal-da-cruz. Rezei três ave-marias e dois pais-nossos e depois a antiga oração:

*Que a luz perpétua brilhe sobre ela, ó Senhor,
e que sua alma e a alma de todos
os fiéis que se foram descansem em paz. Amém.*

A nova cova parecia pequena demais no meio dos túmulos de tamanho normal de concreto, mas mesmo assim ficou respeitável e até bonita.

Então vi Goblin olhando para mim, perto do carvalho. Eu estava bêbado e ele completamente sóbrio. Eu estava imundo. Ele estava imaculadamente limpo. Não estava simplesmente aparecendo para mim. Estava me analisando. E foi só quando o vi que me dei conta de que não o vira o dia inteiro. Nem tinha sentido sua presença perto de mim. Não tinha pensado nele. Naqueles últimos dias pouco o vi. Não tinha falado com ele.

— Oi, irmão — eu disse.

Caminhei ou cambaleei encosta acima e estendi os braços para abra-

çá-lo. Ele desapareceu e não sobrou nada para eu abraçar, e tive uma sensação horrível. Mas estava suficientemente bêbado para não chorar por nada.

E Jasmine gritava, ‘Hora do jantar’. Arroz, feijão, um molho espesso de gordura de porco e costeletas refogadas.

Lá pelas nove horas acabei de tomar uma chuveirada, fiz a barba e a bebedeira passou. Desci para ficar com tia Queen e dizer a ela o que a enfermeira Cindy dizia há dias, que ela precisava se levantar, cuidar da vida e acima de tudo comer alguma coisa.

Eu a encontrei sentada na cama, recostada num monte de travesseiros com fronhas rendadas com um dos seus deslumbrantes *negligées* brancos com plumas nas bainhas, os óculos na ponta do nariz, lendo o que parecia ser uma carta de diversas folhas.

Cindy, a enfermeira, com seu costumeiro sorriso iluminado, cuidava dela. Ela pediu licença quando eu entrei.

— Bem, eu consegui, meu rapaz — disse tia Queen. — Venha para cá, puxe uma cadeira.

— Só se você comer alguma coisa — eu disse. — O que você conseguiu?

— Estou muito mais adiantada que você, carinha de anjo — ela respondeu. — Bebi duas latas de lipídios relativamente inócuos, como a Cindy pôde verificar, por isso já consumi o suficiente para alimentar uma aldeia hindu por um dia inteiro. Agora sente-se. Tenho aqui uma tradução da inscrição da ilha. Isso acabou de chegar.

Eu queria arrancar as folhas das mãos dela, mas ela não deixou e leu o que estava escrito.

— Aqui jaz Petronia, cujas mãos mortais um dia fizeram os camafeus

mais lindos, até para imperadores e reis. Protejam-me, ó deuses e deusas cujas imagens reproduzi tão bem. Que uma maldição caia sobre os que tentarem perturbar meu local de descanso.

Ela me deu aquela folha da carta. Eu li e reli diversas vezes.

— Petronia — murmurei baixinho. — O que tudo isso pode significar? — Devolvi a folha para ela. — Quem traduziu isso, tia Queen?

— Um homem que quero que você conheça, Quinn. Um homem que vai mudar o curso da sua vida como Lynelle mudou, um homem que vai acompanhar você e a mim na grandiosa excursão que você deveria ter feito há muito tempo. O nome desse homem é Nash Penfield. É professor de inglês na Califórnia, e eu gosto muito dele.

— Mas e se eu não gostar dele, tia Queen? Eu não quero ir para a Europa ainda. Não quero sair daqui. O que vai acontecer com este lugar? Tia Queen, Pops acabou de morrer. Não podemos fazer planos.

— Precisamos fazer planos, meu querido rapaz — ela disse. — E Nash Penfield chega sexta-feira de avião. Teremos um simpático jantar juntos e veremos se você gosta dele, e se não gostar, o que realmente não me passa pela cabeça, então encontraremos outra pessoa. Mas você precisa de um tutor, Quinn, precisa de alguém para continuar com você de onde Lynelle parou.

— Está bem. Vamos fazer um trato. Você levanta da cama, come três refeições completas amanhã e eu vou conhecer o sr. Penfield. Que tal?

— Tenho uma idéia ainda melhor. Você se interna amanhã na clínica Mayfair para fazer uma série de exames, e eu saio da cama, tomo café da manhã e vou com você. O que acha disso?

— Que exames? — eu perguntei. Mas já sabia. Iam fazer tomografias

no meu cérebro, eletroencefalogramas, seja qual for o nome que dão para essas coisas. À procura de lesões no lobo temporal, algo físico que justifique o que eu afirmo ver e ouvir. Não me surpreendi, nem com todas as provas de que Rebeca Stanford era uma pessoa real, que tinha sido assassinada, não fiquei surpreso.

Se fiquei foi de não terem sugerido isso antes. E pensei com meus botões, bem, vamos acabar logo com isso e aí não terei de pensar mais nisso.

— Tudo bem, vou me internar na Mayfair — eu disse. — Mas não vou terminar na ala psiquiátrica, vou?

— Meu menino, eu desprezo a idéia de hospícios tanto quanto você — ela respondeu. — Mas acho que seria omissa se não pedisse que fizessem certos exames unicamente clínicos. Quanto à Mayfair, é um centro médico maravilhoso, com os melhores profissionais e melhor equipamento do sul.

— Eu sei, tia Queen. Você deve lembrar que Lynelle ia trabalhar lá na pesquisa. E quem, aqui nas redondezas de Nova Orleans, não conhece a clínica? Eu estive lá, minha tia querida, andei por aqueles corredores de piso de granito com Lynelle. Era o sonho dela que se tornava realidade, lembra?

O medo se apossou de mim, chegou tenebroso e com força quando pensei em Lynelle, com seus saltos altos martelando o chão ao meu lado pelos corredores do hospital, apontando todos os recursos especiais daquela clínica e hospital revolucionários.

Lembrei do detalhe menor, e mais especial, de que todas as alas da clínica Mayfair tinham bancos largos e confortáveis ao longo das paredes, bancos para o conforto de parentes e amigos que iam visitar os pacientes. Todos os quartos eram particulares. Todos os quartos tinham poltronas pa-

ra as visitas.

— Ah, é triste demais pensar na pobre Lynelle — disse tia Queen, como se lesse a minha mente ou o meu olhar perdido. — Lynelle, Sweetheart, Pops, é triste demais, terrível demais. Mas não podemos esquecer dos detalhes da vida, Quinn. Os detalhes serão a nossa salvação. Vamos fazer esses exames e descobrir se temos de nos preocupar com alguma coisa.

— Preocupar? Você está com a carta do desconhecido! Sabe que não fui eu que a escrevi, nem inventei nada. Eu disse que ele esteve no meu quarto e que está na ilha desde que eu o avisei para sair de lá. Eu queimei os livros dele, estava furioso. E agora essa inscrição. O que será que significa? E os camafeus. Por que está tudo associado?

Ela ficou ouvindo com atenção.

Contei a ela a visão que tive de Rebeca pendurada no gancho enferrujado, com o gancho enfiado nas costelas. Contei que depois fiquei lá caído no chão, inconsciente.

— Jasmine disse que você caiu como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Os seus olhos ficaram abertos. E depois você se recobrou, sem mais nem menos.

— Eu tive uma convulsão lá? Foi isso que Jasmine viu?

— Ela não viu. Mas podemos conversar sobre tudo isso amanhã à tarde, na ida para a clínica. Quanto ao misterioso invasor, temos guardas por toda parte. Os homens do barracão estão atentos. Já amanhã de manhã...

— Patsy foi encontrada e vão fazer a leitura do testamento — eu adivinhei.

— Isso mesmo. Agora prepare-se para uma cena. Mas tenho minhas esperanças. E tenho meus planos. Seu avô era o único filho vivo de Gravier.

Veremos o que vai acontecer. Mas agora trate de subir, Grande Ramona deve estar à sua espera. Dê-me um beijo. Eu amo você.

Eu me abaixei para beijá-la, sentir seu cabelo grisalho macio e seu perfume.

— Boa noite, meu amor — eu disse. — Onde está sua companheira de quarto, a Jasmine?

— Ah, ela é a criatura mais provocante que existe. Está cansada da viagem até a ilha. Está confusa. Em breve ela será a nossa salvação, e sabe disso. Acho que está com medo do desafio.

— O que quer dizer?

— Bem, quem é que vai cuidar deste lugar quando você e eu partirmos? — ela disse, sacudindo os ombros. — Jasmine é capaz.

Eu nunca tinha pensado nisso e subitamente pareceu perfeitamente correto. Quantas vezes eu tinha ido ao bangalô e encontrado Jasmine batucando no computador... E quem fazia as visitas pela propriedade melhor do que Jasmine?

— Isso é bom, é muito bom! — eu disse. — Quero falar com ela.

— Não, deixe que eu explico a ela — retrucou tia Queen. — Ela virá para cá mais tarde. Ela subiu para o quarto do Pops. Pedi que ela verificasse as jóias dele, e ela está há horas lá em cima. Apenas diga para a menina querida parar com o seu inventário e descer numa hora razoável. Nunca conseguirei dormir esta noite sem ela aqui.

Tive um estalo. No cérebro e no corpo também. Jasmine sozinha no quarto de Pops.

Subi a escada como um homem que vai ao encontro da noiva. Dei uma espiada em Grande Ramona e vi que ela dormia profundamente. Fui

para o quarto de Pops.

A porta estava aberta.

A cama dele é pesada, com dossel, você mesmo viu que é uma das mais antigas na casa. Vi Jasmine sentada nela, recostada nas almofadas de veludo, segurando uma taça de vinho. A garrafa sobre a mesa-de-cabeceira.

Ela usava uma roupa sensual, um *collant* de leopardo que parecia brilhar sobre a pele cor de mogno, e o cabelo curto oxigenado, e uma saia de couro curtíssima. Uma perna estava dobrada, a outra esticada. Saltos altos. Uma visão da calcinha branca. Você nunca viu uma pose mais convidativa. E eu era o único convidado.

Fechei e tranquei a porta.

Ela suspirou e pôs a taça sob o abajur na mesa-de-cabeceira. Sentei ao lado dela e a abracei. Beije seus lábios e senti um fogo imediato. Ela apertou os seios contra meu peito. Eu a apertei tanto que não sei como não a machuquei. *Deus, isso é o paraíso, você está no lugar errado.* Deslizei a minha mão subindo pela perna dela, encostei na calcinha de seda e no calor dentro dela.

— Puxe-a, arranque-a — ela disse ao meu ouvido. — Calcinhas são baratas. Calcinhas não valem nada.

Ela estava chorando. Eu podia ouvir.

Beije sua boca de novo, e ela enfiou a língua na minha. Oh, Deus, meu Deus. Beije Jasmine muitas vezes, arranquei a calcinha pelos tornozelos e por cima dos sapatos de salto alto, segurei um pé e beije-o.

Ela chorava baixinho. Eu bebi suas lágrimas.

— Deus, isso é errado — ela sussurrou. — Eu sei que é errado. Você, meu bebê Tarquin, mas eu preciso tanto!

— Eu também, senhora. Você nem imagina quanto!”

“ — ERA o que chamamos de altas horas. Uma, duas da madrugada, mais ou menos isso. Toda a Mansão Blackwood dormia. Eu estava dormindo. Grande Ramona roncava. Eu despertava de vez em quando. Tive a vaga sensação de ter conversado com Rebeca. Estávamos no gramado lá fora, nas cadeiras antigas de vime que estavam no sótão, e ela explicava para mim que todos os móveis antigos de vime tinham sido dela, que Manfred os tinha comprado para ela.

Ela estava muito feliz porque eu os trouxera para baixo para recuperá-los, pois Pops os havia pintado de branco. Estavam muito bonitos.

— Você é o meu mundo, Tarquin — ela disse.

Mas isso era apenas parte do que ela queria me dizer. Queria falar de outras coisas, coisas que eu precisava fazer, de como podia fazer justiça, e eu discutia com ela.

Tudo aquilo era muito etéreo e impreciso. Eu acordei e fiquei olhando para frente e toda a trama se dissolveu. Então virei na cama outra vez e voltei a conversar com ela.

De repente fui arrancado da cama e arrastado pelo chão!

Num instante eu despertei.

Fui forçado por mãos poderosas que machucavam meus braços a entrar no banheiro. Bateram a minha cabeça na parede. Levantaram-me e ficaram me segurando sem encostar os pés no chão, e com a luz fraca da porta através da qual eu tinha acabado de ser arrastado vi que era um homem alto que fazia isso.

O cabelo dele estava penteado para trás e seus grandes olhos escuros fixos em mim.

— Ah, então você queimou meus livros, seu diabinho, não foi? — ele sussurrou para mim, com seu hálito quente e inodoro no meu rosto. — Você queimou meus livros! Brinque comigo para ver só o que acontece!

Senti todas as minhas emoções fluindo e descobri de repente que o que eu sentia não era terror, afinal, era raiva, a mesma raiva que senti quando fiz aquilo que o deixou tão furioso.

— Afaste-se de mim e saia da minha casa! — eu gritei. — Como ousa entrar no meu próprio quarto? Como ousa invadir minha casa novamente?

Lutei violentamente para me libertar. Empurrei o peito dele com toda a minha força. Ele nem se mexeu.

Os olhos dele eram um clarão na escuridão. Do resto do seu corpo, tudo o que via era uma camisa branca aberta com punhos brancos e um paletó preto. Ele me pôs no chão de novo lentamente.

— Seu tolo — ele disse, agarrando meus ombros, e sorriu, e pela primeira vez vi sua boca, muito bem delineada, com lábios grossos mas perfeitamente esculpido.

Mais uma vez me revoltei sob o domínio dele. Dei-lhe uma joelhada e chutei as suas canelas. Não consegui nada!

— Nunca mais chegue perto daquela ilha! — ele sibilou. — Nunca toque no que é meu, está me ouvindo?

— Você é um mentiroso, um invasor. Trate de defender-se num tribunal de justiça!

— Você não percebe que eu poderia matá-lo? — ele respondeu com

fúria ardente. — Não teria escrúpulo nenhum para fazê-lo. Por que você protesta? Por que faz idiotices? O que é tão precioso para você?

— O que é meu por direito! — eu disse. — Saia da minha casa antes que eu comece a gritar.

Claro que eu sabia que ninguém ia me ouvir. Ramona dormia como uma pedra. A casa era grande demais, as paredes grossas demais, e nós estávamos num banheiro sem janelas.

Subitamente ele relaxou a mão. Meus ombros doíam. Mas ele não me soltou. E quando falou foi com mais calma.

— Eu não vou matá-lo. Não quero você morto. Tenho uma teoria sobre você. Mas se você se aproximar daquela ilha de novo, vou matá-lo, está entendendo? Avise a todos para ficarem longe da ilha para sempre. Torne-a território proibido para todo o mundo, senão volto para cá, arrasto você para o pântano e o mato lentamente, como Rebeca morreu, menino insolente.

Ele mal acabou de dizer as duas últimas palavras e o espelho grande à direita se estilhaçou e pedaços grandes e perigosos de vidro caíram ruidosamente por toda a pia e o chão. Eu vi Goblin de relance atrás de mim.

As mãos de Goblin se fecharam em torno do pescoço do desconhecido e vi Goblin desaparecer quando óbvia e ferozmente exerceu pressão.

O homem xingou em outra língua. Ele me soltou e, ato reflexo, levou a mão à própria garganta, depois o vidro do box do chuveiro se partiu e Goblin apareceu de novo, quase transparente mas visível para mim, e brandiu um caco de vidro em forma de faca para o estranho, que o empurrou com sua imensa força e relativa facilidade.

O homem praguejou mais uma vez, olhando rapidamente para a di-

reita, esquerda e depois para trás. Eu vi que seu cabelo preto era muito comprido e ele usava um rabo-de-cavalo fino e ondulado. Tinha ombros bem largos.

Ele ficou como louco, rodopiou e me agarrou de novo, mas Goblin o atacou com os punhos cerrados, e mais pedaços finos de vidro voaram para cima do intruso, que me soltou, recuou e fez uma pirueta como um dançarino.

Estilhaços de vidro voavam pelo banheiro. O desconhecido teve de se esquivar de um fragmento que rumava para o seu rosto. Mais vidro se espatifou no chão quando a parte de baixo do boxe do chuveiro se partiu em pedaços pequenos.

— O que é isso? — ele sibilou, desviando os cacos com golpes que dava com uma das mãos, tão rápidos que eu mal conseguia acompanhar.

Goblin caiu de socos em cima dele, depois apertou o pescoço mais uma vez. Ele jogou Goblin longe com visível esforço, furioso.

A luz acendeu, apagou e acendeu de novo. Eu o vi bem iluminado, um jovem com a pele perfeita e cabelo preto acetinado, o terno preto de boa qualidade e o rosto, mesmo com a expressão de ódio, muito belo.

— O que é isso, maldito? — ele rosnou para mim.

Estilhaços de vidro voavam para cima dele e ele os afastava como se fossem insetos. As luzes continuaram a piscar.

— Acha que vou contar a você? — eu ataquei. — Você agora está na minha casa, como está quando lê seus livros na minha ilha! Saia de lá, senão vai ver o que acontece. Estou vendo a criatura que luta com você agora. É pleno dia e você não é capaz de vê-la!

Eu estava fervendo de raiva. Fiquei firme, só não tive coragem de

tentar enfiar um pedaço de vidro no peito dele. Então ele foi embora, silenciosa e rapidamente como se nunca tivesse estado lá, e eu me vi sozinho no banheiro, no escuro, no meio de todo aquele vidro quebrado, e Grande Ramona, descalça e com sua camisola com estampa de rosas, olhava para mim.

— Meu Deus, meu filho — ela disse. — O que você fez!

— Não fui eu, foi ele, você não o viu? Oh, meu Deus, você não viu? — eu lamentei.

— Eu não sei o que eu vi. Não se mexa, não ande nesses vidros! Eu estava dormindo profundamente e ouvi essa quebradeira de vidro.

Goblin estava na frente da pia e sorriu para mim, discretamente, tranquilo. Eu o abracei. Senti seu corpo.

— Graças a Deus eu tenho você — declarei. Acariciei o cabelo dele. Dei-lhe um beijo. — Você o afugentou. Foi você que fez isso.

A casa inteira estava acordando. Eu ouvi passos subindo a escada. Ouvi Clem gritar meu nome no corredor. Ouvi um alarme disparar, mas não sabia como, nem onde.

E quando todos se reuniram no banheiro eu sabia o que estavam vendo. Eles me viam lá sozinho no meio de todo aquele vidro quebrado, descalço como Grande Ramona, abraçando uma forma que não podiam ver — para eles, apenas ar.”

“ – Q UANDO CHEGAMOS à clínica Mayfair eu balbuciava como um idiota num camisolão ensangüentado. Estava no banco detrás da limusine de tia Queen, ela de um lado e Clem do outro, e Grande Ramona na nossa frente, no banco em forma de J, e Jasmine na outra ponta do J, de costas para o motorista, todos implorando para eu me acalmar. Os dedos de Clem afundavam no meu braço e tia Queen também apertava como podia. Num certo ponto Grande Ramona disse para tia Queen se afastar e ela me segurou como uma lutadora profissional.

Era aquela velha história. Quanto mais você diz às pessoas que não está louco, mais louco elas acham que você está. E era óbvio que todos ali pensavam que eu era louco.

Quantas vezes eu tinha dito que o invasor havia entrado em casa? Quantas vezes eles me disseram que isso era impossível? Quantas vezes eu contei que Goblin tinha quebrado o vidro, que Goblin salvara a minha vida, quantas vezes eles trocaram olhares alarmados e preocupados?

Eu ainda delirava quando entramos pela porta de emergência do hospital e já tinham uma maca à minha espera. Claro que eu vociferei explicando que não precisava daquilo. Então percebi que estava descalço e que meus pés estavam feridos. Tudo bem. Regulamentos do hospital.

Eu podia ter me vestido adequadamente antes de sair de casa, se as pessoas tivessem me dado ouvidos.

Mas lá fomos nós para a emergência, onde cortaram meu camisolão sem cerimônia e aplicaram remédios tópicos nos cortes e arranhões em todo

o meu corpo.

Quanto à minha cabeça, eu lhes disse que a dor estava me matando. O desconhecido tinha batido a minha cabeça contra a parede. Dêem-me alguma coisa para essa dor de cabeça, é só isso que eu preciso. Podem esquecer dos cortes e hematomas.

E havia muitos hematomas. E quando vi que eram tantos, comecei a chamar tia Queen e Jasmine aos berros. Ah, se Pops estivesse lá!... Oh, maldição!

Começaram a me amarrar e eu enlouqueci de verdade.

O tempo todo Goblin ficou comigo, muito forte, muito visível, mas eu não me atrevia a falar com ele e ele sabia disso. Depois de usar toda aquela energia eu não entendia como ele ainda parecia tão sólido e tão poderoso. Ele não gostou do que estava acontecendo. E não se fazia de rogado. Subitamente fiquei apavorado de pensar que ele podia começar a quebrar os vidros e que toda aquela cena se transformaria num caos.

— Goblin, não faça nada aqui dentro — eu disse, olhando fixo para ele. — Só vai piorar as coisas. Deixe que eu me encarrego disso.

Então o próprio dr. Winn Mayfair, orgulhoso herdeiro da lendária família Mayfair que era dona de todo o complexo, aproximou-se da maca. Parecia que um encantamento havia se abatido sobre toda a emergência, médicos e enfermeiras hipnotizados com a mera presença do homem.

Eu me acalmei também. Estava literalmente preso, mãos e pés amarrados, e por que me oporia a que aquele médico me examinasse?

Bem, eu só sabia alguma coisa sobre o dr. Winn Mayfair porque Lynelle tinha me dito. Ele nasceu em Nova Orleans, foi criado em Boston e estudou medicina no norte, e só veio para o sul quando a família daqui en-

trou em contato com ele e ofereceu-lhe o cargo dos sonhos no novo centro médico.

Ele tinha se tornado sócio e confidente de Rowan Mayfair, outra médica do famoso clã, que criara e dotara o centro, além de projetar todos os serviços especiais.

Foi o dr. Winn quem assumiu a administração do centro médico, enquanto a dra. Rowan fazia o incansável trabalho de pesquisa com o hormônio do crescimento, o antigo sonho de Lynelle.

Em algum lugar nos bastidores ficava o pai do dr. Winn, o dr. Elliott Mayfair, cardiologista, que também fora persuadido a voltar para sua cidade natal, e Rowan, Elliott e Winn Mayfair eram a espinha dorsal do estabelecimento.

O dr. Winn tinha a reputação de ter uma voz muito mansa e um toque muito suave. Especialista em neurocirurgia — assim como a dra. Rowan Mayfair —, muitos diziam que os dois eram primos com temperamentos e dons muito parecidos, e fisicamente também, apesar de só terem se conhecido recentemente, e que se espantaram um com o outro por isso.

Lynelle idolatrava o cara.

O que eu vi foi um homem gentil, brilhante e atraente, alto e elegante, que tinham tirado da cama para atender à sra. Lorraine McQueen e seu lendário menino-prodígio que comungava com os mortos.

O cabelo dele, muito bem penteado, era louro prateado e seus olhos de um azul-gelo por trás dos óculos com armação retangular. Ele falou baixinho comigo, o que fez com que suas palavras adquirissem um tom confidencial, que eu achei ótimo. Ele também falava devagar.

A primeira coisa que ele fez foi tirar pessoalmente a minha pressão,

apesar de uma enfermeira já ter tirado, depois examinou minhas pupilas. Pôs o estetoscópio na minha cabeça, ficou escutando um tempo enorme, como se meu cérebro conversasse com ele. Depois apalpou minhas glândulas e examinou os hematomas nos meus braços. O toque dele era respeitoso.

— Sei que a sua cabeça dói — ele disse com uma voz líquida —, mas não podemos dar nada para a dor porque pode mascarar os sintomas do ferimento na cabeça. Assim que terminarem de tratar essas lacerações, vamos levá-lo para fazer uma tomografia computadorizada.

— Não fui eu que fiz isso em mim — eu disse. — Não sou louco. Não vai encontrar nenhuma lesão nos meus lobos temporais. Aceite a minha palavra. Estou péssimo agora, mas não sou louco.

Ele ficou olhando para mim intensamente por muito tempo e então disse:

— Disseram que você tem dezoito anos, é isso?

— Quase dezenove. Dezoito anos e meio significam alguma coisa? Ele sorriu.

— É, imagino que sim — ele disse. — Não vamos procurar lesões ou disritmias agora. Estamos querendo ver se há hemorragia do ferimento que está provocando sua dor de cabeça. Vamos acordá-lo se você adormecer. Agora vou deixá-lo e verei você depois da tomografia.

— O senhor é neurocirurgião, certo? — perguntei. Eu queria que ele ficasse comigo. — Bem, eu juro que o que vi não saiu do meu cérebro e não quero que vocês cortem um pedaço dele. Prefiro ficar delirando numa cela acolchoada do que deixar que isso aconteça.

Dois serventes do hospital, pelo menos foi o que achei que eram,

chegaram para me levar, mas ele fez um gesto para os dois aguardarem.

— Conte-me você mesmo o que aconteceu.

— Esse desconhecido, o homem que invadiu uma ermida que temos no pântano, na nossa propriedade, ele entrou no meu quarto apesar de termos seguranças em volta da casa, arrastou-me para fora da cama, puxou-me para o banheiro, bateu com a minha cabeça na parede, xingou, ameaçou.

Eu parei de falar. Não queria contar sobre Goblin para ele. Algum instinto lá no fundo me dizia para não falar de Goblin com ele. Mas esse instinto não me impediu de chamar Goblin silenciosamente, e de repente Goblin apareceu ao pé da maca, ainda bastante sólido e com cores vivas, o que era espantoso depois do esforço que fez, e ele balançou a cabeça, negando com firmeza.

— Vidros se quebraram — eu continuei — do espelho da pia e do boxe do chuveiro. Acho que eu só me cortei um pouco, nada além disso.

— Como foi que esse intruso arrastou você da cama? — perguntou o dr. Winn.

— Pelos braços.

O médico olhou para os meus braços. Eles estavam azuis e pretos. Ele os examinou com ar pensativo.

Então ele pediu que eu me inclinasse para a frente para ele ver a parte de trás da minha cabeça. Eu fiz isso, e senti seus dedos surpreendentemente leves tocando num galo enorme. O toque dele provocou um arrepio em todo o meu corpo.

Mais uma vez Goblin balançou a cabeça. Não. *Não conte para ele sobre nós. Ele vai me machucar.*

— Acredita em mim agora? — eu perguntei. — Que não fiz isso em

mim?

— Ah, sim, eu acredito totalmente. Nenhum desses ferimentos foi feito por suas próprias mãos. Por diversos motivos é praticamente impossível terem sido feitos por você mesmo. Mas precisamos fazer aquela tomografia computadorizada.

Eu fiquei imensamente aliviado.

A tomografia foi uma provação relativamente simples, que revelou que não havia hemorragia dentro da minha cabeça e que meu cérebro não estava inchando, e imediatamente depois que o dr. Mayfair confirmou esses resultados eu fui levado para uma suíte bem luxuosa que consistia em uma sala de estar e dois quartos. Um dos quartos era meu. Tia Queen estava se instalando no outro. Jasmine, que tinha ido para casa buscar suas roupas, já havia voltado, mas logo teria de ir embora.

Eu prometi não mexer no soro e cooperar com tudo se me desamarrassem e o Dr. Mayfair concordou prontamente.

— Há guardas na porta, não há? — eu perguntei.

Tia Queen confirmou, disse que havia guardas sim. Havia um policial uniformizado no fim do corredor. E Clem estava na sala de visitas.

Notei que tia Queen tinha chorado. Mas o que mais me perturbou foi o fato de ela ainda estar usando seu *negligée* de plumas. Não teve tempo de trocar de roupa. Senti uma raiva amarga e medo ao mesmo tempo.

— Sabe, essa situação é estranha, meu rapazinho — ela disse quando foi sentar na minha cama. (Goblin pairava num canto.) — Temos duas explicações possíveis para o que aconteceu esta noite, e nenhuma delas é monstruosa.

— Acredite em mim, só há uma explicação — eu disse. — Esse ho-

mem é uma ameaça! — E assim confessei a ela que tinha queimado os livros do desconhecido e que esse tinha sido o motivo da raiva dele. — Ele é um excêntrico, tenho certeza disso por causa do corte da sua bela roupa preta e do cabelo comprido, mas é forte como um touro e Goblin deu um baita susto nele. Ele não sabia o que batia nele, nem de onde vinha o vidro.

Parei de falar. Lembrei que tinha contado tudo isso para ela no carro. Tinha repetido isso inúmeras vezes. Será que ela estava me ouvindo porque o dr. Winn disse que meus ferimentos não podiam ter sido provocados por mim mesmo?

Ela estava profundamente perturbada. Eu queria ser forte por ela, não fraco, e não estar num leito de hospital. Peguei o pequeno controle remoto da cama e inclinei a cabeceira para eu poder sentar.

O dr. Winn chegou para se despedir.

— A tomografia está boa — ele repetiu — e nos próximos dias vamos fazer mais alguns exames. Tudo que tem de fazer, Quinn, é ficar na cama. Venho conversar com você mais tarde.

— Doutor — eu disse. — Seria abusar da sua paciência fazer uma pergunta?

— Não, claro que não, o que é?

— Havia uma aluna brilhante no curso de medicina, uma amiga minha. Ela foi aceita para um projeto de pesquisa daqui. Ela morreu num acidente de carro. Queria saber se o senhor a conheceu.

O rosto calmo dele passou por uma transformação que era nitidamente de sofrimento.

— Você está falando de Lynelle Springer — ele disse. Eu fiz que sim com a cabeça.

— Você é o menino para quem ela dava aulas, o menino de quem ela falava tanto, não é? — ele perguntou. — É claro. Tarquin Blackwood, orgulho e alegria dela. Ela gostava de você como gostava dos próprios filhos.

Eu engoli em seco. Estava quase chorando. Não esperava uma resposta como aquela.

— É verdade — eu quis saber — que depois do acidente ela nunca mais recobrou a consciência? Que nunca soube da gravidade do seu estado?

— É verdade — ele disse. E disse isso com uma voz humilde, reverente. — Ela ficou aqui duas semanas. Suas filhas vieram para cá. Tocavam fitas de música e liam poesias para ela. Mas ela estava em coma profundo e os ferimentos eram muito graves. Foi feito tudo que era possível, e então ela nos deixou.

Senti um alívio imensurável ao saber de tudo isso. Era como se um capítulo fundamental da minha vida finalmente tivesse terminado, para poder ficar comigo completo, sem uma série de pequenas distrações. Também tive certeza de que aquele homem não mentiria para mim — nunca — sobre qualquer coisa.

Tia Queen cobriu-me de beijos e disse que ia se vestir.

O padre Kevin Mayfair entrou no quarto e sentou-se ao meu lado. Goblin, que continuava sólido no pé da cama, olhou para ele desconfiado.

— Então, o que o senhor quer que eu diga? — perguntei ao padre. — Eles provavelmente lhe contaram tudo que eu disse a eles. Contaram que Goblin me salvou. O senhor conhece Goblin. Goblin vai à missa comigo todo domingo.

— Não tenha medo de mim, Quinn — ele disse, num tom mais firme e com um timbre um pouco mais agudo do que o do dr. Winn. — Eu

não sou o inimigo. Não estou aqui para entregá-lo à inquisição espanhola. A sua governanta, Ramona, disse que viu vidro voando para todos os lados. Se eu tivesse visto, talvez nunca duvidasse do Deus Todo-poderoso de novo. Talvez o diabo possa fazer isso por nós.

— Não era o diabo naquele banheiro — eu disse. — Era um homem furioso, um homem alto, belo e vaidoso. Ele passou pelos seguranças e me arrancou da cama. E então Goblin, o meu Goblin... — Olhei para ele ao pé da cama e vi que ele olhava aflito para frei Kevin. — O meu Goblin, ele quebrou os vidros para afastar o homem de mim. Ele jogou cacos de vidro no homem e o homem não podia ver Goblin, como o senhor. O homem não sabia o que estava acontecendo. O senhor tem de compreender, Goblin não vem do diabo. Tem de haver algum tipo intermediário de espírito que não é demônio, nem anjo. Tem de haver.

O padre Kevin balançou a cabeça.

— Talvez você tenha razão — ele disse, para surpresa minha. Desviou o olhar por um momento, de um jeito quase sonhador, e depois olhou para mim de novo. Sua beleza era perturbadora. Não apenas pelo cabelo ruivo e os olhos verdes, mas também pela expressão alerta e as excelentes proporções do seu rosto, o nariz pequeno e a boca grande, com lábios carnosos. Sua voz era bondosa.

— Há dois anos — ele disse — ou talvez menos, eu não teria acreditado em você. Mas agora? Desde que vim para o sul eu ouvi tantas histórias de fantasmas e de maldições de família que minha mente ficou mais flexível. — Ele fez uma pausa. — Mas vou dizer uma coisa. Mesmo que eles venham do demônio ou de dentro do seu cérebro, sejam fantasmas ou seres desencarnados sem origem definida, os espíritos não nos fazem nenhum

bem. Tenho certeza disso.

Goblin estava ficando agitado. Ele olhava fixamente para o padre Kevin com um ódio gélido.

— Não, Goblin — eu disse. — Não faça nada, Goblin.

Num súbito ataque de medo eu olhei em volta. Havia um espelho em cima da pia. E se ele o quebrasse? Agora ele sabia que era capaz de fazê-lo!

Goblin, o aprendiz.

Goblin olhou para mim com o sorriso mais estranho, como se dissesse Acha que não sei?

— Ouça, ele está aqui — eu disse ao padre Kevin. — O senhor não pode vê-lo, mas ele está ao pé da cama. E é falta de educação falar na presença dele como se ele fosse mau. Ele não é mau. Eu não sei como ele se ligou a mim. Talvez estivesse apenas vagando por aí, vagando, procurando alguém que pudesse vê-lo, então eu apareci, uma criança que tinha esse dom. E fizemos a nossa pequena irmandade, ele e eu. Não tenho respostas. Mas ele me salvou esta noite. Ele me salvou com uma extraordinária demonstração de força. Foi ele que quebrou o vidro, não eu, e não quero que ele pense, nem por um segundo, que eu sou um ingrato.

O padre Kevin analisou-me intensamente durante esse meu discurso e balançou a cabeça concordando.

— Bem, vamos deixar as coisas como estão. Se precisar conversar comigo, procure-me. Vou dar o número do meu telefone para sua tia Queen, e fico o dia inteiro entrando e saindo do hospital nas minhas rondas. Estou rapidamente me transformando no capelão oficial daqui, e você se surpreenderia de ver o que a dra. Rowan quer que eu investigue. Volto aqui mais tarde para vê-lo.

— O que ela quer que o senhor investigue? — eu perguntei.

Estava muito intrigado. E estava me acalmando, pois gostava de conversar com ele. Ele não era o lugar-comum que eu esperava que fosse.

— Experiências de quase-morte — ele disse. — É isso que estou investigando. Quando algumas pessoas são dadas como mortas, elas vêem uma luz brilhante ao passarem por um túnel e são recebidas por um ser de luz. Depois elas revivem e voltam para contar como foi.

— É, eu sei. Eu li tudo que encontrei sobre esse assunto. Eu acredito nisso. Acredito que isso acontece.

— Em geral ninguém acredita nessas pessoas. Estou aqui para acreditar, mas nunca para fazer uma pergunta capciosa que leve a uma determinada resposta, e nem para induzir ninguém.

— Estou entendendo. O senhor conversou com pessoas que tiveram essa experiência?

— Conversei. É claro que dou o sacramento dos enfermos também. E ouço confissões, e dou a comunhão.

— O senhor acredita em mim, no que acabei de contar?

— Eu acredito que você acredita no que está dizendo — ele disse. — E agora, você quer o sacramento dos enfermos? Você sabe que é muito simples.

— Eu não estou doente — eu respondi. — Quanto aos meus pecados sexuais, bem, não estou preparado para desistir de tudo. Não posso me confessar agora. Não posso comungar. Sexo é uma coisa nova ainda para mim.

— É — ele disse com um pequeno sorriso cansado. — É difícil nessa fase de sua vida. — Ele deu de ombros. Depois deu um sorriso largo pa-

ra mim e disse: — Eu achava isso um inferno quando tinha a sua idade, e francamente às vezes acho isso hoje em dia. Os padres se confessam também, você sabe. Com outros padres. Não é tão fácil.

— Eu gosto do senhor. Sei que isso pode não ter muita importância...

— Ah, tem importância sim. Mas preciso voltar para a Santa Maria. Tenho minhas obrigações na paróquia e um trabalho na universidade. Vejo você à tarde.

Ele se levantou.

Alguma coisa brotou na minha cabeça.

— Padre — eu disse. — E se o senhor visse um espírito que é mau, um espírito que o prejudicasse, um espírito que quisesse algum tipo de vingança maligna? O que o senhor faria? O senhor faria o sinal-da-cruz e rezaria? Essa seria sua única arma?

Ele ficou olhando para mim por um longo tempo antes de responder. Então disse:

— Não fale com ele. Não o receba com conversa, olhares ou qualquer forma de atenção. Lembre que ele não pode fazer muita coisa sem a sua ajuda. Mas pode ser que não possa fazer *nada* sem a sua ajuda. Veja o exemplo do fantasma do pai de Hamlet. Suponhamos que Hamlet nunca tivesse ido lá encontrá-lo para falar com ele. Suponhamos que nunca tivesse dado ao fantasma a oportunidade de pôr uma história de assassinato na cabeça dele. O resultado foi pura destruição para inocentes e culpados. Pense nisso. E se Hamlet tivesse se recusado a conversar com aquele fantasma?

— O senhor quer dizer que o fantasma era mau? — eu perguntei.

— É o que diz a peça. Podia intitular-se *A maldição de Hamlet*.

Concordei balançando a cabeça.

Ele saiu do quarto e eu fiquei lá deitado, sonolento e meio tonto, e feliz de Goblin ter sentado na cadeira ao lado da cama. Segurei a mão dele.

Pensei no desconhecido maligno.

— Quem era aquele filho-da-mãe, Goblin? — perguntei. — Como foi que ele entrou no meu quarto?

Não ouvi nenhuma resposta telepática, virei e olhei para ele e vi aquela mesma expressão séria que havia observado lá no cemitério, depois que enterrei os restos de Rebeca.

— Você não pode falar comigo, Goblin? Ouça, eu vou pedir a eles que tragam papel e lápis de cera para mim amanhã. Um bloco grande de desenho, você sabe, e podemos escrever um para o outro.

Ele balançou a cabeça, indicando que não. Deu um sorriso que era quase zombeteiro. Não, era mesmo zombeteiro. Ele parecia distante e depois zangado. *Computador, Quinn, traga um computador para cá.*

— Mas é claro — eu respondi. — Por que não pensei nisso? Vou arranjar um *laptop*, vou dizer que preciso dele.

Eu estava ficando cada vez mais sonolento. Ele ficou lá sentado, meu guardião, e então falou comigo telepaticamente de novo. *A raiva me dá força, Quinn.*

— Raiva é ruim — eu murmurei.

Eu estava adormecendo. Acordei assustado e me lembrei que estava a salvo. Tia Queen entrou no quarto. Ouvi quando ela disse à enfermeira que eu estava quase dormindo. Eles tinham de me acordar.

Ouvi Jasmine falando ao meu ouvido.

— Patrãozinho, ouça bem. A Mansão está lotada de hóspedes nas

próximas duas semanas. Preciso voltar para casa e mamãe também. Não temos escolha. Mas Miss Queen já está instalada aqui. E há guardas do lado de fora. Não se preocupe com isso. Volto assim que puder.

— Beije-me — eu murmurei, já adormecendo.

Seria um sonho? Rebeca e eu estávamos no gramado de novo sentados nas grandes cadeiras de vime, e o sol já se punha sobre as zínias que Pops tinha plantado em toda a lateral da casa, e Rebeca falou com sua voz líquida e ritmada.

— É claro que eu gostaria de viver de forma civilizada e fingir que aquilo nunca aconteceu, que ele se casou comigo e me fez senhora desta casa, e que meus filhos seriam amados por ele, e você sabe que você sempre teve amor, sempre foi amado, você não sabe o que significa não ter amor, não ter nada, simplesmente nada, e você, com Jasmine, vocês não tomaram nenhuma precaução, e se uma criança for concebida dessa união, você amaria esse filho, o filho que teve com aquela negra vagabunda?!

Eu tentei despertar. Precisava perguntar para Jasmine se ela podia ter engravidado, mas depois a nossa aventura pareceu um sonho e tive receio de que Jasmine fosse má comigo se eu tocasse nesse assunto, e eu sabia que ela não tinha se protegido, e nem eu, e talvez houvesse um bebê, e isso quase me deixou feliz.

Eu não podia mexer as mãos.

Abri os olhos. Tinham amarrado minhas mãos à cama!

— O que vocês estão fazendo?

Quis falar mais, mas Rebeca estava falando. Tinham amarrado meus pés. Comecei a gritar por socorro. Tia Queen apareceu do meu lado.

— Quinn, querido, você arrancou a agulha do soro. Estava gritando

com alguém. Você ficou agitado. Empurrou o residente. Ele teve de pôr a agulha no seu braço de novo.

Aquilo era terrível demais, simplesmente terrível demais. Olhei para o teto. Rebeca estava lá, ela servia café para mim e sorria, e as margaridas floresciam com as zínias, e eu amava muito as margaridas, aquelas pequenas flores amarelas e brancas.

— Você precisa descobrir um jeito de sair daqui — eu disse para Rebeca. — Precisa descobrir um modo de escapar deste lugar e de ir para a luz. Deus está à sua espera. Deus sabe o que aconteceu com você, ele sabe tudo sobre o gancho, o que eles fizeram. Você não entende que é Deus que vai lhe conceder justiça?

(— Acorde, Quinn. Quinn, acorde.)

— E por que eu deveria ir se está tão gostoso aqui? — disse Rebeca. — Olhe aqui, esta é a blusa que você encontrou lá em cima, no baú. Grande Ramona está lavando e passando toda a minha roupa como você mandou. Vesti esta especialmente para você, e está vendo o meu camafeu? Como é bonito. É Vênus com o pequeno Cupido ao lado. Tirei da vitrine de tia Queen. Oh, eu adoro estar com você. Beba mais café. O que você vai fazer com todas as minhas roupas velhas?

(— Acorde, Quinn, vamos, abra os olhos.)

— A pergunta deve ser o que vou fazer com você — eu respondi. — E estou dizendo que você vai voltar para Deus. Nós todos vamos. É só uma questão de tempo.”

“ - L EVEI três dias para conseguir o *laptop*. Na verdade, Nash Penfield, o professor que veio da Califórnia, comprou o computador quando chegou e, apesar de eu não ter programado encontrá-lo até as circunstâncias ficarem mais favoráveis, o que era decisão minha e não de tia Queen, fiquei muito agradecido por ele ter recursos para adquirir o equipamento apropriado e um fio de extensão bem comprido.

Naqueles três dias fizeram todos os exames médicos imagináveis e no fim dessa provação ficou perfeitamente claro que eu não tinha lesões no lobo temporal, nenhum sinal de epilepsia e nenhum tumor cerebral.

Eu não sofria de desequilíbrio eletrolítico, e não estava anêmico. Não tinha problemas circulatórios e estava limpo em relação a qualquer tipo de droga.

Não tinha problemas de tiróide e nem problemas com a minha glândula pituitária.

O pequeno inchaço no meu cérebro, consequência da lesão provocada pelo desconhecido ao bater com a minha cabeça na parede, logo foi controlado. E minhas dores de cabeça desapareceram.

Tivemos uma enorme discussão para resolver se deviam fazer uma punção na medula e finalmente eu os persuadi a fazer e acabar logo com aquilo. Sobrevivi ao risco. Eles não encontraram nenhuma célula maligna no líquido medular.

Em minhas longas excursões pelos corredores belamente pintados do labirinto do hospital eu contava toda a história da noite violenta a todos que

quisessem ouvir.

O dr. Winn Mayfair escutou calmamente e com ar pensativo às descrições que fiz de Goblin e de como Goblin me defendeu, e tia Queen, que estava no quarto, não interrompeu, nem para me tranquilizar quando eu ficava agitado, nem para acrescentar qualquer coisa ao que eu dizia, apesar de estar ficando uma especialista na história.

A atitude do dr. Winn era profundamente reservada. Não senti necessidade de pedir a aprovação dele, ou de recorrer aos conhecimentos, por mais delicadas que fossem todas as suas observações. E não fiquei surpreso quando ele me pediu que eu relatasse os fatos para uma mesa-redonda seleta e pequena de psiquiatras.

Eu me recusei. Mas tia Queen me fez mudar de idéia. Ela havia levado metade do seu guarda-roupa para o hospital e cada dia usava um de seus adoráveis vestidos no estilo bata, com o chapéu *cloche* combinando, sentava ao lado da minha cama e segurava minha mão com carinho.

— Você não entende que tenho de fazer isso? — ela pediu. — Eu não tenho opção. Se não insistir para você falar com esses psiquiatras, seremos acusados de negligência. Pense só, Quinn. Nós dois podemos ser acusados. Precisamos tirar isso do caminho e voltar para a nossa vida, do jeito que queremos.

— E daí, tia Queen? O que vai acontecer com a Mansão Blackwood? Você não entende que se você e eu partirmos em uma de suas exóticas viagens, não ficará nenhum Blackwood em casa? Eu vou conhecer, sim, esse professor, já disse que vou, mas não aqui. Insisto que não pode ser aqui.

— Eu compreendo muito bem — ela disse. — E não se preocupe com Nash, ele está muito feliz, instalado no quarto de hóspedes do meio na

Mansão Blackwood, e mesmo se o plano for para a cucuia, como dizem, ele terá umas férias *creole* deliciosas.

‘Você pode achar difícil de imaginar isso, mas eu poderia jurar que Jasmine está flertando com Nash. Aconteceu alguma coisa com Jasmine. E se quiser saber a minha opinião, acho que já não era sem tempo. Hoje Jasmine estava passeando toda prosa por lá com um conjunto Chanel muito elegante que eu dei a ela dois anos atrás. Ela nunca usava as coisas boas que eu dava para ela. Acho que Jasmine está visualizando seu destino.’

— E qual é? — eu perguntei.

— Administrar a Mansão Blackwood na nossa ausência. Ela é completamente capaz, e Clem e Grande Ramona podem apoiá-la em tudo. O que quero dizer é que Jasmine se dedicou ao serviço doméstico toda a sua vida e é inteligente, articulada, e pode certamente assumir a responsabilidade de uma parte do lucro.

— Eu não sabia que tínhamos lucro — eu disse. — Pops dizia que operávamos com um eterno prejuízo.

— Ah, Pops era pessimista, que Deus o tenha, e é claro que ele estava certo. Os hóspedes pagam uma parte da manutenção e da conservação, e esse é o objetivo, manter a Mansão Blackwood funcionando, não é? Talvez eu devesse dizer vencimentos, em vez de lucro. O que você acha? Quando lerem o testamento de Pops tudo ficará mais fácil.

— E quando é que isso vai acontecer? — perguntei.

— Bem, Patsy está em casa, já está lá há dois dias. Acho que podemos fazer isso depois de amanhã.

— Está bem — eu disse.

Eu estava atônito com aquelas informações repentinas. Tinha andado

tão envolvido comigo mesmo, tão cheio de medo e sonhos estranhos com Rebeca e visões de Goblin em technicolor.

A idéia de Jasmine cuidar da Mansão Blackwood começou a me deixar animado. Era perfeito para Jasmine. Tia Queen compreendia Jasmine melhor do que ninguém, até mais que a própria Jasmine.

E de repente, com surpreendente verve, eu quis escapar daquele lugar. Se Jasmine resistisse ao seu ‘destino’, eu queria ter uma chance de conversar com ela. O fato é que Jasmine na prática já administrava grande parte da Mansão Blackwood, e apesar de não ter tanta certeza de que o irmão dela, Clem, se mostrasse disposto a ajudá-la, eu achava que ele poderia se tornar um supervisor assistente dos homens — tarefa que o ajudante de Pops, Allen, tinha desempenhado diretamente. Eu queria desesperadamente voltar para casa.

Além do mais, eu queria ver Jasmine toda elegante naquele conjunto Chanel.

(No meu leviano coração de rapaz de dezoito anos, eu queria transar uma segunda vez com Jasmine.)

— Tudo bem, vou comparecer a essa reunião de médicos — eu disse. — Mas quero as minhas roupas. Não pretendo fugir. Só quero meu terno Armani, *uma daquelas camisas feitas a mão que você sempre manda para mim* da Europa, e minha gravata da sorte Versace. Ah, sim, e meu sapato Johnston & Murphy. Quero parecer mentalmente são, pelo menos. E além disso, Goblin gosta dessas roupas. Sempre que me visto para algum evento em casa ele fica eufórico.

— Isso é um bom sinal — ela disse. — Vou cuidar disso agora mesmo. E você deve mesmo usar seu sapato de ir à igreja. E podemos esperar

que Goblin vá com você a essa reunião?

— Claro que sim. Você acha que eu o deixaria de fora? Além do mais, nem sempre consigo controlar o que Goblin faz. Ele anda quieto aqui no hospital. Já suportou uma boa dose de minhas refeições.

— Imagino que sim — ela disse e vi que olhou diretamente para o lugar em que Goblin estava, olhando fixo para ela daquele mesmo jeito distante e frio.

O que eu não podia lhe contar era que Goblin andava agindo de modo estranho todo o tempo em que eu estava naquele hospital. E também a aparência dele não era mais uma duplicata da minha, mas talvez voltasse a ser quando eu me vestisse para a mesa-redonda psiquiátrica.

Ao contrário de mim, ele não usava os camisolões do hospital, ou os pijamas de flanela que eu vestia. Ele aparecia de calça jeans e camisas que estavam lá em casa. Um progresso surpreendente.

Mas era a expressão sempre variável do rosto dele o que me assustava mais. Eu definitivamente via o seu rosto por inteiro, com mais detalhes. E havia nele uma frieza, às vezes um olhar desesperado, além de raramente espelhar os meus sentimentos.

Afinal, eu não senti as habituais crises de pânico no hospital. Tinha uma covarde sensação de segurança. Era muita coisa acontecendo, tia Queen pedindo chá completo para ser servido no meu quarto, Grande Ramona aparecendo com camisolões novos para mim, a querida irmã de Sweetheart, tia Ruthie, chegando com chocolates finos, e guardas enfiando a cabeça na porta, e vários primos indo me visitar, só que eu não sabia o que eles achavam que tinha acontecido comigo.

De qualquer maneira, depois de inúmeros adiamentos, eu consegui o

cobiçado *laptop*. Estava sentado na espreguiçadeira ao lado da cama do hospital e queria chamar Goblin. Minha cabeça era um emaranhado de idéias sobre Goblin.

— Preciso trabalhar agora, tia Queen — eu disse muito gentilmente.
— Dê-me um beijo e vá jantar no Palácio do Comandante. Você ainda não esteve lá desde que tudo isso começou.

Ela ficou desconfiada.

— Mas você não tem tomada de telefone aqui. O que pretende fazer com um *laptop*? Escrever um romance?

— Eu converso com Goblin através dele. Para ele é mais fácil do que telepatia. Ele tira sua força da eletricidade. Foi ele que pediu.

— Oh, meu querido Quinn — ela disse, com um gesto bombástico de confusão e ansiedade.

— Tia Queen, devo dizer mais uma vez que ele salvou a minha vida. Aquele filho-da-mãe podia ter me matado!

— Meu querido, o que aconteceria se você simplesmente parasse de falar com Goblin de uma vez? E quanto à ilha, e se destruíssemos a Ermida, desmantelássemos o estranho mausoléu e levássemos os painéis de ouro para casa, e deixássemos as glicínias cobrir tudo?

— Estou espantado com você — eu disse. — Você está me magoando! Eu quero a Ermida. Aquela mesa de mármore e cadeira de ouro me inspiraram. Quero pintar tudo, botar piso de mármore. Olha, eu sei a dor que estou lhe causando. Sei do seu sofrimento com a morte de Pops e não é minha intenção que essa agonia se prolongue, mas eu quero aquele lugar, entenda isso, e ele nos pertence, não ao invasor!

Olhei para Goblin. Ele observava tia Queen intensamente. Depois

olhou para mim, quase apático. Era como se tivesse adquirido gosto pelo tédio. Eu precisava falar com ele. Tinha de avaliar, de alguma forma, o que ele sabia. Eu era a única pessoa no mundo que compreendia o problema dele.

— Está bem, meu querido — disse a minha amada tia. — Vou jantar lá em cima.

Tia Queen tinha dito para mim, mais de uma vez, que o complexo contava com quatro restaurantes e que o melhor podia competir com qualquer restaurante de Nova Orleans. Aquilo tudo foi idéia de Rowan Mayfair, de oferecer diversos cardápios para os parentes dos doentes e para os próprios doentes. Você podia fazer uma refeição rápida numa cafeteria comum no subsolo, ou subir ao Grand Luminière no último andar onde serviam as opções mais suculentas.

Tia Queen era freguesa do Grand Luminière, e minhas refeições saíam diretamente da cozinha do restaurante.

— Vou encontrar Nash, você sabe — ela continuou. — Se ao menos você...

— Vou conhecê-lo quando estiver adequadamente vestido — eu disse. — Não assim, de pijama.

Ela se levantou e já ia saindo.

— E tem mais uma coisa — eu disse.

— Sim? — ela quis saber.

Ela foi tão educada, parada ao meu lado, pronta para me dar um beijo suave, tão solícita...

— Quando é que eu vou *sair* daqui? Obviamente aquele foi um momento de decisão.

— Amanhã, talvez, depois que falar para o grupo de psiquiatras? — ela propôs. — Está marcado para as quatro da tarde.

Tudo arranjado, eu pensei, mas não disse nada.

— Está bem — eu disse. — Então que tal você, eu, Nash e Goblin irmos jantar no Grand Luminière depois da mesa-redonda?

— Acho maravilhoso. Você me deixa muito feliz. Ah, extremamente feliz. Você precisa ver aquele restaurante. E vai ver! Mal posso esperar para contar ao Nash.

E depois de mais uma profusão de beijos ela saiu e deixou pairando no ar a fragrância do maravilhoso perfume de Lynelle.

Olhei para Goblin. Ele não demonstrava nenhuma disposição de sair da sua posição preguiçosa no canto. Estava usando a minha gravata da sorte Versace. Pura ostentação.

Liguei o computador.

— Você não conversa comigo desde aquela primeira noite — eu disse enquanto digitava. — O que há com você? Qual é o problema? Eu contei a todo mundo o que você fez. Eu lhe dei crédito.

Ele desapareceu e o fato de ter estado tão nítido só aumentou o mistério. As teclas do computador começaram a se mexer. Ele escreveu:

— Gosto de sentir raiva. Fiquei pasmo.

— Isso é errado. — Fui digitando e falando. — O homem que me machucou estava com raiva. Você viu as coisas ruins que ele fez comigo?

— Use palavras maiores — disse o computador numa saraivada de teclas. — Eu disse que conheço todas as palavras que você já usou no computador. Eu presto atenção. Eu sei. Conheço palavras e coisas. E quando fiquei com raiva, foi por você.

— Eu sei que foi por mim — respondi, falando e escrevendo. —
Certamente ouviu quando contei para todo mundo.

— Não vê o que está acontecendo com você aqui? — ele perguntou.
As teclas se moviam a uma velocidade incrível. — Estão tentando tirar-me
de você. Estão tentando nos separar e nós somos Quinn Goblin, e eles não
nos compreendem.

— Não importa o que eles pensam — eu disse, falando suavemente.
— Eu te amo. Sou leal a você. Eles não podem nos separar. É impossível.
Mas você não pode ficar com raiva. Não pode ser violento. Se ficar com
raiva e violento, eu não poderei amá-lo.

— A não ser que seja por você, você quer dizer — ele argumentou.
— Se for por você, então será bom, não é?

Ele nunca articulara um pensamento daquele jeito. Era um toque mi-
núsculo e ao mesmo tempo imenso de sofisticação.

— É verdade — eu disse. — Eu quero que você me proteja. Proteja
a Mansão Blackwood. Proteja a todos que eu amo.

— Você me faz rir — ele escreveu.

— Por quê? — perguntei com inocência beligerante.

Ele empurrou o computador do meu colo e ele caiu no chão. Antes
de poder levantar da espreguiçadeira ele já estava ao meu lado, totalmente
concreto, e me beijou na boca. Então chegou para trás até ficar a menos de
trinta centímetros de mim, e me abraçou com força.

Ele moveu os lábios, e pela primeira vez ouvi uma voz verdadeira sa-
indo dele, lenta, masculina no tom e sem inflexão.

— Você está com medo de mim agora — ele disse, e os lábios dele se
mexiam bem devagar.

— É isso que você quer? — perguntei.

Eu fiquei apavorado. Em nenhum momento na minha luta com o desconhecido tinha sentido tanto medo.

— Você quer que eu tenha medo? — perguntei. — Não posso amá-lo e sentir medo de você. Vou passar a odiá-lo se me causar medo. Você viu como eu detesto o desconhecido? Faça sua escolha.

Mais uma vez ele se aproximou para me beijar e senti seus lábios nos meus, com a mesma firmeza que tinha sentido os beijos de Jasmine. A mão dele desceu entre as minhas pernas. Ele passou a mão por baixo da minha camisola.

— Não, aqui não — eu disse. — Tenha paciência. E novamente ele falou comigo. Ele *falou*.

— Mas quando você sente, eu sinto. Eu quero.

Senti a mão dele no meu pau e cedi. Eu me entreguei rapidamente e tudo acabou em poucos segundos.

Recostei na espreguiçadeira e fechei os olhos. Meu corpo estava aplacado e satisfeito. Houve um momento de silêncio. Talvez cinco minutos ou mais. Mas ele continuava lá. Estava ajoelhado ao meu lado, mas eu não podia olhar para ele.

— Quem *era* o desconhecido? — perguntei e abri os olhos. — Perguntei isso milhares de vezes. Quem era ele?

— Eu não sei — ele respondeu e o som daquela voz monótona era literalmente apavorante.

— Onde está o desconhecido? — perguntei.

— Eu não sei — ele disse de novo. — Se soubesse, ia pegá-lo e machucá-lo. Eu não sei tudo — a voz dele continuava monótona e grave. —

Eu sei muito mais do que você imagina que eu sei.

Eu não disse nada. Estava com muito medo. Tentei sentir amor, não por querer amá-lo, mas porque eu estava enlouquecendo. No dia seguinte eu poderia estar completamente louco.

— Quero que vá embora agora — eu disse e olhei nos olhos dele. — Quero que me deixe para eu poder pensar, está entendendo?

— Você acha que manda em mim — disse a voz monótona. Os lábios não faziam os movimentos exatos. — Você não pode me dar ordens, mas, por amor, vou deixá-lo sozinho. Cuidado com o que eles fazem com você aqui.

— Não me assuste mais — eu disse.

— Eu não quero assustá-lo. Mas você tem de entender que eles querem modificá-lo. Eles querem transformá-lo para você não poder mais me ver, nem ouvir.

— Isso é impossível — eu sussurrei. — Vá agora. Eu preciso ficar sozinho. Você nunca quer ficar sozinho?

Sem resposta.

— Para onde vai quando não está comigo? — perguntei. Sem resposta.

— Diga-me — eu insisti. — Para onde vai quando some? Ou você fica comigo, invisível, só observando e aprendendo?

Sem resposta.

Senti quando ele foi embora. Senti uma diferença de temperatura no quarto. Ouvi coisas se mexendo, o lenço de papel fez um ruído na caixa, a cama rangeu, as persianas bateram de leve, depois nada.

Fiz o sinal-da-cruz. O que eu ia fazer? Onde ia encontrar alguém que

pudesse entender isso? Droga, precisava de alguém para me dizer o que fazer.

Fui para o banheiro e lavei o sêmen grudento nas minhas pernas. Lavei as mãos. Depois voltei, peguei meu terço na mesa-de-cabeceira. Grande Ramona tinha encontrado o terço para mim. Era o rosário de granada da minha primeira comunhão. Presente de Lynelle. Comecei a rezar.

Mas não conseguia meditar sobre os mistérios. Pensava no desconhecido. E se ele voltasse para a Mansão Blackwood? Se a Ermida fosse destruída, o que ele faria? Eu o visualizei, aqueles olhos escuros de fogo. Ele tinha ficado furioso, pulando de um lado para o outro como um dervixe quando o vidro voou para cima dele.

E se dormisse, sonharia com Rebeca.”

“ – **G**OBLIN CHEGOU na hora para a reunião com o grupo de psiquiatras. Era minha fiel duplicata de novo, e o ar de desprezo e tédio havia sumido do seu rosto. Ele pôs o braço nos meus ombros e eu percebi que ele tinha medo do que ia acontecer com aquele grupo de debate.

Quando entramos na sala — Goblin, tia Queen e eu — eu pensei, como seria se confiasse nessas pessoas? E se eu realmente fizesse um apelo para elas? Será que podiam ajudar-me, não com algum diagnóstico psiquiátrico tirado da manga, mas com um ataque concreto contra Rebeca e Goblin, e contra o pânico que me levava à Ermida? Será que eles podiam fazer parte do meu esforço para lutar contra o invasor?

Aquela minha deslealdade para com Goblin, nascida de um medo novo, me deixou envergonhado. Mas sem poder ler a minha mente, por causa de todas as suas novas conquistas, ele não desconfiou.

Discretamente pedi que pusessem uma cadeira ao meu lado para Goblin sentar, pus minha mão no joelho dele e senti que ele se acalmou. Olhei rapidamente para o perfil dele e vi seus olhos gelados olhando para o grupo de psiquiatras. Eu disse à mesa que apesar de não poderem vê-lo, Goblin estava sentado do meu lado esquerdo, que ele estava olhando para eles e ouvindo tudo que falavam sobre nós.

Quanto à mesa-redonda, logo tive certeza de que era impossível esperar qualquer coisa de excepcional de qualquer membro do grupo, e as perguntas duraram meia hora sem incidentes.

Dois dos médicos eram jovens, homens estéreis e sem coração, achei que eram residentes e a única mulher no grupo parecia insegura e preocupada demais em agradar, e o presidente da mesa era um médico pesado e corpulento que parecia sofrer de depressão terminal.

Winn Mayfair estava lá e me observava dignamente, em silêncio. O dele era, de longe, o rosto mais interessante.

Contei a eles rápida e secamente toda a minha história. Não omiti nada, a não ser os detalhes mais recentes e privados do meu relacionamento erótico com Goblin. Da coragem dele eu falei muito. Do nosso contato sexual, não disse nada. Ao descrever meu romance com Rebeca e o enterro dos restos dela, as idas do pessoal do laboratório da clínica

Mayfair à Ermida e a presença do FBI, eles olharam para tia Queen, que prontamente confirmou tudo que podia confirmar.

— Você sabe — disse o médico gordo — que nenhuma impressão digital foi encontrada no banheiro em que você foi supostamente atacado. Nada nas paredes, na pia, ou nos pedaços de vidro que puderam examinar.

Eu não sabia e fiquei muito desapontado de ter de ficar sabendo de uma coisa dessas em tais circunstâncias.

— O invasor não tocou em nada, a não ser em mim — eu disse em voz baixa, com o rosto afogueado por causa do esforço que fazia para me controlar. — O vidro estava todo estilhaçado.

— Você também sabe — disse o presidente da mesa — que sua governanta Ramona não viu esse intruso, e nenhum dos seguranças também.

Mais uma vez fiquei magoado porque tia Queen não tinha me contado essas coisas antes, mas engoli minha raiva e simplesmente dei de ombros.

— O dr. Winn Mayfair pode dizer para os senhores — eu disse. — Meus ferimentos não foram provocados por mim.

Chegamos a um impasse.

Então os médicos fizeram as mesmas perguntas rotineiras que os psiquiatras infantis haviam feito a mim anos antes, com alguns detalhes novos: como, se eu ouvia vozes, se Goblin alguma vez me mandou fazer alguma coisa, se eu apagava de vez em quando, se eu sabia qual era o meu QI, se eu não me interessava por freqüentar uma escola. Dei respostas simples. Eu queria que aquilo acabasse logo.

Finalmente o dr. Winn Mayfair perguntou, com uma voz bem calma e respeitosa, se ele e os outros podiam fazer qualquer coisa por mim. Se eu queria perguntar alguma coisa para aqueles que estavam me interrogando.

Fui pego de surpresa. Nunca esperei nada tão amigável ou sensato. O bom senso me dizia para parar e pensar naquilo. Mas então ouvi minha voz respondendo.

— Não, acho que isso já durou tempo demais. Suponho que os senhores vão deliberar e informar-nos do seu diagnóstico?

— Faremos isso, se você quiser — disse o dr. Winn. — Obrigado por ter vindo.

— Os senhores falam como se eu fosse um espécime raro — eu disse, ignorando o susto de tia Queen —, eu vim aqui para que me ajudassem ou para ajudá-los?

O dr. Winn não se abalou com meu tom áspero.

— Este é um hospital-escola, Quinn — ele disse. — O que acontece aqui é recíproco. Quanto ao seu diagnóstico, deixe-me explicar agora que é perfeitamente óbvio que você não é um maníaco-depressivo, um esquizo-

frênico ou um sociopata. Essas são as síndromes que preocupam as pessoas.

Ele ficou de pé — um sinal para todos os presentes — e dessa vez apertou a minha mão e elogiou a minha paciência.

Os dois jovens anti-sépticos desapareceram, a mulher foi com eles, o enorme e deprimido capitão do time me desejou boa sorte, e tia Queen disse felicíssima que agora podíamos subir para o Grand Luminière na cobertura para um ótimo jantar.

Goblin continuou ao meu lado e no elevador, quando subíamos para a cobertura, senti o braço direito dele me apertar.

Eu estava calculando, ia contar tudo para o sr. Nash Penfield logo de cara. Não ia deixar que ele descobrisse tudo isso de algum modo constrangedor.

O restaurante foi uma surpresa maravilhosa. Nem os elogios generosos de tia Queen faziam jus a ele. Estávamos bem no alto, sobre Nova Orleans, o que era lindo, e os janelões em arco se abriam em todos os cantos para a tarde luminosa à nossa volta. Havia uma colunata ao longo do lado leste, onde se podia passear ao ar livre, por uma balaustrada de colunas toscanas. E dentro do próprio salão circular, entre as amplas janelas, havia quadros maravilhosos com molduras pesadas e trabalhadas — uma amostra da arte de diversos séculos.

Reconheci de imediato a arte holandesa.

— Meu Deus — eu disse para tia Queen. — Estamos cercados por Rembrandts.

— Não, querido, são todos falsos, ou reproduções, como Rowan Mayfair costuma dizer. Foram encomendados especialmente para o restaurante, mas não se preocupe. Você estará em Amsterdã em breve, admirando

alguns originais.

— Que idéia incrível. Trazer tudo para cá para as pessoas que não querem ficar viajando por aí.

— Ora, ora, nada disso — ela disse. — Não se preocupe com as viagens. Lá está o Nash. Ele já está sentado à mesa. Por favor, siga-me.

Avaliei o restaurante antes de avaliar o homem e vi que havia todo tipo de gente, com todo tipo de roupa, sentada às mesas. Muitos pacientes em cadeiras de rodas jantavam com parentes, ao que parecia, e muitas mesas tinham pessoas vestidas para uma noite na cidade, e havia também médicos e enfermeiras uniformizados.

Todas as mesas eram redondas mas de diversos tamanhos, e a nossa estava posta para quatro, o que imediatamente me encantou.

Resumindo, eu percebi que era um espaço muito homogêneo e democrático, mas que era também um lugar de genuína beleza e refinamento, e meu coração se abriu para a mulher que o idealizara.

Das janelas o céu ensolarado transbordava, e eu podia ver as luzes piscando das duas pontes sobre o rio que brilhavam maravilhosamente ao entardecer. Eu adorei.

Mas era hora de encontrar Nash e apresentá-lo para o Goblin.

O homem que ajudava tia Queen com a cadeira era mais alto do que eu (naquela época), talvez uns cinco centímetros. Tinha cabelo preto ondulado bem grisalho nas laterais, e estava com um bom terno primaveril de algodão azul e branco.

Os olhos dele eram azul-claros e ele tinha profundas marcas de expressão no rosto, o que fazia com que parecesse bochechudo, mas ele era, na verdade, magro. Sua expressão era inteligente e simpática, e ele apertou a

minha mão carinhosamente.

— Você é Nash — eu disse. — Agradeço por ter me ajudado com o computador.

A voz dele tinha uma profundidade e timbre que muitos homens invejariam. Na verdade tinha um tom naturalmente profissional, o que lhe conferia imenso charme.

— Estou encantado de conhecê-lo, Quinn — ele disse. — Então Goblin está com você?

Estávamos começando com o pé direito. Apresentei Goblin a ele imediatamente e notei o olhar frio de Goblin quando Nash fez o melhor que pôde para ser cortês com algo que não podia ver.

Sentamos formando um círculo aberto e quando a garçonete se aproximou eu disse a ela que havia um personagem invisível sentado à minha esquerda, e que ele ia comer o mesmo que eu.

Ela ficou horrorizada.

Tia Queen confirmou logo o plano, antes que a jovem começasse a rir ou fizesse alguma observação jocosa. E Nash imediatamente comentou sobre o peso dos talheres de prata sobre a mesa.

Eu pedi um martíni duplo, cheio de azeitonas, e tudo correu muito bem graças a tia Queen que pediu o mesmo para ela e Goblin, acrescentando que queria ver a carta de vinhos.

Nash pediu água mineral com gás, observando que sua vida de bebedor tinha terminado antes do que era de se esperar.

A garçonete se afastou meio aflita.

Então Nash passou a se apresentar, numa voz lenta e sonora, contando como tia Queen e ele haviam se conhecido na Europa, onde Nash

conduzia um grupo de alunos do segundo grau numa excursão pelo continente.

Aparentemente aquele era o trabalho de verão de Nash enquanto se formava na graduação da Faculdade de Claremont na Califórnia, mas agora as aulas do doutorado já haviam terminado e ele só precisava escrever sua tese.

O tema? Uma investigação minuciosa para saber se os textos de Charles Dickens sofreram qualquer tipo de cortes ou supressões, e qual o efeito que os padrões modernos de edição poderiam ter tido sobre sua obra, com um foco especial no estudo de como os escritos de Dickens tinham sido resumidos na Inglaterra e na América.

Fiquei muito interessado, e também atraído por aquele homem de voz profunda, cabelos brancos nas têmporas, e achei que podia ficar escutando sua eloquência fluente durante horas. Na verdade, era o que eu queria. Ele tinha uma expressão natural de deslumbramento quando falava e uma polidez inveterada que me desarmava.

Mas tia Queen rapidamente interrompeu a conversa para exprimir seu desejo imediato: assim que lessem o testamento de Pops, iríamos para a Europa. É claro que Nash concordou com ela de que eu estava com a idade perfeita para a grande excursão, e acreditei em Nash quando ele me disse que eu nunca mais seria tão impressionável como era naquele momento. Então ele virou-se para Goblin, procurou fixar o olhar em algo paralelo a mim, e perguntou a ele o que ele achava da proposta da viagem.

Eu segurei a mão direita de Goblin, que pareceu pesada e quente, mas ele não demonstrou nada além daquele perfil frio novamente, e ficou no mais completo silêncio.

— Goblin, o que você acha? Lembra da nossa viagem a Nova York?

— A pergunta saiu da minha boca antes de eu perceber que era uma gafe. Goblin tinha ficado cada dia mais fraco em Nova York, até não passar de um mero espectro.

— Goblin, nós não faremos nada que possa nos prejudicar — eu disse. — Aqui, olhe para esse martíni — Ergui o copo para ele e dei um gole eu mesmo. — Um brinde a você, Goblin. Estamos juntos. Vamos voltar para casa esta noite. Chega deste hospital e de qualquer pessoa, e de todas as pessoas que teriam feito alguma coisa para nos separar.

É claro que esse longo discurso foi perfeitamente audível para Nash e tia Queen, e tia Queen entendeu logo o espírito da coisa.

— Vamos, Goblin — ela disse. — Você certamente quer ir conosco para a Europa. Vamos nos divertir à beça juntos.

Mais uma vez eu tentei provocar alguma reação nele, mas não consegui. Ele não comia nem bebia, e olhava fixo para Nash como se ele fosse o inimigo.

— Não, Goblin, ele não é! — Inclinei o corpo para perto dele e susurrei: — Ele é bom para nós. Lembra de como Lynelle era boa? Esse homem é assim também. Soube disso no momento em que ele começou a conversar conosco.

Obviamente Nash e tia Queen ouviram isso, e na mesma hora tia Queen se manifestou.

— Eu estou felicíssima. Quinn, querido, não beba esse martíni rápido demais. O vinho que eu escolhi está excelente.

Goblin continuou a olhar fixo para frente.

— Não se preocupem com ele por enquanto — eu disse. — Acho

que esse tempo no hospital deixou-o exausto. Nash... eu suponho que queira que eu o chame de Nash. (Oh, é claro, ele respondeu.) Acabamos de passar por uma provação bem peculiar no hospital e...

Então ouvi a voz monótona e horrível de Goblin.

— Europa, eu não posso — ele disse. — É longe demais para mim. Você lembra de Nova York. Você fala feito um idiota. Goblin Quinn uma pessoa.

Ficou claro que ninguém mais podia ouvi-lo.

— Eu sei — respondi em voz alta. — Eu entendo. Está bem. Vamos pensar nisso.

— Eu achava — ele continuou com a mesma voz arrepiante — que a Europa só existia em imagens e histórias. Mas depois tia Queen telefonou da Europa, vimos filmes sobre a Europa, Lynelle nos ensinou coisas da Europa. A Europa é real e muito distante. Nada de ir para a Europa. Não. Faça isso e nós nos separamos. Quinn Goblin uma pessoa.

A minha ansiedade estava crescendo. Estavam pondo pratos de comida fumegante na mesa, enchendo taças de vinho, e todos naquele restaurante me viram sussurrando para um espaço vazio, mas eu não pretendia desistir.

— Apenas escute esse homem — eu disse. — Ouça tia Queen. Não precisamos ir. — Cheguei mais perto dele e falei ainda mais baixo. — Estou apenas querendo agradá-los, entende? Eu tenho de fazer isso. Nash pode ser meu professor na Fazenda Blackwood. Ficaremos juntos. Goblin, olhe para mim.

— Não, não quero olhar para você — ele respondeu. — Você é falso.

— Deus do céu — exclamei em voz alta. — O que você quer de mim? Estou lhe dando toda a minha lealdade. Nash, diga a ele que você pode ser meu tutor na Fazenda Blackwood. É possível, não é?

Nash olhou intensamente para o que pensava ser o rosto de Goblin, e notei que não errou por muito.

— Claro, eu teria muito prazer de dar aulas para você na Fazenda Blackwood. O lugar é lindo Goblin, sou novo aqui. Quero a sua aprovação. Eu sei muito bem que Quinn só vai me aceitar se você me aceitar.

— É isso mesmo, é por isso que estamos aqui! — eu disse na mesma hora. — Ah, se ao menos você pudesse vê-lo — eu disse a Nash. — Para mim ele é tão sólido como você. — Estendi a mão e segurei a de Goblin. — Eu te amo, Goblin. O que existe entre nós é amor. — E beijei o rosto dele.

Recuei, e no pequeno intervalo de silêncio eu me senti exposto e ridículo naquele restaurante apinhado. Imaginei que seria difícil conquistar Nash, mas acabou que Goblin é que se mostrava difícil. E eu estava passando um vexame naquele lugar, conversando com o que parecia não ser nada e ninguém, falando de medo, porque sabia o que aquela pessoa invisível era capaz de fazer e que ninguém sequer imaginava. Nem tia Queen podia ter idéia.

E então aconteceu um dos momentos mais raros da minha vida.

Eu estava olhando para Nash e tia Queen quando subitamente notei, na mesa ao lado, atrás deles, uma linda moça ruiva que olhava fixamente para mim. Foi como se o padre Kevin Mayfair tivesse se metamorfoseado na própria e divina irmã.

Sua pele era clara como a dele, com um rubor natural nas maçãs do rosto e tinha o mesmo cabelo vermelho e cheio. E apesar de ter seios sufici-

entamente grandes para agradar a qualquer homem, usava fitas no cabelo como se fosse uma menininha em espírito.

Nossos olhares se encontraram e então ela olhou para Goblin. *Ela podia ver Goblin!*

— Quinn retardado — ele disse para mim com aquela voz gélida e sem amor. — Ela está nos observando desde o início.

Mas claro, ele estava olhando fixo para ela, não para Nash, nem para tia Queen. Ele olhava mais atrás, para aquela pessoa — a primeira pessoa que eu conhecia, além de mim mesmo, que parecia ser capaz de vê-lo de verdade.

O choque me deixou sem fala. Eu sabia que tia Queen estava me fazendo perguntas, e que Nash tinha acabado de dizer qualquer coisa. Mas nada fazia sentido. E enquanto eu olhava, um homem que estava sentado ao lado daquela incrível jovem se levantou e veio na nossa direção. Ele olhou direto para mim e se aproximou.

Tinha cabelo grisalho e vestia-se de maneira informal, apesar de muito elegante, com um blazer e calça azuis. Sua expressão e a voz pareceram muito animadas quando falou comigo.

— Perdoe a minha intromissão, por favor. Meu nome é Stirling Oliver. Sou membro de uma organização. O nome dela é Talamasca. Quero me apresentar a você. Nós estudamos a paranormalidade, e não pude deixar de notar o seu companheiro.

— Quer dizer que também pode vê-lo? — perguntei, mas logo vi que ele dizia a verdade, e os olhos de Goblin miraram os dele, mas Goblin não disse nada.

— Sim, posso vê-lo muito bem — disse o sr. Oliver enquanto me

dava um pequeno cartão. — Somos uma ordem muito, muito antiga. Existimos há pelo menos mil anos. Estudamos espíritos e as pessoas que conseguem vê-los. Oferecemos assistência. Oferecemos informação. Estou muito impressionado com o seu amigo, permita-me dizer.

— Goblin, fale com o sr. Oliver — eu disse. Goblin não se mexeu e nem disse nada. Tia Queen interveio.

— Eu realmente preciso pedir ao senhor que pare — ela disse com firmeza incomum. — Compreenda, apesar de ser muito alto, meu sobrinho só tem dezoito anos, e o senhor tem de passar por mim se quiser estabelecer qualquer espécie de contato com ele. Eu não aprovo de todo as pessoas que acreditam na paranormalidade.

— Mas tia Queen — eu disse. — Como pode dizer isso? Eu vi Goblin toda a minha vida! Por favor, eu imploro, deixe-me conversar com este homem.

Mas eu estava olhando para a moça ruiva e então levantei abruptamente, pedi licença a todos e fui até a mesa dela.

Ela olhou para mim com os olhos verdes do padre Kevin. As pequenas fitas estavam amarradas em lindas tranças do seu cabelo comprido, espesso e ondulado. Ela sorriu. Ela brilhou. Ela era exótica.

— Quero me casar com você — eu disse. — Estou apaixonado por você. Você consegue ver Goblin, não consegue?

— É, eu posso vê-lo, e ele é um espírito grande e bem flagrante — ela disse. — Mas acho que não posso me casar com você.

Eu me sentei, provavelmente na cadeira que Stirling Oliver tinha desocupado, dei uma olhada rápida e vi que ele estava envolvido numa discussão com tia Queen, e só aí percebi que o padre Kevin e o dr. Winn estavam

sentados à mesa diante de nós.

— Meu nome é Mona Mayfair — disse a moça, com uma voz bastante vivaz. — Estes são meus primos...

— Conheço os dois. Padre Kev, por favor, apresente-nos adequadamente.

— Quinn, você é muito estranho — disse o padre com o brilho de um sorriso simpático. — Apresente-nos adequadamente. Daqui a pouco você vai querer que eu anuncie os proclamas no domingo. Mona, este é Tarquin Blackwood, ele tem dezoito anos, e leva o anjo da guarda dele para todo lugar.

— Aquele espírito não é nenhum anjo — disse Mona. — Ele é forte demais para essa designação.

Oh, eu adorei a voz dela, a cadência, a facilidade com que se permitia rir.

— Quero me casar com você, Mona, eu sei disso — eu disse, gaguejando, pois nunca vira alguém tão adorável como Mona, e nunca mais veria, tinha certeza disso. O mundo ficou por um fio e eu tinha de segurar o mundo e arrebentar esse fio. — Mona, fuja comigo. Vamos apenas conversar.

— Vá com calma, Tarquin, por favor — ela disse. — Você é muito elegante e bonito, mas não posso simplesmente fugir com você. Tem tanta gente tomando conta de mim que você nem acreditaria.

— Acontece o mesmo comigo, toda decisão é tomada por um comitê. Mona, eu te adoro.

Olhei para as minhas mãos. Que anéis eu tinha posto para o odioso encontro com os psiquiatras? Estava com uma aliança cravejada de brilhantes no anular direito. Tirei o anel. Ofereci a ela.

— Quinn — disse o padre Kevin. — Pare com isso e desista. Você pode conversar com Mona normalmente. Não precisa ficar oferecendo anéis para ela. Você nem a conhece.

— E olhe — ela disse, apontando para a outra mesa. — O seu espírito ficou de pé e está olhando sério para você. Ele sabe que consigo vê-lo e não sabe o que pensar quanto a isso. Olhe, agora ele está olhando para Stirling.

— Stirling, a Talamasca, foi isso que ele disse, não é? Eu preciso saber mais sobre isso. Conhece a Talamasca, padre Kevin?

— Tanto quanto um padre da Igreja de Roma deve conhecer — ele respondeu com facilidade. — Quinn, Stirling é um homem decente. Não posso dar meu aval à organização, mas ele tem sido um bom amigo para Mona e para mim.

— Você precisa de alguém como ele — disse Mona. — Não eu. Sou perdida demais para você.

— Do que você está falando? — eu disse. — Perdida! Você é maravilhosa. Eu quero... Eu vou enlouquecer. Eu sabia que ia ficar louco hoje. Primeiro foi uma mesa-redonda de psiquiatras, depois o Goblin de mau humor e estranho, e agora você está me dizendo que nem pensa em se casar comigo! Deixe-me pelo menos visitá-la, deixe-me levar um buquê de flores e sentar com você na sua sala de estar com a sua mãe também, está bem? Eu juro que serei um perfeito cavalheiro.

Ela sorriu ainda mais e eu pude ver um senso de humor misterioso naqueles espertos olhos verdes. Eu vi segredos, percebi inteligência e doçura.

— Eu queria poder, se eu não fosse quem sou... — ela disse. — Os

Mayfair como eu sempre se casam com outros Mayfair. Não temos escolha. Ninguém mais nos compreende — ela suspirou.

— Eu compreendo você. Você já viu outros espíritos, não viu? Você soube imediatamente o que Goblin era.

— Eu vi muitos espíritos — ela disse séria. — Talvez você e eu pudéssemos apenas nos divertir por algum tempo.

— Não, não acho que seja uma boa idéia — disse o padre Kev. — Quinn, sua tia Queen está ficando bastante aflita. — Ele se levantou. — Acho que é hora de eu ir lá pegar o Stirling. Nunca vi Stirling agir dessa maneira. Acho que ele pensa que você precisa dele, Quinn. E você venha comigo.

— Mas eu nem sei onde você mora! — eu disse para Mona.

Olhei fixo para o dr. Winn. Os frios olhos azuis e a expressão fleumática dele não revelaram nada.

— Venha, Quinn — disse o padre Kev.

— Esquina da First Street com Chestnut — disse Mona. — Pode lembrar disso? Fica no centro, do lado do rio. É no Garden District.

— Conheço muito bem — eu disse. — Minha avó foi criada na Rua Coliseum. Eu vou visitá-la.

Deixei o padre Kev me levar de volta para a minha mesa. Stirling Oliver estava sentado na minha cadeira, discutindo animadamente com tia Queen.

— Nossa intenção é apenas ajudar as pessoas — ele dizia. — Uma pessoa que vê espíritos pode se sentir muito isolada.

— Tem razão — eu disse. — Tem toda razão.

E lá estava Goblin olhando friamente para tudo aquilo, depois ele o-

lhou para a adorável Mona.

Stirling ficou de pé. Pôs um cartão branco na minha mão.

— Pegue isso. Telefone para mim se sentir que precisa conversar comigo. E se sua tia, a sra. McQueen, permitir.

— Detesto ter de ser rude, mas não acho que é uma boa idéia, sr. Oliver, e insisto para que o senhor deixe meu sobrinho seguir o destino dele.

— O destino dele — disse o sr. Oliver. — Ah, mas isso vem bem a calhar.

— É, vem mesmo — eu disse. — Tia Queen, estou apaixonado. Eu amo aquela moça. Vire para lá. Não vai acreditar nos seus olhos.

— Meu Deus — ela disse. — É uma Mayfair.

— Que tipo de observação é essa? — perguntei.

O padre Kevin deu uma risadinha discreta.

— Agora ouça, sra. Queen — ele disse sorrindo. — A senhora sempre me tolerou muito bem. Sei que pediu a seu motorista que a levasse até o lago só para assistir à minha missa na Assunção de Santa Maria.

— De fato o senhor reza a missa com muito talento, padre Kevin — ela respondeu. — E é um padre, como todos nós sabemos, consagrado pela Igreja Católica Romana, isso ninguém discute, mas, se não me engano, estamos falando da sua prima Mona, não é? Sim, é Mona, e trata-se de um assunto completamente diferente. Queridos, é hora de ir para casa. Quinn, querido, você recebeu alta e suas coisas já estão todas arrumadas. Nash, se você não se importar...

— Tia Queen, o que está acontecendo? — eu perguntei.

— Vamos embora, querido. Sr. Oliver? Gostaria de poder dizer que foi um prazer. Reconheço suas boas intenções.

— Por favor, fique com isso — ele disse e entregou a ela seu cartão novamente.

Eu ainda estava segurando o que ele tinha me dado. Guardei no bolso.

Olhei de novo para aquela moça radiante. Quando nossos olhos se encontraram, ouvi a mensagem, tão clara como se Goblin tivesse dito para mim: *First Street com Chestnut*.

Goblin desapareceu. Eu estava sendo levado às pressas para fora do restaurante. Nunca senti perplexidade tão irritante!

Só exigi que parássemos quando chegamos ao carro.

— Goblin — eu gritei. — Vocês não entendem? Ele foi incomodá-la agora. Goblin, volte aqui.

Então senti a tranqüilidade fria e murmurada de que precisava, como um mosquito na minha orelha.

— Você é um tolo, Quinn. Eu não quero ficar com ela. Ela não me ama. Não sou dela. Estou com você. Eu sou seu. Quinn e Goblin uma pessoa.

— Graças a Deus — eu sussurrei.

A limusine comprida saiu da *porte cochère* e eu comecei a chorar como um menininho.

— Vocês não entendem — eu disse. — Ela viu Goblin. E estou apaixonado por ela. É a pedra preciosa mais radiante que eu já vi.”

“ — AQUELA NOITE eu me entendi com Nash como poucos — Assim as pessoas na minha vida, e criamos um laço que durou toda a minha vida mortal e foi além dela. Ele ficou horas comigo, dando apoio enquanto abria a minha alma para ele, agonizando com a lembrança da última visão que tive de Mona Mayfair.

Confidenciei para ele cada nuance do pânico que eu vinha sentindo desde a morte de Lynelle, e até ousei contar, com palavras profundas e frases tortuosas, de que modo temia as mudanças recentes da temperatura emocional de Goblin.

É claro que falei do desconhecido, do desconhecido em quem ninguém acreditava, e que eu esperava em breve ser acusado de ter escrito a carta que ele deixou para mim.

Eu definitivamente delirei com a perda de Lynelle. Não era capaz de fazer qualquer outra coisa quando pensava nisso.

A voz profunda de Nash, seu braço forte no meu ombro, a mão gentil no meu joelho, tudo ia além do consolo. E havia alguma coisa nele que era tão correto e tão tranquilo, tão inerentemente cavalheiresco e natural, que senti que podia confiar-lhe a minha alma — mesmo as aventuras eróticas que tive com meu amado Goblin e com a minha aterroradora Rebeca. Contei até a relação que tive com Jasmine.

Em que Nash realmente acreditava? Pensaria que eu era louco? Eu não sabia. Só sabia que ele estava sendo muito sincero comigo em cada palavra que dizia e em cada gesto. Sabia que ele me respeitava e este respeito

valia mais que tudo.

Eu sabia que sentia pena de mim só porque eu era jovem, e no entanto me levava a sério, e disse diversas vezes, enquanto a noite avançava, que compreendia e lembrava de como tinha sido para ele quando tinha a minha idade.

Iniciamos essa maratona de conversas na sala de estar da frente, liberada mais cedo pelos nossos poucos hóspedes, e terminamos à mesa da cozinha, tomando café como combustível, apesar de eu sempre completar os meus com quantidades generosas de creme e açúcar.

Só quando Grande Ramona nos expulsou nós fomos para o velho cemitério, e contei a ele sobre os espíritos que tinha visto lá. Disse a ele coisas que queria ter dito para Mona.

Estávamos sob o grande carvalho quando veio o amanhecer, com sua luz suave, silenciosa e cintilante, e foi lá que eu disse que sempre gostaria dele.

— Sabe, não importa o que vai acontecer conosco — eu disse — como professor e aluno, como amigos, o que quer que aconteça — se eventualmente formos para a Europa, ou se ficarmos aqui — nunca esquecerei que você me ouviu esta noite, nunca esquecerei da sua bondade desinteressada.

— Quinn, você é uma alma sofrida — ele disse para mim. — E provavelmente é melhor assim. Não posso negar que você me atrai e que representa um desafio para mim. Sim, quero ser seu professor. Seria uma honra ser seu professor, e creio que podemos realizar muitas coisas juntos. Mas você ainda não me conhece, e pode vir a mudar de idéia quando compreender certas coisas.

— Nada jamais mudará esse amor, Nash — eu respondi. — Assim como nada mudará o que sinto por Mona Mayfair.

Ele me deu o sorriso mais simpático.

— E agora você precisa entrar e se vestir. A leitura do testamento do seu avô, lembra?

Como poderia esquecer?

Devorei um luto café da manhã na cozinha, depois subi para tomar uma chuveirada e trocar de roupa, com certo medo de ver o que ia encontrar no banheiro em termos de remendos do conserto, mas estava tudo perfeito.

Com a cabeça leve de um conquistador de grandiosas emoções, entrei na limusine com tia Queen e Patsy, que parecia deliberadamente um lixo completo com suas roupas de couro, e Jasmine, elegantíssima com um deslumbrante terninho preto e salto agulha, e lá fomos nós para o escritório do advogado em Ruby River. Grande Ramona e Felix deviam ter ido também, mas a casa não podia ficar sem eles. Clem, que dirigia a limusine, também foi convidado a entrar quando chegamos lá. E Lolly, que ia na frente com Clem, também compareceu.

Em pouco tempo estávamos instalados num daqueles escritórios de advogado genéricos dos quais vi muitos na vida, com cadeiras estofadas de couro preto e uma grande mesa de mogno com tampo de vidro para o homem que lê o documento que sempre faz alguém se sentir péssimo.

Nosso advogado de voz agradável, Grady Breen (velho e querido amigo de Gravier, e uma relíquia com cerca de oitenta e cinco anos de idade), fez todas as ofertas de praxe, café ou refrigerantes, que todos, na nossa ansiedade, recusamos, e pôs mãos à obra.

Da última vez quem tinha sido brutalmente magoada com uma herança que, na cabeça dela, não servia nem como esmola, fora Patsy. E todos estavam silenciosamente apostando que seria Patsy de novo quem seria escalada e sairia do escritório aos berros.

Mas o que foi revelado surpreendeu a todos. As menores doações — quinhentos mil dólares igualmente distribuídos para Clem, Felix, Ramona, Lolly e Jasmine — não foram um grande choque. E o fato de Pops ter lhes deixado ótimos rendimentos anuais como aposentadoria também deixou todo mundo um pouco menos nervoso. Na verdade, estou atenuando os fatos. Essa parte do testamento deixou Clem, Jasmine e Lolly felicíssimos. Jasmine começou a chorar e Lolly agarrou o braço dela com força, chorando também, e Clem apenas balançou a cabeça, maravilhado.

Mas então veio o prato principal do banquete e ninguém ficou mais espantado do que Patsy. Parece que o bisavô Gravier tinha deixado uma aplicação para Pops destinada, nos termos originais, a ir inteiramente para a única filha de Pops, Patsy. O principal dessa aplicação girava em torno de dezenas de milhões e a renda era tão grande que Patsy positivamente gritou e riu atônita.

Quanto aos investimentos restantes de Pops, também enormes, um foi para tia Queen até a sua morte e depois para mim, e o outro era meu diretamente. Era uma quantia estonteante.

Resumindo, Pops havia deserdado Patsy, mas não fazia diferença, porque ele não pôde evitar que o fundo de investimento do bisavô Gravier passasse para ela. E sua vida frugal todos aqueles anos, o salário de fome que destinava a si mesmo, reaplicando os lucros do investimento, tinha até aumentado a fortuna de Patsy. É claro que Patsy não poderia mexer no

principal do grande fundo, e quando ela morresse eu herdaria.

Patsy ficou tão delirante que abraçou tia Queen dando gritinhos e rindo, batendo os pés no chão com suas botas de couro vermelho.

Até eu fiquei feliz por ela.

Tia Queen deu um beijo nela e disse carinhosamente que de fato era uma notícia maravilhosa, e que agora Patsy podia comprar umas roupas novas com o dinheiro recém-adquirido.

— Ah, eu vou comprar roupas novas! — ela declarou e saiu correndo do escritório de advocacia antes que qualquer um pudesse impedi-la.

Não sei como encontrou transporte sem Clem, mas ela andava sempre com seu celular aqueles dias, e Seymour tinha voltado para casa com a van. De qualquer modo, sem jamais perceber a ironia das palavras gentis de tia Queen, ela desapareceu.

Fiquei lá sentado absorvendo o fato de que agora tinha uma renda substancial que era só minha, cerca de cem mil dólares por mês imediatamente à minha disposição, apesar de vir com o conselho meticuloso e não obrigatório de eu procurar orientação de tia Queen em tudo.

Era uma linguagem rebuscada tudo aquilo, algo a ver com a idade avançada de tia Queen e a minha precocidade, e eu interpretei que estavam confiando essa renda a mim agora por causa da minha natureza obediente e do fato de a minha mãe não ser confiável para me dar a orientação adequada.

Recebi ali mesmo dois cartões de crédito, cada um com uma linha de crédito de cem mil dólares, um talão de cheques de uma conta-corrente que teria um saldo médio de vinte mil dólares por mês, uma conta remunerada que receberia um depósito de oitenta mil por mês, e preenchi alguns docu-

mentos importantes, assinei formulários de banco e de cartões, assinei também os cartões de crédito, guardei na minha carteira, pus o talão de cheques no bolso e a minha parte da transação acabou. Eu estava embriagado com aquela maturidade recém-adquirida.

O que aconteceu em seguida teve relação com vários outros empregados que receberam grandes quantias, das quais logo seriam notificados, já que tia Queen, executora apontada para isso, tinha cerca de seis meses para torná-las disponíveis para as pessoas a quem eram destinadas. Foi maravilhoso ouvir isso. Os homens iam ficar muito satisfeitos.

Depois veio a descrição do truste da família, que tinha sido feito pelo velho Manfred em pessoa. Havia crescido imensamente durante os anos, e seu único beneficiário era a Fazenda Blackwood. E por mais que eu me esforçasse não consegui entender todas as suas implicações.

Que a Fazenda Blackwood não podia ser dividida, que a casa jamais seria demolida, que quaisquer mudanças arquitetônicas deviam obedecer à sua planta original, que todos os empregados na administração e manutenção da Mansão Blackwood e da Fazenda Blackwood deviam ser bem remunerados — tudo isso era descrito com uma linguagem complexa, traduzindo segurança para a propriedade que eu amava e deixando muito claro que o que recebíamos dos nossos hóspedes pagantes não significava absolutamente nada.

Era também complicada a descrição das responsabilidades pelo truste da fazenda que agora recaíam sobre tia Queen, depois passavam para mim, e eu não acompanhei direito. Que Patsy jamais seria proprietária ou deteria o controle da Fazenda Blackwood era o cerne da questão, e é claro que Patsy não daria a mínima para isso.

Quanto ao presente, a posse da própria Fazenda Blackwood, incluindo todas as benfeitorias, o pântano e as terras, passava de Pops para mim, com usufruto de tia Queen, o que significava que ela podia viver lá toda a sua vida.

Isso me deixou atônito. Mas na mesma hora tia Queen explicou que fora uma medida muito sábia. Se ela se casasse, ela explicou, o marido dela podia querer abrir um processo declarando-se proprietário da terra, e era contra isso que Pops queria se defender. E claro que ela já tinha setenta e oito anos (pelo menos era o que ela dizia) e não ia casar com ninguém, ela observou, exceto talvez com o charmoso Nash Penfield (risadas), mas Pops teve de fazer isso para me proteger.

Eu não pude deixar de notar que Patsy não tinha o direito nem de morar na propriedade, e tia Queen tinha. Não comentei o fato. Patsy nunca saberia. E certamente eu não ia expulsá-la de lá, de mala e cuia.

Além disso, com a elevada renda mensal, cerca de meio milhão, ela nem ia aparecer muito por lá.

O que consolidava nossos trastes eram investimentos gigantescos em instrumentos bem diversificados como ferrovias, cabotagem internacional, bancos do mundo inteiro, metais preciosos e pedras preciosas, moedas estrangeiras, papéis do Tesouro norte-americano, laboratórios farmacêuticos, fundos mútuos com todos os nomes e descrições possíveis e várias ações de todos os tipos, desde as mais conservadoras até as mais especulativas, e essa carteira inteira era administrada pela firma de investimentos Mayfair & Mayfair, de Nova Orleans, um ramo do escritório de advocacia Mayfair & Mayfair, que administrava apenas um grupo de fortunas particulares muito sele-
tas.

Era praticamente impossível encontrar alguém superior à Mayfair & Mayfair no que dizia respeito a investimentos, e também era impossível solicitar seus serviços hoje em dia. O acordo tinha sido firmado com eles em 1880, entre Manfred Blackwood e Julien Mayfair. E nada além de sorte e altos lucros resultaram disso até o presente.

Como eu estava apaixonado por Mona Mayfair, tudo isso causou uma impressão favorável em mim. Mas no geral não me preocupei. Eu sempre soube que tinha fortuna, mas de quanto era essa fortuna nunca me importei de saber.

Quando tudo acabou veio o maior choque. Pops tinha confiado ao seu advogado algo que nós nunca sequer sonhamos. Mas antes de ouvir isso, Jasmine, Clem e Lolly foram convidados a se retirar da sala.

Tia Queen, obedecendo a não sei que instinto, pediu que Jasmine ficasse. Lolly e Clem não pareceram se incomodar e saíram logo para nos aguardar na sala de espera. Jasmine chegou mais perto de mim como se quisesse me proteger do que quer que estivesse por vir.

O nosso advogado, Grady Breen, deixou de lado os muitos documentos que tinha à sua frente e começou a falar conosco com um tom de simpatia na voz que parecia sincero.

— Thomas Blackwood (o nome de Pops) confiou-me um segredo antes de morrer e me recomendou pessoalmente que eu os aconselhasse e pedisse para fazerem justiça por ele. Agora, talvez vocês saibam, talvez não, mas há uma jovem que mora no campo aqui perto, de nome Terry Sue, que tem uns cinco ou seis filhos. — Ele olhou para o seu relógio. — Provavelmente seis filhos.

— Quem, nessa vida, não ouviu falar de Terry Sue? — perguntou tia

Queen sorrindo um pouco. — Tenho vergonha de dizer que todos os homens do barracão da propriedade conhecem Terry Sue. Ela acabou de ter outro filho... — Depois foi tia Queen que olhou para o relógio. — Não foi? É, acho que teve.

— Bem, sim, ela teve — disse Grady, tirando seus óculos com armação de metal e recostando na cadeira. — E também é notório que Terry Sue é uma jovem muito bonita, uma jovem mulher que gosta de ter filhos. Mas não é sobre essa nova criança que quero discutir agora. Parece que Terry Sue teve um filho de Pops há cerca de nove anos.

— Isso é impossível! — eu disse. — Ele nunca seria infiel a Sweetheart!

— Não foi nada de que ele se orgulhasse, Quinn — disse Grady. — De fato ele não tinha orgulho nenhum disso, e ficou profundamente preocupado em garantir que os boatos sobre isso jamais prejudicassem sua família.

— Eu não acredito nisso — eu repeti.

— Já foi provado pelo teste de DNA, Quinn. E Terry Sue, é claro, sempre soube, e pelo afeto que tinha por Sweetheart, para quem Terry Sue cozinhava, vocês sabem...

— Aqueles grandes presuntos da Virginia — eu disse. — Ela punha de molho e esfregava e depois assava.

— Que meiga — disse tia Queen. — Parece que ela punha de molho e esfregava outra coisa. Mas, Grady, você quer chegar a algum lugar com essa revelação, não é, meu caro amigo?

— De fato, quero, sra. Queen — disse Grady. — Pops tinha o hábito de levar um envelope de dinheiro lá para Terry Sue quase toda semana, e

apesar de todo homem novo que ela tem costumar afugentar os antigos, ninguém jamais ficou tentado a dar uma corrida em Pops com seu envelope. Eram cerca de quinhentos dólares por semana que ele dava a ela. E isso mantém o menino numa boa escola católica, a St. Joseph, em Mapleville. E foi esse o único destino especificado para o dinheiro, até onde eu sei. O menino tem nove anos de idade agora, eu acho. Está na quarta série.

— Vamos dar continuidade a isso, é claro — disse tia Queen. — Podemos ver essa criança?

— Recomendo que façam isso — disse Grady — porque é um lindo menino, belo como você, Quinn, e é inteligente também, e Terry Sue, com todos os seus defeitos, está tentando criá-lo direito. O nome dele é Tommy. Uma coisa que pode ajudar, se quiserem a minha sugestão, que Pops nunca teria...

— Mas o que é? — eu perguntei. Estava estupefato com tudo aquilo.

— É dar dinheiro suficiente para ela mandar todos os filhos para boas escolas — disse Grady. — Uniformizar as coisas, sabem o que quero dizer? Se vocês levarem brinquedos ou videogames ou qualquer coisa assim para lá, levem para todas as crianças.

— Eu compreendo, sim, estou entendendo — disse tia Queen. — Você terá de me dar um relatório por escrito informando o tamanho da família e aí poderemos cuidar...

— Não, eu não faria nada por escrito, sra. Queen — disse Grady. — Não poria nada disso no papel. Há cinco crianças lá agora, não, seis a partir desta manhã, e o último namorado é um lixo, o mais puro lixo sem eira nem beira, eu diria, e na verdade eles moram num trailer, a gangue toda, e esse trailer, vocês nem imaginam, e há os costumeiros carros enferrujados empi-

lhados em volta, é simplesmente uma situação clássica aquilo lá, o próprio cenário de cinema...

— Atenha-se aos fatos, homem — disse tia Queen.

— Mas tem aquele menininho cujo pai era rico, e ele está sendo criado lá e Terry Sue faz o melhor que pode, e esse novo bebê, esse novo filho é o sexto, eu calculo. Levarei os envelopes com dinheiro para vocês, isso eu posso fazer, mas não darei nada por escrito.

Claro que tia Queen e eu entendemos isso. Mas estávamos ansiosos e curiosos em relação ao menino, apesar de emocionalmente eu continuar incrédulo. Um irmãozinho, não, um tiozinho, chamado Tommy e com o gene dos Blackwood nele, e talvez uma semelhança com os muitos retratos pela casa.

Ficou determinado que tínhamos acabado, tia Queen levantou-se, Jasmine também, ela que tinha ficado quieta o tempo todo, e eu continuei lá sentado, profundamente preocupado.

— O menininho sabe? — eu perguntei.

— Não tenho certeza — disse Grady. Ele olhou para tia Queen. — Nós podemos conversar sobre isso depois.

— Ah sim, devemos mesmo. Estamos falando de uma família com cinco filhos morando num trailer. Meu Deus, e ela é tão linda. O mínimo que eu poderia fazer seria comprar uma casa decente para aquela mulher, se não ofender os brios de ninguém que se amontoa num trailer.

— Como pode ser que eu nunca ouvi falar dela? — eu quis saber, e para espanto meu, os três caíram na risada.

— Nós teríamos problemas dobrados, não é mesmo? — disse Jasmine. — Os homens simplesmente caem de quatro diante de Terry Sue.

— Bem, uma coisa fica de pé nessas circunstâncias — disse tia Queen.

— Tem mais uma coisa que eu gostaria de dizer — disse Grady, vermelho de tanto rir. — E aqui estou assumindo uma responsabilidade.

— Fale, homem — disse tia Queen gentilmente. Ela não quis mais ficar de pé com seus sapatos de salto agulha e resolveu sentar de novo.

— O homem que está vivendo com Terry Sue agora — disse Grady. — Às vezes ele pega sua arma e aponta para as crianças.

Ficamos boquiabertos.

— E ele uma vez pegou o pequeno Tommy e jogou-o no aquecedor a gás e queimou bastante a mão dele.

— E você está querendo me dizer que Pops sabia desse tipo de coisa e nunca fez nada? — perguntou minha tia.

— Pops tentava ser uma influência boa por lá — disse Grady — mas quando se lida com pessoas como Terry Sue, é praticamente inútil. Ela mesma nunca levantou a mão para os seus filhos, mas então aparecem esses homens e ela tem de pôr comida na mesa.

— Não diga mais uma palavra — disse tia Queen. — Preciso ir para casa e pensar no que vou fazer a respeito disso.

Eu balancei a cabeça.

Pequeno Tommy? Um filho morando num trailer.

Fiquei meio abatido, uma sensação de desassossego, e sabia que era por causa da falta de sono, além de tomar conhecimento de tudo aquilo, do fato de Pops ser tão rico, de pensar, embora não quisesse pensar, naquelas terríveis discussões que ele tinha com Patsy quando ela implorava dinheiro para ele.

Ora, ele poderia ter financiado a banda. Podia ter comprado a van. Podia ter contratado os músicos. Poderia ter dado uma chance a Patsy. E no entanto ela implorava, xingava e lutava por cada centavo, e ele fazia o quê, aquele homem que eu tanto amava? O que ele fazia com seus poderosos recursos? Ele passava todos os dias trabalhando na Fazenda Blackwood como um peão, plantando canteiros de flores.

E havia essa criança, esse menininho, Tommy, ainda por cima batizado com o nome de Pops, vivendo de esmola no mato, com um monte de irmãos e irmãs num trailer, um menininho com um padrasto psicótico.

De que forma Pops encarava a vida dele? O que ele queria dela? A minha vida tinha de ser mais. Eu tinha de ser muito, muito maior. Ficaria louco se minha vida não fosse mais. Sentia que era perseguido pela pressão da própria vida. Eu me sentia histérico.

— Qual o nome todo dele? — perguntei. — Pode me dizer, não pode?

— Por favor, diga o nome todo dele — pediu tia Queen, acenando com a cabeça de modo afirmativo.

— Tommy Harrison — disse Grady. — Harrison é o sobrenome de Terry Sue. Creio que o menino é ilegítimo. Na verdade sei que o menino é filho ilegítimo.

Fiquei ainda mais deprimido. Quem era eu para julgar Pops?, pensei. Quem era eu para julgar o homem que acabara de deixar para mim tanto dinheiro, e que podia não ter deixado nada? Quem era eu para julgá-lo por ter deixado o pequeno Tommy Harrison em tal situação? Mas aquilo pesava sobre mim. E também era um peso para mim pensar que o caráter de Patsy talvez tivesse sido moldado pela luta de uma vida toda contra um homem

que não acreditava nela.

Nós nos despedimos.

Eu tive de voltar à realidade. E lá fomos nós almoçar com Nash na Mansão Blackwood.

Quando saímos do escritório Goblin apareceu, vestido igual a mim, meu duplo de novo, mas amuado como tinha estado no hospital, só que não apresentava aquele ar de deboche, mostrava-se apenas solene, quase triste. Caminhou ao meu lado até o carro, e senti que ele sabia da minha tristeza, da minha decepção, virei para ele, pus o braço no seu ombro e ele parecia firme, e foi bom.

— Está mudando, Quinn — ele disse para mim.

— Não, velho amigo, não pode mudar — eu disse ao ouvido dele.

Mas eu sabia que ele tinha razão. Agora eu tinha coisas para fazer.

Lugares para ir. E pessoas para conhecer.”

“ — O QUE ME ARRANCOU do transe provocado pela descoberta de um tio inimaginável e da fortuna de Pops foi a visão de todos aqueles móveis antigos de vime pintados de branco e agrupados no pátio de lajotas à direita da Mansão Blackwood, igualzinho ao meu sonho com Rebeca. Era a mobília que eu mandara tirar do sótão e cuja restauração havia sido concluída enquanto eu ainda estava no hospital. Fiquei maravilhado ao ver os sofás e cadeiras exatamente como eram quando Rebeca serviu-me seu café mítico.

— Mona vai compreender — eu disse em voz alta —, e aquele homem, aquele homem bondoso, Stirling Oliver, ele compreenderá, e tem também Nash, que parecia ser tudo que se espera de um professor, Nash que me dava esperança de sobreviver àquela fase estranha com algum equilíbrio.

Mas já no hall de entrada fiquei pasmo ao ver uma pilha de malas perto da porta, e Nash, de terno e gravata azuis, estender a mão por cima do meu ombro.

— Não posso ficar Quinn, mas preciso conversar com sua tia Queen antes de conversar com você. Deixe-nos um minuto a sós agora.

Fiquei arrasado.

— Não — eu disse —, você tem de me contar. Foi o que eu disse, não foi, tudo que contei para você. Você acha que sou louco, e acha que vai ser sempre assim, mas eu juro...

— Não, Quinn. Não acho que você seja louco — ele disse. — Mas

entenda que preciso ir. Agora deixe-me conversar com a sra. Queen a sós. Prometo que não vou embora sem falar com você.

Deixei os dois sozinhos na sala de estar e fui almoçar na cozinha, onde Jasmine acabava de contar para Grande Ramona que elas estavam ricas. Eu detestei ter de interromper a alegria delas com minha cara de poucos amigos e pus a culpa na fome. Além disso, Jasmine sempre foi rica, e Grande Ramona também. Elas simplesmente nunca quiseram sair da Mansão Blackwood, todos sabiam disso.

E como algo que eu sempre fiz bem foi comer, devorei um prato de galinha com bolinhos.

Finalmente não consegui mais resistir ao suspense. Cheguei à porta da sala e tia Queen fez sinal para eu entrar.

— Olhe, querido, Nash tem a impressão de que com o tempo você vai estranhar o fato de ele não ter exatamente escolhido essa vida de solteiro, e sim de estar predisposto a ela.

— Tenho tudo nessa carta aqui, Quinn — disse Nash com seu jeito bondoso, porém autoritário.

— Está querendo me dizer que é gay? — perguntei. Tia Queen ficou chocada.

— Bem, para ser sincero — disse Nash —, era exatamente isso que eu pretendia contar a você.

— Descobri isso a noite passada — eu disse. — Ah, não se preocupe se deixou isso transparecer com algum gesto ou maneirismo. Não foi nada disso. Eu simplesmente senti porque eu devo ser assim também. No mínimo sou bissexual, disso não tenho dúvida.

Fui saudado por um silêncio atônito de Nash, enquanto a tia Queen

dava uma risadinha agradável. É claro que tinha acabado de fazer uma pequena confissão que poderia tê-la magoado, mas tinha certeza absoluta de que Nash não se magoaria de forma alguma.

— Oh, meu querido — ela disse. — Você sempre consegue me seduzir. Bissexual sim, e como é byroniano e encantador. Isso não duplica as chances de se encontrar amor? Estou encantada.

Nash continuou a olhar fixo para mim como se não conseguisse pensar em nada para dizer, e então compreendi o que tinha acontecido.

Nash estava desistindo do seu cargo, não porque era gay. Ele sabia que era gay muito tempo antes de vir para cá. Estava desistindo do cargo pelo que tinha visto em mim e pelo que eu disse sobre as minhas preferências! Oh, era tão óbvio, e eu fui um cretino por não ter percebido. Eu devia tê-lo liberado logo no início.

— Olhe, Nash — eu disse —, você tem de ficar. Você deve ficar e eu quero que fique. Agora vamos nos prometer que não haverá nenhum envolvimento erótico entre nós, o que seria inadequado. Você será o professor perfeito para mim porque não terei de esconder nada de você.

— Ora, esse é um bom argumento — disse tia Queen, dando uma risada gostosa. — Ora, Nash, Quinn tem razão nisso. Meu Deus, nas escolas de todo o país há homens e mulheres homossexuais que são excelentes professores. O assunto está resolvido. — Ela se levantou. — Nash Penfield, você tem de desfazer suas malas, pelo menos até a nossa partida para Nova York, e Quinn, você precisa dormir um pouco. Agora está tudo resolvido até a hora do jantar.

Nash ainda parecia estar em estado de choque, mas eu apertei sua mão e consegui extrair dele uma confirmação, feita por olhos arregalados e

voz balbuciada, de que ele ficaria. Sem coragem de abraçá-lo, subi para o meu quarto e tirei trezentos dólares da minha escrivadinha (sempre guardava algum dinheiro lá), vesti o melhor terno que possuía e minha gravata Versace da sorte, que não havia usado para a reunião com o nosso advogado.

Quando desci a escada, senti que algo me puxava. Não sei dizer se era a mão de Goblin, uma sensação, ou uma torrente de sensações. Tinha ficado muito tempo sem dormir. E naquele momento estava pensando em Rebeca. Na verdade, por um segundo me pareceu que Rebeca estava comigo, e depois não estava mais.

Ruivinha sem-vergonha... crioula vadia!

Cheguei ao gramado lateral e caminhei lentamente pelo pátio de lajotas, passei pelo novo arranjo de móveis de vime e tive a sensação de que Rebeca estava muito perto. Rebeca esperava que eu dormisse. Rebeca esperava para conversar comigo. Sim, eu tinha estado naquele sofá com ela, ela sentada na cadeira, e o café naquela mesa. Senti-me tanto como naquele dia no pântano, mas eu sabia que tinha de resistir. *Uma vida pela minha vida. Uma morte pela minha morte...*

— O que você disse? — perguntei. — Uma vida por outra? Com quem eu estava falando? Combati a tontura.

— Espírito assassino, afaste-se de mim! — sussurrei.

O que eu estava fazendo lá no gramado? E daí que tinham pintado os móveis de vime conforme eu mandei?

Eu precisava sair dali. Fui para o barracão.

E em poucos minutos partia no velho Mercedes 450 de Sweetheart, o carro de que sempre gostei, apesar de achar que devia ter a minha idade.

Cheguei rapidamente à auto-estrada, voando para Mona Mayfair. Mas

tive tempo para dar uma parada no florista da esquina de St. Charles com a Third Street e comprei um belo buquê de rosas com talos compridos para Mona.

Depois segui para meu destino, First Street com Chestnut, uma esquina no centro da cidade, do lado do rio. Claro que a casa não ficava perto do rio. O rio era bem distante. A expressão era usada apenas como uma forma de se orientar em Nova Orleans.

A casa era fabulosa e discreta. Não possuía o esplendor arrogante da Mansão Blackwood. Ao contrário, era uma casa urbana em estilo renascença grega, com uma porta de entrada lateral, quatro colunas em cima e embaixo, as paredes de alvenaria pintadas de azul-lavanda fosco, e mais além, no canto à direita, um jardim lateral parcialmente oculto. Toda a casa ficava sobre seis degraus do chão e esses degraus eram de mármore branco.

Estacionei o carro do outro lado da rua e percorri a diagonal com pernas que não sentia, elas apenas me guiavam, e com o enorme buquê nos braços, ofegante e aflito para oferecer as flores para ela.

A cerca de ferro não era alta e lá estava a campainha. Fiquei em dúvida. O que ia dizer para quem atendesse? Mona, estou desesperado para ver Mona.

Mas não tive de enfrentar essa complexidade toda. Meio segundo depois que cheguei ao portão, a grande porta branca da frente se abriu e ela saiu, fechou rapidamente a porta, desceu os degraus correndo e foi para o portão. Estava com a chave, destrancou-o depressa, e então ficamos frente a frente do lado de fora da cerca e eu pensei que ia morrer.

Ela estava cem vezes mais linda do que eu me lembrava. Os olhos verdes eram muito maiores e a boca era naturalmente vermelha. Quis beijá-

la imediatamente. Seu cabelo era ruivo-claro e para culminar usava uma blusa exótica de algodão, desabotoada até bem embaixo, e uma calça justa branca que exibia lindamente suas pequenas coxas roliças. Eu estava apaixonado até pelos dedos dos pés de Mona. Ela calçava sandálias de sola grossa e pude ver todas as unhas vermelhas. Eu a adorava.

— Meu Deus, Mona — eu disse, e mergulhei, cobri sua boca com a minha e segurei seus pulsos minúsculos, mas ela se afastou gentilmente e disse:

— Onde está seu carro, Quinn? Precisamos sair daqui depressa. Corremos pela rua como recém-casados fugindo de uma tempestade de arroz. E num piscar de olhos estávamos passando de carro pela First Street em direção ao rio.

— Então para onde podemos ir? Oh, Deus, eu não sei para onde podemos ir — eu disse.

— Eu sei — ela disse. — Você sabe como chegar ao Quarter? — Sei. Ela me deu um endereço.

— O LaFrenière Cottages. Telefonei para eles esta manhã.

— Mas como sabia que eu viria? Quero dizer, acho ótimo você ter ligado para eles, mas como soube?

— Sou uma bruxa — ela disse. — Soube quando você saiu da Fazenda Blackwood como sei que Goblin está neste carro conosco. Ele está bem atrás de você. Você nem sabia, não é? Mas não quis dizer isso. Só quis dizer que queria que você viesse.

— Você me enfeitiçou — eu disse. — Eu não dormi desde que a vi e metade dos meus delírios à noite foram com você, pensando em vir vê-la.

— Eu mal conseguia manter os olhos na estrada. — Só advogados e

testamentos me impediram de estar com você, histórias de infidelidade, de crianças órfãs, fiquei vagando no meio de móveis fantasmagóricos e forjando alianças tão sólidas como a que desejo forjar com você.

— Minha nossa, você tem um vocabulário e tanto — ela comentou.
— Ou talvez seja apenas o jeito como fala. Seu destino era me procurar. Sou Ofélia sempre, flutuando num riacho florido. Preciso dessa sua poesia impetuosa. Você consegue dirigir se eu abrir a sua calça?

— Não, não faça isso. Vamos sofrer um acidente. Acho que tudo isso é uma alucinação.

— Não é não. Você trouxe camisinhas?

— Meu Deus, não — eu disse.

Tínhamos chegado à Rua do Canal. Eu sabia onde era a LaFrenière Cottages. Lynelle e eu tínhamos jantado três vezes lá no pequeno bistrô francês.

— Mona, Mona, Mona. Precisamos comprar camisinhas! Onde?

— Não, não precisamos. Tenho montes na minha bolsa.”

“ — O LAFRENIÈRE COTTAGES ERA construído em torno de um pátio central de cerâmica cheio de palmeiras e bananeiras, e no centro do pátio havia uma fonte que algum dia deve ter tido alguma utilidade. Hoje sua função era meramente decorativa, exibindo todo tipo de modificações por que passou.

Mona nos registrou como se não fosse nada, até me disse para guardar o meu dinheiro, que a conta iria para a família dela. Eu protestei e ela sussurrou:

— Mostre sua força quando estivermos na cama.

E lá fomos nós, para o pequeno chalé com piso de lajota, para fazermos exatamente isso numa cama moderna de estanho trabalhado com um dossel encantador de folhas e uvas de metal, e um tecido leve e esvoaçante preso com folga nos quatro cantos.

Assim que trancamos a porta nós dois tiramos a roupa com o completo abandono de animais, e quando a segurei nua, quando vi seus mamilos rosados e a pequena fagulha de pêlos ruivos no meio de suas pernas, fiquei devidamente louco.

Foi Mona que me ajudou com a camisinha e foi Mona que teve a presença de espírito de retirar a colcha da cama para não manchar, mas a colcha acabou no chão enquanto rolávamos como pequenos animais selvagens.

Não importava o que estivesse acontecendo na minha vida, eu concluí, pois realizara um dos meus sonhos mais impossíveis, mesmo que tão recente, era louco e nunca mais esqueceria. Jamais me esqueceria do rosto

de Mona, rubro com os espasmos que me levaram à explosão final de puro nirvana.

Quando tudo acabou ficamos lá deitados juntos, abraçados, quentes, satisfeitos, e beijando um ao outro gentilmente, rindo.

— Graças a Deus — ela murmurou no meu ouvido. Ela me ajudou a tirar a camisinha. Pegou a toalha para me limpar. Beijou-me de novo e disse: — Eu queria chupá-lo. Venha, deixe-me lavá-lo no banheiro e depois faço isso.

Eu protestei galantemente. Não exigia tal sacrifício e adoração!

— Mas, Tarquin, eu quero! — ela disse. — Eu queria fazer isso no carro. Simplesmente tive um desejo avassalador de fazer. E não consegui. Vamos, saia da cama!

E fui levado como um escravo para o banheiro de azulejos onde ela executou as abluções excitantes e depois voltamos para os lençóis enrolados e amassados. Ela começou a me chupar com vigor e pressa, lambendo a cabeça com cuidado. Eu quase morri quando gozei. Toda força, toda energia, todos os sonhos escaparam de mim.

— Ninguém nunca fez isso antes? — ela ronronou no meu ouvido.

— Não — eu disse, e mal conseguia falar. — Será que podemos dormir, assim mesmo, um nos braços do outro?

Como resposta senti o peso e o calor das cobertas e o braço dela nas minhas costas e seus lábios beijando meus olhos. Havia um calor úmido nos seus seios e no meio das pernas. E a brisa do ar-condicionado, esfriando o quarto, tornou aquele ninho ainda mais maravilhoso.

— Tarquin, você é um menino lindo — ela sussurrou. — E seu espírito está aqui, ele nos observa.

— Vá embora, Goblin — eu disse. — Deixe-me agora, senão ficarei muito tempo sem falar com você, eu juro. Estou falando sério. — Então eu me virei e examinei o quarto todo. — Consegue vê-lo? — perguntei para Mona.

— Não. Ele foi embora. — Ela recostou-se nos travesseiros ao meu lado. — Sou Ofélia mais uma vez. Estou flutuando na água, e meu único apoio são ‘urtigas, margaridas e lírios roxos’, e jamais afundarei para a ‘morte lamacenta’. Você não imagina o que estou sentindo.

— Como assim? — perguntei. — Eu a vejo flutuando para sempre, vital, preciosa, ah, tão doce...

Esforcei-me para ficar acordado, ouvir o que ela dizia.

— Então durma. Os homens gostam de dormir quando acaba. As mulheres gostam de conversar, pelo menos algumas vezes. Eu sou Ofélia flutuando no ‘riacho plangente’, tão leve, tão segura, ‘como uma criatura natural dali e que está em seu elemento’. Não vão encontrar-me até à noite, e talvez nem esta noite. Eu dou gorjetas bem gordas para esses hotéis, acho que tenho todos na mão.

— Quer dizer que já fez isso antes? Veio para cá com outros homens? Agora eu estava perfeitamente acordado. Levantei a cabeça e apoiei o corpo no cotovelo.

— Tarquin, eu tenho uma família enorme — ela disse olhando para mim, o cabelo exoticamente espalhado no travesseiro. — E houve uma época em que meu objetivo era ter intimidade com cada um dos meus primos. Consegui com tantos que não poderia contá-los sem a ajuda de um computador. É claro que nem sempre foi em hotéis. Em geral era no cemitério à noite...

— No cemitério! Está falando sério?

— Você tem de entender que a minha vida não é normal. A maioria dos Mayfair não procura uma vida normal. Mas a minha vida não é nem normal para um Mayfair. E esse objetivo, o de ir para a cama com todos os meus primos, já terminou há algum tempo. — Subitamente o olhar dela ficou triste, e ela olhou para mim implorando. — Mas sim, eu estive aqui, tenho de confessar, eu inaugurei este quarto antes com meu primo Pierce, mas não tem importância, Tarquin, com você é tudo novo, é isso que importa. E nunca fui Ofélia com Pierce. Vou me casar com Pierce, mas nunca serei Ofélia.

— Você não pode se casar com Pierce, tem de se casar comigo. A minha vida também não é normal, Mona. Você não tem idéia de como é estranha, por isso você e eu sem dúvida fomos feitos um para o outro.

— Mas eu sei, sim. Sei que seu espírito vai para todos os lugares com você. Sei que você passou a vida toda entre adultos. Não conheceu nenhuma criança. Foi isso que o padre Kev me contou. Pelo menos foi o que consegui arrancar dele. Quase o levei para a cama, mas no último momento ele provou ser impassível. Ele é o que qualquer um pode chamar de um bom padre, mas é mais relaxado no que diz respeito à fofoca, só que não em relação ao que ouve no confessionário, claro.

Os olhos dela eram tão verdes que eu mal conseguia me concentrar no que estava dizendo.

— E ele avisou você para ficar longe de mim? — perguntei. — Ele disse que eu era louco?

Ela deu uma risada muito doce e mordeu o lábio inferior como se pensasse em alguma coisa.

— Você está pensando exatamente o contrário. Eles se empenham para protegê-lo de mim. É claro que querem me manter trancafiada. Por isso eu estava lá na porta da frente à sua espera. Agora me consideram uma vagabunda delirante. Eu tinha de vê-lo antes deles. E não sou a única bruxa na família.

— Mona, o que você quer dizer quando fala ‘bruxa’? Do que está falando?

— Então você nunca ouviu falar de nós?

— Já, mas só coisas boas, como o sonho da dra. Rowan de construir a clínica Mayfair, e do padre Kev que veio para o sul rever o lugar onde nasceu, esse tipo de coisas. Nós freqüentamos a Igreja da Assunção de Santa Maria. Vemos sempre o padre Kev.

— Vou contar por que o padre Kev veio para o sul — ela disse. — Ele veio para cá porque precisamos dele. Ah, tem tanta coisa que eu queria poder contar a você, mas não posso. E quando o vi no Grand Luminière, quando o vi conversando com Goblin, abraçando Goblin, eu pensei Meu Deus, minhas preces foram atendidas, o Senhor me deu alguém que tem segredos! Só agora estou compreendendo que isso não muda nada para mim. Não pode mudar. Porque não posso contar tudo para você.

Ela começou a chorar.

— Mas, Mona, você pode me contar! Ouça, você pode confiar em mim. — Beijei suas lágrimas. — Não chore, Mona. Não suporto vê-la chorar.

— Não duvido de você, Quinn — ela disse, sentando na cama. Eu me sentei ao lado dela. — Não tenho certeza se Ofélia realmente chora na peça, chora? Talvez o choro impeça que as pessoas enlouqueçam. Simples-

mente há coisas que não podem ser reveladas... e há coisas que ninguém pode modificar.

— Sempre achei isso. Por isso você me viu abraçando Goblin. Teria sido muito fácil, numa certa idade, parar de abraçar Goblin. Eu talvez pudesse tê-lo mandado de volta para o lugar de onde veio. Mas nunca fiz segredo dele. Há um fantasma que me assombra também, e há um desconhecido, o homem que me espancou e eu fui parar na clínica Mayfair. Eu apenas revelo essas coisas. Creio que temos de fazer isso.

Dei a ela os lenços de papel que estavam na mesa-de-cabeceira. Peguei outro e sequei suas lágrimas.

— Eu sei que vou me casar com você, Mona — eu disse de repente. — Tenho certeza. Sei que é o meu destino.

— Quinn — ela disse, secando os olhos. — Isso não vai acontecer. Podemos curtir um pouco, conversar, estar um com o outro assim, mas nunca poderemos ficar realmente juntos.

— Mas por quê? — eu quis saber. Sabia que se a perdesse ia me arrepender para sempre. Achei que Goblin sabia disso. Por isso ele tinha ido embora sem reclamar. Ele sabia que aquilo era forte demais, e não tinha dito uma só palavra.

Mas lembrei do que Goblin podia fazer. Goblin podia quebrar aquelas janelas se quisesse. Goblin tinha dito que gostava de sentir raiva. Será que eu podia contar isso a Mona? Será que podia contar a qualquer pessoa? Senti uma pontada do meu conhecido pânico, e odiei, achando que não era coisa de homem. Com Mona eu queria ser bem masculino.

— Volte comigo para a Mansão Blackwood — eu disse. — É lá que eu moro. Podemos ficar no meu quarto, ou posso instalá-la no quarto de

Pops se você quiser manter as aparências. Pops acabou de morrer. O quarto está todo arrumado e pronto. Ele não morreu no quarto. Empacotaram as coisas dele no mesmo dia. Onde está o telefone? Vou avisar para prepararem tudo. Que número você veste? Jasmine pode ir até a Wal-Mart e comprar tudo de que você precisar.

— Meu Deus, você é louco como qualquer um de nós — ela disse, sinceramente surpresa. — Pensei que os Mayfair fossem os únicos que fizessem coisas assim.

— Venha comigo. Ninguém na minha casa vai nos incomodar. Minha tia Queen pode querer dar algum sábio conselho. Ela tem quase setenta e nove anos, é o que ela diz. É de se esperar que queira dar algum sábio conselho. E tenho um novo professor particular, Nash, mas ele é um perfeito cavalheiro.

— Então você também não frequenta a escola — ela disse. — Maravilha!

— Não, nunca frequentei, ir para a escola nunca funcionou com o Goblin.

Eu tratei de agir depressa. Ela ficou observando espantada enquanto eu falava ao telefone com Jasmine. Tudo tamanho pequeno, tudo branco, blusas, calças e roupa de baixo de algodão, alguns artigos de toalete e depois partimos.

Assim que sentei ao volante me dei conta de que estava sem dormir há mais de trinta e seis horas. Comecei a rir daquilo tudo e de como as coisas estavam acontecendo.

— Deixe que eu dirijo — ela disse. Fiquei feliz de entregar o carro para ela.

Ela assumiu a direção como uma profissional e saímos velozes, deixando as ruas estreitas do French Quarter e entrando na interestadual.

Não conseguia tirar os olhos dela, seu jeito de dirigir era definitivamente sensual, era maravilhoso que uma pessoa igual a ela soubesse dirigir, e quando ela lançava aqueles olhares verdes para mim eu me sentia fraco e eufórico, e com esse espírito, esse espírito louco e enlevado, falei com Goblin.

— Eu a amo, meu velho, você entende não é?

Olhei para o banco de trás e lá estava ele, olhando para mim com aquela expressão fria e de desprezo que tinha adotado no hospital. Parei de respirar. E então ouvi aquela voz monótona e sombria.

— Entendo, eu também achei muito gostoso, Tarquin.

— Você está mentindo, seu filho-da-mãe! — eu disse. Eu queria estrangulá-lo. — Como ousa dizer isso para mim? Eu teria sentido se você estivesse tão perto assim! Você acha que pode entrar em mim sem que eu perceba?

— Ah, ele estava lá sim — disse Mona, acelerando a mais de cento e trinta quilômetros por hora. — Eu senti.”

“ - **T**IA QUEEN E JASMINE NÃO ME decepcionaram. Quaisquer que fossem as apreensões de tia Queen em relação a Mona, nunca feriria os sentimentos dela. Quando chegamos, tia Queen recebeu Mona de braços abertos em casa e, desde que anunciei que ela era minha futura noiva, tia Queen recebeu a notícia com sublime serenidade.

Jasmine mostrou o quarto de Pops para Mona, onde todas as roupas novas estavam à sua espera, e então fomos para o meu quarto, onde realmente ficaríamos durante o tempo dessa visita. Fizemos uma refeição de primeira nessa mesa mesmo, onde estamos agora.

Não lembro o que comemos. O que lembro é de ter ficado observando Mona comer, foi uma viagem, porque eu estava completamente fascinado por ela, e vê-la mover a faca e o garfo com gestos rápidos e conversar animadamente o tempo todo me deixou ainda mais apaixonado.

Sei que o que estou dizendo é loucura. Mas eu estava apaixonado demais por ela. Jamais tinha sentido tal coisa antes, e naquele momento esse sentimento apagava por completo o pânico habitual que eu tinha, e até afastou meu medo racional do misterioso desconhecido, apesar de ter de acrescentar neste ponto que ainda havia muitos seguranças armados em volta da casa, até aqui dentro, e isso também contribuía para a sensação de segurança.

Claro que tia Queen quis conversar comigo a sós, mas eu disse educadamente que não podia. Quando levaram nossos pratos do almoço, depois de Jasmine limpar a mesa (e a propósito, Jasmine estava sensacional

com um conjunto azul-marinho e blusa branca muito bem-passada), eu estava disposto a manter o mundo inteiro lá fora, se pudesse.

— Agora veja só — explicou Mona. — Esse meu primo Pierce, com quem provavelmente vou casar, é tremendamente chato, completamente sem sal. Ele não tem nenhum poder paranormal, já é advogado da Mayfair & Mayfair, onde o pai dele, Ryan, é sócio, e Ryan, meu querido Ryan, também é muito sem graça, e a vida deles não passa de uma linha direta para o conformismo e a segurança.

— Então por que cargas d'água você fica dizendo que vai se casar com ele? — perguntei.

— Porque gosto dele. Eu não o amo, não, jamais poderia sentir isso por ele, mas eu o conheço, ele é lindo para mim... ah, não tão lindo como você, nem é tão alto, mas é belo de um jeito calmo, e com Pierce, detesto dizer isso, mas com Pierce provavelmente serei capaz de fazer o que quero fazer. Isto é, Pierce não é intenso, e eu tenho intensidade suficiente para três pessoas.

— Exatamente — eu disse. — Então é um casamento seguro.

— É um casamento Mayfair — ela retrucou. — E uma Mayfair como eu sempre se casa com outro Mayfair. É certo que com a herança dele e a minha alguns dos nossos filhos serão bruxos...

— Lá vem você com essa palavra de novo, Mona, o que quer dizer com 'bruxo'? Toda a família usa essa palavra? Frei Kev também usa?

Ela deu a risada mais doce.

— É, a família toda realmente usa, mas isso provavelmente se deve à Talamasca, e a Aaron Lightner, um membro da Talamasca que todos nós amamos. Nós o perdemos. Ele morreu num terrível acidente. Mas agora

Stirling é nosso amigo, e Stirling usa essa palavra. Sabe, a Talamasca é uma organização que vinha estudando a nossa família há séculos, sem que soubermos. Bem, não. Isso não é bem verdade. Às vezes nossos ancestrais sabiam. Mas de qualquer maneira, a Talamasca fez o que eles chamavam de Arquivo das Bruxas Mayfair, e depois que todos nós lemos esse material passamos a entender melhor a nossa história, e é isso mesmo, nós nos referimos a alguns de nós como bruxos.

Eu estava intrigado demais para fazer mais perguntas. Ela deu um grande gole no café com leite e continuamos conversando.

(Jasmine havia deixado um bule de café num pequeno *réchaud* com uma vela, o leite morno numa pequena jarra e bastante açúcar, e isso foi bom porque nós bebíamos o tempo todo e o tamanho diminuto das xícaras de porcelana era um problema.)

— Uma bruxa para nós é o que uma bruxa é para a Talamasca — disse Mona. — É um ser humano que consegue ver e controlar espíritos. As pessoas nascem bruxas e Stirling Oliver é da teoria de que isso tem origem no cérebro. É como a capacidade de uma pessoa de enxergar as mínimas gradações de cores, por exemplo. Mas como não podemos estudar esses receptores do cérebro, pois eles não podem ser isolados pela ciência, parece misterioso.

— Em outras palavras, Stirling acha que algum dia seremos capazes de diagnosticar um bruxo em pessoas como você e eu?

— Exatamente. E Rowan também acredita nisso, e está fazendo uma extensa pesquisa sobre o assunto na clínica Mayfair. Ela tem laboratório próprio e faz o que bem entende. Não no sentido de que seja um tipo de dr. Frankenstein, mas de que o legado Mayfair é tão grande que ela não precisa

de patrocínio, por isso não tem de dar satisfação a ninguém. E ela faz pesquisas secretas e misteriosas. Só Deus sabe dos projetos de Rowan. Gostaria de saber o que ela anda aprontando.

— Mas o que ela pode fazer se não tem acesso ao próprio tecido cerebral? — perguntei.

Mona explicou todos os exames rotineiros do cérebro que podiam ser feitos e eu expliquei que havia feito esses exames e que nenhuma anormalidade tinha sido detectada.

— Eu sei, mas Rowan está fazendo pesquisas conosco, pesquisas que não são rotineiras. — A expressão dela ficou subitamente sombria, e ela balançou a cabeça. — Há outros testes, exames de sangue naqueles que têm genes anormais. Sim, genes anormais, é assim que se diz. Porque alguns Mayfair têm isso, sabia? Por isso o meu casamento com Pierce é quase certo. Ele não tem os genes anormais, mas eu tenho. Por isso é seguro eu me casar com Pierce. Ele tem o atestado de saúde incólume. Mas às vezes fico pensando... talvez não deva casar com ninguém.

— Mas eu tenho genes seguros, não tenho? — insisti. — Por que não esquece Pierce de uma vez por todas e casa comigo?

Ela olhou fixamente para mim por um longo tempo.

— O que foi, Mona?

— Nada. Eu só estava pensando como seria se eu me casasse com você. Não importa o atestado de saúde perfeita. Certamente teríamos filhos bruxos. Nem tenho certeza se isso teria alguma importância. Mas, Quinn, você precisa desistir dessa idéia. Simplesmente não vai acontecer. Além do mais, eu só tenho quinze anos, Quinn.

— Quinze?! — fiquei atônito. — Bem, eu tenho dezoito. Somos am-

bos precoces. Nossos filhos serão gênios.

— É, sem dúvida nenhuma. E teriam professores particulares como eu tenho agora, e viajariam pelo mundo todo.

— Nós poderíamos viajar pelo mundo com a minha tia Queen e com Nash, e ele poderia discorrer sobre todos os países que visitássemos.

Ela deu um sorriso muito sereno.

— Seria um sonho — ela disse. — Eu estive na Europa, no ano passado viajei por tudo com Pierce e Ryan, o pai dele. Ryan é o grande advogado das nossas vidas, apesar de termos uma firma inteira de advogados da família. Mas de qualquer forma... o que eu estava dizendo? Europa. Podia ir para lá de novo, e de novo, e de novo.

— Ah, pense só, Mona. Você já tem seu passaporte, e eu tenho o meu. Podemos simplesmente raptar você. Tia Queen anda implorando para eu ir!

— Sua tia Queen nunca ia deixar você me raptar. — Ela riu. — Já percebi que ela tem um espírito aventureiro, mas não vai concordar com um rapto. Além disso, a família simplesmente iria atrás de mim.

— Iria mesmo? Mas por quê, Mona? Você fala da sua família como se fosse uma gigantesca prisão.

— Não, Quinn. Na verdade é como um gigantesco jardim, mas há muros nesse jardim que nos separam do resto do mundo. — Ela estava ficando profundamente triste. — Vou chorar de novo e odeio isso.

— Não, não chore — eu disse. Peguei a caixa de lenços de papel e pus na sua frente.

— Não posso suportar a idéia de você derramar uma única lágrima, e se derramar, vou engoli-la, ou secarei seus olhos com isso. Agora me diga

por que eles não deixariam você ir à Europa. Ora, teríamos tia Queen como a perfeita dama de companhia.

— Quinn, eu não sou só uma Mayfair comum como já lhe expliquei. Não sou apenas uma bruxa comum. Sou o que eles chamam de *Designée* do Legado. E o Legado é algo que tem centenas de anos. É uma grande fortuna que é herdada por uma mulher diferente a cada geração.

— De quanto é essa fortuna?

— Na casa dos bilhões — ela respondeu. — Por isso pode financiar a clínica Mayfair, e neste momento a herdeira é Rowan Mayfair. Mas Rowan não pode ter filhos e eu já fui nomeada sua sucessora.

— Entendo. Estão preparando e protegendo você para o dia em que tiver de assumir.

— Exatamente. É por isso que querem que eu pare de andar por aí indo para a cama com todos os meus primos. Desde que voltamos da Europa ouvi muita coisa. Não sei o que acontece comigo em relação ao sexo. Eu simplesmente adoro. Mas você entendeu. Preciso ocupar uma posição de honra, se isso não soar muito pomposo. Por isso querem que eu vá para a Europa, para estudar, adquirir cultura e...

Mais uma vez a expressão dela ficou sombria e dessa vez as lágrimas afloraram aos olhos.

— Mona, conte para mim — implorei. Ela balançou a cabeça.

— Aconteceu uma coisa ruim comigo — ela disse, com a voz entrecortada.

Eu me levantei e a afastei da mesa. Tirei as cobertas da cama, nós dois tiramos os sapatos e nos ajeitamos no ninho de travesseiros de pena de ganso. Nunca ameí tanto a minha cama como quando estive lá deitado com

ela sob o dossel. E você pode imaginar que estávamos completamente vestidos, exceto pelo fato de que quando a beijei, eu desabotoei a blusa dela toda, acariciei seus seios, mas ela não se importou.

Mas depois paramos, porque eu estava muito cansado, e eu a fiz voltar ao assunto.

— Aconteceu uma coisa ruim? — perguntei. — Pode me contar o que foi? Ela ficou bastante tempo em silêncio, depois começou a chorar novamente.

— Mona, se alguém machucou você, vou machucá-los também — eu disse. — Falo sério. Goblin poderia até... Conte-me o que aconteceu.

— Eu tive um filho — ela disse, num sussurro rouco. Eu não disse nada mas percebi que ela ia continuar.

— Tive um filho e não era o que se podia chamar de uma criança normal. Era... era diferente. Muito precoce e talvez o que se possa chamar de mutação. Eu o amava do fundo do coração, era uma criança linda. Mas... levaram-na embora. — Ela fez uma pausa e depois continuou. — Foi levada para muito longe, e eu simplesmente não me conformo com isso. Não paro de pensar nisso.

— Quer dizer que eles a forçaram a entregar o bebê? Uma família tão grande e com tanto dinheiro... — Eu fiquei atônito.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça. — Não foi assim. Não foi a família. Digamos apenas que a criança foi levada embora, e não sei o que aconteceu com ela. Não foi obra da família.

— Foi o pai? — eu perguntei.

— Não. Eu disse que foi uma coisa terrível. Não posso contar tudo. Só posso dizer que a qualquer momento posso receber notícia dessa criança.

— Ela escolhia as palavras com cuidado. — Aquela criança pode voltar para mim. Pode chegar alguma notícia, boa ou mim. Mas por enquanto há só silêncio.

— Você sabe onde a criança está? — perguntei. — Mona, eu vou pegar essa criança! Vou trazê-la de volta.

— Quinn, você é tão forte, tão seguro — ela disse. — Realmente é maravilhoso estar com você. Mas não, eu não sei onde a criança está. Acho que está na Inglaterra. Mas eu não sei. E quando estávamos na Europa eu procurei. Ninguém sabe do homem que a levou.

— Mona, isso é horrível.

— Não — ela disse balançando a cabeça, as lágrimas penduradas nos cílios. — Não é o que parece. O homem era bondoso e a criança... a criança era excepcional. — A voz dela ficou trêmula. — Eu não queria desistir dela, mas tive de fazê-lo. Ela teve de ir com esse homem carinhoso, esse homem gentil que ia cuidar dela.

Eu estava perplexo demais para fazer qualquer pergunta sensata.

— Se você tiver alguma pista de onde este homem está, eu vou encontrá-lo.

Ela balançou a cabeça.

— Nós sabíamos como falar com ele. Rowan e Michael, meus primos e pais adotivos agora, eles conheciam o homem muito bem. Mas agora não sabemos mais.

— Mona, deixe-me protegê-la nisso, eu vou procurar esse homem e encontrar o seu filho.

— Quinn, a minha família já tentou fazer isso. Usaram os recursos do Legado Mayfair para tentar encontrar a criança e o homem e não conse-

guiram. Não preciso que você jure que vai tentar. Não quero nem que pense em tentar. Só preciso que me escute. Só preciso que jure que jamais dirá a qualquer outro ser humano o que contei para você.

Eu a beijei.

— Eu compreendo — eu disse. — Teremos outros filhos, você e eu.

— Ah, isso seria tão bom. Muito bom.

Nós nos aconchegamos sob as cobertas, tiramos as roupas um do outro, botão por botão, zíper por zíper, então ficamos nus onde eu sempre dormi tão casto com Pequena Ida e Grande Ramona. Senti que a cama estava sendo bem batizada, e eu estava feliz.

Então adormeci.

No meu sonho Rebeca bateu na porta. Era como se eu estivesse acordado, mas sabia que não estava. E no sonho eu disse a ela que tinha de ir embora. Disse que havia feito tudo que podia por ela. Nós brigamos. Lutamos no alto da escada. Ela me atacou violentamente e eu a forcei a descer a escada, dizendo que ela precisava sair da Mansão Blackwood, que estava morta e que tinha de aceitar aquilo.

Ela sentou no último degrau e começou a chorar copiosamente.

— Você não pode mais vir aqui — eu disse a ela. — A Luz está à sua espera. Deus está à sua espera. Eu acredito na Luz.

A sala de estar estava cheia de gente chorando outra vez, eu ouvi a cadência do rosário subindo como a maré, a ave-maria, depois vi Virginia Lee sentar no caixão de novo, uma mão na outra, e na mesma hora deu seu gracioso passo de balé e foi para o chão, as saias esvoaçantes, e foi para cima de Rebeca e elas rolaram pela porta da frente da casa, os dois fantasmas, Virginia Lee e Rebeca, e ouvi Virginia Lee gritar, ‘Você veio de novo per-

turbar minha casa, veio? Você me fez descer da Luz!

Rebeca deu um berro. *Uma vida pela minha vida. Uma morte pela minha morte.*

Ficou tudo silencioso. Eu estava sentado no degrau no sonho, queria acordar e estar de novo na cama onde devia estar, mas não conseguia.

Uma vida pela minha vida, ela disse. Será que queria a minha? Nada que eu fizesse ia satisfazê-la. Nada era suficiente.

Alguém me deu um tapinha no ombro. Virei e vi que era Virginia Lee, muito animada e bonita, apesar de estar com o vestido azul do seu funeral.

— Saia deste lugar, Tarquin — ela disse, e a sua voz tinha uma ressonância suave. — Vá, Tarquin, saia deste lugar. O mal está aqui. O mal quer você.

Eu acordei, sentado, coberto de suor, olhando fixo para frente. Vi Goblin no canto perto do computador, só me observando.

Mona dormia profundamente ao meu lado.

Entrei no chuveiro e quando vi a sombra de Goblin fora do boxe eu acabei o banho, sequei-me e me vesti rapidamente. Ele ficou atrás de mim, espiando por cima do meu ombro. A expressão no rosto dele não era malvada como antes, e rezei para que não percebesse a minha apreensão. Ele não parecia tão sólido, mesmo com a umidade no ar, como estivera em Nova Orleans. E dei graças por isso.

— Você também ama Mona? — eu perguntei como se quisesse mesmo saber.

— Mona é boa. Mona é forte — ele disse. — Mas Mona vai magoar você.

— Eu sei. Você me magoa quando é mau comigo, quando diz coisas más. Nós temos de amar um ao outro.

— Você quer ficar com Mona sozinho — ele disse.

— E você não quereria isso se fosse eu? — perguntei, dei meia-volta e fiquei de frente para ele.

Nunca tinha visto Goblin com uma cara tão preocupada. Eu o tinha magoado e estava arrependido.

— Eu *sou* você — ele respondeu.”

“ — O FIM DE TARDE estava maravilhoso. Estar tão apaixonado, conhecer aquela euforia do coração — mesmo agora, apesar de ainda jovem, eu vejo aquele tempo como algo que era parte da inocência da infância. Imaginar que possa acontecer de novo, nem em sonho na verdade. Sentir novamente tamanha felicidade absoluta é impossível.

Depois que Mona acordou, tomou banho e vestiu a calça e a blusa brancas novas da Wal-Mart, ela desceu para caminhar pela Fazenda Blackwood, e parece que foi essa caminhada que me manteve lúcido enquanto eu revelava minha alma para Mona. Conteí tudo sobre Goblin, sobre Lynelle, sobre a minha estranha vida, o que eu achava dela.

Ela escutou com atenção. E também ficou encantada com a casa e a longa alameda de nogueiras-pecã. Não achou nada vulgar, nem exagerado. Disse que via simetria e harmonia em tudo.

Sim, era maior e mais imponente do que uma casa do Garden District, ela concordou, mas entendia por que Manfred Blackwood não queria ficar confinado, por isso tinha encontrado seu lugar perfeito ali no campo.

— Quinn — ela disse. — Nós vivemos em casas que foram construídas pelos sonhos das pessoas, e temos de aceitar isso. Temos de reverenciar o sonho e entender que algum dia a casa será de outros depois de nós. Essas casas são personalidades nas nossas vidas. Elas têm de desempenhar o seu papel.

Ela olhou para as grandes colunas. Gostou da atmosfera do lugar.

— Até a casa em que fui criada, por mais pobre que fosse, era uma

enorme casa vitoriana na Avenida St. Charles. Era cheia de fantasmas e de gente. Você sabe, eu não nasci rica. Eu era uma espécie de Mayfair pobre e mal-ajambrada, para dizer a verdade. Meus pais eram alcoólatras. Viviam para a garrafa. E agora sou tecnicamente proprietária de um avião particular e designada herdeira de bilhões de dólares. Às vezes fico perdida com isso, com essa mudança, mas lá estou eu de novo falando dos meus sonhos, porque sempre sonhei que seria a *Designée* do Legado Mayfair.

Ela pareceu um pouco triste e isso me assustou.

— Um dia vou contar a você a história da minha família — ela disse.
— Mas neste momento eu estou aqui com você. Fale de você.

Eu a achava absolutamente brilhante. Nunca pensei muito no tipo de mulher com quem me casaria, se é que me casaria um dia, e naquele momento parecia perfeito ela ser inteligente além de linda. E a beleza dela era natural. Não usava batom, nem lápis de sobancelha. Saía do chuveiro pura e jovem. Eu estava completamente cativado.

Estava escurecendo. O céu todo rajado de ametista e ouro flamejante. Levei-a para o velho cemitério. Expliquei a ela como o rio Ruby alimentava nossos isolados duzentos acres do pântano de Sugar Devil.

Contei sobre a ilha de Sugar Devil e a Ermida, sobre a estranha inscrição no mausoléu e o estranho intruso que invadiu a casa, que foi o ataque dele que fez com que eu fosse parar na clínica Mayfair.

— Podemos ir até essa ilha, Quinn? — ela pediu. — Você pode me mostrar? Preciso ver esse lugar. Como posso ser Ofélia para sempre se tiver medo de viajar pelos seus rios eternos?

— Bem, agora não, minha preciosa Ofélia imortal. Está escurecendo e não sou suficientemente macho para me aventurar no pântano à noite.

Mas posso levá-la de dia. Você viu os seguranças por aí? Levaremos dois conosco. Assim, se o desconhecido aparecer, podemos acabar com ele.

Ela ficou muito curiosa. Quis saber mais sobre a Ermida e sua estrutura circular. Havia uma escada até a cúpula?

— Há sim, e sabe de uma coisa? Eu nunca subi. Era uma escada de ferro em espiral e eu mal tomei conhecimento dela, e tenho certeza de que se você for lá para cima terá uma vista melhor da Mansão Blackwood além do pântano.

— Eu tenho de ver isso — ela disse. — É misterioso demais. E o que planeja fazer com o invasor?

— Vou expulsá-lo! Ele já está furioso porque queimei os livros dele. Bem, quando eu voltar lá com meus homens, vamos jogar fora a mesa de mármore e a cadeira de ouro dele. Ele vai encontrá-las afundadas na lama, onde ele jogou os corpos.

— Que corpos? — ela se espantou.

Voltei para a história e contei essa parte, da primeira vez que o vi à luz do luar, se desfazendo dos corpos. Ela ficou muito intrigada.

— Mas então é um assassino — ela disse.

— Não tenho medo dele — contra-arguntei. — E depois do que aconteceu quando ele me atacou lá em cima, eu sei que Goblin pode e vai me proteger.

Olhei de novo para Goblin, que vinha atrás de nós, a uma certa distância. Acenei com a cabeça para ele. *Meu bravo companheiro.*

Ela olhou para o céu púrpura que escurecia. As cigarras cantavam por toda parte. Parecia a Terra ronronando.

— Nossa, espero que tenhamos tempo de ir até lá — ela disse. Eu

dei risada.

— Nenhum de nós tem o bom senso de sentir medo! — admiti.

Ela começou a rir e então nós dois rimos e não conseguíamos parar. Eu finalmente a abracei e ficamos assim, eu mais feliz do que tinha sido em toda a minha existência.

Continuamos caminhando, mas eu só conseguia pensar em me deitar com ela na grama e deixar as sombras da noite fazerem o papel das cortinas em volta da cama.

Disse a ela outra vez que quando fôssemos para a ilha levaríamos os guardas armados. Eu tinha meu trinta e oito. Perguntei se ela sabia atirar. Ela disse que sim, que tinha aprendido num lugar chamado Gretna Gun com seu primo Pierce, para poder se proteger se precisasse. Ela estava acostumada a atirar com uma Magnum 57.

— Esse Pierce — eu disse —, não quero falar dele. O plano do casamento é um terrível aborto do destino. Eu me sinto como Romeu diante desse cara.

Ela deu uma risada cheia de prazer.

— Ah, é tão bom estar com você — ela disse. — Em parte pelo simples fato de você não ser um de nós.

— Você quer dizer, não ser um Mayfair?

Ela fez que sim com a cabeça. As lágrimas ameaçaram aflorar. Pus o braço em volta dela, ela apoiou a cabeça no meu peito e senti que ela chorava.

— Mona, por favor, não chore. Você está segura comigo.

— Eu sei. Eu me sinto segura com você, mas você sabe que eles vão me encontrar.

— Então podemos escondê-la atrás daquelas grandes colunas — eu disse. — Podemos simplesmente trancar a porta do meu quarto e ver se eles conseguem derrubá-la.

Ela parou de chorar. Ficou mais calma e secou as lágrimas com um lenço de papel. Pediu que eu descrevesse o desconhecido de novo, eu descrevi, e ela perguntou se podia ter sido algum tipo de fantasma ou espírito.

Foi uma pergunta surpreendente. Eu nunca tinha pensado nisso.

— Há muitos tipos de fantasmas, Tarquin. E diferem também nas ilusões que são capazes de criar.

— Não, ele não era um fantasma — eu disse. — Ficou atônito demais quando viu o vidro voando. E ele não podia ver Goblin.

Goblin ainda estava conosco, seguia atrás de nós desligado e não reagiu quando eu acenei para ele.

Bem, era aquela hora do dia em que eu costumava sentir o meu pânico com mais intensidade, porém não senti nada porque tinha de ser forte por ela, e a verdade era que Mona me deixava num estado constante de excitação que bania o pânico e todos os meus pensamentos ruins e tristes.

Contei a ela sobre os fantasmas que eu via ali entre os túmulos. Que eles não diziam nada, que pareciam uma massa coagulada, e conversamos sobre a natureza dos espíritos em geral.

Ela disse que Stirling Oliver, da Talamasca, era um homem de bom coração e profundamente honrado, inglês até debaixo d'água, como todos os melhores da Talamasca, e cheio de idéias maravilhosas acerca de fantasmas e espíritos.

— Bom, eu não sei se existe algum verdadeiro espírito — ela disse enquanto andávamos respeitosamente entre as lápides, contornando os tú-

mulos elevados. — Prefiro pensar que todos os espíritos são os fantasmas de alguma coisa, mesmo se viveram há tanto tempo que nem se lembram mais de quando eram de carne e osso.

— Goblin é um espírito puro — eu disse. — Ele não é fantasma de ninguém.

Olhei para trás e vi Goblin a certa distância, com as mãos nos bolsos da calça jeans, apenas nos observando. Tive medo de dizer muita coisa sobre ele, sobre a velocidade com que ele estava aprendendo, sobre suas características mais perigosas. Mas virei para trás e acenei para ele, apenas um aceno amigável, e disse telepaticamente que gostava dele. Ele não deu sinal de ter ouvido mas sua expressão não era maldosa, e subitamente compreendi que ele estava usando de novo a minha gravata Versace da sorte. Por que fazia isso? Por que estava todo vestido e com aquela gravata? Talvez não significasse nada.

Acho que Mona viu isso, que eu estava observando Goblin. Bem, tenho certeza de que ela viu. Mas continuou falando.

— Com espíritos, nunca se sabe — ela disse. — Pode ser o fantasma de algo não-humano.

— Como isso é possível, Mona? Você quer dizer que pode ser o fantasma de um animal?

— Estou dizendo que há coisas neste mundo que parecem humanas mas não são, e que não há como saber quantas espécies dessas existem. Há seres que caminham na terra completamente disfarçados de humanos, nos enganando de propósito. E quando se trata de um espírito, nunca se sabe com o que estamos lidando. Pode ser algo bom e carinhoso, como

Goblin. — Ela olhou para ele, na verdade sorriu para ele. — Ou po-

de ser o fantasma de algo horrível que despreza a humanidade em segredo e que deseja fazer o mal. Mas o que importa é compreender que todos os espíritos têm uma espécie de organização.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que apesar de serem invisíveis para a maioria das pessoas, eles têm uma forma perceptível e uma espécie de núcleo no qual o cérebro e o coração existem juntos.

— Mas como você sabe disso? E como isso é possível?

— Bom, para começar, é nisso que Stirling acredita, e ele estudou fantasmas a vida inteira. Por isso tem passado muito tempo comigo ultimamente. Eu vejo fantasmas constantemente. E Rowan também acredita nisso, você sabe, a minha prima, dra. Rowan Mayfair.

— Mas onde fica esse núcleo? E como é que um fantasma consegue aparecer e desaparecer?

— A ciência ainda não chegou tão longe — ela disse. — É isso que Rowan sempre diz. Mas temos idéias definidas sobre o assunto. O núcleo e as partículas que formam um fantasma são simplesmente pequenos demais, não os vemos, e o campo de força que os organiza passa sem dificuldade nenhuma através das moléculas que conseguimos ver. Pense em insetos minúsculos e como é simples para eles passar por um tecido com trama aberta. Pense na água passando pelo tecido de algodão ou pela seda. É assim que os fantasmas passam através das paredes. Está tudo aí para ser desvendado algum dia, mas neste momento nós não sabemos.

— Sim, entendo quando você diz como o fantasma vai e vem através da matéria, mas como é que ele aparece para nós?

— Ele atrai partículas de matéria magneticamente e as organiza na i-

lusão. A ilusão pode ser tão forte que parece e dá a sensação de ser sólida. Mas é sempre uma ilusão, e quando o fantasma quer desaparecer, ou tem de desaparecer, as partículas ficam difusas.

Eu estava tão enlevado que nem podia discutir com ela. Ela levava aquilo muito a sério, e tudo que eu tinha eram perguntas. Mas eu sabia que Goblin também estava ouvindo e teria ficado muito mais assustado com isso se não soubesse que ela também sabia.

— Agora, alguns fantasmas, os que são realmente fortes, podem se tornar tão sólidos que ficam visíveis não só para uma ou duas pessoas receptivas, mas para todo mundo. Eles estão lá. E só Deus sabe quantos desses fantasmas caminham por aí entre nós.

— Meu Deus, que idéia — eu disse.

— Pense só, uma coisa que parece humana, mas é um fantasma, que voltou para mais uma chance na vida ou algo assim. Mas em geral o fantasma usa seus princípios de organização para aparecer para um indivíduo receptivo.

— Mas então como é que você e eu vemos o Goblin? — perguntei.

— Deve ser porque temos o mesmo tipo de receptores — ela disse. — Tenho certeza de que temos. E alguns fantasmas que eu vejo? Você provavelmente deve poder vê-los também.

— E por isso que temos de nos casar, Mona — eu disse. — Nós não seremos compreendidos se nos casarmos com outras pessoas. Vamos sempre lembrar deste momento.

Ela se espantou com o meu comentário, ou então foi pega de surpresa por ele. Depois disse, meio irritada.

— Quinn, pare de falar do nosso casamento como se fosse uma coisa

que vai acontecer. Eu já disse. Vou me casar com Pierce. Preciso me casar com Pierce. Ora, talvez possamos ter um caso depois, mas acho que não vai dar, Pierce ficaria arrasado. Essa é a pior coisa nesse casamento com Pierce. Quando me casar com ele, minhas aventuras eróticas vão terminar.

— Isso é um futuro horroroso. Detesto esse Pierce. Acho que vou matá-lo.

— Não fale assim, ele é o Mayfair mais doce do planeta — ela retrucou. — E cuidará de mim. Ah, não vamos falar do Pierce. Às vezes eu sei que Pierce merece alguém melhor do que eu, e há tantas virgens imaculadas na família! Talvez você esteja certo quanto ao Pierce. Quero dizer, para o bem dele... Agora vamos voltar à questão dos fantasmas.

— Sim, então explique como é formado o núcleo de um fantasma, supondo que exista um. E deixe Pierce ficar com uma das virgens, acho que é uma ótima idéia.

— Stirling diz que o núcleo é a alma, a alma que se recusou a seguir em frente quando se separou do corpo terreno.

— Então a alma tem matéria!

— Talvez mais do que o que chamamos de eletricidade, ou energia, aliás. Vamos pensar desse jeito, que é algo infinitesimal, energia organizada. Está em todo o nosso corpo quando estamos vivos, mas se contrai e vira um núcleo quando morremos, e esse núcleo deve ir para a Luz, como bem sabemos. E em vez de ir para fora da nossa estratosfera, como deveria fazer quando se desliga do corpo, fica para trás, preso à terra, e gera para si mesmo um corpo espiritual, um corpo de energia gravada com a forma do seu corpo humano perdido, e é assim que adquire suas características de fantasma.

— E você acha que ele pode esquecer que um dia foi humano?

— Ah, acho sim. Deve haver espíritos presos à terra com mil anos de idade. Para eles não há relógio. Não há fome. Não há sede. Sem nós como ponto focal e âncora, eles simplesmente vagueiam. Nem sei bem o que eles vêem ou sabem quando vagueiam, mas então aparece uma pessoa que responde a eles, e eles começam a evoluir como fantasma para aquela pessoa.

— E você se diz uma bruxa porque consegue ver esses espíritos?

— É, e porque posso conversar com eles, mas não consigo mandá-los fazer o que eu quero. Não experimentei esse poder. É um poder perigoso demais. O assunto todo é perigoso, Tarquin. — Ela abaixou a voz e deu uma olhada marota para Goblin. — Goblin provavelmente sabe, não sabe, Goblin? — ela perguntou. — Ele provavelmente sabe de tudo isso.

Olhei de novo para Goblin. Ele parecia pensativo. Sua expressão tinha perdido um pouco da maldade e isso foi um certo alívio para mim.

— Mona, temos de ficar juntos para sempre. Quem mais poderá me amar do jeito que você pode?

Goblin chegou mais perto. Estendi a mão para fazê-lo parar.

— Tenha paciência comigo, Goblin — eu disse. — É um amor diferente.

— Eu nunca tentaria ocupar seu lugar, Goblin — disse Mona.

— Mas é verdade, Mona — disse para ela outra vez. — Quem mais me amará do seu jeito?

— Do que você está falando? — ela perguntou. — Você é alto e lindo e tem os olhos azuis mais sinceros que eu já vi. Você sabe que é o máximo quando um homem tem olhos azuis e cabelo preto, e você tem isso.

Você é o que as garotas chamam de irresistível.

É claro que eu adorei ouvir esses cumprimentos — eu era muito inseguro — mas eles só reforçaram minha esperança de que nada fosse nos separar.

— Case-se comigo, Mona — eu pedi. — Estou falando sério. Você tem de casar comigo.

— Estou começando a gostar da idéia, mas comporte-se — ela respondeu. — Vamos continuar nossa conversa sobre fantasmas e espíritos. Você precisa saber das coisas. Estávamos falando dos espíritos que ficam presos aqui, que não conseguem ir para a Luz.

— Você, pessoalmente, tem certeza da Luz, Mona? — perguntei a ela.

— Bem, esse é exatamente o problema. Quando algumas pessoas morrem, elas não têm certeza disso, e podem não reconhecer a Luz pelo que ela é. Podem não confiar nela. Elas se agarram à terra, se agarram aos mortais que ainda podem ver e ouvir.

— E assim temos esse espírito hipotético cujo núcleo não vai para a Luz e a alma que fica vagando...

— É — ela disse. — E pode ter início uma aventura completa para ele mesmo, especialmente se encontrar uma pessoa receptiva como você ou eu, alguém que possa vê-lo mesmo quando seus poderes de organização ainda estão fracos. Então é claro que nós o ajudamos a se concentrar quando o notamos e conversamos com ele, damos atenção a ele e a sua organização vai ficando cada vez mais forte.

— Mas e um espírito como Goblin? Ele não é um fantasma. Ele não sabe de onde veio.

Ela lançou um olhar para mim que dizia Tome cuidado.

— Então Goblin é um espírito puro — ela respondeu. — Mas os espíritos provavelmente são organizados exatamente do mesmo modo. Eles têm o núcleo e mais uma espécie de corpo impreciso, um corpo que é um campo de força, e é esse campo de força que eles usam, como os fantasmas, para reunir partículas para aparecer para alguém.

Nós saímos do cemitério e fomos andando até o embarcadouro. O pântano estava escuro e já parecia traiçoeiro, cheio de coisas ameaçadoras com desejo de matar. Uma canção noturna emanava dali com significado de morte. Eu procurei ignorar. Mona pareceu gostar, estava gostando da noite.

— Quinn, se ao menos você pudesse conversar com Stirling — ela disse. — Acho que ele teria muita coisa para dizer a você. Sabe, com Stirling tudo é tão fácil. A Talamasca tem dado abrigo há séculos para pessoas que vêem fantasmas. Eles recebem pessoas com você e eu, e não por motivos egoístas. Quando eu estava na Inglaterra fui à casa-matriz deles lá, e até visitei a casa-matriz de Roma.

— Parece religioso, como os monges trapistas ou os carmelitas.

— Bem, eles são meio assim, sim — ela respondeu. — Mas não são religiosos. São bons, sem religião. Às vezes é difícil para o padre Kevin aceitar, mas ele está se acostumando. Você sabe como é, com os católicos, nós inclusive. Qualquer coisa sobrenatural que não vem de Deus tem de ser do demônio. E aqui temos a Talamasca estudando o sobrenatural. Mas mesmo o padre Kevin já está gostando do Stirling. Ninguém escapa de ser desarmado por Stirling.

— Fale-me do padre Kevin — eu disse. — Qual é a história dele?

— Ele é um bom padre. Eu devia saber mesmo. Eu me esforcei mui-

to para levá-lo para a cama, como já disse a você, mas não consegui. Ele nasceu aqui, numa casa grande na Rua Magazine, caçula de oito filhos. A irmã mais velha dele é de outra geração. Nós os chamamos de os Mayfair Inoxidáveis porque são todos muito bons e nunca se metem em encrenca. Quando ele entrou para o sacerdócio, eles o mandaram para o norte, e agora ele voltou, principalmente porque a família precisa do seu padre e também porque ele pode ensinar aqui. Ele é o próprio teólogo quando quer ser.

— Mona, por que você tenta ir para a cama com tanta gente? — perguntei, sabendo que soava ingênuo e infantil, mas tinha de perguntar.

— Por que você faz a mesma coisa, Tarquin?

— Mas eu não faço, não mesmo. Antes de você, só fui para a cama com uma das mulheres aqui da fazenda, e foi só.

— Eu sei — ela disse sorrindo. — A gloriosa mulata loura, Jasmine.

— Como sabe?

— Nós, as bruxas, temos um pouco de poder telepático — ela disse com o mesmo sorriso generoso. — Eu captei no ar, pode-se dizer. Você não sentiu que era um caminho que você tinha de trilhar?

— É, acho que senti. Mas comparado com você, eu sou meio retardado. Tenho quase dezenove anos e só transei com um espírito, um fantasma e duas mulheres de verdade, e você é a que eu amo.

— Posso adivinhar quem é o espírito — ela disse. — Mas conte-me sobre o fantasma.

— Não posso, agora não. Estamos próximos demais do túmulo dela. — E aponte para a pequena lápide no cemitério. — Mas posso dizer que o nome dela é Rebeca, que ela é linda, e que encontrou seu fim de um modo cruel e injusto, e que perdi a minha virgindade com ela. Ela tem um charme

enorme quando aparece... e por falar em charme, tenho um professor que é assim também e ele está vindo na nossa direção.

Era Nash, vindo da casa para nos chamar para jantar. Ele estava elegante e belo com seu terno bem-cortado de brim azul e camisa branca aberta no colarinho.

Ora, eu tenho de seguir esse estilo, pensei, e ele consegue isso com muita ousadia e naturalidade.

Apresentei-o logo a Mona e disse que ia me casar com ela. Ele ficou um pouco surpreso, mas aceitou com a mais completa seriedade.

— Parabéns, Quinn, e minha querida — ele segurou a mão dela —, é um prazer.

Senti que a voz romântica dele podia mover montanhas. E o rosto dele ficava mais marcante com suas rugas e dobras. Dava-lhe a aparência de um sábio.

— É claro que ainda vamos para a Europa, Nash — eu disse. — Vamos todos. Mona será raptada.

— Bom, isso torna tudo ainda mais excitante — disse Nash com um sorriso leve e um toque suave de ironia. Ele deu o braço educadamente a Mona para ajudá-la a subir a encosta e eu fiquei envergonhado de não ter pensado nisso.

Quanto ao jantar, todos nós devíamos nos juntar à tia Queen do outro lado da casa, onde tinham posto a mesa no pátio de lajotas, utilizando os móveis reformados de vime.

— O vime de Rebeca — expliquei para Mona. — Rebeca e eu, tanto aconteceu num sonho. — Nós tomamos café juntos e sentamos nessas cadeiras de vime. Você vai ver.

E eu vou ver também, pensei. Eu vou ver se combina exatamente com a mobília do meu sonho, porque eu posso ter imaginado isso antes, quando caminhava por lá, tão atordoado e confuso.

Quando fomos andando e passamos pela frente da casa, eu olhei para o céu avermelhado que escurecia e senti o pânico de novo.

Mas consegui afastá-lo de mim. Era hora de ser sociável e eu estava preparado para isso.

Procurei Goblin rapidamente. *Venha conosco, fique conosco.* Tentei sorrir para ele, mas acho que ele conhecia todos os meus medos. Mesmo que não fosse capaz de ler a minha mente, ele podia decifrar a expressão do meu rosto.”

“ — **A**SSIM QUE VI o conjunto de móveis brancos de vime, as mesas e as cadeiras, reconheci novamente que era a mobília do meu sonho. Fiquei todo arrepiado e o pânico voltou numa onda brilhante e quase me fez bater os dentes.

Ouvia a voz de Rebeca na minha cabeça e tive medo de ficar tonto. Quando descrevi essas tonturas para os médicos da clínica, eles mencionaram pequenos ataques.

Mas como é que tal explicação podia se aplicar ali — a mobília reproduzindo o que eu só tinha visto bem num sonho? O fato era que a teoria dos ataques não explicava nada.

— Mona, meu amor querido — eu disse quando nos aproximamos da mesa. — Preciso de você.

— O que você precisa, mais que tudo no mundo, é de se encontrar com Stirling Oliver.

Mas eu vi a paixão nos olhos dela. Percebi que estava se controlando. Dava para ver o progresso que eu estava fazendo com ela.

— E o que todos nós precisamos é do jantar — disse tia Queen, que me recebeu com um beijo e depois deu um no rosto de Mona também.

— Sabe, querida — disse tia Queen. — Você é realmente linda.

Tia Queen colocara um vestido reto de cetim bege, um longo colar de pérolas, um camafeu de madrepérola na garganta e os saltos agulha mais cintilantes que eu havia visto. A tira sobre os dedos dos pés era cravejada de diamantes e o camafeu perfeito de Apoio com sua lira que ela trazia no pes-

coço tinha também minúsculos brilhantes em volta.

Toda a decoração do jantar era iluminada por suaves holofotes presos nas laterais da casa e também por um círculo de velas em lampiões de tempestade. Os móveis de vime eram ricos em detalhes e muito bem construídos — um antiquário teria dado uma pequena fortuna por eles — e enquanto eu observava tudo a atmosfera do sonho retornou. Rebeca disse ao meu ouvido, *vagabunda ruiva*. Eu provei do café onírico. Os arrepios percorriam meu corpo. Uma onda de terror me envolveu. *Uma vida pela minha vida. Uma morte pela minha morte.*

Fomos logo sentando nas cadeiras com encosto de rabo de pavão recém-pintadas e, sim, eu reparei que o lugar de Goblin estava lá à minha esquerda, como sempre, e eu nem pensara em pedir que cuidassem disso.

Minha mente e meu corpo nadavam em emoções. A simples visão de Mona à minha direita fazia nascer a vontade de carregá-la nos braços para a cama. Mas o sofrimento surdo do sonho de Rebeca ficava sempre se intrometendo. Vá para a Luz, eu rezei em silêncio. Esforcei-me para me concentrar no que acontecia à minha volta. Eu tinha de ser um homem para Mona. Ali não era o lugar para eu me tornar um centauro.

Jasmine, bastante exótica com um conjunto violeta de cintura fina marcada e blusa branca rendada, trouxe a galinha com estragão e arroz para nós. Grande Ramona, com seu habitual avental alvíssimo, serviu o vinho.

Eu percebi que tia Queen andara operando alguma mágica em Jasmine. Jasmine passava por alguma mudança de *status*. Estava muito glamourosa, e com certeza eu não era o responsável por isso.

— E olhem só os sapatos dessas senhoras adoráveis, façam o favor — eu disse para Nash e Mona. — Dá vontade de beijar seus pés.

— Coma o seu jantar, Patrãozinho — disse Jasmine em voz baixa. — Não vai beijar meus pés.

Mona deu risada.

— Nada faz tanto sucesso — comentou Nash — como o excesso. — Ele sorriu. — Devo dizer que é um prazer estar aqui neste ambiente glorioso. Nunca ouvi as cigarras cantarem desse jeito, exceto aqui na Louisiana.

— E como passou seu dia? — eu perguntei. — Sinto que, ao me apaixonar por Mona, eu o negligenciei, mas encontrar a futura noiva pode alienar qualquer um. Eu me tornei um louco feliz.

— E faz bem — ele respondeu. — Não tem de se preocupar comigo por enquanto. Isso tudo é tão novo para mim, tão fascinante. Fiquei muito bem. Tirei uma longa soneca à tarde e depois passei um tempo maravilhoso admirando a fabulosa coleção de camafeus de sua tia Queen.

— Camafeus — disse Mona. — Quer dizer que há mais, não são só os que vimos na vitrine da sala de estar?

— Centenas — disse tia Queen. — Da minha vida toda, e você bem pode imaginar o tempo que isso representa. Mas façamos um brinde a Mona Mayfair, nossa adorável jovem hóspede, e a Nash Penfield, que em breve nos levará na grande excursão, e ao meu sobrinho-neto, que hoje recebeu parte da sua herança.

— Mona vai conosco para a Europa, tia Queen — eu declarei. — Será que podemos partir antes da meia-noite? Mona vai como minha noiva.

Mona ficou evidentemente espantada, mas não riu. Apenas olhou orgulhosa para mim e então inclinou-se à frente de todos e beijou meu rosto.

— Você realmente se casaria comigo esta noite? — ela perguntou. — Acho que você está verdadeiramente apaixonado por mim.

— Absoluta e eternamente — eu disse. — Mas não precisamos esperar a cerimônia. Podemos pegar um avião esta noite e nos casar em Paris. Tia Queen faz isso o tempo todo, simplesmente pega um avião e vai embora. Vamos precisar do seu passaporte, é claro, mas eu volto com você para a sua casa...

— Querido — disse tia Queen. — Acho que não será necessário, pois estou vendo os Mayfair subindo a alameda lá fora.

Era uma limusine preta gigantesca, igual à de tia Queen, esmagando o cascalho, subindo devagar e parando diante dos degraus da entrada da casa.

Mona olhou para trás, depois virou para a frente e olhou para mim. Lágrimas afloraram em seus olhos.

— Tarquin — ela disse. — Você realmente me levaria com você esta noite?

— Sim, claro! Tia Queen, você sabe que é isso que você quer, que eu vá para a Europa, para aprender! Nash, você pode servir de guia e tutor para nós todos.

Eu morreria por Mona, sabia que sim. Eu lutaria contra todos que estivessem naquele carro.

— Nash — disse tia Queen. — Vá recebê-los por mim, querido. Estou vendo o segurança se levantando. Diga a ele que está tudo bem. Nunca vou conseguir atravessar o gramado com esses saltos. Faça as honras da casa para mim, está bem, querido?

Mona explicou rapidamente que era Ryan Mayfair, advogado e pai de Pierce, e a dra. Rowan Mayfair com o marido, Michael Curry, que agora se aproximavam da mesa. Eu me levantei naturalmente, mas Mona não, fiquei atrás da sua cadeira e pus as mãos nos seus ombros. Estava de costas para

as pessoas que entravam. Estava sendo grosseiro. Estava me preparando para a batalha.

— Não se preocupe, minha corajosa Ofélia — eu disse baixinho. — Você não perecerá enquanto este bravo Laerte viver.

Mas o aspecto mais curioso de tudo aquilo para mim não era o meu coração batendo descompassado, era o cuidado e a expressão muito hostil de tia Queen quando o pequeno grupo deu a volta na mesa à minha esquerda e Nash logo os convidou a sentar.

Todos recusaram. Estavam com ‘muita pressa’, mas agradeciam muito.

— Nós viemos pegar Mona — disse a dra. Rowan Mayfair com uma voz rouca e educada. Creio que é o que chamam de voz de uísque. — Sra. Queen — ela disse, indicando com um movimento de cabeça —, a senhora tem uma casa maravilhosa.

— Bem, espero que um dia — disse tia Queen — vocês possam vir visitá-la.

Mas tia Queen não estava sendo a pessoa simpática que costumava ser quando disse essas palavras, e examinava o grupo de um jeito que eu nunca tinha visto antes.

Todos se apresentaram, Ryan Mayfair parecia ter nascido com seu terno Brooks Brothers, e Michael Curry, o mais velho, era meio brutamonte, mas muito bem-apeçoado com seu paletó de safári, seu belo cabelo grisalho e modos informais. Ele tinha um ar de irlandês, com seu rosto quadrado e olhos azuis. O advogado estava constrangido e a dra. Rowan Mayfair também não estava muito à vontade. A dra. Rowan tinha maçãs do rosto salientes e brilhantes, e cabelo bem-penteado. Havia sem dúvida algo de assusta-

dor nela, apesar de sua postura discreta.

— Venha, Mona — disse a dra. Rowan. — Estamos aqui para levá-la para casa. Você nos pregou um susto quando fugiu esta manhã.

— Eu quero que vocês me deixem em paz! — disse Mona. Foi praticamente um grito do coração.

Eu não suportei ouvir isso e entrei em ação na mesma hora, sem nem me mexer. Segurei os ombros dela. Meu coração disparou.

Mas de repente a dra. Rowan adotou uma expressão de fúria e disse, para meu absoluto espanto:

— Michael, pegue-a.

Ryan Mayfair e Michael Curry foram os dois para cima de Mona, e Mona gritou, recuou e derrubou sua cadeira, e apertei-a em meus braços. Ela rodou e enfiou o rosto no meu peito. Ela me pareceu a criaturinha mais frágil e preciosa que eu conhecia ou amara e eu pretendia lutar por ela.

— Calma, cavalheiros — disse Nash com uma voz gentil mas de comando. — Certamente vocês não estão querendo levar essa jovem à força! Sra. McQueen, a senhora vai ficar neutra com tudo isso?

— Claro que não — disse tia Queen. — Jasmine, corra e vá chamar os homens.

— Esperem um minuto — disse Michael Curry, e ele fez o gesto universal de paciência com as mãos. Ele parecia o sujeito mais doce do mundo.

— Mona, por favor, pare com esse drama e venha para casa, você sabe que tem de vir. Mona, não quero ter de fazer isso. Ninguém quer, mas você não pode fugir desse jeito. Procure ver a coisa do nosso ponto de vista.

— Eu vou me casar com ela — eu disse. — E se puser um dedo nela, quebro a sua cara. Ah, estou vendo que tem força muscular do seu lado, bastante, mas eu sou jovem e sou pior do que pareço, por isso não me provoque.

Quanto a Goblin, ele tinha se levantado e eu sussurrei para ele não fazer nada. O que podíamos ter feito, eu não sei, mas senti medo e emoção ao mesmo tempo.

Naquela altura Clem e Allen já estavam correndo para o pátio. E o segurança tinha saído da varanda da frente e estava ao lado de tia Queen, com a mão na arma.

Tia Queen fez um sinal para Clem e Allen se aproximarem e aguardar.

— Vocês todos não estão sendo um pouco ridículos aqui? — perguntou tia Queen. — Esta menina está jantando conosco. Mandarei meu carro levá-la para casa esta noite. Nunca vi tanta histeria assim antes. Dra. Mayfair, estou chocada.

— Sinto muito, sra. McQueen — disse a dra. Mayfair, com a voz ainda baixa e rouca, e muito sincera. No entanto suas palavras eram carregadas de um enorme poder. — Mona tem quinze anos. O pai e a mãe dela estão mortos. Às vezes ela faz coisas impulsivas. Sou sua guardiã legal. Quero que ela venha para casa, e como a senhora pode ver, ela não quer ir.

Michael Curry balançou a cabeça como se dissesse: Isso é muito triste, e depois tocou gentilmente no cabelo de Mona. Falou com ela com voz suave e calma.

— Agora venha, querida, eu sei como se sente.

— Não, não sabe nada — ela soluçou encostada em mim. — Ne-

nhum de vocês sabe.

— Mona, eu te amo — ele disse e depois continuou com ternura. — Deixe-nos levá-la de volta, meu anjo. Você pode ver Quinn amanhã. Quinn, você poderia vir visitá-la, não é? Ficaríamos felizes de recebê-lo. Que tal amanhã à tarde? Venha, querida.

Eu segurei a cabeça dela e cochichei no seu ouvido Vá para casa, pegue seu passaporte e se prepare.

A dra. Mayfair balançou a cabeça como se ela também detestasse aquilo tudo. Ou como se tivesse ouvido o que eu sussurrei. O advogado, Ryan, o almofadinha de terno, jamais modificou sua expressão de dó. Acho que ele estava mortificado, mas resignado. Era um filho-da-mãe bonitão, eu tinha de admitir isso, o que provavelmente significava que o filho dele, o infame inimigo Pierce, também devia ser.

Finalmente Mona deu meia-volta e, ainda agarrada ao meu braço, olhou para eles.

— Eu odeio vocês por terem feito isso comigo — ela sussurrou. — Odeio vocês todos. Não confio em vocês.

— Meu Deus, minha filha — disse tia Queen. — O que quer que a gente faça?

Nash parecia muito alarmado. Allen e Clem estavam prontos para briga. O segurança estava em alerta total.

— Ela precisa vir para casa, sra. McQueen — disse a dra. Rowan paciente e cortesmente, com uma expressão serena demais. — Quinn, você pode ir visitar Mona amanhã? Achei boa a sugestão de Michael.

Mona virou de frente para mim de novo e, de costas para o trio do mal, ela formou com os lábios a palavra ‘passaporte’.

— Você vem às três horas, está bem? — ela disse, mas seus dedos pressionaram duas vezes o meu braço.

— Sim, eu vou às três horas.

— Você pode ser nosso convidado para o jantar — disse a dra. Mayfair. — Sra. McQueen, sr. Penfield, sinto muito por tudo isso. Sinto mesmo.

A dra. Rowan tinha um comportamento simples e franco e assim suas palavras quase pareciam verdadeiras. Com isso quero dizer que não conseguia odiá-la tanto como queria. Mas mesmo assim ela era assustadora, de um modo misterioso.

Mona me beijou no rosto. Eu a segurei e beijei na boca.

— Eu te amo — eu disse. — Vou tirar você de lá.

— Cuidado com todos os fantasmas — ela sussurrou. — Tenha muito cuidado e lembre-se de que se de alguma forma eu ficar inacessível, ou se eles inventarem alguma coisa, procure Stirling Oliver. Oak Haven é o Retiro sulista da Talamasca. Todo mundo sabe onde fica. Plantação Oak Haven. Fica na River Road, perto de Vacherie.

— Entendi — eu respondi. Ela chegou para trás.

— Vejo você amanhã — ela disse. — Tia Queen, obrigada pelo jantar. Sr. Penfield, foi ótimo conversar com o senhor.

De repente ela parou de falar, ficou olhando fixo para tia Queen, cujo rosto era a expressão da preocupação. Então Mona foi até ela, abraçou-a e beijou-a.

— Oh, querida, minha querida — disse tia Queen. — Deus te abençoe e te proteja. E olhe aqui... — Tia Queen desprendeu o camafeu cravejado de brilhantes do pescoço. — Fique com isso.

— Ah, não, eu não poderia — disse Mona.

— Não, você tem de aceitar. Lembre de nós sempre que olhar para ele. Mona ia começar a chorar outra vez. Ela pegou o camafeu, virou para trás e finalmente foi embora, e o trio constrangido a seguiu, todos entraram na limusine, que deu a volta na entrada e logo desapareceu a caminho da rodovia.

Jasmine mandou nossa guarda palaciana voltar para a cozinha. O segurança pareceu sinceramente desapontado e voltou para a varanda da frente. Jasmine pegou meu prato e pôs uma porção de galinha e arroz quentes.

Eu caí no choro. Simplesmente chorei como um menino. Chorei e chorei. Fiquei lá sentado chorando sem me importar com o que pensassem de mim. E daí se tinha dezoito anos? Eu chorei.

Nash se aproximou e pôs o braço no meu ombro, e tia Queen tentou me consolar, me chamou de pobre querido.

— Nunca quis tanto uma coisa assim em toda a minha vida — eu disse. — Eu simplesmente a amo.

— Oh, meu menininho precioso — disse tia Queen. — Por que tem de ser uma Mayfair?

— Mas o que há de errado com eles, tia Queen? — perguntei. — Deus do céu, nós fomos para a clínica deles! Nós freqüentamos a igreja deles. O padre Kevin é um Mayfair. Eu não entendo.

Nash apertou minha nuca com firmeza e voltou para a sua cadeira.

— Jasmine, dê um prato limpo para Nash — disse tia Queen. — E você, meu rapaz, por favor, coma alguma coisa. Como pode ter um metro e oitenta e sete e não comer nada?

— Só tenho um metro e oitenta e três — expliquei. — Nash é que tem um metro e oitenta e sete. Nash, obrigado pelo apoio moral. Tia Que-

en, eu não entendo isso.

— Bem, meu rapaz — ela disse, erguendo a taça de vinho branco para Jasmine encher. — Não sei se eu entendo, mas a família Mayfair sempre foi vista com desconfiança. A dra. Rowan Mayfair, o gênio por trás da clínica Mayfair, é talvez a mais universalmente venerada do clã, e ela se envolveu na vida pública e no serviço público.

‘Mas mesmo a dra. Rowan é uma figura misteriosa. Uma vez ela foi gravemente ferida e chegou a ser desenganada pelos médicos, mas depois recuperou-se milagrosamente.’

— Bom, é claro que não pode condená-la por isso — eu retruquei.

— Não posso? — disse tia Queen. — Posso afirmar que não foi pela intervenção de um santo que ela retornou dos mortos. Isso é verdade.

— Mas o que está dizendo?

— Como você viu, ela é muito controlada e segura por natureza — disse tia Queen. — E talvez até seja uma boa pessoa, talvez seja muito boa. Mas o resto da família é uma outra história.

— Mas o que quer dizer? O advogado era muito sem graça. — (Claro que eu estava roubando as palavras de Mona, mas e daí?)

— Ele é muito respeitado — admitiu tia Queen — apesar de trabalhar quase que exclusivamente para a família. Estou falando de outras coisas. E certamente você não esqueceu que ele administra o nosso dinheiro. Mas falam por aí há anos de insanidade congênita na linhagem feminina. Bom, na linhagem masculina também. Os Mayfair foram drogados, trancados em celas acolchoadas e até deixaram a casa deles na First Street virar uma ruína certa vez, só que agora que o sr. Michael Curry veio para cá, ela está restaurada e maravilhosa, pelo menos foi o que me disseram. E há tam-

bém a questão do próprio Michael, que uma vez quase se afogou na piscina.

— Mas o que isso pode querer dizer?

— Eu não sei, querido, só estou tentando explicar que eles são envolvidos em mistério. É uma família que tem a própria firma de advocacia e um padre próprio também. Como os Medici, você não acha? E você sabe como o povo de Florença costumava se rebelar contra eles e jogar todas as suas obras de arte pelas janelas do palácio!

— Como se o povo de Nova Orleans fosse se rebelar contra os Mayfair! — eu zombei. — Você não está me contando tudo.

— Eu não sei tudo — ela respondeu. — É uma família mal-assombrada e alguns dizem que é amaldiçoada.

— Você conheceu Mona — eu disse. — Sabe que ela é adorável e brilhante. Além do mais, nós também somos uma família mal-assombrada.

— Há alguma coisa errada — disse tia Queen, e hesitou um pouco.

Vi os olhos dela desviando. Ela olhou para o lugar onde Goblin estava sentado, observando, sem tirar os olhos dela. Ela sabia que ele estava ali, e quando virei para ele vi que ele estava concentradíssimo nela.

Ela continuou, comendo pedacinhos minúsculos de galinha enquanto falava.

— Há muitas histórias antigas sobre as mulheres Mayfair terem poderes incomuns, a capacidade de invocar espíritos, de ler mentes, de conhecer o futuro. Mas acima de tudo há essa questão da loucura hereditária.

— Mona consegue ver Goblin, tia Queen — eu disse, olhando para ele e depois para ela de novo. — Ela tem esse poder. Em que lugar do mundo, em toda a minha vida, eu vou encontrar uma mulher linda e inteligente que consegue ver e gostar de Goblin?

Olhei para ele novamente. Ele olhava friamente para tia Queen. E ela olhava fixo para o lugar em que ele estava. Eu sabia que ela via alguma coisa.

— Você sabe que a mulher que se casar comigo — eu continuei — estará se casando com Goblin.

Peguei a mão dele e apertei. Mas ele não reagiu.

— Não fique triste, Goblin. Tia Queen balançou a cabeça.

— Jasmine, mais vinho, por favor, querida. Eu acho que estou ficando bêbada. Avise ao Clem para ficar atento para me ajudar a ir para o meu quarto mais tarde.

— Eu ajudo — eu disse. — Esses saltos de quebrar o pescoço não me assustam. Vou me casar em breve.

— Quinn — disse tia Queen. — Você viu como eles levaram Mona para casa? Agora, por favor, perdoe a minha franqueza, mas me parece que eles têm muito medo de Mona formar uma aliança que possa levar à gravidez dela.

Nash perguntou se devia se retirar. Tia Queen disse que de jeito nenhum, e eu confirmei com um aceno de cabeça.

— Nash, se todos vamos para a Europa juntos — eu disse — você tem de saber quem somos.

Ele recostou na cadeira em silêncio e ficou bebericando seu refrigerante.

— Quinn, estarei sendo injusta — tia Queen perguntou — se eu afirmar que alguma coisa íntima deve ter acontecido com vocês dois?

Fiquei atônito. Não consegui responder. Não podia dizer para eles o que Mona tinha me contado, a história do filho estranho, que era uma mu-

tação, e que desapareceu. Eu não podia revelar essa confidência.

— Talvez sejamos loucos, nós dois. Ela é capaz de ver Goblin, imaginem só. E nós dois vemos fantasmas. Ela falou disso do ponto de vista científico. Eu não me senti mais um anormal. Achei que ela e eu pertencíamos a uma mesma classe. E agora parece que essa pessoa, essa pessoa preciosa que eu amo tanto, está sendo roubada de mim.

— Querido, é apenas por uma noite — disse tia Queen pacientemente. — Você foi convidado para ir visitá-la amanhã à tarde.

— E você não é contra a minha ida? — eu perguntei e comecei a comer a galinha e o arroz no meu prato. Estava mais faminto do que nunca. Fiquei imaginando que trauma poderia abalar o meu apetite. — Pensei que você ia achar exatamente o contrário.

— Bem, isso pode ser uma surpresa para você, mas eu acho que você pode aceitar esse convite por um motivo muito bom. Poucas pessoas fora da família já viram o interior daquela misteriosa casa Mayfair, e você deve tirar vantagem do privilégio. Também tenho a impressão de que quando vir Mona novamente, um pouco desse fogo vai se apagar. É claro que posso estar enganada, a menina é linda, mas é isso que espero.

Eu estava mergulhado no maior sofrimento mas comia feito um porco.

— Ouça, se eu puder tirá-la de lá, com o passaporte dela, podemos partir imediatamente para a Europa?

Percebi o espanto contínuo no rosto de Nash que normalmente era plácido e digno, mas tia Queen parecia meio irritada.

— Tarquin, nós não vamos raptar a menina. Jasmine, mais vinho, por favor. Jasmine, você está estranha. Quando é que tive de pedir tantas vezes

para você me servir?

— Desculpe, Miss Queen — ela disse. — É que aqueles Mayfair me assustaram. As histórias que costumavam contar sobre a casa deles eram horríveis. Eu não sei se um menino da idade do Quinn...

— Morda sua língua, minha bela! — eu disse. — E pode servir mais vinho para mim também. Eu vou lá amanhã.

— Eles tinham um fantasma! — disse Jasmine, como se me desafiasse. — Costumava espantar qualquer trabalhador que tentasse trabalhar naquela propriedade. Vocês lembram do meu primo Etienne, ele era estucador e o chamaram para trabalhar na casa, e o fantasma puxou a escada embaixo dele.

— Ah, histórias e bobagens — eu disse. — E Etienne costumava ler a sorte nas cartas.

— Eu também sei fazer isso, Patrãozinho — Jasmine revidou. — Posso ler as cartas para você, se quiser, e dizer qual é o seu destino.

Ela pegou meu prato e serviu uma segunda porção de comida. A galinha estava realmente deliciosa e o molho bem encorpado.

— Jasmine está dizendo a verdade, querido — disse tia Queen. — A família é mal-assombrada, conforme eu disse. — Ela fez uma pausa. — Antes de a dra. Rowan vir da Califórnia para cá, ninguém podia se aproximar daquela casa. Agora eles promovem grandes reuniões da família lá. São um clã imenso, você sabe. E é disso que tenho medo quando penso neles. Eles formam um clã e um clã pode ser perigoso.

— Quanto mais você fala, mais amo Mona — eu respondi. — Você lembra que tirei meu passaporte em Nova York, quando estive lá com você e com Lynelle. Estou pronto para me mandar. Mas o que quer dizer com

família mal-assombrada?

— Durante anos — ela disse — era um fantasma horrível, como Jasmine descreveu. Ele fez muito mais do que empurrar as pessoas da escada. Mas agora ele se foi, esse ilustre fantasma. E o que comentam agora é sobre mutações genéticas.

Eu me calei. Mas não funcionou. Ela se calou também.

— O que aconteceu com o fantasma horrível? — perguntei.

— Ninguém sabe, mas aconteceu algo violento. A dra. Rowan Mayfair quase perdeu a vida, como já disse. Mas de alguma forma a família superou isso. Quanto a Mona, ela é fruto de um casamento consangüíneo. Por isso foi nomeada *Designée* do Legado. Dá para imaginar? Ser escolhida porque é produto de relações consangüíneas? Se existem problemas genéticos, pode apostar que Mona os tem.

— Não me importo — eu disse. — Eu a adoro.

— Mona não foi criada na casa da Primeira com a Chestnut. Ela cresceu na Avenida St. Charles, não muito longe da casa de Ruthie, e seu pessoal vinha de uma casa numa fazenda no campo. Houve um assassinato. Mona não era uma menina rica, de jeito nenhum.

— Mona me contou tudo isso. Ela não era rica. Será que tenho de me apaixonar por alguém que é rico? Além do mais...

— Você fica saindo do assunto. A menina agora é herdeira da fortuna Mayfair.

— Ela contou isso para mim.

— Mas, Quinn, você não entende? — ela insistiu. — Essa menina está sob intensa vigilância. O Legado Mayfair envolve bilhões de dólares. É como o capital de um pequeno país. E então ela vem de uma família instável

para herdar uma fortuna inimaginável. Nash, explique para ele. A menina é como a herdeira do trono da Inglaterra.

— Exatamente — disse Nash, de um jeito muito gentil e professoral. — No século XVI era traição cortejar a jovem Elizabeth ou Mary Tudor porque elas eram herdeiras da coroa real. Quando Elizabeth finalmente tornou-se rainha, os homens que a tinham namorado foram executados.

— Está querendo dizer que os Mayfair podem me matar? — eu perguntei.

— Não, de jeito nenhum, o que estou tentando dizer — tia Queen disse — é que eles vão recuperar Mona, onde quer que ela esteja, de qualquer maneira. Você viu isso com seus próprios olhos. Eles estavam prontos para agarrá-la à força e levá-la para aquela limusine.

— Nunca devíamos ter deixado ela ir — eu disse. — Estou com um horrível pressentimento.

Eu olhei para Goblin. Ele parecia solene e distante, olhando para tia Queen e Nash.

— Quando você a vir amanhã... — tia Queen começou a falar, mas parou.

— Amanhã, amanhã... — eu murmurei. — Quanto tempo tenho de suportar até poder vê-la? Quero ir até lá agora e subir pela hera até a janela dela.

— Não, querido, nem pense numa coisa dessas. Ah, nós nunca devíamos ter ido para a clínica Mayfair, mas como é que eu ia saber que a pequena herdeira estaria no Grand Luminière Café?

Jasmine encheu meu prato com mais galinha e arroz. Eu comecei a comer de novo.

— Não confio em mais ninguém agora, só em Mona — eu disse. — Eu amo você, você sabe disso, mas estou apaixonado por ela, e eu sei, tenho certeza absoluta, que nunca amarei ninguém assim. Eu sei!

— Quinn, meu querido, é hora da pior fofoca de todas.

— Eu agüento tudo — eu disse entre garfadas.

— Eles já providenciaram um marido para Mona — disse tia Queen gentilmente. — É o primo dela, Pierce.

— Ela me contou isso também — eu disse, apontando para Jasmine servir mais vinho.

— Ela disse que Pierce é seu primo-irmão?

Até eu fiquei chocado com isso. Mas não respondi.

— Oh, querido — disse tia Queen suspirando. — Eu quero tratar da sua viagem para a Europa agora mesmo, mas não vamos poder levar Mona Mayfair.

— Bom, eu posso garantir a você que não colocarei meus pés em nenhum avião, para lugar nenhum, sem ela.”

“ — A NOITE TINHA horas demais e certamente a manhã seguinte ia ser uma agonia, pelo menos foi isso que pensei. Tia Queen, Nash e eu nos despedimos por volta das dez horas, depois de mais uma conversa superficial e irritante sobre os Mayfair, com a minha promessa de pensar na viagem à Europa mesmo se a família de Mona não permitisse que ela viajasse, e com a minha promessa também de que, se ficasse, aceitaria Nash como meu novo professor.

Essa parte era fácil para mim. Eu gostava demais de Nash e acreditava quando ele afirmava que seria inteiramente feliz na Mansão Blackwood se nós decidíssemos ficar.

Quando subi para o meu quarto encontrei Grande Ramona acordada e a janela perto da lareira aberta, uma brisa soprava pelo quarto. Ora, nós costumávamos dormir com o ar-condicionado ligado em noites quentes como aquela, por isso fiquei um pouco surpreso com aquilo e com o fato de Grande Ramona sair da cama e vir sussurrando para mim assim que fechei a porta.

— Foi Goblin! — ela disse. — Ele abriu aquela janela! Estou dizendo, é a mais pura verdade. Eu fechei a janela duas vezes e ele abriu, duas vezes. Ele está lá embaixo! Olhe a tela do seu computador. Veja o que ele escreveu!

— Você viu as teclas se mexendo? — perguntei a ela. As palavras eram DESÇA AQUI.

— As teclas se mexeram! Menino, eu vi a janela abrir e fechar, está

me ouvindo? Você está vendo o que está acontecendo com você e com Goblin? Ele está ficando cada vez mais forte, Quinn.

Fui até a janela e avistei o gramado do leste. Eu o vi sob a luz dos holofotes ao lado da casa. Estava usando um camisolão de flanela, como eu costumava fazer naquela hora da noite, mas é claro que eu ainda estava de calça e camisa.

— Quinn, você trate de se confessar — disse Grande Ramona. — Diga ao padre o que fez com esse fantasma! Você não percebe que ele vem do demônio? Agora eu sei que foi ele que quebrou todo aquele vidro.

Não me dei ao trabalho de discutir com ela. Desci a escada e saí da casa para encontrá-lo no cemitério, onde ele vagava descalço como uma alma penada.

— Você vai para a Europa com Mona, vai me abandonar — ele disse, e seus lábios mal se mexiam, mas eu via o cabelo dele esvoaçando com a brisa.

— Não vou abandonar você. Venha comigo — eu disse. — Por que não pode vir? Eu não entendo.

Ele não respondeu.

— Estou preocupado com você — eu disse, falando baixo. — Preocupado com os seus sentimentos. Você ficou mais chegado a mim desde que atacou o desconhecido misterioso. Você aprendeu mais coisas.

Mais uma vez, nenhuma resposta.

Procurei ocultar meu medo, lembrando que por mais inteligente que ele tivesse ficado e por mais aborrecido comigo que pudesse estar, ele não conseguia ler a minha mente.

E eu estava inquieto, apenas parcialmente concentrado nele. A paixão

por Mona era grande demais para me concentrar nele. Eu fui tão perverso! Depois de todos aqueles anos. Será que ele sabia?

— Venha, vamos sair dessa luz — eu disse a ele.

Eu retornei, passei pelo barracão e fui para o outro lado da propriedade, onde o pátio com os móveis de vime era banhado pela luz elétrica. Ele me seguiu e quando olhei para ele, quando pus o braço esquerdo em volta dele, vi que tinha se tornado meu duplo nas roupas de novo. Pareceu uma coisa muito simplória.

— Você vai tentar me levar com você? — ele perguntou. — Quando for para a Europa? Vai segurar a minha mão?

— Vou. Farei isso. Você estará ao meu lado no avião. Vou segurar sua mão o tempo todo. — Eu estava sendo sincero, de todo o meu coração, mas falava com um amor esmaecido, e minha alma pertencia à minha abençoada Ofélia. Eu era seu Hamlet e seu Laerte, e talvez até seu Polônio. Mas não podia esquecer meu Goblin, e não por medo dele, mas sim pela lealdade que me inspirava.

Tinha outras coisas na cabeça também. A Ermida, por exemplo, e como ia resgatá-la da negligência e do abandono. Já tinha falado com Allen, o supervisor dos homens do barracão, para ele providenciar eletricidade na ilha, e havia outras coisas que eu pretendia fazer.

Claro que o misterioso desconhecido era um problema concreto, mais concreto do que os homens do barracão imaginavam. Mas eu visualizava imagens na minha cabeça de como podia tornar aquele lugar esplêndido. E como seria maravilhoso levar Mona para a ilha, e como era excitante Mona querer conhecê-la, e não ter medo.

Sonhando com tudo isso, arquitetando e planejando, sonhando com

Mona no dia seguinte e imaginando se poderíamos fugir para a Europa, eu me esforçava para ser sincero e fiel com Goblin, quando de repente ele ficou tenso, apertou minha mão e disse, com sua voz telepática:

Tenha cuidado. Ele está vindo. Ele pensa que não o conhece, e ele deseja destruir.

No mesmo instante ele desapareceu. Ou pelo menos ficou fora do meu campo de visão, e ao mesmo tempo os holofotes se apagaram como se alguém tivesse tropeçado num fio. Eu me vi mergulhado numa escuridão relativa.

Imediatamente um braço apareceu e se enroscou no meu pescoço, uma mão segurou meu braço esquerdo para trás, com força. Eu lutei, mas foi inútil. Minha mão direita livre não podia fazer nada, e a voz do desconhecido soou no meu ouvido, suavemente.

— Peça socorro e eu te mato. Mande seu amigo espírito me atacar e te mato. Você e todos os seus sonhos morrem.

Eu fiquei furioso.

— Já lutei com você uma vez — rosnei. — Lutarei novamente.

— Você não está escutando. — A voz dele era baixa, não soava como ameaça. — Se o seu fantasma da família me atacar de novo, você morre aqui mesmo.

— Então por que hesita? Por que não quebra meu pescoço agora? — Eu estava furioso.

— Ora — ele disse no meu ouvido —, você é a vítima do homem racional.

— Não sou vítima de ninguém — respondi.

— É claro que não, porque vai fazer o que eu quero.

— E o que você quer? — perguntei.

Lembrando-me de conselhos antigos, tentei virar minha cabeça para o lado, de forma que ele não pudesse pressionar totalmente a minha laringe, mas ele simplesmente apertou mais o meu pescoço e o meu braço. Senti muita dor.

— Pare de resistir e preste atenção — ele disse, com a mesma voz calma e quase um afago. — Vou deixá-lo aqui caído no chão como um pombo ferido para sua tia Queen encontrar de manhã — ele continuou falando do seu jeito racional, num sussurro baixinho. — Você sabe que ela sai para caminhar antes do amanhecer, não sabe? Gente velha não dorme bem. Eles não precisam dormir a noite inteira. Sua tia vem com Jasmine e Jasmine está sempre sonolenta, mas elas fazem o passeio de praxe enquanto as estrelas ainda brilham.

— E você fica observando — eu disse, horrorizado. — O que quer de nós?

— Você vai ficar impressionado com a minha generosidade, aliás sou eternamente famoso pela minha generosidade e inteligência.

— Então desembuche — eu disse, enraivecido demais para raciocinar direito.

— Muito bem. Andei pensando muito em você e nessa ilha que nós dois queremos. Cheguei à conclusão de que quero compartilhar a Ermida com você. Isto é, vou permitir que você a utilize de dia, e eu a usarei de noite, como costume fazer.

— À noite? Você só vem aqui à noite? — Aquilo era quase insuportável.

— É claro. Por que acha que encontrou velas e as cinzas na lareira? Não preciso dela de dia, mas não quero que outras pessoas fiquem indo lá.

Nunca. Não quero encontrar vestígios de outras pessoas lá. Só os seus. Seus livros, seus papéis, coisas assim. Agora, a parte principal do trato. Você vai reformar a Ermida. Vai elevá-la a um outro nível de excelência. Está entendendo?

Ele afrouxou um pouco a pressão. Eu podia respirar sem sentir dor. Mas me prendia mais firme do que antes, e meu braço esquerdo, meu braço bom, doía. Eu estava paralisado de raiva.

— O segredo é a reforma — ele disse. — Você vai cuidar disso, e então nós dois vamos usufruir da Ermida alegremente. Talvez nunca saiba que eu estive lá. Ah, e podemos trocar os livros que lemos. Podemos nos conhecer melhor. Quem sabe, podemos até nos tornar amigos.

— De que tipo de reforma você está falando? — eu perguntei. Era óbvio que a criatura era louca.

— Antes de mais nada quero uma faxina completa. E o ouro do sarcófago deve ser limpo e polido.

— Então o negócio é ouro — eu disse.

— Certamente. Mas pode dizer aos seus empregados que é bronze, se quiser. Na verdade, pode dizer qualquer coisa a eles sobre a ilha, para mantê-los longe de lá.

— Mas a quem era destinado aquele túmulo?

— Você não precisa se preocupar com isso nunca, e também não deve nunca mais abri-lo. — A voz ficou suave como um sopro. — Agora fa-
lemos da Ermida. Você vai instalar eletricidade em tudo.

— Você andou lendo a minha mente, não é? — perguntei.

— Depois quero que ponham vidro em todas as janelas, vidro que abre e fecha. Não faço questão do modelo, é só para poder ver e sentir a

noite, e para a chuva não molhar a casa por dentro. Deve reformar o piso no primeiro andar e no segundo também, uma pedra de mármore como o da entrada da sua casa seria excelente, apesar de achar que devia ser todo branco, com rejuntamento escuro.

— Meu Deus! Você leu mesmo a minha mente. Quem é você?

— Li? Tenho mesmo esse dom. E também tem de comprar luminárias bonitas e mesas de mármore como a que já tem lá. E belas cadeiras de ouro no estilo romano, e sofás. Deixo a seu critério a escolha da decoração. Você nasceu e foi criado cercado de coisas finas e cuidará para que tudo fique bem feito.

— Isso é uma brincadeira para você, não é? — eu perguntei. Eu estava suando frio.

— Não exatamente. Eu quero essas melhorias. E quero privacidade depois. Quero que você faça tudo.

— E está falando sério.

— Ora, é claro que estou — disse a voz baixa e sibilante. — O que mais eu vou propor? Ah, sim, uma lareira melhor, você não acha? Para as noites frias do inverno na Louisiana, que os forasteiros conhecem tão pouco.

— Como você fez para me espionar? De onde me observou?

— Não tenha tanta certeza de que fiz isso. Sou esperto. Você queria retomar a posse do lugar. Eu conheço seu estilo de vida. Quero ser seu amigo, não está vendo? É bom abraçá-lo assim. Faço as pazes se você fizer essas coisas. Se precisasse de dinheiro para isso, eu faria esse favor.

— E a sua parte do trato é deixar o lugar livre durante o dia?

— É, e não matar você. Essa é a parte mais impressionante: vou dei-

xá-lo viver.

— Quem é você? — perguntei de novo. — O que você é? O que vi você jogar no pântano eram corpos humanos? Eram sim, não eram? E as correntes no segundo andar? Você já se perguntou alguma vez o que aconteceu com aquelas correntes?

Eu lutei contra ele. Ele apertou mais.

Ele deu uma risada lenta e misteriosa, uma risada que eu já tinha ouvido antes, mas que não conseguia localizar. Ou conseguia? Não tinha sido no pântano aquela noite, quando o vi à luz do luar? Eu estava subjugado demais a ele e a sensação de perigo era muito forte, não conseguia raciocinar.

— Você pode tirar as correntes de lá se quiser — ele disse. — Limpe tudo como eu disse. Mande fazer uma escada nova do primeiro para o segundo andar. Mande fazê-la de bronze. E avise aos seus homens para não comentarem nada sobre o lugar. Avise para eles afugentarem qualquer pessoa de lá. Se e quando eles contratarem pessoal de fora, que façam a seleção de gente de longe, e não dos que estão por perto.

— Como fizeram na época de Manfred — eu disse.

— Como vocês contam nas suas excursões pela casa e pela propriedade — disse a voz. — Agora quero lhe dar um conselho.

— Que conselho?

— Você consegue ver espíritos e se enamorou de um espírito chamado Rebeca.

— Como sabe?

— Basta dizer que eu sei e que aviso para ter cuidado com ela. Ela quer que você a vingue daqueles que a torturaram e não poupará a sua vida

se for preciso. Você é um Blackwood e é isso que importa para ela. Fica fascinada com a sua felicidade. Ela retira a sua força disso. Sofre com isso.

— Você a viu?

— Posso dizer que tive conhecimento daqueles seus sonhos em que ela aparece. E através desses sonhos fiquei sabendo dos desejos torpes dela.

— Ela foi torturada na Ermida — eu disse. — Foi torturada com aquelas correntes.

— Você a defende para mim? O que isso tem a ver comigo? Permita-me sugerir que você remova as correntes e ponha na caixa dos restos dela que enterrou lá no cemitério.

— Você me espiona dia e noite — eu disse, com os dentes cerrados de raiva.

— Gostaria de poder fazê-lo — ele respondeu. — Agora vou soltá-lo e você pode se virar e olhar para mim o quanto quiser, cumpra sua parte do trato e nunca lhe farei mal ou à sua família, ou ao seu querido amor de cabelo vermelho daquele clã de bruxas.

Ele me soltou. Eu virei para trás. Ele recuou.

Ele era como eu lembrava. Um metro e oitenta de altura. Cabelo espesso e negro, penteado para trás, testa quadrada e entradas pronunciadas, grandes olhos negros com sobrancelhas pretas, que lhe davam uma expressão determinada, e boca rasgada e sorridente, o queixo quadrado. Os olhos faiscavam com a luz. Ele usava um terno preto de boa qualidade e por um instante eu o vi por inteiro. Depois deu-me as costas, revelando seu longo e espesso rabo-de-cavalo, e desapareceu como se tivesse se desmaterializado, como Goblin.

Goblin apareceu imediatamente ao meu lado, e disse em voz alta:

— Maligno, Quinn, maligno. Ele não desaparece. Ele usa a velocidade.

— Segure minha mão, Goblin! — eu disse a ele. — Eu sabia que você estava por perto e sei que ouviu as ameaças dele. — Eu tremia violentamente.

— Se eu tivesse ficado entre você e ele, Quinn, ele teria destruído você. Ele estava preparado demais para mim, Quinn. Ele não teve medo.

Eu me virei e ainda tremia tanto que mal conseguia ficar em pé direito, e vi as luzes de sempre na janela de tia Queen. Era o brilho vivido da televisão.

Abracei Goblin e disse que precisávamos ir falar com tia Queen. Eu estava enlouquecido de excitação.

Passei voando pela cozinha, atravessei o corredor dos fundos e bati na porta do quarto dela. Encontrei-a recostada na espreguiçadeira como sempre, com seu champanhe, e tomando sorvete de champanhe, concluindo a maratona alcoólica que iniciara no jantar. Jasmine dormia profundamente embaixo das cobertas. Estava passando *A imperatriz galante* na televisão, com Marlene Dietrich.

— Ouça-me — eu disse, puxando uma cadeira. — Eu sei que estou perdendo a minha reputação de pessoa normal com você.

Tirei meu lenço de algodão e sequei o suor do rosto.

— Está tudo bem — ela disse. — Você tem uma ótima reputação como meu sobrinho-neto.

— O desconhecido atacou novamente. Foi lá fora. Ele me pegou com uma gravata.

— Deus do céu, Jasmine...

— Não, espere, não chame ninguém. Ele foi embora, mas antes de ir disse exatamente o que queria. Fez uma lista de exigências, todas relacionadas com a reforma da Ermida, e propôs que depois dessa reforma nós dividíssemos o lugar, ele usaria à noite e eu de dia. E se eu não concordasse com esse plano, ele me mataria.

Ela ficou horrorizada. Não disse nada. Seus pequenos olhos azuis se fixaram nos meus.

— Mas tia Queen, essa é a parte estranha... não ele ter invadido a nossa terra, não ele ter apagado os holofotes do lado oeste da propriedade, não ele ter me agarrado com uma gravata... tudo isso é mais ou menos normal. O estranho é o que ele quer que eu faça na Ermida!

— O que?

— A reforma. É tudo exatamente o que eu quero fazer! É como se ele tivesse lido a minha mente. Ele leu a minha mente mesmo. A eletricidade, o novo piso de mármore, as janelas envidraçadas, a nova escada interna de bronze. Ele não pediu nada que eu não tivesse pensado antes. Até mencionei isso para você, comentei com os homens para eles gravarem o caminho até lá porque eu queria pôr eletricidade na casa. Ele leu a minha mente, estou dizendo. E brincou comigo. A criatura não é humana. É algum tipo de espírito ou fantasma como Goblin. Só que é de uma espécie diferente, tia Queen, e eu tenho de encontrar Mona, porque Mona vai entender, e Stirling Oliver também.

— Quinn, pare, fique quieto! — ela disse. — Você está delirando! Não pára de falar. Jasmine, acorde.

— Não meta Jasmine nisso, ela vai atrapalhar — eu disse.

Jasmine já estava acordada, sentada, em silêncio, julgando a situação.

— Vou subir e escrever todo o plano da reforma, depois vou descansar antes de ir visitar Mona — eu disse.

— Querido, é meia-noite. Você precisa conversar comigo antes de sair para ver Mona — disse tia Queen.

— Prometa para mim que você vai alocar os fundos para a Ermida. Não é nada, comparado com o dinheiro que gastamos o tempo todo na Mansão Blackwood. Ah, mal posso esperar para ver a Ermida reformada. Mas agora eu tenho o dinheiro, não é? Tinha esquecido disso. Posso bancar. Que incrível.

— E essa esplêndida reinvenção do lugar você pretende dividir com um homem que joga corpos aos jacarés? — ela respondeu.

— Eu posso ter me enganado. Talvez fosse alguma outra coisa. Só sei que não fará mal prosseguir com os meus planos de reforma e agora ele não é mais um obstáculo, compreende? Uma hora atrás ele era uma pedra enorme no caminho de tudo que sonhei para a Ermida. Ele era um invasor. Agora ele faz parte do esquema. Não pediu nada que eu não quisesse antes. Tia Queen, ele nos observa. Ele sabe que você caminha em volta da casa ao amanhecer. Você precisa levar os seguranças com você. Ele é esperto.

A expressão no rosto dela era horrível. Achei que eu tinha tirado todo o gás do champanhe, e todo o álcool também. Sóbria e desesperada, ela olhava fixo para mim. Então lentamente comeu uma colherada de sorvete como se fosse a única coisa a mantê-la viva.

— Oh, meu querido — ela disse. — Jasmine, você ouviu?

— E como é que eu podia não ouvir? — disse Jasmine. — Um dia, quando eu estiver velha e de cabelo branco, teremos o retrato de Quinn na parede, eu andarei por aí arrastando os pés e contando para os turistas que

ele desapareceu no pântano e nunca mais voltou...

— Jasmine, pare com isso! — eu exclamei. — Tia Queen, vou subir para o meu quarto. Virei te dar um beijo de despedida antes de sair para ver Mona. Só vou amanhã à tarde. Eu sei que não posso dirigir nesse estado. Além do mais, tenho trabalho a fazer.

Goblin e eu subimos correndo a escada.

Eu liguei o computador apesar de Grande Ramona estar dormindo na cama, e felizmente ela não acordou com os ruídos que eu fazia.

Goblin sentou na cadeira ao meu lado. A expressão dele era neutra e ele não tocou no teclado. Ficou olhando para a tela enquanto eu trabalhava.

Eu não falei com ele. Ele sabia que eu o amava. Mas também sabia que eu estava cedendo às lisonjas de um mundo que se expandia.

Sim, eu tinha medo do desconhecido, mas agora o diabo em pessoa me ataçava impetuosamente. Eu estava enlouquecendo.

Escrevi uma proposta completa para a reforma da Ermida, entrando em detalhes de como tudo devia ser feito e explicando da melhor forma possível, contando com a minha memória. Supus que Allen e os homens do barracão fariam tudo, e só trariam operários de fora se precisassem, por isso esmiucei as informações ao exagero.

Escolhi tinta vermelho-romana para o exterior, verde-escuro para portas e janelas, e o melhor mármore branco com rejuntamento escuro para o piso e a escada da frente que daria num vasto pátio de mármore branco que desceria até o desembarcadouro, e aliás, eles teriam de construir um bom desembarcadouro, e encomendei uma nova escada de bronze para o segundo andar e para a cúpula também. Aquele seria um retiro maravilhoso e caro quando eu terminasse. Mas ia ficar mais de acordo com o estranho

túmulo de ouro.

Quanto à mobília, ia encomendá-la do mesmo catálogo que usávamos para a Mansão Blackwood, e é claro que eu iria à Hurwitz Mintz em Nova Orleans para escolher peças especiais do estoque deles. Queria luminárias *torchère* por toda parte e muitas mesas com tampo de mármore, conforme havia sonhado e como meu estranho e esperto parceiro tinha ordenado.

Quando me surpreendi chamando-o de parceiro, parei e refleti, e me lembrei daquele momento ao luar, e descobri o que tinha visto. Não havia como me enganar. E então voltou a lembrança do primeiro ataque dele, e da carta que escreveu. E de como havia me deixado indefeso poucas horas antes. Ele disse que ia me matar se eu não seguisse suas instruções. E eu acreditei nele?

É claro que tive raiva dele. E medo. Mas não o bastante.

Eu devia ter sido bem mais cauteloso. Eu devia ter recusado o negócio. Eu devia odiá-lo. Mas o que eu disse para tia Queen era verdade. Eu queria aquela reforma. Eu queria aquele renascimento da Ermida, e um dos meus maiores problemas estava resolvido, que era como lidar com o desconhecido misterioso. Eu não precisava brigar com o homem pelo lugar. Agora tínhamos uma sociedade. E assim eu aceitei. Será que eu estava gostando daquele monstro? Era essa a verdade secreta?

Até lembrei do conselho do homem para desencorajar operários contratados a irem para a ilha, ou para envolvê-la em mistério, e escrevi isso no plano.

Por fim escrevi sobre o que tinha de ser feito primeiro — a limpeza e polimento do mausoléu, e escrevi o acordo solene de que jamais seria aberto

de novo.

E terminei meu plano da reforma.

Imprimi as cópias necessárias. Depois desenhei um banheiro de granito suntuoso para ser construído nos fundos da casa redonda, ocupando a largura de uma janela, tirei quatro cópias no fax e encerrei meu plano oficial.

Nesse ponto Goblin falou.

— Mau, Quinn — ele disse. — Quinn Goblin morrerá em qualquer direção.

Olhei para ele e vi o seu rosto frio e duro, como esteve naqueles últimos dias. Não havia nada do antigo amor, carinho ou alegria.

— O que quer dizer, Quinn Goblin morrerá? — perguntei. — Não vamos deixar isso acontecer, velho amigo. Não vamos. Eu prometo para você. Você entende as minhas palavras? Elas nascem no meu coração.

— Todos querem você — ele respondeu com sua voz monótona. — Mona quer você. Rebeca quer você. Tia Queen quer você. Nash quer você. O desconhecido quer você. Em qualquer direção Quinn Goblin morre.

— Nós não vamos nos separar nunca — confidenciei a ele. — Talvez eles simplesmente não sabiam da força dos laços que nos unem. Mas nós sabemos.

A expressão dele se manteve fria, depois lentamente ele desapareceu.

Tive a nítida impressão de que ele tinha se dissolvido por vontade própria, não porque fosse obrigado, e que ele queria que eu soubesse disso, que ele estava se retirando mesmo, e de fato senti a sua mordacidade.

— É verdade o que eu disse a você. Só você pode nos matar, só você pode nos separar, e faria isso me deixando.

Se ele estava perto ou longe, se tinha escutado o que eu disse, eu não

tinha a menor idéia. E estava enlouquecido e excitado demais para me importar com ele.

Desci correndo para dar uma cópia do meu plano para tia Queen, que recebeu a folha de bom grado, depois saí, fui até a caixa do correio de Allen no barracão e pus uma cópia lá para ele. Allen era o supervisor, por indicação minha. Ele providenciaria para que o trabalho fosse feito. Pus uma cópia de cortesia no escaninho de Clem, já que Clem era de fato o chefe, e voltei para casa.

Quando estava atravessando o pátio dos fundos fui tomado por uma onda de euforia. E quando me lembro hoje daquele momento, quando me lembro do brilho das estrelas e do ar quente, da luz saindo da porta da cozinha para me receber, quando me lembro da sensação de estar carregado de excitação, eu me lembro de como me senti vivo, do amor que sentia por Mona e da animação tola com o misterioso desconhecido, de como me considerava invencível, mesmo diante de provas cabais de que não era nada disso.

As estranhas palavras de Goblin não significavam nada para mim, absolutamente nada. Na verdade eu até suspeitava de que era puro ciúme, e de que todo aquele comportamento recente dele parecia motivo para duvidar do amor que ele sentia. Sim, eu estava me afastando de Goblin. Sim, Goblin Quinn ia morrer. Tinha de acontecer, porque a maioria faria isso acontecer.

E no campo de batalha da maturidade, Mona era a minha princesa, e o misterioso desconhecido, um cavaleiro negro que cavalgava ao meu lado, ou até contra mim, numa justa da qual eu apenas começava a aprender as regras.

Íamos nos conhecer melhor, o cavaleiro negro e eu. Íamos conversar na Ermida. Eu compreenderia a ilusão dos corpos sendo jogados nas águas escuras. Ia descobrir que tinha sido uma espécie de sonho. Qualquer coisa tão perversa assim tinha de ser um sonho. Tomemos Rebeca como exemplo. Rebeca vinha em sonhos.

O que mais eu podia fazer pela pobre Rebeca? É claro que não podia dar-lhe ‘uma vida por uma vida, uma morte por uma morte’.

Voltei para o meu quarto. As janelas estavam fechadas. O aparelho de ar-condicionado ronronava. Nenhum sinal de Goblin. Fui até a janela e espiei o gramado. Vi lá longe as formas brancas imprecisas do cemitério ao luar. Fiz uma oração por Rebeca, para a alma dela estar no céu com Deus.

Deitei meio relutante ao lado de Grande Ramona e quando despertei ainda estava escuro e as pesadas tarefas da maturidade pesavam nos meus ombros.”

“ – **M**INHA PRIMEIRA TAREFA de homem feito era ir para a Ermida, e eu não era idiota a ponto de achar que poderia tirar aquelas correntes sozinho. Levei Allen comigo. Os homens do barcão sempre chegavam por volta das seis horas, para poderem voltar para casa às três, e quando contei a ele para onde íamos ele topou na mesma hora e praticamente pulou para dentro da barcaça comigo.

A natureza de Allen era, e ainda é, achar tudo na vida um prazer. Ele é um homem corpulento, tem cabelo branco sempre bem penteado para o lado, usa óculos com armação de metal prateado e está sempre sorrindo. Ele se veste de Papai Noel no Natal e é um enorme sucesso nas festas.

De qualquer maneira, quando chegamos à Ermida ainda não eram sete horas e cuidamos da nossa empreitada com as melhores ferramentas que tínhamos e logo tiramos todas as correntes enferrujadas de lá e as arrastamos conosco escada abaixo.

Eu tive de me esforçar para voltar para casa, de tão forte que era o meu fascínio pela Ermida, mas sabia que tinha muito que fazer naquele dia, por isso depois de dar uma andada por lá, quando imaginei a minha reforma com aprovação e muito sucesso, voltamos para o barco.

Chegamos ao embarcadouro, eu disse a Allen que íamos enterrar as correntes junto com os restos de Rebeca e ele teve de se controlar para não rir.

Mesmo assim, cavei a terra bem fundo. Encontrei o pequeno caixão. Fiz um buraco bem largo. Enrolei as correntes em volta da caixa. E então

Allen me ajudou a encher de terra e pusemos de volta a lápide, eu rezei e Allen rezou comigo.

Não senti a vibração de Rebeca. Não fiquei tonto. Mas enquanto estava lá, na imobilidade da manhã, senti pena de todos os fantasmas que tinha visto no cemitério aqueles anos todos e imaginei se o meu destino era ser um espírito errante quando morresse.

Nunca havia pensado em nada parecido antes, mas naquele momento pensei. Fiz mais uma oração mentalmente para Rebeca e então murmurei ‘Vá para a Luz’.

E assim completei a minha primeira tarefa da maturidade.

E parti para a segunda. É claro que Allen sabia onde Terry Sue morava, e fomos para lá na Mercedes. Eu disse a Allen que ia entrar sozinho, mas mesmo antes de entrar no trailer compreendi que Grady Breen, nosso advogado, não tinha exagerado ao mencionar o estado de calamidade.

Lá estavam os automóveis enferrujados que ele descreveu, um deles uma velha limusine e o outro uma picape, ambos sem pneus, e duas crianças pequenas vagavam por lá, as duas com o rosto imundo e de fralda.

Eu bati na porta e entrei. Bem no fundo do trailer havia uma mulher voluptuosa na cama, uma mulher com rosto de boneca de porcelana, amamentando um bebê, e uma menininha, talvez com uns dez anos de idade e descalça, mexia numa panela no fogão o que parecia e tinha cheiro de cereais. Os braços da menina eram cheios de hematomas e ela parecia tímida e amedrontada. Tinha um rosto bonito e cabelo preto comprido.

O lugar era mínimo, apertado e abafado demais. E o cheiro, a melhor forma de descrevê-lo é dizer que parecia uma mistura de urina, vômito e mofo. Talvez houvesse alguma fruta podre nessa receita. E certamente havia

excremento também.

— Sinto muito entrar assim — eu disse para a mulher, me sentindo como um gigante sob um teto baixo. — Parabéns pelo seu novo bebê.

— Você trouxe dinheiro? — ela perguntou.

O rosto dela era adorável. Ela parecia uma madona da Renascença. Mas sua voz era cheia de maldade, ou talvez apenas praticidade.

— Estou dura e Charlie me deixou de novo — ela disse. — Meus pontos arrebutaram e estou com febre.

— Sim, tenho bastante dinheiro — eu disse.

Tirei do bolso os mil dólares que pegara na caixa na cozinha. Ela ficou embasbacada. Segurou as notas com a mão esquerda e enfiou em algum bolso sob a coberta. Ou apenas guardou embaixo da coberta.

O bebê era um milagre. Eu nunca tinha visto um tão pequeno, tão recém-nascido. As mãozinhas minúsculas enrugadas eram maravilhosas. Já tinha a cabeça toda coberta de cabelo fino e preto. Meu coração se derreteu por ele.

— Brittany, ande logo com o cereal — disse a mulher. — E vá chamar aqueles meninos, vou precisar que vocês vão à cidade fazer compras. — Ela olhou para mim. — Quer café da manhã? Essa menina faz o melhor café da manhã. Brittany, ponha o toucinho. Vá pegar aqueles dois.

— Eu a levo até a cidade — eu disse. — Onde está Tommy?

— Lá fora no bosque — ela disse com um tom irônico. — Como sempre. Lendo um livro ilustrado. Eu disse que se ele não devolvesse o livro para a livraria, ele ia para a cadeia. Eles virão pegá-lo. Ele roubou aquele livro.

E eles sabem que ele roubou. Aquela mulher da loja é louca como e-

le. Eles vêm pegá-lo. E deviam levá-la para a cadeia também.

— Ele tem algum outro livro? — perguntei.

— E quem tem dinheiro para comprar livros? — ela perguntou, e continuou falando. — Olhe só para este lugar. Está vendo aquela janela quebrada? Olhe lá. Olhe bem. Está vendo aquela menina? Ela não fala. Brittany, dê um pouco de cereais para Bethany. O que aconteceu com o café? Sente-se aqui à mesa. Afaste essas coisas. Essa menina faz o melhor café. É o que eu digo, eu agradeço a Deus todos os dias por ter me mandado a Brittany, e por tê-la mandado primeiro. Brittany, vá pegar Matthew e Jonas. Eu já mandei você fazer isso duas vezes! Esse bebê está molhado. Vá depressa. Eu não tenho dinheiro para livros. Minha máquina de lavar está quebrada há dois meses. Pops nunca me deu dinheiro para comprar livros.

— Está bem — eu disse. — Eu já volto.

Saí para o bosque próximo. Não era cerrado, apenas um bosque de pinheiros comum por ali, onde não havia muitos carvalhos. Eu vi aquele menininho sentado num tronco, e ele estava lendo.

Tinha cabelo preto encaracolado como o meu, era magro mas bem proporcional. Vi seus olhos azuis inteligentes quando ele olhou para mim. O livro era sobre arte. Estava aberto numa página com o quadro *Noite estrelada* de Van Gogh.

O menino estava com uma camiseta pólo suja e calça jeans, e tinha uma enorme marca preta e azul no rosto e outra no braço. Nas costas da mão esquerda havia uma queimadura bem visível.

— Charlie bateu em você? — eu perguntei. Ele não respondeu.

— Ele encostou sua mão no aquecedor? — perguntei.

Ele não respondeu. Virou a página do livro. Um quadro de Gauguin.

— Tudo vai mudar — eu disse. — Sou seu parente. Sou neto do Pops e você é filho do Pops, você sabe disso, não sabe?

Ele não disse nada. Obstinadamente olhou de novo para o livro e virou a página mais uma vez. Uma pintura de Seurat. Apresentei-me a ele. Falei que tudo ia melhorar.

— Um dia você vai para Amsterdã ver a obra de Van Gogh pessoalmente.

— Eu me contentaria com Nova York — ele retrucou. — Para ver todos os impressionistas e expressionistas no Metropolitan.

Fiquei atônito. Ele falava com tanta clareza, tanta determinação.

— Você é um tipo de gênio — eu disse.

— Não, não sou — ele disse. — Eu só leio muito. Eu li tudo que queria ler na biblioteca e agora estou trabalhando na loja Books-a-Million em Mapleville, onde estudo. Meus livros favoritos são os de arte. Pops trouxe livros de arte para mim umas duas vezes.

Aquela foi uma revelação espantosa. Pops e livros de arte. Onde Pops arranjaria livros de arte? O que Pops conhecia de livros de arte? No entanto tinha feito isso para aquele filho bastardo que deixava viver na miséria, naquele lugar.

Ainda bem que eu ainda tinha algum dinheiro, cerca de cinquenta dólares.

— Tome — eu disse. — Isso vai quebrar o galho. Não roube mais.

— Eu nunca roubei. Minha mãe é que inventa isso. Se der ouvidos a ela, vai pensar que Charlie encostou minha mão no aquecedor.

— Entendi. O fato é que você pode comprar alguns livros para você com isso.

— Quem é seu pintor favorito no mundo todo? — ele perguntou.

— É difícil dizer — eu respondi.

— Se você pudesse salvar um único quadro na Terceira Guerra Mundial, qual seria? — ele insistiu.

— Tem de ser renascentista. Teria de ser uma madona, mas não sei bem qual. Provavelmente alguma de Botticelli, ou então Fra Filippo Lippi. Mas há outras. Não tenho certeza. — Pensei na linda mulher amamentando o bebê dentro do trailer, queria relacioná-la a alguma madona, mas não fiz isso.

Ele balançou a cabeça.

— Eu salvaria um Dürer — ele disse. — Salvador Mundi, sabe, a face de Cristo com o cabelo repartido no meio.

— É uma boa escolha. Talvez melhor do que a minha. — Eu hesitei um pouco. Tínhamos avançado muito mais naquela conversa do que eu achava possível quando me aproximei dele. — Escute — eu disse —, você gostaria de ir para uma boa escola, um colégio interno, você sabe, ter uma boa educação, sair daqui?

— Não posso deixar Brittany — ele disse. — Não seria justo.

— E os outros?

— Eu não sei — ele disse e suspirou como um homem adulto com uma carga pesada sobre os ombros. — A minha mãe, ela não nos quer. Ela não era tão má quando Brittany e eu éramos pequenos. Mas agora que tem os outros, ela bate muito na gente. Eu tenho de ficar entre ela e Brittany e às vezes não consigo. Não deixo minha mãe bater nos pequenos nunca. Eu simplesmente tiro o cinto da mão dela.

Fiquei revoltado, mas não tinha solução para aquilo. Toda a minha

vida tinha ouvido falar que havia problemas na assistência social e no sistema de adoção, e não sabia o que fazer.

— Eu compreendo — respondi. — Você não pode abandoná-los.

— Isso mesmo. Estou numa escola melhor do que a de Brittany agora, mas ela está recebendo uma boa educação. Posso afirmar isso pelo menos. Ela faz seus deveres de casa e é inteligente. Eu não tenho as respostas.

— Bem, preste atenção — eu disse. — Não vou esquecer de vocês. Voltarei e trarei mais dinheiro. Talvez possa tornar tudo melhor para a sua mãe e todos vocês, e aí ela talvez não queira mais bater nas crianças.

— Como faria isso?

— Eu vou pensar, mas pode acreditar em mim. Eu volto. Até logo, tio Tommy.

Com isso ele sorriu pela primeira vez e, quando acenei, ele acenou de volta.

Então ele pulou do tronco de árvore e correu atrás de mim. Eu parei, é claro, para ele me alcançar.

— Ei, você acredita no reino perdido de Atlântida? — ele perguntou.

— Bom, eu acredito que está perdido, mas não sei se acredito que é real — eu disse.

Ele deu uma verdadeira gargalhada.

— O que você acha, Tommy? Você acredita? Ele fez que sim com a cabeça.

— Na verdade espero encontrar as ruínas — ele disse. — Eu quero liderar uma expedição para encontrá-lo. Você sabe, uma incursão submarina.

— Parece maravilhoso. Vamos conversar sobre isso assim que eu ti-

ver tempo. Preciso ir trabalhar agora.

— É mesmo? Eu pensei que você era tão rico que não precisava trabalhar, nem ir à escola. É isso que todo mundo diz.

— Eu quis dizer resolver os meus problemas, Tommy, você sabe, coisas especiais que acho que precisam ser feitas. Vejo você de novo em breve. Eu prometo. Posso abraçar você?

Eu me abaixei e abracei Tommy, antes de ele dar sua permissão. Ele era uma criaturinha sólida e carinhosa. Eu realmente adorei o menino. Quando me aproximei do carro, Allen estava balançando a cabeça.

— Espero que não nos peça para limpar este lugar — ele disse. — Aquela fossa lá atrás está transbordando.

— Então é de lá que vem esse cheiro — eu disse. — Eu não sabia.

Assim que falei com tia Queen pelo telefone do carro, descrevi para ela a situação e perguntei se podia pedir a Grady Breen que comprasse uma casa decente para Terry Sue e os filhos dela. A propriedade deveria ficar no nosso nome, com seguro de tudo que fosse possível, e a mulher ia precisar de móveis, eletrodomésticos, artigos de cozinha, tudo.

— Você não pode imaginar o nível de pobreza deles — expliquei. — E a mulher bate nos filhos, e nem imagino ainda o que posso fazer quanto a isso, só que talvez isso acabe se a casa e as condições deles melhorarem. Pelo menos é o que espero. Quanto ao Tommy, ele é superinteligente.

Eu contei os detalhes relevantes. É claro que tia Queen queria telefonar ela mesma para Grady. Mas eu disse que era algo que eu tinha de fazer. Era uma tarefa da minha maturidade e era importante.

Em meio minuto estava com Grady ao telefone. Concordamos que a casa da mulher tinha de ser num conjunto habitacional com preços modera-

dos e fora de Ruby River. Autumn Leaves era o lugar ideal segundo Grady, com construção nova, eletrodomésticos novos, cozinha nova, tudo novo, e ela tinha de ter uma faxineira em tempo integral e uma babá também em tempo integral para as crianças.

Grady seria o conselheiro financeiro pessoal dela e guardião do dinheiro dela. Nós pagaríamos os impostos, o seguro, as contas, a televisão a cabo e as empregadas diretamente. E é claro que Terry Sue precisava de uma renda, e resolvemos que seria uma quantia igual à que ela receberia se trabalhasse como secretária no escritório de Grady. Achamos que isso ia significar um alento espiritual para ela.

— Não tem erro — eu disse. — A babá e a faxineira vão trabalhar para você, e Terry Sue não terá por que bater nos filhos. Na frente das empregadas ela provavelmente terá vergonha de bater neles.

Já Brittany seria transferida para a escola católica que Tommy frequentava, a única escola católica de Mapleville, e trataríamos de arranjar tratamento médico para a pequena Bethany, que não falava.

Quanto ao misterioso Charlie que havia abandonado Terry Sue, segundo Grady, ele não era de todo mau, mas o bebê nos braços de Terry Sue não era dele e ele estava um pouco revoltado com o fato de o verdadeiro pai não ter se apresentado, e quem poderia ser esse homem era uma questão em aberto.

Aconselhei Grady a fazer o exame de DNA para determinar se aquele bebê era filho do Pops. Achei que era a coisa certa a fazer. Desconfiava que Pops era o pai, que o bebê tinha sido concebido logo depois da morte de Sweetheart, e que Charlie não sabia o que fazer com ele.

— Olha, Grady — eu disse. — Essa é uma situação que nunca será

perfeita, mas acho que podemos fazer essas coisas para torná-la um pouco melhor. Se os homens ficarem entrando e saindo dessa casa, não há nada que possamos fazer. Pelo menos vamos dar independência para Terry Sue. Ela não terá de aturar ninguém que não queira. É só pagar o salário dela todo mês e o que ela fizer com ele é problema dela. Se ela deixar os filhos com fome, daremos dinheiro para a empregada fazer compras. E a babá cozinha e dá a comida a eles. Vamos consertando até endireitar tudo de vez.

O que eu não revelei a Grady é que eu sonhava com Tommy morando na Mansão Blackwood. Sonhava que ele viajava comigo pelo mundo, com Mona, tia Queen e Nash. Sonhava que Tommy um dia se tornaria um acadêmico brilhante e, quem sabe, talvez um pintor brilhante. Que ele talvez descobrisse o reino perdido de Atlântida. No fundo eu sonhava que um dia Tommy se tornaria um Blackwood oficial.

Também não confidenciei a Grady que eu condenava Pops, apesar de tentar não fazer isso, por deixar o seu filho, Tommy, naquela miséria, e por ter sido tão frio com aquela mulher, Terry Sue. Só que talvez a história fosse mais complicada do que a minha compreensão de jovem era capaz de avaliar.

Só depois de terminar essa conversa e de estar quase chegando em casa no Mercedes foi que lembrei da minha promessa de levar Brittany para o mercado. Disse a Allen que tínhamos de voltar e levar a pequena Brittany para o supermercado e abastecer o trailer.

É claro que Allen fez uma ou duas piadas, mas acabou concordando e disse que voltaria lá com a picape e levaria a pequena Brittany aonde ela quisesse ir e compraria tudo, de sopa a nozes.

E assim completei a segunda tarefa da maturidade. E passei para a

terceira.

Fui para casa, tomei um banho e vesti meu melhor terno Armani, camisa lilás e a gravata Versace da sorte, e com o coração apaixonado e cabeça delirante fui encontrar minha amada Mona Mayfair, só parando numa florista na Avenida St. Charles para comprar um grande buquê de margaridas e outras flores primaveris para ela. O buquê me pareceu muito fresco, macio e lindo, e queria depositá-lo delicadamente nos braços dela. Sonhava com seus beijos suaves enquanto a mulher enrolava as flores no papel, e a caminho da casa dos Mayfair na esquina da First Street com Chestnut eu contei os segundos que faltavam para as duas horas.”

“ — **S**E EXISTIA ALGUÉM MAIS apaixonado do que eu naquele dia eu gostaria de conversar com essa pessoa e ouvir a prova disso dos seus próprios lábios. Eu levitava de tanta felicidade. Estacionei o carro a meia quadra da casa dela, para não ser visto por algum Mayfair, e então, com o buquê na mão, aproximei-me do portão caminhando ao longo da cerca sob um grande arbusto de murta crepe que já estava lindo, todo florido.

Na verdade, todo o Garden District parecia repleto de flores e as ruas tão completamente desertas que nem tive de encontrar indivíduos comuns que não estavam apaixonados.

Quanto a Goblin, quando ele apareceu do meu lado eu disse com firmeza que tinha de completar essa missão sozinho, que ele devia me deixar, senão não ouviria mais uma só palavra de mim.

— Eu te amo, já disse isso. Agora dê-me um tempo com Mona — eu disse, zangado.

Para meu espanto ele beijou meu rosto carinhosamente, sussurrou ‘Au revoir’ e obedientemente desapareceu. Ficou pairando no ar uma sensação tremulante de boa vontade e de generosidade que era palpável como a brisa.

Claro que eu esperava que Mona estivesse à minha espera pronta, com mochila, mala e passaporte na mão.

Mas assim que cheguei ao portão de ferro um indivíduo alto e elegante saiu ao meu encontro, desfazendo minhas esperanças de escapar com

Mona, apesar de ele ter a expressão mais compassiva no seu rosto vibrante.

Ele era esbelto, quase um almofadinha, com o cabelo encaracolado prematuramente branco e olhos rápidos e curiosos. Usava uma roupa vistosa, de corte antiquado, parecendo saída de uma peça teatral do século XIX, mas de que parte do século eu não sabia.

— Entre, Tarquin — ele disse, com sotaque francês. Ele girou a maçaneta de bronze, e Mona tinha usado uma chave. — Estava à sua espera. Seja bem-vindo. Entre. Fique à vontade. Quero conversar com você. Tenha a bondade de vir comigo até o jardim.

— Mas onde está Mona? — perguntei, o mais educadamente possível.

— Ah, sem dúvida penteando suas madeixas ruivas — ele disse, com uma entonação muito exótica — para poder jogá-las da varanda — ele apontou para a balaustrada de ferro lá em cima — e puxá-lo como Rapunzel fez com seu príncipe proibido.

— Eu sou proibido? — perguntei e tentei evitar ser agressivo, mas foi difícil.

— Ora, quem sabe? — ele disse com um suspiro de cansaço com o mundo, mas deu um sorriso brilhante. — Venha comigo, e chame-me de *oncle* Julien, por favor. Sou seu *oncle* Julien, assim como sua tia Queen recebeu Mona de braços abertos ontem à noite. E a propósito, aquele foi um presente deslumbrante, o camafeu. Mona vai guardá-lo como um tesouro para sempre. Posso chamá-lo de Tarquin? Já chamei, não foi? Será que mereço sua confiança para isso?

— Você me convidou, não é? — respondi. — Sou muito grato por isso. Estávamos andando por um caminho de lajotas ao lado da casa e à di-

reita havia um grande jardim com uma sebe formando o desenho de um octógono em volta do gramado. Havia estátuas gregas de mármore aqui e ali, uma Hebe, eu acho, e uma Vênus se banhando, e canteiros de flores exóticas e algumas pequenas árvores de frutas cítricas, uma com um único limão, monstruoso de tão grande. Parei para examiná-lo.

— Não é encantador? — ele disse. — A pequena árvore dedica todos os seus esforços a um único limão. Se tivesse muitos, certamente seriam do tamanho normal. Pode-se dizer que o clã Mayfair faz uma coisa similar. Venha, vamos em frente.

— Você está falando do Legado — eu disse. — Põem tudo em nome de uma *Designée* e ela tem de ser vigiada e protegida de intrigas com aqueles que não são bons partidos e, por algum motivo, vocês acharam que eu não satisfazia às exigências?

— *Mon fils* — ele disse. — Acharam que você é jovem demais! Não há nada que o desabone. É só que Mona tem quinze anos e você ainda não é um homem. E devo confessar que há um mistério que o cerca. Vou explicar.

Tínhamos subido uns degraus de lajota e agora estávamos passando por uma imensa piscina octogonal. Tia Queen não tinha dito alguma coisa sobre Michael Curry ter quase se afogado naquela piscina? Eu estava meio tonto. Havia beleza por toda parte. E tudo era muito tranquilo.

Oncle Julien chamou a minha atenção para o fato de a forma da piscina ser a mesma do gramado. E em cada um os pilares curtos da balaustrada aquele octógono se repetia.

— Desenhos sobre desenhos — ele disse. — Esses padrões atraem espíritos, os espíritos perdidos conseguem ver os desenhos deles, por isso

gostam de casas antigas, grandiosas, casas com cômodos espaçosos, cheios de toques de espíritos congêneres. Eu acho que quando um monte de espíritos já habitou uma casa é mais fácil para outros entrarem lá. E uma coisa incrível. Mas venha, deixe-me levá-lo para o jardim dos fundos. E vamos escapar dos desenhos e sentar um pouco sob as árvores.

Foi exatamente como ele disse. Quando passamos das pedras em volta da piscina e atravessamos um grande portão duplo que estava aberto nos vimos num gramado, indo para uma mesa e cadeiras de ferro sob um imenso carvalho, onde a grama rareava e as raízes eram visíveis, e havia outras árvores mais novas à direita, chorões, magnólias, bordo, que lutavam para formar um bosque.

Eu vi a palavra ‘Flagelador’ escavada bem fundo na casca do carvalho e havia uma estranha fragrância doce no jardim, um aroma que era um perfume que eu não conseguia associar com flores. Fiquei constrangido de perguntar o que era.

Sentamos à mesa preta de ferro. Estava posta com xícaras e pires para nós e uma garrafa térmica, que ele pegou para servir.

— Chocolate quente, *mon fils*, que tal?

— Oh, maravilhoso — eu disse dando uma risada. — Que delícia. Nunca imaginei. — Ele encheu a minha xícara.

— Ah — ele disse, enquanto se servia — , você não faz idéia de quanto eu adoro isso.

Bebericamos o chocolate esperando que esfriasse um pouco, e vi que havia biscoitos em forma de bichinhos no prato e me veio à cabeça o antigo poema de Christopher Morley exatamente sobre aquele lanche:

Biscoitos de bichinhos e chocolate para beber, Este é o melhor dos lanches, a meu

ver,

E subitamente, *oncle* Julien recitou os dois versos seguintes:

Quando eu crescer e puder comer o que quiser, Acho que é isso que vou sempre escolher.

Nós dois rimos.

— Você planejou o lanche por causa do poema? — perguntei.

— Bom, acho que sim — ele respondeu. — E porque pensei que você gostaria.

— Ah, eu agradeço muito. Foi muito gentil.

Eu estava eufórico. Muito feliz. Aquele homem não ia me separar de Mona. Ele entenderia o amor. Mas eu estava esquecendo uma coisa. Já ouvira falar daquele nome Julien Mayfair, tinha certeza disso. Associado a alguém, mas não conseguia lembrar... Certamente não tinha sido Mona. Não.

Olhei para cima e à esquerda, para a lateral bem alta, de três andares, da casa Mayfair. Era imensa e silenciosa. Não queria que ela se trancasse para mim.

— Você conhece a Mansão Blackwood? — perguntei de repente. — Foi construída na década de 1880. Eu sei que esta casa é bem mais antiga. Nós moramos no campo. Mas vocês têm o charme e a tranquilidade do campo aqui mesmo. — Eu me senti bobo e ingênuo. O que eu estava tentando provar?

— Sim, eu conheço a casa — ele disse, com um sorriso simpático. — É muito linda. E a minha ida até lá foi uma experiência macabra e romântica, que não revelaria a você em nenhum detalhe, só que preciso fazê-lo. Tem muito a ver com seu amor por Mona. E assim a luz precisa brilhar no escuro.

— Como assim? — eu fiquei subitamente alarmado.

O chocolate estava na temperatura perfeita. Nós dois bebemos ao mesmo tempo. Ele deu um suspiro de prazer e depois encheu nossas xícaras de novo. Como diria Mona, estava perfeitamente delicioso. Mas onde estava Mona?

— Ah, por favor, conte-me tudo — eu disse. — O que tem a ver com meu amor por Mona?

Eu me surpreendi tentando calcular a idade dele. Seria mais velho do que Pops? Certamente era mais novo do que tia Queen.

— Foi na época do seu tataravô Manfred — disse *oncle Julien*. — Ele e eu pertencíamos a um clube de jogo aqui em Nova Orleans. Era discreto e elegante, e jogávamos pôquer com apostas que não incluíam dinheiro, e sim tarefas secretas para agradar ao vencedor. Era nesta casa mesmo que nós jogávamos, lembro bem, e seu ancestral Manfred tinha em casa o filho dele William, muito jovem e recém-casado, com muito medo da Mansão Blackwood e todas as responsabilidades relacionadas a ela. Dá para imaginar?

— Que ele ficou intimidado? Dá sim — eu disse. — Posso imaginar, apesar de não me sentir assim. Eu sou o jovem senhor de lá agora e estou gostando muito.

Ele deu um sorriso gentil.

— Acredito em você — ele disse sem emoção. — E gosto de você. Vejo viagens no seu futuro, grandes aventuras, andanças pelo mundo.

— Mas não sozinho — eu respondi depressa.

— Bem, naquela noite — ele continuou — a reunião do clube foi aqui. Manfred Blackwood ganhou a partida de pôquer e foi de Julien Mayfair que ele cobrou a tarefa que queria executada.

‘Fomos na mesma hora para a Mansão Blackwood no carro dele e lá eu vi uma casa maravilhosa em toda a sua glória ao luar, as colunas da cor das flores da magnólia, uma daquelas fantasias que nos gratificam eternamente, nas quais os nortistas raramente acreditam. Seu tataravô Manfred me levou para dentro, subimos a escada, chegamos a um quarto desocupado e lá ele revelou o que eu tinha de fazer.

‘Ele me deu uma bela máscara de Mardi Gras e uma luxuosa capa de veludo vermelho com barra de cetim dourado e disse que, vestido assim, eu deveria deflorar a jovem noiva de William, pois o próprio William, que logo apareceu, tinha sido totalmente incapaz de fazê-lo, e que Manfred e William tinham visto aquele truque da máscara numa ópera recente em Nova Orleans e achavam que ia funcionar.

‘— Mas sua mulher não assistiu à mesma ópera com vocês? — eu perguntei a William, pois eu também tinha ido à ópera em Nova Orleans uma semana antes.

‘— Assistiu — respondeu William. — E é por isso mesmo que ela deve concordar.

Alors. Como eu nunca dera as costas para uma virgem e só tinha respeito e compaixão por uma jovem que até aquele momento tinha sido privada de uma noite de núpcias romântica e amorosa, pus a máscara e vesti a capa e tratei de cumprir minha tarefa, jurando que arrancaria da jovem lágrimas de êxtase ou seria amaldiçoado para sempre, e só tenho a dizer que saí do quarto cerca de quarenta e cinco minutos depois divinamente vitorioso, tendo conquistado meus mais elevados objetivos.

‘Ora, dessa união nasceu seu bisavô Gravier. Está acompanhando a história?’

Eu estava mudo de espanto.

— Bem, alguns meses depois do nascimento de Gravier — Julien continuou do mesmo jeito afável e simpático — William conseguiu, por sugestão minha, começar a cumprir com seus deveres conjugais com a máscara e a capa, e sua tataravó jamais soube da natureza do primeiro encontro, e assim eles continuaram sua bem-aventurança conjugai, pelo menos foi isso que Manfred me contou, que o delicado William usou a máscara e a capa o tempo que o destino determinou.

‘Pouco depois essa jovem foi receber sua recompensa no céu, como dizemos, e William tomou uma segunda esposa, mas descobriu que não era capaz de deflorá-la, como não tinha sido capaz com a primeira, e mais uma vez Manfred me pediu que usasse a máscara e a capa, e lá fui eu, tornar-me pai da nobre dama que você chama de tia Queen. Ah, filha abençoada...

‘Mas o que estou querendo dizer é que você tem parentesco comigo e com os meus pelo sangue.’

Eu não sabia o que dizer. Olhei para ele lá sentado, com o calor latejando no meu rosto, tentando entender o que ele dizia, tentando avaliar o que dizia, uma vozinha dentro de mim afirmava que era impossível, que ele não podia ser tão velho, ele não parecia tão velho, os números não podiam estar certos, ele não podia ser pai do irmão mais velho da tia Queen, nem da própria tia Queen, mas talvez ele fosse muito jovem na época, eu não sabia.

Mas muito mais alta do que qualquer outra voz me perturbando com anos e números era a voz que dizia Mona e você vêem espíritos, Tarquin, e você está ouvindo uma explicação de como adquiriram essa tendência. O sangue de *oncle* Julien lhe deu esses genes, Tarquin. O sangue dele transmitiu os receptores que Mona também tem.

E quanto à mesa na sala de estar da Mansão Blackwood, aquela que o fantasma de Manfred parecia rondar, eu pretendia voltar para casa e destruí-la.

E fiquei lá sentado, completamente chocado. Resolvi tomar a segunda xícara de chocolate e foi o que fiz. Peguei a garrafa térmica e enchi a xícara. Ele bebia o chocolate dele tranquilamente.

— O meu objetivo não era magoá-lo, Tarquin — disse *oncle* Julien, com a voz muito suave e afetuosa. — Longe disso. A sua juventude e sinceridade me cativaram. E estou vendo esse lindo buquê de flores que você trouxe para Mona, e me toca profundamente saber que você quer desesperadamente amá-la.

— Eu a amo — eu disse.

— Mas nós somos perigosamente consangüíneos, Tarquin. E você não pode ficar com Mona. Mesmo se os dois fossem maiores de idade, o meu sangue elimina a possibilidade. Com o tempo eu compreendi que meus genes eram dominantes na minha prole, e isso às vezes provocava sofrimento. Quando eu era... quando era irresponsável, livre e rebelde, quando odiava o tempo e não tinha esperança, não ligava para essas coisas, mas agora me importo muito com elas. Pode-se dizer que eu vivo num purgatório de preocupações com isso. Por isso tenho de avisar a você que não pode ficar com Mona. Deve deixar Mona com os fantasmas dela e deve ir para casa estar com os seus.

— Não vou fazer isso, Julien — eu disse. — Quero respeitá-lo, e o respeito, apesar de ter enganado minha ancestral, aquela virgem trêmula que você seduziu na mesma cama em que durmo agora. Mas preciso ouvir dos lábios de Mona essa rejeição.

Ele deu um grande gole no chocolate quente e desviou o olhar, ficou pensativo como se fosse um consolo olhar para o bordo e o chorão, e a imensa magnólia que prometia dominar o pequeno bosque.

— Diga-me uma coisa, meu jovem — ele disse. — Sentiu uma fragrância estranha neste jardim?

— Sim, é embriagante — eu disse. — Não quis perguntar. Mas sinto o cheiro. É doce.

A atitude dele sofreu uma mudança brusca. Ele passou de simpatia e calma para fatalismo.

— Mais uma vez devo dizer, *mon fils*, que você nunca poderá ficar com Mona — ele disse. — E queira me perdoar por tê-lo trazido para este lugar.

— O que quer dizer? Por que está dizendo isso para mim? Quem disse que não seremos fiéis um ao outro até a maioridade? Daqui a três anos, ela não poderá resolver isso por conta própria? Ela viverá no meu coração, usarei uma mecha do seu cabelo no medalhão dela e quando chegar a hora eu a levarei até o altar.

— Não, isso não pode acontecer nunca. Por favor, compreenda quanto eu amo Mona e respeito você e sei que tem um bom caráter. Mas você consegue ver espíritos, *mon fils*, e é capaz de captar o perfume dos mortos. Sabe, aqui neste lugar estão enterradas mutações que jamais deviam ter nascido nessa família. Confie em mim, *mon fils*, que se casar com Mona, seus filhos poderão ser mutações também. O fato de poder sentir o cheiro é prova disso, devo confessar.

— Está me dizendo que vocês mataram e enterraram o filho de Mona aqui? — eu perguntei.

— Não. O filho de Mona está vivo — ele respondeu. — O destino dele é outra história. Mas não devem existir mais dessas criaturas, não com o nome Mayfair, e Mona jamais terá outro nome.

— Está enganado! — eu disse.

— Não me menospreze, Tarquin, pelo seu próprio bem — ele disse, e parecia ter paciência infinita. — Pensei que explicando as coisas para você tudo ficaria mais fácil. E talvez fique, com o passar do tempo.

— Tarquin!

Ouvi chamarem meu nome. Virei para a esquerda. No grande portão perto da piscina era Michael Curry que me chamava e ao lado dele estava Rowan Mayfair, e ambos olhavam para mim como se eu tivesse feito alguma coisa errada.

Levantei imediatamente.

Os dois vieram na minha direção. Usavam trajes informais, de ficar em casa. E Michael exibia uma forma física sob a camisa azul que me deixou com água na boca.

Rowan falou primeiro. Em tom gentil.

— O que você está fazendo aqui, Tarquin? — ela perguntou.

— Bem, estou conversando com Julien — eu respondi. — Estávamos bebendo chocolate quente sentados aqui.

Virei e aponte para a direita, mas Julien não estava lá. Olhei para a mesa seguidamente. Não havia nada lá a não ser o meu buquê de flores. Nenhuma garrafa térmica prateada, nenhuma xícara, nenhum biscoito de bichinho, nada.

Fiquei sem ar.

— Meu Deus — eu disse e fiz o sinal-da-cruz. — Estou dizendo, eu

estava conversando com ele. Queimei a minha língua na segunda xícara de chocolate. A jarra térmica era de prata. Ele me recebeu no portão da frente! Estava me dizendo que eu não podia ficar com Mona, ele disse que éramos parentes. Eu... — Parei de falar e afundei na cadeira.

Ninguém sabia melhor do que eu o que tinha acontecido! No entanto vasculhei o jardim à procura dele. E mais uma vez me deparei com a mesa vazia. Pus a mão no buquê. E onde estava Goblin? Por que Goblin não tinha me avisado? Eu tinha sido impaciente com Goblin e Goblin me deixara sozinho!

A dra. Rowan Mayfair veio por trás de mim e pôs as mãos nos meus ombros. Num minuto eu me acalmei com a massagem que ela fazia. Na verdade ela se abaixou e beijou meu rosto. Arrepios fortes e prazerosos percorreram meu corpo. Ah, doçura pura. Michael Curry sentou-se à minha frente, pegou a minha mão e segurou firme. Ele era como o tio que eu nunca conheci.

Meu Deus, como os amei. Como quis estar ligado a eles. Como queria amar Mona com a bênção deles. Eu precisava desesperadamente do apoio deles.

— Vão me internar num hospício — eu gaguejei. — Mas eu falei com Julien Mayfair. Ele realmente existiu algum dia?

— Ele existiu sim — disse Rowan Mayfair com sua voz rouca, sincera e cheia de paciência. — Ele é uma lenda no clã Mayfair. Ele morreu em 1914.”

“ — LEVARAM-ME PARA o interior da casa. Estava pouco iluminada e era magnífica. Mostraram-me a sala de estar dupla toda cheia de sombras com sua passagem em arco e assoalho lustroso, a bela sala de jantar com seus murais da plantação Riverbend, havia muito sacrificada pela curvatura do rio Mississippi que modificou seu caminho.

Rowan agiu como guia turística e apontava os detalhes com simplicidade discreta, a voz carinhosa, apesar dos olhos cinzentos sempre frios. Estava muito elegante com blusa e calça brancas e às vezes parecia estar ruminando algum sonho.

Então foi na cozinha ensolarada que sentamos a uma mesa de vidro com delfins de bronze na base, acomodados em confortáveis cadeiras de aço escovado. Havia uma simpática escada nos fundos e uma pequena lareira a gás para os dias frios, mas não era o caso, e além das portas duplas envidraçadas víamos o exuberante jasmim e as bananeiras que cresciam ao longo do muro do quintal onde eu tinha estado com Julien, tão desligado do mundo real.

— Mas como vou saber que vocês são reais? — perguntei a eles. — Naquele momento ele pareceu tão real como qualquer pessoa, só que...

Então tive de admitir o que havia de errado, o fato de ter sido amigo do meu ancestral Manfred, a sua aparência naquelas roupas antiquadas do século XIX.

— Os fantasmas confessam segredos e depois somem, nos deixando malucos — confessei.

Michael Curry balançou a cabeça concordando. Meu instinto me disse que ele já tinha visto espíritos, e muitos. E ele era um homem tão afável, quase humilde. No entanto dava a impressão de possuir uma força incrível. Tinha mãos excepcionalmente grandes e elas pareciam gentis.

— O que ele disse a você, filho? — ele perguntou. — Pode contar para nós?

— Que ele foi o pai do meu bisavô — eu disse e contei-lhes o drama da ópera e como foi feito, e que por isso Mona e eu tínhamos sensibilidade para ver espíritos e não podíamos nos casar de jeito nenhum.

Pode ter sido derrotismo da minha parte repetir essas coisas a Michael e Rowan, mas não tinha intenção nenhuma de esconder qualquer coisa para eles. Achei que deviam saber de tudo. Tinham de saber por que *oncle Julien* tinha interferido.

De olhos bem abertos contei-lhes o que *oncle Julien* tinha dito, que ele estava vivendo num ‘purgatório de preocupações’ com relação aos seus genes dominarem sua prole, que me perguntou sobre o cheiro doce no quintal, que eu havia sentido quando entrei mas não quis dizer nada até ele perguntar.

Rowan e Michael pareciam fascinados com essas confissões e eu contei também que *oncle Julien* disse que havia mutações enterradas naquele quintal dos fundos, mas não o filho de Mona, que o filho mutante de Mona estava vivo, e com isso os dois ficaram espantadíssimos e pediram que eu repetisse, e eu repeti.

Nesse ponto eu fiquei muito desesperado, certo de que eles não iam deixar que eu visse Mona, e com tanta certeza de ter fracassado em tudo que comecei a chorar. Implorei para eles não me mandarem embora. Disse

que queria muito fazer parte da família deles. Não sentia vergonha nenhuma. E talvez lá no fundo do meu coração eu sentisse que tinha mesmo valor.

— Não vim implorar nada. Não estou oferecendo a Mona uma pequena cabana.

— Nós sabemos disso, filho — disse Michael Curry. — E perdoo-nos se parecemos mal-educados quando fomos à Mansão Blackwood, mas Mona já nos aprontou algumas situações constrangedoras, e às vezes esquecemos os modos. Ontem foi um desses dias. Pode acreditar quando digo que nos preocupamos com Mona.

— Mas o que há de tão errado em Mona ficar comigo? Vocês acham que é porque nós dois vemos espíritos?

— Não, não é isso propriamente — disse Michael, recostando confortavelmente na cadeira enquanto falava comigo. — O fato é que há motivos médicos, boas razões médicas com relação à saúde de Mona.

— É Mona que tem o direito de falar sobre os aspectos médicos disso — disse Rowan com sua voz rouca e suave — e não nós. Mas podemos dizer que Mona não está sendo sensata e que estamos tentando protegê-la de si mesma. — Rowan foi gentil e sincera.

Eu não sabia o que dizer.

— Eu entendo o problema de vocês porque não posso divulgar as coisas que Mona contou para mim. Mas posso vê-la? Vocês não podem deixar que ela desça? Não posso contar para ela sobre o fantasma de *oncle* Julien? Posso perguntar o que ela acha?

— Você compreende — disse Michael — que essa foi uma aparição muito poderosa. Esse espírito resolveu intervir com muita força. Você já viu

algum fantasma como esse?

— Já — eu disse. — Já vi fantasmas igualmente fortes.

Contei a eles a história de Rebeca. E ao fazer isso percebi que estava sendo meu pior inimigo outra vez. Mas em mim não podia haver nada além da franqueza, pelo menos era o que eu pensava. Meu amor por eles ordenava aquela sinceridade.

Também falei de Goblin. Até onde achei que era certo.

— Não percebem que pertencem a ela? — eu disse por fim. — Ela é a única que pode me entender, e eu serei o único a entendê-la.

— Filho, você tem seus próprios fantasmas — disse Michael. — E ela tem os dela. Vocês precisam ficar bem longe um do outro. Precisam buscar uma normalidade decente por sua própria conta.

— Oh, Deus, isso é impossível! — eu disse. — Nunca conseguiremos. Além disso, quem pode dizer que não será mais fácil conquistar essa normalidade juntos, se é que isso é possível mesmo?

Vi que eles estavam avaliando o que eu dizia. Eu tinha causado alguma impressão inteligente, se é que causara alguma. De qualquer maneira eles ainda não tinham me expulsado da casa, e naquele momento senti uma necessidade avassaladora de beber chocolate quente, um desejo estúpido e insidioso de beber uma enorme quantidade de chocolate quente.

E para meu espanto Michael levantou e disse:

— Vou preparar para você. Eu também quero.

Fiquei atônito. Era uma família de leitores de mentes, além de tudo. Ouvi a risada dele enquanto seguia para a copa. Depois ouvi os ruídos e a profunda e deliciosa fragrância do leite quente.

Rowan ficou sentada com ar solene e pensativa, em seguida falou

com muita suavidade. A voz dela era muito mais gentil do que seu rosto anguloso de maçãs salientes e o cabelo ondulado de corte reto.

— Tarquin, deixe-me explicar. Vou ter de violar a confiança de Mona. Terei de fazer esse julgamento, mas Mona me deu permissão para isso, para revelar coisas dela que na verdade não deviam ser reveladas. E o fato é que ela não tem idade para dar essa permissão. Mas deixe-me continuar. Mona corre riscos toda vez que tem relações íntimas com um homem. Você está entendendo? Ela corre o risco de se prejudicar seriamente. Estamos tentando manter Mona viva.

— Mas nós usamos proteção, dra. Mayfair — eu insisti, mas achei que aquela era uma notícia assustadora. A essa altura eu já tinha secado meus olhos e estava tentando me comportar como adulto.

— Claro que sim — disse a dra. Mayfair, erguendo um pouco a sobrancelha. — Mas mesmo as melhores precauções podem falhar. Há sempre a possibilidade de Mona engravidar. E um simples aborto natural seria capaz de enfraquecê-la muito mais do que a qualquer mulher comum, que nem teria de se preocupar com isso. Tudo por causa do bebê que Mona teve, o bebê que *oncle* Julien mencionou para você no quintal. Ele deixou Mona vulnerável. E estamos tentando manter Mona viva. Estamos tentando descobrir como consertar o que há de errado com ela para que não fique tão vulnerável, mas para isso precisamos de tempo.

— Meu Deus — eu sussurrei. — Por isso Mona estava na clínica no dia em que a conheci.

— Exatamente — disse Rowan, um pouco mais exaltada, mas parecia solidária ao mesmo tempo. — Não somos monstros insensíveis. Não somos mesmo. Queremos que ela pare de seduzir os primos e que coopere

com o nosso regime de exames de sangue e suplementos nutricionais para descobrir o que há de errado dentro dela e por que ela engravida com tanta frequência. Agora eu contei mais do que devia e, por falar nisso, devo acrescentar que ela está apaixonada por você e que parou de andar por aí desde que o conheceu. Você tem todo o direito de saber disso, mas não podemos apoiar a união de vocês.

— Não, o que vocês não podem apoiar é que ela fique sozinha comigo. Deixem-me falar com ela na sua presença. Deixem-me vê-la fazendo um voto de celibato. O que haveria de errado nisso?

Michael chegou com o mesmo recipiente térmico de prata que eu tinha visto no quintal e com xícaras para nós. Era a mesma maldita louça. O chocolate quente estava grosso e delicioso como na minha visão e eu já queria tomar uma segunda xícara. Queria contar a eles que era a mesma garrafa térmica e a mesma louça, mas queria mais ainda falar sobre Mona.

— Obrigado por satisfazerem essa minha vontade, quero dizer, o chocolate — eu disse. — Não sei o que está acontecendo comigo.

Michael encheu minha xícara de novo. Eu bebi. O sabor era melhor do que qualquer outra coisa. Recostei-me na cadeira.

— Fui honesto com vocês — eu disse. — Vocês não podem ser honestos comigo? Digam para ela que eu estou aqui e...

— Ela sabe, Quinn — disse Michael. — Os poderes dela de clarividência são tremendos. Ela soube quando você entrou pelo portão da frente. Ela está combatendo exatamente o que Rowan contou a você. A verdade está atacando Mona com toda força. Ela está doente. E há também o caso do filho que ela perdeu, aquele que Julien disse que está vivo. Ela ouviu essa notícia na hora em que você ouviu, e foi ela que nos procurou e disse para

virmos aqui recebê-lo.

Eu queria dizer que isso era um grande consolo, pois era mesmo, mas desejei que tivessem dito antes, e não quis reclamar. E também pensei em outra coisa. Por que eles interromperam a minha conversa com Julien naquela hora? Se eles não tivessem feito isso, o que mais Julien poderia ter revelado?

— Essa é uma pergunta para a qual nós não temos resposta — disse Michael, lendo meus pensamentos outra vez.

— Mas vocês o impediram de revelar segredos da família — eu disse.
— Acharam melhor fazer isso.

— É verdade — disse a dra. Mayfair. — Achamos melhor.

— Vocês se incomodam de eu ser um de vocês? — perguntei com sobriedade.

Nenhum dos dois respondeu. Então Rowan foi bastante direta.

— Se ao menos Mona não estivesse doente. Se conseguíssemos descobrir a cura... Então tudo seria diferente, Quinn. Do jeito que as coisas estão, para que pedir a você que arrisque sua sorte conosco? Para que pedir a você para ser examinado geneticamente, como todos nós somos? Para que você arcaria com o peso da nossa história e das nossas maldições, tudo que sabemos e sofremos?

— Exames genéticos? — perguntei. — Para ver se eu sou suscetível à visão de espíritos?

Bebi o chocolate até o fim. Michael serviu mais uma xícara para mim.

— Não — disse Rowan. — Para ver se você poderia produzir mutações na sua prole como Mona fez.

— Eu quero fazê-los — eu disse.

Ela balançou a cabeça concordando.

— Está bem. Vou marcar na Mayfair. Procure o dr. Winn Mayfair lá. Telefone para a secretária dele para marcar hora.

— E agora, onde vocês esconderam a minha querida princesa? Ouvi Mona chamar do alto da escada.

— Quinn!

Levantei-me no mesmo instante e corri para ela, subi a escada que se curvava para a esquerda e a abracei no segundo andar.

— Lembre-se do que eu disse — a voz de Rowan soou lá de baixo.

— Sem penetração, eu prometo — disse Mona. — Agora deixem-nos em paz.

Eu a segurei no colo.

— Ah, meu ilustre menino! — ela exclamou, os seios quentes sob a blusa alvíssima, o cabelo ruivo cobrindo meus olhos e o meu peito, as pernas nuas lindas e macias ao toque da minha mão.

Carreguei-a pelo corredor.

— Para onde vamos, princesa Mona de Mayfair? Lutei contra anjos e dragões para estar aqui com você!

— Para a frente da casa, príncipe Tarquin de Blackwood — ela respondeu. — Onde fica o meu quarto e sala, entre os ramos dos carvalhos.

Subimos uns poucos degraus, saímos por um corredor estreito, entramos num quarto grande, um corredor largo e fomos para uma escadaria luxuosa até a frente da casa, onde minha amada, minha amada ruiva indicou que era para eu virar à esquerda.

Era o quarto da frente mesmo, e as janelas com altura de dois andares se abriam para a varanda do segundo andar que parecia coberta pelos galhos

dos dois carvalhos que ficavam diante da casa.

Caímos na cama.

Eu fiquei todo atrapalhado com a blusa branca virginal de Mona, as mangas volumosas e montes de renda, rolávamos nos travesseiros brancos, pressionei minha mão na calcinha molhada e quente dela, e a pressão da palma da mão a fez gozar com divinos rubores faciais que me levaram também ao clímax.

Fizemos de novo, dessa vez mais devagar e brincando, e outra vez, e como sempre eu fiquei sem forças antes dela, mas não ia abandoná-la no seu desejo.

Devemos ter ficado lá deitados cerca de uma hora, com a porta parcialmente aberta e não ouvi ruído de nenhuma pessoa na casa.

Estávamos cumprindo nossa palavra sobre um pequeno cobertor com renda branca, que eu havia manchado com o transbordamento do meu amor.

— Inteiramente lavável e destinado a isso mesmo — disse minha amada senhora enquanto dobrava o cobertor e colocava-o de lado.

Era hora dos beijos, carinhos, deitados nos travesseiros e olhando pela janela para os galhos dos carvalhos nos quais pequenos esquilos marrons corriam entre as samambaias penduradas.

— Nunca mais quero me separar de você — eu disse a ela. — Mas coisas horríveis aconteceram comigo desde que nos unimos — confessei.

Contei tudo sobre o desconhecido e seu ataque bizarro. Contei que ele tinha lido meus pensamentos sobre a Ermida. E que eu dera ordens para começarem as reformas e que ele e eu seríamos sócios lá, mas que eu tinha mais certeza do que nunca de tê-lo visto jogando corpos no pântano à luz

do luar.

Ela ficou fascinada.

— Não ficou com medo? — ela perguntou.

— É claro que não. Tenho mais medo de *oncle* Julien. Ela deu uma risada.

— *Oncle* Julien vem sempre que você quer? Ela ficou triste.

— Não — ela disse. — Ele vem quando quer, e agora você tem de me contar tudo que aconteceu com você e com ele. Ouvi você contando a história para Rowan e Michael, admito. Eu bisbilhotei. Mas você precisa me contar. Descreva-o. Descreva como ele agiu. Preciso saber. Tenho um ciúme feroz quando *oncle* Julien aparece para qualquer outra pessoa.

Repeti toda a experiência para ela. Descrevi as roupas antigas, seus modos gentis. Descrevi o desenho de flores da louça. Ela conhecia. Disse que se chamava Royal Antoinette. Não tinha certeza se já tinham aquela louça no tempo dele. Disse que ele tinha visto a louça de relance na copa. Ele era um fantasma esperto.

Mona ficou muito emocionada com o fato de Julien ter dito que o filho dela estava vivo. Era a melhor coisa do mundo para ela. Que era uma jóia que eu dei a ela aquela simples informação.

— Mas um fantasma não mente nunca? — perguntei, e voltei mentalmente para a minha experiência com Rebeca. Talvez ela nunca tivesse mentido para mim. Apenas me enganou, e pode haver uma diferença aí.

Desci da cama. Fui até a janela e espiei os galhos dos carvalhos. Era uma vista belíssima. E nem dava para imaginar que estávamos no meio da cidade, que a zona portuária ficava a meros oito quarteirões dali para a esquerda, que a Avenida St. Charles, com seus bondes lendários, estava a três

quarteirões para a direita.

— Sabe o que eu penso? — perguntei.

— O quê? — ela disse e sentou na cama, levantou os joelhos e abraçou as pernas. Suas mãos estavam lindas com os punhos de renda. O cabelo caía pelos ombros de uma forma que nunca mais vou esquecer.

— Eu acho que preciso muito mais de você do que você de mim — eu disse.

— Quinn, isso não é verdade. Eu amo você. Você é a primeira pessoa que eu amo na vida. Descobri isso ontem à noite, depois que eles me trouxeram para casa. Chega a doer, é esplêndido e é real. Preciso de você porque você é novo e vital e não é parte de nós.

Ela estava muito séria.

— Mas sou, sim — protestei. — Eu contei o que Julien disse. Que ele tomou o lugar do meu tataravô William, contei isso a você.

— Mas você não foi criado como um Mayfair. E você vem com um nome forte e com tradição própria. Você vive numa mansão com lendas e grandiosidade próprias! Além do mais, o que importa isso? Preciso de você e amo você, é isso que importa.

— Mona, é verdade o que a dra. Rowan me disse, que toda vez que...?

— É, é verdade. Não sabem por quê. Mas estou sempre ovulando, sempre fértil. Eu engravidado constantemente e perco o bebê, e cada vez que isso acontece, fico mais fraca. Perco muito cálcio. Agora, é bem possível, na verdade totalmente possível, que se fizessem uma histerectomia em mim, resolveria o problema, mas aí eu nunca teria filhos, e eles esperam que de alguma maneira possam resolver o problema sem ter de dar esse passo.

Fiquei assustado com tudo aquilo, temeroso por ela. O fato de tê-la prejudicado sem saber me apavorava.

— Se significa sua vida, Mona, você tem de deixar que façam a histerectomia — eu disse. — Não pode continuar arriscando sua vida.

— Eu sei, Quinn, penso nisso o tempo todo. E todos os outros também. Vai chegar o momento em que eles dirão que temos de fazer isso, e essa hora pode estar próxima. Pense nisso, Quinn. O senhor da Mansão Blackwood quer uma noiva que jamais poderá ter filhos?

— Eu te amo, Mona. Não preciso de filhos. Na verdade até conheço uma criança que pode ser nossa.

— Ser nossa? — ela disse, dando risada. — Assim, sem mais nem menos?

Contei de Pops para ela, falei de Terry Sue e de Tommy. Do pequeno e inteligente Tommy sentado no tronco com o livro de arte nas mãos e da marca roxa no rosto dele.

— Nossa, pense só! — ela disse. — Seria como a Cinderela! Você poderia modificar a vida dele por completo!

— É. Pretendo fazê-lo, não importa o que aconteça. Por isso não pense mais em mim quando pensar nessa histerectomia. Tenho certeza de que Terry Sue estará disposta a negociar a adoção de Tommy. Eu vou ajudar Terry Sue e todos eles, já está decidido. Mas tem uma coisa que preciso perguntar a você.

— Você está parecendo mesmo o homem da casa — ela disse simplesmente. — Farei o melhor possível.

— Não, estou falando sério, Mona.

Sentei ao lado dela na cama e dei-lhe um beijo.

— Rowan e Michael sabem onde está seu filho? — perguntei.

— Não. Acho que não. Às vezes penso que talvez saibam... A clínica Mayfair é um mundo... mas não, eles não poderiam saber... Simplesmente não suporto a idéia. Não suporto pensar que não diriam para mim. Mas não vamos falar disso, Quinn. Rowan é uma cientista fria e calculista em muitos aspectos, mas ela tem uma consciência feita do ouro mais puro. Vamos apenas falar de nós dois.

Abracei Mona. Ouro puro. Fiquei com aquela imagem na cabeça. Ouro puro. Pensei no mausoléu e no estranho desconhecido dizendo que o mausoléu era de ouro.

— Não há como você fugir para a Europa comigo. Você precisa do tratamento que a dra. Rowan está fazendo com você no centro médico, não é?

Ela suspirou. E fez que sim com a cabeça.

— Fugir foi apenas um sonho. Eles estão fazendo tratamentos com hormônios e todo tipo de nutrientes, eu não sei bem. Entro e saio daquele hospital a semana toda. Fico ligada às máquinas duas, três horas de uma vez. Acho que não estão tendo muito progresso. Eu queria voar para longe. Eu errei quando o envolvi no meu sonho, quando deixei que acreditasse nele comigo por um breve instante.

— Não me importo — eu disse. — Eu não tenho de ir. Na verdade, eu não vou. Não enquanto pudermos nos ver, e acho que agora eles confiam em nós. Acho que sabem que não vou machucá-la, e você também sabe.

Bateram na porta.

Era hora do jantar e fui cortesmente convidado para juntar-me a eles lá embaixo. Eles nem quiseram aceitar minha recusa e depois de um rápido

telefonema para Jasmine para informar onde eu estava, apareci na sala de jantar e encontrei Mona, com outra linda blusa branca de mangas bufantes, desta vez acompanhando uma minissaia com estampa tropical que era mais sensual do que a calcinha que ela usava antes. Michael e Rowan vestiam trajes bem mais formais.

Michael parecia o próprio cavalheiro em seu terno de algodão, e Rowan usava um belo vestido simples, azul-marinho, com um colar de pérolas de três voltas.

Só quando prestei mais atenção vi que Mona tinha posto o camafeu de tia Queen e que ficara lindo no pescoço dela.

Fiquei surpreso de ver que Stirling Oliver da Talamasca viera para jantar lá também. De acordo com o clima ameno do fim da primavera, ele vestia um terno branco com gravata amarelo-limão. Lembro daquela gravata por algum motivo. Não sei por quê. Lembro sempre das gravatas dos homens. Seu cabelo grisalho estava cortado bem curto, penteado todo para trás, e ele parecia um homem de sessenta e poucos anos com excelente saúde.

Eram todas pessoas vividas e marcantes e a casa não se sobrepunha a elas, nem diminuía seu charme natural.

Eu fiquei muito contente de ver Stirling novamente e tive a impressão de que tia Queen ficaria profundamente perturbada se soubesse desse encontro. Acontece que eu não tive muita escolha nesse caso e isso me deixava bem à vontade.

— Vi seu amigo Goblin lá fora — ele disse confidencialmente, enquanto apertava a minha mão. — Ele disse que você queria ficar sozinho.

— Está falando sério? — perguntei. — Realmente o viu e falou com

ele?

— Foi, ele estava ao lado do portão. Estava muito forte, mas você tem de compreender que meu talento para essa percepção é bastante desenvolvido. Para mim o mundo é superpopuloso.

— Ele estava zangado ou irritado? — perguntei.

— Nenhuma das duas coisas — ele disse. — Pareceu muito feliz por ter sido visto.

Nesse momento Mona deu os braços para nós dois e perguntou por que eu não o convidava para entrar, que poriam um lugar na mesa para ele.

— Não, esta noite não — eu disse. — Quero ser egoísta. Ele tem seus momentos. Este é só meu.

O jantar fluiu tranqüilamente, com muita conversa sobre a minha ida à Europa, se eu devia ir mesmo, e Michael achava que existe uma hora perfeita na vida das pessoas para elas irem à Europa, mas que às vezes elas vão cedo ou tarde demais. Eu concordei enfaticamente e depois ousei perguntar se era possível Mona ir também se tia Queen concordasse em levar outra pessoa que se dedicaria inteiramente a fazer companhia a Mona, e deixei bem claro com eufemismos, que os augustos comensais pareciam exigir, que eu jamais arriscaria a saúde ou o bem-estar de Mona por algum desejo vulgar.

Espero ter passado a metade da imagem poderosa que eu tentava ser. Apenas Mona concordava com tudo que eu dizia e então Rowan afirmou tranqüilamente que Mona não podia se afastar da clínica naquele momento, que aquilo estava simplesmente fora de questão, e que se fosse possível Michael e ela levariam Mona à Europa para que ela pudesse ter essa experiência de novo.

De fato, Mona então explicou que tinha sido numa viagem à Europa que descobriram seu ‘problema’ e que a excursão teve de ser interrompida por isso, e que ela voltara para casa para fazer todo tipo de exames no centro médico, além de tomar injeções de hormônios, nutrientes e outras drogas também.

No decorrer do jantar ninguém mencionou o filho misterioso de Mona. E eu não mencionei o desconhecido misterioso.

Fomos para a sala de estar depois do jantar e lá eu bebi mais conhaque do que devia. Mas consertei a situação telefonando a Clem para que ele fosse me buscar na limusine de tia Queen e ele trouxe Allen para dirigir o meu Mercedes, e tudo funcionou muito bem, já que tia Queen estava ‘recebendo visita’ no quarto dela.

Michael e Rowan não deram sinais de terem perdido o interesse em mim, e se perderam eu fui um tolo completo. Stirling Oliver também foi afável e demonstrou curiosidade. Conversamos sobre a visão de fantasmas e eu contei a ele toda a história de Rebeca, mais uma vez utilizando os eufemismos adequados, que a companhia parecia preferir. Com meu orgulho meio embriagado tive a sensação de que Mona estava gostando de tudo aquilo.

Os olhos dela brilhavam e nem uma vez ela me interrompeu, o que achei espantoso, já que eu a considerava muito inteligente. Nos momentos em que ela disse alguma coisa foi para concordar comigo para Rowan, Michael e Stirling, ou para reafirmar algo que eles diziam para mim. Dos três, Michael era de longe o mais falante e mais dado ao riso também, apesar de Stirling ter ótimo senso de humor. Rowan era modesta para uma médica e continuei com a impressão que tive naquela tarde, que sua voz rouca era

muito mais carinhosa e doce do que seu rosto anguloso.

Rowan tinha os olhos cinzentos sagazes de uma bela mulher, e dava para acreditar que era neurocirurgia por causa das mãos com dedos muito longos. Michael era o mais velho, o mais vigoroso, o que tinha trabalhado ‘nesta casa’ com martelo e pregos. Ele disse que sentia que a casa o abraçava e que adorava o assoalho brilhante, seus rangidos e gemidos nas madrugadas. E os três aludiram modestamente ao fato de todos terem visto fantasmas.

Stirling falou da infância cheia de espíritos num castelo inglês. E de ter descoberto a Talamasca quando estudava na universidade em Cambridge. Michael disse que quase se afogou na costa de San Francisco e que foi salvo por ninguém menos que Rowan, e que acabou se dando bem com o poder de descobrir certas coisas paranormais através do toque.

Mona comentou aos risos que *oncle* Julien tinha atacado a despensa para servir chocolate quente para mim com a louça especial, e eu falei do poema de Christopher Morley de que gostava muito quando criança e sobre o chocolate e os biscoitos de bichinhos. Eu tinha me esquecido de contar esses detalhes para eles até então e eles ficaram impressionados. Ficamos especulando por que os espíritos faziam dessas coisas.

— Mas quer dizer então que Deus existe, não é? — perguntou Mona, com um tom plangente na voz.

— Deus ou o diabo — disse a dra. Rowan.

— Ah, seria cruel demais se o diabo existisse sem Deus — disse Mona.

— Eu não acho — disse Rowan. — Acho que é perfeitamente possível.

— Bobagem, Rowan — disse Michael. — Deus existe, e Deus é amor. E com um aceno de cabeça proposital para Mona ele sinalizou para

Rowan tomar cuidado, e vi naquele momento que Mona ficou aflita e desviou o olhar.

— Acho que eu vou descobrir isso logo — disse Mona. — Ou vou ficar sem saber nada. Essa é a parte difícil. Apagar como uma lâmpada queimada.

— Isso não vai acontecer — eu disse. — Quando você faz o tratamento na clínica, é cansativo? Posso ir lá fazer companhia para você? Dá para conversar, ou eu poderia ler para você? Como é?

— Isso seria adorável — disse Rowan. — Até você cansar, o que acabaria acontecendo.

— Rowan, pelo amor de Deus — disse Michael. — Que bicho mordeu você?

Mona começou a rir.

— É, Quinn — ela disse, ainda rindo. — Tenho de ficar horas lá. O tratamento é intravenoso, por isso sempre uso mangas compridas, para esconder as marcas. Seria maravilhoso se você fosse comigo. Não precisa ser todas as vezes. E Rowan tem razão. Quando você se cansar, eu vou compreender.

— Estou envergonhado de nunca ter perguntado se eu podia visitá-la nesses tratamentos — disse Stirling. — Nós jantamos tantas vezes no Grand Luminière Café... Ora, nunca me passou pela cabeça.

— Mas não pense que você tem de fazer isso — disse Mona. — Eu assisto aos piores programas de televisão que existem. Sou viciada em séries antigos. Nem se preocupe com isso.

Eu queria jurar que nunca me cansaria. Eu levaria flores e livros de poesia para ler. Mas sabia que a realista entre nós acharia aquilo tudo muito piegas, por isso desisti por ora, pensando que mais tarde, quando chegasse a hora de ir embora, ia perguntar quando podia ver Mona de novo.

— Uma coisa eu sei — anunciou Mona subitamente. — Quando chegar a minha hora de morrer, não quero que seja na Mayfair. Eu ainda alimento o sonho de morrer como Ofélia, num barco de flores, num rio tranquilo.

— Acho que não funciona muito bem — disse Michael. — Acho a parte das flores e da flutuação maravilhosa, mas quando se trata de morrer afogado, não tem nada de tranquilo.

— Ora, então eu me contento com uma cama de flores — ela disse. — Mas tem de haver muitas mesmo, sabem, e nada de tubos ou agulhas e vidros de morfina, e coisas assim. Posso imaginar a água se estiver numa cama de flores. E sem médicos em volta.

— Eu prometo — disse Michael. A dra. Rowan não disse nada.

Foi um momento extraordinário. Fiquei horrorizado. Mas não tive coragem de falar.

— Ânimo, pessoal, sinto muito ter criado esse clima triste — disse Mona. — Quinn, vou alegrar você. Você já leu *Hamlet*? Quer ler para mim algum dia na clínica?

— Eu adoraria — respondi.

Todos tínhamos visto o *Hamlet* marcante que Kenneth Branagh interpretara no cinema e gostamos demais, e é claro que eu conhecia muito bem a cena de Ofélia na água. Eu queria contar a eles o que frei Kevin tinha dito sobre falar com espíritos, baseado no que aconteceu com Hamlet, mas

não tinha certeza da minha opinião, por isso deixei para lá.

O resto da noite foi maravilhoso. Conversamos sobre muitas coisas. Michael Curry adorava livros, como minha ex-professora Lynelle adorava, e ele achava fabuloso Nash Penfield ser meu novo professor, e considerou perfeitamente normal eu jamais ter freqüentado uma escola.

Rowan concordou plenamente que eu não perdia nada com isso, que com exceção de uma proporção ínfima de crianças americanas que freqüentavam escolas de nível altíssimo, a ‘experiência da educação institucionalizada’ era mais dolorosa e inútil do que qualquer outra coisa.

Stirling Oliver achava incrível e maravilhoso eu estar tendo uma educação tão profunda, e cogitou em voz alta como seria se muitos outros jovens pudessem gozar de tais benefícios. Quanto ao Tommy, que eu descrevi para todos, acharam que ele e os irmãos e irmãs deviam ter ‘todas as chances’. Não era brincar de Deus mostrar outro mundo para eles.

Fiquei muito surpreso com tudo isso, e nem senti vontade de voltar para casa. Queria morar naquela casa com Michael e Rowan e Mona para sempre. Queria estar com Stirling para sempre. Mas por outro lado, mal podia esperar para chegar em casa. Mal podia esperar para poder ser ‘eu’ de novo, porque tinha sido muito bem aceito. Queria contar para Nash e tia Queen. Queria iniciar meus estudos com Nash. Queria preparar-me para minhas visitas a Mona. Queria mais uma vez adiar a minha viagem para a Europa.

Agora, quanto a isso, ao adiamento da minha viagem, Michael tinha uma sugestão. Por que não ir por apenas umas duas semanas?

— Pode-se ver bastante coisa na Europa nesse tempo — ele disse para mim. — E se tiver de escolher um país, então deixe-me sugerir Ingla-

terra ou Itália. Qualquer um dos dois fará você voltar transformado.

Todos concordaram que era uma boa idéia. Stirling e Rowan também sugeriram a Itália. Tive de admitir que era uma boa idéia. Satisfaria o desejo de tia Queen por algum tempo e Mona ficaria à minha espera, ela prometeu, para ouvir todas as minhas aventuras quando eu retornasse.

Aí Clem apareceu para me buscar e, apesar de a conversa estar muito animada, com Michael descrevendo sua viagem pela Itália, eu sabia que era hora de ir.

Além do mais, estava ficando realmente bêbado.

Na varanda da frente eu abracei Mona, prometi telefonar no dia seguinte para saber o horário em que poderia ir visitá-la na clínica Mayfair.

— Eu passo a minha vida lá, ilustre e belo rapaz — ela disse. — Escolha uma hora, qualquer hora.

— Quando é que você fica desanimada?

— Às quatro. Fico muito cansada. Começo a chorar.

— Vou para lá às duas e fico com você o tempo que quiser.

— Então será até as seis — ela disse. — Depois vamos jantar no Grand Luminière Café.

— Você pode me mandar embora então, ou ter a minha companhia, conforme preferir. Não imponho condição nenhuma.

— Você realmente me ama, não é?

— Apaixonada e eternamente.

Nossos beijos de despedida foram longos e saudosos, e inebriantemente doces.

Então Michael Curry foi comigo até o portão, que precisava de chave para abrir.

Ele me abraçou e me segurou com força, depois me beijou, ao estilo europeu, dos dois lados do rosto.

— Você é um bom rapaz, Quinn — ele disse.

— Obrigado, Michael. Eu realmente a amo.

Assim que Goblin e eu nos instalamos no banco de trás da limusine eu desandei a chorar.

Fomos rodando e eu não conseguia parar de chorar. Quando atravessamos as águas negras do lago Pontchartrain, Goblin pôs o braço no meu ombro e disse com sua voz grave, um pouco como Ariel em *A tempestade*.

— Sinto muito, Quinn. Se eu fosse humano, choraria também.”

“ — FAZIA ALGUM TEMPO que tia Queen não recebia com toda pompa no seu quarto, ou *boudoir*, como o chamávamos em tais ocasiões, mas quando entrei na casa fui informado por uma Jasmine em trajes exóticos — um vestido preto colante e saltos impossivelmente altos — de que aquela era uma noite especial.

Ela recebia Nash, é claro, porque os dois estavam se dando muito melhor do que tia Queen nem sequer imaginara, mas também um visitante que chegara para presentear-lá com camafeus deslumbrantes que tia Queen nunca tinha visto antes. Jasmine revirou os olhos e, erguendo as sobrancelhas, confessou-me:

— Todos feitos com pedras preciosas.

Pediram-me solenemente que subisse, vestisse meu melhor terno italiano com camisa inglesa feita à mão, sapatos de igreja e descesse para conhecer o portador de tão espantosos presentes. Como eu já estava vestido, não foi muito trabalho.

Depois da visita à corte dos Mayfair, achei bem-vinda a distração. O álcool que eu tinha bebido já perdera o efeito e eu estava eletrizado de amor e preocupação por Mona, e não ia conseguir dormir de jeito nenhum. A noite parecia minha inimiga, com meu assustado Goblin sem dúvida pairando por perto, e eu queria as luzes e a conversa animada do quarto de tia Queen.

— Venha, Goblin — eu disse. — Vamos juntos. Temos ficado separados tempo demais ultimamente, você sabe disso. Venha comigo.

— O mal, Quinn — ele respondeu com a cara triste, o que me sur-

preendeu. O mal estaria no quarto de tia Queen? Porém ele estava vestido igual a mim, até na costura à mão do colarinho e no verniz do couro do sapato, e desceu a escada comigo. Senti a sua mão direita na minha mão esquerda. Senti uma pressão suave e depois seus lábios macios no meu rosto.

— Eu te amo, Quinn — ele disse.

— E eu amo você, Goblin — eu respondi.

Tudo isso foi bastante inesperado, assim como o convite para ir ao quarto de minha tia. Torci para que a noite continuasse me proporcionando coisas maravilhosas. Esperava não ter de enfrentar de repente a notícia de que Mona estava gravemente doente e que podia não sobreviver, de que isso era exatamente o que ela e a família tinham tentado me dizer o tempo todo naquele jantar animado e de que a explosão de pessimismo de Rowan Mayfair fora a admissão nua e crua da verdade.

Aquilo que Mona tinha dito, ‘apagar como uma lâmpada queimada’.

Tudo era luz e risos na Mansão Blackwood. Um grupo de hóspedes estava ao piano na sala de estar, e na sala de jantar havia um outro grupo jogando cartas.

Passei por todos com um sorriso alegre e um aceno e fui para o quarto dos fundos, encontrei a porta entreaberta, abri completamente bem devagar e anunciei a minha presença para o animado grupo lá dentro.

O grupo formava um círculo, tia Queen em toda sua glória, com um de seus inestimáveis *negligées* brancos de plumas e uma fita branca com um camafeu glorioso no pescoço. Calçava saltos altos como sempre e à sua frente estava Nash, de smoking para a ocasião. Ele se levantou quando entrei, como se eu merecesse tal coisa, e eu não merecia.

Cindy, a enfermeira, de uniforme imaculadamente branco, também se

levantou, beijou meu rosto e fiquei muito contente com isso.

E então eu vi, com toda clareza, o convidado de honra, o generoso portador dos belos camafeus, o recém-chegado à Mansão Blackwood, sentado bem à minha frente, que não se levantou e que não tinha motivo para se levantar quando nossos olhos se encontraram.

Inicialmente eu não consegui identificar o que vi. Eu sabia, mas não sabia. Compreendi mas não compreendi. Tudo estava perfeitamente claro. Nada era claro. Então bem devagar a minha mente absorveu os detalhes, e vou registrá-los aqui para marcá-los na sua mente, para que você também entenda o que eu entendi naquele momento.

Eu não tinha dúvida de que ele era o desconhecido misterioso. Conhecia o formato da cabeça dele. Conhecia a forma e aquele tipo de ombros. Conhecia a testa quadrada e alta com as belas têmporas arredondadas, e as sobrancelhas pretas e os grandes olhos pretos. Conhecia a boca rasgada e o sorriso. Eu até conhecia o cabelo preto comprido.

No entanto o cabelo dele não estava preso. Não, sobre os ombros do desconhecido caía uma linda profusão de ondas e cachos. E era perfeitamente óbvio, pelo corte bem-feito do colete de cetim preto do estranho misterioso, que ele tinha seios fartos. Porém o resto do smoking, paletó e calças, indicava um corpo de homem, e de fato o homem misterioso, apesar da pele brilhante e dos lábios pintados, tinha cerca de um metro e oitenta de altura e um queixo marcante.

Era um homem? Uma mulher? Eu não tinha idéia.

E o que quer que fosse, estava lá sentado, de lado na cadeira, com o braço direito no encosto alto e as pernas compridas confortavelmente para frente, a mão esquerda no colo. Ele me desafiava com seu silêncio, com seu

sorriso malicioso, e tia Queen segurou a mão dele.

— Quinn, querido — ela disse. — Venha aqui para conhecer Petronia. Ela me trouxe os camafeus mais exóticos, feitos por ela.

Choque. Coração acelerado. Fúria e delírio misturados em mim como nunca.

— O prazer é todo meu, Petronia — eu disse e senti todo o álcool que havia bebido subir à cabeça outra vez. — Mas você é muito linda, permita-me ousar dizer. Eu a tinha visto duas ou três vezes ao luar antes, mas só podia imaginar.

— Generosidade sua — ela disse e ouvi exatamente a mesma voz que ouvira na noite anterior, baixa e suave, claro que era mulher. Ou não era?

— E você acabou de estar com sua raposa ruiva — ela continuou. — Era de se esperar que estivesse meio cego com a luz dela.

— Ela não é uma raposa em sentido nenhum — eu declarei, o rosto afogueado. — Mas não permita que eu me torne irritante tendo de defendê-la. É um prazer podermos ser formalmente apresentados um ao outro.

Ela virou para tia Queen rindo baixinho.

— Ele é um cavalheiro bem versátil — ela disse e olhou de novo para mim com os olhos brilhando. — Eu realmente pensei que ia gostar de você se nos conhecêssemos melhor. E, por favor, pare de tentar resolver se sou homem ou mulher. O fato é que sou em grande parte os dois e, portanto, nenhum dos dois. Eu estava exatamente explicando isso a sua tia. Eu nasci dotada com os melhores traços de ambos os sexos e me inclino ora para um lado ora para outro quando quero.

Nash pegou uma cadeira para eu participar do círculo. Jasmine serviu

champanhe na minha tulipa. Sentei diante daquele espetáculo, daquela criatura, e senti Goblin pondo a mão no meu ombro.

— Cuidado, Quinn — ele disse para mim.

E fez bem mesmo de dizer isso, porque eu estava perigosamente febril, minha mente e minha alma, e mais uma vez embriagado. Estava atônito com o que acontecia e imensamente estimulado.

Vi os olhos da misteriosa desconhecida olharem para a minha esquerda, onde Goblin estava, mas ela não podia vê-lo. Apenas sabia que Goblin estava lá.

— Então você pensa em mim como mulher — ela disse para mim.
— Perdoe-me por ler a sua mente, é uma característica que não consigo domesticar. Quando se é abençoado com esse dom ele costuma correr solto.

— É mesmo? — disse tia Queen. — Quer dizer que é espontâneo? Você simplesmente ouve os pensamentos das pessoas?

— De algumas mais do que de outras — ela disse. — Os pensamentos de Quinn chegam com muita clareza. E que jovem brilhante você é.

— É o que as pessoas dizem — eu disse. — E por que o mausoléu na ilha de Sugar Devil tem seu nome?

— É o nome da tataravó de Petronia, Quinn — disse tia Queen, obviamente procurando amenizar a minha entrada na conversa. — Estivemos conversando exatamente sobre essa pessoa, e sobre a questão da reencarnação. Petronia acredita muito nisso, e acha que acontece sempre na família dela, e tem sonhos estranhos com uma época na antiga Pompéia.

Tive um pressentimento terrível. *Antiga Pompéia.*

Goblin apertava a minha mão. A desconhecida misteriosa olhava fi-

xamente para mim e eu podia jurar que vi o Vesúvio sobre a cidade, rugindo e cuspidando sua nuvem fatal para o céu, lançando o pânico na cidade lá embaixo. As pessoas corriam gritando pelas ruas estreitas. A terra tremia. A nuvem cobriu o céu. *Eu vi*. Petronia olhava para mim. Estávamos lá e estávamos aqui. Tia Queen dizia qualquer coisa. A chuva de cinzas se transformou em torrente.

Eu fiquei tonto. Sim, senti aquela tontura, o sintoma fatal.

— Como são esses sonhos estranhos que você tem com Pompéia?

— Nash perguntou com sua maravilhosa voz profunda.

— Ah, eles são realmente trágicos — respondeu a voz baixa. — Eu me vejo como uma escrava na época, fazendo camafeus, chefe de uma oficina de artesãos que fabricam camafeus, e meu senhor nos avisou que a erupção ia acontecer, eu corro pelas ruas tentando avisar os cidadãos. Saíam da cidade. A montanha trará destruição. Mas eles não acreditam. Eles não me dão atenção.

Eu via tudo enquanto ela falava. Eu a via com seu cabelo preto, comprido e cheio, mas de túnica de homem, correndo pelas ruas estreitas de pedra, batendo nas portas, segurando as pessoas pelos ombros.

— Saíam, saíam agora. A montanha está explodindo. Vai destruir a cidade. Não há mais tempo.

Eu via os prédios em volta dela, uma pequena cidade com paredes de alvenaria, e ela uma beleza alta, curiosa e monstruosa. E ninguém ouvia. Finalmente ela tirou os escravos das suas bancadas de trabalho. Não. Eu não vi apenas. Eu estava lá!

Eles guardaram os camafeus em sacos.

— Não há tempo para isso! — ela disse. — Corram!

E todos nós, escravos, homens livres, mulheres gritando, crianças, corremos para a praia. O rugido da montanha era monstruoso e ensurdecedor. Eu vi a nuvem negra se espalhando pelo céu. O dia desapareceu. A noite desceu sobre nós. Tínhamos entrado num barco e remávamos depressa para longe nas águas encapeladas da baía. Barcos apinhados de gente por toda parte. Mais uma vez ouvimos a voz da montanha. E então uma faísca de fogo na escuridão. Pompéia ia morrer em pouco tempo.

Ela sentou no barco. Eu estava com ela. Ela chorava. Enormes pedras rolavam montanha abaixo. As pessoas corriam das pedras imensas. Caos nas praias. A terra tremia embaixo dos que tentavam fugir em suas carroças. Ela não parava de soluçar. Os outros artesãos olhavam para trás, fascinados. A chuva de cinzas caiu sobre a cidade, sobre a água. As águas da baía ficaram negras. Os barcos balançavam. Barcos viravam. Os remadores aceleravam. Estávamos saindo da zona de perigo. Estávamos atravessando a baía para um lugar seguro. Mas o horror pairava sobre nós. A montanha uivava e cuspiu seus venenos mortais. No barco segurei a mão trêmula dela. Ela soluçava, soluçava por aqueles que não lhe deram ouvidos, os que não fugiram quando ela avisou. Soluçava pelos camafeus perdidos, pelos tesouros perdidos. Soluçava pela cidade que desaparecia rapidamente numa névoa maligna de cinzas e fumaça.

‘Eu não estou lá!’, disse para mim mesmo. Tentei mover meus lábios e dizer isso em voz alta, tentei afastar essa visão, tentei voltar dela, tentei saber onde eu estava, mas não queria deixá-la aos prantos no barco, e à nossa volta havia mais barcos e pessoas gritando e chorando, gemendo e apon-tando. Meus olhos queimavam. E a noite cobriu o dia, e parecia eterna, sem

esperança.

Então veio o choque elétrico da mão de Goblin. Ele pôs os dedos na minha mão esquerda como sempre fazia e abri os olhos. Olhei para ela, vi e ouvi sua voz baixa fluindo como um riacho enquanto ela falava com tia Queen.

— Esses sonhos estranhos — ela disse — levam-me a acreditar que já vivi lá, conheci o povo, sofri, morri. Eu era como sou agora, parte homem, parte mulher. Adorava fazer camafeus. Eu me dedicava a isso com o mais completo fascínio. Não sei como podem viver as pessoas que não se sentem fascinadas por nada.

Meu coração batia descompassado no peito e eu não conseguia me livrar da tontura. Olhei para Nash. Vi que os olhos dele estavam vidrados. Até tia Queen parecia em transe, de olhos arregalados, olhando para aquele ser, aquela criatura alta de seios grandes com sua juba de cabelos negros.

Estremeci. Queria me livrar daquele torpor, daquele encantamento. Não ia me deixar aprisionar, não. Impulsivamente, estendi o braço, com a mão de Goblin sobre a minha, e tentei segurar a mão de Petronia. Ela a princípio aceitou a minha mão, mas depois puxou a dela para trás de repente, como se tivesse sido picada por uma abelha, por causa do toque de Goblin.

Ouvi a risada secreta de Goblin.

— Maligno, Quinn — ele disse para mim. — Maligno!

Os olhos de Petronia procuraram Goblin, mas não podiam vê-lo. Virei para Goblin e o vi inteiro e com medo. Então ele disse aquelas palavras que explicavam tudo e nada.

— Não-vivo.

O que eu senti foi ainda mais incrível, um espírito como Goblin, elétrico, poderoso, pronto para formar uma corrente através de Goblin até mim. Não consegui entender seus princípios. Mas era sobrecarregado e aterrador. E voltei a sentir raiva. Como é que aquele ser ousava brincar comigo? Como ousava brincar com todos nós?

Nesse meio tempo a voz dela continuava a falar baixinho.

— Então eu aprendi a arte de fazê-los porque eu os adorava, e sabendo da sua estima por eles, tive de trazer esses para pôr junto com os seus. Faz muito tempo que estive na ilha e é claro que fiquei sabendo da história de que minha tataravó queria ser enterrada lá, só que isso nunca aconteceu.

— É, nunca aconteceu, não é? — eu disse. — E a noite passada você me agarrou lá fora com uma gravata e disse o que queria que eu fizesse na Ermida, não foi? E antes disso, você invadiu o meu quarto e me arrastou da cama!

Eu me levantei e cresci diante dela, que ficou sentada sorrindo para mim.

— Eu a vi se desfazendo daqueles corpos — eu disse. — Sei que foi você. E você vem aqui para ser recebida pela pessoa que mais amo neste mundo!

— Quinn, querido — gritou tia Queen. — Você perdeu o juízo?

— Tia Queen, foi ela! Estou dizendo que ela é o desconhecido misterioso. É ela!

Nash também ficou de pé, tentou me segurar pelos ombros e me afastar, e lentamente Petronia levantou da cadeira com seu mais de um metro e oitenta, e cada centímetro desse metro e oitenta deixou de ser feminino e

passou a ser masculino, olhando tranqüilamente para mim e ostentando satisfação no belo sorriso.

Tia Queen ficou histérica.

Nash implorava para eu me calar.

— Negue isso, eu desafio você a negar — eu disse. — Diga que não entrou no meu quarto e me arrastou da cama.

— Sra. McQueen — ele respondeu. — Não estive nesta casa em nenhum momento antes dessa noite.

— Meu Deus do céu, sabe muito bem que estive — eu exclamei como Ofélia no Hamlet. — Você entrou no meu quarto. Atacou-me lá fora. Fez ameaças. Sabe que fez. Você veio aqui para me atormentar. Tem de ser esse o motivo. Está brincando comigo. É uma brincadeira e você acha divertido. Começou com aqueles corpos, dos quais se livrou ao luar, sabendo que eu estava na ilha e que o vi lá.

— Quinn, cale-se! — exigiu tia Queen e eu nunca ouvi minha tia gritar daquele jeito, uma ordem sem rodeios. — Não admito isso — ela disse, trêmula.

— Acho melhor eu ir — disse Petronia, segurando a mão de tia Queen.

— Eu sinto muito — disse tia Queen. — Sinto muitíssimo mesmo.

— A senhora foi muito gentil comigo — ela disse com a mesma voz feminina. — Nunca esquecerei isso.

Ele virou seu rosto bonito para mim e vi a mulher nele, e então se foi, com os ombros retos e passos largos, o maravilhoso cabelo esvoaçando, e ouvi a pesada vibração da porta da frente.

Todos à minha volta estavam chocados. Cindy, a enfermeira, estava

muito preocupada. Nash não sabia o que devia fazer, nem para quem. E eu me sentei, consciente de estar bêbado e de que ia vomitar, e tia Queen olhava para mim com muita raiva e desapontada. Jasmine balançava a cabeça.

Tia Queen finalmente afundou na poltrona e falou.

— Você espera sinceramente que alguém acredite nas coisas que você disse?

— É tudo verdade — eu disse. — Como pode acreditar nela e não acreditar em mim? O que foi que ela disse a você, que era homem e mulher, um pouco de cada e nenhum dos dois? Você acreditou nisso? E que ela acredita em reencarnação? Acredita nisso? Que ela fez os camafeus e deu para você? Você acredita nisso? E que o mausoléu na ilha foi feito para a tataravó dela. Acredita nisso? Eu estou afirmando que ela me atacou. Ou ele me atacou. E ele tem a força de um homem, isso eu posso garantir. E ele lê mentes e isso é perigoso. E todo o resto das coisas que eu disse, o tempo todo, é tudo verdade.

Tia Queen não conseguia olhar para mim. Cindy deu-lhe chocolate quente. Que ficou na xícara intocado.

— Onde você esteve esta noite? — perguntou tia Queen.

— Eu jantei com os Mayfair. Fui para lá às duas da tarde. — Parei de falar, mas para que esconder qualquer coisa? Tinha de contar tudo para tia Queen, não tinha? Ela precisava saber tudo que eu sentia. Por isso expus tudo.

— Vi um espírito quando estava lá. Conversei com ele. Ficamos conversando uns vinte minutos ou mais e eu não sabia que era um fantasma. Era o espírito de Julien Mayfair, e ele disse que teve relações com a mulher do meu avô William, e que eu descendo dele.

Tia Queen suspirou.

— Você está delirando, completamente louco.

— Não estou delirando — eu disse. — Fiquei um pouco alterado, sim, por causa da afronta daquela criatura, mas não estou delirando, não estou nada. Esse é um estado muito pior, você não acha?

— O que eu faço? — ela perguntou.

— Deixe-me chamar Stirling Oliver. Talvez ele possa comprovar a minha sanidade. Ele vê Goblin. Ele estava no jantar esta noite. Preciso vê-lo e conversar com ele. Tenho de dizer o que sinto em relação a essa criatura! Preciso falar com ele. Não me sinto seguro. Acho que ninguém está seguro com essa criatura. Ele vai ajudá-la a entender.

— E você acha que sou eu que preciso entender alguma coisa?

— Eu não sei, tia Queen. Eu quero matar essa criatura, é tudo que posso dizer. E há algo muito malévolos e terrível nesse ser. Não é só o fato de ser hermafrodita, isso eu poderia muito bem suportar e até achar fascinante. É outra coisa. Goblin sente isso. Goblin a chama de maligna. Eu estou dizendo que a criatura me assusta. Você precisa entender pelo menos que eu acredito no que estou dizendo, mesmo que você não acredite.

Ela não olhava para mim.

Eu fui para o banheiro. Vomitei. E depois de algum tempo consegui beber um copo de papel cheio de água. E então saí do banheiro. Estavam todos lá, no mesmo estado de choque de antes. Pedi desculpas a todos.

— Mas vocês precisam ver — eu disse — do meu ponto de vista. Vocês têm de compreender como foi a minha experiência com essa criatura. E depois chegar em casa e encontrá-la com a minha tia Queen.

Nash sugeriu gentilmente que talvez fosse melhor eu ir para a cama.

De fato eu parecia muito cansado. Concordei imediatamente, mas não podia me recolher sem antes afirmar que o desconhecido, que se chamava Petronia, não respeitava o fato de eu estar na cama ou fora dela.

Mas quando me abaixei para beijar tia Queen, ela foi amorosa comigo, e eu fui mais carinhoso do que nunca com ela, disse que realmente tinha falado a verdade.

— Nós vamos procurar o sr. Oliver — ela disse. — Vamos pedir a ele que venha aqui amanhã. E vamos conversar com ele. O que acha?

— Eu te amo muito — sussurrei. — E tem muita coisa que preciso contar sobre Mona.

— Amanhã, meu querido — ela disse.

Mal consegui me arrastar escada acima. E logo que senti a maciez da camisola de flanela já estava sonhando com Mona, abraçado com Grande Ramona, uma idéia aqui e ali de conversas que teria com Nash rondando a minha mente. De vez em quando acordava assustado, com medo do ataque de Petronia, estranha e maligna Petronia, querendo me machucar, querendo me destruir, mas era apenas imaginação e embriaguez, e finalmente adormeci profunda e tranqüilamente.”

“ — ERAM cerca de nove horas da manhã quando liguei para Stirling e, sem conseguir me conter, contei a ele toda a história dos acontecimentos recentes e convidei-o para jantar e discuti-los com mais detalhes. Talvez eu quisesse que ele soubesse que aquele convite tinha um objetivo mais sério. Achei que seria apenas justo.

Ele me surpreendeu. Insistiu para almoçarmos juntos. Perguntou se não seria inconveniente demais se nos encontrássemos ao meio-dia. Fui consultar tia Queen imediatamente. Encontrei-a já acordada, sentada na sua *chaise longue*, assistindo a um filme, rezando seu terço e tomando sorvete de morango. Fiquei contente porque ela concordou logo com o almoço.

Stirling viria à Mansão Blackwood? Claro que sim.

Como a Mansão Blackwood estava lotada de hóspedes, arrumamos a pequena mesa no quarto de tia Queen. Forraram a sua cama com a melhor colcha de cetim, espalhando sobre ela uma grande coleção de bonecas com faces vermelhas, todas com roupas de melindrosa.

Stirling chegou pontualmente faltando cinco minutos para o meio-dia, mas as flores, um enorme vaso de rosas cor-de-rosa, chegaram antes dele, e nos reunimos no quarto de tia Queen para comer o melhor escalopinho de vitela feito por Jasmine, massa e vinho branco. Nash, que diversas vezes cerimoniosamente quis se ausentar, juntou-se a nós, e para meu espanto tia Queen começou logo a falar da ‘estranha história’ de Petronia, de como ela ou ele — variava no meio da história porque às vezes tia Queen encarava Petronia de forma diferente — tinha chegado à Mansão Blackwo-

od com os camafeus de presente, que então foram apresentados para Stirling inspecionar.

Era a primeira vez que eu via aquelas peças inestimáveis, e eram mesmo inestimáveis. Porque não eram camafeus na acepção comum da palavra, isto é, enfeites esculpidos em conchas ou pedras contrastantes. Eram figuras esculpidas em pedras preciosas, e nesse caso as pedras preciosas eram grandes ametistas e esmeraldas do Brasil. Apesar de as ametistas não serem mais pedras preciosas caras, devido à descoberta de inúmeras jazidas no Novo Mundo, as esmeraldas são bastante valiosas. E a escultura dessas figuras, representando diferentes divindades romanas, era excelente, para não dizer absolutamente magnífica.

Eram quatro camafeus e tia Queen tinha ficado imensamente grata com esse tributo, mas eu cheguei em casa, criando a maior confusão, e tia Queen tinha certeza de que eu devia uma explicação.

Eu expliquei. Comecei do início. Expliquei tudo. Comi vitela com massa e entornei vinho branco, esquecendo de limpar os lábios antes de beber cada taça, mas eu estava contando minha história cheio de paixão, começando com as visões de Rebeca e de como cheguei à ilha, o que eu vi lá à luz do luar, e de como as coisas se desenrolaram a partir daí. Conteí que queimei os livros do invasor num acesso de raiva e que ele ou ela me atacou, e assim por diante. Não omiti nada.

Jasmine trazia pratos e mais pratos de vitela e massa para mim. Eu devorava tudo feliz da vida.

— É isso aí — eu disse. — E depois Goblin disse no meu ouvido ‘Maligna, Quinn’, e aquele choque quando peguei a mão de Petronia, aquela sensação de eletricidade passando por Goblin e chegando a mim! E essa

coisa, esse ser, essa criatura, esse intruso que me ameaça, ele não pode ver Goblin, mas sabe que Goblin está lá. Sabe que Goblin pode jogar cacos de vidro nele, e apesar de toda a sua velocidade e força, ele não quer se cortar.

Finalmente parei de falar. Sabia que tia Queen e Nash estavam me observando. Sabia que observavam Stirling também.

— Não — disse Stirling calmamente. Ele tinha acabado de comer apesar de fazer muitas pausas para olhar para mim muito atento. — A coisa não quer se cortar.

— Você diz ‘a coisa’ por causa de sua sexualidade ambígua? — Nash perguntou polidamente. Havia uma tensão sutil entre Nash e Stirling. Eu não sabia o que era.

— Não, acho que não é isso — disse Stirling. — Espero que não. Mas quem sabe? Digamos que ela não quer se cortar.

— Acredita no meu sobrinho? — perguntou tia Queen. — Tudo isso tem algum sentido para você? — Ela usou um tom de voz muito gentil. Estava sentada à minha direita e pressionou um pouco meu ombro enquanto falava. — Meu sobrinho está preparado para o que tiver de dizer.

— Sim, estou preparado — eu disse. — Sei que é uma pessoa franca e sincera. Michael e Rowan o respeitam. Mona o respeita. Sei o que vejo em você. Diga no que acredita.

— Muito bem — disse Stirling. Ele bebeu mais um gole do vinho e largou o cálice. — Primeiro quero aconselhá-lo como se fosse meu filho. Vá embora agora. Faça a viagem com sua tia Queen, a viagem que ela quer que faça. Não, não se aborreça comigo. Deixe-me explicar. Mona Mayfair está doente. Mas ela ainda pode piorar. O momento para deixar Mona é agora. Obviamente escreverá para ela, vai telefonar, manter contato com ela. E

quando, e se acontecer o pior, talvez com a permissão da sua tia você possa voltar para casa.

— Ah, é claro — disse tia Queen. — Acho que esse modo de ver as coisas é muito sensato e podemos confirmar com o dr. Winn Mayfair se ele concorda ou não. Podemos conversar com a dra. Rowan Mayfair. E é claro, Quinn, você falará com Mona.

— Agora deixem-me explicar melhor — disse Stirling. — Eu acho que você deve partir nessa viagem agora mesmo. Acho que deve se afastar de Petronia. Acho que deveria viajar esta noite ainda, se puder, se não hoje, amanhã, e se não puder amanhã, depois de amanhã. Mas vá. E vá depressa, e nesse meio-tempo faça todas as reformas na Ermida da ilha, exatamente como a criatura insistiu, mas nunca, nunca mesmo deixe um operário na ilha de Sugar Devil depois que escurecer.

— Ora, isso não será problema — eu me apressei em dizer. — Esses caras chegam às seis da manhã e querem estar de volta em casa, na frente da televisão com uma cerveja na mão às quatro da tarde.

Mas minha observação rápida não amenizou a reação de tia Queen a essa última observação de Stirling, como eu esperava.

— Está dizendo que tudo que Quinn viu... aconteceu? — ela perguntou.

— É, estou dizendo isso — disse Stirling. — Ele é lúcido. Se testemunhasse num tribunal eu acreditaria nele. Acredito nele aqui e agora.

— Stirling Oliver, está me dizendo que o pântano por aqui está infestado de vampiros? — insistiu minha tia.

— Não, não estou dizendo isso, sra. McQueen, porque se estivesse, ia me considerar louco e não levaria a sério tudo o mais que eu disse. Diga-

mos apenas que Petronia é uma criatura de hábitos noturnos e acostumada a ter a ilha de Sugar Devil só para ela. Ora, uma noite, pensando estar sozinha, ela foi flagrada pelo senhorio, e conseqüentemente iniciou um jogo de gato e rato com ele, e tem sido inimigo dele desde então.

— Então acredita mesmo nisso — disse tia Queen.

— Definitivamente, sim. Mas o que é importante é isso. Faça o que a criatura quer agora mesmo. Reforme a Ermida. E tire Quinn de perto. Faça a viagem para a Europa. E espere ter enormes contas de ligações internacionais em todos os hotéis. Esse rapaz está muito apaixonado por Mona Mayfair, isso eu sei muito bem pelo que eu vi com meus próprios olhos.

— Não sei o que dizer, sr. Oliver — disse tia Queen, meio desanimada. Mas eu estava tremendamente feliz de terem acreditado em mim, mas não de abandonar Mona.

— Sra. McQueen — disse Stirling. — É melhor Quinn sair daqui com a senhora agora, sabe disso. A reforma da ilha pode muito bem ser feita sem a presença dele. E se ele nunca mais vir Petronia, melhor para ele, certamente concorda com isso.

— Sim, concordo.

— Então perdoe-me por isso, mas vou dizer uma coisa que vai tornar mais simples para Quinn chegar a essa decisão. Por favor acredite que uso esse poder com todo o respeito.

— Que poder é esse?

— O mesmo que Petronia afirmou ter e que quando entrei neste quarto hoje eu usei, acidentalmente como sempre, sem querer como sempre. Mas não pude evitar de saber que o seu médico esteve aqui mais cedo, e que ele disse que essa viagem à Europa tem de ser a sua última viagem.

— Oh, Meu Deus — ela suspirou. — Eu não queria que Quinn soubesse.

— Mas eu devia saber! — eu disse na mesma hora. Fiquei horrorizado.

— Tia Queen, nós vamos! Eu não fazia idéia de que o médico tinha estado aqui. Só preciso combinar isso com Mona. Mona vai compreender tudo.

— Meu coração estava sofrendo.

Jasmine apareceu de lugar nenhum naquele momento oportuno e declarou com toda a autoridade:

— O médico disse que não devia haver viagem nenhuma à Europa, foi isso que ele disse! E então tia Queen disse que ia viajar, mas o médico disse que essa viagem tinha de ser a última para ela, foi isso que aconteceu aqui esta manhã. Eu sei porque eu ouvi!

— Nós iremos — eu declarei. — Vamos todos juntos, e ficaremos o tempo que der.

Oh, minha preciosa Mona, o que mais posso fazer?

— É a melhor coisa — disse Stirling. — Vocês me convidaram para vir aqui, para ouvir essas histórias, e vou dizer uma coisa, baseado em tudo que ouvi, inclusive essa bisbilhotice mental imperdoável de que a senhora deve levar Quinn para bem longe daqui, para longe do gênio e dos caprichos de Petronia. Essa viagem é um grande prêmio para o seu sobrinho. Dê esse prêmio a ele enquanto pode. E dê esse prêmio a si mesma. A senhora merece esse maravilhoso presente dele.

— É, isso é verdade, tia Queen — eu disse. — Stirling, você é um mágico com as palavras. Extraíu a verdade da situação. Nós vamos viajar.

Só preciso falar com Mona.

— Bom, eu acho que essa é uma decisão maravilhosa — disse tia Queen. — Mas ainda tenho muitas dúvidas. Stirling, você fala como se conhecesse Petronia...

— Não, não sei nada sobre ela. Nunca ouvi falar desse nome. Eu apenas julguei pela história que contaram. Todos os elementos estavam presentes para eu chegar à conclusão de que ela tem hábitos noturnos. Por que outro motivo teria concordado em dividir o usufruto da Ermida com Quinn, ele durante o dia, ela à noite, se não gostasse do pântano depois que escurece? Pelo que sei poucas pessoas gostam, a não ser os caçadores de jacarés. Quanto ao resto dos seus hábitos, parece que ela é má e violenta, e Quinn demonstrou imensa coragem ao enfrentá-la. Imagino que ela deva ter saído daqui muito surpresa a noite passada.

— Ela parecia triunfante — eu disse. — E me fez passar por lunático.

— Mas você não é lunático — disse Stirling.

— Não, não é — disse tia Queen. — Estou imensamente aliviada. Você não é lunático. Mas, Stirling, você fala dela como se fosse alguma espécie de criatura.

— Não era essa a minha intenção — ele esclareceu. — Isso seria insensatez da minha parte. O que eu queria quando usei a palavra criatura era revelar a sensação de impessoalidade, eu acho. Como eu disse, estava tentando julgar baseado apenas nos fatos que vocês relataram. Acredito que ela seja uma ameaça para Quinn e que continuará brincando com ele se vocês permanecerem aqui. O mais importante agora é afastar-se.

— Nash, o que você acha? — perguntou tia Queen.

É claro que Nash guardava certo recato. Não era papel dele comentar qualquer coisa, mas tia Queen insistiu, já que ele tinha conhecido Petronia e testemunhado uma parte do que acontecera.

— Quinn me parece mais do que são — Nash explicou com sua voz profunda e firme. — Tenho de concordar. Quanto à viagem à Europa, acho uma idéia maravilhosa. Agora, Petronia, devo confessar que suas teorias sobre reencarnação me fizeram pensar. Ela afirmou que viveu na antiga Pompeia, conforme conversamos, e disse que testemunhou a erupção do Vesúvio, e devo confessar que senti uma leve, como diria, um pouco de...

— Desorientação — eu disse imediatamente.

— É, exatamente, senti uma espécie de desorientação quando ela falou, como se ela me hipnotizasse. Não me senti muito à vontade. E ficou uma sensação de confusão mental de que eu não gostei nada. Jamais teria mencionado isso, só estou respondendo à sua pergunta. Mas posso concluir que Petronia, fora isso, pareceu encantadora e talvez, talvez um pouco dissimulada.

— Como assim, dissimulada? — quis saber tia Queen.

— Quando uma pessoa hipnotiza uma sala cheia de gente, mas não avisa que vai fazer isso, aí há dissimulação — disse Nash. — Vocês não acham?

Fiquei muito impressionado com as coisas que ele disse. Eu esperava que Nash declarasse neutralidade, e passei a gostar mais dele por isso.

Terminamos o almoço, não sem antes eu acabar com toda vitela e massa no prato de Goblin, depois de eu pedir a sua permissão respeitosamente. — Jasmine e Grande Ramona tiraram os pratos e a mesa para que pudéssemos sentar e conversar.

Tia Queen fez as ligações necessárias para pôr nosso plano em prática. Nash informou que sua mala nem tinha sido desfeita. E apesar de meio zozzo eu perguntei se podia dar uma carona para Stirling pela Fazenda Blackwood para mostrar os antigos pastos e um pouco do pântano que dava para ver da estrada. Antes de pegar o carro eu ia levá-lo até o cemitério para ver os túmulos e a velha igreja.

Percebi que Nash e tia Queen não queriam me deixar sozinho com ele, mas não tinham como impedir, e assim que ficamos sozinhos, a caminho do cemitério, eu entendi perfeitamente por quê.

— Escute uma coisa — disse Stirling —, eu não quero assustar sua tia Queen, nem dizer coisas que possam gerar suspeitas em relação à minha sanidade mental, como agora ela suspeita da sua. Mas eu acredito piamente que você viu essa criatura jogando os corpos no pântano e quero que leve muito a sério o meu pedido de que você jamais, nunca mesmo, retorne à ilha de Sugar Devil à noite.

— Eu prometo — eu disse. — Se não fosse pelo sonho com Rebeca, eu nem teria ido lá a primeira vez.

— Isso é uma outra história — ele disse. — E no momento não posso fazer comentários sobre ela, mas reafirme sua promessa para mim e nunca fraqueje, e a partir de agora, por favor mantenha contato comigo. Entenda que sou seu amigo.

Tínhamos chegado aos túmulos e mostrei-lhe a lápide de Rebeca. É claro que ele conhecia toda a história. Entramos na pequena capela. Fiquei irritado de ver tantas folhas lá dentro. Teria de dizer para Allen varrer o lugar.

— Agora eu sou o homem da casa — eu disse e minha voz ecoou

das paredes de calcário. — Terei de administrá-la da Europa. Não será nada fácil.

— Há outra coisa que quero que prometa — ele disse, espiando pela porta como se quisesse se certificar de que ninguém se aproximava. — Se vir essa criatura de novo, procure não pensar em nada que ela possa ler na sua mente. Eu sei que isso é óbvio, mas procure utilizar técnicas definidas para limpar a sua mente de qualquer coisa importante. Não vai querer que ela descubra, por exemplo, como eu fiz esta tarde mesmo, que você tem um novo parente chamado Tommy Harrison, de quem passou a gostar — se não amar — num breve encontro ontem de manhã.

Fiquei chocado. Não tinha consciência de ter pensado em Tommy.

— É só dar isso para Petronia — disse Stirling — que ela usará contra você, da mesma forma que pode usar Mona. E acredite quando digo que também é bom tia Queen estar logo fora do alcance dela.

Eu estremeci.

— Tia Queen — sussurrei e então lembrei que Petronia tinha se despedido de tia Queen dizendo *a senhora foi muito gentil comigo, nunca esquecerei isso*.

— Gostaria de ter esse dom de ler mentes — eu disse. — Aí saberia o que você está escondendo.

— Não é um dom assim tão agradável — ele disse enquanto subíamos a encosta voltando para a casa. — Vocês não podem levar Tommy para a Europa com vocês, podem? — ele perguntou.

— Ah, isso seria esplêndido. Não vejo por que não. Aposto que Terry Sue ia permitir. Se fosse a Brittany, não. É a menininha. Ela é o burro de carga. Mas Tommy, Tommy é o sonhador que lê livros na floresta. Vou

conversar com tia Queen sobre isso.

— O que quer que faça, procure não fazer depois do anoitecer. Se tiver de fazer planos, e certamente terá, faça em Nova Orleans. Talvez no Grand Luminière Café da clínica Mayfair. Isso deve lhe dar tempo para ver Mona. Ela estará no centro o dia todo hoje, até a noite. Vou encontrar-me com ela, Michael e Rowan para jantar lá.

— Sabe de uma coisa, eu gosto do seu jeito direto, mas me espanta a facilidade com que dá suas sugestões. Mais uma vez sei que está escondendo alguma coisa.

— Olhe, vou dizer isso do fundo do meu coração. O que eu deixo de dizer é o que acho que não devo dizer e só isso. Leve sua tia Queen e Nash para jantar no Grand Luminière Café esta noite. Aceite o meu conselho.

— Mas por que é tão importante?

— Porque criaturas como Petronia não gostam de bruxas. E nunca vão aonde elas estão.

Fiquei atônito. Não entendi o que ele quis dizer.

— Ela lê mentes, não lê? E trapaceia com isso também, você não acha?

— Acho — eu disse.

— Pode acreditar em mim — ele disse. — Ela nunca chegará a cem metros da clínica Mayfair. Rowan Mayfair saberia na mesma hora que ela está à espreita. E Mona também.

— Mas o que quer dizer quando afirma que elas são bruxas, Stirling? Fomos andando até o Mercedes que estava no barracão. Abri a porta para ele e dei a volta para sentar no banco do motorista.

Ele esperou eu dar marcha a ré e embicar para a estrada. Passei na

frente da casa, virei à direita e segui pela longa alameda de nogueiras.

— Um bruxo, para nós da Talamasca, é um homem ou mulher mortal que é capaz de ver espíritos e de manipulá-los, invocar espíritos e exorcizá-los, comunicar-se com eles e controlá-los, falar com eles e ouvi-los falar.

— Então eu sou um bruxo — eu disse. — Por causa do Goblin.

— É muito provável mesmo — ele disse. — Mas acho que você não experimentou todos os aspectos que eu expliquei.

— É, não experimentei não. Mas acho que poderia. E se Rebeca voltar, meus poderes de exorcismo podem ser cobrados.

— Estarei à sua disposição se precisar de mim. Acho que Rebeca não vai tentá-lo em nenhum outro lugar, só aqui.

— É assim que acontece com fantasmas?

— Parte do tempo — ele disse. — Depende do tipo de assombração. Às vezes eles assombram uma pessoa, às vezes um lugar. Você sabe se Goblin é um espírito ou um fantasma?

— Ah, certamente um espírito. Ele não sabe de onde veio, nem para onde vai quando me deixa. Não há vida para ele fora da minha consciência. Ele deve estar conosco agora mesmo.

Tentei captar a presença dele e senti a pressão de sua mão no meu ombro em resposta. Vi seu rosto no espelho retrovisor. Ele estava muito perto de mim, é claro.

— Eu te amo, velho amigo — eu disse a ele.

Vi o rosto impassível dele se abrir num sorriso largo de criança.

— Você não sabe quanto precisei de você, meu amigo — eu disse para Goblin. — Essas últimas vinte e quatro horas foram uma loucura. — Era maravilhoso ver aquele sorriso.

Stirling sorriu.

O resto do tempo que ficamos sozinhos Stirling falou da Talamasca, reiterando o que Mona tinha dito, que eles existiam há séculos, que tinham uma rica biblioteca sobre o sobrenatural, que tinham um arquivo imenso sobre a família de Mona, confidencial, é claro.

— Ah, mas sabe, eu sou um Mayfair — eu disse. — Não sou? *Oncle Julien* disse que eu era, lembra?

— Bem lembrado. Mas agora você não tem tempo para a história dos Mayfair. Tem suas próprias aventuras. Vai partir numa odisséia. Já resolveu se vai levar o pequeno Tommy?

— Sou totalmente a favor. Mal posso esperar para consultar tia Queen. Mas tenho uma pergunta para você. Qual é a sua opinião sobre Nash?

— Um homem maravilhoso, muito culto, muito refinado. Ele será um professor e guia maravilhoso pela Europa. Você também não acha isso?

— Acho, mas senti que havia alguma coisa entre vocês, que vocês não se gostam. Estava errado?

— Você estava certo de sentir alguma coisa — ele disse. — Ele não gosta de mim. Suspeita dos meus motivos. Ele não compreende a natureza da Talamasca, e por não entender as nossas regras e o nosso papel ele me considera culpado de agir com interesses próprios. Quando você voltar para casa, se nos tornarmos amigos, como espero que aconteça, talvez ele mude de idéia. Por enquanto, por favor, não se preocupe com isso. Ele é uma excelente pessoa.

— Eu sei do que você está falando — eu disse. — Ele se sente inseguro demais porque sente atração por homens. Eu não.

— Você não? — ele perguntou.

— Pensei que você podia ler mentes — eu disse. — Espero que isso tenha soado agradavelmente. Era a minha intenção. Eu tive uma vida incomum, é o que eu devia ter dito. Perdi a minha virgindade com Rebeca, depois brinquei no chuveiro com Goblin e depois me apaixonei por Mona, e não sei bem o que virá depois. Se Mona se casar comigo, serei feliz até morrer.

Ele não disse nada.

— O que houve? — perguntei. — Será que estou sendo realista demais para o seu gosto?

— Não, nada disso. Eu estava só pensando em Mona, se devia ou não falar o que me veio à cabeça.

— Ah, por favor, fale. Gostaria de poder ler seus pensamentos.

— Se você se casar com ela, deverá ser até o dia em que ela morrer, e não você.

— Não. Isso não é verdade. Não é verdade. A dra. Rowan Mayfair sabe que não é verdade. Estão trabalhando nisso dia e noite. Vão reverter a doença de Mona. Quero dizer, vão impedir o seu avanço. Vão curá-la.

Não vai ser tão ruim assim. Provavelmente ela até vai... — Eu parei de falar. — Desculpe-me — eu disse.

— Você não me deve desculpas. Eu é que devo a você. Não devia ter dito isso. Ontem à noite pensei que você tinha entendido sobre o que eles estavam falando.

— Eu não quis entender. Mas eu sabia. Conversamos mais sobre a Talamasca.

Eu seria bem-vindo a Oak Haven a qualquer hora. Chegou a hora da despedida e levei Stirling até o carro dele. Era um belo Rolls-Royce marrom

com estofamento creme. Ele disse que a Talamasca mimava todos os seus membros com bons carros e boa mobília.

— E o que nós fazemos em troca? — ele perguntou retoricamente.
— Levamos uma vida de celibatários e trabalhamos como condenados.

— Gosto muito de você — eu disse. — Obrigado por ter vindo almoçar conosco e por ter me apoiado.

— Não tive escolha. Por favor, telefone quando puder. Para me contar o que está acontecendo. Aqui está um cartão para pôr no bolso da camisa, outro para o paletó e mais um para o bolso de dentro também. E olhe aqui, ponha mais este em algum outro lugar.

— Não se preocupe comigo, Stirling — eu disse. — Sei que estou muito mais bem servido com o seu conselho. Nunca mais vou à ilha à noite, e vou fazer o que eu puder para tirar todos dessa casa antes do anoitecer.

— É, e mais uma coisa também, Quinn. É muito complicado lutar contra um ser como Petronia, mas algo me diz que você fez bem em enfrentá-la, em ter usado Goblin como você fez, e eu não hesitaria em fazer isso no futuro. Espero que aproveite a sua viagem para a Europa. Espero que aproveite imensamente.

Despedi-me dele com relutância e fiquei olhando até o carro percorrer o longo caminho da alameda arborizada e virar na direção da autoestrada. Ele parecia um homem sensato. E hoje fico pensando que tudo poderia ter sido diferente se eu tivesse confiado mais nele, se acreditasse mais nele, se não tivesse ficado contra ele e todo mundo, com meu orgulho e impetuosidade.”

“ — CORRI para dentro de casa. Tinha muita coisa a fazer e pretendia fazer tudo depressa. — Fiquei contente ao encontrar tia Queen e Nash já fazendo os planos para a aventura pela Europa.

— Tommy pode ir também? — perguntei. — Posso trazê-lo para cá em uma hora, com sua certidão de nascimento e todas as suas roupas.

Tia Queen ficou ruminando o assunto por um longo tempo e então, antes que eu pudesse defender a idéia, perguntou:

— Ele merece uma viagem assim, Tarquin?

— A palavra é exatamente essa — declarei. — Você escolheu muito bem. Ele merece sim, e será perfeito para ele. Vai ver que ele é um menino maravilhoso, eu juro. E se não concordar comigo, arranjamós uma babá para ele poder ter um programa diário só dele, mas isso não vai acontecer.

— Bom, então está bem, vamos levá-lo conosco.

— Preciso de dinheiro — eu respondi. — Caso Terry Sue invente alguma encrenca.

— Quer dizer que ela venderia o menino?

— Tia Queen, é para adoçar o trato com ela. O menino vale o pagamento do resgate. Terry Sue é apenas a mãe de seis crianças famintas.

Recebi logo o dinheiro em espécie e saí correndo. Goblin apareceu ao meu lado.

— Temos de ganhar essa parada, meu amigo — eu disse a ele. — Concorda comigo? O menino é brilhante. Não posso deixá-lo para trás.

— Você sempre sabe o que dizer, Tarquin — disse Goblin. — Mas

como posso ir com vocês à Europa? Tarquin, estou com medo.

Senti uma súbita pontada de medo por ele.

— Você está muito feliz, Tarquin — ele disse. — Não se esqueça de mim. Não esqueça que eu amo você. Não esqueça que eu estou aqui.

— Não, eu não esqueci. Vou segurar sua mão, já disse isso para você. Vou segurar sua mão na viagem para a Europa. É assim que nós vamos fazer. Você vai sentar ao meu lado no avião.

Voltei correndo para casa para me certificar de que tia Queen tinha compreendido que precisava reservar uma passagem extra na primeira classe para Goblin, ao que ela respondeu que nem sonharia em pôr um membro tão importante do nosso grupo na seção econômica, e que tipo de tia eu pensava que ela era?

Mais uma vez me dirigi ao trailer, mas Goblin, ao meu lado, continuava inseguro.

— A Europa é muito longe, Tarquin — ele disse.

— Isso não tem importância.

— Stirling disse que há dois tipos de assombração. Assombração de uma pessoa e assombração de um lugar.

— Nossa, você ouviu tudo, não foi? — perguntei a ele.

— Tudo não, Tarquin — ele respondeu. — Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo e às vezes queria poder. Eu iria para a casa-matriz da Talamasca, Tarquin, para aprender tudo sobre espíritos com eles, Tarquin, para ser o melhor espírito que existe. Eu sei que preciso que você me veja, Tarquin. Eu sei que amo você. Sei que essas coisas são verdade, mesmo quando odeio você, Tarquin.

— Isso nunca, Goblin — eu disse com firmeza. — Você tem seus al-

tos e baixos, é só isso. Mas fique quieto agora. Tenho de cumprir uma tarefa muito importante agora.

Cheguei ao trailer e vi que havia uma grande confusão lá, pois as ‘senhoras’ de Grady Breen estavam levando ‘tudo’ para a nova casa no loteamento Autumn Leaves, na periferia de Ruby River. Era esplêndido as coisas estarem acontecendo tão depressa! Eu tinha dado as ordens, mas nem acreditava. E quem veio falar comigo, se não o meu menino de nove anos, com seu cabelo preto encaracolado e o blazer azul-marinho da escola católica?

— Você quer ir para a Europa amanhã à noite? — eu perguntei. — Não estou brincando!

Ele ficou sem saber o que dizer. E então, lívido e gaguejando, ele balançou a cabeça e disse:

— Não posso deixar a Brittany.

— Outra vez eu a levo, eu juro. E vou dizer isso a ela pessoalmente. Está bem? Não posso tirá-la de Terry Sue agora. Você sabe disso.

Segurei o braço de Brittany quando ela se aproximou. Ela tinha ouvido o que eu ia dizer.

— Eu vou compensá-la, meu anjo, eu prometo — eu disse. — Deixe-me levá-lo agora nessa viagem e juro que levo você também muito em breve. Juro pelo que há de mais sagrado. Vou fazer muitas coisas boas.

— Ah, tudo bem — ela disse. — Tommy, você vai, é você que vive falando de livros e dessas coisas.

— Brittany, você vai se divertir na casa nova — eu continuei. — Vai ter novas amigas para brincar e uma nova escola, e vocês terão uma empregada para fazer o trabalho doméstico e uma babá para ajudar com os pequenos.

Ela não conseguiu absorver tudo. Deu para ver isso claramente. Mas ficou fascinada.

Terry Sue veio em nossa direção com o bebê no colo. Vestia um conjunto de poliéster cor-de-rosa e calçava sapatos de salto alto, o cabelo lavado e penteado, e exibia unhas postiças novas em folha.

— Por que está fazendo tudo isso por nós? — ela perguntou. — Pops nunca fez isso.

— Não importa. Apenas deixe-me levar Tommy para a Europa. Deixe-me levá-lo agora. Só preciso das roupas dele e da certidão de nascimento. Preciso chegar a Nova Orleans o quanto antes para tirar o passaporte dele.

— Ele não tem certidão de nascimento — ela disse. — Tommy, vá pegar suas roupas. Você disse Europa, quer dizer... Europa?

— Corra, Tommy — eu disse, e ele correu para o trailer. — Posso tirar a certidão de nascimento no juizado. Obrigado, Terry Sue. Aqui estão cinco mil dólares.

Ela ficou olhando espantada para o envelope.

— Para que isso? — perguntou.

— Eu ia lhe dar isso se não permitisse que ele viajasse. Parece-me que deve receber esse dinheiro por ter concordado.

— Você é maluco, Quinn Blackwood, como Pops sempre disse que você era. Ele disse que você nunca seria nada, mas pelo que vejo você é muita coisa!

— Ora, muito obrigado, Terry Sue. Isso é um consolo. Algum dia você me conta tudo que Pops disse. Por falar nisso, esse bebê não é dele, é?

— Eu não estou reclamando de nada, estou? — ela respondeu. — Eu não sei de quem é esse bebê, trate de ficar calado.

Tommy voou para cima de mim a toda velocidade, com todos os livros dele num braço e uma fronha com roupas pendurada no ombro. Eu recuei, dando risada, e abracei o menino.

— Você trate de obedecer ao Tarquin agora, Tommy Harrison, ouviu bem? — disse Terry Sue. — E faça seu dever de casa também.

Abracei Terry Sue e beijei a sua testa.

— Vou cuidar bem dele — eu disse. — Vou escrever para a diretoria da escola. Grady Breen cuidará de tudo como ele disse.

E lá fomos nós.

Claro que era tarde demais para tirar o passaporte em Nova Orleans, mas consegui a certidão de nascimento no juizado de Ruby River.

Então voltei para casa e sentei com Allen para explicar todas as reformas que seriam feitas na Ermida enquanto eu estivesse fora. Eu não tinha dúvida de que fazia aquilo por mim mesmo. Detestava e desprezava o desconhecido misterioso! A visão da Ermida era minha.

Graças ao pedido que fiz por escrito na noite anterior, Allen já tinha providenciado amostras de tinta e de mármore, e eu pude escolher as cores mais bonitas e o novo piso. Fiz alguns esboços da escada de bronze que queria e concordamos que tudo seria num estilo ‘barroco’. Chamariamos os arquitetos locais Busby, Bagot e Greene, que coordenavam todas as restaurações do período pré-guerra, pois eles poderiam nos aconselhar qual o desenho das janelas e como seria construído o banheiro, que eram coisas que eu realmente não podia fazer.

— Seja ousado — eu disse. — Você conhece o meu gosto, está com os meus esboços e pedidos. Não espere a minha aprovação. É mais importante tocar a obra. E lembre que vou manter contato com você. Mãos à o-

bra.

Eu percebi que ele ficou feliz de ter uma tarefa tão interessante para fazer. No entanto, balançou a cabeça e disse que seria difícil levar o mármore para lá, mas que ele sabia como fazer o piso e que não confiaria em ninguém a não ser em si mesmo. Quanto à pintura, bem, o mais difícil era a preparação, o que seria realmente trabalhoso, mas ele não confiava em ninguém a não ser em si mesmo.

— Você é o meu herói — eu disse. — Você consegue fazer. Agora uma última recomendação: jamais fique lá depois do anoitecer.

— Ah, nem precisa dizer — ele falou. — Vamos sair de lá por volta das três horas.

— Prometa — eu disse.

— Tem a minha promessa.

— Está bem, receberá meu primeiro telefonema na semana que vem. E assim as tarefas da maturidade foram completadas.

Por volta das quatro horas a ansiedade do entardecer me atacou com ferocidade sem precedentes. Pensei que o pântano estivesse se movimentando na direção da casa — a floresta de Birnam avançando sobre Dunsinane — e meu desejo de ver Mona ficou incontrollável.

Em todo esse tempo eu não esqueci dela nem por um segundo, nem do sofrimento que seria a despedida, pois ela nem mesmo sabia da minha viagem.

Tentei telefonar para a clínica Mayfair, mas não consegui falar. A telefonista disse que Mona não podia receber chamadas e o fato de não saber onde estava e o que estariam fazendo com ela era insuportável.

Assisti *Hamlet* no DVD para rever a cena de Ofélia se afogando e revi

inúmeras vezes a mesma cena e a de Gertrude (mãe de Hamlet) descrevendo como tudo aconteceu.

*Suas roupas espalhadas na água,
Fizeram-na boiar um breve instante como uma sereia;
E ela cantava antigas canções,
Como se não percebesse a sua desgraça.*

E por fim, quando a escuridão cresceu lá fora e os avisos de Stirling Oliver me tomaram de assalto, pensei em Rebeca e nos seus artifícios, e me lembrei de Petronia. Desci para dizer a tia Queen, que tagarelava com Tommy e Nash, que precisávamos partir imediatamente para Nova Orleans.

Jasmine já tinha feito as malas de tia Queen, Nash estava com tudo arrumado, Grande Ramona arrumou a minha bagagem também e o guarda-roupa humilde e provisório de Tommy fora colocado em uma das muitas malas extras de tia Queen.

Anunciei que todos devíamos ir para o Hotel Windsor Court, reservar as melhores suítes disponíveis e depois jantar no Grand Luminière Café. Como não conseguia me comunicar com Mona pelo telefone, decidi ir pessoalmente, já que, segundo as promessas de Stirling, ela estaria à minha espera.

É claro que fui bombardeado com perguntas e objeções. Mas fui inflexível e acabei vencendo, porque todos estavam excitados demais com a viagem e a única coisa que nos impedia de pegar o avião era a questão do passaporte de Tommy, que íamos obter com a passagem na mão no dia seguinte.

Na verdade havia um outro assunto importante para resolver: quem ia administrar a Mansão Blackwood na nossa ausência. E era um assunto

muito importante mesmo. Depois de muita comisseração já ficara decidido que Jasmine ia fazer isso, mas para amenizar a insegurança dela, também ficou decidido que ela não aceitaria novas reservas de hospedagem e só atenderia às que já tinham sido feitas. Ela manteria a casa aberta somente para os visitantes casuais que quisessem conhecer a bela casa sobre a qual tinham lido nos guias de turismo.

Jasmine ficou muito aflita. Achava que não estava à altura da responsabilidade. Mas tia Queen sabia que ela era capaz. E eu também, e o mais importante era que Grande Ramona e Clem também achavam isso. Jasmine tinha preparo para a função. Era inteligente, tinha um bom conhecimento da língua e uma boa dose de sofisticação.

O que faltava a Jasmine era segurança.

Por isso passamos a última hora na Mansão Blackwood tentando convencê-la de que estava à altura da tarefa e que quando assumisse a responsabilidade — ela já fazia praticamente todo o trabalho — ia dar tudo certo. Seu salário seria triplicado. Tia Queen teria calculado uma percentagem dos lucros, só que percentagens assustavam Jasmine, que não queria ter de fazer esses cálculos.

Finalmente ficou decidido que nosso advogado Grady Breen tomaria conta da contabilidade e que Jasmine se dedicaria integralmente ao trabalho de supervisão e de anfitriã, e Jasmine ficou bem mais calma. Assim ela receberia sua percentagem sem medo de ter assinado algum tipo de pacto com o demônio. E nesse meio-tempo todos nós dissemos que ela era muito bonita, que tinha ótima educação e que possuía qualificações demais para aquele trabalho, o que não ajudou como esperávamos.

Clem e Grande Ramona prometeram apoiá-la em tudo, e com beijos

e abraços, e o adeus lacrimoso de Jasmine, pegamos a estrada para Nova Orleans na limusine de tia Queen.

Depois de uma breve parada no hotel para aprovar nossos fabulosos aposentos chegamos ao Grand Luminière Café. Mona levantou da mesa e voou para os meus braços, transformando-me no alvo da inveja de todos os homens presentes. Ela usava uma de suas blusas brancas de rendas até os pulsos mas pude ver o horrível tubo intravenoso com o esparadrapo nas costas inflamadas da sua mão direita.

Sentei com ela à mesa dos Mayfair e em voz baixa contei o que o médico tinha dito a tia Queen, que aquela poderia ser sua última viagem para a Europa.

— Ah, eu aprovo totalmente essa sua viagem — disse Mona. — Você deve ir, deve ir mesmo. Eu estou bem. O problema está controlado. Olha, tenho de receber novas aplicações esta noite. — Ela ergueu a mão com o tubo. — Você quer ir até o quarto? Posso assegurar que não é nada bonito de se ver...

— Eu vou — eu disse. — Nunca fiz amor com alguém todo cheio de tubos.

— Ótimo — ela disse num doce sussurro. — Tenho três ou quatro cobertores pequenos para destruir e depois podemos ler *Hamlet* um para o outro. Tenho um exemplar do roteiro do filme e podemos fingir que vemos o filme de novo. Você pode recitar a fala de Gertrude descrevendo o afogamento de Ofélia, e eu ficarei deitada como morta no travesseiro. Já espalhei flores por toda a cama. Oh, eu seria Ofélia eternamente — ela suspirou.

— Não, é minha Ofélia Imortal — eu disse. — E esse é o nome que vou usar quando escrever para você da Europa e nos e-mails que mandarei.

Minha Ofélia Imortal. Acho que é o nome mais esplêndido que já ouvi.

Contei que tinha revisto o filme aquela tarde só para ver a cena de Ofélia embaixo d'água.

— Acho maravilhoso você gostar dessa cena — eu disse. — Mas você será Ofélia Imortal porque jamais vai se afogar, sabe disso, não sabe? Temos de entender isso direito, não é? Que você é Ofélia em animação suspensa, alguém capaz de ‘perceber sua desgraça’ e seu êxtase, nascida para a eternidade em seu ‘leito melodioso’.

Ela riu e me deu um beijo caloroso.

— Você realmente conhece o texto, não conhece? — ela disse. — Ah, eu o amo por isso. Sim, e-mails, por que não pensei nisso antes? É claro, vamos mandar e-mails um para o outro e escrever também. Temos de imprimir nossas cartas. A nossa correspondência será famosa como a de Heloísa e Abelardo.

— Certamente — eu disse e estremeci um pouco. — Mas nada tão longo, nem tão casto, minha amada. Eu voltarei para casa, você ficará curada e em breve estaremos nos braços um do outro. — Eu ri. — Aliás, você sabia que pelo amor que tinha por Heloísa, Abelardo foi castrado, não sabia? Não queremos que algo tão escabroso aconteça comigo.

— É uma metáfora para a sua abstinência, Quinn, e pelo fato de não podermos nos unir e ser uma só pessoa como Ofélia queria fazer com Hamlet, se não tivessem matado o pai dele.

Eu a beijei com muito amor.

— Ah, admirável mundo novo que gera tais criaturas — eu citei. — Que outra menina de quinze anos no mundo saberia de tais coisas?

— Você devia conversar comigo sobre o mercado de ações — ela re-

truçou, seus olhos verdes cintilando lindamente. — É ridículo que a Mayfair & Mayfair insista em administrar os meus bilhões. Entendo mais de ações e títulos do que qualquer um daquela firma.

Stirling tinha acabado de chegar. Percebi que eu não havia cumprimentado a graciosa Rowan e o leal Michael. Falei com todos e expliquei para Stirling rapidamente que a família tinha deixado a Mansão Blackwood, que se Petronia quisesse nos encontrar teria de vir nos procurar no Hotel Windsor Court.

— E aquele pequeno cavalheiro de cabelo preto é o Tommy?

— Exatamente. E logo será Tommy Blackwood. Vamos partir para a Europa assim que obtiver o passaporte dele. Vou trocar o sobrenome dele quando tirar o documento, se conseguir. Veremos o que um pouco de persuasão é capaz de fazer.

— Fale comigo se tiver algum problema em relação a isso — ele disse. — A Talamasca pode ajudar.

Nós não juntamos as mesas para jantar. Achei melhor. Queria que Nash e tia Queen continuassem a conhecer Tommy, e Tommy estava se saindo esplendidamente bem. Ele não estava encabulado e nem superexcitado, e exatamente como eu previ quando o conheci, era extremamente inteligente. Suas paixões eram literatura e história, graças a Deus. Matemática ele não entendia muito bem, mas se esforçava. Até aquele momento tinha se beneficiado muito com a educação católica, e Nash e tia Queen estavam achando o menino fascinante, e era isso que eu esperava.

Depois que todos terminaram de comer suas sobremesas, levei Tommy para apresentá-lo aos Mayfair e a Stirling, e ele se comportou de acordo com a ocasião. Depois concordamos que os amados membros da

minha família voltariam para o hotel e eu subiria com Mona para o quarto dela.

Pus o braço no ombro de Goblin e disse no seu ouvido:

— Volte com a família. Fique perto deles. E venha me chamar se Petronia aparecer.

Ele ficou surpreso. Mas meneou a cabeça na mesma hora e desapareceu.

O quarto de Mona era uma suíte de luxo exatamente igual à que eu tinha ocupado, com uma sala de estar adjacente e uma grande cama de casal de hospital. Mona tinha coberto a cama com pequenos cobertores de ilhoses brancos, conforme havia descrito para mim. Só que ela tirou todos os lírios e margaridas murchos, escolheu grandes punhados de flores novas dos cestos que havia por toda parte no quarto e recobriu o leito com elas.

Depois ela se atirou na cama e recostou-se num enorme ninho de travesseiros, sorrindo para mim. E nós dois caímos na gargalhada.

O dr. Winn Mayfair assistiu solenemente a tudo e depois falou com sua voz suave e respeitosa, uma voz que sempre exigia respeito também.

— Muito bem, Ofélia, está pronta para eu inserir o tubo?

— Vá em frente, doutor — ela respondeu. — E pode ficar tranquilo e fechar a porta depois. Quinn sabe que esse tubo é a única coisa que pode ser inserida, certo, Quinn?

Acho que fiquei vermelho de vergonha.

— Sim, doutor — eu disse.

— Você entende perfeitamente o perigo, Quinn? — perguntou o dr. Winn.

— Entendo — eu respondi.

Era difícil olhar para a agulha nas costas da mão dela, a vermelhidão da pele e o esparadrapo por cima, mas achei que tinha de olhar, tinha de vivenciar aquilo com ela da melhor forma possível. Meus olhos percorreram o tubo transparente até o saco plástico com um líquido claro que pendia de um gancho metálico. Um computador minúsculo gerava números e bipes. Havia um aparelho maior ali perto, pronto para algum procedimento mais complexo, mas felizmente parecia que não seria necessário naquele momento.

Eu queria fazer muitas perguntas ao dr. Winn Mayfair, mas não tinha esse direito, por isso tive de me contentar com a informação de Mona, de que seu estado estava controlado, e eu sabia que tinha de deixá-la na manhã seguinte porque ela achava que a saúde de tia Queen era o que importava naquele momento da minha vida.

Segundos depois que o médico fechou a porta nós já estávamos abraçados, tomando muito cuidado com o tubo sagrado, e eu a beijava com toda a paixão que sentia naturalmente, chamando-a de meu amor eterno, querendo apenas dar-lhe prazer, retribuindo o prazer que ela me dava.

Foi uma longa noite de beijos e amor suave, e os cobertores provavelmente contêm a prova desse amor até hoje.

O dia amanheceu, vago e cor-de-rosa como um lusco-fusco sobre a cidade, antes que eu me despedisse de Mona. Se alguém me dissesse naquela hora que jamais a veria de novo — aquela menina suave e sonolenta cercada por rendas e flores e seu glorioso cabelo despenteado — eu não teria acreditado. Mas havia muitas coisas nas quais eu não acreditaria naquela época.

E outros bons momentos viriam.

Saí direto do quarto do hospital, onde deixei Mona sonolenta e linda

como suas flores em seus cestos molhados, e fui comprar as passagens de avião. De lá providenciei o passaporte de Tommy, onde tia Queen e eu declaramos que o conhecíamos como Tommy Blackwood, e depois pegamos o avião para Newark, Goblin forte e visível no seu lugar caro na primeira classe, e de Newark voamos para Roma.”

“ – QUEM SABE se meus últimos dias em Nova Orleans seriam diferentes se eu soubesse que nossa odisséia pela Europa duraria três anos?

Ninguém do nosso grupo sabia que a viagem duraria tanto, e de fato foi o espírito de viver cada momento que nos impeliu — sempre verificando a pressão e disposição geral de tia Queen com seus médicos preferidos de Paris, Roma, Zurique e Londres — a percorrer castelos, museus, catedrais e cidades que tia Queen me mostrava com tanto amor e entusiasmo, e com a instrução sábia de Nash, de quem eu recebia estímulos constantes e deslumbrantes, sempre cedendo ao desejo da tia Queen de viajar ‘mais alguns meses’ para mais ‘um pequeno país’ ou para outra grande e imponente ‘ruína’ que eu ‘jamais devia esquecer’.

A saúde de minha tia ia ficando debilitada, não havia dúvida disso, ou, para ser mais exato, ela simplesmente estava ficando velha demais para fazer o que fazia, e era isso que tinha de encarar.

Mandamos buscar Cindy, a nossa encantadora enfermeira, que seguiu viagem conosco, o que de certa forma nos deixou a todos mais à vontade, já que Cindy podia medir os sinais vitais e administrar os comprimidos adequados nas horas certas, e além disso ela era daquele tipo positivo de enfermeira que não se incomoda de ajudar em todas as tarefas pessoais, por isso tornou-se também secretária de tia Queen.

Nash também desempenhava essa função em grande parte para nós dois, enviando nossos faxes para as recepções dos vários hotéis esplêndidos

nos quais ficávamos hospedados, e cuidando de todas as contas e gorjetas, de forma que nunca precisávamos nos preocupar com essas coisas. Nash, que também era uma espécie de gênio com o seu *laptop*, escrevia as cartas de tia Queen para os amigos dela.

Quanto aos comentários sobre tudo que víamos e visitávamos, Nash levava isso muito a sério e jamais deixava de fazer observações atualizadas, respondendo a todas as perguntas que fazíamos.

Ele foi um assistente maravilhoso para tia Queen, ajudou-a a entrar e sair de limusines, a subir e descer escadas, e não se fazia de rogado para apertar ou soltar as tiras dos seus sapatos perigosíssimos.

Mas o fato era que quanto mais viajávamos, mais nos divertíamos, mais Tommy e eu nos maravilhávamos visível e alegremente com tudo — as crianças do grupo — e menos eu suportava a idéia de ter de dizer a tia Queen: Sim, você tem de parar com isso, esta será sua última viagem para todos os lugares maravilhosos que sempre amou. É, você jamais verá Paris, Londres ou Roma outra vez.

Não, eu não suportaria isso, por mais que amasse Mona, por mais que o meu coração desejasse estar com ela e por mais que eu me apavorasse de pensar que seus e-mails e faxes e cartas garantindo que a doença havia estacionado fossem mentira.

Então, por mais de três anos nós perambulamos gloriosamente, e não vou me estender nas nossas aventuras, apenas certas coisas muito específicas.

Permita-me dizer, só para constar, que Tommy provou ser um gênio, exatamente como eu achava que era, na sua precocidade ao absorver toda a beleza e todo o conhecimento à sua volta. E sem resistir à autoridade de

qualquer adulto, ele entregava seus ensaios para mim e para Nash com o devido orgulho.

O fato de se parecer tanto fisicamente comigo obviamente alimentava a minha vaidade, tenho certeza disso, mas eu o teria amado mesmo se ele fosse completamente diferente. O que eu achei mais virtuoso nele foi a sua curiosidade. Ele não tinha nada da arrogância mal-humorada típica da ignorância, e sempre fazia perguntas para Nash, comprava lembranças culturais de todos os tipos para sua mãe, irmãos e irmãs, que enviávamos de cada hotel pelo correio expresso.

Enquanto isso Grady Breen freqüentemente mandava montes de fotografias de Terry Sue, dos seus filhos, da babá, da empregada, do jardineiro e da casa, afirmando que de fato tínhamos nos antecipado à ruína dela.

Claro que eu sabia, sem jamais ter dito ao Tommy, que nunca mais ia entregá-lo para Terry Sue, a menos que ele mesmo insistisse como louco para voltar para ela, situação que eu nem imaginava possível e da qual não havia o menor sinal. Ao contrário, no segundo ano da viagem ele não me corrigiu e nem ficou em silêncio quando eu disse que ele ia morar conosco na Mansão Blackwood, e isso selou a questão para mim.

Evidentemente tia Queen fazia dele o próprio bichinho de estimação, comprando roupas que ele perdia quase instantaneamente porque crescia, e o que ela mais gostava era de ver as pessoas nos saguões dos hotéis ou em restaurantes virando a cabeça para olhar para ele, quando chegávamos: o pequeno cavalheiro com seu terno preto e gravata.

Quanto a mim, eu estava tão deslumbrado com tudo que via nas nossas viagens que seria cansativo contar tudo. Basta dizer que tive muito prazer com tudo que vi, desde o menor vilarejo na Inglaterra até o esplendor da

costa amalfitana.

Mas existe um aspecto da nossa excursão que desejo contar, e tem a ver com as ruínas de Pompéia, perto de Nápoles.

Só que primeiro preciso explicar alguns outros assuntos, inclusive o mistério de Goblin, porque, como o próprio Goblin previu, eu o perdi em algum momento, na primeira noite, quando cruzamos o oceano.

Nem tenho certeza de como aconteceu, nem quando. Sentei ao lado dele na luxuosa cabine de passageiros de um modelo recém-lançado do Jumbo 800, em que cada assento girava e tinha seu aparelho de televisão, e onde um nível de privacidade sem par me propiciou conversar com ele e segurar sua mão. Foi isso que eu fiz, tentei tranquilizá-lo, combater os seus medos, disse que eu faria tudo que pudesse para mantê-lo ao meu lado, e que eu o amava...

...E então, bem devagar, ele começou a sumir. Ouvi sua voz ficando mais fraca, depois só telepática, e aí desapareceu de vez, mas naqueles últimos minutos eu falei:

— Goblin, espere por mim. Goblin, eu vou voltar para casa. Goblin, proteja a casa para mim do desconhecido misterioso. Preciso que você faça isso. Garanta a segurança das minhas amadas Jasmine, Grande Ramona, e do Clem e do Allen também.

Eu estava cantando uma música para ele desde a decolagem, mas parei e fiz esse pedido urgente para ele, e depois não o vi mais.

A sensação de mutilação, a sensação da mais pura solidão e vazio à minha volta foi chocante e terrível, era como se alguém tivesse tirado minha roupa toda e me deixado num lugar deserto. Por uma hora inteira, talvez mais, eu não falei absolutamente com ninguém. Fiquei lá recostado, espe-

rando que aquele sofrimento me deixasse, procurando desesperadamente entender que eu tinha me livrado dele, que não devia reclamar disso, eu era livre para prosseguir com as tarefas da maturidade, para ser o dedicado sobrinho de Tommy, para fazer tia Queen feliz, para aprender com Nash. O mundo inteiro estava literalmente à minha espera!

Mas estava sem o Goblin. Estava sem ele de fato. E senti uma espécie de agonia que não conhecia.

O estranho foi que nessa ressaca prolongada, recostado no assento luxuoso enquanto a doce comissária de bordo servia outra taça de vinho e o avião parecia mergulhado no silêncio dos motores, eu não conseguia ouvir as vozes de Tommy e de tia Queen, não, eu nem podia vê-los, nem Nash com seu livro... foi nesse intervalo súbito, longo e frio que eu me dei conta de que não tinha me despedido de Patsy.

Eu nem tinha tentado encontrá-la. Nenhum de nós, pelo que eu sabia, tinha tentado encontrar Patsy. Nem tínhamos pensado nela. Clem também não tinha perguntado o que fazer se ela quisesse pegar a limusine. Grande Ramona não tinha dito O que vamos fazer se ela trouxer seus cantores e bateristas para a casa?

Ninguém tinha lembrado dela, nem positiva, nem negativamente, e eu lamentei o fato de não ter tentado telefonar para ela para me despedir. Fui dominado por uma sensação de frio. Sentia saudade dela? Não. Sentia saudade de Goblin. Era como se minha pele tivesse sido arrancada e eu fosse atacado por ventos gelados.

Patsy, minha Patsy. Será que ela teria o bom senso de procurar o tratamento médico de que precisava? De repente fiquei cansado demais para encarar aquele problema, e certamente alienado e longe demais.

Então fui vítima de um medo, não só um medo, mas uma certeza.

E lembrando que ninguém podia entrar em contato comigo por telefone no avião, mas que eu podia telefonar para a Mansão Blackwood, inaugurei meu novo cartão de crédito e telefonei para casa.

Ouvi vidro quebrando ao fundo antes de ouvir a voz de Jasmine.

— Graças a Deus é você — ela disse. — Você sabe o que ele está fazendo? Está quebrando todos os vidros da casa. Está tendo um acesso de fúria!

— Conte-me exatamente o que está acontecendo — eu disse. — Consegue vê-lo?

— Não, eu não o vejo. São só os vidros se estilhaçando. Ele começou na sala de estar. Foi como se os quebrasse com um soco, um atrás do outro.

— Preste atenção. Ele não é tão forte como você pensa. Não importa o que você faça, não olhe para o lugar onde ele está quebrando o vidro. Você não pode vê-lo. Isso lhe dá poder e ele vai ficar sem poder nenhum, fazendo esse esforço todo.

Eu mal pude entender o que ela disse depois. Parece que ele tinha quebrado todos os vidros da sala de jantar. Naquele exato minuto ele estava na cozinha, onde Jasmine também estava, mas parado, e ela ouviu os vidros quebrando no segundo andar e os hóspedes desciam correndo a escada.

— Na cozinha ele parou? Ela confirmou.

— Então ele não queria machucar você. Corra e tire os hóspedes da casa. Deixe-os ir sem pagar a conta. Depressa. Mas não suba até onde ele está, só para chamar os hóspedes. E não tente vê-lo de jeito nenhum. Isso só serve para dar força a ele.

Eu fiquei esperando. Era difícil ouvir com o barulho do avião, mas o som chegava de milhares de quilômetros de distância, o ruído de vidro quebrando enquanto ele liberava sua fúria solitária. E pensei aflito O que eu faço *antes* de telefonar para Stirling? O que faço agora, neste minuto, como homem da casa?

Depois de uma eternidade Jasmine voltou ao telefone.

— Ele parou — ela disse. — Os hóspedes foram todos embora. Nossa, eles estavam animadíssimos com o espetáculo. Era tudo que queriam, e nem tiveram de pagar por isso! Garanto que esta noite contarão essa história em Ruby River e em Mapleville.

— Você se machucou? Alguém se machucou?

— Não, os vidros caíram no chão — ela respondeu. — Quinn, nós temos de fechar esse lugar para o público.

— Que nada, Jasmine. Você não está achando que ele tem energia para ficar fazendo isso o tempo todo, está? — perguntei para ela. — Ele não tem. Não sem que eu esteja aí para vê-lo, você não entende? Ele está esgotado. Fez tudo que podia fazer.

— E quem disse que ele não vai levantar da cama amanhã com novos truques na manga? — ela perguntou. — Queria que você visse como ficou a casa!

Continuei ao telefone enquanto ela discutia com Clem e Allen. Um queria repor todos os vidros, o outro dizia que Goblin ia quebrar tudo de novo. Então Grande Ramona disse que precisavam consertar os vidros porque uma tempestade se aproximava.

— Olha, eu sou o patrão — eu disse do avião. — Consertem os vidros agora. Diga para eles comprarem o melhor vidro que as janelas com-

portam. Deus sabe que tínhamos vidros muito fracos em algumas dessas janelas. — (Ela repetiu para eles o que eu disse.) — E agora, Jasmine, quero que você largue esse telefone aí, suba até o meu quarto e pegue o telefone da minha mesa do computador.

Ela demorou mais do que eu previra. Eu disse para ela ligar o computador.

— Já está ligado — ela disse. — E eu sei que você desligou quando partiu.

— O que há na tela?

— QUINN, VOLTE PARA CASA em letras maiúsculas — ela disse.

— Tudo bem, quero que você digite essa resposta: Goblin, eu amo você. Mas não posso abandonar tia Queen agora. Você sabe como amo tia Queen. — Ouvi as teclas batendo e disse mais: — Por favor, proteja os que eu amo de Petronia. — (Tive de soletrar o nome para Jasmine.) — Goblin, espere por mim. Quero que me ame. Amor, Quinn.

Esperei um pouco e ouvi Jasmine digitando. Pensei em uma coisa, uma coisa que podia funcionar. Agora, anos depois, fico imaginando se não foi uma idéia desastrosa. Mas agora eu acho que todo o meu amor por Goblin esteve repleto de idéias desastrosas.

— Jasmine, quero que digite outra mensagem — eu disse. — Querido Goblin, posso escrever para você através do computador. Posso enviar e-mails. Vou mandar sempre para o meu nome no computador, Rei Tarquin. Vou usar um novo nome para mandar. E você pode mandar um para mim assim que eu informar o meu novo nome. Você conhece o computador como eu, Goblin. Espere até eu me comunicar com você.

Jasmine demorou um tempo para digitar a mensagem, mas terminou

e então eu disse para ela deixar o computador sempre ligado a partir daquele momento. Ela devia pôr um bilhete lá dizendo para ninguém mexer nele.

— Agora vamos ver se Goblin não fica contente — eu disse a ela. — E em breve você poderá falar conosco no Hotel Hassler em Roma.

Desliguei. Já que era eu o senhor da Mansão Blackwood, não vi necessidade de contar aos outros que quase todas as janelas da casa estavam quebradas. Fiquei pensando que o meu novo nome nos e-mails devia ser Nobre Abelardo, e que insistiria para Mona usar o nome Ofélia Imortal, e talvez Goblin devesse ser Goblin mesmo.

Foi assim que aconteceu.

Quando saímos da Cidade Eterna, Mona, Goblin e eu já tínhamos estabelecido nossos links para a troca de e-mails e todas as minhas viagens eram descritas em minhas cartas apaixonadas ao meu tesouro, Ofélia Imortal, e versões um pouco reduzidas dessas mesmas epístolas iam para o meu amado Goblin, e de Mona eu recebia cartas apaixonadas e muito engraçadas, e de Goblin transmissões cada vez mais fracas, em geral apenas confessando que precisava de mim e declarando o seu amor.

Sempre que parávamos num hotel todo informatizado, eu imprimia tudo que escrevia, o que acabou se transformando no meu diário de viagem, e eu cuidava para não escrever todas as minhas loas eróticas para Mona, e era divertido tentar dizer as coisas em estilo shakespeariano.

Quanto ao Goblin, aquela morte lenta me preocupava intensamente e machucava minha alma, como se uma mão negra arranhasse o meu coração, mas eu não sabia o que fazer, além do que tinha feito.

Nesse meio-tempo não aconteceram mais perturbações na Mansão Blackwood.

Mas a lenda dos vidros quebrados agora era conhecida por toda Ruby River, e hóspedes telefonavam dia e noite para fazer reservas. A minha impressão ao telefone era de que Jasmine estava se divertindo muito, apesar de reclamar que estava angustiada, e mais uma vez aumentamos o seu salário e o de todos da equipe.

Jasmine, por conta própria, começou a aceitar novas reservas e o resultado foi que a casa ficou lotada o tempo todo da nossa viagem. Logo Grande Ramona passou a receber também uma parcela dos lucros e eu acredito, apesar de não ter certeza, que Clem também entrou nessa. Isso cuidou da família de Jasmine. Eu determinei um limite no caso de Allen e dos homens do barracão, já que eles ganhavam duas vezes mais do que qualquer trabalhador de Ruby River, e ainda tinham bebidas e almoço grátis.

A ilha de Sugar Devil estava sendo alvo de muita fofoca, uma vez que o mármore do piso estava sendo levado para lá pelo pântano em barcas sem motor e as pessoas se perguntavam em Ruby River e em Mapleville se Tarquin Blackwood tinha ou não enlouquecido de vez.

Fiquei muito feliz por estar num palácio antigo em Veneza enquanto tudo isso acontecia.

Era um certo consolo para mim saber que o xerife Jeanfreau e seu assistente Henderson tinham contado para todo mundo a minha história do homem se livrando dos corpos à luz da lua. Porque eu esperava que as pessoas acreditassem e não se aventurassem de barco perto da ilha depois do anoitecer.

Um dia, no primeiro ano de viagem, ainda na Itália, escrevi para Stirling Oliver, para Oak Haven, e contei a ele o que eu tinha feito. Contei que as habilidades de Goblin para escrever para mim por computador estavam

cada vez mais fracas, e que eu sentia um grande vazio apesar de toda a empolgação de nossa grandiosa excursão.

Stirling e eu nos correspondemos por alguns meses. Ele me avisou para não provocar Goblin escrevendo cartas curtas ou longas demais, e me disse que achava que Goblin era um fantasma associado de alguma forma à Mansão Blackwood, e não a mim pessoalmente, mas disso ele não tinha certeza absoluta.

‘Procure aproveitar a liberdade sem ele’, ele escreveu. Isto é, trate de desfrutá-la e conte-me se teve sucesso ou não. Você também pode perguntar para as pessoas que convivem com você se elas notaram alguma mudança em você. A sra. McQueen, especialmente, pode esclarecer isso para você.

Eu segui o conselho dele e, de fato, tia Queen realmente tinha notado alguma coisa.

— Você está realmente conosco, meu amorzinho — ela disse. — Não está distraído, conversando com ele. Não está com medo do que ele pode fazer. Não está o tempo todo espiando com o canto do olho.

E ela continuou sem eu ter de dizer nada.

— Está muito melhor assim, meu doce menino. Está infinitamente melhor. Vejo isso com toda clareza porque conheço você como ninguém mais. É hora de deixar de lado as coisas da infância, e Goblin é coisa da infância. — O olhar dela era bondoso enquanto dizia isso para mim.

E foi assim que a minha correspondência com Goblin foi diminuindo até silenciar por completo e meu amado espírito, meu amigo, meu duplo desapareceu e ficou fora do meu alcance. E pode acreditar que estava fora do meu alcance mesmo. Eu tentei, com algumas mensagens incoerentes, atraí-lo das sombras, mas fracasei.

E enquanto a Mansão Blackwood prosperava com todas as bênçãos sob o reinado de Jasmine, enquanto cantavam as canções no Natal, preparavam o banquete da Páscoa e as flores se abriam nos amados canteiros de Pops, nós seguíamos pelo circuito da nossa odisséia e Goblin sumia de vez do mapa.

Claro que não me contentei apenas com cartas para Mona. Passava muitas noites ao telefone com ela, e sempre nos despedíamos garantindo apaixonadamente que vivíamos um para o outro — não havia mais dúvida, Ofélia Imortal e o Nobre Abelardo algum dia teriam uma união casta (luxúria sem penetração) — e nossa correspondência por escrito era o recurso que utilizávamos quando os horários estranhos nos separavam.

Muitas vezes falei com Michael ou Rowan ao ligar para ela e sempre me diziam que a saúde de Mona estava estabilizada, que ela não precisava de mim e muitas vezes, para espanto meu, Michael ainda dizia que o relacionamento tinha sido uma bênção porque Mona tinha parado com suas excursões eróticas e agora ‘vivía’ para os meus e-mails e telefonemas e passava o resto do tempo trabalhando para o Legado Mayfair, procurando compreender e participar dos investimentos, e também trabalhando na árvore genealógica da família.

— Ela zomba um pouco do seu professor particular — disse Michael. — Gostaria que ela lesse mais. Mas consigo fazer com que assista aos filmes clássicos comigo. Isso é bom, você não acha?

— Acho, sim — eu disse. — Ninguém desenvolve a própria criatividade se não conhece *Sapatinho vermelho* e *Os contos de Hoffmann*. Não é mesmo?

— Sim, é. — E ele deu uma gargalhada. — E a esses ela já assistiu.

Na noite passada ela viu *Por quem os sinos dobram*.

— Ah, esse é bem lúgubre. Aposto que adorou.

— Pergunte a ela — ele disse. — Aqui está ela, Nobre Abelardo, mande lembranças minhas para todos aí.

E assim transcorreu a minha vida naqueles três anos abençoados e cheios de ação.

Cresci e acabei ficando com um metro e noventa e três centímetros de altura.

Vi as coisas mais lindas e deslumbrantes do mundo. Fui com meu divertido grupo para o sul até Abu Simbel, no Egito, e o Rio de Janeiro no Brasil. No norte fomos à Irlanda e à Escócia. No leste, até São Petersburgo. E para o oeste, chegamos ao Marrocos e à Espanha.

Não havia nenhum roteiro preestabelecido de viagem. Muitas vezes ficávamos para lá e para cá, segundo as estações e na maioria das vezes o desejo e os caprichos.

Tommy e Nash trabalhavam intensamente em suas obrigações curriculares para com a secretaria de educação de Ruby River. Mas em geral Tommy recebia seu aprendizado da mesma forma que eu — de tia Queen e de Nash chamando a nossa atenção para coisas que talvez nem notássemos. Eles nos davam o histórico cultural de tudo que víamos, contando histórias maravilhosas sobre as figuras históricas associadas aos monumentos, países, às culturas e às épocas.

Havia tanta riqueza naquilo tudo que eu me sentia um idiota por não ter cedido antes aos apelos de tia Queen para eu viajar. Parecia a arrogância típica da ignorância ter me recusado a acompanhá-la. Mas conforme ela disse para me consolar, não era hora para arrependimentos. Era hora de abra-

çar o mundo inteiro.

Devo também dizer que mesmo vendo muita coisa, mesmo passeando à noite, eu ainda arranjava tempo para ler Dickens para Nash, e ele fez aumentar muito o meu apreço por *Grandes esperanças*, *David Copperfield*, *A velha loja de curiosidades* e *A pequena Dorrit*. Também li as irmãs Brontë com deleite, devorando *Morro dos ventos uivantes* e *Jane Eyre*. Se tivesse lido mais talvez compreendesse melhor. Esforcei-me com Milton, mas não conseguia lembrar o que tinha lido de *Paraíso perdido*, por mais que tentasse, por isso substituí por Keats e li as odes em voz alta até memorizá-las.

Tudo era satisfação para nós nessas andanças. Mas o mesmo não acontecia com outras pessoas. Em meados do nosso segundo ano no exterior Jasmine telefonou para dizer que Patsy tinha gasto toda a sua renda daquele período (chocante) e convencido Clem a investir tudo que herdara de Pops na produção de um álbum de rock que foi um fracasso, e agora Clem culpava Patsy por tê-lo enganado e queria processá-la.

Por recomendação de tia Queen falei pelo telefone com nosso advogado, Grady Breen, e fiquei sabendo que Patsy gastara todo o dinheiro num videoclipe de rock que custou um milhão de dólares, com diretor e diretor de fotografia estrangeiros, e que depois nenhuma grande rede de TV a cabo deu espaço para veicular o filme.

Clem não estava usando antolhos quando colocou seus cem mil no negócio, e ele não era nenhum idiota, nas palavras de Grady, mas eu disse para Grady reembolsá-lo e acabar com aquilo. Quanto a Patsy, se queria dinheiro, que ele o desse para ela. Ela queria dinheiro mesmo e Grady ia providenciar.

No fim da conversa perguntei a Grady se Patsy estava fazendo algum

sucesso com sua música. Ele respondeu que ultimamente ela fazia muito sucesso em boas casas noturnas, tocando House of Blues por todo o país. Seu disco vendera cerca de cem mil cópias, o que não era nada comparado com o milhão de cópias que ela queria vender, e que precisava vender, para conquistar a fama que desejava. Ela havia simplesmente superestimado o apelo do seu selo com aquele clipe que tinha produzido. Era cedo demais para ela.

Não ousei perguntar diretamente sobre a saúde dela. Disse apenas Tem visto Patsy recentemente?

— Tenho — disse Grady. — Ela acabou de aparecer no *Austin City Limits*. Está mais bonita do que nunca. Sua mãe sempre foi linda. Tenho idade suficiente para dizer isso, não acha?

— Sim, senhor — eu disse.

Então Patsy continuava sendo Patsy lá em casa.

Agora que já contei tudo que aconteceu nesse período, deixe-me voltar para Pompéia.

É claro que eu tinha muita vontade de ver as ruínas, mas não conseguia esquecer o sortilégio que Petronia lançou sobre mim quando veio para a Mansão Blackwood, e tia Queen também tinha sua opinião sobre isso, só que bem menos alarmista do que a minha. Tivemos uma conversa tensa a respeito de tia Queen não me perdoar por ter acusado Petronia. Ela não acreditava que Petronia não era humana e que tinha jogado os corpos no pântano.

Quanto a mim, eu acreditava em tudo, e queria ver se as ruínas de Pompéia — as escavações de uma cidade inteira soterrada por cinzas e entulho — trariam à mente as imagens que Petronia tinha plantado na minha

cabeça.

Minha história com Petronia não tinha terminado.

Em casa a reforma da Ermida estava terminando ao som de centenas de milhares de dólares, e pacotes com fotografias coloridas que chegaram para mim revelaram a espantosa casinha. As vigas internas tinham sido pintadas de dourado, tapetes orientais da minha coleção de catálogo estavam espalhados pelo piso de mármore brilhante juntamente com alguns móveis ornamentais. A casa agora tinha sofás de veludo, luminárias *torchère* e um grupo de poltronas com espaldar de cisne. E todo conforto no seu espaçoso banheiro. As novas janelas de vidro eram mantidas limpas e brilhantes.

Allen contou que mais de uma vez ‘alguém’ tinha usado o lugar à noite, pois eles encontraram livros sobre a mesa (e ninguém mexeu neles), velas e cinzas na lareira. Então meu sócio estava por lá. O que eu esperava? Eu não tinha capitulado diante de todas as exigências? Mas quem tinha pensado primeiro em toda aquela reforma? Não fui eu?

Eu estava ingenuamente fascinado.

E estava furioso. E talvez fosse jovem demais para saber a diferença.

Por isso fui a Pompéia na nossa terceira viagem à Itália, quase no fim de nossa odisséia, com uma atitude ousada, combativa e curiosa, finalmente preparado para conhecer o lendário lugar.

Tia Queen provavelmente nem lembrava do feitiço de Petronia naquela noite em que a visitara. Nash mencionou casualmente o assunto comigo. Tommy e Cindy, a enfermeira, estavam apenas felizes de ver uma das ruínas mais famosas do mundo.

Sáímos do nosso luxuoso hotel em Nápoles e fomos até lá num carro particular para visitar a cidade bem cedo. Passeamos com calma pelas ruas

estreitas de pedra, sabendo que voltaríamos no dia seguinte e no outro, e sentimos por toda parte o leve frisson das palavras de Petronia. O sol brilhava no céu e o Monte Vesúvio parecia seguro e silencioso, uma montanha azul-clara de sentinela e não algo que destruiu aquela pequena cidade, ceifando inúmeras vidas em metade de um dia.

Entramos em muitas casas restauradas, tocando de leve nas paredes com respeito, ou nem tanto. Havia um silêncio à nossa volta, apesar do ir e vir de turistas, e para mim era difícil erguer o véu da morte que pairava sobre a cidade para poder imaginá-la viva de novo.

Tia Queen conduziu intrépida nosso pequeno grupo para a Casa do Fauno e a Vila dos Mistérios. Finalmente chegamos ao museu e lá eu vi as esculturas brancas naturais formadas pelos corpos carbonizados na tragédia. Uma camada de gesso tinha imortalizado seus momentos finais, e fiquei tão emocionado com aquelas figuras sem rosto, reunidas na morte súbita, que quase chorei.

Horas depois voltamos para nossos quartos no hotel. O céu noturno sobre a baía de Nápoles cobria-se de milhares de estrelas. Eu abri as portas da varanda para admirar a baía e me considerei uma das pessoas mais felizes do mundo. Fiquei ali na balaustrada de pedra um longo tempo. Sentia uma felicidade pura, como se tivesse conquistado Petronia, Goblin e Rebeca, e o meu futuro só a mim pertencesse. Mona estava ótima. Até tia Queen parecia imortal. Não morreria nunca, desde que eu não morresse. Tudo dependia de mim.

Eu estava cansado e contente por isso. Vesti meu camisolão habitual e, apesar do calor daquela adorável noite perfumada, deitei no travesseiro e adormeci.

Segundos depois eu estava em Pompéia. Eu corria e empurrava à minha frente um grupo relutante de escravos que não acreditavam quando eu dizia que a montanha logo lançaria sua fúria sobre nós, que destruiria tudo, inclusive nossas vidas. Corremos pelos portões da cidade, descemos para a praia na direção do barco que estava à nossa espera. Partimos mar afora e veio a explosão, a nuvem negra subindo, escurecendo o céu. Um rugido estrondoso soou na montanha. Todos os barcos balançavam no mar. Continuem!, eu gritei. As pessoas gritavam e choravam. Temos de atravessar, eu implorei. Os escravos pularam na água. Não, o barco é mais rápido, eu insisti. Largaram os remos. O barco virou. Eu estava me afogando. O mar subia e descia. Engoli água. Mais uma vez ouvi aquela trovoadá tenebrosa.

Acordei. Eu não poderia ter esse sonho! Fiquei apavorado. Senti outro corpo envolvendo o meu. E contra o azul brilhante do céu à noite eu vi uma figura na varanda, uma figura que eu sabia que era Petronia.

— Seu demônio! — exclamei, pulando da cama e correndo atrás dela, só que não havia ninguém lá. Tremendo violentamente parei na balaustrada e fiquei espiando a escuridão, apavorado como nunca na vida, e também furioso.

Não podia tolerar aquele terror, mas não era capaz de acabar com ele. Finalmente peguei meu robe, saí do quarto e me dirigi à suíte de minha tia. Bati com força na porta.

Cindy, nossa querida enfermeira, atendeu.

— Tia Queen, preciso dormir com você — eu disse e corri para a cama dela. — Tive um pesadelo. É aquela Petronia maligna.

— Trate de deitar aqui na minha cama agora mesmo, pobre menininho — ela disse.

E foi exatamente o que fiz.

— Ora, ora, querido, acalme-se — ela disse. — Você está tremendo! Agora trate de dormir. Amanhã vamos à Torre del Greco e compraremos montes de camafeus lindos. Você pode me ajudar, como sempre faz.

Cindy voltou para a outra cama. As cortinas voavam diante das janelas abertas. Eu me sentia seguro com as duas. Adormeci novamente, sonhei com a Mansão Blackwood, sonhei com Tommy morando conosco, com Mona e com muitas outras coisas, mas nenhuma ruim, nenhum fantasma, nenhum espírito maligno, nenhuma escuridão, nenhum desastre, nenhuma morte.

Será que Petronia esteve mesmo lá? Seria um feitiço? Eu nunca saberia.

Mas vou finalizar a história de nossos alegres passeios, pois um dia era hora de voltar para casa.

Tia Queen não podia mais prosseguir. Estava simplesmente fraca demais. Sua pressão sangüínea elevava-se. Tinha luxado o pulso e se o mesmo acontecesse com o seu tornozelo, isso poderia debilitá-la ainda mais. Ela também padecia de artrite e suas articulações tinham começado a inchar. A exaustão estava levando a melhor. Ela não conseguia acompanhar o próprio ritmo. Estava furiosa com a própria fraqueza.

Finalmente Cindy, a enfermeira, foi taxativa.

— Eu adoro esses grandiosos hotéis como qualquer pessoa, mas seu lugar é em casa, tia Queen! Vai acabar caindo e se machucando! Não pode continuar assim.

Concordei com Cindy e o pequeno Tommy também, que a essa altura já era um menino de doze anos bem alto, e finalmente Nash se pronun-

ciou com uma declaração solene:

— Sra. McQueen, tem sido muito valente, mas agora é hora de se retirar para a Mansão Blackwood e reinar na propriedade como a irrepreensível anfitriã, a magnólia de aço que todos sabemos que a senhora é.

Estávamos no Cairo quando tomamos essa decisão e voamos para Roma, onde nossa aventura tinha começado, passamos as últimas noites no Hotel Hassler. A essa altura eu já sabia que tinha sido negligente por não propor a volta porque não queria ser acusado de estar atendendo a interesses próprios, ao meu amor e saudade de Mona.

E eu estava aflito por causa de Mona. Ela não respondia aos meus e-mails há mais de duas semanas.

Assim que nos registramos — eu fiquei numa suíte enorme com uma varanda muito comprida e larga, logo abaixo da tia Queen que ficou na cobertura com Cindy — tentei falar com Mona pelo telefone e quem atendeu foi Rowan, taciturna e meio formal.

— Ela está fazendo alguns exames na clínica, Quinn. Deve ficar lá alguns meses. Não poderá vê-lo.

— Meu Deus, quer dizer que ela piorou? — eu perguntei. — Dra. Mayfair, diga a verdade. O que está acontecendo com ela?

— Eu não sei, Quinn — ela disse com sua voz rouca e dissimulada. — É difícil para um médico confessar isso, pode acreditar em mim. Mas eu não sei mesmo. É por isso que estamos fazendo exames. O sistema imunológico dela está comprometido. Ela tem tido febre há meses. Se alguém espiro perto dela, ela cai com pneumonia dupla.

— Deus do céu — eu disse, pois como sempre a versão de Rowan da verdade era um pouco dura para mim. Mas eu fiz força para me convencer

de que queria a verdade. — Por que não posso falar com ela pelo telefone?

— Não quero que ela se aborreça com nada agora, Quinn — disse Rowan. — E se ela souber que você está voltando para casa, ficará aborrecida de não poder vê-lo. E por isso que está no isolamento. Está numa bolha de plástico para o mundo, com um vídeo, monitor e uma pilha de filmes. Tem comida pipoca, sorvete e chocolate, e bebe leite. Ela sabe que você está se divertindo na Europa, e é assim que as coisas têm de continuar por enquanto.

— Mas, Rowan — eu implorei. — Ela deve estar recebendo meus e-mails!

— Não, Quinn, ela está descansando. Eu tirei o computador de lá.

Fiquei enlouquecido. Simplesmente louco. Nós estávamos a caminho de casa e ela fora do meu alcance. Mas a pior notícia era que Mona estava doente! Talvez doente demais para manejar o computador!

— Rowan, escute, ela esteve doente o tempo todo? Ela estava me protegendo disso?

Um longo silêncio e depois Rowan respondeu, do seu jeito direto.

— É, Quinn. Eu diria que era isso mesmo que ela estava fazendo. Mas acho que você sabia disso quando partiu. Você sabia que ela estava fazendo tratamento o tempo todo. Ela passou por vários estágios. Mas nunca se restabeleceu realmente.

Eu engoli em seco. Não sei se deu para ouvir.

— Preciso vê-la quando voltar para casa — eu disse.

— Nós daremos um jeito assim que for possível. Mas não pode ser agora.

— Pode dizer para ela que a amo? — perguntei. — Pode dizer que

eu telefonei? Pode dizer que mandei cartas para ela?

— Posso, farei isso esta noite quando a vir. E amanhã e depois de amanhã.

— Ah, obrigado, Rowan, Deus lhe pague, Rowan. Por favor, por favor, diga que eu a amo demais.

— Quinn, quero dizer mais uma coisa — ela disse, e fiquei surpreso. — Eu sei que Michael já falou isso, mas quero falar também. Você realmente ajudou Mona. Por sua causa ela parou de fazer coisas que a prejudicavam. Você fez Mona feliz.

— Rowan, você está me assustando — eu disse. — Parece que está falando no passado.

— Desculpe, não queria soar assim. O que eu queria dizer é que nesse tempo ela esteve profunda e completamente apaixonada por você. Ela escrevia para você, falava com você pelo telefone, em vez de lutar contra nós. Ela pergunta de você o tempo todo.

Fiquei todo arrepiado. Minha querida Mona. O que eu tinha feito, abandonando Mona? Será que me apaixonara tanto pelas cartas e telefonemas da Ofélia Imortal que tinha perdido a verdadeira Mona?

— Obrigado, Rowan — eu disse. — Tem eterna gratidão.

Eu queria fazer muitas outras perguntas, mas não tive coragem. Estava com muito medo.

Aquela noite jorrou champanhe na suíte de tia Queen. Nash, que tinha bebido demais, mas com o nosso estímulo liberal, propunha brindes e mais brindes para a dama que ele mais amava no mundo, Lorraine McQueen. E o jovem Tommy, que ia completar treze anos em dois dias, se apresentou para ler um poema que tinha escrito para a ocasião, declarando que

se tornara um homem graças ao seu guardião e sua inspiração, Tarquin Blackwood. Só eu fracassei no comportamento adequado para aquela ocasião. Só conseguia sorrir e saudar todo mundo com meu cálice e dizer que eu estava muito contente de estarmos finalmente voltando para casa, para fazer um inventário de tudo que tínhamos aprendido e nos reunirmos com todos aqueles de quem sentimos falta na viagem.

O fato era que inúmeras preocupações e apreensões me dominavam. Não ver Mona era a principal. Mas eu também estava obcecado com Petronia, porque ela ocupava a Ermida com tanta ousadia, e é claro que eu pensava em Goblin. Será que eu era suficientemente tolo para achar que Goblin não ia aparecer na minha frente assim que eu chegasse perto da Mansão Blackwood? Não, não era.

E assim terminou o intervalo de três anos e meio.

Na manhã seguinte partimos para Newark com reservas num voo de conexão que nos levaria imediatamente para Nova Orleans.”

“ — CLEM E JASMINE FORAM NOS RECEBER no aeroporto e eu caí no choro quando os abracei, de tão contente que fiquei de vê-los. E Clem nunca esteve tão belo com seu terno preto e quepe oficial de motorista, e Jasmine nunca esteve tão linda com seu *tailleur* de lã cinza e blusa de grife de seda branca amassada, o cabelo afro louro bem cheio e as lágrimas fluindo livremente.

O velho Allen, sempre alegre, também tinha ido para arrumar a bagagem na picape e eu também o abracei e beijei, mas então veio a hora da verdade quando Terry Sue apareceu com um conjunto cor-de-rosa, bastante parecido com o que eu a vira usar três anos e meio antes, com um novo bebê no colo (o anterior não era filho de Pops); e Tommy correu para ela, abraçou-a e beijou-a.

Levei algum tempo para reconhecer a adolescente bela e esguia ao lado dela, e então compreendi que era Brittany.

Tommy olhou para nós sem saber o que fazer, eu o chamei para um canto e perguntei o que devia ter perguntado antes de estarmos diante daquele impasse.

— O que você quer?

— Ficar com você — foi a resposta dele.

Fui conversar com Terry Sue, disse que Tommy queria completar a viagem com uma estada na Mansão Blackwood, se ela permitisse, e disse para Brittany e para ela que era maravilhoso as duas terem ido ao aeroporto. Passei discretamente para Terry Sue todas as notas de vinte dólares que ti-

nha na carteira, e eram muitas.

— Está bem, mas trate de se comportar, Tommy Harrison — ela disse, e deu-lhe um grande beijo.

— Brittany, telefone para você esta noite — ele disse para a irmã.

— Você se transformou numa bela moça — eu disse a ela.

Claro que tia Queen a cobria de elogios, e até tinha tirado seu camafeu — um dos novos, da cidade de Torre del Greco — e oferecido a ela.

Eu tinha previsto aquelas doces emoções e, apesar de muito cansado, deixei que elas me dominassem e fiquei contente por isso, mas quando nos afastamos no grande carro de tia Queen e eu recostei exausto do longo vôo, e espiando pela janela, percebi que estava completamente despreparado para a forte sensação que tive diante da visão do capim verdejante que crescia à beira da estrada e das ondulantes espierradeiras em plena floração e dos carvalhos ocasionais. Estava despreparado para tudo aquilo que significava que realmente estávamos em casa.

Senti a Louisiana ao meu redor, e adorei. E quando chegamos à alameda de nogueiras diante da casa, eu estava tão engasgado de emoção que mal consegui abrir a boca para pedir a Clem que parasse o carro.

Saltei e admirei a vista da casa. Aquele sentimento era inexplicável. Não era felicidade. Não era pesar. No entanto me deixava indefeso e provocava as lágrimas mais doces.

Nash ajudou tia Queen a descer do carro e ela parou ao meu lado. Nós dois ficamos olhando para as colunas brancas à distância.

— Este é o seu lar — ela disse. — Será seu para sempre. Você precisa tomar conta dele depois que eu morrer.

Passei o braço no ombro dela e me abaixei para beijá-la, compreen-

dendo pela primeira vez que eu tinha ficado muito alto, um pouco desajeitado no meu novo corpo. Depois voltamos para o carro.

Continuamos subindo e tudo à minha volta provocava os mesmos sentimentos de amor e angústia, ou talvez fosse pesar mesmo. Eu não era capaz de identificar. Quando o mergulho nas lembranças da infância me deixou paralisado, me fez insignificante, só aí eu soube que estava em casa.

É claro que pensei em Goblin, mas não senti a presença dele. E claro que pensei em Patsy, e esperava vê-la por lá. Mas era a própria paisagem que evocava essas emoções titânicas em mim. A visão dos canteiros de flores de Pops, os gramados ondulantes, os carvalhos projetando seus galhos escuros sobre o cemitério, o pântano com sua parede assimétrica de árvores retorcidas.

Tudo aconteceu rápido demais depois disso. E meu extremo cansaço fazia com que os acontecimentos daquele dia se fragmentassem em mil pedaços, porém estes eram nítidos e claros.

Lembro que não havia hóspedes pagantes na casa porque Jasmine tinha reservado todos os quartos para Tommy, Nash e Patsy.

Lembro que tomei um café da manhã nababesco feito pela lacrimosa Grande Ramona, que nos repreendeu ferozmente por termos ficado fora três anos e meio. Lembro que Tommy comeu comigo e que ele parecia tão impressionado com a Mansão Blackwood como com os castelos na Inglaterra e os *palazzi* de Roma.

Lembro que um adorável menininho apareceu, uma encantadora mistura anglo-africana de olhos azuis, feições africanas distintas e cabelo louro encaracolado, que me disse orgulhosamente que seu nome era Jerome e que tinha três anos de idade. Eu o parabenei pelas duas coisas, imaginando

quem seriam os seus pais. Disse que achava o menino muito articulado para a idade.

— É porque ele vive nesta cozinha, como você costumava fazer — disse Grande Ramona.

Lembro que o médico de tia Queen chegou e disse que ela precisava ficar de cama descansando pelo menos por uma semana, e que suas enfermeiras deviam dar plantão vinte e quatro horas por dia. Era a idade, ele sussurrou para mim. E que quando ela se recuperasse do esforço exagerado ficaria bem. A pressão dela era uma maravilha da medicina.

Lembro que passei meia hora de desespero ao telefone tentando em vão falar com Mona. A clínica Mayfair nem informava se ela estava lá. E os empregados de sua casa também não me davam informação nenhuma. Finalmente consegui falar com Michael, que só me disse que Mona estava doente. Que eu rezasse por ela, mas vê-la era impossível.

Fiquei histérico. Decidi ir diretamente para a clínica e procurá-la lá, em todos os quartos, quando Michael subitamente disse, como se lesse meus pensamentos:

— Quinn, preste atenção. Mona pediu que não deixassem que você a veja. Ela nos fez prometer diversas vezes que não vamos deixar você entrar. Partirá o coração dela se não cumprirmos nossa promessa. Não podemos. Seria egoísmo você vir. Está entendendo o que eu estou dizendo?

— Meu Deus, você quer dizer que ela está com aparência de doente também? Que está deteriorando... ela... — Fiquei paralisado.

— É, Quinn. Mas não se desespere. Ainda falta muito para isso. Estamos tentando fortalecê-la de novo. Seu apetite está bom. Ela está reagindo. Tem suas fitas de livros. Tem seus filmes. Ela dorme muito. Mas isso é

de se esperar.

— Ela sabe que eu voltei?

— Sim, sabe, e ela o ama.

— Posso mandar flores para ela?

— Pode, pode fazer isso sim, mas não se esqueça de escrever Ofélia Imortal no cartão, está bem?

— Por que não posso falar com ela por telefone? Por que não podemos trocar e-mails?

Uma longa pausa e depois Michael disse:

— Ela está fraca demais para isso, Quinn. E não quer também. Ela está muito enjoada. Mas isso não vai durar para sempre. Ela vai melhorar.

Assim que desliguei o telefone encomendei toneladas de flores, cestos e mais cestos de lírios Casablanca e margaridas, e zínias e tudo que eu conseguia imaginar. Esperava que enchessem o quarto onde ela estava isolada. Cada cartão tinha de ter letras grandes, para minha Ofélia Imortal.

Depois disso lembro que fui até a cozinha, com a cabeça zonzinha por causa do *jet-lag* e todo aquele sofrimento, e vi Tommy jogando palavras cruzadas com o pequeno Jerome, e pensei que era incrível aquele menininho poder jogar aquele jogo com apenas três anos, mas então compreendi que na verdade Tommy estava apenas ensinando a ele palavras como ‘ver’, ‘ser’, ‘cama’, ‘ir’ e ‘vir’.

Lembro de ter entrado na copa achando que a criança devia ser um dos sobrinhos de Jasmine e que perguntei a ela quem eram os pais dele, e que ela respondeu ‘Você e eu’. Lembro que quase desmaiei. Mas isso é apenas força de expressão. Ela também me disse que o nome do meio do menino era Tarquin.

Lembro que voltei para a cozinha flutuando, olhando para o meu filho e para o meu tio adotado de treze anos, sentindo-me um privilegiado com aquelas duas gerações, e quando Jasmine apareceu, eu a abracei e beijei, e ela me empurrou, dizendo com raiva que eu devia saber no que aquilo resultava.

Eu fiquei positivamente grogue, fui até o quarto de tia Queen, ela olhou para mim da sua *chaise longue*, onde já estava coberta com uma de suas colchas de cetim branco e seu *negligée* com plumas que esvoaçavam de um lado para outro com o movimento do ventilador de teto, e disse:

— Meu menino querido, vá dormir. Você está branco como cera. Eu dormi no avião, mas você não. Você está cambaleando.

— Você está bebendo champanhe? — eu exclamei. — E deve mesmo, pois temos que comemorar uma coisa.

— Você venha já aqui! — Jasmine chamou, correndo atrás de mim, mas nada ia me deter.

— Champanhe! — eu exclamei, descobri a garrafa que estava no gelo e outro copo, e que tia Queen já estava bebendo alegremente.

Que horas eram? E quem se importava? Eu bebi e depois contei a ela tudo sobre Jerome, e enquanto isso Jasmine enfiava as unhas bem-feitas no meu braço e sussurrava pragas no meu ouvido, e eu não reagia, não respondia.

Tia Queen ficou felicíssima.

— Ora, esplêndido! E todo esse tempo, Tarquin, eu pensava que você era virgem! Traga essa criança para eu ver. E Jasmine, você me surpreende. Por que cargas d'água não escreveu para nós contando? Isso exige uma pensão, entre outras coisas.

E assim o belo infante foi levado à presença da rainha, e meio trôpego e feliz eu bebi mais duas taças de champanhe antes de ficar completamente incoerente. A essa altura meu filho já sabia que eu era o pai dele. E Tommy também tinha recebido a notícia, e tia Queen disse que naquela casa nós não guardávamos segredos, fato que sempre contribuía para o nosso aprimoramento.

Lembro que fui cambaleando até a cama de tia Queen e que alguém, um ser abençoado, afastou todas as cobertas enfeitadas e bonecas para eu poder cair de cara nos travesseiros imaculados, e aquela mesma pessoa, sem dúvida, tirou meus sapatos, e logo eu estava sob o celestial peso dos cobertores e no friozinho do ar-condicionado, dormindo profundamente.

Tive um sonho com Goblin. Foi um sonho horrível, ele estava sofrendo e não podia aparecer para mim. Eu o via incompleto, um ser horrendo e gasoso, lutando para ficar sólido, mas sem a minha vontade ele perdia a nitidez, ficava fluido e desesperado. No sonho eu estava sendo frio e cruel com ele.

Dancei com Rebeca. Ela disse que não me levaria como vingança porque eu tinha sido muito bom. Então quem você levará?, eu perguntei e ela respondeu com risos. Ela foi embora e a música se foi com ela. Eu abri os olhos.

Tia Queen estava deitada ao meu lado. Estava com seus óculos de armação prateada. Lia *A velha loja de curiosidades*, o livro que dei a ela no avião, e disse para mim:

— Quinn, Dickens é um louco.

— Ah, é mesmo. E vai ficando cada vez mais maluco à medida que se lê. Continue.

— Ah, eu vou continuar — ela disse.

Ela se aninhou em mim. As plumas do *negligée* faziam cócegas no meu nariz mas eu adorei. Adorava seu braço frágil tão perto do meu. Eu podia ler o livro nas mãos dela se quisesse. Sentia seu doce perfume. Ela podia comprar qualquer perfume, mas usava Chantilly que se encontrava em qualquer farmácia, e não existe cheiro mais doce no mundo inteiro.

Lembro que vi o céu violeta pelas janelas.

— Meu Deus, é quase noite — eu disse. — Preciso ir até a Ermida! Preciso ver minha obra-prima.

— Tarquin Blackwood, você não vai para o pântano a essa hora.

— Bobagem, eu preciso ir — eu disse, beijando a testa dela e depois o rosto macio empoadado. — Não tenho mais Mona, nem Goblin, e da perda de Goblin não tenho de que me queixar, eu confesso, mas preciso ir até lá tomar posse do que eu fiz.

Lembro que ela continuou protestando, mas eu não quis ouvir.

Subi correndo a escada para o meu quarto, entrei no closet e continuei sentindo a cabeça oca quando vesti uma calça jeans, uma camisa e calcei um par de botas (tudo que Grande Ramona tinha comprado para meu novo tamanho quando soube que estávamos voltando para casa) e então peguei meu revólver trinta e oito da mesa-de-cabeceira e saí. Na cozinha peguei uma garrafa de água e uma faca grande, e do barracão uma lanterna, aí fui para o pântano.

Claro que eu estava desobedecendo às regras do meu sócio ousado e violento, mas nunca concordara com elas, não é? Era por mim que tinha feito a reforma da Ermida. Era por mim que tinha comprado os móveis que ia ver, Não tinha medo dele, e se sentia alguma coisa era curiosidade de vê-

lo outra vez e argumentar com ele — talvez ter uma conversa decente. Talvez discutir sobre a ‘nossa’ casinha e descobrir se realmente tínhamos um trato, já que eu tinha feito toda aquela esplêndida reforma, não ele.

Não me importei de Goblin não estar ali para me ajudar. Eu podia cuidar de tudo. A Ermida era minha.

Quando passei pelo pequeno cemitério na descida para o embarcadouro parei um minuto perto do túmulo de Rebeca. Iluminei-o com a lanterna. A sensação do sonho voltou e ouvi a voz dela de novo nessa lembrança, como se estivesse ao meu lado.

— A sua vida não — ela disse.

— Então a vida de quem? — eu perguntei.

E tive um pressentimento ruim, uma sensação horrível, como se a própria vida só tivesse sofrimento.

Mona estava mortalmente doente e sofrendo, e lá estava eu, indo para a Ermida sem ao menos pensar nela. Mona queria muito conhecer a Ermida. Mas o que eu podia fazer além de rezar por ela?

O céu estava escurecendo. Eu precisava ir.

Na volta eu iria à clínica. Procurá-la em todas as alas. Que quarto de hospital não tinha uma janela na porta para as enfermeiras espiarem? Chegaria o mais perto possível de Mona. Ninguém ia me impedir, mas naquele momento era a Ermida que me chamava. Eu precisava ir para lá.

Pus meu equipamento na barcaça, verifiquei se o revólver estava carregado e parti. Havia luz suficiente no céu avermelhado para divisar as árvores, eu já conhecia o caminho e logo ficou evidente que as muitas barcaças usadas na reforma tinham deixado um rastro. Pode-se dizer que tinham amaciado o caminho. E logo eu estava avançando bem rápido.

Em menos de meia hora avistei as luzes da Ermida! E quando parei no novo embarcadouro e amarrei a barça, vi as janelas bem iluminadas e o brilho dos degraus de mármore branco. Em volta da casa havia canteiros de flores, e as gavinhas da glicínia escalavam lindamente o telhado. A pequena construção parecia uma igreja cóptica com seus inúmeros arcos.

Na porta de entrada, de frente para mim, na verdade olhando para mim, estava o desconhecido, com sua roupa masculina, cabelo cheio e solto, sem acenar para eu me aproximar e sem erguer a mão para me proibir de desembarcar.

Como eu poderia saber que aquele seria o último dia da minha vida mortal? Como é que eu ia saber que todas essas pequenas coisas ao acaso que descrevi para você marcariam o fim da minha história... que o pai de Jerome, sobrinho de Tommy, menininho da tia Queen, Patrãozinho de Jasmine e Nobre Abelardo de Mona ia morrer em breve?”

“ — ENCONTREI um caminho pavimentado que ia até a escada. Allen havia mencionado aquele caminho para mim pelo telefone, mas eu tinha esquecido. Também esqueci as flores, e elas pareciam muito tranqüilas e doces à luz das janelas.

Cheguei ao pé dos degraus de mármore. Ele estava lá em cima, apenas olhando para mim.

— Preciso pedir a sua permissão para subir? — perguntei.

— Ah, eu tenho grandes planos para você — ele respondeu. — Suba que vou tratar de pô-los logo em prática.

— Isso é cordialidade? — perguntei. — O seu tom de voz me deixa em dúvida. Estou curioso para ver a casa, mas não quero incomodá-lo.

— Então faça o favor de subir. Talvez esta noite não seja a noite para eu atormentá-lo.

— Agora você me surpreende com seu tom agradável — eu disse e subi a escada. — Mas é verdade que pretende me atormentar?

Ele chegou para trás, ficou sob o facho de luz, e eu vi que era definitivamente mulher aquela noite. Tinha pintado os lábios de vermelho, feito uma linha preta com delineador nos olhos para ficar mais atraente. A cabeleira negra brilhante fazia parte do vestuário. E a roupa mesmo era uma túnica simples de manga comprida de veludo vermelho, calça de veludo vermelho também, bem simples e sem mais adornos. Na cintura fina usava um cinto de camafeus de ônix, preso na frente, uma verdadeira jóia, e cada camafeu tinha cerca de cinco centímetros.

Ela estava descalça e tinha os pés lindos, com as unhas pintadas de dourado. As unhas das mãos também estavam pintadas de dourado.

— Você está linda, minha amiga — eu disse, sentindo-me ótimo, muito animado. — É permitido dizer isso a você? — Mordi minha língua antes de dizer isso, pois não esperava ter essa opinião. O que eu lembrava daquela noite longínqua era algo mais violento e mais assustador.

Ela fez sinal para eu entrar na casa.

— Claro que é permitido — ela respondeu em voz baixa quando passei ao seu lado, uma voz que podia servir para homem ou mulher, e quando ela sorriu seu rosto ficou radiante. — Pode examinar sua bela casa, pequeno cavalheiro.

— Ah, pequeno — eu repeti. — Por que todos se referem a mim como pequeno? — perguntei.

— Sem dúvida porque você é muito alto — ela respondeu com simpatia. — E porque seu rosto é muito inocente. Eu disse uma vez que tenho uma teoria sobre você. Minha teoria provou ser correta. Você aprendeu mais e cresceu muito. As duas coisas são esplêndidas.

— Então você me aprova.

— E como poderia não aprovar? Mas não tenha pressa. Pode examinar com calma sua obra.

Achei difícil desviar os olhos dela. Mas fiz o que me pediu e achei a sala sensacional. O piso de mármore branco brilhava de tão limpo. E os sofás de veludo verde-escuro que eu tinha encomendado de tão longe eram suntuosos, como eu queria. As *torchères* douradas, intercaladas com as muitas janelas lançavam sua luz nas vigas douradas. Havia mesas baixas de mármore na frente dos sofás com suas cadeiras helênicas com encosto de cisne

combinando.

E havia também a mesa e a cadeira, iguais às que estavam lá antes, só que aparentemente polidas.

E a nova lareira, uma lareira preta de ferro estilo Franklin muito grande, com apenas um monte de cinzas aquela noite, graças ao tempo quente.

A escada em caracol para o segundo andar era de bronze pesado, todo trabalhado montado em pinos, muito bonita também. Embaixo dela ficava a única estante de livros da casa, pequena, de madeira toda trabalhada, bem arrumada e cheia de livros.

Não havia nada lá que não fosse de bom gosto.

Ao mesmo tempo havia algo de muito errado, de grotesco e impuro, que não combinava com os ruídos noturnos do pântano. Será que minha loucura adolescente tinha criado aquilo, ou era a insanidade completa dela?

Até o copo na mesa era um cálice de ouro com pedras preciosas incrustadas. Parecia o cibório usado pelo padre na missa para guardar as hóstias do santo sacramento.

— E era mesmo — ela observou. — Antes de um ladrãozinho vender para mim nas ruas de Nova Orleans. Ainda é consagrado, você não acha?

— É mesmo? — respondi, notando que ela tinha lido meus pensamentos. Vi duas garrafas de vinho já sem rolha, ao lado do cibório.

— São para você, rei Tarquin — ela disse e fez sinal para eu andar mais pela casa se quisesse. Foi o que fiz.

— Ah, você conhece a origem do meu nome — eu disse. — Pouca gente sabe. — Meio sem jeito procurei competir com a eloquência dela.

— Do rei Tarquínio da Roma antiga — ela disse sorrindo. — Ele reinou antes do início da república.

— E você acha que ele existiu mesmo, ou era apenas lenda? — perguntei.

— Ah, ele era muito real na poesia antiga e é muito real na minha cabeça, pois nesses três anos pensei muito em você. Você atendeu muito bem às minhas fantasias. Não sei bem por que adoro este paraíso remoto, mas o fato é que adoro, e você restaurou minha casinha e fez dela um esplendor. Eu fujo de outros palácios quando fico visível demais e venho para cá sem perder um pinga de conforto. Ora, seus homens até vêm aqui fazer faxina na casa durante o dia. Eles esfregam o mármore e depois dão polimento. Limpam as janelas. Eu não esperava tanta atenção.

— É, eu disse para eles fazerem isso. Eles me consideram louco, sabia? — Era eu mesmo que falava essas coisas?

— Tenho certeza que sim, mas esse é o preço normal de toda excentricidade desvairada, e pequenas excentricidades não valem nada, não é mesmo?

— Eu não sei — eu disse, dando uma risada. — Ainda não tenho opinião sobre isso.

Eu vi uma grande pele de mink jogada sobre um dos sofás — uma colcha, capa, tinha de ser algo assim.

— Isso é para as noites frias? — perguntei.

— Ah, sim, e também para voar. Lá em cima nas nuvens o frio é tremendo.

— Você voa? — eu perguntei, querendo participar da brincadeira.

— Vôo sim — ela respondeu com a cara séria. — Como acha que

venho para cá?

Dei uma gargalhada, mas não muito alto. Parecia uma fantasia absurda demais para eu embarcar.

Ela ficou mais linda ainda à luz das *torchères* que criavam um véu suave de claridade atrás de nós. Seus seios apareciam bem sob a túnica de veludo vermelho, e os maravilhosos pés descalços com unhas douradas eram definitivamente perturbadores. Olhei para eles, na verdade não conseguia tirar os olhos deles, e vi que eram pés pequenos, e achei muito atraentes. Ela usava também um anel de ouro no dedão do pé esquerdo, e a escolha daquele artelho para pôr o enfeite parecia deliciosamente maligna.

Meus três anos e meio de abstinência católica subitamente pesaram demais em mim, especialmente porque ela parecia algo ‘oferecida’, talvez pelo fato de ter aquela aparência genuinamente libidinosa.

Também achei estranho ela estar mais baixa do que eu naquele momento, não era mais o demônio de um metro e oitenta que me atacara no chuveiro tanto tempo atrás, ameaçando violentamente minha vida até Goblin jogar os vidros em cima dela.

— E por falar em Goblin — ela disse num tom muito agradável — , estou vendo que aquele demônio não está com você. Que pena. Espera que ele volte e faça seus truques como um cão fiel, ou acha que ele se foi para sempre?

— Você me confunde dizendo coisas tão hostis com essa voz tão doce. Eu não sei se o perdi para sempre. Pode ser. Talvez ele tenha encontrado outra alma com quem possa comungar melhor. Eu lhe dei dezoito anos da minha vida. Depois a distância nos separou. Não posso mais afirmar que compreendo a natureza dele.

— Não pretendia parecer hostil — ela disse. — Na verdade... eu gosto de falar a verdade quando posso... não esperava vê-lo tão sangüíneo.

Eu não sabia o que queria dizer ‘sangüíneo’. Ela se aproximou da mesa e derramou vinho no cibório.

— Eu amadureci nesses três anos e meio — eu disse. — E não esperava que você me recebesse esta noite. Ao contrário, esperava que não gostasse da invasão do seu horário noturno. Pensei que fosse me enxotar daqui.

— E por que acha que eu faria isso? — ela perguntou.

Ela deu o cálice para mim. E só então percebi a safira gigantesca em seu dedo.

— Ah, sim, isso — ela disse quando peguei o cálice. — Mandei fazer igual ao do deus Marte. Fui consagrada a ele uma vez, mas só de brincadeira. Tenho sido vítima de muitas brincadeiras.

— Nem imagino por quê — eu disse e olhei para o vinho. — Eu vou beber sozinho?

Ela riu baixinho.

— Por enquanto. Por favor, beba. Ficarei triste se não beber.

A minha educação não me permitia recusar a bebida com aquele pedido, por isso bebi e notei um estranho sabor no vinho, mas não era desagradável. Tomei outro grande gole. Estava excitado.

— Você está falando sério mesmo, não é? — ela perguntou. — Não entende por que as pessoas riem de mim. Nunca entendeu, não é?

— É — eu disse, e como sempre fazia, bebi mais vinho, subitamente adorando o gosto, deixando que ele afetasse imediatamente meu coração faminto. Não tinha almoçado. Não tinha jantado. Permanecera acordado o tempo todo no avião. Vinte e quatro horas sem dormir. Precisava tomar

cuidado.

— Eles riam e ainda riem porque sou homem e mulher ao mesmo tempo. Mas você não vê nenhum motivo para piada em mim, não é?

— Já disse que não. Acho você magnífica. E antes também achava. Minha nossa, como esse vinho é forte! É vinho mesmo? — Percebi que as garrafas não tinham rótulo e senti o chão se mexendo sob meus pés. — Importa-se se eu me sentar? — perguntei, procurando uma cadeira.

— Não, você precisa sentar — ela disse e puxou uma cadeira de encosto pescoço de cisne para mim. Era muito graciosa, como as cadeiras nas urnas helênicas. Lembrei-me de quando as encomendei e de que Allen ficou me provocando ao telefone, falando de todos aqueles cisnes na minha casa de mármore e ouro.

— É, os seus operários riem do seu gosto — ela disse, lendo meus pensamentos. — Mas o seu gosto é excelente, esteja certo disso.

— Ah, eu não tenho dúvida nenhuma — eu disse, mais seguro agora que estava sentado.

Deixei o cálice na beirada da mesa. Minha mão ficou ao lado dele. Acho que quase o deixei cair.

— Beba mais um pouco. É uma infusão especial. Pode-se dizer que eu fiz a mistura.

— Ah, eu não posso — eu disse. Olhei para os olhos dela. Que olhos poderosos. Pessoas com olhos grandes têm esse dom. E os dela eram enormes. Muito brancos e muito pretos.

Ela sentou na mesa e ficou olhando para mim de cima para baixo. Sorriu para me tranquilizar.

— Acho que não sei o que fazer com você quando é assim tão bem-

educado. Você fez de mim um inimigo incômodo um dia, agora quero que me ame. Talvez no fim das contas você acabe me amando.

— Isso é bem possível — eu disse. — Mas há muitas espécies de amor, não é? Ainda sou religioso e alguma coisa me diz que você vive livremente.

— Católico — ela disse. — É claro. A grandiosa Igreja. Nada menos estaria à altura da Miss McQueen e de você, não é? Acho que uma noite em Nápoles vi você e seu grupo na missa. Não. Foi nas catacumbas de San Gennaro. Sua família contratou uma excursão particular. Bem, tenho quase certeza disso. — Ela pegou o cibório, encheu com o líquido da garrafa e me deu.

— Você nos viu em Nápoles? — perguntei.

Minha cabeça girava. Eu bebi o vinho, pensando que só mais um pouco talvez eliminasse aquela sensação precária. Isso acontecia às vezes, não é? Claro que não.

— Que incrível — eu disse. — Porque eu podia jurar que a vi em Nápoles também.

— Onde foi isso? — ela quis saber.

— Você é minha inimiga? — perguntei.

— De jeito nenhum. Se pudesse eu o livraria da velhice e da morte, das dores e do sofrimento, do assédio de fantasmas, dos tormentos do seu Goblin. Eu o livraria do frio e do calor e do tédio árido do sol do meio-dia. Eu o levaria para a luz plácida da lua e para o domínio da Via Láctea para sempre.

— Palavras estranhas, essas — eu disse. — Não entendo. Eu podia jurar que a vi em Nápoles, que a vi numa varanda no Hotel Excelsior, que

tive um pesadelo mandado por você. Não é loucura? Certamente você vai dizer que é.

— Pesadelo? — ela perguntou suave e docemente. — Você chama um fragmento da minha alma de pesadelo? Ah, mas quem ia querer o fragmento da alma de outra pessoa? Você pensa que deseja a alma de Mona Mayfair. Não sabe o que significaria vê-la agora.

— Não brinque com o nome dela — eu disse.

Fiquei assustado. De repente pareceu que tudo que estava acontecendo era errado. Mona, minha amada Mona. Não fale de Mona. O vinho não era vinho. A casa estava me sufocando. A própria Petronia era grande e formidável demais para uma mulher. Eu estava embriagado demais para estar onde estava.

— Quando eu terminar com você, não vai mais querer Mona Mayfair — ela disse apressadamente, quase zangada, apesar de a voz continuar suave. Ela ronronava como uma gata. — E não saberá mais nada da minha alma. Minha alma ficará trancada como se tivesse uma chave, uma chave dourada, que a trancasse por dentro. Existirá apenas silêncio entre nós, o silêncio que você está conhecendo agora.

— Eu preciso sair daqui — eu disse sem forças. Sabia que não podia me levantar. Tentei. Meus músculos não obedeciam. — Tenho de voltar para o barco. Se você tiver um pouco de honradez, vai me ajudar.

— Não tenho nenhuma, por isso fique onde está — ela disse. — Vamos nos despedir em breve, na hora que eu quiser, não na sua, e então poderá ficar com essa casa como sua Ermida, e até ofereço o túmulo para você. Sim, pode ficar com ele, e pode fazer o que quiser com ele, pode adorar esse escuro e animado pântano como eu tantas vezes adorei. Acho que

estive à sua espera esses longos três anos e meio, sabendo que ia deixar tudo para você quando o visse. Sim, à sua espera. Só não posso responder por que isso tem de ser feito...

— O quê? O que tem de ser feito? Do que é que você está falando?

— eu perguntei. — Não estou entendendo.

— É como se o mal se desenvolvesse e depois tivesse de ser expulso para gerar um novo, como se eu pudesse parir como nunca pude na vida.

— Não entendi nada.

Ela virou o rosto e olhou para mim, abrindo o sorriso mais transcendente.

— Por que tenho a impressão de que você é uma gata gigante? — perguntei de repente. — Com seus olhos adoráveis, e eu sou alguma presa sem sorte que você escolheu ao acaso?

— Nunca ao acaso — ela disse, com a cara exoticamente séria. — Não, ao acaso nunca. Mas sim com todo cuidado, de acordo com as circunstâncias, e por mérito, e por causa da solidão. Mas nunca ao acaso, não, isso nunca. Você é muito amado. É esperado há muito tempo.

Uma onda da mais pura embriaguez tomou conta de mim. Estava a ponto de apagar.

A figura diante de mim começou a piscar como se alguém manipulasse o interruptor de luz acendendo e apagando para me enlouquecer. Tentei ficar de pé mas não consegui.

Pus o cibório na beirada da mesa e empurrei-o com a ponta dos dedos. Vi quando ela pôs mais vinho nele. Chega, eu pensei, mas então ela pegou o cálice e encostou na minha boca. Eu o segurei. Tentei recusar. Ela inclinou o copo e eu tive de beber o líquido que escorria pelo meu pescoço

e molhava minha camisa. Estava delicioso, mais ainda do que no começo. Eu caí para trás. Vi o cibório no chão. Vi o vinho vermelho no mármore.

— Não, no lindo mármore branco, não. É muito parecido com sangue, olhe só. — Mais uma vez eu tentei me levantar e não consegui.

Ela se ajoelhou na minha frente.

— Tenho crueldade dentro de mim — ela disse. — Tenho uma crueldade dentro de mim que será satisfeita. Não espere mais nada de mim. Você terá os dons que eu quiser dar e apenas esses, eu não criarei bastardos chorões como os outros fazem, que são alimento para os antigos, mas deixarei você forte, e com todos os dons de que precisa.

Não pude responder. Meus lábios não se moviam mais.

De repente vi Goblin atrás dela! Ele estava indistinto, todo força, não ilusão, e ela se ergueu em fúria, tentando derrubá-lo. Ele lhe deu uma grava-ta, o mesmo golpe que um dia Petronia aplicara em mim, e ela bateu com o pé no chão quando o atacou com uma cotovelada. Ele se dissolveu mas partiu para cima dela de novo, deixando-a furiosa.

Mais uma vez a luz piscou. Meus músculos estavam paralisados. Eu a vi na luz piscante, correndo pela sala. Ela pegou a imensa capa de mink e veio na minha direção, e de novo ele tentou esganá-la, mas ela não permitiu. Ela o afastou com tapas e se abaixou. Com um braço ela me levantou da cadeira e cobriu meu corpo inteiro com o mink como se tal gesto não fosse nada para ela, e então me segurou nos braços.

— Diga adeus ao seu amante! — ela vociferou para Goblin.

E estávamos no ar. Vi Goblin agarrado a nós. Vi o rosto dele, a boca aberta, berrando. Ele deslizou caindo, descendo como se estivesse se afo-gando.

Nós estávamos subindo e eu vi as nuvens embaixo de mim. E senti o vento na face e minha pele ficou gelada, mas não fazia mal, porque à minha volta só havia estrelas gloriosas.

Ela encostou os lábios na minha orelha. E logo antes de perder os sentidos de uma vez eu ouvi sua voz.

— Olhe bem para esses faróis frios, pois em toda a sua longa vida, talvez nunca encontre amigas mais quentes do que elas.”

“ – QUANDO ACORDEI era dia. Estava deitado numa cama macia numa varanda, com flores por todo lado. Havia gerânios em vasos ao longo da balaustrada, e atrás deles espirradeiras brancas e cor-de-rosa, e pensei, ainda zozzo e ensandecido, que podia ver uma montanha distante à direita, que pelo formato tinha certeza tratar-se do Vesúvio, e quando me levantei, nauseado e dolorido, cambaleei até as espirradeiras e vi lá embaixo os telhados da cidade, compreendi que não podia escapar por ali.

Bem longe à minha esquerda a estrada serpenteava cheia de automóveis que eram como besouros minúsculos correndo por ela. Era a costa italiana em toda a sua glória acidentada, e além da estrada ficava o mar efervescente. O sol estava alto, ofuscante, e me queimava, e não tinha como escapar dele naquela varanda.

Quanto à casa, estava trancada para mim. As portas com venezianas verde-escuras não tinham nada que eu pudesse pegar. Caí de costas na cama e meus olhos se fecharam, apesar de querer que ficassem abertos.

Minha mente febril disse *Você precisa escapar daqui. Tem de descer a encosta de alguma forma. Você tem de pular para os telhados lá embaixo.* Eu não tinha dúvida nenhuma de que aquela criatura, Petronia, queria me matar.

Senti que a inconsciência tomava conta de mim outra vez, quente, negra e cheia de desespero. Alguma droga ainda operava em mim e não conseguia combatê-la.

Então vi contra o céu azul a silhueta escura de uma mulher e a ouvi

falando baixo e rápido em italiano, e senti o ardor de uma picada no braço. Vi o desenho da seringa na mão dela quando ela a ergueu com um gesto floreado, e quis protestar mas não pude. E depois só me lembro que ela estava fazendo a minha barba com um pequeno barbeador elétrico que parecia um animalzinho barulhento correndo pelo meu bigode e meu queixo.

Ela conversava com outra mulher em italiano, e apesar de conhecer um pouco a língua não entendi o que dizia, só que reclamava de alguma coisa. Finalmente ela chegou para o lado e pude vê-la, ela era jovem, morena e tinha os olhos puxados.

— Por que você, eu gostaria de saber — ela disse para mim com um sotaque acentuado. — Por que não eu depois de todo esse tempo? Eu sirvo, e sirvo, e ela traz você para mim e diz para prepará-lo. Eu não passo de uma escrava.

— Ajude-me a sair daqui e ficará rica — eu propus. Ela riu.

— Você nem mesmo quer o que estão oferecendo a você? — ela disse em tom de desprezo. — E por quê? Porque é um capricho dela. — Sua voz era suave mas insistente. — Tudo é capricho para ela. Vir para cá. Ir para lá. Morar neste *palazzo*. Morar naquele *palazzo*. — A mulher largou a seringa. Eu ouvi barulho de metal. Ela pegou uma tesoura comprida. Cortou um cacho do meu cabelo.

— O que você injetou em mim? — perguntei. — Por que raspou minha barba? Onde está Petronia?

Ela riu e a outra mulher que apareceu à minha esquerda também riu. Ela era elegante, moderna e tinha um rosto bonito, como a outra que aparava o meu cabelo. Ela ficou de costas para a luz e sua sombra me cobriu.

— Nós devíamos matá-lo — disse a segunda mulher — para ela não

poder fazer. Podíamos dizer a ela que você morreu.

As duas morreram de rir com essa piada.

— Por que vocês desejam me fazer mal?

— Porque ela escolheu você em vez de nós! — disse a que tinha me dado a injeção. Ela estava furiosa mas não levantou a voz. — Você sabe há quanto tempo estamos esperando? Ela nos promete isso desde que éramos crianças. E é sempre a mesma desculpa, menos quando ela está zangada, então não diz nada, e Deus ajude a quem lhe pedir uma explicação! — A mulher passou um pente no meu cabelo. — Acho que você está pronto.

— Não se preocupe — disse a outra. Ela estava parada, de braços cruzados, olhar frio. Os belos lábios sorriam zombeteiros. — Não vamos machucá-lo. Ela vai descobrir quando chegar. E certamente nos mataria.

— Vocês estão falando de Petronia?

— Você não sabe de nada — disse a mulher que penteava meu cabelo. — Ela só está brincando com você. Ela vai matá-lo como fez com os outros.

Eu sentia a droga fazendo efeito em mim, ou seria a minha imaginação? Eu sentia muito calor, estava péssimo. Não estava drogado, nem consciente.

— Não tente se levantar — disse a mulher com o pente. Mas eu tentei e a empurrei para longe.

Ela chegou para trás, resmungando em italiano. Acho que estava me xingando.

— Tomara que ela torture você! — ela disse.

Eu estava deitado de costas. Pensei em me arrastar até a balaustrada. Eu devia ter pulado lá para baixo, por mais alto que fosse. Tinha sido tolice

não tentar. Meus olhos se fecharam. Podia ouvir a voz das duas, suas risadas vulgares e cruéis. Eu as odiava.

— Escutem! Ajudem-me a chegar até a balaustrada. Eu pulo sozinho. Vocês podem dizer a ela que eu pulei. É provável que eu morra e vocês ficarão felizes e livres de mim, como... como... — Não conseguia fazer minha boca formar as palavras. Não tinha certeza de ter dito nem o que pensava que tinha dito.

Eu estava desmaiando. Não conseguia ver mais nada.

A cama estava se movendo e a princípio pensei que era fruto de minha desorientação, mas em seguida ouvi o guincho das rodinhas. Senti frio e arrancaram minhas roupas, depois mergulhei numa piscina de água quente, deixaram meu corpo deslizar.

Graças a Deus por isso, pensei. O suor e o calor acabaram. Alguém me dava um banho e eu não ouvia mais as vozes das mulheres.

— Preste atenção — disse uma voz bem perto do meu ouvido. Tentei abrir os olhos. Num clarão vi o teto com murais pintados — um grande céu azul com deuses e deusas voando: Baco em sua carruagem e sátiros em volta dele com grinaldas e ramos de hera verde, e as bacantes, com cabelos desgrenhados e as roupas esfarrapadas atrás deles. Novo em folha. Colorido demais.

Então vi o rapaz que me dava banho. Era um daqueles extraordinários belos jovens italianos com um halo de cabelo cacheado e preto, o peito nu maravilhoso e braços musculosos.

— Estou falando com você — ele disse com um sotaque muito acentuado. — Você entende o que eu digo?

— A água está boa — eu tentei dizer mas não sei se consegui pro-

nunciar as palavras.

— Pode me entender? — ele perguntou novamente.

Eu quis balançar a cabeça mas estava apoiada na beirada da banheira de porcelana.

— Sim — eu disse.

— Ela vai testá-lo — ele disse e continuou a me banhar, pegando a água nas mãos e deixando escorrer em mim. — Se fracassar nos testes ela vai matá-lo. Ela sempre faz isso com quem a decepciona. Não se ganha nada lutando contra ela. Lembre-se do que eu disse.

— Ajude-me a fugir daqui — eu disse.

— Não posso ajudá-lo.

— Você acredita em mim? — Tive dificuldade para articular as palavras. — Quando digo que posso recompensá-lo? Tenho muito dinheiro.

Ele arregalou os olhos e balançou a cabeça.

— Não faz diferença se eu acredito em você — ele disse. — Ela me encontraria, não importa para onde nós fôssemos, nem o que você pudesse me dar. Ela é poderosa demais para eu conseguir escapar dela um dia. Minha vida terminou na noite em que ela me viu servindo mesas num café em Veneza. — Ele deu um sorriso breve e amargo. — Quem dera eu nunca tivesse servido aquele copo de vinho para ela, aquele inútil copo de vinho.

— Mas tem de haver um jeito — eu disse. — Ela não é Deus, essa mulher. — Eu estava perdendo a consciência de novo. Resisti. Lembrei do ar frio e das estrelas à minha volta. O que ela era? Que tipo de monstro?

— Não, Deus não — ele disse com o sorriso amargo. — Apenas poderosa e muito cruel.

— O que ela quer comigo? — perguntei.

— Tente ficar à altura das provas dela — ele disse. — Procure agradá-la. Senão você morre. Ela nunca faz outra coisa com quem falha. Ela os entrega para nós e nós desaparecemos com os corpos, e por isso ela nos permite continuar vivendo. Essa é a nossa existência. Dá para imaginar o lugar que o Diabo reservou para nós no seu inferno? Agora, se você acredita em Deus, aproveite este momento para fazer suas orações.

Eu não conseguia mais falar.

Senti quando ele levantou meus braços, um de cada vez, e raspou os pêlos das axilas. Era um estranho ritual e eu não entendia o desejo de qualquer pessoa de fazer tal coisa.

Parece que ele sentiu meu constrangimento.

— Eu não sei o que significa — ele disse para mim suavemente — mas com você ela nos disse para tomar muito cuidado. — Ele balançou a cabeça com tristeza. — Talvez não queira dizer nada, talvez signifique alguma coisa. Só o tempo dirá.

Acho que pus minha mão sobre a dele e dei uns tapinhas para consolá-lo porque ele parecia muito triste.

O tempo todo a água do banho continuou quente e em movimento, e então ele disse no meu ouvido que ia me levar para um lugar onde eu despertaria das drogas que tinham me dado, mas que não devia fazer barulho.

Eu dormi.

Quando acordei, sabia que estava sozinho. Ouvi o silêncio e a quietude à minha volta, e me vi num sofá, cercado por grades de ouro.

— Como o meu amigo gosta de ouro — sussurrei. — Mas eu também sempre gostei.

Segundos depois compreendi que estava numa linda gaiola redonda.

A porta estava bem trancada e eu sem botas para poder chutá-la, e meus punhos não adiantavam nada.

Quanto às minhas roupas, estava apenas com uma calça preta. Sem camisa.

Do lado de fora da gaiola havia um enorme salão de mármore, exatamente o que era de se esperar num *palazzo* na encosta de uma colina, com suas grandes janelas até o chão que se abriam para uma longa varanda. Mais além o pôr-do-sol riscava o céu de vermelho e a luz violeta subia enquanto o sol mergulhava no mar.

A Itália, tão gloriosa, no flanco da grandiosa montanha e sem dúvida não muito longe das ruínas das cidades trágicas que tinha destruído.

Recostei no sofá e fiquei observando as janelas se enchendo de estrelas prematuras e o quarto escurecendo, ficando sob uma luz mais suave.

Havia algo de decadente e perverso naquela jaula que me aprisionava e eu a odiei intensamente, no entanto tinha um estranho efeito calmante também, porque eu sabia que num monstruoso jogo com Petronia eu poderia ter alguma chance. Fora isso que o menino que me banhou quis dizer. Pelo menos essa tinha sido a conclusão a que cheguei. Mesmo assim eu estava revoltado com tudo à minha volta. Aquela era uma emoção completamente nova para mim.

As luzes se acenderam lentamente, revelando luminárias espalhadas ao longo das paredes do salão e murais que imitavam os de Pompéia — quadros retangulares emoldurando em vermelho romano diversas deusas que dançavam de costas para a sala.

E quando as luzes encheram o espaço com um brilho dourado quem apareceu não foi a orgulhosa e arrogante Petronia que eu esperava, mas du-

as outras criaturas igualmente estranhas.

Uma era um homem negro, tão negro que parecia ônix polido, e apesar de estar no canto oposto da sala, bem longe de mim, pude ver brincos de ouro em suas orelhas.

Suas feições eram delicadas e os olhos, amarelos. O cabelo era muito crespo, cortado bem curto e não muito diferente do meu.

O outro homem era uma incógnita. Ele parecia velho. De fato, tinha uma papada, o cabelo rareava na testa e era grisalho, mas ele não tinha marca alguma, como se não fosse feito de carne e sangue, mas de cera. Os olhos eram um pouco caídos nas extremidades como se fossem escorrer pelo rosto, e o queixo se projetava para a frente, o que lhe dava um ar de determinação.

Este, o velho, me fez lembrar de alguém, mas não sabia quem.

Nenhuma das criaturas parecia humana e eu tive certeza de que não eram mesmo.

Vi as estrelas que tinha visto na noite anterior, ou no dia em que voamos, e tive um terrível pressentimento de fatalidade. Na verdade uma sensação horrível de que tudo que eu conhecia e amava seria tirado de mim e que havia muito pouco que eu pudesse fazer para evitá-lo. O teste, a luta, a disputa, o que quer que fosse, seria apenas uma questão de formalidade.

Eu estava apavorado e mudo e procurei organizar minhas emoções. Ser atormentado era minha única esperança. Não havia tempo para deslumbramento ou curiosidade.

Os dois homens se aproximaram de mim, mas por puro acaso. Eles olharam para mim, mas se sentaram a uma mesa no centro da sala. E começaram a jogar xadrez e a conversar, de perfil para mim, o homem grisalho

com a papada de cera de costas para o céu cravejado de estrelas e o homem negro de frente para as janelas.

As duas criaturas usavam um tipo imaculado de traje a rigor. Eram paletós e calças pretas brilhantes e sapatos de couro. Mas por baixo vestiam camisas de um tecido cintilante em vez de camisas sociais e gravatas-borboleta.

Logo começaram a rir e a brincar um com o outro e a língua que falavam era italiano, por isso não entendi o que diziam. Mas quando me cansei daquilo, resolvi falar.

— Algum de vocês pode me explicar por que estou sendo mantido preso aqui? Pensam que estou nessa situação desagradável porque quero?

Foi o cavalheiro que parecia idoso que respondeu e seu queixo se projetou mais para frente ainda quando ele falou.

— Ora, ora — ele disse em inglês bem claro. — Você sabe que fez alguma coisa para estar aqui. Agora, o que foi que fez para Petronia? Ela não teria trazido você para cá se fosse inocente. Não venha nos dizer que é inocente.

— É exatamente isso que eu afirmo. Fui trazido para cá por um capricho dela e deviam me libertar.

O homem negro falou com o outro homem.

— Juro que fico cansado das brincadeiras dela. — A voz dele era suave e doce, como se estivesse acostumado com o poder.

— Ora, vamos, você sabe que gosta tanto quanto eu — disse o homem mais velho e a voz dele era profunda. — Por que estaria aqui agora? Você sabia que ela estava com esse rapaz.

— Só estou pedindo para ser libertado — eu disse com firmeza. —

Não posso chamar a polícia porque não sei quem vocês são, e quanto a Petronia, todas as tentativas que fiz no passado para descobrir onde ela estava ou para prendê-la falharam, e falharão no futuro. Não vou fazer nada disso. O que eu peço é para me deixarem ir!

O homem negro se levantou da cadeira de braço e foi na minha direção. Ele era o mais alto dos dois. Eu não me levantei para não impor minha altura à dele. Estendeu o braço através das grades e pôs a mão fria na minha cabeça. Ele olhou nos meus olhos. Eu odiei aquele homem. Precisei de toda a minha força de vontade para ficar quieto.

— Você não fez mal a ninguém — ele disse baixinho, como se lesse isso na minha mente. — E do outro lado do mundo ela o trouxe para seu esporte sangüinário — ele suspirou. — Oh, Petronia, por que a crueldade, sempre a crueldade? Por quê, minha bela pupila? Quando é que você vai aprender?

— Você vai me deixar ir? — perguntei.

Olhei para ele. Era um ser esplêndido. As feições eram esculturas sublimes e o rosto dele parecia bondoso.

— Não posso fazer isso, meu filho. Gostaria de poder, mas creio que seu destino está traçado. Tentarei abreviar sua agonia.

— Por que minha vida significa tão pouco para vocês? — perguntei. — Venho de um mundo em que a vida é preciosa. Por que para vocês isso é tão diferente?

O velho tinha se aproximado também, caminhando com uma agilidade que não condizia com a idade aparente, e ele também me espiava através das grades.

— Não, você não é inocente, não diga isso — ele falou. — Você é

um agente do mal disfarçado — ele protestou. — Ela não o traria para cá se não fosse. Eu a conheço bem demais.

— Não tão bem — disse o negro como carvão. — Ela faz o que quer e nunca se satisfaz.

Olhei fixamente para o velho.

— O velho — eu disse em voz alta e então compreendi. — O Velho — eu disse de novo. — É você. O retrato na parede da sala de estar! Você é Manfred Blackwood!

— E quem é você para dizer meu nome com tanta empáfia? — ele quis saber e se empertigou todo.

— Vocês são demônios, todos vocês. Meu Deus, isto é o inferno. — Eu dei uma gargalhada. Senti a droga agindo em mim novamente. Não tinha como escapar. Minhas palavras saíram apressadas.

— Se não fosse por Julien Mayfair, você seria meu ancestral. Eu sou Tarquin Blackwood. Ela me trouxe da Ermida, a Ermida que você construiu para ela, e que eu reformei para ela. A Mansão Blackwood está nas minhas mãos agora. A sua bisneta, Lorraine, ainda vive, está viva para lamentar a minha morte e arrancar os cabelos porque eu desapareci da Fazenda Blackwood. Petronia não contou o que ela andava tramando?

Ele teve um acesso de fúria. Tentou entortar as grades mas não conseguiu. Bateu na tranca. Agora ele era um velho em tudo, o maxilar tremia, os olhos lacrimejavam.

— Abominação! — ele rugiu. O negro tentou acalmá-lo.

— Deixe esse assunto comigo — ele disse. — Temos uma hierarquia de autoridade aqui.

— Você está vendo o que ela pretende fazer? — berrou o Velho, a

papada tremendo. Ele todo tremeu. Os olhos se inflamaram, olhando para mim. — Quem lhe contou sobre Julien? — ele quis saber, como se tivesse alguma importância naquele momento.

— Foi o próprio Julien que me contou. Eu vejo espíritos — retruquei. — Mas que importância tem isso? Tire-me daqui. A sua bisneta Lorraine precisa de mim. A Fazenda Blackwood precisa de mim. Tenho uma família que precisa de mim.

Subitamente Petronia apareceu. Com uma túnica de veludo preto e calça com cinto de camafeus, ela entrou com passos largos no grande salão e se aproximou dos dois homens.

— O que é isso, uma assembléia na gaiola?

Quando Manfred tentou agarrá-la pelo pescoço, empurrou-o longe, o corpo dele recuou metros pelo piso de mármore e bateu na parede, a cabeça lançada para trás num impacto que teria matado um ser humano normal. De sua garganta saiu um rugido terrível e profundo.

— Não ouse me questionar — ela disse.

O negro, como se nada pudesse perturbá-lo, estendeu o braço até o ombro dela. Ele era alguns centímetros mais alto do que Petronia, devia ter a minha altura. Ele abaixou a cabeça dela até encostar no ombro dele e eu vi a mão de Petronia tremer ao deixar que ele fizesse isso, e ele sussurrou em seu ouvido.

— Petronia, minha querida, por que essa fúria sempre?

Ele a segurava e ela se deixava segurar, e o Velho chorava quando aproximou-se, ferido, furioso, indefeso, balançando a cabeça.

— Um dos meus — chorava o Velho — e suas promessas para mim não valem nada, seu compromisso não vale nada...

— Deixe-me em paz, seu idiota — ela disse, virando a cabeça para olhar para ele. — Eu cumpri minhas promessas para você dez vezes. Eu lhe dei a imortalidade! O que você quer? E, além disso, dei riquezas inimagináveis. Esse menino não é nada para você, é apenas algo sentimental, como as fotografias que você guarda da sua preciosa Virginia Lee e do seu filho William, e da sua filha Camille, como se essas pessoas representassem alguma coisa para você na poeira do tempo. Elas não são nada.

O Velho soluçava. Então ele falou, balbuciando:

— Faça-a parar, Arion. Não deixe que ela prossiga. Faça com que ela pare.

— Desgraçado, velho miserável — disse Petronia. — Velho para sempre. Nada poderia devolver-lhe a juventude. Eu o desprezo.

— E foi por esse motivo que fez isso comigo? — eu perguntei. Talvez tivesse sido mais sensato não dizer nada, mas de alguma forma aquele caso estava sendo julgado por Arion, o negro, e eu tinha de fazer algum esforço, ou morrer cheio de arrependimento.

Petronia olhou para mim e, como se me visse pela primeira vez, ela sorriu. E como sempre acontecia quando ela sorria, parecia serena e adorável. Ainda estava nos braços de Arion, e Arion acariciava o cabelo farto e solto dela. O jeito com que ele a segurava era muito carinhoso. Os seios dela estavam encostados nele e ele parecia adorá-la.

— Você não quer viver para sempre, Quinn? — ela perguntou.

Ela se desvencilhou gentilmente do abraço de Arion e tirou de baixo da túnica de veludo preto uma corrente de ouro, e na extremidade dessa corrente havia uma chave, e com ela Petronia destrancou a minha bela prisão.

Ela abriu a porta. Com dedos cheios de maldade ela agarrou meu braço esquerdo e me arrancou do sofá para o salão, atirando-me contra as grades. Uma onda de dor fez meu corpo estremecer.

Arion ficou ali perto, olhando para mim, e o Velho estava a certa distância. Tinha tirado uma pequena fotografia de dentro do paletó e olhava para ela com pena. Imaginei se era de Virginia Lee. Ele murmurava sozinho como se fosse louco.

— Está preparado para lutar pela imortalidade? — Petronia perguntou para mim.

— De jeito nenhum, não farei nada — eu disse. — Nem pela minha vida. Tudo que você quer é ser violenta.

— Violenta! — ela zombou de mim. — Você me chama de violenta? Depois de mandar seu fantasma me atacar com estilhaços de vidro?

— Ele fez o que podia para me proteger. Você estava na Mansão Blackwood. Pretendia me machucar.

— E por que ele não está aqui? — ela perguntou.

— Porque não pode, você sabe disso — eu disse. — Não sou páreo para você. Eu vi o que fez com Manfred agora mesmo. Você joga sujo comigo. Sempre jogou.

— Teimoso — ela disse sorrindo, um sorriso cruel dessa vez, e balançou a cabeça. — Sempre voluntarioso. Orgulho, este é o seu pecado.

Arion estendeu os braços para mim e segurou minha cabeça com as duas mãos. Eu senti seus polegares macios e sedosos no meu rosto.

— Por que não o deixa ir? — ele perguntou. — Ele é inocente.

— Mas esses são os melhores — disse Petronia.

— Então você pretende mesmo fazer isso — disse Arion, dando um

passo para trás. — Não apenas matá-lo?

— Pretendo sim — ela disse, assentindo com a cabeça. — Se achar que ele merece, se achar que ele é forte.

Antes de eu poder protestar, antes de eu poder zombar, antes de poder dar uma risada de desprezo ou implorar, ou o que quer que me viesse à cabeça fazer, ela me pegou e jogou longe, como tinha feito com Manfred, contra a parede mais distante. O impacto da cabeça foi violento e eu pensei: A morte não vai demorar muito.

Ao mesmo tempo fiquei com raiva, como sempre fico quando alguém me machuca. Caí no chão e procurei me levantar imediatamente, voei para cima dela, errei e caí de joelhos.

Ouvi a risada cruel de Petronia. Ouvi Manfred chorando. Onde estava Arion? Levantei a cabeça e vi os dois homens sentados à mesa. E onde estava ela?

Ela enfiou a mão embaixo do meu braço, puxou-me para eu ficar de pé e deu um tapa com força no lado esquerdo do meu rosto, depois me jogou no chão. Caí estatelado. Era inútil tentar lutar. Eu tinha de cumprir a minha palavra. Não dar corda para ela de jeito nenhum. Mas não consegui. Mais uma vez tentei ficar de pé.

Ora, eu não entendia nada de briga. Ou devo dizer que tudo que eu sabia era o que observava nas lutas de boxe, meu esporte favorito como espectador. E não havia como aplicar o que eu sabia naquela situação, e eu nunca tinha aprendido luta nenhuma.

Mas quando me levantei dessa vez, vi Petronia parada bem na minha frente, e pareceu lógico que eu corresse abaixado na sua direção para derrubá-la. E foi o que fiz, ataquei-a logo abaixo dos joelhos e ela voou por cima

de mim.

Os homens riram disso, o que não foi nada bom. Eu preferia aplausos. Mas rodopiei e caí em cima dela antes que pudesse se levantar, tentei enfiar os polegares nos olhos dela. Ela me segurou pelo pescoço com as duas mãos e depois, de volta ao combate, atirou-me de novo no chão e me arrastou até a varanda, onde segurou meus pulsos com uma mão, me pendurou por cima da balaustrada e perguntou se eu gostaria de despencar para a morte.

Vi as luzes do trânsito lá embaixo na estrada coleante. Também vi o oceano espumando nas pedras mais além. Não respondi. Eu estava tonto. Também pensei que estava perdido. Sabia que Manfred não tinha poder para impedi-la. E achei que Arion não ia fazer nada.

O fato de tê-la derrubado só piorava as coisas.

Quando dei por mim, ela estava me agarrando e jogando no chão mais uma vez e me chutava enquanto me arrastava pela sala. Pensei nela de novo como uma gata gigante, como na Ermida, e em mim como sua presa.

— Não é assim que se faz isso — Arion disse a ela.

Ouvi a voz dele perto, como se tivesse se aproximado dela, mas não sabia em que lugar da sala nós estávamos.

— Nós escolhemos o jeito que queremos, não escolhemos? — disse Petronia. — Precisamos fazer do jeito que queremos. Numa fração de segundo, todos os ferimentos dele estarão curados. Ele conhecerá o poder do Sangue quando isso acontecer, e será muito melhor para ele. Deixe-me ter o que preciso.

— Mas por que, minha querida, por que precisa disso? — disse Arion. — Eu não entendo, minha preciosidade, por que a fúria, sempre essa

fúria?

Eles continuaram conversando, mas em italiano. Eu percebi que ele estava falando sobre o passar do tempo e que ela um dia tinha sido diferente, mas foi apenas isso que consegui adivinhar. O Velho continuava a chorar.

Tentei me mexer e então senti o pé de Petronia no meu pescoço. Eu estava sufocando. Ela afrouxou a pressão e vi o seu rosto em cima do meu, o cabelo caindo e me fazendo cócegas quando ela me puxou com as duas mãos. O meu peso não significava nada para ela. Ela ficou tão perto de mim que parecia que ia beijar meu pescoço.

Eu estava deitado num sofá com os braços dela nas minhas costas e sua boca aberta na minha pele, então senti duas picadas no lado do pescoço e o mundo e toda a minha dor desapareceram. Ouvi o coração dela batendo.

— *Ensine-me* — ela disse. — *Não vou parar de beijá-lo.*

Que ela estava sugando o meu sangue eu sabia, e que eu estava ficando cada vez mais fraco, eu também sabia. E parecia que toda a minha vida se esvaía de mim, que imagem após imagem da infância, da juventude e dos últimos anos de amor e êxtase e deslumbramento eram arrancados de mim com o meu sangue, incontrolavelmente, copioso e puro. Eu era incapaz de entender o que essa intimidade significava no esquema maior das coisas, então ela recuou e eu fiquei todo mole em seus braços. E deslizei, livre, para o chão.

Petronia segurou meu braço. Ela começou a me arrastar de nove. Senti um chute nas costelas. Eu não enxergava mais nada. Ouvia o Velho chorando. Sabia que ele chorava por mim. Mas ela simplesmente vociferava

baixinho. Senti o mármore frio embaixo de mim. Eu fiquei estatelado no piso.

Subitamente o cenário mudou. Eu não estava mais no meu corpo, eu o via de cima e via todos os ocupantes da sala. Estava na entrada de um longo túnel escuro, um vento uivava à minha volta, um vento assustador, e no fim do túnel apareceu uma imensa luz deslumbrante, uma luz indescritível, e nessa luz, essa imensa luz dourada e branca, eu vi Pops e Sweetheart olhando para mim. Lynelle também estava com eles. Queria desesperadamente juntar-me a eles, mas não conseguia me mexer. Algum horrendo fascínio por Petronia, Manfred e Arion impedia qualquer movimento. Alguma ambição pútrida me impedia de virar e ir para perto de quem eu tanto amava. Não havia nenhuma clareza em mim. Apenas turbulência. Depois a visão desapareceu, tão subitamente como tinha aparecido. Eu não havia tomado decisão nenhuma.

Tinha voltado para o meu corpo dolorido e machucado. Estava no piso de mármore de novo.

— Você está morrendo — disse Petronia. — Mas agora eu o conheço, conheço você pelo Sangue, e não vou deixar que isso aconteça, Tarquin Blackwood. Estou me apossando de você. — Ela me ergueu em seus braços mais uma vez.

— Pergunte o que ele quer — disse o negro chamado Arion.

— O que você deseja? — ela perguntou e me segurou de joelhos diante dela. Eu sentia sua calça de veludo. — Fale comigo. O que você quer?

Indefeso e desajeitado, eu caí com a cara na virilha de Petronia. Quis apoiar-me em sua perna e então me encolhi, quase despenquei quando ela deu um tranco no meu ombro e me manteve ajoelhado.

— O que você quer? — ela perguntou de novo.

O que eu devia dizer? Que queria morrer? Naquele lugar, do outro lado do mundo de tia Queen, de Mona, de todos a quem amava, morrer sem deixar vestígios?

Ergui o punho, tentei atingi-la. Consegui, mas meu punho não tinha força alguma. Arranhei sua roupa de veludo. Tentei bater nela outra vez. Acertei nas partes íntimas.

— Ah, você quer ver, não é? Quer ver do que todos eles riram! Então venha me prestar homenagem — ela disse. Ouvi um estalo de botão de pressão abrindo e então ela pôs a minha mão sobre seu curto e grosso pênis ereto, depois mais para baixo, entre dois lábios pendurados, a fenda rasa que era sua vagina, depois de volta para seu pau. — Ponha na boca — ela disse com raiva. Eu senti a pressão nos meus lábios. — Chupe! — ela exigiu.

Fiz a única coisa que podia fazer. Abri os lábios e, quando ela forçou seu pênis em minha boca, eu o mordi com toda a minha força. Ouvi-a berrear mas continuei mordendo. E jorrou na minha boca um copioso e eletrizante fluxo de sangue que eu não esperava... Enlouquecido, eu continuei mordendo.

Cravei os dentes e o sangue, aquele fogo líquido, escorreu por dentro de mim. Desceu por minha garganta. Eu engoli sem querer. Era como se o meu sangue, sugado por ela, não pudesse resistir. Subitamente compreendi que as mãos dela seguravam a minha cabeça e que seu berro era uma gargalhada e o sangue não era sangue como eu o conhecia, mas uma torrente de fluido estimulante que parecia sair diretamente do seu coração e cérebro.

— *Conheça-me. Saiba quem eu sou!* — ela me disse e eu senti o conhecimento entrando em mim, e eu não podia recusar. Eu evitaria se pudesse. De

tanto que a odiava. Mas eu não podia fugir e naquele momento já não podia mais desistir.

Muitos e muitos séculos atrás ela nasceu, filha de mãe atriz e pai gladiador, na Roma de César, uma criança monstruosa, metade macho, metade fêmea, uma criatura que seria destruída por pais normais, mas que foi criada por eles para o teatro, onde ela cresceu e se tornou uma gladiadora muito forte aos quatorze anos.

Antes disso ela era exibida secretamente mil vezes para aqueles que podiam pagar, aqueles que queriam tocar nela e ser tocados por ela. Ela nunca conheceu o amor, nem a privacidade, nem um momento de delicadeza, nem uma roupa que não fosse para o espetáculo.

Na arena ela era violenta e matadora. Eu vi o espetáculo, uma multidão torcendo por ela. Vi a areia vermelha do sangue que ela derramava. Ela vencida todas as disputas, por mais pesado ou poderoso que fosse o adversário. Eu a vi com sua armadura reluzente, a espada do lado, o cabelo preso para trás, olhando para César enquanto fazia uma medida para ele!

Passaram-se anos enquanto ela lutava e os pais exigiam preços cada vez mais altos. Finalmente, quando ainda era menina, foi vendida a um mestre impiedoso por uma fortuna, e ele a enviou para a arena contra os animais selvagens mais ferozes. Nem eles conseguiam derrotá-la. Ágil e destemida, ela dançava diante de leões e tigres, cravando fundo sua lança no ponto certo.

Mas ela acabou se cansando, cansou de combater, cansou do desamor, cansou do sofrimento. A multidão a amava, mas não aparecia na escuridão da noite quando dormia acorrentada à cama.

Então apareceu Arion. Arion pagou para vê-la como tantos outros.

Arion pagou para tocar nela, como tantos outros. Arion comprou vestidos para vê-la posar para ele. Arion a abraçou. Arion gostava de pentear seu cabelo preto e comprido. Então Arion a comprou e a libertou. Arion deu a ela uma bolsa pesada de dinheiro e disse Vá para onde quiser. Mas para onde ela poderia ir? O que poderia fazer? Não suportava o ruído do circo durante os jogos. Não suportava lembrar do treinamento dos gladiadores. O que havia no mundo para ela? Teria de ser cafetina e prostituta ao mesmo tempo? Ela continuou seguindo Arion, amando Arion.

— Você é minha vida agora — ela disse a ele. — Não dê as costas para mim.

— Mas eu te dei o mundo — ele respondeu.

Não resistindo às lágrimas dela, ele lhe deu mais dinheiro e uma casa para morar. Mas ela foi atrás dele, chorando.

E finalmente ele a acolheu. Levou-a para a cidade dele. Levou-a para a bela Pompéia. O comércio de camafeus era dele, Arion contou para Petronia. Ele tinha três oficinas de fabricação de camafeus, as melhores de todo o império.

— Você consegue aprender essa arte por mim? — ele perguntou para ela.

— Consigo — ela disse. — Por você sou capaz de aprender qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo.

Ela começou a trabalhar com uma paixão que nunca tinha visto. Não estava lutando pelas multidões, lutava por sua vida inútil. Estava lutando para agradar a Arion, uma coisa frágil e absoluta. Seus inimigos eram a falta de jeito, a impaciência, a raiva. Ela aprendeu com todos os mestres das oficinas dele. Ela observou. Ela imitou. Ela trabalhou com madre pérola, pedra,

pedras preciosas. Ela dominou o cinzel, a pequena broca. Aprendeu tudo que pôde.

Finalmente, ao cabo de dois anos, tinha exemplares para mostrar a Arion, peças belas e perfeitas. Figuras de deuses e deusas reunidos nos templos. Retratos dos melhores do Fórum. Transformara o artesanato em arte pura. Ele nunca tinha visto trabalho como aquele, Arion disse a ela. Ele a amava. E ela nunca conhecera tamanha felicidade.

Então vieram os dias terríveis do Vesúvio, a erupção do vulcão e a morte da idílica cidadezinha onde todos tinham vivido tão felizes. Arion fugira na noite anterior para o outro lado da baía de Nápoles. Previra na véspera da erupção o que ia acontecer. Era dever de Petronia cuidar para que os escravos que trabalhavam nas oficinas escapassem. Mas só uns poucos lhe deram ouvidos.

E quando tudo terminou e o ar ficou cheio de cinzas e veneno, e o mar repleto de corpos, quando não restou mais nada onde um dia Pompéia tinha existido, ela foi para a vila de Arion — exatamente onde estávamos naquele momento — aos prantos e com apenas um punhado de seguidores, para dizer a ele que tinha fracassado.

— Não, minha amada — ele disse. — Você salvou o meu bem mais precioso, salvou sua própria vida quando pensei que estava tudo perdido. O que posso lhe oferecer por isso, minha doce Petronia?

E depois de algum tempo Arion deu para Petronia o Sangue que ela estava dando para mim. E depois ele a fez imortal como Petronia estava fazendo comigo.

Ela me soltou. Acariciei com os lábios o seu pau quando me afastei.

Caí de costas no chão. Mas via tudo à minha volta com novos olhos.

E senti todos os ferimentos do meu corpo cicatrizando. Senti a dor abandonar minha cabeça. Sentei como se despertasse de um sonho e olhei para a janela aberta, por cima da balaustrada, e o azul muito puro do céu noturno me dominou, prendeu a minha atenção, e não ouvi as vozes na sala.

Arion se aproximou. Ele me segurou e levantou como Petronia tinha feito, sem esforço algum, depois apontou-me a sua própria garganta e disse para eu beber.

— Não, por favor, espere — eu murmurei. — Deixe-me saborear o que ela me revelou de si mesma. Por favor — eu disse isso respeitosamente.

Mas ela voou para cima de mim, me derrubou no chão novamente e chutou minhas costelas.

— Lixo! — ela disse. — Como ousa responder assim ao Mestre, e quem pensa que é para saborear o que sabe de mim?

— Petronia! — disse Arion — Já chega. Ele me levantou.

— Meu sangue lhe dará mais força — ele disse. — Beba. É muito mais antigo que o dela, e assim você não ficará tão dependente dela.

Eu quase chorei com a selvageria dela. Eu a amei muito no Sangue e fui tolo por isso, tolo demais, mas naquele momento Arion estava dizendo para eu beber e não sei por que passei a língua nos meus dentes da frente. E descobri que meus caninos eram presas, e com eles beijei o pescoço dele, conforme ele havia dito, e com isso veio novo fluxo de imagens e sangue.

Dessas imagens eu não me lembro. Acho que de alguma maneira, por meio de algum poder, ele guardou seu coração generoso e mais antigo. Acho que ele me ofereceu o Sangue e seu poder fortificante sem todos os seus segredos. Mas o que ele me deu foi indescritivelmente glorioso e satisfez minha alma ferida depois da rejeição de Petronia.

Nele eu vi Atenas. Vi a famosa acrópole cheia de gente e animada. Eu a vi com templos e imagens brilhantemente pintadas como haviam me ensinado que era, não como vemos agora a arte grega, branca e pura, mas com azuis, vermelhos e cor de carne muito vivos, ah, que maravilha! Eu vi a agora cheia de gente! Vi a cidade inteira espalhada pelas encostas suaves da montanha. Minha cabeça ficou repleta de visões valorosas mas não podia adivinhar onde ele estava em tudo isso. Ouvi a língua que as pessoas falavam em volta de mim, vi as pedras duras do calçamento sob meus pés com sandálias e senti o sangue dele sendo bombeado para dentro de mim, lavando meu coração e minha alma.

— Apenas do Agente do Mal, meu filho — ele disse para mim enquanto o Sangue entrava. — Só beba do Agente do Mal. Quando for caçar, a não ser que tome apenas a Bebida Breve, não ataque o coração inocente. Use o poder que receberá de mim para ler as mentes e os corações de homens e mulheres e persiga o Agente do Mal por toda parte, e só tome o sangue dele.

Finalmente ele me empurrou. Lambi o sangue dos meus lábios. Suspirei. Aquele seria meu único alimento. Eu sabia disso. O conhecimento tinha vindo instintivamente. E por mais que tivesse gostado do sabor do sangue dele e do sangue de Petronia, eu ansiava por um ser humano para saber o gosto que tinha.

Ele alisou minha testa e meu cabelo com suas mãos sedosas e olhou bem nos meus olhos.

— Apenas dos Agentes do Mal, está compreendendo, meu jovem? Ah, os inocentes nos atraem sim. Fazem isso sem querer. E parecem muito saborosos. Mas ouça bem o que eu digo, eles o levarão direto para a loucu-

ra, quer você tenha ou não uma alma cultivada. Você passará a amá-los e a sentir desprezo por si mesmo. Preste atenção no que estou dizendo, é a tragédia de Petronia. Para ela não existe inocência, por isso não existe consciência, e por isso não existe felicidade. E assim ela prossegue no sofrimento.

— Eu sigo suas leis — disse Petronia, perto de nós.

— Não foi o que você fez com este — disse Arion enfaticamente.

— Meu neto, meu próprio neto — chorava o Velho consigo mesmo em sua dor. — Sua desgraçada blasfema!

— Mas ele viverá para sempre — disse Petronia solenemente, e deu uma risada. — O que mais posso fazer? O que mais posso oferecer?

Virei-me para ela. Com esses olhos preciosos eu vi a sua beleza selvagem como se fosse um milagre.

Eu sabia o que tinham feito comigo. Não sabia nada da história, da familiaridade, das regras, dos limites. Mas sabia o que tinham feito. *Imortalidade*. Eu sabia mas não conseguia compreender. Onde estava Deus? Onde estava a minha fé? Será que toda a minha construção havia desmoronado naquela monstruosidade?

Comecei a sentir uma dor lancinante. Seria uma ilusão?

— Isso é a morte humana — disse Arion. — Leva alguns segundos. Vá com os servos para o banho. Depois eles irão vesti-lo, e então você vai aprender a caçar.

— Então nós somos vampiros — eu disse. — Somos a lenda.

A dor em minhas entranhas era insuportável. Vi o rapaz que tinha cuidado de mim antes. Ele me esperava.

— Caçadores de Sangue — disse Arion. — Refira-se a mim desse modo e o amarei ainda mais.

— Mas por que você me ama? — perguntei.

— Como poderia não amá-lo? — ele disse, pondo a mão no meu ombro.”

“ - **T**ODA A MINHA VIDA eu acreditei no céu e no inferno. Será que o céu desprezava essa metamorfose?

Eu era um bêbado no auge da loucura, sem arrependimento algum. Estava deitado nu na banheira e fluidos escuros saíam de mim. Finalmente a dor cessou e a água correu pura. A morte humana tinha acabado.

Olhei para os três servos, o Adonis e as duas meninas de feições marcantes. Eles estavam horrorizados ou completamente atônitos.

Enquanto eu me banhava na água limpa com uma esponja, foi o jovem Adonis que me trouxe o sabão, depois a toalha, me ajudando a sair da banheira e a vestir roupas novas — os mesmos trajes que os outros usavam — paletó preto de smoking, calça preta e camisa de cetim, de forma que fiquei parecido com meus novos companheiros, a quem eu ia me juntar, pelo menos era isso que eu imaginava que ia acontecer.

Senti uma sede aguda e inescrupulosa do sangue daqueles jovens serviços provocada pela própria visão do sangue deles correndo sob sua pele. O forte cheiro impregnava o ar à nossa volta. Eu não era um deles. Não era irmão deles. Eles não podiam sentir o que eu sentia. Não podiam saber o que eu sabia.

Lembrei-me das recomendações de Arion. Agentes do Mal. Percebi que estava olhando para os olhos da menina mais agressiva, que certamente esperava que tivessem me matado, e quando o fiz consegui ver sua mente. Vi sua raiva, a amargura, o temperamento esquentado. E enquanto olhava fixo para ela e o gentil Adonis ajeitava minha roupa, ouvi-a falar com voz

mais maldosa.

— Por que você? — ela perguntou. — Por que você em vez de um de nós? Quem é você, para ter de ser você?

— Psiu, não — disse logo o rapaz. — Não seja tola.

A outra menina exibiu um ar de frieza e cinismo, mas pensava a mesma coisa. Achava que tinha sido passada para trás e estava com raiva. O ódio emanava das duas, e eu percebi que isso estava me enfurecendo. Eu as detestei, detestei porque teriam se livrado do meu corpo aquela noite mesmo, sem pensar duas vezes, só que era uma tarefa incômoda para elas.

— Nós trabalhamos, nós esperamos, e então ela o traz para cá e escolhe você. Por quê? — continuava a mais impetuosa.

— Cale-se — disse o rapaz outra vez.

Ele tinha acabado de ajeitar minha camisa e as lapelas do paletó. Olhou-me nos olhos pedindo, imaginando, adorando. Ele parecia ter uma simpatia tão imensa por mim, por eu não ter morrido. Parecia achar maravilhoso.

— Quantos outros ela trouxe aqui? — perguntei a ele.

Ele não teve tempo de responder. As duas portas do banheiro se fecharam com um estalo. E antes de as duas meninas e o rapaz poderem se virar, outras duas portas também foram fechadas. Não restava nenhuma saída senão pela varanda e eu conhecia a altura da queda de lá.

Dei meia-volta e encontrei Petronia encostada na porta atrás de mim.

— Muito bem — disse ela. — Então você acabou de morrer e nunca mais sentirá isso, a menos que queira. Agora vai fazer outra escolha. Escolherá sua primeira presa. E será um desses aqui. Seja rápido. Não me importa qual deles. Ou melhor, eu me importo, sim. Estou curiosa. Ande logo!

As meninas levaram um susto, gritaram, se abraçaram e recuaram até encostar na parede de mármore. O rapaz simplesmente olhou para Petronia e não fez nada. Ele parecia profundamente decepcionado, mas não emitiu um som.

— Não posso fazer isso — eu disse.

— Pode e vai fazer — disse Petronia. — Escolha um deles ou eu escolherei por você. Eles são Agentes do Mal por excelência. Teriam se livrado de você esta noite, para eles uma mera carcaça, se tivesse morrido.

Ela veio para o meu lado. Sua expressão ficou mais suave e ela pôs o braço no meu ombro, olhando carinhosamente para mim. Falou com uma voz calma e as meninas continuaram tremendo e choramingando em pânico, o rapaz se manteve firme, paralisado.

— Quinn, Quinn, meu pupilo — ela disse com sua voz amorosa, uma voz que eu tinha ouvido poucas vezes antes. — Quero que seja forte e passe a agir por sua conta. Por isso aprenda minhas lições. Leia a mente deles. Use o Dom do Sortilégio para enfeitiçá-los. Você tem fome e os quer. Sim, sim, é isso, meu pupilo. Use seus dons e deixe que o cheiro dos corpos deles seja seu guia.

E eu olhei fixo para a mais agressiva. Li sua mente. Vi sua maldade, seu desligamento casual e perverso da raça humana, seu egocentrismo barato e frágil. E quando me aproximei dela, vi seu rosto tranquilo, os olhos grandes e vazios, como se eu tivesse levantado a mão para acalmá-la. Sua parceira de crimes tinha se afastado e com o rapaz fora para o outro canto do cômodo. Ela era toda minha, abandonada, subjugada, sem reação. Havia apenas paz nela.

— Devore o mal — disse Petronia, ao meu lado como meu anjo

mau. — Coma-o e incorpore-o ao seu sangue limpo e eterno.

A menina ficou inerte. Ela desmoronou, sedosa e quente nos meus braços. A cabeça pendeu para um lado. Sua mente estava partida como o caule de uma rosa cheia de espinhos. Beije o seu pescoço. Então cravei meus dentes e senti seu sangue rico e delicioso jorrar, mais salgado do que o dos meus mestres vampiros, de certa forma mais pungente, e veio a terrível história da vida dela, pútrida, ordinária, indecente. Procurei sentir apenas o delicioso gosto do sangue. Concentrei-me no fluxo grosso do sangue. Repudiei as imagens. Afastei meu coração do coração dela. Apliquei meus sentidos apenas no sangue grosso e gostoso, então Petronia me puxou e a menina ficou estirada aos meus pés, um corpo caído, com grandes olhos vazios, olhos tão lindos, e sangue no pescoço.

— Você derramou sangue, olhe só — disse Petronia. — Abaixese agora e lamba tudo. Limpe a ferida até não restar mais nada.

Eu me ajoelhei e ergui a menina. Fiz o que Petronia mandou.

— Faça um corte na sua própria língua — disse Petronia — e com uma gota do seu sangue sele a ferida até desaparecer.

Fiz isso com zelo. Observei os pequenos furos sumirem e então a menina, com o rosto pálido e arroxeadado, caiu inerte no chão quando a soltei.

Levantei meio grogue. Mais uma vez me senti como um bêbado. Os objetos ou superfícies mais comuns pareciam pulsar com vida.

Ainda zonzinho me aproximei de Adonis.

— Obrigado por ter sido bom comigo — eu disse a ele.

Ele estava apavorado demais para responder. Ficou só olhando para mim como se eu o forçasse a isso, e depois eu me afastei dele.

Eu estava saindo do banheiro com Petronia? Estávamos subindo uma escadaria? A noite parecia enevoadada, não iluminada. As estrelas pareciam se mover no céu enquanto andávamos por um terraço coberto. Eu podia ouvir e sentir o cheiro do mar.

Chegamos à sala onde Manfred continuava sentado diante do tabuleiro de xadrez com Arion, e ambos me pareceram magníficos, infinitamente mais gloriosos do que as duas meninas e o menino.

— Então nós temos uma visão potencializada — eu murmurei. — Vemos todas as coisas como se cada parte delas ardesse em chamas.

— Eu sabia que você ia entender — disse Petronia. — Gosto das suas palavras. Nunca tenha medo de falar comigo. Observei você durante anos antes de escolhê-lo, você e seus espíritos. Foi a sua linguagem que me atraiu, bela e verdadeira.

— Eu te amo — eu disse. — Não era isso que você queria?

Ela deu uma risada suave e desprotegida. Seu braço quente envolvia a minha cintura e naquele momento sua beleza foi capaz de tocar meu coração. Percebi até a digna majestade que a cercava. Senti que a adorava.

Fomos para a varanda e eu olhei para o mar. Estava verde-claro e azul lá embaixo. Eu via isso no escuro, via como subtraía sua cor do céu iluminado pela lua. E via as estrelas se movendo lá em cima como se quisessem nos abraçar. Ao longe, descendo a encosta, havia uma cidade de prédios brancos, tão perigosamente encarapitada que parecia irreal, e mais além a montanha coberta de neve.

— Querer que você me ame? — ela repetiu a pergunta que fiz. — Eu não sei. Talvez quisesse que me amasse por um tempo. Talvez ainda queira. Como vou saber o que quero? Se eu soubesse, poderia me satisfazer. Mas

por que digo tais mentiras? Ou melhor, por que acredito nelas? O fato é que queria você desde o momento em que o vi pela primeira vez. Resolvi que seria meu. E apenas por esta noite, ou algumas noites depois. E decidi deixá-lo forte. Eu já disse isso, portanto voltamos para Arion, e ele o deixará com sede novamente, não é? Doce Mestre?

— Posso falar das coisas que vi no sangue? — perguntei a ela.

— Experimente — ela disse com seu novo jeito carinhoso. — E se eu detestar o que você disser, quem sabe o que posso fazer? Nem eu sei. O que você viu no sangue?

— Quando você lutava na arena era até a morte?

— Ah, sempre — ela disse. — Você não estudou a Roma antiga? Havia inúmeras mulheres gladiadoras. Eu era apenas uma das melhores, e sempre a preferida das multidões. Eu era como você me conhece, cruel. Sobrevivi naquela época por causa da minha crueldade. Era natural. Era o que se esperava. E me acostumei com isso com uma simplicidade apaixonada.

Ela sorriu radiante quando olhou para mim.

— Foi Arion que domesticou meu coração — ela continuou. — Foi Arion que me tirou das conquistas cruéis, do escárnio e da maldade, e me converteu à fabricação de camafeus. Ah, você nunca viu as belas peças que fiz para Arion. Arion me dava rubis e esmeraldas e eu confeccionava histórias inteiras em madrepérola para ele — as vitórias dos imperadores, o progresso das legiões. Meu trabalho era famoso em todo o império. Ficava o dia inteiro debruçada sobre a minha bancada, vestida sem esmero como um menino, o cabelo preso num rabo-de-cavalo com uma tira de couro, sem pensar em nada além do trabalho, aquele trabalho tão importante, fosse o que fosse. Então chegava a noite e Arion também. Aí eu me transformava

em mulher para ele. Passava a ser suave, decente, boa para Arion.

— O que é decente? — perguntei.

— Você sabe, sempre soube.

— Mas agora, o que é? Eu sabia o que era antes, sim, mas agora não sei mais. Eu matei aquela menina perversa, aquela assassina. Isso não foi decente. Diga-me.

— Ora, é cedo demais para tais perguntas. Temos de caçar. A sua noite será longa. Como eu já disse, não faço novatos chorões. Quando terminar com você, ficará muito forte.

— Eu serei decente? — perguntei. — Terei honra?

— Cuide para ter — ela disse e pareceu triste. — Use sua inteligência para isso. Não me imite. Imite aqueles que são melhores do que eu. Imite Arion.

Voltamos para o salão, Manfred se levantou para nos receber, olhou para mim e me abraçou, mas Arion nos separou com seus braços amorosos, e seu lindo rosto negro me encantou. Ele parecia elegante e carinhoso, uma criatura com perfil e expressividade extraordinários.

— Beba-o, Mestre — disse Petronia em tom de pedido, e o Mestre me abraçou, pressionou os dentes no meu pescoço e atendeu ao pedido de Petronia.

Mais uma vez senti as imagens da minha vida passando com o sangue. Senti o sofrimento que eu conhecia, o sofrimento indizível de estar para sempre separado de Mona, perdido do meu filho Jerome, de tia Queen, de Nash, de Jasmine, minha amada Jasmine de cor de chocolate, do meu querido pequeno Tommy, eu senti tudo isso passando com o meu sangue, mas não saindo de mim para sempre, apenas revelado, aberto como uma

violenta e terrível ferida em mim — *Você morreu, Quinn* — e senti Arion levando isso com ele como se pudesse aliviar-me, e fui dominado por uma onda de fraqueza.

Acordei sentado numa cadeira e por um momento pensei que não ia suportar a dor. Era tão terrível que parecia que a única coisa que eu podia fazer era chegar até a balaustrada e me jogar lá embaixo nas pedras para me arrebentar e morrer de verdade. Mas fiquei imaginando se tal coisa realmente me mataria.

E uma sede imensa me consumiu. Nunca sentira tanta sede, e só desejava sangue. Queria o sangue de Arion. Queria o sangue de Petronia. Fiquei olhando para Manfred e ele olhava interessado para mim.

— Então vamos às nossas aulas — disse Arion, estendendo os braços para mim. — Agora venha, ao meu pescoço, e tire de mim a Bebida Breve, apenas uma fração do que você quer, e não derrame nada quando o fizer. Aprenda a tomar a Bebida Breve e poderá beber dos inocentes. Poderá beber o sangue deles gentilmente, sem tirar-lhes a alma. Poderá deixá-los apenas tontos depois do seu beijo.

Obedeci prontamente. O sangue era tão espesso! E de novo um clarão da ensolarada Atenas! Era uma agonia, mas eu parei no momento certo conforme Arion tinha ensinado, e lambi as poucas gotas que ameaçavam a brancura de sua camisa de cetim. Ele ficou me segurando até eu me firmar e então me beijou, cobrindo meus lábios com os seus. Depois enfiou a língua em minha boca, forçando-a contra minhas presas. E veio o sangue novamente. Eu rodopiei e recuei cambaleando.

— Como será a minha vida agora? — sussurrei depois que ele se afastou. — Êxtase?

— Êxtase e controle — ele disse suavemente. — Agora beba de Manfred desse mesmo jeito. Chame seu filho, Manfred.

O Velho estendeu os braços. Fui até ele.

— Venha, filho da minha casa, filho do meu legado — ele disse com sua voz profunda. — Amado filho da minha herança. Beba de mim o sangue. Foi Petronia, com sua perversidade, que construiu a Mansão Blackwood com seu ouro, seu ouro amaldiçoado. Eu lhe dou o meu amor, menino sem sorte! Eu lhe dou o meu sangue. Tire de mim a imagem da única coisa pura que eu já ame!

— Rápido e limpo — disse Petronia perto de mim.

Enfiei os dentes no pescoço de touro de Manfred e ele segurou meu ombro com sua mão enorme. Mas não foi Virginia Lee que eu vi, foi Rebeca, Rebeca pavorosamente pendurada naquele gancho enferrujado, e Manfred amaldiçoando Petronia que dava gargalhadas, e Rebeca também atormentada, o sangue escuro que significa morte jorrando do peito nu, o gancho enfiado profundamente no seu corpo, fundo, perfurando seu coração.

Subitamente Rebeca começou a rir! Ela estava sozinha, apontando para mim, sorrindo. Rindo alto.

— Meu Deus! — eu gritei e fui puxado para trás.

Cambaleei. O Velho tinha posto um lenço no pescoço e parecia estar sofrendo. Arion segurava meus ombros.

— Ai, que dor — disse o Velho. — E por que você correu para ela, Quinn, por que para aquela megera? Por que procurar tal coisa?

— Controle, meu filho — disse Arion. — Controle. Para você poder andar por um salão cheio de mortais, escolhendo os que quiser, dando o beijo fatal e saindo sem que ninguém perceba nada.

— Mas por que eu vi Rebeca? — perguntei atônito. — Por que motivo? — eu quis saber. — Você queria que eu visse Virginia Lee.

— É, mas como posso esconder a culpa dentro de minha alma? — perguntou o Velho. — Você foi atrás dela, encontrou, você a possui.

Ouvi o sussurro sibilante dela: *E eles gemem e choram por você na sua preciosa Fazenda Blackwood. Quando é que vão pôr seu nome numa lápide?*

— Afaste-se de mim, malfadado espírito — eu disse. — Você já teve a minha vida pela sua. Deixe-me.

Não houve resposta.

E assim meu aprendizado durou horas com eles.

Eles me ensinaram até eu conseguir beber a Bebida Breve, mas eu nunca me satisfazia, e eles riam da minha sede quando eu reclamava da dor, e se Petronia ficasse mal-humorada ou impaciente, Arion chamava a atenção dela com sua gentileza.

— Agora nós quatro vamos caçar — disse Arion. — E você vai procurar o Agente do Mal, usando o poder de ler mentes, e nós cuidaremos de você.

— É um casamento — disse o velho com sua voz grave. — Um americano rico que veio para Nápoles para a cerimônia de casamento da filha. Você encontrará Agentes do Mal por qualquer lado que olhe. Atraia um, beije-o de forma que ninguém perceba e da sua língua as gotas do seu sangue farão a ferida dele cicatrizar. Está pronto, filho, para ser um de nós? Verdadeiramente um de nós?

— Imagine a cena antes de sair daqui — disse Arion. — Eles estão bebendo há horas. Você deve se movimentar entre eles discretamente. Anonimamente. Deve deixar suas vítimas como se estivessem embriagadas.

Pode tomar a Bebida Breve dos inocentes se quiser.

Estava sedento. E meu coração pegava fogo. Queria, do fundo de minha desgraçada alma, ser um deles. Eu era um deles!

De repente Petronia me ergueu e jogou longe, pelas portas abertas da varanda, para a noite, e eu caí na praia lá embaixo. Aterrissei calmamente nas pedras, de pé, à beira do mar verde e cheio de espuma, imóvel e tranqüilo, examinando tudo à minha volta.

Olhei para cima. Ela estava muito longe e mal pude vê-la na varanda quando ela acenou para mim. Ouvei Petronia murmurar como se estivesse ali ao meu lado.

— Venha a mim, Quinn.

Pensei no meu corpo subindo e de fato subi, cada vez mais rápido, até passar por cima da balaustrada da varanda e parar ao lado dela.

Ela passou o braço em volta de mim, com os olhos escuros brilhando, e sussurrou no meu ouvido.

— Está vendo? Nós nos movimentamos com a velocidade, não com mágicas. Tenho você bem firme. E trate de não derramar nenhuma gota quando beber. Esperamos que você seja perfeito.

— Mas podemos matar? — perguntei. Arion deu de ombros.

— Se quiser — ele respondeu. — Se o mal estiver no ponto e se você for sagaz e dissimulado.”

“ — U MA névoa azulada de fumaça de cigarro pairava nos salões. Via os rostos como se eu fosse a lente de uma câmera. Todos eram lindos. Todos imperfeitos. As vozes eram uma balbúrdia sem sentido e ensurdecadora, os pensamentos de tantas mentes criando uma algazarra caótica. Perdi o equilíbrio. Queria bater em retirada, mas continuei avançando.

O cheiro da comida era repugnante, o da bebida estranhamente acre e diferente, como se meu corpo jamais tivesse bebido nada daquilo. O perfume de sangue fluía de cada centímetro de carne que encostava em mim à medida que eu abria caminho por aquele labirinto.

Avistei a noiva na pérgula apinhada. Tênuê aparição. Bonita. O vestido de noiva tinha mangas compridas de renda e ela fumava um cigarro que segurava com a mão esquerda. Quando me viu logo me cumprimentou como se me conhecesse, e vi o convite em sua mente: mas o que ela queria?

Não conseguia tirar os olhos dela enquanto caminhava na sua direção, e ela me deu o braço livre quando nos encontramos e senti o cheiro do seu sangue forte e pulsante sob a pele cor de oliva.

Ela me puxou para um quarto grande e trancou a porta. Olhava para mim com seus grandes olhos negros, implorando. Com o rímel borrado. Fazendo bico com os lábios vermelhos.

— Você viu aquele filho-da-mãe — ela vociferou furiosa. — Na minha noite de núpcias, ele faz isso comigo!

Sua expressão era uma careta sufocada de raiva. Ela arrancou meu

paletó e me puxou para a cama. O cabelo preto se soltou dos pentes cravados de brilhantes.

— Venha, vamos transar, rápido, quero que ele tente arrombar aquela porta, maldito, aquele porco.

Segurei o queixo dela e virei seu rosto para mim. Beije sua boca. O que era aquilo para mim? O cheiro de sangue me dominava. Avancei para o pescoço dela. Mordi com força e a artéria explodiu, o sangue escorreu pelo vestido de noiva e tentei recuar. O sangue jorrava dela como fonte. Ela deu um grito sufocado. Pus a boca em seu pescoço e amaldiçoei a mim mesmo, a minha falta de jeito, minha sede, minha sorte. Ah Deus do céu. Bebi e bebi. Ela ficou mole, numa espécie de êxtase, uma litania de inocência banal jorrava dela, nenhum mal, nenhuma intenção, nenhuma malícia, nenhum conhecimento, nenhum sofrimento.

Continuei sorvendo o sangue salgado. Eu pertencia a ele, era seu escravo. Não queria outra coisa. Apenas que ela não morresse, que não houvesse sangue por todo o vestido branco, aquele esplêndido vestido branco.

O coração dela apagou como um fósforo ou uma vela. Não havia como trazê-lo de volta à vida. Eu a agarrei, sacudi. Volte. Erro. Um erro terrível. Bebi mais, como um idiota, até não ter mais o que beber. Eu me encolhi. Eu gemi. Ela não tinha mais vida, não tinha mais sangue para dar. Larguei-a como uma boneca. Uma boneca vestida de noiva e quebrada. Ela estava tão morta! Veja só os brilhantes no cabelo despenteado.

Alguém me puxou pelo cabelo e me jogou contra a parede. Bati com tanta força que fiquei cego e inconsciente por alguns segundos e então, numa luz ofuscante eu a vi morta, deslizando para o chão ao pé da cama, o vestido cheio de sangue, o bonito vestido de renda, o cabelo se soltando dos

pentes de brilhantes, o rosto tão doce, sem a raiva, sem o ódio.

Era Petronia que tinha me puxado e ela me arrastou janela afora e me jogou novamente contra a parede. Dessa vez senti o sangue fluindo da minha nuca. Eu estava em choque de tanta dor. Ela me jogou por cima da balaustrada. Eu caí e caí em direção ao mar. Senti que estava morrendo. Estava cheio de sangue inocente e morrendo. Estava chorando e morrendo, e a noiva, a pobre noiva, ela estava morta, e eu a deixei coberta com seu próprio sangue, todas as noivas da Fazenda Blackwood traídas, Ofélia Imortal que jamais seria minha noiva, traída, sangue no seu vestido branco, Rebeca que nunca seria noiva de Manfred, dando risada.

Estávamos de volta ao *palazzo* e Petronia não parava de me atacar, amaldiçoando a mim e a si mesma por ter me criado.

— Imbecil, você a matou. Imbecil, ela não passava de uma mulherzinha vulgar e você a matou! Numa profusão de assassinos, você a matou. Ela era apenas uma qualquer. Seu idiota! — E ela não parava de socar meu rosto — dor, mas dor não é morte — e depois os chutes nas minhas costelas. Eu fiquei no chão.

— Faça-a parar — rugiu o Velho. — Pare, pare, pare.

— Eu o levo para um casamento, cheio de assassinos, e você mata a noiva! — ela vociferava, chutava meu rosto. Eu rolei de costas. Ela chutou minha virilha. — Burro, desajeitado, frangote, idiota!

O Velho gritou.

— Faça com que ela pare!

— E o sangue no vestido dela, como foi fazer isso? Retardado, idiota, tolo! Onde pensava que estava? O que você pensava que era?

Finalmente Arion a tirou de cima de mim.

— Foi culpa nossa — ele disse. — Nós o deixamos sozinho. Ele era jovem demais. Devíamos ter ficado com ele.

Ela estava chorando. Estava nos braços de Arion e chorava de verdade.

O Velho soluçava.

Eu fiquei lá deitado, sonhando com a morte.

Oh, Senhor, como pude? Como é que os meus sentidos me enganaram desse jeito? Como foi que a minha cupidez me levou a cair nesse abismo? Estou num lugar de escuridão, muito além do pânico e além da angústia. Senhor, isso é angústia. No entanto me agarro ao que eu sou. Eu me agarro a tudo que sou.

E em algum lugar muito distante, outras pessoas me procuravam. Rebeca tinha razão. E eles deviam estar dizendo Os jacarés o pegaram. Tem de ser isso. Pobre Quinn. Está morto.

E eu estava.”

“ — **A**NTES DE O SOL NASCER Arion levou-me para o porão embaixo da casa e mostrou-me a cripta onde eu ia dormir. Disse simplesmente que, por mais jovem que eu fosse, o sol podia me destruir, e que mesmo quando eu tivesse mais idade, como ele, ainda me deixaria impotente e inconsciente. Ele me disse também que o fogo poderia significar a minha morte. Mas que nenhum outro ferimento seria capaz de me matar.

Eu pensei, com arrogância, é claro, que tinha entendido essas coisas. Ele me explicou também que todos os ferimentos que Petronia tinha provocado em mim com sua fúria estariam curados em um dia, que não eram muito graves para alguém com a minha força. Disse que viria me buscar quando o sol se pusesse e que eu devia esperar por ele.

— Não tenha medo desse caixão estreito, meu filho — ele disse. — Transforme-o no seu refugio. E não tema seus sonhos. Agora você é imortal e todas as suas faculdades estão ampliadas. Aceite isso e aproveite.

Eu deitei na cripta e realmente fiquei horrorizado com ela, mas não havia nada a fazer. Arion fechou a tampa de granito e em pouco tempo, chorando baixinho, eu perdi a consciência.

Sonhei com Patsy. Ela cheirava a algodão-doce. Seus lábios tinham o sabor de maçãs do amor. Sonhei que eu era bem pequeno, que sentava no colo dela e ela me empurrava, que eu crescia e virava um homem num piscar de olhos e a matava. Bebia o sangue dela. Tinha gosto de melado. As suas doenças e maldades não podiam me contaminar. Tentei despertar. Tive

esse sonho diversas vezes e acordei uma vez, ou era parte do sonho, com o corpo dela nos braços. Uma Barbie. Empurrei-a para o fundo da água verde do pântano e quando a vi afundando senti o horror. Mas ela já estava morta e o sangue subiu. Era tarde demais para salvá-la. Adeus Patsy. Rebeca riu. *Uma morte pela minha morte.* Ah, sim, eu fiz pouco dela, você pensa que planejou tudo. A Danação de Quinn, disse frei Kevin.

Quando abri os olhos de novo Arion estava lá, olhando para mim. O sol tinha acabado de se pôr e o céu ainda estava vermelho. A luz dourada enchia a cripta e ele ficou satisfeito de ver que eu estava consciente. Subiu comigo a escada até a varanda.

As estrelas vagavam pelo céu violeta. A luz dourada pairava atrás das nuvens. Era magnífico.

— Alguns Caçadores de Sangue não despertam até o céu ficar completamente escuro — ele disse — e nunca assistem a essa glória tranqüila. Estou vendo que você protege os olhos, mas isso não o prejudica.

De fato eu não sentia nada e foi com dificuldade que compreendi a realidade, que eu jamais veria ‘a luz do dia’ novamente. Ele viu que eu estava perturbado.

— Não pense nunca no passado — ele disse. — Vou levá-lo para caçar agora. Você será meu aprendiz esta noite.

— Então eu a desapontei e ela não quer mais saber de mim? — eu perguntei.

— Não — ele disse, com uma risada breve e sincera. — Ela está ansiosa para vê-lo. Mas acontece que é uma péssima professora, por isso eu disse a ela que eu vou sair com você. Vamos caçar nos cafés e nas boates de Nápoles.

A roupa que ele usava aquela noite era informal, uma camisa de seda preta aberta no pescoço, um paletó muito bem cortado, de seda vinho e uma calça elegante.

Ele me levou para um quarto onde o jovem mortal aguardava para me ajudar a escolher o mesmo tipo de roupa, o que eu fiz rapidamente. Mais uma vez agradei a bondade dele.

— Se eu tivesse dinheiro, daria para você.

Ele sorriu para mim. E eu dei um tapinha no seu ombro.

Então partimos para os cafés e bares e novas lições.

Nos misturamos com todo tipo de gente, tomamos diversas vezes a Bebida Breve até eu aprender muito bem e então encurralamos dois ‘assassinos perfeitos’, nos fartamos deles num beco na parte velha de Nápoles. Deixamos os corpos lá porque Arion disse que ali não tinha problema, mas que em outras ocasiões teríamos de nos livrar dos corpos. Ele rasgou o pescoço dos dois para parecer que tinham sangrado até morrer.

— Prosperar sem matar — ele disse. — Isso é tudo. Se você puder viver sem provocar mortes, sobreviverá. Mas de vez em quando a necessidade de matar vai dominá-lo, você vai querer o coração ardente e amargo — por isso ensinei como fazer.

Eu fiquei empolgado o tempo todo e a figura elegante de Arion me inspirava. Eu imitava o estilo dele. Queria que ele fosse meu modelo para tudo. E de certo modo ele é o meu modelo até hoje. Ele tinha um jeito felino de se mover e falava em voz baixa, inspirando respeito e lealdade em mim.

Sua pele era tão negra que sob as luzes dos cafés e bares adquiria um tom azulado, e seus profundos olhos amarelos tinham minúsculos pontos

marrons e verdes. Os dentes eram perfeitamente brancos, e os lábios pequenos para o rosto, o sorriso muito suave e carinhoso.

Finalmente, depois de caçar talvez mais do que o necessário, nos instalamos num café mais tranqüilo onde ele pudesse conversar comigo e me ensinar, e isso me empolgou quase tanto quanto a nossa caçada.

Mas quando me aquietei, assim que serviram o café, que eu não podia nem queria beber, descobri que estava em estado de choque e comecei a tremer violentamente.

Ele pôs a mão sobre a minha, depois beijou seus dedos e repetiu o gesto. Então tirou a mão.

— Compreenda o dom que você recebeu da melhor forma possível — ele disse. — Não renegue esse dom nos primeiros anos. Muitos morrem assim. É claro que você despreza Petronia por ter dado o dom a você. Tudo isso é natural e correto. Quando ela esvaziou você, quando quase o matou, você teve uma visão daqueles que foram para o paraíso antes de você. E deu as costas a eles.

— Como sabe? — perguntei.

— Pude ler sua mente naquele momento. Agora não é a mesma coisa. Trocamos sangue demais. Com ela acontece o mesmo. Não deixe que ela o engane. Ela é impiedosamente inteligente, eternamente caprichosa e persistentemente infeliz. Mas seja como for, ela o ama e não pode mais ler a sua mente.

— Ela é sempre mulher para você? Você a viu alguma vez como homem?

Ele riu.

— Ela escolheu bem cedo na vida ser mulher para mim. Quando ela

lutava na arena séculos atrás, era mulher. Os que a enfrentavam ficavam maravilhados com a sua musculatura e energia. Mas achavam que era mulher. Ela está sempre trocando. Ela é realmente os dois. Mas não precisamos falar dela agora. Falemos de você.

— E o que há para falar de mim? Por acaso eu quis me meter nisso? Não. E no entanto me culpo pelo que aconteceu. Dei as costas a meus avós naquela visão do paraíso, você tem razão, e será que agora pode me dizer, mesmo que a resposta seja um tormento para mim, se o que eu vi era real?

— Não posso dizer — ele disse dando de ombros. — Eu não sei. Só sei o que você viu. Acontece a mesma coisa com as minhas vítimas. Muitas vezes elas vêm a luz do paraíso e aqueles que elas amaram as chamam, por isso elas se livram do meu abraço, em espírito, e fico apenas com um corpo.

Aquela resposta me abalou. Fiquei um tempo em silêncio. Até peguei a xícara de café e pus de novo na mesa. O restaurante estava quase vazio. Ouvi o barulho dos pedestres na rua lá fora. Em frente havia uma boate. A música vibrava atrás do letreiro de néon. Imaginei se tinha passado por aquela rua quando era vivo. Não lembrava. Mas Nash e eu tínhamos passeado bastante em Nápoles. Era possível. E agora, como ia ver Nash de novo? Como poderia voltar para casa?

— Agora deixe-me continuar o que eu estava dizendo — disse Arion. — Não se deixe destruir nos próximos cinco anos. Acontece com muitos. Há muito perigo à sua volta. É fácil entrar em desespero. É fácil sucumbir ao ódio amargo de si mesmo. É fácil sentir que o mundo não lhe pertence mais, e nada está mais longe da verdade do que isso. O mundo é todo seu e a passagem dos anos é sua. E agora você tem de simplesmente viver à altura disso.

— Quanto tempo nós temos? — perguntei. Ele ficou surpreso com a pergunta.

— A eternidade — ele disse e deu de ombros novamente. — Não existe tempo de vida para nós. Quando lhe dei meu sangue, tentei esconder a minha vida de você, mas você viu o lugar da minha felicidade mortal. Você soube que era Atenas. Você viu a Acrópole. Você a reconheceu imediatamente. Você viu o Templo de Atena em toda a sua grandiosidade. Não consegui esconder de você o segredo do brilho puro daquela época, e do sol ateniense, tão forte, tão quente, tão impiedoso e maravilhoso. Você aspirou essa informação de mim. E certamente deve saber há quanto tempo eu vivo, há quanto tempo ando pela terra, como se diz, quantos séculos vaguei por aí.

— O que o sustenta? Como se mantém? Certamente não é Petronia, nem o velho Manfred.

— Não faça julgamentos precipitados — ele disse gentilmente. — Uma noite bem distante de hoje — se você sobreviver — vai dar risada quando lembrar que me fez essa pergunta. Além do mais, eu amo Petronia, e posso controlá-la. Você talvez esteja se perguntando por que eu não a impedi de criá-lo, por que não impus a minha autoridade para impedi-la de corrompê-lo. Porque você deve entender que considereei que ela estava lhe dando a imortalidade.

Ele fez uma pausa, sorriu um pouco e tocou novamente a minha mão. Sua mão estava quente.

— Será que havia algum outro motivo? Eu sinceramente não sei — ele continuou. — Talvez eu alimentasse um desejo ardente de vê-lo transformado. Você é admirável. Tão jovem. Tão esplêndido em cada parte de

você. E, com a única exceção de Manfred, faz séculos que ela não dá o Dom das Trevas a ninguém. Séculos. E ela acredita que o desejo cresce em nós e tem de ser descarregado, por isso ela traz alguém para o nosso meio e transforma essa pessoa em um Caçador de Sangue.

— Mas as meninas que me prepararam, e o rapaz... eles falaram como se tivesse havido outros.

— Ela brinca com os outros e depois os destrói. Os criados? O que eles sabem? Eles acham que o postulante está sendo preparado para grandes dons e depois fracassa. Isso é tudo. Agora a menina, não sei nada sobre ela. Ela é ignorante e gananciosa. Mas o rapaz tem certas qualidades. Talvez Petronia o traga para nós.

— E foi bem feito? — eu perguntei.

— Ah, sim, é claro que foi bem feito — ele disse, quase como se eu o tivesse ofendido com a minha pergunta. — Com excesso de imprecisões e chutes que julguei desnecessários, mas no geral bem feito. Cuidei para que fosse bem feito, mas tenho mais a dizer para você.

Ele mexeu na xícara de café, brincando com ela, como se gostasse de ver a bebida rodando na xícara e de sentir o aroma, que era forte e espesso e estranho para mim. Então ele falou:

— Eu observo você, é claro. Quando você beber dos maus, tem de deleitar-se com isso, não se encolher diante do mal. É a sua chance de ser mau com quem você mata. Siga a maldade da sua vítima enquanto esvazia sua alma. Transforme em aventuras suas os crimes que você mesmo jamais cometeria por puro capricho. Quando terminar, pegue sua alma de volta com o que aprendeu e estará limpo de novo.

— Eu sinto tudo, menos que estou limpo — eu disse.

— Então sinta-se poderoso. As doenças não podem atingi-lo. Nem a idade. Qualquer ferimento que sofrer se cura sozinho. Corte o seu cabelo e ele crescerá de novo em uma noite. Você terá essa aparência de agora para sempre, meu Cristo de Caravaggio. Lembre-se de que apenas o fogo e o sol podem destruí-lo.

Ouvia atentamente enquanto ele falava.

— O fogo você deve evitar a qualquer custo, porque seu sangue queimará com ele e o resultado poderá ser um grande sofrimento, ao qual você poderá sobreviver, recuperando-se lentamente através dos séculos. Quanto ao sol, um dia de exposição a ele não pode me matar. Mas nos seus primeiros anos, ambos podem destruir você. Não ceda ao desejo da morte. Ela leva jovens demais a sucumbir em sua impetuosidade por emoções fortes.

Eu sorri. Sabia o que ele queria dizer com grandes emoções.

— Você não precisa encontrar uma cripta a cada dia da sua vida. Você é forte graças à combinação do sangue de Petronia e do meu, e até o sangue do Velho foi bom para você. Um quarto fechado e lacrado contra a luz do sol, um esconderijo, isso basta, mas com o tempo você deve escolher um refúgio para o qual possa se retirar, um lugar só seu e onde ninguém possa encontrá-lo. Quando fizer isso lembre que agora você é dez vezes mais forte do que qualquer mortal.

— Dez vezes — eu repeti maravilhado.

— Ah, sim. Quando você sugou a bela noiva, acabou quebrando o pescoço dela no final. Você nem se deu conta disso. Foi a mesma coisa com o assassino no beco. Você quebrou a espinha dele. Precisa aprender a ter cuidado.

— Estou impregnado de assassinatos — eu disse e olhei para as minhas mãos. Tinha certeza de que nunca mais veria Mona, porque sabia que uma bruxa como Mona veria o sangue nelas.

— Agora você se alimenta dos mortais — disse Arion com seus modos elegantes. — É a sua natureza. Os Caçadores de Sangue sempre existiram, desde o início dos tempos, e provavelmente antes disso. Antigos mitos são contados e escritos dizendo que um dia tivemos entre nós os pais de quem a fonte inicial jorrou e gerou todos nós, e que o que acontecia com eles acontecia conosco, de modo que eles deviam ser mantidos invioláveis para sempre. Mas vou lhe dar os livros que contam essas histórias, para você ler...

Ele parou de falar e olhou em volta pelo café. Imaginei o que estaria vendo. Eu via sangue em cada rosto. Ouvia sangue em cada voz. Quando queria podia receber os pensamentos de qualquer mente com facilidade. Ele continuou.

— Basta dizer que a Mãe despeitou do seu sono de mil anos e num ataque de fúria destruiu muitos de seus filhos. Ela se movia ao acaso. E eu agradeço aos deuses por ela ter passado por nós. Eu não poderia ter feito nada contra o seu poder, porque ela tem o Dom da Mente, isto é, destrói o que deseja, e o Dom do Fogo, pode queimar o que quiser, e ela incendiou aqueles Caçadores de Sangue que encontrava pelo caminho, e foram centenas.

‘Finalmente ela mesma foi destruída e o núcleo sagrado, o sangue primevo do qual todos descendemos, foi passado para outro, se não todos nós teríamos murchado como flores num vinhedo seco. Mas essa raiz tem sido preservada sem interrupção.’

— Esse, esse que tem o núcleo ou a raiz, ele é muito velho?

— E uma mulher — ele respondeu. — E ela é uma anciã, tão antiga quanto a Mãe era, e não deseja governar, apenas manter a raiz em segurança e viver como testemunha do tempo, num lugar isolado do mundo e suas preocupações. Com a idade dela se adquire uma paz que vem do sangue. Ela não precisa mais bebê-lo.

— Quando chegará essa paz para mim? — perguntei. Ele riu baixinho, gentilmente.

— Só daqui a mil anos — ele disse. — Mas com o sangue que eu dei para você, pode passar muitas noites apenas com a Bebida Breve, até sem nada. Você sofrerá, mas não ficará fraco a ponto de morrer. Esse é o truque, lembre-se disso. Não fique fraco a ponto de não poder caçar. Isso você nunca deve fazer. Prometa.

— Você se importa com o que acontece comigo?

— Claro que me importo. Não estaria aqui com você se não me importasse. Dei meu sangue a você, não dei? — Ele riu, mas com simpatia. — Você não sabe que presente foi esse, o meu sangue. Já vivi muito. Na linguagem da nossa espécie sou um Filho dos Milênios e meu sangue é considerado forte demais para os jovens e insensatos, mas eu disse para você ter bom senso e por isso dei-o a você. Faça por merecê-lo.

— O que espera de mim agora? Eu sei que devo matar os maus e não os outros, e a Bebida Breve deve ser tomada com discrição e elegância, mas o que mais espera de mim?

— Nada. Vá para onde quiser e faça o que quiser fazer. Como vai se manter, ou como vai viver, isso é você que deve resolver.

— Como você fez? — perguntei.

— Ah, você está me pedindo que volte atrás tantos anos — ele disse. — Meu Mestre e meu Criador eram a mesma pessoa, um grande escritor de tragédia grega do tempo de Ésquilo. Tinha sido uma espécie de andarilho antes de se estabelecer em Atenas para escrever suas peças. Ele viajara pela Índia, onde me comprou de um homem de que mal me recordo mas que deitava comigo e me educou com sua biblioteca. Ele me vendeu por um preço bem caro para o ateniense, que me levou para sua casa em Atenas para copiar seus escritos e ser seu escravo na cama. Eu adorei. O mundo do palco me dava muito prazer. Trabalhávamos muito no cenário, nos ensaios do coro e do ator solitário que Téspis tinha apresentado ao meio teatral da época.

‘Meu Mestre escrevia muitas peças, sátiras, comédias, tragédias. Escrevia odes para celebrar atletas vitoriosos. Escrevia longos poemas épicos. Escrevia poemas líricos para seu próprio prazer. Estava sempre me acordando no meio da noite para eu copiar ou só para ouvir. Acorde,

Arion, acorde, você não vai acreditar no que eu fiz!, ele dizia, me sacudindo e pondo uma xícara de água nas minhas mãos. Você sabe que métrica e ritmo eram muito mais importantes para os gregos naquela época. Ele era o mestre de todos. E me fazia rir com sua inteligência.

‘Ele escrevia para todos os festivais, todas as disputas, com todas as desculpas concebíveis, e estava sempre ocupado com todos os detalhes do espetáculo até a procissão que poderia precedê-lo, ou a pintura das máscaras que seriam usadas. Era a vida dele. Isto é, quando não estava viajando.

‘Ele gostava de ir para outras colônias gregas e participar do teatro também, e foi aqui na Itália que ele conheceu a feiticeira que lhe deu o Poder. Morávamos então na cidade etrusca que mais tarde seria Pompéia, e ele

estava envolvido na produção teatral do festival de Dionísio para os gregos.

‘Eu ainda me lembro da noite em que ele voltou para casa e a princípio nem queria se aproximar de mim, mas depois me chamou e meio sem jeito bebeu meu sangue, e quando parecia que eu ia morrer, quando tive certeza de que ia morrer, ele me deu o Sangue num momento terrível e confuso, chorando e desesperado, implorando para eu compreender que não sabia o que tinha acontecido com ele.

‘Fomos neófitos juntos. Fomos os Filhos do Sangue juntos. Queimamos as peças dele, todas elas. Ele disse que tudo que tinha escrito não valia nada. Ele não pertencia mais à humanidade. Até o fim da sua existência ele buscou feiticeiros e bruxos para tentar encontrar alguma maneira de curar o Sangue do Mal que havia nele. E ele morreu diante dos meus olhos, ele se imolou depois de passados pouco mais de vinte e cinco anos. Deixou-me órfão e empedernido.

‘Mas eu sempre fui uma alma com iniciativa e, não querendo morrer, nunca fui tentado pela morte. Vi a Grécia cair sob o jugo de Roma. Vi as peças do meu Mestre nas livrarias e nos mercados por muito tempo... séculos. Vi a poesia do meu Mestre lida e estudada por jovens romanos, e depois vi a ascensão do cristianismo e a perda de milhares de obras, poesia, drama, sim, até peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípides perdidas... a história, a correspondência... e com elas a perda do nome do meu Mestre, e o resgate de algumas poucas preciosidades daqueles dias em que eu conhecera tantas.

‘Eu estou satisfeito. Ainda tenho recursos. Tenho o comércio de diamantes e pérolas. Uso o Dom da Mente para ficar rico. Não engano ninguém. Sou mais inteligente do que preciso. E sempre mantenho Petronia ao meu lado. Adoro a companhia de Manfred. Ele e eu jogamos xadrez, cartas,

conversamos e passeamos pelas ruas de Nápoles juntos. Lembro muito bem da noite em que ela o trouxe aqui, reclamando que tivera de fazer um trato com ele.

‘Tinham se conhecido aqui em Nápoles, ela e ele, e Petronia passou a gostar de visitar os pântanos onde ele morava, tinha encontrado lá um esconderijo. Parecia um lugar ermo e apropriado para caçar os desgarrados, os bêbados e jogadores de Nova Orleans e de todo o sul. E com o tempo ele acabou construindo uma casa para ela e um túmulo todo enfeitado, do jeito que ela queria, e ela adorava ir para aquele lugar sempre que ficava com raiva de mim, ou quando queria algo novo e inexplorado longe da Itália, onde tudo já tinha sido feito centenas de vezes.

‘Mas depois de um tempo ela prometeu a Manfred que lhe daria o Sangue, porque tinha dito a ele o que ela era. No fim das contas, ela teve de cumprir sua palavra, foi o que eu disse a ela, e assim ela o fez. Depois trouxe-o para cá, para que as pessoas que o amavam pensassem que ele tinha morrido no pântano.

‘Agora vai ser a mesma coisa com você. Vão imaginar que você morreu no pântano. Não é verdade?’

Eu não respondi.

Então eu disse:

— Obrigado por tudo que me disse, por tudo que me ensinou. Reconheço a minha insignificância na sua presença. Seria tolo se afirmasse compreender inteiramente a sua idade, o valor da sua visão, sua paciência. Só posso oferecer gratidão. Posso fazer mais uma pergunta?

— É claro que pode. Qualquer pergunta. — Ele sorriu.

— Você já viveu mais de dois mil anos, talvez quase três mil — eu

disse. Ele fez que sim com a cabeça.

— O que você deu para o mundo em troca disso? — perguntei.

Ele ficou olhando fixo para mim. Parecia pensativo mas continuava simpático e cordial.

— Nada — ele respondeu gentilmente.

— Por quê? — eu quis saber.

— O que eu deveria dar?

— Eu não sei — eu disse. — Sinto que estou enlouquecendo. Estava pensando que se vou viver para sempre, tenho de retribuir de alguma forma.

— Mas nós não fazemos parte disso, você não vê?

— É — eu disse, engolindo em seco. — Vejo isso bem demais.

— Não se atormente. Pense um pouco nesse assunto. Pense. Você tem tempo, todo o tempo do mundo.

Eu estava quase chorando. Mas engoli as lágrimas.

— Agora eu vou perguntar uma coisa a você — ele disse. — Quando você estava vivo, achava que tinha de dar alguma coisa em troca da vida?

— Sim — eu disse. — Achava sim.

— Entendo. Então você é como meu velho Mestre com sua poesia. Mas não deve seguir o exemplo dele! Imagine só, Quinn, o que eu já vi. E há coisas pequenas que podemos fazer. Coisas amorosas.

— Você acha isso?

— Eu sei — ele disse. — Mas venha, vamos voltar para o *palazzo*. Sei que Petronia está à sua espera.

Dei uma risada breve e irônica.

— Isso é reconfortante — eu disse.

Quando levantamos para sair do café, eu parei e olhei atentamente

para a minha imagem na parede espelhada. Parecia bem humano, até para a minha visão aprimorada. E ninguém no café tinha ficado olhando para nós, a não ser duas belas moças que chegaram e foram embora depois de tomarem um café expresso. Suficientemente humano. Sim. Eu fiquei satisfeito com isso. Fiquei extraordinariamente satisfeito com isso.”

“ – Q UANDO RETORNAMOS ao *palazzo*, por meios normais, isto é, andando, a jovem criada, que agora estava completamente apavorada, disse que Petronia estava no seu quarto de vestir e que queria me ver.

Achei o quarto arrebatador. As paredes eram cobertas de espelhos e Petronia estava sentada a uma enorme mesa curva de granito, num banco que parecia feito do mesmo material, com uma almofada de veludo em cima, enquanto o jovem Adonis terminava de pentear o cabelo dela.

Estava vestida como homem, com paletó e calça de veludo amarelo-claro, uma camisa branca de babados que seria apropriada para o século XVIII, eu pensei, e no pescoço tinha posto um enorme camafeu retangular coroado com pequenas figuras, tudo rodeado de diamantes.

O cabelo estava todo puxado para trás e o rapaz fazia uma trança para ela. Havia dois fios de diamantes em sua cabeça, que tinha um formato lindo para aquele tipo de penteado, e os dois fios de diamantes eram trançados junto com o cabelo.

O quarto se abria para o mar como todos os quartos do *palazzo* que eu tinha visto, mas acho que esqueci de mencionar o banheiro.

Eu via o céu violeta apesar da hora, e mais uma vez as estrelas pareciam estar se mexendo. Na verdade o céu parecia estar se movendo para dentro do quarto.

Fiquei literalmente sem ar, não só por causa das estrelas e dos vários desenhos que formavam, mas pela beleza pura de Petronia com aquela rou-

pa de homem muito alinhada, com a cabeça imponente mais uma vez revelada pela austeridade do cabelo puxado para trás.

Fiquei longos minutos olhando para ela, ela olhou para mim e então o jovem Adonis disse baixinho que a trança estava pronta, com o prendedor de diamante na ponta.

Ela virou-se e deu a ele o que me pareceu ser uma enorme quantia em dinheiro e disse:

— Saia, divirta-se, você mereceu.

Ele fez uma mesura e se retirou do quarto, como se estivesse sendo dispensado pela rainha da Inglaterra.

— Acha o menino bonito, não acha? — ela perguntou.

— Acho? Eu não sei — eu disse. — Tudo me encanta. Como ser humano eu era um entusiasta. Agora acho que estou ficando louco.

Ela se levantou do banco e veio para perto de mim e me abraçou.

— Todos os ferimentos que eu causei estão curados. Estou certa?

— Sim, está. Exceto a ferida que ninguém pode curar, a que provoquei em mim mesmo, quando matei aquela mulher inocente na festa de casamento. Ninguém pode curar isso. E o tempo também não vai apagar e não acho que deve mesmo.

Ela gargalhou.

— Venha, vamos encontrar os outros — ela disse. — O seu avô só quer saber de jogar xadrez. Ele era viciado em pôquer quando o conheci. Sempre ganhava de mim, acredita nisso? E aquela Rebeca, ela era esperta também, e como. Não fique deprimido por causa dela, mas devo lhe contar uma coisa sobre a noiva... Tive uma noite esplêndida.

Pouco depois estávamos no salão com a sinistra gaiola de ouro vazia

num canto. Imaginei um pássaro gigantesco dentro dela. Certamente eu não parecia nenhum pássaro quando estava preso. Pensei no *Cupido vitorioso* de Caravaggio. Será que eu tinha ficado parecido com ele?

— Tenho de contar o que aconteceu — Petronia continuou, chamando a atenção de Arion. — Foi muita sorte. O pai da noiva e o noivo eram criminosos de primeira linha, e é claro que aquela descarada sabia, por isso poupe a sua consciência por favor, Quinn. Mas mandaram uma guarda armada para cá esta noite, porque ao que parece fomos reconhecidos. Você pode imaginar como me diverti com eles. Agora, eu não gosto de incomodar os mortais, por mais que você ache que gosto, Quinn, mas eles eram quatro.

— E onde eles estão agora? — disse Arion, sentado à mesa com o Velho, que olhava para o tabuleiro de xadrez. Eu sentei entre os dois.

Petronia andava de um lado para outro diante de nós.

— Desapareceram no mar — ela respondeu. — No carro deles, despencaram do penhasco. Simplesmente. Não foi nada. Mas a luta aqui antes de me livrar dos corpos, isso sim, foi um espetáculo de classe.

— Posso imaginar — disse Arion com certo ar de repulsa. — E por isso está feliz.

— Tremendamente feliz. Eu me fartei de beber com o último e esta foi a melhor parte. Não, retiro o que disse. A luta foi a melhor parte, matá-los antes de poderem sacar suas armas e fazer um buraco horrível no meu corpo! Foi divinamente excitante. Fez-me pensar que devia lutar mais vezes, que não basta matar.

Arion balançou a cabeça, cansado.

— Você devia ter uma conversa mais elegante com seu novato. Ex-

plique algumas regras a ele.

— Que regras? — ela perguntou e continuou andando de um lado para o outro com passos largos, chegando quase até as janelas e voltando aos murais, examinando a sala toda e depois parecendo vagar além das estrelas.

— Ah, está bem. Regras — ela disse. — Você nunca deve revelar para qualquer mortal o que você é ou o que nós somos. Que tal essa regra? Nunca mate um da sua espécie. Isso basta para você, Arion? Eu não me lembro de mais nada.

— Você sabe que lembra — ele disse, olhando também para o tabuleiro de xadrez. Ele moveu sua rainha.

— Você deve esconder sua vítima para não chamar atenção sobre você. Sempre, sempre! — Ela parou e olhou fixamente para mim, apontando o dedo enfaticamente. — Sempre respeite seu Criador como seu Mestre, e atacar seu Criador, seu Mestre, é merecer a destruição pelas mãos dele ou dela. Que tal?

— Isso tudo é muito bom — disse o Velho com sua voz grave e profunda e com a papada estremecendo. Ele apertou meu ombro e sorriu para mim com sua boca grande e flácida. — Agora avise-o dos perigos. Ele precisa dessas recomendações.

— Como o quê? — disse Petronia com desprezo. — Não tenha medo da própria sombra! — ela disse incisiva. — Não aja como um velho já que é imortal! O que mais?

— A Talamasca, fale da Talamasca para ele — disse o Velho, meneando a cabeça para mim, a boca aberta como um peixe. — Eles nos conhecem, conhecem mesmo! — E você jamais deve se deixar enganar pelas li-

sonjas deles. Conhece essa palavra, meu filho? Eles adulam você com a curiosidade deles, e fazem isso com todo mundo! A lisonja é a carta que eles escondem na manga. Mas você não deve jamais esmorecer com eles. São uma organização secreta de médiuns e mágicos, e eles querem nos pegar! Querem nos trancar nos seus castelos aqui na Europa e nos estudar em seus laboratórios como se fôssemos ratos!

Fiquei sem fala. Tentei limpar a minha mente de qualquer pensamento sobre Stirling. Mas o Velho olhava para mim intensamente.

— Ah, mas o que eu estou vendo? Você os conhece. Eles já se meteram na sua vida porque você via espíritos! Oh, isso é muito perigoso. Você nunca mais deve se aproximar deles de novo.

— Tudo isso acabou há muito tempo — eu disse. — Eu via espíritos, sim. E provavelmente continuarei a vê-los.

Arion balançou a cabeça indicando que não.

— Fantasmas não aparecem para os da nossa espécie, Quinn — ele disse calmamente.

— Não aparecem mesmo — disse Petronia, andando para lá e para cá. — Vai descobrir que o seu espírito desapareceu, se um dia voltar para espionar as pessoas que você conhecia e amava.

Eu não disse nada. Olhei para o tabuleiro de xadrez. Vi o Velho pôr a rainha de Arion em xeque.

— Quais são as outras regras? — perguntei.

— Não crie outros — disse Arion — sem a permissão do seu Criador, ou do mais velho daqueles que formam o grupo com quem você vive.

— Quer dizer que posso criar outro? — perguntei.

— Claro que pode — disse Arion. — Mas deve resistir à tentação.

Como eu já disse a você, só pode fazer isso com a permissão de Petronia, ou, na verdade, com a minha permissão, já que está na minha casa.

Petronia emitiu um som de deboche e desprezo.

— Essa pode ser a sua pior tentação — disse Arion. — Mas você é jovem demais e fraco demais para executar a transformação. Nunca se esqueça do que estou dizendo. Não seja bobo. Não divida a eternidade com alguém que você pode passar a desprezar, ou até a odiar.

Fiz que sim com a cabeça.

Fez-se um longo silêncio e enquanto isso Petronia parou perto da janela e ficou espiando as estrelas.

— Há mais outro conselho — ela disse, dando meia-volta e olhando para mim. — Se você voltar para o pântano, e uma noite dessas você bem pode fazê-lo, só para espiar sua amada tia, aquela grande dama, ou por qualquer outro motivo simples, não ceda à tentação de caçar em Nova Orleans. A Talamasca está sempre à nossa espreita por lá, e apesar de serem apenas mortais arrogantes, eles podem nos prejudicar. Mas existe um outro perigo, um poderoso Caçador de Sangue que se denomina Vampiro Lestat. Ele domina Nova Orleans e destrói jovens Caçadores de Sangue. Ele é inescrupuloso, iconoclasta e egocêntrico. Escreveu livros sobre nós que são considerados ficção. Muitas histórias nesses livros são verdadeiras.

Fiquei calado por um longo tempo.

Ela se aproximou da mesa, puxou uma cadeira, pôs o braço no ombro de Arion e ficou observando o jogo. Arion tinha salvado sua rainha, mas não muito bem, e já estava a ponto de levar um xeque-mate muito bem armado. Eu vi a jogada mas percebi que ele não notou, pelas peças que movia e pelo movimento dos olhos dele, e então subitamente o Velho fez sua

jogada surpresa, e Arion chegou com o corpo para trás na cadeira, atônito, depois sorriu e balançou a cabeça.

— Outro jogo! — ele disse e começou a rir. — Eu exijo outro jogo.

— E terá! — disse o Velho, o rosto todo tremendo.

Enquanto o Velho arrumava as peças eu me levantei lentamente.

— Vou deixá-los, cavalheiros — eu disse. — Obrigado por sua hospitalidade e seus presentes.

— O que você está dizendo? — disse Petronia.

— Eu vou para casa. Quero a minha família.

— O que quer dizer, vai para casa? — ela quis saber. — Você perdeu o juízo?

— Não. E agora dou por encerrado o nosso trato. A Ermida é minha. Estou tomando posse dela agora. Preciso do mausoléu para descansar durante o dia, e preciso do resto para ter um lugar para ir à noite. Agora vou deixá-los com o seu xadrez, e mais uma vez agradeço...

Arion ficou de pé.

— Mas como você vai para casa? — ele perguntou gentilmente. — Você pode desafiar a gravidade muito bem em distâncias curtas, e com grande velocidade, talvez maior do que imagina. Mas não pode viajar a metade do mundo assim. Ainda levará anos para dominar essa habilidade.

— Eu vou como qualquer mortal — respondi.

— E o que vai fazer quando chegar lá? — quis saber Petronia.

— Viver na minha casa como sempre fiz. No meu quarto. Ficar com a minha família como sempre. Farei isso o tempo que for possível. Não vou abandoná-los.

Petronia se levantou lentamente.

— Mas você não sabe fingir que é humano. Não tem a menor idéia de como é.

— Tenho sim — eu disse. — Observei você fazendo isso, e você é muito antiga, pelas suas histórias, e no entanto conseguiu disfarçar num lugar cheio de gente. Por que seria tão difícil para mim? Além do mais, já resolvi fazer isso. Não vou desistir da vida que eu tinha.

— Você não entende que se revelar seu segredo para aqueles mortais, vai destruí-los? — insistiu Petronia.

— Vou protegê-los disso com todo o meu empenho — eu disse. — Você não vai me desencorajar.

— Você não pode simplesmente sair daqui e fazer isso, Quinn — disse Arion calmamente. — Aliás, por que faria? Agora você não pertence mais ao mundo dos humanos.

— Preciso pedir sua permissão? — eu contra-arguntei, olhando diretamente para os olhos dele.

Ele deu de ombros resignado, como achei que faria.

— Não, você não precisa me pedir.

— Eu não dou a mínima para o que você faz! — disse Petronia, como imaginei que faria.

Eu sorri.

— Então agora a Ermida é minha? — perguntei.

— Fique com ela, como um presente meu — ela disse venenosa. Olhei para o Velho.

— Manfred, nos encontramos uma noite dessas.

— Tenha cuidado, meu filho — ele disse.

Saí da sala, desci a escadaria do *palazzo* e logo caminhava por uma rua

estreita na direção da cidade lá embaixo.

Vinte minutos depois entrei no saguão do Hotel Excelsior, onde tínhamos nos hospedado em três ocasiões nas nossas viagens a Nápoles, e fui ao balcão da recepção. O recepcionista lembrava-se de mim e logo perguntou por tia Queen.

— Fui assaltado. Perdi tudo — eu disse. — Preciso fazer uma ligação a cobrar para a minha tia.

Ele pôs o telefone à minha disposição imediatamente. E mandou preparar uma suíte.

Foi Jasmine que atendeu. Ela começou a soluçar. Quando tia Queen pegou o telefone, ela estava quase histérica.

— Ouça — eu disse. — Não posso explicar, mas estou em Nápoles, na Itália. Preciso do meu passaporte e preciso desesperadamente de dinheiro.

Disse diversas vezes que a amava muito, que aquilo era algo inesperado, até para mim, e que eu nunca poderia explicar, mas que naquele momento eu precisava passar uma noite decente no hotel e pegar o voo de volta para casa na noite seguinte.

Finalmente Nash entrou na linha para dar todos os números apropriados para a contabilidade do hotel e me instalaram com todo conforto, e me disseram que iam mandar as passagens de avião. Expliquei para Nash que só queria viajar à noite, que devia pegar o voo noturno para Milão, depois de Milão para Londres em outro voo noturno, e de lá para Nova York, também à noite. De Nova York, é claro, eu retornaria para Nova Orleans.

Quando fechei a porta da suíte, entrei em estado de choque.

Parecia que minha vida tinha sido uma série infundável de aconteci-

mentos apavorantes e sabia que este último era o pior. O pavor era calmo, frio, e pior do que o pânico, sentia meu coração pulsando no pescoço.

Parecia que esse medo nunca teria fim, que esse sofrimento não diminuiria nunca.

Tarquin Blackwood estava morto, isso eu sabia perfeitamente bem. Mas grande parte de mim ainda existia, e essa parte restante, apesar de atônita com tantos dons indesejados, só desejava estar com tia Queen, com Tommy, com Jasmine, com todas as minhas testemunhas amadas, meus insubstituíveis amigos e parentes.

Não, eu não ia desistir da minha família. Não, não abandonaria por completo meu lugar na Mansão Blackwood e todos aqueles que tanto amei!

Não. Não os deixaria sem resistir, não sem o esforço mais nobre de permanecer com eles o tempo que eu pudesse.

Quanto a Mona, minha bruxa amada, eu nunca mais a veria nem deixaria que ouvisse minha voz ao telefone. A minha malignidade jamais encostaria nela, ela nunca saberia do meu verdadeiro destino. Meu sofrimento nunca se misturaria ao dela.

Uma hora deve ter passado, e eu fiquei lá encostado na porta, incapaz de me mexer. Tentei respirar profundamente. Procurei não cerrar os punhos. Tentei não sentir medo. Procurei não ter um ataque de raiva.

Era um fato consumado aquela transformação. E eu tinha de prosseguir. Precisava ir para casa. Devia fazer tudo com suavidade, com muita convicção e amar aqueles que me amavam de todo o coração.

Finalmente deitei na cama, com um nó na garganta, meu corpo todo trêmulo, senti subitamente uma exaustão arrasadora e caí num sono mortal.

Creio que não tive sonhos. Nem com Patsy, nem com Rebeca, apesar

de achar que tinha ouvido a risada de Rebeca outra vez e que não me importara.

A primeira luz do dia me acordou como água escaldante.

Na mesma hora fechei todas as cortinas e logo criei uma escuridão doce e gelada. Depois me esgueirei para debaixo da cama e logo perdi a consciência.

À noite eu já estava com um passaporte provisório, dinheiro no bolso, um novo cartão de crédito American Express e as passagens para iniciar a viagem. Assim que cheguei a Londres soube que tinha de fazer uma rota diferente para casa, por isso as conexões foram na Nova Escócia, no Canadá e finalmente em Newark. Por último, parti para Nova Orleans.

Em todo esse tempo eu pratiquei, cheio de medo, minha perícia com a Bebida Breve nos aeroportos, rondando as aglomerações como um gato do mato, espreitando horas essa ou aquela vítima antes do momento oportuno, aquele doce momento, amando e odiando ao mesmo tempo aquele prazer. Eu não tinha dúvida nenhuma de que parecia humano para as pessoas. Eu até parecia simpático. E na minha caçada, não fiz besteira. Não matei ninguém. Nunca derramei uma só gota.

Ah, era uma agonia de pavor e êxtase, perdido no meio de uma humanidade na qual eu só podia penetrar como um monstro. E os aeroportos apinhados de gente viraram um inferno, como um imenso cenário onde se representava um drama existencial. Mas eu me viciava muito depressa à caçada e ao sangue.

Por fim aterrissamos em Nova Orleans e tia Queen me recebeu de braços abertos, depois Nash fez o mesmo e depois minha adorável Jasmine e meu pequeno filho, Jerome, que eu peguei no colo e beijei, apertando-o

com força. E lá estava Tommy, meu reservado tio de treze anos, que eu adorava tanto. Tive de abraçá-lo.

Se algum deles notou algo de estranho em mim, isso foi totalmente anulado pelo meu entusiasmo. Quanto ao fato de eu ter ido parar na Itália, só prometi que algum dia contaria para eles. É claro que eles insistiram muito, mas eu não disse mais nada.

Quando nos amontoamos na limusine para voltar para casa, eles me deram a notícia de que a Aids tinha se manifestado em Patsy, mas que ela reagia bem à medicação. Mas Seymour a estava processando. Também tinha Aids e afirmava que ela nunca contou a ele que tinha o vírus e que tinha se contaminado com ela. Eu não sabia o que dizer. Pensei naquele sonho que tive, aquele sonho horrível. Não conseguia tirar as imagens dele da minha cabeça.

— Como é que ela está se sentindo? — eu perguntei, e eles disseram que ela estava bem.

— E a aparência dela? — perguntei, e eles disseram que era boa.

— Como está a banda? — perguntei, e eles disseram que estava bem. E acabou.

Assim que cheguei em casa abracei Grande Ramona e disse que estava Velho demais para dormir com ela, e ela disse que já era hora mesmo de resolver isso, que ela só estava esperando que eu dissesse. Ela não acreditou quando recusei suas panquecas.

Quando finalmente subi para o meu quarto, fechei e tranquei a porta, eu me sentia fraco e louco. Mas eu os tinha enganado. Consegui enganá-los e estava de novo entre eles. Estava entre eles e tinha o amor deles. Eu comecei a chorar.

Chorei sem parar. Entrei no banheiro e vi o sangue escorrendo pelo meu rosto, e foi assim que aprendi que choramos lágrimas de sangue, sequei o sangue com um lenço de papel, e finalmente parei de chorar, então percebi que Goblin estava lá.

Goblin estava sentado à minha mesa no quarto, de frente para mim, e Goblin era uma duplicata perfeita de mim até no sangue em seus olhos e nas lágrimas sanguinolentas que escorriam pelo seu rosto.

Eu quase gritei horrorizado, era uma visão e tanto. Meu coração parou de bater um segundo e depois recomeçou.

Eu esfreguei o lenço de papel no rosto. E corri para ele.

— Olhe — eu disse. — Estou limpando tudo, não está vendo? Estou secando tudo! Olhe, sumiu, o sangue sumiu, você não vê? — Eu estava berando com ele, eu o fulminava. Tive de abaixar a voz. — Não está vendo? O sangue sumiu. Eu sequei tudo!

Ele ficou lá parado com o sangue nos olhos e sangue pingando no rosto e então ele correu para mim. Ele correu para dentro de mim. Ele se misturou comigo e eu me senti empurrado para trás contra a mesa redonda, depois para o lado e o pé da cama, e não conseguia impedi-lo, ele estava dentro de mim, estava misturado comigo, e a sensação era de um choque fatal de pura eletricidade, e quando ele saiu, eu o vi imenso e cheio de minúsculas gotas de sangue, e eu desmoronei.”

“ — **A** GORA VOCÊ CONHECE a minha história. Minha maior vergonha, que foi matar a noiva inocente. E sabe como Goblin começou a me atacar.

Pode adivinhar o que aconteceu depois da minha volta para casa. Sabe, por essa história, o quanto amo a minha família. E sabe também o quanto a minha vida se mistura com a deles.

Senti um ódio enorme e terrível de Petronia e do que ela fez comigo! Com uma paixão que só pode ser chamada de vingança eu me lancei novamente na vida dos humanos, no meu mundo mortal, na minha existência familiar. Não queria viver de outro jeito, a não ser que me provassem que todos suspeitavam de mim e que passassem a me evitar. Mas não aconteceu nada disso.

Ao contrário, as pessoas precisavam de mim e eu sabia disso. Meu estranho desaparecimento tinha magoado profundamente tia Queen, Tommy, Jerome, Jasmine, e até Clem e Grande Ramona. Compensei isso com intermináveis pedidos de perdão, apesar de não poder e não querer explicar de que forma esse desaparecimento tinha ocorrido.

Eu só podia fazer o que eu fiz, prometer que nunca mais ia desaparecer, que embora eu tivesse me tornado uma espécie de solteirão recluso e criatura da noite, ficando uma ou duas, até três noites fora, eu sempre voltaria para casa depois. E que ninguém devia ter medo de mim, nunca.

— Então Quinn está passando por uma fase — eles diziam, dando risada.

Mas eu estava sempre com eles.

Decorei meu quarto como você está vendo, com cortinas pesadas de veludo, para poder evitar a luz, e há uma tranca bem forte na porta, mas normalmente passo as horas do dia no mausoléu na ilha de Sugar Devil, onde me sinto completamente seguro de olhares curiosos, já que só eu consigo abrir a cripta com facilidade. Foram necessários cinco homens para abri-la naquele longínquo e emocionante dia quando a examinei pela primeira vez.

Numa casa em que tia Queen se habituou a acordar às três da tarde e a dar o seu passeio saudável às seis da manhã antes de ir dormir, meus hábitos pareciam normais, e todos passaram a pensar assim.

Bom, tia Queen admitiu que tem, na verdade, oitenta e cinco anos de idade, e não oitenta, um pequeno segredo que ela escondeu de nós quando tropeçávamos nas ruínas de Pompéia com ela, mas ela está muito ativa e curiosa, e cheia de capacidade de aproveitar a vida com toda a sua riqueza, como você mesmo viu, e ela recebe todas as noites no seu quarto com Cindy, a enfermeira, e Jasmine, e vários outros ajudantes, inclusive eu, especialmente quando é mais cedo, pois eu não costumo sair para as minhas andanças noturnas antes da meia-noite.

Quanto ao serviço de pousada que oferecíamos, Jasmine passou a esnobá-lo. Simplesmente não queria continuar. E depois que demos um dos quartos do segundo andar para Tommy, outro para Brittany quando ela vinha nos visitar, pusemos Nash no antigo quarto de Pops, só restava um quarto de hóspedes, então parecia mesmo inútil alugá-lo.

E Patsy, que agora está bem fraca, passou a ocupar aquele último quarto da frente. Por isso o hotel ficou completamente lotado.

Mas a nossa cidade não podia ficar sem as grandes comemorações de

Natal e Páscoa, o festival das azaléias e um eventual casamento, por isso Jasmine ainda cuida disso com muito orgulho, apesar de reclamar como se fosse a santa local.

Eu fiquei afastado quando cantaram os cânticos de Natal no ano passado, não ousei chorar, mas chorei na minha alma quando a soprano cantou ‘Noite feliz’ duas vezes, só para mim.

Já que eu sou considerado louco, passei também a incentivar uma ceia à meia-noite no sábado de aleluia — na manhã do domingo de Páscoa, só porque eu não podia comparecer ao bufê de Páscoa, e isso funcionou maravilhosamente bem este ano, junto com o habitual bufê à tarde, atraindo um grupo completamente diferente de convidados depois da missa. E pretendia animar algumas outras festas noturnas de caridade e para arrecadar fundos, mas meu cérebro anda meio distraído ultimamente.

Tommy surpreendeu a todos pedindo para ser enviado para um colégio interno na Inglaterra, nada menos que Eton, e Nash levou-o para lá e cuidou de instalá-lo, e quando ele vem nos visitar ficamos admirados com o sotaque britânico que ele adquiriu, e muito felizes. Sinto uma falta terrível dele. Ele virá para casa nas férias em breve. Já completou quatorze anos e está ficando bem alto. Ainda quer liderar uma expedição para encontrar o continente perdido de Atlântida. Eu recorto todos os artigos que leio sobre esse assunto e mando para ele pelo correio. E Nash faz a mesma coisa.

Terry Sue e os filhos estão bem. A babá e a empregada fizeram muita diferença na vida deles e as coisas estão tranquilas por lá. Brittany e as outras crianças estão em boas escolas e terão uma boa oportunidade na vida. Terry Sue está feliz. Assim que ela recebe seu cheque a cada duas semanas, ela vai ao Wal-Mart comprar roupas e flores artificiais. A casa dela está abar-

rotada de flores artificiais. É praticamente uma floresta tropical de flores artificiais. Não há mais nenhum cantinho na casa vago. Assim que você entra na casa dela, ela tenta lhe dar flores artificiais velhas para poder comprar flores novas. Ela foi operada para não ter mais filhos. Charlie, o namorado que anda armado, depois de manter toda a família e o xerife longe com sua Magnum 357, acabou se matando com um tiro na cabeça.

Tia Queen resolveu que precisa educar Terry Sue, e duas vezes por semana Terry Sue vem até aqui para conversar com tia Queen sobre as roupas que compra, e tia Queen dá conselhos sobre o esmalte de unha e sobre como pentear o cabelo. Brittany também se tornou protegida de tia Queen e o resultado disso é que agora tem uma coleção de bonecas.

Jasmine, depois de uma briga violenta, permitiu que eu desse meu nome para Jerome, e até deixou que ele me chamasse de papai, mas não ficou nada contente com isso. E então ela desistiu de mandá-lo todos os dias para Nova Orleans, para a Trinity School. Jerome é muito inteligente. Tia Queen adora ler para ele. Nash passa um tempo considerável dando aulas para ele. Ele já está inventando histórias sozinho, que dita para um pequeno gravador. Ele faz como numa transmissão de rádio, com todos os efeitos sonoros.

Fico tremendamente comovido por ele ser meu filho, e o único que terei, mas também tenho uma afeição semelhante por Tommy, e me lembro do que Petronia me disse em Nápoles, que eu podia fazer coisas honradas e decentes. Não sei se ela estava pensando nesse tipo de coisa, de patrocinar mortais, mas eu penso nisso, e acho que minha obra apenas começou. Sonho em ser patrono de um pianista, você sabe, comprar partituras para ele, produzir seus discos, ajudá-lo a pagar a faculdade e as aulas, coisas assim. É

um sonho, mas acho que posso realizar. Não vejo por que não.

Mas estou fugindo do assunto. Deixe-me continuar. Ah sim, o epílogo.

Por nove meses Nash e eu lemos Dickens juntos. Passávamos o início da noite fazendo isso, antes de eu sair para caçar, e enquanto eu ainda estava a salvo dos ataques de Goblin. Ocupávamos as duas poltronas perto da lareira no quarto de Nash e cada um lia em voz alta para o outro, alternadamente. Relemos *Grandes esperanças*, *David Copperfield* e *A velha loja de curiosidades*. Também lemos *Hamlet*, que me fez chorar escondido por Mona, e *Macbeth*, *Rei Lear* e *Otelo*. Costumávamos nos separar às onze da noite e naqueles poucos dias em que tia Queen se forçava a enfrentar a luz do dia para comprar camafeus e roupas, Nash ia com ela.

Outras noites Nash assistia a filmes com tia Queen, Jasmine e Cindy, a enfermeira, e outras pessoas. Até Grande Ramona começou a gostar também.

Depois Nash voltou para a Califórnia para concluir seu doutorado e quando vier para cá de novo será acompanhante de tia Queen como antes. Ela sente muita falta dele pois, como ela mesma disse a você, não tem ninguém agora e isso a entristece.

Patsy está se dando bem com o coquetel de drogas que está recebendo para a Aids e conseguiu fazer algum trabalho com sua banda. Acertamos com Seymour longe dos tribunais uma enorme soma em dinheiro, mas ele morreu logo depois de recebê-la. Patsy jura que não contamina as pessoas. Dois ex-membros da banda também entraram com processos na justiça contra ela.

Tudo isso fez Patsy desanimar. Ela gosta de ficar na casa grande, no

quarto da frente do outro lado do corredor. Não converso muito com ela porque toda vez que subo a escada sinto uma necessidade tremenda de matá-la. Toda noite. Leio a mente dela sem querer, e sei que ela se arriscou negligentemente a contaminar várias pessoas com o vírus da Aids e que mesmo agora ela faria isso, só que todos já sabem do seu problema. Sinto uma vontade tão forte de tirar sua vida que me mantenho longe dela.

Mas deixe-me continuar.

Desde a primeira noite em casa eu procurei ampliar minhas habilidades e aprender meus poderes.

Controlo a minha telepatia com a minha família e com todo mundo, menos as minhas vítimas, porque me parece obsceno e também é como barulho.

Já viajei pelo ar, pratiquei a velocidade. Já fui e voltei para a Ermida de tavernas e bares distantes para caçar vagabundos e Agentes do Mal, ou para me abastecer com a Bebida Breve, e tive sucesso. Mesmo depois de me satisfazer completamente, quase sempre deixo a vítima viva. Eu aprendi, como Arion dizia, a me deixar ir com o mal, a tomá-lo parte de mim naqueles momentos importantes.

Nunca saio para caçar antes da meia-noite e é claro que Goblin sempre ataca logo depois. Normalmente não volto para casa até o ataque dele terminar. Não quero a família incomodada de jeito nenhum pelo que Goblin pretende fazer. Mas às vezes eu calculo mal.

Não tenho tido escrúpulos morais até esta noite, quando quase matei Stirling Oliver.

Mas os ataques de Goblin estão cada vez mais violentos e minha comunicação com ele é nenhuma. Ele não fala comigo. Parece sentir que, ao

me tornar o que eu sou, eu o traí de forma arrasadora, e por isso tira de mim o que quer — o sangue. E não precisa de nenhum afeto ou conversa para isso.

É claro que ele também pode achar que foi traído pela minha longa ausência quando eu estava na Europa.

Tentei falar com ele, mas em vão. Ele raramente aparece. Só se apresenta logo depois que eu me alimento.

E nesse último ano, enquanto eu provava para mim mesmo que podia caçar, que podia sobreviver, que podia conviver com tia Queen, Nash e Jasmine, que podia estar com o meu filho, que podia participar sorrateiramente do mundo humano todas as noites da minha vida e depois sair dele e ir para o meu túmulo, Goblin ficou muito mais forte e muito mais maligno, por isso acabei indo implorar a sua ajuda, e acho que eu o procurei por causa da solidão.

Como creio que já mencionei, eu sei como voltar para Petronia, mas não quero fazê-lo. Não quero a sua frieza debochada. Não quero nem a indiferença mais suave de Arion. Quanto ao velho Manfred, apesar de saber que ele abriria seu coração para mim, ele parece estar prisioneiro da senilidade. O que qualquer um deles sabe de um espírito como Goblin? Eu o procurei para que me ajude. Você esteve com os espíritos. Eu arrisquei a minha vida para fazer isso.

Acredito que Goblin é uma ameaça, não só para mim mas para os outros também, e de uma característica agora eu tenho certeza — ele pode viajar comigo para qualquer lugar que eu vá, por mais distante que seja da Fazenda Blackwood.

Está ligado a mim de um jeito diferente que talvez se relacione com o

Sangue. Na verdade tenho certeza de que tem a ver com o Sangue. O Sangue lhe deu um elo comigo que é mais forte do que o elo que ele tem com este lugar.

Pode haver um limite para a distância que ele consegue percorrer, mas eu não posso desistir da Fazenda Blackwood, este é o problema. Não posso me afastar das pessoas que precisam de mim. Não quero ficar longe delas. E a consequência disso é que preciso lutar contra Goblin aqui, pela minha casa, e pela minha vida, se quiser vivê-la.

E sinto uma grande responsabilidade por Goblin. Sinto que eu o criei e alimentei e fiz dele o que é. E se ele machucar outra pessoa?

Só mais um último detalhe e minha história termina.

Vi Petronia mais uma vez desde que deixei Nápoles. Estava sentado na Ermida, no meio de todo aquele brilho do mármore e das *torchères*, sonhando, pensando, meditando, não sei exatamente em quê, sentindo a minha tristeza de uma forma espetacular, quando ela subiu a escada, trajando um terno branco, de cabelo solto e esvoaçante e cheia de correntes com diamantes, e ela me deu seus livros, que guardava num pequeno saco de veludo verde.

— Essas são as Crônicas Vampirescas — ela disse. — Você precisa ler e conhecê-las. Nós já falamos sobre elas para você, mas não sabemos se você prestou atenção. Lembre-se de nunca caçar em Nova Orleans.

— Saia daqui, eu abomino e detesto você — eu disse a ela. — Já disse que o nosso trato acabou. Este lugar é meu!

Levantei, avancei para cima dela e soquei seu rosto antes que ela pudesse se dar conta do que estava acontecendo. O sangue escorreu da boca de Petronia no lugar em que suas presas furaram o lábio, manchou o colete

branco e ela ficou furiosa. Então me estapeou duas vezes e eu não tive tempo de me defender. Depois me derrubou no chão e começou com aquela brincadeira de me chutar.

— Que recepção encantadora — ela disse, batendo várias vezes com o bico da bota entre as minhas costelas. — Você é a epítome do filho agra-decido.

Fiquei de joelhos, fingi cambalear e fingi estar machucado, então me levantei, agarrei o cabelo dela, um tufo bem farto, com as duas mãos para ela não poder se livrar de mim, amaldiçoando o tempo todo.

— Uma noite dessas farei você pagar — eu disse. — Vou fazer você sofrer por todos os seus golpes odiosos, pela maneira que você fez, por ter jogado essa maldição em mim.

Ela cravou as unhas em mim e eu puxei seu cabelo com as duas mãos. Ela agarrou a minha cabeça e me arrastou para longe. Depois me atirou no chão e foi me chutando pela sala até a parede. Por fim, sentou à mesa e, com as mãos no rosto, chorou. E não parava mais de soluçar.

Fiquei de pé e fui me aproximando dela lentamente. Senti nas pernas e nos braços o formigamento que sinalizava que meus ferimentos estavam desaparecendo. Vi as correntes de diamantes que estavam no cabelo dela em pedaços pelo chão, juntei tudo e fui até a mesa onde ela chorava, e pus onde ela pudesse ver.

Petronia estava com as mãos no rosto e elas estavam manchadas de sangue.

— Sinto muito — eu disse.

Ela pegou seu lenço e secou o rosto e as mãos. Então olhou para mim, muito linda.

— Por que sentiria? — ela perguntou. — É natural odiar uma criatura como eu. Por que você não odiaria?

— Como assim? — eu perguntei, esperando que ela me atacasse a qualquer momento de novo.

— Quem deve ser transformado em criaturas como nós? — ela perguntou. — O ferido, o escravo, o destituído, o agonizante. Mas você era um príncipe, um príncipe mortal. E eu não pensei duas vezes.

— Isso é verdade — eu disse.

— E então você... você engana os tolos? — ela perguntou, gesticulando com a mão num movimento vago. — Você vive com seus mortais amorosos à sua volta?

— Sim, por enquanto.

— Não fique tentado a trazê-los para o nosso lado — ela disse.

— Não estou tentado. Prefiro ir direto para o inferno do que fazer isso desse jeito.

Ela olhou para os diamantes. Eu não sabia o que fazer com eles. Olhei em volta. Tinha pegado todos. Ela pegou os fios e guardou no bolso. O cabelo dela estava todo embaraçado. Eu tirei meu pente do bolso. Fiz um gesto perguntando se ela deixava eu pentear seu cabelo, ela disse que sim, e foi o que eu fiz. O cabelo dela era grosso e sedoso.

Finalmente ela se levantou para ir. Segurou-me nos braços e me beijou.

— Não se meta no caminho do Vampiro Lestat — ela disse. — Ele nem vai pensar duas vezes para transformá-lo num monte de cinzas. E depois eu teria de lutar com ele e não sou suficientemente forte.

— Isso é verdade mesmo?

— Eu te disse em Nápoles para você ler os livros — ela disse. — Ele bebeu o sangue da Mãe. Ficou deitado nas areias do Deserto de Gobi por três dias. Nada pode destruí-lo. E nem seria divertido lutar com ele. Mas é só ficar longe de Nova Orleans e não precisará se preocupar com ele. Há algo de ignóbil em alguém tão poderoso como Lestat escolhendo alguém tão jovem como você. Ele não virá até aqui para pegá-lo.

— Obrigado — eu disse.

Ela caminhou até a porta como se fosse uma saída horrorosa. Eu não sabia se ela percebera que havia sangue na sua roupa. Não sabia se devia ou não avisar. Acabei falando.

— No seu terno, sangue.

— Você simplesmente não consegue resistir a uma roupa branca, não é? — ela perguntou, mas não parecia zangada. — Quero perguntar uma coisa. E responda sinceramente, se não é melhor nem responder. Por que você nos deixou?

Fiquei pensando por um bom tempo. E então respondi.

— Eu queria estar com a minha tia. Não tinha escolha. E havia os outros. Você já sabia disso.

— Mas nós não éramos interessantes para você? — ela perguntou. — Afinal, você poderia ter pedido que eu o trouxesse até aqui de vez em quando. Certamente sabe que meus poderes são muito grandes.

Eu balancei a cabeça.

— Não o culpo por dar as costas a mim — ela disse. — Mas dar as costas a alguém tão sábio como Arion? Isso me pareceu intempestivo.

— Você provavelmente tem razão, mas por enquanto tenho de ficar aqui. Talvez mais tarde eu possa me harmonizar com Arion.

Ela sorriu. Deu de ombros.

— Muito bem. Deixo a Ermida para você, meu menino — ela disse e se foi como se tivesse desaparecido no ar, e assim terminou nosso breve encontro.

E assim termina a minha história.”

FIQUEI LÁ sentado, em silêncio. Tínhamos talvez mais duas horas antes do amanhecer, e sentia que toda a minha vida estava apertada no meu coração, e apesar de ser um pecador, não havia pecado escondendo nada. Estava tudo exposto diante de mim. Imaginei se Goblin estava por perto de alguma forma. E fiquei pensando se ele ouviu tudo.

Lestat, que ficara calado o tempo todo, esperou bastante tempo em silêncio para depois falar.

— O seu epílogo foi bem detalhado, mas você não mencionou uma pessoa. O que aconteceu com Mona Mayfair?

Fiz uma careta.

— Nunca recebi outro e-mail ou telefonema de Mona, e por isso dou graças a Deus. Mas periodicamente Michael ou Rowan telefonam. Eu tremo ao telefone. Será que esses bruxos poderosos são capazes de captar alguma coisa pelo meu timbre de voz? Mas parece que não. Eles me dão as últimas notícias. Mona está no isolamento. Mona está fazendo diálise. Mona não está sentindo dor nenhuma.

“Uns seis meses atrás, talvez mais, recebi uma carta datilografada de Rowan, escrita em nome de Mona, explicando que Mona tinha feito uma histerectomia, e que ela queria que eu soubesse. ‘Amado Abelardo, eu o liberto de todas as juras’, Mona ditou para Rowan. Eles esperavam que a cirurgia ajudasse Mona, mas não adiantou. Mona precisava fazer diálises cada vez mais freqüentes. Ainda havia medicamentos que eles podiam experimentar.

“A minha resposta foi correr todas as floriculturas de Nova Orleans e enviar buquês, cestas e vasos de flores com cartões com juras do meu amor imortal, bilhetes que eu ditava pelo telefone. Não ousei mandar nada em que eu tivesse encostado a mão. Mona podia pôr a mão em tal bilhete e sentir o mal em mim. Eu simplesmente não podia correr esse risco.

“Do jeito que as coisas estão agora, continuo mandando flores quase diariamente. De vez em quando eu fraquejo e vou até lá. É sempre a mesma coisa. Mona não pode ver ninguém. Mona está na mesma.

“Acho que na verdade temo o momento em que eles digam ‘Venha vê-la’. Tenho medo de não resistir e de não ser capaz de enganar Mona, e naqueles preciosos minutos, talvez nossos últimos momentos preciosos, a mente de Mona fique marcada pelo medo do que eu sou agora. Na melhor das hipóteses eu parecerei frio e insensível apesar do meu coração estar em pedaços. Fico apavorado com isso. Um medo absoluto.

“Porém, mais do que qualquer coisa, eu temo o telefonema final, dizendo que Mona perdeu a luta, o aviso de que Mona se foi.”

Lestat fez que sim com a cabeça. Ele se apoiou no cotovelo, o cabelo um pouco despenteado, os grandes olhos azuis cheios de compaixão, como ficaram nas longas horas que levei para contar a minha história.

— Qual a conclusão que se tira dessa história que você contou? — ele perguntou. — Fora o fato de que temos de proteger tia Queen do conhecimento prejudicial sobre o que aconteceu com você e que temos de destruir Goblin?

— A de que tive uma vida rica — eu disse. — Como a própria Petronia disse. E ela não deu o menor valor para essa vida. Tomou-a por puro capricho e maldade.

Ele balançou a cabeça outra vez.

— Mas, Quinn, a imortalidade, não importa como chegamos a ela, é um bem, e você deve parar de odiá-la. Isso envenena você.

— É como o ódio que sinto por Patsy — eu disse calmamente. — Preciso acabar com esse ódio pelas duas. Preciso acabar com todo ódio, mas nesse momento quem precisa ser destruído é Goblin, e eu tentei, procurando ser justo com ele, deixar claro para você toda a minha responsabilidade pelo que ele é, e até por ele querer se vingar de mim.

— Isso está claro — disse Lestat. — Mas eu não sei se sozinho posso ajudar. Talvez eu precise de ajuda. Na verdade acho que preciso mesmo. Creio que preciso da ajuda de uma Bebedora de Sangue cuja perícia com espíritos já virou lenda. — Ele passou a mão no cabelo para trás. — Acho que posso convencê-la a vir me ajudar com isso. Estou falando de Merrick Mayfair. Ela não conhece a sua bela Mona, pelo menos até onde eu sei, e mesmo se conhecesse, agora não existe ligação nenhuma. Mas Merrick conhece os espíritos de um jeito que a maioria dos vampiros nem imagina. Ela era uma bruxa poderosa antes de se tornar vampira.

— Então o Sangue das Trevas não tirou seus poderes com espíritos? — eu perguntei.

— Não — ele disse, balançando a cabeça. — Ela é complexa demais para isso. E além do mais é mentira que os espíritos nos evitam. Como você mesmo disse, eu vejo espíritos. Gostaria de não ver. Vou procurar Merrick Mayfair amanhã à noite. Merrick é quase tão jovem no Sangue como você. Ela está sofrendo. Mas acho que posso trazê-la para cá, talvez à uma hora, talvez às duas da madrugada. Não imagino que ela se recuse a vir, mas vamos ver. De qualquer forma, eu volto. Tem a minha palavra.

— Ah, eu agradeço de todo o coração — eu disse.

— Então deixe-me confessar uma coisa — ele disse com um sorriso caloroso e irresistível.

— Claro — eu disse. — O que é?

— Eu me apaixonei por você — ele disse em voz baixa. — Talvez você descubra nas próximas noites que eu me tornei um chato.

Fiquei tão atônito que perdi a fala. Dizer que ele me parecia exótico seria pouco. Ele era delicioso, elegante, e a noite toda, enquanto eu falava, estava tão ligado a ele que me senti enfeitiçado, senti que me abria, como se não houvesse fronteiras entre nós.

— Ótimo — ele disse subitamente, como se lesse a minha mente. — Agora acho que vou deixá-lo para procurar Merrick. Ainda temos algum tempo antes do amanhecer...

Um grito muito alto interrompeu nossa conversa. Era Jasmine, e ouvi outro grito logo depois.

— Quinn, Quinn, é o Goblin! — ela berrava ao pé da escada.

Tive de me controlar e me esforçar para correr como um mortal quando descí a escada com Lestat atrás de mim.

Ouvimos gritos do quarto de tia Queen. Ouvi Cindy, a enfermeira, chorando. Grande Ramona soluçava. Jasmine correu para mim. Ela segurou meus braços e disse:

— Foi o Goblin, Quinn! Eu vi!

Corremos juntos pelo corredor, e mais uma vez controlei a minha velocidade, tentando desesperadamente manter um passo mortal.

Assim que vi tia Queen caída no chão ao lado da mesa de mármore, eu soube que ela estava morta.

Soube pelos olhos dela.

Nem precisei ver o sangue escorrendo de sua cabeça, nem o sangue na mesa de mármore. Eu sabia, e quando vi seus pés descalços, só de meias, quando olhei para aqueles pés humildes de meia, comecei a chorar e cobri meu rosto com um lenço.

E lá estava o belo camafeu da Medusa no pescoço dela, o amuleto contra qualquer mal, que não tinha adiantado nada, não serviu para salvá-la. Ela estava morta. Perdida. Acabada.

Ela e sua majestade e sua bondade, acabadas para sempre.

O que mais havia? As pessoas davam telefonemas histéricos. Logo as sirenes começaram a soar. Que importância tinha aquilo tudo?

Quantas vezes tiveram de explicar antes do sol nascer?

Tia Queen tinha tirado seus sapatos traiçoeiros. Por isso ninguém segurava seu braço. Tinha tirado seus terríveis sapatos. Por isso Jasmine não apoiava o braço dela. Tinha tirado seus perigosos sapatos. Por isso Cindy não estava ao lado dela. Tinha ido até a mesa para espiar seus camafeus. Queria encontrar um em particular para a filha de Cindy.

Eles disseram a mesma coisa inúmeras vezes e o médico-legista ouvia, o xerife Jeanfreau ouvia, Henderson ouvia, e Jasmine e Cindy diziam que tinha sido Goblin que a fez cair, que tinha sido Goblin rodopiando no ar, Goblin como um pequeno tufão no quarto, e tia Queen tinha gritado duas vezes “Goblin!”, e tia Queen levantou os braços, então caiu, batendo com a cabeça no mármore.

Cindy e Jasmine tinham visto tudo! Elas viram a comoção no ar! Sabiam o que era. Ouviram tia Queen dizer duas vezes “Goblin, Goblin!” e cair no tapete só de meias, cair e bater o lado da cabeça no mármore, morta

antes de cair no tapete.

Oh, Deus do céu, me ajude!

— Então as duas estão dizendo que um fantasma matou a sra. McQueen? — perguntou o médico-legista.

— Xerife, pelo amor de Deus — eu disse. — Ela caiu! É claro que não está pensando que Cindy ou Jasmine tiveram alguma coisa a ver com isso!

E eles continuaram, sempre falando a mesma coisa, até a hora de eu ir embora, e chamei Jasmine para um canto e disse para ela cuidar de tudo com a funerária de Nova Orleans. O velório seria na noite seguinte, começando às sete. E eu a veria então, e disse para ela fazer todo o possível para conseguir que o enterro fosse à noite. Claro que isso seria bastante irregular, mas talvez com dinheiro chegássemos a um acordo.

— E pelo amor de Deus, cuidado com Goblin — eu disse.

— O que você vai fazer com ele, Quinn? — ela perguntou, tremendo e com o rosto inchado de tanto chorar.

— Vou destruí-lo, Jasmine. Mas vai demorar um pouco. Até eu fazer isso, cuidado com ele. Avise aos outros. Tomem cuidado com ele. Ele está poderoso demais...

— Você não pode sair daqui agora, Quinn — ela disse.

— Eu preciso, Jasmine. Vejo você no velório em Nova Orleans amanhã às sete.

Ela ficou apavorada, o que não me surpreendeu. Lestat se adiantou, segurou Jasmine pelos ombros e olhou intensamente nos olhos dela.

— Jasmine — ele disse, falando bem baixo. — Temos de procurar a mulher que pode dar um fim ao Goblin. Não podemos adiar isso. Você

compreende?

Ela fez que sim com a cabeça. Ela continuava chorando e lambeu as lágrimas que escorriam nos seus lábios. Mas não conseguia desviar o olhar dos olhos dele.

— Mantenha o pequeno Jerome perto de você — disse Lestat, com a voz suave e persuasiva. — Essa criatura quer machucar todas as pessoas que Quinn ama. Cuide para que todos fiquem atentos.

Ele beijou a testa dela. E saímos calmamente.

Finalmente Lestat e eu estávamos sozinhos na ilha de Sugar Devil e eu extravasei a minha dor, soluçando feito criança.

— Não consigo imaginar o mundo sem ela, eu não quero o mundo sem ela, odeio de todo o coração quem fez isso, como, em nome de Deus, ele conseguiu esse poder, ela estava muito velha, frágil demais, como podemos fazer com que ele sofra tanto que queira morrer, como podemos mandá-lo para o inferno que deve existir para ele?

E eu fiquei delirando sem parar. Depois fomos dormir juntos.

AO PÔR-DO-SOL eu acordei faminto e desesperado, mas compreendi que Lestat tinha de me deixar cuidando dos meus compromissos mortais para entrar em contato com Merrick Mayfair e ver se ela podia me ajudar.

Assim que cheguei à casa grande vi que Nash e Tommy estavam lá. Tommy tinha passado o dia inteiro e parte da noite no avião para voltar da Inglaterra, e Nash chegara bem mais cedo da Costa Oeste. A expressão de dor no rosto deles era terrível e eu mal consegui controlar as lágrimas.

Na verdade eu não queria contê-las mas o medo de todos verem o sangue tornava o controle essencial, por isso me entreguei a abraços e beijos e certifiquei-me de ter comigo três lenços de linho. Praticamente sem falar nada, porque não havia mesmo o que dizer, nós nos instalamos na luxuosa limusine de tia Queen e fomos para a funerária Lonigan em Nova Orleans.

A multidão no velório já era imensa quando chegamos. Patsy estava à porta e com uma roupa preta muito sóbria, o que me surpreendeu, já que ela costumava faltar aos funerais, e era óbvio que estivera chorando.

Ela mostrou um pequeno maço quadrado de folhas dobradas para mim.

— Fotocópia do testamento dela — ela disse com a voz trêmula. — Ela instruiu Grady há muito tempo para não fazer suspense. Deixou uma fortuna para mim. Foi maravilhosa comigo. Ele tem uma cópia para você.

Eu apenas balancei a cabeça. Era bem típico de tia Queen esse último pequeno gesto de generosidade, e naquela noite eu vi Grady entregando as

folhas dobradas para Terry Sue e para Nash, entre outros.

Patsy saiu para fumar um cigarro e parece que não queria conversa.

Jasmine, linda com seu conjunto azul e blusa branca de grife, lamentavelmente exausta por ter tido um longo dia escolhendo o caixão, a câmara mortuária e o vestido para tia Queen, estava quase desmaiando.

— Eu trouxe o esmalte de unha dela — ela repetiu três vezes para mim. — Fizeram um bom trabalho. Eu disse para tirarem um pouco do ru-ge, mas ficou bom. Um bom trabalho. Você quer enterrá-la com o colar de pérolas? São as pérolas dela.

Ela não parava de dizer isso.

Eu respondi que sim.

Nash finalmente acompanhou Jasmine para uma das pequenas cadeiras francesas enfileiradas contra as paredes do salão da frente. Grande Ramona estava sentada e só chorava, e Clem, depois de estacionar a limusine, ficou de pé ao lado da mãe e parecia completamente arrasado.

Terry Sue também estava chorando e agarrada a Tommy, que soluçava. Eu queria consolar Tommy mas estava muito abalado com a minha própria dor e, engolindo as lágrimas de sangue, não fui capaz. O rosto de Brittany estava lívido e denotava sofrimento.

Rowan Mayfair estava lá, o que me surpreendeu, suave e delicada em seu conjunto sob medida, o cabelo cuidadosamente penteado enaltecendo as maçãs do rosto salientes como sempre. Michael Curry estava ao seu lado com o cabelo encaracolado mais grisalho do que eu lembrava, ambos compartilhando um brilho que me assustou. Feiticeiros, sim. O Sangue informou isso e eles menearam a cabeça respeitosamente para mim, sem suspeitar de nada, e eu me afastei deles, ressabiado com seu poder, apenas ace-

nando com a cabeça, como se estivesse arrasado demais para falar, o que de fato era verdade.

Não havia como evitar, eu tinha de me aproximar do caixão. Tinha de ver. Precisava fazer isso. Então eu fiz.

E tia Queen jazia no esplendor de cetim, com fios de pérolas sobre os seios e um grande camafeu retangular no pescoço que eu nunca tinha visto na sua coleção, e que naquele segundo não lembrava de onde era. Então lembrei. Eu o tinha visto em Petronia. Petronia usava aquele camafeu naquela última vez que a vi na Ermida. E na última vez que a vi em Nápoles.

Como foi parar lá? Só precisei levantar a cabeça para ver. Lá estava Petronia, ao pé do caixão, toda de azul-escuro, com seu glorioso cabelo puxado para trás, parecendo triste e desconsolada. Com um movimento rápido que pareceu um piscar de olhos ela estava ao meu lado, apertando os dedos no meu braço e sussurrando ao meu ouvido que Jasmine tinha permitido que ela pusesse o camafeu em tia Queen, e que se eu permitisse, ele continuaria lá.

— Assim você pode ficar com os tesouros dela — ela disse — sabendo que foi enterrada com algo à sua altura, algo que ela teria admirado.

— Está muito bem — eu disse.

Petronia foi embora. Eu sabia sem olhar. Eu senti. Senti e achei estranho vê-la no meio de tantos mortais, e renovei a confiança na minha capacidade de fingir, porém mais do que isso eu senti uma dor esmagadora quando olhei para a minha adorada tia Queen.

Lonigan era um agente funerário por excelência, reconhecido por todos, mas ele realmente havia se superado ao capturar a expressão agradável

e quase alegre de tia Queen. Ela estava quase sorrindo. E seu cabelo grisalho penteado em ondas suaves em torno do rosto. O ruço na face era sutil e o batom coral estava perfeito. Ela ficaria muito feliz com tudo que tinham feito. É claro que Jasmine tinha ajudado. Mas Lonigan era o autor da obra-prima e a generosidade de tia Queen brilhava no trabalho dele.

O vestido salmão e as pérolas que Jasmine tinha escolhido eram adoráveis, e o rosário nas mãos de tia Queen era o terço de cristal da sua primeira comunhão, que viajava com ela pelo mundo inteiro.

Eu estava tão angustiado que não conseguia me mexer, nem falar. Em desespero desejei que Petronia tivesse ficado, e me peguei olhando para o grande camafeu retangular, com suas pequenas figuras mitológicas, Hebe, Zeus, o cálice erguido... e as lágrimas de sangue começaram a encher meus olhos. Sequei-as furiosamente com o lenço de linho.

Então saí rapidamente. Atravessei correndo os salões apinhados e fiquei sozinho no calor da noite, na esquina, olhando para as estrelas. Nada poderia atenuar a dor que eu sentia naquele momento. Eu sabia. Ia carregá-la comigo todas as minhas noites, até o que eu era agora se desintegrar, até Quinn Blackwood se transformar em alguém ou algo diferente do que era agora.

Meu tempo com privacidade durou apenas alguns segundos. Jasmine foi atrás de mim e disse que muitas pessoas queriam transmitir condolências e estavam constrangidas porque eu parecia muito perturbado.

— Não posso conversar com elas, Jasmine, você terá de fazer isso por mim — eu disse a ela. — Preciso ir agora. Sei que é duro e que eu pareço um covarde para você. Mas é o que eu tenho de fazer.

— É o Goblin? — ela perguntou.

— É o medo dele, sim — eu disse, mentindo só um pouco, mais para consolá-la do que para encobrir a minha vergonha. — Quando será a missa? E o enterro?

— A missa é às oito da noite, amanhã, na Santa Maria, e depois vamos para o cemitério Metairie.

Eu a beijei. Disse que nos veríamos na igreja e me preparei para partir.

Mas quando olhei para trás, para a multidão transbordando pela porta até a rua, vi uma outra figura que me espantou — a figura de Julien Mayfair, com seu belo temo cinza, o temo que tinha usado no dia em que me recebeu majestosamente com um chocolate quente. Ali parado como se estivesse apenas pegando um ar com todos os outros, Julien olhava casualmente para mim.

Ele parecia sólido como qualquer pessoa presente, só que tinha um colorido um pouco diferente do resto, como se tivesse sido pintado por outro artista, e todos os tons da roupa, da pele e do cabelo eram um pouco mais escuros. Ah, um fantasma tão fino e elegante, vindo sabe-se lá de onde, e quem disse que como Bebedor de Sangue eu não veria mais meus espíritos?

— Ah, sim. Ela era sua filha, é claro — eu disse apesar de estarmos bem longe um do outro, e Jasmine olhava para mim sem entender, ele fez que sim com a cabeça e deu um sorriso pequeno e muito triste.

— O que está dizendo, Patrãozinho maluco? — disse Jasmine. — Está arrasado como eu?

— Eu não sei, meu amor — respondi. — Eu apenas vejo coisas, como sempre vi. Parece que os vivos e os mortos apareceram para homenagear

ar tia Queen. Não espere que eu explique. Mas, pensando bem, tem tudo a ver, você não acha?

Enquanto eu olhava para ele, a expressão de Julien foi se transformando aos poucos, ficando mais atenta e forte, depois quase amarga. Senti os arrepios subindo pelo meu pescoço. Ele balançou a cabeça numa negação sutil mas firme. Eu senti as palavras vindas dele sem som, cobrindo a distância. *Nunca minha amada Mona.*

Prendi a respiração. Uma torrente de promessas que o deixariam tranqüilo surgiu de uma parte de mim capaz de se comunicar com ele sem palavras.

— Acorde, Patrãozinho — disse Jasmine. Senti seus lábios no rosto e seus dedos vigilantes me apertando.

Não conseguia desviar os olhos de Julien, mas o rosto dele estava ficando mais suave. Inexpressivo. Ele começou a desaparecer. E depois se dissolveu, na hora em que Rowan e Michael, com o dr. Winn Mayfair, saíram pela porta mais próxima. E quem estava com eles agora, senão Stirling Oliver, que sabia o que eu era, Stirling que eu quase matei na véspera, Stirling... olhando para mim como se me aceitasse, e isso era moral e completamente impossível, Stirling que eu tanto amava como amigo. Não suportei o escrutínio deles, de nenhum deles. Eu não podia conversar normalmente sobre Mona, como se minha alma não ansiasse por ela, como se não soubesse que nunca mais ia vê-la, mesmo que eles achassem que eu poderia, como se o fantasma de Julien não tivesse acabado de me ameaçar. Eu precisava sair depressa dali.

E saí.

Era uma noite para uma matança especial. Caminhei pesadamente pe-

las calçadas. Deixei as grandes árvores do Garden District para trás. Atravessei a avenida. Sabia para onde ia.

Queria um traficante de drogas, um criminoso desumano, um belo repasto, e sabia onde encontrar. Tinha passado pela porta dele em noites mais calmas. Conhecia seus hábitos. Eu o tinha poupado para um momento de vingança. Eu o poupei para aquela noite.

Era uma casa grande de dois andares na Rua Carondelet, decadente para o mundo mas rica por dentro, com todo o equipamento eletrônico e tapetes de parede a parede, um cômodo acolchoado de onde ele comandava execuções e negócios, e até liquidava as crianças que se recusavam a servi-lo, amarrando os cadarços dos tênis delas e jogando por cima da rede elétrica para que as outras soubessem que tinham sido assassinadas.

Eu não me importava com o que o mundo pensava. Ataquei-o e matei seus dois companheiros trôpegos e drogados com golpes rápidos na cabeça. Ele tentou pegar sua arma. Eu o segurei pelo pescoço e o parti ao meio como o cabo de uma flor. Na mesma hora senti a seiva doce do seu egoísmo monstruoso, planta venenosa no jardim do ódio, erguendo seu punho simbólico contra qualquer assassino, acreditando até a última gota de sangue que ele triunfaria, que de alguma forma a consciência não ia traí-lo, até que finalmente ele vomitou apenas sua alma criança, as primeiras orações, as imagens da mãe e do jardim-de-infância, do sol, e seu coração parou, e eu recuei, lambendo os lábios, empanzinado, com raiva, farto.

Peguei a arma dele, o revólver que ele tinha pego para atirar em mim, tirei uma almofada do sofá, apertei-a contra a cabeça dele e disparei duas vezes, depois fiz o mesmo com cada um dos seus companheiros. Isso daria ao médico-legista algo que ele seria capaz de entender. Limpei a arma e dei-

xei-a lá.

Num clarão súbito vi Goblin, com os olhos cheios de sangue, as mãos vermelhas de sangue, e então ele voou para cima de mim como se quisesse agarrar meu pescoço.

Queime, demônio, queime! Enviei o fogo para ele quando ele me cercou, quando tentava entrar em mim, e senti o calor me queimando, queimando o meu cabelo, minha roupa. *Você matou tia Queen, seu demônio, queime! Queime, mesmo que eu tenha de queimar com você.* Eu caí no chão, ou melhor, o chão subiu ao meu encontro, cheio de pó e sujeira, e fiquei estatelado no tapete fedorento com Goblin dentro de mim, seu coração pulsando junto ao meu, e então o desfalecimento — éramos crianças, éramos bebês, estávamos no berço e alguém cantava, e Pequena Ida dizia *Esse bebê não tem os cachinhos mais lindos?*, oh, tão doce estar com Pequena Ida, ouvir a voz dela novamente, tão doce, tão seguro. Tia

Queen deixou a porta de tela bater quando entrou. Ida, querida, ajude-me com esse fecho. Eu juro que vou acabar perdendo esse colar de pérolas! *Seu demônio, seu espírito assassino, não vou olhar para ela, não vou vê-la, não vou sentir, não vou saber.* E eu estava com Goblin e amava Goblin e nada mais importava, nem mesmo as minúsculas feridas em todo o meu corpo e o aperto no meu coração.

— Saia de mim, seu demônio! Eu juro que vou acabar com você. Vou levá-lo para o fogo comigo. Não pense que estou blefando!

Fiquei de quatro no chão.

Uma lufada de vento me envolveu e depois passou pela porta arrombada. Os vidros da janela se estilhaçaram.

Eu estava com tanto ódio que até sentia o gosto, e não era gosto de

sangue.

Ele se foi.

Eu estava no covil do rei da droga, cercado de corpos apodrecendo. Tinha de sair dali.

E tia Queen estava morta. Absolutamente morta. Jazia no cetim creme com colares de pérolas. Alguém lembrou de seus pequenos óculos com a corrente de prata de lei. E do seu perfume Chantilly. Apenas um pouco de perfume Chantilly.

Ela está morta.

E não há nada, absolutamente nada, que eu possa fazer.

NO FUNDO do meu coração tive um sonho louco, que Mona estaria na missa do funeral, mas isso não aconteceu, apesar de o padre Kevin Mayfair ser o celebrante, e apesar de todos os Mayfair que eu conhecia — Rowan, Michael e o dr. Winn — estarem presentes, como tinham estado no velório na véspera. Todos exibiam aquele brilho fantasmagórico que me perturbava muito. Stirling Oliver também estava lá com eles, e todos me cumprimentaram com acenos educados quando nossos olhos se encontraram.

A mesma multidão imensa estava lá, enchendo a nave central da Igreja da Assunção de Santa Maria como eu nunca tinha visto nas missas semanais. Na verdade havia mais gente presente porque os McQueen que não conseguiram estar em Nova Orleans a tempo para o velório tinham chegado de lugares distantes e de todos os cantos.

Fiquei gelado ao ver o caixão fechado sobre o esquife na ala principal, e como acabava de escurecer quando cheguei à igreja, eu não tinha podido ver tia Queen antes de fecharem a tampa para sempre.

Mas eu não tive de suportar esse sofrimento sozinho, porque Lestat e Merrick Mayfair apareceram ao meu lado quando eu passava pelos Mayfair para sentar no banco com Jasmine, Tommy e Nash.

Aquilo foi tão inesperado que por um segundo fiquei abalado e tive de ser sustentado por Lestat, que segurou meu braço com firmeza. Ele havia cortado o cabelo bem curto, usava óculos escuros discretos para neutralizar o efeito dos seus olhos iridescentes e um traje bem tradicional, paletó azul

tipo jaquetão e calça cáqui.

Merrick Mayfair, com um vestido branco de linho, usava um lenço branco envolvendo o rosto e o pescoço e óculos escuros bem grandes que quase escondiam o rosto. Mas eu tinha certeza de que era ela, e não me surpreendi quando Stirling Oliver, sentado no banco logo atrás de nós, falou com ela, sussurrando que estava feliz de vê-la e que esperava poder conversar com ela depois.

Ouvi claramente quando ela disse que tinha muitas coisas em mente mas que ia tentar fazer o que ele queria. Pareceu-me então que ela beijou Stirling nos dois lados do rosto, mas não sei ao certo porque ela estava de costas para mim. Só sei que para Stirling aquele foi um momento de inacreditável magnitude.

O padre Kevin Mayfair iniciou a missa de réquiem com dois coroinhas. Eu não ia à igreja desde a transformação e não estava preparado para o fato de o padre me fazer lembrar tanto de Mona com seu cabelo ruivo. Senti um aperto no peito só de olhar para ele quando nos cumprimentou e nós respondemos. Então percebi que o aperto era desejo por ele, como sempre senti.

Ele acreditava completamente nas palavras sagradas que dizia. Era um padre consagrado a Deus e a consciência disso permeava todo o seu ser. O Sangue revelou isso para mim. Mas mesmo como mortal nunca duvidei disso.

Foi um choque para mim, só que um choque agradável, ver que Lestat e Merrick se ajoelhavam ao meu lado, faziam o sinal-da-cruz e davam a impressão de estarem rezando baixinho, respondendo os cânticos litúrgicos da missa, como eu, como se o mundo louco em que eu tinha me perdido

pudesse formar uma trama conjuntiva e flexível própria.

Quando chegou a hora de ler uma passagem da Bíblia e falar de tia Queen, Nash fez um discurso muito solene e emocionado sobre a nobreza da eterna consideração que tia Queen tinha pelos outros, e Jasmine se adiantou muito trêmula e disse que tia Queen era a estrela guia da sua vida, e outros também falaram, pessoas que eu mal conhecia, todos dizendo coisas boas. E finalmente o silêncio.

Lembrei com muita nitidez que não tinha me pronunciado em nenhum funeral da minha vida, apesar do amor que sentia por Lynelle, por Pops e por Sweetheart, e me surpreendi levantando, indo até o microfone no púlpito logo atrás da proteção do altar. Parecia impensável fazer aquilo sendo o que eu era, mas eu estava fazendo e sabia que nada ia me impedir.

Ajustei minha voz ao microfone e disse que tia Queen tinha sido a pessoa mais sábia que eu conhecia e com essa verdadeira sabedoria ela praticava a caridade perfeita, e que estar na presença dela era estar na presença da bondade. Então recitei do Livro da Sabedoria a descrição do dom da sabedoria, que achava que tia Queen possuía:

A sabedoria é mais ativa do que todas as coisas ativas e alcança todos os lugares graças à sua pureza.

Ela é vapor do poder de Deus e a emanção pura da glória do Deus todo-poderoso, nada de profano a atinge.

Ela é o brilho da luz eterna e o espelho imaculado da majestade divina, a imagem da Sua bondade.

E sendo única, pode todas as coisas, e permanecendo fiel a si mesma, renova todas as coisas...

Interrompi a citação.

— Nenhuma linguagem especial é capaz de descrever tia Queen — eu disse. — E o fato de ela ter vivido entre nós até a idade de oitenta e cinco anos é uma dádiva para todos nós, uma dádiva preciosa, e o fato de ter sido levada tão subitamente pela morte deve ser considerado misericordioso se queremos permanecer sãos e pensar nela, e no que a decrepitude teria significado para ela. Ela se foi. Ela, que não teve filhos e que foi uma mãe para todos nós. O resto é silêncio.

E então, mal acreditando que eu tinha subido ao santuário da igreja para proferir essas palavras diante de uma multidão humana numa missa de réquiem, eu já ia voltando para o meu lugar quando subitamente Tommy se levantou e fez um gesto aflito para eu esperar.

Ele foi falar, tremendo violentamente, e passou o braço na minha cintura para se equilibrar, eu pus a mão no ombro dele, e ele disse ao microfone:

— Ela me deu o mundo. Viajei com ela. E todos os lugares que visitamos, de Calcutá a Assuã, do Rio de Janeiro a Londres, ela me deu esses lugares, com suas palavras, com o seu entusiasmo, com a sua paixão e... e mostrando e explicando o que eu podia fazer com a minha vida. Nunca vou esquecê-la. E apesar de esperar poder amar outras pessoas como ela me ensinou a amar, jamais amarei outra pessoa do modo que a amei.

Ele olhou para mim sinalizando que tinha terminado, segurou em mim quando descemos do púlpito e voltamos para o banco.

Eu estava muito orgulhoso dele pois ele distraiu minha mente dos meus pecados e, sentado ao lado de Lestat, segurei a mão de Tommy e Lestat segurou a minha outra mão.

Quando chegou a hora da comunhão muita gente levantou dos ban-

cos e formou filas, e é claro que Tommy e Jasmine iam comungar também. Obedecendo a um impulso eu me levantei e entrei na fila antes deles.

Para o meu espanto Merrick também, e Lestat também, talvez seguindo o meu exemplo, ou fazendo o que teriam feito de qualquer maneira.

Nós três recebemos o sacramento.

Eu segurei a hóstia na mão como me habituara a fazer, e pus na boca. Eu não sei como os outros fizeram, se pegaram com a mão ou se receberam diretamente na boca, só sei que fizeram. Senti a hóstia dissolver na língua como sempre — um pedaço tão minúsculo de alimento que não era repellido pelo meu corpo — e rezei para o Deus que entrava em mim para perdoar tudo que eu era. Orei para Cristo redimir-me do que eu era. Rezei para saber o que devia fazer, se havia alguma forma, honrada, decente ou moral, de viver.

Será que Cristo estava dentro de mim? Claro que sim. Por que um milagre cessaria só porque outro tinha se apossado de mim? Eu tinha cometido sacrilégio? Sim. Mas o que um assassino pode fazer? Eu queria Deus dentro de mim. E o meu ato de contrição, a minha renúncia a todos os pecados, naquele momento era puro. Ajoelhei de olhos fechados e tive os pensamentos mais estranhos.

Pensei no Deus onisciente se fazendo Homem e pareceu um gesto tão extraordinário! Era como se eu nunca tivesse ouvido a história antes! Parecia que o Deus onisciente tinha de fazer isso para compreender completamente a Sua Criação porque Ele havia criado algo que podia ofendê-Lo muito profundamente, como a humanidade tinha feito. Era muito complicado. Bizarro. Os anjos não O tinham ofendido tanto. Não. Mas os seres humanos sim. Minha cabeça estava tão cheia de idéias, e meu coração na-

quele momento com Cristo, e minha alma chorou suas lágrimas exangues, e me senti inocente naquele instante.

Acelerando os fatos: o cemitério.

A funerária havia providenciado pequenas velas para todos nós, cada uma com sua proteção redonda de papel para a cera não queimar nossas mãos. Padre Kevin terminou a cerimônia ao lado da sepultura com encanto e dignidade. Ele chorou por tia Queen. Muita gente chorava. Terry Sue continuou aos prantos. Empilharam flores em torno do caixão em seu ataúde. Fomos convidados a formar uma fila e a tocar a madeira pela última vez. Os portões do alto jazigo de granito estavam abertos. O caixão seria posto em uma das prateleiras depois que saíssemos.

Patsy começou a soluçar histericamente.

— Como você pôde nos fazer vir para cá à noite? — ela gritou para mim com os olhos molhados e lágrimas escorrendo. — Você, sempre você, Tarquin. Eu odeio este lugar, e você teve de nos trazer aqui à noite. Você, sempre você, Tarquin.

Senti pena dela por estar tão triste e porque todos a olhavam sem saber que ela estava gravemente doente e como era louca.

Grande Ramona tentou acalmá-la. Merrick Mayfair ficou ao meu lado olhando intensamente para ela. Senti que Lestat também a observava. Fiquei com vergonha por ela, mas o que isso importava para eles, a estranha cena que fazia? E por que tinha ido ao enterro?

Ela não tinha ido ao enterro dos próprios pais. Mas amava tia Queen. Todos a amavam.

Então Grande Ramona acompanhou-a até o carro. O nosso advogado, Grady Breen, tentou consolá-la e tranquilizá-la.

— Maldito Quinn! — ela berrou quando a forçaram a entrar na limusine. — Que você vá para o inferno!

Imaginei se Patsy tinha algum poder divinatório para lançar maldições tão perfeitas.

— Devemos nos encontrar esta noite — disse Merrick em voz baixa. — O seu amigo espírito é perigoso. Posso sentir sua presença. Ele não está ansioso para ser visto por mim ou por Lestat. Mas está aqui. Não temos tempo a perder.

— Vamos nos encontrar na casa? — perguntei.

— Sim, você vai com a sua família — disse Lestat. — Estaremos lá à sua espera.

— A sua mãe, ela também está indo para lá — disse Merrick. — Mas ela quer ir embora. Procure mantê-la na casa. Precisamos falar com ela. Diga que temos de conversar com ela. Use tudo que for preciso para que ela fique.

— Mas por quê? — eu quis saber.

— Quando nos reunirmos — disse Merrick — você vai compreender.

A limusine estava à minha espera. E Tommy, Patsy, Grande Ramona, Nash, Jasmine e Clem também.

Olhei uma vez para trás, para o caixão, vi o pessoal da funerária e os funcionários do cemitério enquanto preparavam a cripta — exatamente o que não queriam que nós víssemos — e então voltei para pegar duas rosas vermelhas do monte de flores. Foi quando olhei para cima e vi Goblin.

Ele estava à porta do mausoléu. Vestido como eu, de terno preto, o cabelo igual ao meu, cheio mas aparado, ele olhava para mim com olhos

cintilantes e ensandecidos, e em todo ele, apesar de bastante sólido, eu vi uma rede intrincada de sangue contagiando tudo que formava a ilusão. A imagem apareceu por um segundo, talvez dois, depois apagou como se fosse uma chama.

Eu estremeci. Senti o vento. O vazio.

Segurando as rosas eu entrei no carro e fomos para a Mansão Blackwood.

Patsy chorou o tempo todo.

— Eu não cheguei perto daquele jazigo todos esses anos — ela ficava dizendo. — Mas tivemos de vir justamente no meio da noite por causa do Quinn, do pequeno Quinn, sempre o pequeno Quinn!

— Você não precisava vir — disse Grande Ramona. — Agora chega, você vai passar mal.

— Oh, maldição, malditos todos vocês, o que vocês entendem por passar mal?

E continuou assim o longo caminho até em casa. Quando chegamos, minhas mãos angustiadas tinham amassado as duas rosas involuntariamente, restando apenas pétalas soltas.

PATSY ESTAVA instalada no quarto da frente, perto do meu, e assim que chegamos em casa, Cindy, nossa querida enfermeira, subiu para cuidar dela, certificar-se de que tinha tomado seus remédios e para dar-lhe algum calmante suave. Logo ela vestia uma camisola de flanela oficial da Mansão Blackwood e não tinha intenção nenhuma de ir a lugar algum, mas quando me viu passar pela porta a caminho do meu quarto, ela gritou que tinha passado mal porque eu arrastara todo mundo para o cemitério “à meia-noite”.

Ainda não era meia-noite.

Quanto ao Goblin, todos sabiam do perigo. Não precisei dizer para Jasmine nem para Clem que cuidassem de Jerome, e também não tive de dizer para Nash ficar vigiando Tommy. Todos sabiam o que Goblin tinha feito com tia Queen. Até Patsy acreditava nisso e Grande Ramona era agora sua companheira e guardiã.

Ninguém devia subir a escada sozinho. Ninguém devia reagir com pânico a vidros quebrados. Todos deviam ficar dentro de casa, em duplas ou trios, inclusive eu, que recebia meus “dois amigos” na minha sala de estar particular.

E eles estavam lá à minha espera como prometeram. Nos reunimos à mesa de centro, Merrick, Lestat e eu, e Merrick, uma mulher muito alta e magra, com a pele morena e cabelo preto bem espesso, que tinha tirado seu lenço branco e seus grandes óculos, começou a falar imediatamente.

— Essa criatura, esse fantasma que assombra você, ele tem um pa-

rentesco de sangue com você, e essa ligação é mais do que importante.

— Mas como pode ser? — eu disse. — Sempre achei que ele era um espírito. Eu já fui assombrado por fantasmas. Eles revelam quem são. Têm histórias, obedecem a padrões de comportamento.

— Mas ele também tem uma história e um padrão de comportamento, pode acreditar.

— E qual é? — perguntei.

— Você não tem idéia? — ela perguntou, olhando bem nos meus olhos como se eu talvez estivesse escondendo algo de mim mesmo.

— Nenhuma — respondi. Achava fácil conversar com ela. Sentia que ela podia compreender. — Ele sempre esteve comigo desde o início.

Pensei que eu o tinha criado praticamente. Que eu o atraí do nada e o desenvolvi à minha própria imagem. Ah, eu sei que ele é feito de alguma coisa. Éter. Partículas astrais, alguma forma de matéria. É alguma coisa, sim, algo que obedece às leis naturais. Mona Mayfair me explicou um dia que tais espíritos possuem um núcleo, uma espécie de coração, e um sistema circulatório, e eu sei que o meu sangue alimenta esse sistema agora, e que ele está ficando cada vez mais forte à medida que tira sangue de mim depois que me alimento. Mas nunca tive a menor idéia de que ele fosse o fantasma de alguém.

— Eu o vi no cemitério — ela disse. — Como você também viu.

— Você o viu diante da nossa cripta? Quando eu fui pegar as rosas?

— Eu o vi antes disso — ela disse. — Ele estava muito forte lá. Tarquin, ele é seu irmão gêmeo.

— Sim, eu sei, meu duplo perfeito.

— Não, Tarquin, quero dizer que ele é o fantasma do seu irmão gêmeo.

meo, seu irmão gêmeo idêntico.

— Isso é impossível, Merrick — eu disse. — Creia-me, eu agradeço a sua boa vontade de lidar com esse problema assim diretamente, mas existe um motivo muito simples para isso não ser possível. Na verdade existem dois motivos.

— E quais seriam? — ela perguntou.

— Bem, para começar, se eu tivesse tido um irmão gêmeo, eu saberia. Alguém teria me contado. Mas o que é muito mais importante é que Goblin escreve com a mão direita. E eu sempre fui canhoto.

— Tarquin, ele é um gêmeo espelhado. Nunca ouviu falar deles? Eles são exatamente o espelho um do outro. E existe uma antiga lenda que diz que toda pessoa canhota é sobrevivente desses gêmeos espelhados, um deles morto no útero, só que seu irmão não morreu assim. Tarquin, acho que precisamos conversar com Patsy. Acho que Patsy quer que você saiba. Ela está cansada de ficar em silêncio.

Eu estava chocado demais para dizer qualquer coisa.

Fiz um gesto pedindo paciência, levantei-me e pedi que viessem comigo.

Atravessamos o corredor. A porta do quarto de Patsy estava aberta. O quarto dela não tinha uma sala de estar como o meu, mas era espaçoso e lindo, com uma cama régia com babados azuis e brancos e um jogo de sofá de seda azul e cadeiras. Ela estava sentada no sofá com Cindy, nossa enfermeira, assistindo à televisão enquanto Grande Ramona bordava em seu aparador sentada em uma das cadeiras. O volume da televisão estava tão baixo que parecia não ter importância. Grande Ramona se levantou para sair quando nós entramos. Cindy também.

— Que invasão é essa? — perguntou Patsy. — Ei, Cindy, não vá embora sem me dar mais uma injeção. Estou enjoada. E você, Tarquin Blackwood, a metade do tempo você nem sabe se estou viva. Quando eu morrer você vai arrastar todo mundo para o cemitério Metairie à meia-noite?

— Eu não sei, Patsy — eu disse. — Talvez eu apenas estrangule você e a jogue no pântano. Sonho com isso às vezes, assassinar você e jogar seu corpo no pântano. Sonho que já fiz. Que você tinha gosto de algodão-doce e maçã caramelada e que afundou na água verde.

Ela deu uma risada e balançou a cabeça, olhando para mim e para meus dois amigos. Com a camisola branca comprida de flanela ela parecia especialmente magra, o que me deixou preocupado. E seu cabelo louro, sempre tão eriçado, tinha sido escovado e pendia em ondas, fazendo com que parecesse bem jovem. Seus olhos eram grandes e duros.

— Você é tão maluco. Tarquin Blackwood — ela escarneceu. — Devia ter afogado você quando nasceu. Você não sabe o quanto eu o odeio.

— Ora, Patsy, você não quis dizer isso — disse Cindy, a enfermeira. — Volto para dar mais uma injeção em você daqui a uma hora.

— Eu estou enjoada agora — disse Patsy.

— Você está é intoxicada agora, isso sim — disse Grande Ramona.

— Podemos conversar com você um minuto? — perguntou Lestat com um gesto gentil e ela indicou para ele sentar ao seu lado. Ele sentou e até pôs o braço no encosto do sofá atrás dela.

— Claro, fico feliz de conversar com amigos do Quinn — disse Patsy. — Sentem-se, todos vocês. Isso nunca aconteceu antes. Nash é tão fechado que me chama de srta. Blackwood quase o tempo todo. Jasmine

não suporta nem me ver. Acha que não sei que aquele bastardo negro dela é seu filho. Claro que sei. Todos na cidade sabem. E ela sai dizendo “Ele é meu filho”, como se ele tivesse nascido de uma virgem, dá para imaginar? Se o pai daquela criança foi qualquer outra pessoa, Quinn, ela estaria lá fora com o lixo, mas foi o pequeno Quinn que se enfiou na calcinha de Jasmine, por isso está tudo bem, segundo tia Queen, tudo bem, deixe o pequeno bastardo mandar na casa, é só...

— Ora, Patsy, pare com isso — eu disse. — Se alguém magoasse aquela criança você seria a primeira a defendê-la.

— Não estou querendo magoar o menino, Quinn, estou tentando magoar você, porque te odeio.

— Bem, vou lhe dar oportunidades muito boas para me machucar. Você só tem de conversar comigo e com os meus amigos.

— Ora, isso será um prazer.

Merrick tinha sentado na cadeira que Grande Ramona havia ocupado e o tempo todo ficara estudando Patsy. Com a voz baixa ela se apresentou com seu primeiro nome e apresentou Lestat também.

Sentei ao lado de Merrick.

Patsy fez que sim com a cabeça para essas apresentações e disse com um sorriso malvado e duro:

— Sou a mãe de Tarquin.

— Patsy, ele tinha um irmão gêmeo? — perguntou Merrick. — Um gêmeo que nasceu na mesma hora que ele ou minutos depois?

Patsy ficou no mais absoluto silêncio. Eu nunca tinha visto aquela sua expressão. Era de confusão, sim, uma combinação de estupefação e medo, e então ela chamou Cindy aos gritos.

— Cindy, preciso de você, Cindy, estou entrando em pânico! Cindy!

Ela se debatia de um lado para outro, até Lestat pôr a mão com firmeza no seu ombro. Ele disse o nome dela num sussurro. Ela olhou nos olhos dele e parou com a histeria como se tivesse se esvaído dela.

Cindy apareceu na porta com a seringa pronta na mão.

— Agora, Patsy, agüente firme — ela disse, adiantou-se e sentou à esquerda de Patsy, levantou a camisola e deu a injeção com o sedativo na nádega esquerda de Patsy, depois ficou lá esperando.

Patsy continuou olhando nos olhos de Lestat.

— Foi a coisa mais terrível, mais deplorável... — Patsy estremeceu.
— Vocês nem imaginam.

Sem tirar os olhos de Patsy, Lestat disse a Cindy que ela estava bem. Patsy olhou para o tapete oriental e parecia estar seguindo seus desenhos. Em seguida ela olhou para mim.

— Eu odiei você demais — ela disse. — Eu o odeio agora. Sempre odiei. Você o matou.

— Matei? Como...? — Fiquei pasmo.

— É. Foi você.

— O que está dizendo? — perguntei. — Como eu fiz isso?

Eu queria vasculhar a mente dela, mas nunca tinha usado esse poder com ela e uma repulsa inveterada e profunda me impedia de fazê-lo.

— Você era muito grande — ela disse. — Você era muito saudável, muito normal. Quatro quilos e oitocentos gramas. Até seus ossos eram grandes. E aquele outro, meu pequeno Garwain, apenas um quilo e meio, e disseram que ele tinha dado para você todo o sangue dele no meu útero, todo o sangue dele. Você era como um bebê vampiro, bebendo todo o san-

gue dele! Foi tão horrível, e ele era tão pequeno... Só um quilo e meio. Ah, ele era a criatura mais terrível e digna de pena que alguém já viu na vida.

Eu fiquei tão aturdido que nem conseguia falar.

As lágrimas escorriam pelo rosto dela. Cindy pegou um lenço de papel para secá-las.

— Eu queria muito segurá-lo, mas eles não deixaram — Patsy continuou. — Disseram que ele era o gêmeo doador, foi como o chamaram. O gêmeo doador. Ele deu tudo. E lá estava ele, pequeno demais para sobreviver. Puseram-no numa incubadora. Nem me deixavam encostar nele. Eu fiquei sentada lá naquele hospital dia e noite, dia e noite. E tia Queen sempre ligava para mim e dizia “Esse bebê em casa precisa de você!” Que coisa, dizer isso a mim! Como se aquele bebezinho minúsculo no hospital não precisasse de mim! Como se aquela pobre criaturinha no hospital não precisasse de mim! Ela queria que eu fosse para casa dar meu leite para um monstro de quase cinco quilos. Eu nem podia olhar para você! Não queria ficar na mesma casa com você! Foi por isso que me mudei para o barracão.

Ela secou as lágrimas com raiva. A voz dela era muito suave. Acho que os seres humanos não podiam ouvi-la. Não sei bem se Cindy, sentada ao lado dela, conseguia ouvir.

— Fiquei sentada dia e noite naquele hospital — ela continuou. — Implorava para me deixarem tocar naquele bebezinho minúsculo, e ele acabou morrendo naquela máquina, com todos aqueles tubos e fios, monitores e números piscando. Ele morreu! Aquele bebezinho, o pobre pequeno Garwain, meu pequeno cavaleiro, era assim que eu o chamava, Garwain, meu pequeno cavaleiro, e então me deixaram segurá-lo, depois de morto, aquele pobre bebezinho, eu o segurei nos braços.

Eu nunca tinha visto Patsy daquele jeito, nunca a vi derramar lágrimas como aquelas, nunca a vi tão deploravelmente triste.

— E mandamos fazer um caixão pequenininho para ele, um caixão branco, ele com sua camisolinha branca do batizado, aninhado lá dentro, o pobrezinho, e fomos para o cemitério Metairie, todos nós, e tia Queen, pelo amor de Deus, por que tinha de levá-lo para lá, e você não parava de berrar e chorar, e eu a odiei por levar você, e ela ficava dizendo que você sabia que seu irmão gêmeo tinha morrido, que você sentia, que eu devia segurá-lo, dá para imaginar? Que eu devia segurá-lo, e lá estava o meu pequeno Garwain naquele caixão branco minúsculo, e o puseram no túmulo e eu tinha mandado gravar na pedra Garwain, meu pequeno cavaleiro, e ele está lá agora, no lugarzinho dele.

As lágrimas escorreram pelo rosto dela. Ela balançou a cabeça.

— Não pense que tiraram ele de lá para pôr os caixões de Pops ou de Sweetheart, ou da tia Queen. Não, senhor, não tiraram não. — Ela balançou a cabeça com vigor. — Há oito lugares naquele mausoléu, e não tiraram ele de lá. Eu cuidei disso. E nunca, nunca mais voltei para aquela cripta desde o dia em que o enterramos até esta noite, e só porque tia Queen deixou com Grady Breen um cheque extra que eu receberia se assistisse ao seu deplorável funeral. E Grady Breen me avisou. Deu-me uma fotocópia do testamento ontem à noite, como eu disse a você, porque tia Queen disse que ele podia fazer isso.

“Foi um suborno, porque ela sabia o que eu sentia em relação àquele lugar, ela sabia, foi ela que me fez jurar que nunca diria uma palavra a você, que ninguém nunca contaria a você que você tinha sugado todo o sangue daquele bebê, aquele pequeno bebê doador de um quilo e meio. Como se

você é que tivesse de ser protegido. Pobre Quinn. Que Deus tenha piedade de você por ter feito aquilo, seu maldito filho-da-mãe. Você não sabe o que é o ódio, a não ser que saiba o quanto eu o odeio.”

Ela soluçou no lenço de papel. Cindy estava perturbada. Levantou e já ia sair, mas Patsy a puxou. Os dedos trêmulos de Patsy não largavam Cindy. Lestat pôs a mão no ombro esquerdo de Patsy e a segurou gentilmente.

— Garwain — disse Lestat. — E quando Goblin começou a aparecer, você alguma vez imaginou que poderia ser o fantasma de Garwain?

— Não — ela disse mal-humorada. — Se fosse o fantasma de Garwain, teria aparecido para *mim*, porque eu o amava! Jamais viria para Quinn! Quinn o matou! Quinn tirou todo o sangue de Garwain. Goblin era apenas Tarquin querendo um irmão gêmeo porque ele sabia que devia ter um e que o tinha matado, por isso inventou Goblin do nada e usou toda a sua loucura para fazer isso. Ele era louco desde o início.

— Ninguém pensou que podia ser o fantasma do pequeno? — perguntou Merrick gentilmente.

— Não — Patsy disse com a mesma voz irritada. — Garwain, meu Pequeno Cavaleiro, é isso que está escrito na lápide. — Ela olhou para mim. — E como você berrou naquele enterro! Você berrou, berrou e berrou! Depois fiquei um ano sem olhar para você. Não suportava. Só acabei olhando porque tia Queen me pagou para isso. Pops não me dava nem um centavo. Tia Queen me pagou o tempo todo enquanto você crescia. Foi um acordo que nós fizemos. Não contar para você sobre o irmão gêmeo, não fazer com que você se sentisse culpado pelo que aconteceu a ele, não contar que você matou o pequeno gêmeo, e ela cuidaria de mim, e foi o que ela fez.

Ela sacudiu os ombros. Levantou as sobrancelhas e então ficou com a expressão mais relaxada, mas as lágrimas continuaram a cair.

— Tia Queen me deu cinqüenta mil dólares — ela disse. — Não era o que eu queria, mas ela me deu isso para começar, e para segurar você, e eu segurei. Apenas uma vez. E ela fez Pops e Sweetheart e todos ficarem do lado dela. Eles só se preocupavam com você. Nunca digam a Quinn que ele tinha um irmão que morreu. Ela falava como se eu não tivesse perdido também! Nunca conte a Quinn que o pequeno Garwain existiu. Não deixe que ele saiba que tirou todo o sangue daquele bebezinho indefeso. Nunca conte essa história horrível para Quinn, que é a sua história. E agora você entra aqui e pergunta se tinha um irmão gêmeo. Você quer saber, e tia Queen está morta, e uma vez que Grady me avisou do dinheiro e do que havia no testamento dela, eu sei que não tem nada a ver com qualquer revelação para você. Então é isso. E acho que agora você sabe. Sabe por que eu odiei você todos esses anos. Acho que finalmente pode entender.

Eu fiquei de pé. No que me dizia respeito tínhamos descoberto o que queríamos saber. E eu estava chocado e cansado demais para dizer qualquer coisa a Patsy. Eu a odiava tanto quanto ela me odiava. Eu a detestava tanto que nem conseguia olhar para ela.

Acho que resmunguei um obrigado e fui saindo do quarto com meus dois amigos.

— Você não vai me dizer nada? — Patsy perguntou quando cheguei na porta.

Cindy parecia desesperada.

— O quê? — perguntei.

— Pode imaginar o que eu passei? — Patsy perguntou. — Eu tinha

dezesseis anos quando isso aconteceu.

— Ah — eu respondi. — Mas agora você não tem mais dezesseis anos, é isso que importa.

— E estou morrendo — disse Patsy. — E ninguém, em toda a minha vida, jamais me amou como as pessoas amam você.

— Sabe, isso é verdade, mas acontece que eu a odeio como você me odeia.

— Oh não, Quinn, não — disse Cindy.

— Afaste-se de mim — disse Patsy.

— Era o que eu ia fazer quando você me chamou — eu respondi.

ANTES DE PODER pensar sobre o que tinha ouvido eu precisava saber o que Grande Ramona e Jasmine tinham para dizer também, por isso desci e as encontrei na cozinha com Jerome, Tommy e Nash. Estavam sentados em volta da mesa de carvalho fazendo uma ceia de arroz e feijão vermelho, e é claro que me convidaram a cear com eles.

— Preciso saber de uma coisa — eu disse, sem aceitar a cadeira que me ofereciam. — Patsy acabou de me dizer que tive um irmão gêmeo que está enterrado no cemitério Metairie. Isso é verdade?

Tive a minha resposta imediatamente. Pude ver no rosto delas e li suas mentes. Então Grande Ramona falou.

— Patsy não tinha nada de contar isso para você agora. Ela não devia ter feito isso. — Ela começou a se levantar.

Sinalizei para ela continuar sentada.

— E Goblin — eu continuei. — Vocês nunca pensaram que Goblin podia ser o fantasma daquele irmãozinho gêmeo, Garwain?

— Bem, sim, nós pensamos — disse Grande Ramona. — Mas de que serviria contar isso a uma criança pequena e depois para um rapaz que estava na Europa se divertindo, já que Goblin tinha desaparecido, não estava mais criando problemas. E por fim o que adiantaria contar ao homem feito que volta para um lar tranqüilo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu compreendo — eu disse. — E era um gêmeo menor? Bem pequenininho?

— Ela não tinha nada de ficar preocupando você com isso — disse Jasmine aborrecida. — Tudo é desculpa para essa menina. Desculpa ou mentira. O único motivo para ela continuar falando daquele gêmeo minúsculo era querer que todo mundo sentisse pena dela.

Nash levantou-se para tirar Tommy dali, mas fez um gesto para eles continuarem a cear. Percebi que Tommy estava curioso, mas não vi mal nenhum nisso. Para que guardar esse segredo mais um segundo que fosse? Nash parecia preocupado, como tantas vezes ficava.

— E ninguém sentiu pena de Patsy? — perguntei.

Todos ficaram em silêncio. Então Grande Ramona disse:

— Essa Patsy, ela é uma mentirosa. É claro que ela chorou por aquele pequeno gêmeo. Ela sabia que ele ia morrer. É fácil sentir pena de uma coisa que não tem nem uma chance, algo que não viverá uma semana. É muito mais difícil ser uma verdadeira mãe. E tia Queen ficou com pena dela e deu dinheiro para ela montar sua banda. E depois ela não ficou aqui para...

— Eu entendi — eu disse. — Só queria saber.

— Tia Queen nunca quis que você soubesse — disse Grande Ramona suavemente. — Como eu disse, não havia necessidade de ninguém contar para você. Pops e Sweetheart também não queriam que você soubesse. Pops sempre disse que era melhor esquecer. Que era mórbido e ele usou outra palavra também. Qual era aquela outra palavra?

— Grotesco — disse Jasmine. — Ele disse que era mórbido e grotesco e que não ia contar nada para você.

— Ele simplesmente não encontrou um bom momento para contar a você — disse Grande Ramona.

— Claro que nós achamos que Goblin era o fantasma daquele irmão

gêmeo — disse Jasmine — pelo menos parte do tempo, mas nem sempre. E acho que a maior parte do tempo pensávamos que isso não tinha importância.

Grande Ramona se levantou para mexer a panela de feijão no fogão. Pôs uma porção no prato de Tommy. Meu filho, Jerome, estava com torta de pêsego no rosto todo e no prato.

— Agora, se quando você voltou da Europa — continuou Grande Ramona — Goblin tivesse começado a criar problemas de novo, talvez fosse hora de contar a você sobre aquele pequeno irmão gêmeo, você sabe, como uma espécie de exorcismo. Mas você nunca mais mencionou Goblin.

— E então ele surgiu do nada — disse Jasmine com um nó na garganta — e fez tia Queen cair. — Ela começou a chorar.

— Ora, não comece com isso — disse Grande Ramona.

— Foi culpa minha o que aconteceu — eu disse. — Eu que o atraí e que dei força para ele. O fato de ser fantasma ou espírito não faz muita diferença.

— Então não foi culpa sua também — disse Grande Ramona. — E agora temos de nos livrar dele.

Senti uma brisa leve no ar. As pás do ventilador de teto começaram a girar apesar de o ventilador estar desligado. Jasmine e Grande Ramona sentiram também.

— Fiquem juntos — eu disse — e não olhem para ele, nem para nenhum de seus truques. Agora preciso ir e falar com meus amigos. Tenho de conversar com eles sobre como vamos nos livrar dele.

Um prato voou da prateleira da copa e se espatifou no chão. Jasmine levantou-se trêmula para pegar a vassoura. Grande Ramona fez o sinal-da-

cruz. E eu também.

Nash abraçou Tommy. Tommy parecia vibrar. O pequeno Jerome comia sua torta de pêssago como se nada estivesse acontecendo.

Dei meia-volta e saí da cozinha.

Ele estava fazendo soar sua música triste nos candelabros.

Grande Ramona passou correndo por mim e subiu a escada murmurando que tinha de ficar com Patsy e Cindy. Ouvi o choro histérico de Patsy.

Fiquei do lado de fora da porta do quarto dela ouvindo bastante tempo, sem conseguir entender o que dizia, imaginando qual droga Cindy havia injetado nela para continuar assim sofrendo tanto, e percebi que estava todo arrepiado. Claro que sempre soube que ela me odiava, mas ela nunca tinha dito isso com tanta clareza, de forma tão convincente. E agora eu tinha o ódio que sentia de mim mesmo para acrescentar à mistura, e naquele momento era quase intolerável.

Fui para o meu quarto e fechei a porta.

Lestat e Merrick estavam sentados à mesa, duas criaturas elegantes e fortes, de frente uma para a outra. Sentei na cadeira de costas para a porta. O computador ligou na mesma hora. As janelas batiam. As cortinas pesadas de veludo balançavam violentamente. A borda do baldaquim sobre a cama ondulou com a brisa.

Merrick ficou de pé. olhou em volta, seu cabelo escuro uma massa espessa caindo nas costas. Lestat observava intensamente.

— Apareça, espírito — ela disse em voz baixa. — Venha, apareça para quem pode vê-lo. — Seus olhos verdes examinaram o quarto. Ela virou e olhou para o lustre no teto. — Eu sei que você está aqui, Goblin, e sei o seu

nome, seu verdadeiro nome, o nome que sua mãe lhe deu.

No mesmo instante os vidros das janelas próximas de nós se quebraram. Os cacos bateram na cortina de renda e caíram, se estilhaçando ruidosamente no chão. A brisa quente da noite entrou no quarto.

— Que truque covarde e bobo — disse Merrick em voz baixa, como se sussurrasse no ouvido dele. — Eu poderia fazer isso também. Não quer que eu diga seu verdadeiro nome? Tem medo de escutar seu nome?

As teclas do computador bateram como loucas. Eu vi letras sem sentido atravessando a tela. Cheguei mais perto.

MANDEMERRICKELESTATEMBORAAGORASENÃOCORTO
TODAMAN-SÃOBLACKWOODCOMVIDROEUTEODEIOQUINN

De repente uma imensa nuvem amorfa se espalhou logo abaixo do teto, uma esvoaçante e horrenda forma humana feita só de filamentos de sangue, com uma cara enorme gritando sem produzir som, a forma inteira subitamente contraindo e esperneando e cercando Merrick, chicoteando-a com seus tentáculos, derrubando-a de costas no tapete.

Ela ergueu os braços e gritou para nós:

— Deixem! — e então disse a Goblin: — Sim, venha para os meus braços, deixe-me conhecê-lo, venha para dentro de mim, fique comigo, sim, beba meu sangue, conheça-me, sim, eu o conheço, sim...

Os olhos dela rolaram nas órbitas e então ela ficou imóvel como se estivesse inconsciente.

Finalmente quando cheguei a um ponto que não podia mais suportar, ele surgiu, um vento cheio de sangue subindo, se agitando violentamente mais uma vez perto do teto e depois saindo pela janela quebrada, e mais cacos minúsculos de vidro voando na cortina de renda, que ele deixou man-

chada com gotas de sangue, como deixou os braços, as mãos, o rosto e as pernas de Merrick cobertos de sangue também.

Lestat ajudou-a a levantar-se. Ele lhe deu um beijo na boca e alisou seu cabelo comprido. Ajudou-a a sentar-se.

— Eu quis queimá-lo! — ele disse. — Nossa, eu estava louco para fazer isso.

— Eu também — eu disse, ajeitando a saia branca de Merrick. Tirei meu lenço do bolso e comecei a limpar o sangue dos arranhões que Goblin tinha deixado em todo seu corpo.

— Não, era cedo demais para o Fogo — ela disse. — E esse nosso encontro tinha de acontecer. Eu precisava ter certeza de tudo.

— E ele é o fantasma do meu irmão gêmeo? É verdade? — perguntei.

— Sim, é verdade — ela disse calmamente, fez sinal para eu parar de limpá-la com meu lenço, segurou minha mão e beijou-a gentilmente. — Ele é o fantasma do bebê enterrado no cemitério Metairie, e é por isso que sempre fica mais forte aqui. Por isso você não pôde levá-lo para a Europa, como Lestat me contou. Por isso ele ficava transparente e fraco quando você ia para Nova York. Por isso ele ficava ainda mais forte quando você ia para Nova Orleans. Por isso ele apareceu fortíssimo perto do mausoléu esta noite. Os restos mortais dele estão lá dentro.

— Mas ele não entende isso muito bem, não é? — eu perguntei. — Ele não sabe de onde veio e nem qual é o seu nome verdadeiro, não é?

— É, ele não sabe — disse Merrick.

Eu via os pequenos arranhões desaparecendo e Merrick voltando a ser a mulher atraente de antes. O longo cabelo castanho ondulado estava

lindamente despenteado, os olhos verdes ainda vermelhos de sangue e ela dava a impressão de ainda estar abalada.

— Mas podemos fazer com que ele saiba — ela continuou. — Esta é a nossa arma mais poderosa. Porque um fantasma, ao contrário de um espírito puro, está ligado aos seus restos mortais, e esse fantasma está muito ligado. Tem ligação com você pelo sangue e é por isso que ele acha que sempre teve direito ao que você tem.

— É claro, mas é claro! — Só agora eu entendia tudo. — Ele pensa que tem direito. Estivemos juntos no útero. — Senti uma pontada de dor no coração.

— É, e procure imaginar como deve ter sido a morte para esse espírito. Para começar, ele era gêmeo, e sabemos que gêmeos sentem terrivelmente a perda do outro. Patsy diz que você chorou no enterro dele. Que tia Queen implorou para ela consolar você. Tia Queen sabia que você sentia a morte de Garwain. Bem, Garwain tinha sentido essa separação de você na incubadora também, e na morte seu espírito certamente ficou confuso e não foi para a Luz como devia ter ido.

— Entendo — eu disse. — E agora, pela primeira vez em todos esses meses, eu sinto pena dele de novo. Sinto... piedade.

— Sinta piedade de si mesmo — disse Merrick com simpatia. Ela era muito elegante. Na verdade ela lembrava muito Stirling Oliver. — Mas quando você foi levado ao funeral dele — ela continuou —, quando o carregaram para lá no dia do enterro dele, seu pobre espírito sofredor, perdido, encontrou você, o gêmeo vivo, Tarquin, e se transformou no seu duplo. Virou companheiro e amante, um verdadeiro irmão gêmeo que achava que tinha direito ao seu patrimônio.

— É, e começamos nossa longa jornada juntos — eu disse. — Gêmeos idênticos, verdadeiros irmãos.

Fiz um esforço enorme para lembrar que um dia tinha amado Goblin. Imaginei se ela podia ver a minha alma e sentir a animosidade que eu agora sentia por ele, a escravidão que tinha sido tão maléfica para mim naquele longo ano desde que Petronia tinha me vampirizado com tanta brutalidade. E a perda de tia Queen — a indizível perda de tia Queen.

— E agora que você recebeu o Sangue das Trevas — disse Lestat com voz irritada — ele quer o que considera a parte dele.

— Mas não é só isso que está acontecendo — disse Merrick, continuando com aquele seu jeito moderado, olhando intensamente para mim. — Quero que você descreva para mim, por favor, o que acontece quando ele o ataca.

Pensei um pouco e depois falei e meus olhos foram de Merrick para Lestat e de volta para Merrick.

— É como uma fusão, uma fusão que nunca senti quando era vivo. Ah, ele às vezes entrava em mim. Mona Mayfair me dizia que ele estava em mim. Ela disse que quando fazíamos amor ele estava em mim e que ela sabia que ele estava lá. Podia sentir. Mona se considera uma bruxa pelo modo como sente os espíritos.

— Você ama Mona Mayfair? — Merrick perguntou gentilmente.

— Muito — eu consegui responder. — Mas nunca mais a verei. Ela saberia o que eu sou na mesma hora em que olhasse para mim. Eu evitei Rowan Mayfair desesperadamente no velório e na missa. O marido dela, Michael, também. Os dois são o que a Talamasca chama de bruxos. E o fantasma de Julien Mayfair também estava no velório. Tia Queen era filha dele.

Eu descendo dele.

— Você tem sangue Mayfair? — Merrick perguntou. — E viu Julien?

— Minha querida, eu tomei chocolate quente com *oncle* Julien na época em que ainda podia beber isso — eu disse. — Ele serviu biscoitos em forma de bichinhos num prato de porcelana, e tudo desapareceu mais tarde, junto com ele.

Contei rapidamente a história toda a ela, inclusive o caso da máscara e da capa, e vi seus lábios formarem um lindo e generoso sorriso.

— Ah, nosso *oncle* Julien — ela disse, com um suspiro encantador. — As camas que ele deixava desarrumadas e quentes, que homem ele era. É espantoso existir alguém na cidade de Nova Orleans que não possua alguma herança genética dele! — Ela sorriu para mim. — Ele apareceu para a minha Grande Nananne num sonho quando eu tinha onze anos e disse para ela me mandar para a Talamasca. Eles eram a minha salvação.

— Meu Deus do céu — eu exclamei. — Você não sabe o que eu quase fiz com Stirling Oliver.

— Esqueça isso! — disse Lestat. — Falo sério! Isso já acabou. — Ele ergueu a mão e fez o sinal-da-cruz. — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu o absolvo de todos os pecados. Stirling Oliver está vivo! Agora este assunto está encerrado, já que sou o Mestre nessa Assembléia de Bruxos aqui.

Merrick deu uma risada suave e doce. Sua pele morena deixava seus olhos verdes ainda mais brilhantes.

— Então você é o Mestre da Assembléia de Bruxos, não é? — ela disse, olhando maliciosamente para Lestat. — Você vira mestre automaticamente em qualquer lugar que esteja.

Lestat deu de ombros.

— Mas é claro — ele disse, como se falasse sério mesmo.

— Nós podíamos discutir isso, meu magnífico amigo, mas precisamos desse tempo enquanto Goblin está exaurido. E temos de tratar desse assunto. Então Goblin é seu irmão gêmeo, Tarquin, e você estava me dizendo o que acontece quando vocês estão juntos. Descreva a fusão.

— É definitivamente elétrica — eu disse. — É como se as partículas dele, supondo que seja feito de partículas...

— Ele é — ela disse.

— ... se misturassem com as minhas e perco completamente o equilíbrio. Fico perdido também em lembranças, que ele engendra ou fica à mercê delas, não sei bem, mas nós viajamos para momentos no berço ou no cercado juntos, e só sinto amor por ele, como devia sentir quando bebê ou criança pequena. É um prazer risonho que eu sinto. E muitas vezes sem palavras, apenas as expressões de amor, que são rudimentares.

— Quanto tempo isso dura?

— Um instante, segundos — Lestat respondeu por mim.

— É, e cada vez é mais forte do que a anterior — eu acrescentei. — A última vez, ele veio a noite passada, senti também um aperto no coração e ferimentos como cortes minúsculos, muito piores do que antes, e ele saiu pela janela, quebrando todos os vidros como fez esta noite. Ele nunca foi tão destrutivo antes.

— Ele agora tem de ser destrutivo — ela disse. — Tolamente ele aumentou a materialidade do seu ser. Antes ele era quase inteiramente energia, mas agora tem matéria considerável também e não pode passar por paredes sólidas como fazia antes. Ao contrário, ele precisa de uma porta ou de

uma janela.

— Isso mesmo — eu disse. — Sou testemunha disso. Tenho sentido o deslocamento do ar, sinto quando ele sai.

Ela concordou balançando a cabeça.

— É uma vantagem para você ele estar sujeito à gravidade, mas isso sempre acontece com fantasmas. No caso dele é mais forte porque ele desenvolveu um apetite por sangue e por isso se sobrecarregou. Pode me dizer mais alguma coisa sobre essa fusão?

Hesitei um pouco, depois confessei.

— É muito prazeroso. É como... como um orgasmo. É igual... igual ao contato que temos com nossas vítimas. É como a nossa fusão com elas, só que bem mais fraca.

— Mais fraca? — ela perguntou. — Você por acaso perde o equilíbrio quando ataca suas vítimas?

— Não — eu respondi. — Entendo o que quer dizer. Mas o prazer não é tão grande com Goblin. Eu admitiria se fosse. O que eu sinto é confusão, misturada com um pequeno prazer.

— Muito bem. Mais alguma coisa que queira me dizer? Pensei por um longo tempo.

— Eu fico triste, terrivelmente triste porque ele é meu irmão e morreu, nunca teve uma vida, a não ser a vida que eu lhe dei. E agora aconteceu isso e ele não pode continuar existindo. E eu acho... eu sei... que devia morrer com ele.

Ela ficou me analisando alguns minutos, Lestat também, então ele falou, com o sotaque francês bem pronunciado, olhando para mim.

— Isso não é necessário, Quinn, e além do mais, mesmo que você

tentasse levá-lo com você para a morte, não teria garantia nenhuma de que ele o acompanharia.

— Exatamente — disse Merrick. — Ele pode muito bem deixar você ir e continuar aqui para perseguir outra pessoa qualquer. Afinal de contas, ele escolheu ficar com você porque você é irmão dele. Mas ele poderia mudar para outra pessoa. Como você contou para Lestat, ele é muito astuto e aprende muito rápido.

— Não quero que você morra, Irmãozinho — disse Lestat. Merrick sorriu.

— O Mestre da Assembléia de Bruxos não deixará você morrer, Irmãozinho — ela disse.

— Então o que vamos fazer? — perguntei, dando um suspiro. — Qual será o destino do Irmãozinho do Irmãozinho?

— Já vou explicar isso — ela disse. — Mas primeiro quero explicar o que está acontecendo agora, quando você se funde com ele. Ele não se une apenas a você, mas ao espírito do vampiro que há em você. Agora, você conhece as histórias antigas, que todos nós descendemos de uma matriz em quem um espírito puro se fundiu com um mortal, e que todos nós até hoje somos parte daquele espírito puro, temos nos nossos corpos sobrenaturais o espírito imortal que nos anima e nos dá essa sede de sangue, e essa nossa capacidade de viver desse sangue.

— Eu sei.

— Bem, seu irmão demônio, sendo um fantasma, é muito parecido com um espírito, e quando se funde com você agora, ele se funde com esse espírito dentro de você, e ele sente um prazer muito maior do que sentia quando você era mortal.

— Ah, entendo — eu disse. — Claro.

— Ele não entende isso. Só sabe que é como uma droga deliciosa para ele, e bebe o sangue vampírico para sentir o sobrenatural da forma mais completa e duradoura que puder, e só quando a resistência dele acaba é que ele solta você e desaparece na invisibilidade. Ele fica fraco de novo, embala-do e sonhando com o sangue que tirou de você.

— Para onde ele vai? Ela balançou a cabeça.

— Eu não sei. Ele se espalha, perde sua forma e sua organização. Compare-o a uma grande criatura marinha composta em sua maior parte de água do mar, só que no caso dele é ar, e ele aproveita o sangue da melhor forma possível até sua energia se esgotar. Ele precisa ficar esperando outra oportunidade e tudo isso leva tempo para ele, assim como as aparições e a comunicação sempre levaram tempo, o que acontece com todos os espíritos.

Ela parou de falar e me observou atentamente, como se quisesse ter certeza de que eu estava entendendo. Depois continuou.

— Quanto mais você compreendê-lo, melhor será para nós quando eu tentar mandá-lo para fora do domínio terreno, porque acho que não posso fazer isso sem sua total cooperação.

— Você tem a minha cooperação — eu disse. — Quanto à compreensão, estou tentando.

— Está pronto para deixá-lo ir? — ela perguntou.

— Deixá-lo ir? Merrick, ele matou tia Queen. Eu o odeio e desprezo! Eu o odeio! Eu me odeio por tê-lo alimentado e criado! Ele traiu o útero que compartilhamos!

Ela fez que sim com a cabeça. Meus olhos ficaram marejados de lá-

grimas, tirei meu lenço, mas pensei em deixá-las escorrer. Eu estava com as duas pessoas no mundo que não ficariam chocadas quando as vissem.

— E como vamos nos livrar dele? — perguntei. — Como vamos tirá-lo do domínio terreno?

— Vou explicar — disse Merrick. — Mas primeiro preciso fazer uma pergunta. Quando chegamos aqui esta noite, vi um cemitério muito antigo lá embaixo, perto do pântano. Lestat disse que é seu. Ele disse que você viu espíritos lá.

— Sim. Espíritos mudos, que não oferecem nada. — Eu sequei os olhos, estava me sentindo mais calmo.

— Mas há duas ou três lápides em pé lá, talvez com um metro de altura.

— Tem uma mais ou menos dessa altura. As letras estão todas gastas.

— É larga? Comprida?

— As duas coisas. É um retângulo.

— Isso é bom. Quero que você junte lenha e carvão para fazer uma grande fogueira naquele túmulo. Precisa de bastante combustível. O fogo tem de queimar em temperatura muito elevada e por bastante tempo. Depois, em todo o resto do cemitério, quero que ponha velas. Velas em todas as covas. Você sabe o tipo de vela a que me refiro, velas grossas, de igreja. — Eu concordei, balançando a cabeça. — Eu acenderei as velas e o fogo. Apenas prepare tudo para mim. Pode pedir ao seu pessoal para fazê-lo se quiser, não importa quem faz.

— Mas certamente não vai querer que eles fiquem por perto — disse Lestat.

— É, não quero. Eles precisam sair da Fazenda Blackwood. Todos.

— O que eu digo para eles? — eu perguntei.

— Diga a verdade — disse Merrick. — Diga que vamos fazer um exorcismo para nos livrar de Goblin. Que o ritual é perigoso. Goblin está furioso e pode querer machucar alguém.

— Claro — eu disse. — Mas tem um problema. Patsy. Patsy é a única que pode não querer ir.

— Foi a própria Patsy que lhe deu a chave do caráter dela — disse Lestat. — Tome. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou um clipe de ouro recheado de notas de mil dólares. — Dê isso a ela. Mande-a para um bom hotel em Nova Orleans com a enfermeira.

— É claro — eu disse outra vez.

— Grande Ramona vai convencê-la a ir — disse Merrick. — Você verifique pessoalmente a saída de todos. Mandá-los para o Hotel Windsor Court ou para o Ritz-Carlton é uma boa idéia. Desculpe por não ter pensado nisso antes.

— Eu cuido disso — eu disse. — Mas, diga-me, o exorcismo propriamente dito, como você vai fazer?

— Do jeito que eu sei — ela disse. — Meus amigos carinhosos, a Tropa de Amados, não me chamam de bruxa por acaso.

SEDENTO e sozinho. Eu estava sob o carvalho ao lado do cemitério. Olhei para o túmulo que seria o nosso altar na próxima noite.

Clem sabia exatamente onde arranjar a lenha, um velho carvalho morto no limite do pasto. Amanhã ele o cortaria com a serra elétrica e o carvão ele compraria em Mapleville. Eu não precisava me preocupar com nada.

Naquele momento ele estava longe com os outros. Tinham ficado contentes de partir. Estavam bastante animados quando fizeram as malas, rindo e conversando, correndo com a bagagem para a limusine e gritando no meio da noite.

Tommy tinha implorado desesperadamente para assistir ao exorcismo. Nash finalmente conseguiu levá-lo para o carro.

Só Patsy se recusara a ir. Só Patsy me xingou e disse que não queria compactuar com meus planos egocêntricos para me livrar de Goblin, só Patsy ficou para trás. Finalmente mandei Cindy, a enfermeira, partir também.

— Eu cuido dela — eu disse.

E tinha chegado a hora. Tudo ficou muito quieto com a porta do quarto dela fechada.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou. — Seu moleque mimado.

Ela parecia uma menina com sua camisola de flanela creme, seu cabelo louro oxigenado emoldurando o rosto com cachos.

— Saia daqui. Não quero você aqui. Vá embora. Não vou sair desta casa de jeito nenhum, seu filho-da-mãe.

E da mente dela brotou um rio da mais pura animosidade e inveja, o ódio puro que ela expressava com tanta intensidade.

— Eu disse que não quero seu dinheiro! Eu te odeio.

E, então, atrás dela surgiu a figura transparente de Rebeca, meu antigo fantasma. Fantasma execrável, fantasma vingativo. Por que ela estaria lá? Rebeca, com sua blusa de renda e saia rodada de tafetá, sorrindo. Afastese de mim, fantasma vingativo. Como ousava aparecer lá? *Uma vida pela minha vida*. Não vou dar ouvidos a você!

Segurei Patsy e quebrei seu pescoço antes que ela pudesse sentir medo. Matei a minha mãe, minha própria mãe. Grandes olhos vazios. Batom. Patsy morta.

Não bebi nem uma gota do seu sangue.

Alguém me viu carregá-la pela porta como uma noiva? Ninguém, a não ser Rebeca, vingativa, terrível Rebeca pairando perto do cemitério, Rebeca, apenas névoa, sorrindo, exultante, com seu belo vestido. *Uma morte pela minha morte*.

E ninguém mais me viu deitar Patsy na barça. Ninguém me viu indo com seu corpo imóvel para as águas mais profundas do pântano. E lá ela afundou, afundou na água verde viscosa. Patsy Algodão-Doce não existe mais. Barbie não existe mais. Minha mãe não existe mais.

Ninguém, a não ser eu, sentiu o tremular de Rebeca. Ninguém, a não ser eu, ouviu a voz de Rebeca.

— Agora sim, uma boa e verdadeira vingança: a vida de Patsy pela minha vida. — Risos.

— Vade retro, Satanás — eu disse. — Não fiz isso por vós, mas por mim. E assim Rebeca não existia mais, como Patsy não existia mais.

Foi tão espantoso, o fantasma desapareceu, Patsy desapareceu, e o pântano denso e mortal tão vazio. Minha mãe se foi.

Os jacarés se movimentaram na água. Devorem a Mãe.

Eu voltei sozinho para o cemitério vazio.

As horas passaram.

E o sangue de minha mãe estava nas minhas mãos apesar de não haver sangue. Eu mentiria quando tivesse de contar que ela partiu, como tinha mentido sobre tantas coisas. Quinn, o assassino da própria mãe. O assassino do útero que o gerou. Quinn, o assassino de tantos. Quinn, o assassino da noiva. Quinn, que carregara a mãe pelo limiar. Quinn, que jogara Patsy nas águas do pântano.

Eu estava sozinho agora na Fazenda Blackwood.

E isso nunca tinha acontecido, jamais, ficar sozinho na minha propriedade. Fiquei sob o carvalho olhando para o túmulo no qual seria arrumado o altar, imaginando se Goblin, a maligna criatura na qual meu irmãozinho tinha se transformado, assassino de tia Queen, poderia realmente ser forçado a ir para a Luz.

Fechei os olhos. Que sede terrível. Mas estava quase amanhecendo. Eu não podia caçar. Não tinha energia para isso. E na noite seguinte, como poderia fazê-lo? Mas tinha de fazer antes de começar. Que tolice a minha não ter sublimado minha dor e meu ódio assassino e partido para caçar mais cedo.

Por que ficara lá parado perto do cemitério? Do que eu estava tentando me lembrar? Onde estavam os espíritos mudos que no passado me

observavam naqueles anos de inocência? Por que não apareciam aquela manhã quando o céu ficava púrpura e rosa para dizer que o meu lugar era com os mortos?

Talvez o sol não fosse tão doloroso quanto o fogo. Mas como podia fazer a minha parte na destruição de Goblin se simplesmente me entregasse à manhã? Eu precisava ter coragem. Precisava de força.

Eu tenho o que você precisa. Venha para os meus braços.

Virei para trás. Era Lestat. Obedeci à ordem dele. Senti seus braços me apertando quando me segurou. Senti a sua mão em minha nuca.

Beije-me, jovem. Beba o que você precisa. É meu e o ofereço a você.

Pressionei meus dentes na sua pele. Senti a superfície ceder e o sangue fervente encher a minha boca e escorrer pela minha garganta. Senti o sangue potente e divino. Por um longo tempo o puro poder físico do sangue superou todas as imagens, mas então surgiu um dilúvio de quadros, vívidos, passando rápido, brilhantes como néon, um carrossel ruidoso de vida, o passar dos séculos, uma panóplia sem fim de sensações magníficas e, finalmente, uma selva de miríades de cores e flores e o centro suave e pulsante do coração dele, seu coração puro, o coração todo para mim, o seu coração, e eu não poderia querer mais, nada mais, nunca mais.

NOITE DE VERÃO. O sol só se punha às seis e meia. A paz cobria a Fazenda Blackwood.

Clem tinha feito uma pilha bem alta de gravetos em cima do túmulo e posto camadas de lenha e de carvão por cima. E havia velas por toda parte.

Merrick estava lá, com um lindo vestido preto de algodão com saia rodada e mangas compridas, e contas de azeviche no pescoço. Usava o cabelo solto. Carregava uma bolsa bem grande estampada com contas cintilantes e duas alças, que deixou com cuidado ao lado de um dos túmulos. Ela fez o sinal-da-cruz e pôs a mão respeitosamente naquele túmulo, que seria o altar.

Acendeu a primeira vela com um isqueiro. Depois tirou outra bem comprida da bolsa, acendeu e foi acendendo as outras, uma por uma. Lentamente o pequeno cemitério foi se enchendo de luz.

Lestat ficou ao meu lado com a mão nas minhas costas. Eu tremia como se sentisse frio.

Finalmente o cemitério inteiro ficou iluminado, e como Clem tinha posto diversas fileiras de velas na pequena igreja, que eu tinha esquecido por completo, Merrick as acendeu também. A luz tremeluzia pelas janelas da igreja.

Senti uma vibração fria quando Merrick ergueu a lata de querosene e derramou generosamente sobre o carvão e a lenha, depois encostou a vela e recuou. Eu nunca tinha visto uma fogueira daquele tamanho.

— Venham aqui, vocês dois — ela chamou. — E sejam meus aju-

dantes, repitam o que eu disser para repetir e façam o que eu mandar. O que vocês acreditavam no passado não importa mais. Creiam comigo agora. Isso é tudo. E precisam ter fé no que eu faço e no que eu digo para este exorcismo ter força.

Nós dois concordamos.

— Quinn, não tenha medo — ela disse.

O fogo resplandecia e crepitava. Eu cheguei para trás, instintivamente, e Merrick e Lestat também recuaram. Lestat era quem mais dava a impressão de odiar o fogo. Merrick parecia fascinada. Fascinada demais, eu pensei, mas eu não sabia de nada.

— Diga-me os nomes verdadeiros dos pais de Garwain e dos seus ancestrais, os que você conhece — disse Merrick.

— Julien e Grace, Gravier e Alice, Thomas e Rose, Patsy... é só isso.

— Muito bem. Agora lembrem do que eu disse a vocês — ela disse para nós dois, chegou para trás, enfiou a mão na bolsa grande outra vez e tirou de lá uma faca dourada. Com essa faca ela cortou o pulso, chegou o mais perto que pôde do fogo e deixou seu sangue espirrar nele.

Então Lestat, temendo por ela, puxou-a para longe das chamas chamuscantes.

Ela respirou fundo como se tivesse corrido perigo e até se assustado; Então tirou um cálice da bolsa, pediu que eu segurasse, cortou seu pulso novamente, bem fundo e com força, e o sangue fluiu na taça. Em seguida ela jogou o sangue nas chamas.

O calor do fogo estava terrível, fiquei com medo e ódio dele. Eu odiei o fogo com o instinto de um Caçador de Sangue e com o instinto de um ser humano. Fiquei aliviado quando Merrick tirou o cálice das minhas mãos.

De repente Merrick jogou a cabeça para trás, ergueu os braços e nos forçou a chegar para trás para dar espaço a ela. Ela gritou:

— Senhor Deus, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, traga para mim seu servo Garwain, pois ele ainda vaga pela terra e se perdeu de Vossa Sabedoria e Vossa Proteção! Traga-o aqui para mim, Senhor, para eu poder guiá-lo até Vós. Senhor, ouça meu apelo. Senhor, que meu apelo chegue a Vós. Ouça sua serva Merrick. Não veja meus pecados e sim a minha causa! Juntem suas vozes à minha, Lestat e Tarquin! Agora.

— Ouça-nos, ó Senhor — eu disse imediatamente e ouvi Lestat murmurar a mesma oração. — Ó Senhor, ouça-nos. Traga Garwain para cá.

Mesmo assustado, subitamente eu estava preso à cerimônia e enquanto Merrick continuava, Lestat e eu murmurávamos alguns cânticos mais conhecidos.

— Senhor, tende piedade do Vosso servo Garwain — disse Merrick — que desde a infância vagou confuso em meio aos outros mortais, perdido da Luz e sem dúvida desejando encontrá-la. Senhor, ouça a nossa prece. Senhor, tende piedade de Garwain, Senhor, traga Garwain para nós!

Subitamente uma enorme lufada de vento soprou nos carvalhos ali perto, e uma chuva de folhas caiu sobre a fogueira, que crepitou ruidosamente, o vento insuflou as chamas que cresceram e lá em cima eu vi, como pude, a figura de Goblin como meu duplo, os olhos vermelhos à luz do fogo.

— Você pensa que um espírito não conhece os truques de uma bruxa, Merrick? — disse Goblin com sua voz baixa e monótona, que se ouvia apesar do barulho do fogo, uma vez que eu não a ouvia há mais de quatro anos. — Pensa que não sei que você quer me matar, Merrick? Você me o-

deia, Merrick.

No mesmo instante a figura começou a afinar e a crescer, descendo com toda força sobre Merrick, mas ela exclamou:

— Queime agora, queime!

E nós três projetamos nossa força contra ele, gritando a palavra “Queime”, enquanto lançávamos o poder. Quando ele subiu acima das chamas, nós o vimos, uma coisa com milhares de chamas minúsculas, paralisado sobre o fogo, recuando e uivando numa confusão muda e horrenda, depois se virando para si mesmo e encolhendo, transformando-se num vento com forma que atacava o altar, depois afunilando-se e caindo sobre Merrick mais uma vez.

O barulho era insuportável. As folhas formavam um furacão em cima de nós e a fogueira explodia. Merrick cambaleou para trás mas continuamos a projetar nossa força.

— Queime, Garwain, queime! — nós gritamos.

— Queime até ser um espírito puro por inteiro como devia ser! — bradou Merrick. — Para poder passar para a Luz que é o desejo de Deus, Garwain!

Então ela virou para trás e da grande bolsa preta tirou um pequeno embrulho, abriu os panos brancos que o envolviam e revelou o pequeno corpo murcho de um bebê!

— Este é você, Garwain! — ela gritou. — Este é você, trazido da sua cova, o corpo de onde você partiu, vagando e perdido, enganado e confuso! Este é seu corpo mortal, seu ser bebê, e deste ser você vagou perdido por aí, se alimentando de Quinn! Olhe para essa forma minúscula, esta é a sua forma, Goblin!

— Mentirosa! — Goblin disse, subindo pelo altar, bem na nossa frente, meu duplo por inteiro furioso com Merrick e tentando arrancar o corpinho murcho dos braços dela, mas ela não soltava e gritava com ele.

— Você é fumaça e espelhos, você é ar e vontade e furto e terror. Vá para onde Deus mandar! Senhor, eu imploro, leve este servo, leve-o para onde quiser!

A imagem dele estremeceu. Ele estava tentando se fundir com ela. Ela resistia com todo o seu poder. Eu o vi falhando e desaparecendo. Ele ficou pálido e grande, como uma nuvem à luz do fogo. O que ele sentia no fogo?

Mais uma vez ele subiu acima das nossas cabeças, espalhando-se sobre nós como um dossel.

— Meu Deus. — Eu levantei a voz. — Vós que criaste Julien, Gravier, Patsy, leve-o, leve este órfão! Grace, Alice, Rose, venham ajudar esse espírito errante e condenado. Juntem suas preces às nossas.

— Sim — Merrick exclamou, segurando com força o corpo do bebê contra o peito. — Julien, Gravier, Thomas, eu imploro, venham do seu descanso eterno e levem esse filho para a Luz, levem-no!

— Eu o repudio, Goblin, agora e para sempre! — eu gritei. — E o faço diante de Deus! Diante de Pops, diante de todos os meus ancestrais, diante dos anjos e dos santos! Ó Senhor, ouvi a minha prece!

— Ó Senhor, ouvi nosso brado! — implorou Merrick.

Ela ergueu o bebê e vi com meus próprios olhos uma criança viva! Vi os braços e as pernas se movendo, ouvi seu choro! Ouvi o choro dele!

— Sim, Goblin! — ela gritou. — Seu ser quando era bebê, sim! Venha para esta forma. Venha para a sua carne! Eu o conjuro, obedeça à mi-

nha ordem.

Bem lá em cima do fogo a imagem gigantesca de Goblin tremeu, horrenda, fraca e confusa, depois mergulhou, mergulhou no bebê que chorava. Eu vi. Eu senti. Eu disse no meu coração: *Amém, irmão, amém.*

Então soou um gemido terrível e mais uma vez os galhos do carvalho se debateram ao vento.

E fez-se a mais completa quietude, só o fogo crepitava. Era uma imobilidade tamanha que parecia que a terra tinha parado de girar.

Só o fogo rugia.

Descobri que estava caído no chão. Uma força invisível havia me derrubado.

Estava vendo uma luz brilhante, mas ela não machucava meus olhos. Era nada menos do que magnífica e caía sobre o fogo, mas alguma coisa terrível estava acontecendo no fogo.

Merrick tinha entrado na fogueira. Merrick tinha subido no altar e mergulhado no fogo com o bebê e os dois ardiam. Eles estavam queimando-a cena era indescritível — mas na Luz celestial pura eu vi figuras se movendo, figuras finas, a figura magra indisfarçável de Pops na Luz, e com ele um bebê, um bebê bem pequeno junto com ele, e Merrick também, Merrick e uma velhinha, e vi Merrick virar e levantar a mão como se dissesse adeus.

Fiquei transfixado pela Luz, por sua imensidão e pela inegável sensação de amor que parecia fazer parte da sua natureza.

Acho que chorei.

Então lentamente a grande profusão de Luz sagrada desapareceu. Seu calor e sua glória se apagaram. O calor da noite me envolveu. A terra era a terra solitária novamente.

Redescobrimo meus braços e pernas eu me levantei e vi que Lestat tinha puxado o corpo de Merrick do fogo e estava soluçando e tentando apagar as chamas que a consumiam, batendo com seu paletó na figura incendiada.

— Ela se foi, eu a vi indo — eu disse.

Mas ele estava histérico. Não ouvia o que eu dizia. Finalmente apagou as chamas, mas a metade do rosto dela estava queimada e a maior parte do torso e do braço direito. Era uma visão horrível. Ele cortou o pulso e deixou o sangue grosso e viscoso cair sobre o corpo dela, mas nada aconteceu. Eu sabia o que ele queria que acontecesse. Eu conhecia a lenda.

— Ela se foi — eu disse outra vez. — Eu vi quando ela se foi. Eu a vi na Luz. Ela se despediu com um aceno.

Lestat se levantou. Secou suas lágrimas de sangue e limpou a fuligem no rosto. Não conseguia parar de chorar. Eu o amava.

Levantamos juntos o que restava do corpo dela e pusemos sobre o altar. Reavivamos o fogo e logo o corpo virou cinzas, e as espalhamos. E a fogueira e o corpo de Merrick não existiam mais.

A noite úmida estava silenciosa e calma e o cemitério às escuras.

Lestat chorava.

— Ela era tão jovem — ele disse. — São sempre os jovens que se vão. Aqueles para quem a mortalidade parece mágica. A medida que envelhecemos a eternidade passa a ser nosso privilégio.

LESTAT AINDA ESTAVA coberto de fuligem. Ele nem se importava muito com isso. Tocamos a campainha de Oak Haven e foi o próprio Stirling que atendeu, com seu robe pesado e perfeitamente atônito de ver nós dois ali no abrigo da Talamasca, dois errantes noturnos.

Claro que ele nos convidou a entrar na biblioteca e nós aceitamos o convite, nos instalamos nas grandes poltronas de couro arrumadas confortavelmente por toda parte, e Stirling disse para a simpática criada que não queríamos nada, e ficamos só nós três.

Lentamente, com a voz entrecortada, Lestat contou a Stirling o que tinha acontecido com Merrick. Descreveu a cerimônia, como Merrick tinha subido no altar, e o que ele viu, o bebê revivendo e Goblin entrando nele.

Então contei a Stirling o que eu tinha visto, a Luz e as figuras se movendo na Luz. Lestat não tinha visto essa Luz, mas não duvidava de mim.

— Posso pôr isso nos nossos registros? — perguntou Stirling.

Ele pegou o lenço e assoou o nariz. Ele chorava por dentro por Merrick. E as lágrimas apareceram e ele deixou que elas fluíssem um pouco, depois as secou.

— É por isso que estou contando a você — disse Lestat. — Para poder fechar seu arquivo sobre Merrick Mayfair e saber o que houve com ela. Para não terminar em silêncio e confusão, para você não ficar lamentando seu desaparecimento para sempre sem ao menos saber para onde ela foi ou em que se transformou. Ela era uma alma gentil. Ela só atacava os Agentes do Mal. Nenhum sangue inocente jamais maculou suas mãos. E ela fez o

que fez por vontade própria. Por que escolheu este momento eu não sei bem.

— Acho que eu sei — eu disse. — Mas não quero ser presunçoso. Ela escolheu este momento porque não estava sozinha. Tinha Garwain.

— E como se sente agora que ele se foi? — Stirling perguntou.

— Livre dele — eu respondi. — E bastante chocado com tudo que aconteceu. Chocado pelo fato de Garwain ter matado tia Queen. Você sabia que ele tinha feito isso, não sabia? Ele a assustou e a fez cair. Todos sabiam.

— Eu sei — disse Stirling. — Houve muitos comentários a respeito disso no velório. O que você vai fazer agora?

— Estou chocado com a morte de Merrick — eu disse. — Merrick livrou-me de Garwain. Lestat amava Merrick. Eu amava Merrick. Não sei o que vou fazer, nem para onde vou. Tem gente que precisa de mim. Sempre existiram pessoas que precisam de mim, pessoas que são importantes para mim. Eu estou enredado na vida dos humanos.

Pensei em silêncio no assassinato de Patsy. Queria desesperadamente confessar, mas me odiava tanto por isso que não disse nada.

— Essa é uma boa maneira de descrever — disse Lestat com amargura. — Enredado na vida dos humanos.

Stirling meneou a cabeça concordando.

— Por que não pergunta o que *eu* vou fazer? — Lestat perguntou maliciosamente, levantando uma sobrancelha e piscando um olho.

— Você me diria? — Stirling perguntou, rindo um pouco.

— Claro que não — disse Lestat. — Mas estou apaixonado por Tarquin, pode pôr isso no seu arquivo, se quiser. Isso não quer dizer que possa preparar uma armadilha para mim na Mansão Blackwood. Você lembra da

promessa que me fez de deixar Tarquin em paz, não lembra?

— Certamente — disse Stirling. — Sou um homem que cumpre as promessas que faz.

— Quero fazer uma pergunta — eu disse timidamente. — Conversei com Michael Curry e Rowan Mayfair diversas vezes nesses últimos meses, mas eles só dão respostas vagas. Não me contam realmente grande coisa sobre Mona, a não ser que ela não pode me ver, que está fazendo uma terapia especial e que está na unidade de tratamento intensivo. Dizem que ela pode morrer de qualquer tipo de infecção. Nem posso falar com ela pelo telefone...

— Ela está morrendo — disse Stirling, olhando fixamente para mim. Silêncio.

Então Lestat falou.

— Por que está dizendo isso a ele? Stirling continuou olhando para mim.

— Porque ele quer saber — respondeu Stirling.

— Muito bem — disse Lestat. — Venha, Irmãozinho, vamos caçar. Sei de dois Agentes do Mal em Boca Raton que estão sozinhos numa magnífica mansão à beira da praia. Será muito divertido, você nem imagina. Boa-noite, Stirling. Boa-noite para a Talamasca. Vamos.

O CÉU AINDA ESTAVA de um azul profundo quando entrei em casa na noite seguinte. Lestat tinha ficado no cemitério fazendo uma última oração para Merrick, ou por Merrick, eu não sabia ao certo. Nossa caçada na véspera em Boca Raton tinha sido maravilhosa e ele mais uma vez me ofereceu a dádiva do seu sangue todo-poderoso, eu fiquei muito animado e confuso, orando do meu jeito para receber algum sinal do que fazer quanto a Mona, imaginando se eu podia simplesmente vê-la e conversar com ela. Se eu fosse à clínica e insistisse, será que poderia usar algum poder para enfeitiçar as pessoas e chegar aonde ela estava? Ver pela última vez... uma última conversa.

Mas subitamente Jasmine e Clem chegaram correndo ao pé da escada onde eu estava.

— Tem uma mulher maluca no seu quarto — disse Jasmine. — Fizemos de tudo para impedi-la, Quinn. É Mona Mayfair, lembra dela? Ela está lá em cima, Quinn. Chegou aqui numa limusine cheia de flores, Quinn, e é um esqueleto ambulante, você vai morrer de pena quando a vir. Quinn, espere, não pudemos evitar. Nós só ajudamos com todas aquelas flores porque ela estava muito fraca.

— Jasmine, me solta! — eu gritei. — Eu a amo, você não entende?

— Quinn, tem alguma coisa errada com ela! Tome cuidado!

Subi voando a escada com a rapidez que qualquer homem mortal ousaria, corri para o meu quarto, entrei, bati e tranquei a porta.

Ela se levantou para me receber. Um esqueleto ambulante! Ah, sim!

E a cama estava coberta de flores. Fiquei lá parado, profundamente chocado, chocado e muito feliz de vê-la, muito feliz de poder correr para ela e segurar sua forma frágil nos braços! Minha Mona, minha flor fraca e murcha, Mona, minha pálida e magnífica Mona, ó meu Deus, não me deixe machucá-la.

— Eu te amo, minha querida Ofélia — eu disse. — Minha Ofélia Imortal, e minha para sempre...

Ah, olha só as rosas, as margaridas, zínias, lírios...

— Nobre Abelardo — ela sussurrou. — Vim pedir o derradeiro sacrifício, vim pedir, deixe-me morrer aqui, deixe-me morrer aqui com você, deixe-me morrer aqui e não lá, com aquelas agulhas e tubos, deixe-me morrer na sua cama.

Eu recuei. Podia ver todo o contorno do seu crânio sob a pele, e os ossos dos ombros embaixo da camisola manchada do hospital que ela usava. Só seu lindo cabelo ruivo tinha sido poupado. Os braços pareciam gravetos e as mãos também. A visão era horrível. Ela sofria cada vez que respirava.

— Oh, minha querida, meu amor, graças a Deus você veio — eu disse a ela. — Mas não está vendo o que aconteceu comigo? Os seus olhos de bruxa não conseguem ver? Não sou mais humano. Não sou seu Nobre Abelardo. Não durmo onde os raios do sol possam me alcançar. Olhe para mim, Mona, olhe para mim. Você quer ser o que eu sou? — Mas o que eu estava dizendo? Eu estava louco. Não conseguia me controlar. — Você quer ser o que eu sou? — perguntei de novo. — Porque você não vai morrer se quiser ser o que eu sou! Se viver do sangue dos outros para sempre. Será imortal comigo.

Ouvi a porta do meu quarto sendo destrancada. Fiquei furioso, depois me acalmei. Era Lestat que tinha entrado no quarto.

Mona olhou para ele espantada. Ele tinha tirado os óculos escuros e estava parado embaixo do lustre como se banhado pela sua luz.

— Deixe por minha conta o Artifício das Trevas, Quinn — ele disse. — Assim você ficará muito mais próximo da sua princesa. Deixe-me tomá-la com meu sangue poderoso e assim as suas mentes não se fecharão uma na outra. Sou um mestre do passado nesses Artifícios das Trevas, Quinn. Mona, você quer conhecer nossos segredos? — Ele se aproximou dela. — Faça a sua escolha, menina bonita. Sempre pode escolher a Luz alguma outra noite dessas, *chérie*. Pergunte ao Quinn se duvida. Ele a viu. Ele viu a Luz Celestial com seus próprios olhos.

Ela se agarrava a mim enquanto ele dizia isso a ela, andando de um lado para outro, para lá e para cá, dizendo muitas coisas para ela, como nós vivíamos, quais eram as regras, as limitações, como violávamos as regras e as limitações, como os fortes e mais velhos sobreviviam, como os jovens se consumiam nas chamas. Ele ficou falando sem parar e ela agarrada a mim, a minha Ofélia no seu ninho de flores, com as pernas frágeis demais e todo o corpo tremendo, ó doce Ofélia Imortal.

— Sim, eu quero — ela disse.



ANNE RICE vive atualmente em Nova Orleans.



www.tocadacoruja.net

Digitalização/ Revisão: **YUNA**
Supervisão: **SAYURI**

TOCA DIGITAL

Capa: *Gold Armband with Ivory Cameo of Cupid*. Elio Ciol/Corbis

Próximo ao pântano de Sugar Devil, em uma fazenda sinistra nas margens do rio Mississípi, onde criaturas muito mais terríveis do que crocodilos se escondem, o obstinado Quinn Blackwood sofre de um caso protelado de angústia adolescente graças a sua violenta relação de amor e ódio com Goblin, seu duplo no mundo espiritual.

Com maneiras impecáveis e uma visão de mundo requintada e romântica, Quinn, apesar de espiritualmente torturado, como todo personagem de Anne Rice, é extraordinariamente humano e sensível.

A Fazenda Blackwood reúne elementos de duas das sagas de horror mais lidas de nossos tempos – As Crônicas Vampirescas e a série das Bruxas Mayfair – e a marca incomparável de Anne Rice: o erotismo e a obsessão.

ISBN 85-325-1748-X



9 788532 517487